

MILENE MARGARIDA GONÇALVES LANÇA

*Sun, Sand, Sea and (of course) Sex**

**Práticas e Representações da Sexualidade e da Intimidade em Contexto
Turístico no Algarve**

* Sol, Areia, Mar e (claro) Sexo



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

2021

MILENE MARGARIDA GONÇALVES LANÇA

Sun, Sand, Sea and (of course) Sex*

**Práticas e Representações da Sexualidade e da Intimidade em Contexto
Turístico no Algarve**

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de
Doutor em Turismo

Orientação Científica:

Professor Doutor João Filipe Jesus Marques, Universidade do Algarve

Professor Doutor Fernando Bessa Ribeiro, Universidade do Minho

* Sol, Areia, Mar e (claro) Sexo



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

2021

Declaração de Autoria do Trabalho

Sun, Sand, Sea and (of course) Sex
Práticas e Representações da Sexualidade e da Intimidade em
Contexto Turístico no Algarve

Declaro ser a autora deste trabalho que é original e inédito. Todos os trabalhos e autores consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem bibliográfica incluída no final.

Milene Lança

Este trabalho beneficiou do apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da atribuição à autora de uma Bolsa Individual de Doutoramento no domínio científico de sociologia e demografia, com a referência **SFRH/BD/89618/ 2012**. Beneficiou ainda do apoio financeiro do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO) - atual Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar (CinTurs) - na Universidade do Algarve, através da iniciativa *Mini-Projetos*.



Copyright © Milene Margarida Gonçalves Lança

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor.

Índice de Figuras.....	III
Índice de Tabelas.....	VII
Lista de Abreviaturas.....	IX
Agradecimentos.....	XI
Resumo.....	XIII
<i>Abstract</i>	XV
Prefácio.....	XVII
Introdução.....	1
Capítulo 1. Turismo, Sexualidade e Género: Uma Articulação Teórica.....	7
1.1 O Turismo como Objeto de Estudo.....	12
1.1.1 Características Liminares da Experiência Turística.....	21
1.2 Sexualidade, Amor e Romance no Contexto da Viagem Turística.....	26
1.2.1 O Turismo Sexual e o Turismo de «Romance».....	30
1.2.2 Tipologias dos Encontros Sexuais em Contexto Turístico.....	44
1.3 Construindo o Género: Retrospectiva Sócio-histórica.....	51
1.3.1 O Género como Categoria de Diferenciação Social.....	59
1.4 A Experiência Sexual como Construção Social.....	63
1.4.1 Sexualidade, Disciplina e Regulação.....	74
1.4.2 O Duplo Padrão Sexual: Interpretar Significados.....	79
Capítulo 2. Num Lugar de Sol e Praia: Percursos, Contextos e Estratégias de Investigação.....	87
2.1 Compreender a Sexualidade Humana: Um Percorso (Quase) Sempre Difícil.....	89
2.2 Problema, Objetivos de Investigação e Modelo de Análise.....	98
2.3 O Algarve como Contexto de Investigação e Lugar de Encontros Amorosos e Sexuais.....	104
2.4 A Praia como Espaço Liminar e Erótico: Negociação do Acesso ao Terreno e aos Informantes.....	111
2.5 Dialogando com os Turistas: Planeamento, Recolha, Tratamento e Análise dos Dados.....	118
Capítulo 3. O Perfil dos Turistas e as Trajetórias Sexuais e de Intimidade.....	133
3.1 O Perfil dos Turistas que Visitam o Algarve.....	134
3.2 As Trajetórias Sexuais e de Intimidade.....	140
3.2.1 Orientação e Atração Sexuais.....	142

3.2.2 Iniciação Sexual e Amorosa.....	146
3.2.3 Parceiros ao Longo da Vida	157
3.2.4 Parceiros nos Últimos Seis Meses.....	166
3.2.5 Tipologia das Trajetórias Sexuais	170
3.2.6 Sexo Casual e Descomprometido.....	174
Capítulo 4. O Quotidiano Amoroso e Sexual	179
4.1 Parceiro Amoroso/Sexual no Quotidiano	180
4.2 Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses.....	185
4.3 Satisfação com a Vida Sexual	190
4.4 Desempenho Sexual.....	197
Capítulo 5. “Bem-vindos ao Sul”: As Férias no Algarve e os Imaginários Afetivo-Sexuais.....	207
5.1 A Importância e o Papel das Férias	210
5.2 As Férias e a Erotização do Lazer	219
5.2.1 As Férias no Algarve e os Imaginários Afetivos.....	221
5.2.2 As Férias no Algarve e os Imaginários Sexuais	230
5.2.3 Motivações para as Férias no Algarve.....	238
Capítulo 6. Sexualidade a Dois Tempos: O Tempo do Lazer e o Tempo do Quotidiano	243
6.1 Parceiros Sexuais em Férias e no Quotidiano	245
6.2 Frequência de Relações Sexuais em Férias e no Quotidiano	255
6.3 Sexo Casual e Descomprometido em Férias e no Quotidiano	267
Capítulo 7. A Problemática do Risco no Contexto das Práticas Sexuais e de Intimidade	273
7.1 Informação sobre Saúde Sexual e Meios de Prevenção	276
7.2 Biografias Sexuais e Comportamentos de Risco	278
7.3 Outros Indicadores de Práticas Sexuais de Risco	293
Capítulo 8. Turismo e Sexo Fora do Paradigma do Turismo Sexual.....	309
8.1 Sexualidade durante o Lazer e o Turismo: Um Modelo Estrutural das Experiências Liminares.....	310
8.1.1 Análise dos Resultados do Modelo Estrutural	315
8.1.2 Avaliação do Modelo de Medida	315
8.1.3 Avaliação do Modelo Estrutural.....	319
8.1.4 Discussão dos Resultados do Modelo Estrutural	321
8.2 <i>É um benefício extra. Se fizer sexo num lugar exótico, as férias são muito melhores:</i> Resultados da Pesquisa Qualitativa sobre Sexo e Romance em Contexto Turístico	327
8.2.1 Análise e Discussão dos Resultados da Pesquisa Qualitativa.....	329
Conclusões	343
Referências Bibliográficas	357
Apêndices.....	391

Índice de Figuras

Figura 1.1 - Tipologias dos Encontros Sexuais em Contexto Turístico	45
Figura 1.2 - Relação entre Turismo e Sexualidade	48
Figura 2.1 - Modelo de Análise	101
Figura 2.2 - Passageiros Desembarcados no Aeroporto de Faro (1965-2016)	108
Figura 2.3 - Um Bar na Rua da «Oura» (Albufeira)	113
Figura 2.4 - Vista Este-Oeste da Ilha de Faro	117
Figura 2.5 - Contextualização Geográfica do Algarve e Mapeamento do Trabalho de Campo.....	126
Figura 3.1 - Caracterização Sociodemográfica dos Turistas	135
Figura 3.2 - Logística da Viagem ao Algarve	138
Figura 3.3 - Orientação e Atração Sexuais.....	144
Figura 3.4 - Matriz de Correlações entre Orientação e Atração Sexuais, segundo o Género	146
Figura 3.5 - Idade da Primeira Relação Sexual, segundo o Género	148
Figura 3.6 - Idade da Primeira Relação Sexual, segundo o Grupo Etário	150
Figura 3.7 - Idade da Primeira Relação Sexual, segundo a Nacionalidade	154
Figura 3.8 - Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo o Género	160
Figura 3.9 - Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo o Grupo Etário	162
Figura 3.10 - Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade	165
Figura 3.11 - Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género	167
Figura 3.12 - Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário	168
Figura 3.13 - Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade	169
Figura 3.14 - Tipologia das Trajetórias Sexuais.....	173
Figura 3.15 - Relações Sexuais com Desconhecidos, por Segmentos.....	176
Figura 4.1 - Existência de Parceiro(a) Amoroso(a)/Sexual na Atualidade e Tipo de Relacionamento, por Segmentos	181
Figura 4.2 - Matriz de Correlações entre o Tipo de Relacionamento Atual e a Tipologia das Trajetórias Sexuais.....	182
Figura 4.3 - Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género.....	186
Figura 4.4 - Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário ...	188
Figura 4.5 - Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade .	189
Figura 4.6 - Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Género	192
Figura 4.7 - Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Grupo Etário	194

Figura 4.8 - Satisfação com a Vida Sexual, segundo a Nacionalidade	195
Figura 4.9 - Matriz de Correlações entre a Satisfação com a Vida Sexual e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses	196
Figura 4.10 - Avaliação do Desempenho Sexual, segundo o Género	198
Figura 4.11 - Avaliação do Desempenho Sexual, segundo o Grupo Etário	200
Figura 4.12 - Avaliação do Desempenho Sexual, segundo a Nacionalidade	201
Figura 4.13 - Matriz de Correlações entre a Avaliação do Desempenho Sexual e a Satisfação com a Vida Sexual	202
Figura 4.14 - Avaliação do Desempenho Sexual e Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Estado Civil	204
Figura 5.1 - A Importância e o Papel das Férias, segundo o Género	213
Figura 5.2 - A Importância e o Papel das Férias, segundo o Grupo Etário	216
Figura 5.3 - A Importância e o Papel das Férias, segundo a Nacionalidade	218
Figura 5.4 - Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo o Género	222
Figura 5.5 - Vontade de Encontrar um Novo Amor/Desenvolver um Romance de Férias, segundo o Género	225
Figura 5.6 - Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo o Grupo Etário	226
Figura 5.7 - Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo a Nacionalidade	229
Figura 5.8 - Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo o Género	231
Figura 5.9 - Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo o Grupo Etário	234
Figura 5.10 - Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo a Nacionalidade	236
Figura 5.11 - Motivações para as Férias no Algarve, por Segmentos	240
Figura 6.1 - Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género	246
Figura 6.2 - Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género	247
Figura 6.3 - Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Estado Civil	248
Figura 6.4 - Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário	250
Figura 6.5 - Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário	251
Figura 6.6 - Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade	253
Figura 6.7 - Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade	254
Figura 6.8 - Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo o Género	256
Figura 6.9 - Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género	257
Figura 6.10 - Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário	259
Figura 6.11 - Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário	261
Figura 6.12 - Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade	262

Figura 6.13 - Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade	264
Figura 6.14 - Variação da Frequência de Relações Sexuais ao Longo do Ano, por Segmentos.....	266
Figura 6.15 - Matriz de Correlações entre os Parceiros Sexuais no Algarve e as Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve.....	268
Figura 6.16 - Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve, por Segmentos	269
Figura 6.17 - Matriz de Correlações entre as Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve e as Relações Sexuais com Desconhecidos ao Longo da Vida.....	270
Figura 7.1 - Informação sobre Saúde Sexual e Acesso Gratuito a Preservativos no Algarve	277
Figura 7.2 - Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género.....	279
Figura 7.3 - Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário	282
Figura 7.4 - Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual e o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade	283
Figura 7.5 - Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade.....	284
Figura 7.6 - Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género.....	286
Figura 7.7 - Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário	289
Figura 7.8 - Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade	291
Figura 7.9 - Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade.....	292
Figura 7.10 - Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género.....	295
Figura 7.11 - Matriz de Correlações entre o Estado Civil e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género.....	297
Figura 7.12 - Matriz de Correlações entre o Consumo de Álcool/Drogas e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género.....	301
Figura 7.13 - Matriz de Correlações entre o Papel Facilitador da Indústria Turística, as Características do Destino e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género	304
Figura 7.14 - Matriz de Correlações entre as Características Liminares da Experiência Turística e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género	308
Figura 8.1 - Modelo Estrutural.....	314
Figura 8.2 - Resultados do Modelo Estrutural.....	320
Figura 8.3 - Grau de Satisfação com o Algarve	326
Figura 8.4 - Intenção de Regressar e de Recomendar o Algarve.....	326

Figura 8.5 - Mapa Hierárquico das Características Liminares da Experiência Turística 332

Índice de Tabelas

Tabela 1.1 - Tipos de Experiências Liminares e Liminóides.....	24
Tabela 2.1 - Procedimentos Éticos e Deontológicos a Adotar em Pesquisas sobre Sexualidade/ Temas Sensíveis.....	96
Tabela 2.2 - Critérios das Investigações Quantitativa e Qualitativa.....	120
Tabela 2.3 - Matriz de Planeamento da Investigação.....	123
Tabela 2.4 - Cálculo Amostral para a Metodologia Quantitativa.....	128
Tabela 2.5 - Matriz de Validação dos Dados Quantitativos.....	131
Tabela 8.1 - Resultados do Modelo de Medida.....	316
Tabela 8.2 - Validade Discriminante.....	317
Tabela 8.3 - <i>Cross Loadings</i>	318
Tabela 8.4 - Resultados do Modelo Estrutural.....	321
Tabela 8.5 - Codificação dos Dados Qualitativos.....	330

Lista de Abreviaturas

AHETA	Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve
ANA	Aeroportos e Navegação Aérea
DE	Alemanha
ES	Espanha
EUA	Estados Unidos da América
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
IE	Irlanda
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
IST	Infeções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros
MAPS	Movimento de Apoio à Problemática da Sida
NERA	Associação Empresarial da Região do Algarve
NL	Holanda
OECD	<i>Organization for Economic Co-operation and Development</i> (OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico)
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PROT Algarve	Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve
PT	Portugal
RTA	Região de Turismo do Algarve
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Humana Adquirida
UK	Reino Unido

UN	<i>United Nations (ONU – Organização das Nações Unidas)</i>
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNWTO	<i>United Nations World Tourism Organization (OMT - Organização Mundial de Turismo)</i>
US	<i>United States</i>
VIH	Vírus da Imunodeficiência Humana
WHO	<i>World Health Organization (OMS – Organização Mundial de Saúde)</i>
WTTC	<i>World Travel & Tourism Council</i>

Agradecimentos

Para a elaboração desta tese de doutoramento, foram diversos e decisivos os contributos de várias entidades e pessoas, a quem deixo o meu maior e mais sincero agradecimento.

Começo por fazê-lo aos meus orientadores científicos. Ao Professor Doutor João Filipe Marques, pela disponibilidade, pelo constante incentivo, pela inteligência dos seus comentários, pela confiança que sempre depositou em mim, pela paciência e sobretudo pela amizade que fomos construindo desde que fui sua aluna na licenciatura em sociologia. Ao Professor Doutor Fernando Bessa Ribeiro, com quem muito aprendi ao longo deste processo, pelo seu importante papel na forma de abordar a temática, pelos conselhos, por nunca me deixar desmotivar e pelos comentários sempre construtivos ao meu trabalho.

Um agradecimento especial também à Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, nomeadamente à direção do Programa de Doutoramento em Turismo, na pessoa do Professor Doutor João Albino Silva, pelo bom acolhimento e simpatia sempre demonstrados ao longo do percurso. Na Faculdade de Economia, expresso ainda a minha gratidão aos Professores Doutores Patrícia Pinto, Manuela Guerreiro, Júlio Mendes e Bernardete Sequeira, pelo carinho, amizade e sugestões sempre pertinentes.

A execução deste trabalho de investigação não seria possível sem o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), cuja bolsa de doutoramento foi determinante para fazer face às avultadas despesas decorrentes de um trabalho desta envergadura. Também seria mais difícil sem o apoio financeiro do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO), atual CinTurs (Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar), que

permitiu suportar parte da realização do trabalho de campo e ainda adquirir obras de referência sobre as temáticas aqui abordadas. No CinTurs destaco ainda a colaboração incansável da Dra. Marlene Fernandes e da Dra. Julieta Rosa, secretárias do Centro, que sempre fizeram todos os esforços para o meu bom acolhimento e prossecução deste objetivo.

Não posso deixar de fazer uma referência especial a todos os meus ex-alunos e amigos que colaboraram na recolha dos dados. Sem a sua ajuda seria impossível recolher e validar tanta informação. São eles, por ordem alfabética, Catarina Doutor, Cátia Costa, Hélouisa Van Wyk, Maria Mascarenhas, Mónica Ferreira, Patrícia Águas, Patrícia Oliveira, Ricardo Rodrigues e Rúben Simão.

Também o meu enorme agradecimento a todos os homens e mulheres que fizeram parte desta pesquisa e que, durante o seu período de férias, disponibilizaram tempo e vontade para falar dos aspetos mais íntimos das suas vidas. Muito obrigada pela disponibilidade, sinceridade e, sobretudo, pela coragem de «darem a cara» e se fazerem ouvir num tema de investigação tão sensível. Com todos eles aprendi sobre a «natureza» humana, sobre a forma como nos relacionamos uns com os outros e, no fundo, sobre mim mesma.

Finalmente, à minha família, namorado e amigos mais chegados, pelo amor, apoio e compreensão incondicionais. Destaco a minha avó materna que, apesar de já não estar fisicamente, foi e continua a ser a maior e mais bela referência na minha vida. Avó, mãe, esposa, guerreira, fonte de inspiração e de amor, contribuiu (e, creio, ainda o faz noutra plano) determinadamente para a minha educação, o meu percurso académico e, acima de tudo, para a mulher que hoje sou.

A todos, expresso o meu amor e gratidão!

A literatura é relativamente unânime sobre a componente sexual do turismo. O sexo faz parte da vida e se as pessoas praticam sexo quando estão em casa, então deve-se esperar que também o pratiquem quando viajam. Na verdade, deve-se esperar que tenham mais experiências sexuais, devido à natureza liminar do turismo ou, pelo menos, deve-se esperar que essas experiências sejam mais intensas, devido ao afrouxamento do controlo social e anonimato providenciados pelo destino.

A maioria dos estudos produzidos sob a relação entre turismo e sexualidade tem incidido de forma desproporcional sobre o chamado turismo sexual, a prostituição orientada para turistas, o tráfico de pessoas para fins sexuais, as desigualdades de género, a violação dos direitos humanos e a propagação do VIH como resultado do turismo sexual. Apesar da importância destes estudos, que ajudam a compreender e denunciar situações legítimas, a comercialização do sexo é apenas uma pequena parte do espectro total do comportamento sexual humano em contexto turístico. Para muitas pessoas, especialmente casais ou famílias em férias, as relações sexuais acontecem na continuação das suas vidas «normais», embora possam ganhar em frequência e intensidade. Na verdade, a grande maioria das pessoas que praticam sexo durante as viagens turísticas, fazem-nos com os parceiros habituais ou com novos parceiros, em relacionamentos que podem ser de curta duração, mas que são consensuais, gratificantes e não pecuniários.

O objetivo desta pesquisa é examinar as representações e as práticas dos turistas relacionadas com o sexo e o romance, num dos destinos turísticos de «sol e praia» mais reconhecidos da Europa, o Algarve (sul de Portugal). O Algarve não é um destino de turismo

sexual. É um destino para famílias, casais e amigos em férias, onde o sexo desempenha um papel central, longe de casa e dos constrangimentos do quotidiano. Portanto, é necessário compreender os comportamentos sexuais dos turistas fora do *paradigma do turismo sexual*.

A pesquisa utiliza uma metodologia mista, em que os turistas que fazem férias no Algarve são convidados a participar, através da resposta a um inquérito por questionário e uma entrevista em profundidade. No total, foram gravadas 29 entrevistas e validados 1.015 inquéritos por questionário.

Os resultados mostram uma forte relação entre as férias e os encontros românticos e sexuais, seja no âmbito de novos relacionamentos ou no fortalecimento de relações pré-estabelecidas. A natureza liminar do turismo oferece novas oportunidades para os indivíduos se envolverem em relações sexuais ou de romance, criando boas memórias sobre as experiências vividas e sobre o Algarve.

Além disso, os resultados mostram comportamentos diferentes de acordo com o género e outras características sociodemográficas. O duplo padrão sexual, embora atenuado, continua a restringir as representações e as práticas sexuais, especialmente no caso das mulheres. O sexo ocasional faz parte sobretudo do imaginário masculino, enquanto as mulheres percebem a viagem turística como possibilidade para dedicar mais tempo a(o) parceiro(a) habitual, investindo nesses relacionamentos. Em simultâneo, evidenciam-se comportamentos sexuais de risco que importa analisar para neles intervir.

Palavras-chave: Sexo, Romance, Intimidade, Turismo, Liminaridade, Algarve, Metodologia Mista.

The Literature is unanimous about the sexual nature of tourism. Sex is part of life and if people participate in sexual activities at home, then certainly one must expect them to participate in sex when they travel. Actually, one must expect them to engage in more sexual experiences, due to the liminal nature of tourism or, at least, one must expect those experiences to be more intense, due to the loosening of social control.

Most of the studies produced under the relationship between tourism and sex has focused disproportionately on commercial sex tourism, child sex tourism, tourist orientated prostitution, human trafficking, gender inequalities, violation of the human rights and the spread of HIV as a result of sex tourism.

Despite the importance of these studies, helping raise awareness of legitimate issues, the commercialization of sex is only a small portion of the total spectrum of human sexual behavior in tourism context. For many people, especially couples or families on vacation, sex is a continuation of their regular lives, although possibly at a higher frequency and intensity. In fact, the vast majority of people who have sex when traveling, do it with their regular partners or with new partners in a short, but consensual and gratifying relationship.

The purpose of this study is to examine tourists' perspectives and practices related to sex and romance in one of the most recognized sun and beach tourism destinations in Europe, the Algarve (South Portugal). The Algarve is not a sex tourism destination. It is a destination for families, couples, and friends on vacation, where sex plays a central role, far away from home

and the daily life constraints. Therefore, there is a need to understand tourists' sexual behaviors beyond "sex tourism paradigm".

The research used a mixed methodology and tourists were invited to participate, answering a semi-structured interview guide and a questionnaire. In total, 29 interviews were recorded and 1.015 questionnaires were fulfilled and validated.

The results show the strong relationship between holidays and romantic/sexual encounters, in terms of new involvements and in strengthening the existing relationships. The liminal nature of tourism provides new opportunities to engage in sex and romance with the usual partners or with new found partners. Because vacation time is limited, tourists live sex and romance in an extraordinary way, creating good memories about the experiences and the destination.

In addition, the results show different behaviors according to gender. Sex double standard still constrains sexual perspectives and practices, in the case of women. Occasional sex is mainly part of the male imaginary, while women relate vacation trips to the ideal of investing in the existing relationships. Simultaneously, the sexual risk behaviors undertaken at the tourism destination, show the importance to analyze them in order to properly intervene.

Keywords: Sex, Romance, Intimacy, Tourism, Liminality, Algarve, Mixing-methods.

O caminho percorrido até à publicação deste estudo foi longo e sinuoso. Mas, tal como lembram Sacramento (2014) e Ribeiro (2004), a escolha de um caminho de investigação, mais do que um ato pró-ativo de cuidada preparação, faz-se caminhando. Foi um percurso condicionado por acasos e situações que, muitas vezes, escaparam ao controlo, mas foi justamente por querer dar continuidade a uma trajetória onde o acaso se cruza com a intencionalidade, que este estudo surgiu na minha vida.

O interesse pela investigação na área dos estudos sociais sobre a sexualidade humana começou no ano de 2006 quando, no âmbito da conclusão da minha licenciatura em sociologia, fui convidada a escolher uma instituição para realizar um estágio curricular e, a partir dele, redigir aquilo que, no período pré-Bolonha, se designava por *Relatório de Estágio*. À época, apenas com a realização e apresentação destes trabalhos académicos era possível concluir o curso no ensino superior. Na verdade, esta «convenção» seria de crucial importância para quem depois pretendesse enveredar pela carreira académica, já que constituía uma primeira abordagem, chamemos-lhe mais «à séria», de um trabalho científico.

A escolha da instituição onde viria a realizar o estágio aconteceu num abrir e fechar de olhos, estimulada em grande medida pela leitura que fizera de alguns autores contemporâneos da sociologia, como foi o caso de Becker (2008 [1963]) e Goffman (1993 [1956]; 1991 [1961]; 2004 [1963]), cujas abordagens sobre a “sociologia do desvio¹” me provocaram um misto de

¹ A partir da década de 1960, um grupo de sociólogos, entre os quais se destacam Becker (2008 [1963]) e Goffman (1993 [1956]; 1991 [1961]; 2004 [1963]), renovam as perspetivas e o objeto da criminologia americana ao afirmarem que o crime ou a delinquência não são os únicos fenómenos alvo de sanção social. Mostram, por oposição, que existe toda uma categoria de práticas sociais que, tal como o alcoolismo ou as doenças mentais, sofrem também uma forma

curiosidade e paixão. Na altura, e ainda hoje, os temas relacionados com o “desvio” são dignos do meu apreço, pela vontade de querer compreender melhor os comportamentos que se afastam das normas geralmente admitidas num dado contexto social. É o caso, por exemplo, da prostituição. Ainda nos dias que correm, ela é vista como um assunto tabu, uma prática desviante, com um complexo de preconceitos e estereótipos associados e com uma forte carga estigmatizante, nomeadamente para a mulher que se prostitui (Ribeiro *et al.*, 2007).

Ora, seguindo a linha de pensamento de Campenhoudt (2003: 47), que nos diz que “aquele que *a priori* considera que um modo de vida ou um comportamento é inaceitável ou anormal, coloca-se na impossibilidade de compreender seja o que for”, decido justamente realizar o estágio curricular numa instituição que trabalha com pessoas cujas práticas são vistas como desviantes, anormais ou moralmente inaceitáveis. É assim que surge o MAPS (Movimento de Apoio à Problemática da Sida), IPSS que presta apoio a trabalhadores de sexo e toxicodependentes, enquanto instituição de acolhimento.

No MAPS tive oportunidade de colaborar num projeto europeu sobre a promoção dos direitos e da saúde entre os trabalhadores sexuais (TAMPEP 7, 2007), onde contactei de forma próxima com mulheres prostitutas que eram acompanhadas pela instituição. Foi esse contacto que me fez escolher a temática da prostituição feminina (abrigada e em contexto de rua) como o meu primeiro grande objeto de estudo (Lança, 2006), algo que, na altura, era ainda pouco estudado em Portugal. De resto, foi também esta experiência que alavancou o meu interesse em estudar o comportamento sexual humano, de forma mais global, e a sua interseção com as questões de género.

de sanção por parte da sociedade. Os *labelling theorists* ou teóricos da etiquetagem social, inquietam-se também com as novas formas de sanção constituídas pela criação de novas categorias de desvio e com o facto de se poder classificar, sob novas etiquetas, uma parte crescente da população. Chamam, por isso, de “desvio” qualquer forma de comportamento que transgride as normas aceites e definidas por um grupo ou por uma instituição, numa dada sociedade (Xiberras, 1996).

Mais tarde, em 2009, inscrevo-me no mestrado em sociologia, na Universidade do Algarve, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos na área. Numa das muitas conversas que tive com um professor, surgiu a ideia de estudar os comportamentos sexuais e amorosos dos *motards* que vinham participar na Concentração *Motard* de Faro. Esse professor conhecia bem a concentração e inclusivamente já lá tinha realizado algumas pesquisas, pelo que reconheceu o interesse que teria um estudo sobre os comportamentos sexuais dos *motards*. A Concentração *Motard* de Faro, apesar de ser a maior da Europa e o evento que mais turistas atrai anualmente à cidade de Faro, é ainda pouco estudada. Simultaneamente, reconhecemos a necessidade de desmistificar os juízos de valor ainda muito associados à cultura *motard* e aos seus comportamentos de «risco e transgressão» (Ribeiro, 2003; Schouten & McAlexander, 1995). Como seriam então as práticas e as representações sobre o amor e a sexualidade deste grupo de indivíduos com características tão peculiares? Nada melhor do que uma jovem socióloga para o descobrir e foi, por isso, com bastante agrado que aceitei a sugestão e avancei com a pesquisa no âmbito do mestrado.

A ideia de monitorizar esse estudo figurou na minha mente desde que apliquei os primeiros questionários, em 2010. A intenção era replicar o estudo em anos subsequentes, algo que foi até avançado nas pistas de investigação da dissertação (Lança, 2012). No entanto, a intenção acabou a «cair por terra», considerando as limitações financeiras que um trabalho desta envergadura acarreta. Não por falta de apoio dos membros do Moto Clube de Faro, mas sim por falta de apoio financeiro de algumas entidades regionais a quem sugeri a monitorização do estudo.

Nesse mesmo período, eu estava também a colaborar enquanto bolsista de investigação na Universidade do Algarve, em projetos na área do turismo, resultantes de parcerias entre a Universidade e entidades como a RTA e a ANA Aeroportos de Portugal, SA. A participação nesses projetos evidenciou não apenas o meu gosto pela disciplina do turismo, como me fez perceber

o leque de oportunidades que existe para quem faz investigação nessa área. Por não constituir uma área de conhecimento científico *per se*, os estudos em turismo apoiam-se nas diversas ciências humanas e sociais, como a sociologia, a antropologia, a economia, a geografia, entre outras, e beneficiam do cruzamento com os conhecimentos produzidos pelas mesmas (Echtner & Jamal, 1997; Jafari, 2001; Jafari & Ritchie, 1981; Tribe, 2006; Tribe & Liburd, 2016). Por esse motivo, é possível estudar o comportamento dos turistas ou mesmo os impactos por si gerados nos lugares turísticos sob diversos e interessantes pontos de vista.

A relação que existe entre o turismo e a sexualidade tem sido também documentada pelas ciências sociais e constitui um campo de análise profícuo (Cabezas, 2009; Cantalice, 2009; Carter & Clift, 2000; Cohen, 1982, 1988; Frohlick, 2010; Hall, 1992; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; Kempadoo, 1999; McKercher & Bauer, 2003; Oppermann, 1999; Piscitelli, 2004; Ribeiro & Sacramento, 2007; Ryan, 2000; Ryan & Hall, 2001; Ryan & Kinder, 1996; Sanchez-Taylor, 2006; Silva & Blanchette, 2005; Truong, 1990, entre outros). No entanto, a maioria dos estudos que abordam esta relação, tem surgido no interior daquilo que designamos por *paradigma do turismo sexual* (Lança & Marques, 2021; Lança & Ribeiro, 2020; Marques & Lança, 2016), como se a expressão *sexo + turismo = turismo sexual* (McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Kinder, 1996). Isto significa «ignorar» todas as outras formas de sexualidade em contexto turístico, como as práticas sexuais que ocorrem entre os turistas ou entre os turistas e os residentes, onde não figuram a mercantilização, a exploração e a degradação da identidade dos intervenientes e que normalmente são descritas nos estudos sobre *turismo sexual* (Carr & Poria, 2010; Clift & Carter, 2000).

É precisamente nesse espaço, fora do *paradigma do turismo sexual*, que se insere esta pesquisa. Trata-se de uma espécie de *continuum* do estudo anterior, mas desta feita, a nível regional, com os devidos ajustes e um maior grau de profundidade, analisando agora as práticas e representações de sexualidade e intimidade dos turistas que fazem férias no Algarve. Até ao

momento, não existe nenhum estudo do género em Portugal, revelando o carácter inovador da pesquisa, que viria a ser distinguida com uma bolsa de doutoramento atribuída pela FCT (SFRH/BD/89618/ 2012).

A motivação primordial para a realização desta pesquisa resulta da vontade de contribuir para uma maior inteligibilidade no que respeita à análise da relação entre o turismo e a sexualidade, ajudando a suprir as lacunas da literatura e mostrando que esta articulação não se esgota em características mercantis, traumáticas e de exploração (Oppermann, 1999; Ryan, 2000). Pelo contrário, esta pesquisa vem mostrar que a maioria dos encontros amorosos e sexuais que ocorrem em contexto turístico são positivos, benéficos e não pecuniários (Carr & Poria, 2010; Jago, 2003; McKercher & Bauer, 2003).

Outra forte motivação emerge da possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas, nomeadamente na área da saúde sexual e reprodutiva, ao conhecer com mais pormenor o que fazem e o que pensam os turistas em matéria de sexualidade. A sexualidade até pode fazer parte da rotina quotidiana – “na cama, à noite” (Coelho, 2009b: 7) - mas é, simultaneamente, um elemento que providencia um conjunto de oportunidades de escape à vida quotidiana. Sendo «extra-ordinária», permite experiências mais profundas, mais intensas, mais sensoriais e essa é uma das características que a sexualidade partilha com o turismo. Mais ainda, o turismo permite, na maior parte das vezes, concretizar uma série de experiências e fantasias que são negadas aos indivíduos no decorrer das suas vidas quotidianas (Doorne & Ateljevic, 2005; Jaimangal-Jones, Pritchard & Morgan, 2010). Nesse sentido, o conhecimento produzido pode ser útil para apoiar políticas de promoção da saúde sexual e reprodutiva, principalmente no que respeita à minimização dos comportamentos de risco, como a disseminação de IST. Quaisquer políticas sérias e consistentes que visem combater a propagação destas infeções e a promoção da saúde sexual e reprodutiva têm de se basear num conhecimento sólido sobre as práticas que sustentam o fenómeno a combater. As medidas de

luta contra a propagação do VIH/SIDA em contexto turístico, por exemplo, serão tanto mais consistentes se forem capazes de usufruir da informação produzida pelas ciências sociais.

O interesse no desenvolvimento desta investigação relaciona-se ainda com a curiosidade acerca das representações que os turistas têm sobre o Algarve. Embora se trate de uma região bastante heterogénea (com serra, barrocal e litoral), o “sol e praia” continua a ser a principal atração do Algarve (Silva, 2019). A descoberta do Algarve pelo turismo de massas significou a transformação irreversível do território, a nível ambiental, social, cultural e económico. Têm sido vários os trabalhos publicados a respeito dos impactos ambientais gerados pela pressão turística no Algarve (Brito, 2009; Freitas & Dias, 2016; WTTC, 2003, entre outros), assim como sobre os efeitos sociais e culturais desta procura (Brito, 2009; Leite, 2008). Títulos como: *Inglese invadiram Albufeira em férias de saldo com sexo e álcool garantidos; A vida boémia dos estrangeiros em Albufeira; Noites loucas no Algarve; Uma noite na Rua da Oura entre turistas, polícia e muito álcool*, têm feito manchete nos jornais nacionais e podem comprometer a imagem do Algarve enquanto destino de referência no panorama europeu e mundial. É, pelo menos, essa a ideia transmitida por personalidades reconhecidas na região, como o presidente da AHETA, Elidérico Viegas, e o antigo presidente da RTA, Desidério Silva (Publituris, 2017).

Perceber que representações têm os turistas sobre o Algarve e de que forma elas podem constituir forças motrizes para as férias na região é importante, por exemplo, para evitar uma “ibizificação” do destino ou, como referem Diken & Lausten (2004), para desvincular o Algarve da imagem de lugar “onde a vida selvagem sai para brincar num *cocktail* hedonista de sol, mar, música, álcool, drogas, sexo e excessos” (*Idem*, 2). É também importante para promover companhias que alterem essas imagens se a necessidade o justificar.

Finalmente, antes de fazermos a «viagem» até à vida íntima e privada dos turistas que vistam o Algarve, considero importante elucidar o leitor acerca de alguns tópicos relacionados com a redação do texto que seguir se apresenta:

- I. Uma vez que esta investigação recai sobre uma temática sensível, reveladora dos aspetos mais íntimos da vida dos intervenientes e, por isso mesmo, potencialmente causadora de embaraço, há que salvaguardar o seu anonimato, bem como a confidencialidade dos dados recolhidos. Por esse motivo, foram utilizados nomes fictícios para os entrevistados e omitidas algumas características pessoais que poderiam conduzir ao seu reconhecimento. Foram também omitidos os nomes dos locais de diversão noturna, onde inicialmente fiz observação;
- II. A transposição para o corpo do texto de elementos relativos à pesquisa no terreno, anotados em diário de campo, é feita através excertos, escritos em itálico, com margens maiores e em tamanho de letra igual ao do corpo do texto, seguidos da indicação (notas de campo) e da data da sua redação;
- III. Na inserção dos conteúdos de discurso direto, presentes nas entrevistas áudio (posteriormente transcritas), procurei ser fiel à forma como as pessoas falam. A exceção são os discursos dos informantes que se expressam em língua inglesa. Nesse caso, optei por traduzi-los para português, sendo assim que são apresentados no corpo do texto. A apresentação é feita através de excertos, escritos em itálico, com margens maiores e em tamanho de letra menor que o do corpo do texto, seguidos do nome e da idade dos respondentes. Por uma questão de economia ambiental, não se apresentam as transcrições das entrevistas, nem tão pouco as suas sinopses, dada a extensão das mesmas. Apresenta-se, em alternativa, a caracterização sociodemográfica dos entrevistados e os dados das entrevistas em Apêndice;
- IV. A citação de autores, sempre que ultrapasse as três linhas, é destacada do corpo do texto e é apresentada através de excertos escritos em tamanho de letra inferior, encostados à margem direita. No caso de citações escritas em língua estrangeira, são apresentadas na língua original e a respetiva tradução em nota de rodapé;

- V. Neste trabalho utilizam-se siglas para instituições, países e determinadas designações que, de forma generalizada, são referenciadas com abreviaturas. No início, encontra-se a listagem de todas as siglas usadas. Utiliza-se também um sistema de aspas elevadas (“ ”) para destacar citações de autores com menos de três linhas, conceitos e terminologias próprias, e de aspas em linha (« ») para assinalar termos coloquiais ou sentidos figurados. Os parêntesis retos ([]) são utilizados sempre que se verifique a necessidade de introduzir comentários ou informações adicionais dentro de citações ou de excertos de discurso direto. Todos os estrangeirismos são apresentados em itálico;
- VI. Este documento foi redigido segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entrou em vigor em Portugal a 13 de maio de 2009, conforme dispõe o Aviso n.º 255/2010, publicado no Diário da República, 1.ª série, n.º 182, a 17 de setembro de 2010.

Travel will continue to be composed of sex, and sex will continue to be a motive for travel, but it may no longer be such a dark experience².

Poria & Carr (2010:186)

² As viagens continuarão a ser compostas de sexo e o sexo continuará a ser um motivo para viajar, mas não mais como uma experiência tão sombria. Tradução própria.

Sun, Sand, Sea and (of course) Sex é uma investigação que pretende conferir inteligibilidade à análise da relação entre o turismo, a sexualidade, o romance e a intimidade, assumidamente fora do *paradigma do turismo sexual*, integrando uma abordagem conceptual mais fluída e não dicotómica, a da *sexualidade durante o lazer e o turismo (sex and the sexual during leisure and tourism experiences)*, (Carr & Poria, 2010).

A maioria dos estudos científicos que abordam esta relação preocupam-se em analisar (e denunciar) o conjunto das práticas turísticas que têm como principal motivação a atividade sexual comercial no destino turístico (Cohen, 1982, 1988; Hall, 1992; Oppermann, 1999; Sanchez-Taylor, 2006; Truong, 1990; entre outros). Tem sido colocada uma ênfase tão forte na relação entre sexo e turismo que a expressão *turismo sexual* é virtualmente usada como sinónimo do *turismo sexual comercial* (McKercher & Bauer, 2003) e é por isso que, embora esta abordagem não esteja isenta de críticas (Oppermann, 1999), daqui em diante designaremos essa perspectiva analítica como o *paradigma do turismo sexual* (Marques & Lança, 2016).

Com efeito, a sexualidade em contexto turístico tem constituído um objeto de estudo quase exclusivamente na medida em que é mercantilizada, praticada com recurso à prostituição, implicando um certo grau de anomia e marginalidade, como fator de risco na propagação de IST ou por incorporar um conjunto de práticas atentatórias à dignidade, liberdade e direitos humanos fundamentais, como é o caso da exploração sexual, do tráfico de seres humanos ou da pedofilia.

Uma grande parte desses estudos têm como objetos empíricos as situações de troca de serviços sexuais por retribuições monetárias, isto é, a prostituição com adultos ou crianças, observada nas regiões mais pobres do planeta, designadamente, em alguns países do Sudeste Asiático, da América do Sul, das Caraíbas e, mais recentemente, de África (De Albuquerque, 1998; Carter & Clift, 2000; Piscitelli, 2007; Sanchez-Taylor, 2001). Tratam-se de lugares onde se observam, não apenas significativas desigualdades de género, como enormes assimetrias socioeconómicas entre visitantes e visitados e, por isso, um grande diferencial de poder nas relações entre clientes e prestadores de serviços sexuais. Viajantes oriundos de países «ricos» tiram partido dos privilégios conferidos pela articulação entre nacionalidade, classe social e raça, para consumirem sexo a troco de dinheiro, permeados pelas fantasias racializadas do “sexotismo” (Michel, 2009).

A divulgação destas pesquisas tem sido crucial como forma de denunciar situações de exploração de pessoas que se dedicam ao comércio sexual, ao tráfico de seres humanos e à violação dos direitos humanos, em particular, dos direitos das mulheres e das crianças. Pese embora o reconhecimento que lhes devemos atribuir, é preciso não esquecer que nem todas as relações sexuais que ocorrem em contexto turístico envolvem características negativas, degradantes ou de «perversão», como as que são descritas no interior do *paradigma do turismo sexual* (Jeffreys, 2003; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001). Uma análise séria da articulação entre turismo e sexualidade implica uma perspetiva mais balanceada e não dicotómica da realidade.

O *paradigma do turismo sexual* tem, em simultâneo, contribuído para que sejam ignoradas as atividades sexuais e românticas que ocorrem entre os próprios turistas ou entre os turistas e os residentes, mas que não envolvem qualquer tipo de mercantilização e que são descritas como positivas e benéficas pelos intervenientes (Bloom, Geurts & Lohmann, 2017; Marques & Lança, 2016). Contudo, como referem McKercher e Bauer (2003), as atividades

sexuais e românticas dos turistas, no âmbito de relacionamentos conjugais, de longa duração, ou mesmo os romances de férias, têm gerado pouco interesse académico por não serem controversas nem «fora do comum». Esta pesquisa pretende contribuir para ultrapassar as lacunas identificadas na literatura, ao mostrar que as características liminares do turismo contribuem efetivamente para viver a sexualidade e a intimidade de uma forma mais livre, frequente e intensa, longe de casa e dos constrangimentos do quotidiano, sem que tal implique relações de poder, desigualdade e mercantilização.

O Algarve serve como pano de fundo para indagar o que pensam e fazem os turistas em matéria de sexualidade e intimidade, durante as férias na região. O Algarve é um destino de «sol e praia» sobejamente reconhecido, mas é também um lugar de encontros amorosos e sexuais que importa compreender. Para o efeito, a pesquisa utiliza uma abordagem metodológica mista (através do recurso ao inquérito por questionário e à entrevista em profundidade), podendo ser inovadora considerando as questões que coloca, a metodologia que utiliza e a combinação de paradigmas que emprega na análise e interpretação dos resultados (neste caso, a teoria da estruturação e o interacionismo simbólico). Pretende dar resposta ao seguinte problema de investigação:

Quais são as articulações entre a experiência turística e as práticas e representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade?

Para responder ao problema de investigação proposto, são convocados conceitos e perspetivas teóricas provenientes de vários campos científicos e disciplinares, como a sociologia, a psicologia, o turismo, as ciências da saúde, a demografia, o marketing, a gestão e a economia. Todavia, há que sublinhar a forte componente sociológica presente nesta pesquisa que é fruto da formação académica da autora e dos seus orientadores científicos. Em simultâneo, também há que reconhecer uma maior incidência na metodologia quantitativa, pese embora se tenha utilizado uma abordagem metodológica mista.

O estudo que em seguida se apresenta encontra-se organizado segundo a lógica tradicional das teses de doutoramento. Divide-se em oito capítulos:

Capítulo 1. Turismo, Sexualidade e Género: Uma Articulação Teórica. O objetivo deste capítulo é dar conta das mudanças ocorridas na compreensão científica, ao reconstituir o percurso da perspetiva das ciências sociais sobre a relação entre o turismo, a sexualidade e o género para mostrar que, mais do que relações assimétricas, existe sobretudo uma enorme heterogeneidade nos envolvimento íntimos que ocorrem em contexto turístico.

Capítulo 2. Num Lugar de Sol e Praia: Percursos, Contextos e Estratégias de Investigação. O objetivo deste capítulo consiste em explicar os objetivos da pesquisa, assim como o contexto de investigação e os procedimentos metodológicos usados para a recolha e o tratamento dos dados. Explanam-se ainda algumas das dificuldades inerentes ao estudo da sexualidade humana.

Capítulo 3. O Perfil dos Turistas e as Trajetórias Sexuais e de Intimidade. O primeiro capítulo de resultados cumpre uma dupla função: em primeiro lugar, pretende dar a conhecer o perfil dos turistas que fazem férias no Algarve e que integram a amostra, quer a nível demográfico, quer tripográfico; em segundo lugar, pretende mostrar as trajetórias sexuais e de intimidade dos turistas, através da análise de indicadores como a atração e orientação sexuais, a idade de iniciação sexual, a forma como a primeira experiência sexual e/ou amorosa foi vivida pelos intervenientes, os impactos dessa(s) experiência(s) na vida atual, o número de parceiros ao longo da vida e nos últimos seis meses, e o potencial de envolvimento sexual com desconhecido(s). A relevância destes indicadores para a análise e compreensão da vida íntima atual dos turistas justifica que os resultados apresentados nos próximos capítulos sejam observados a partir do cruzamento entre os elementos de caracterização individual, as trajetórias de vida no que à sexualidade e intimidade diz respeito e as respostas às diferentes questões que compõem o estudo.

Capítulo 4. O Quotidiano Amoroso e Sexual. Este capítulo dedica-se à análise de indicadores como a existência de parceiro amoroso ou sexual na atualidade, o tipo de relação tida com o parceiro, a frequência da prática sexual nos últimos seis meses (antes das férias no Algarve), a satisfação com a vida sexual e a avaliação do desempenho sexual. A análise destes indicadores permite compreender a vida íntima dos turistas, isto é, a forma como vivem a sexualidade e a intimidade durante o quotidiano. A compreensão da informação obtida através destes indicadores é crucial para estabelecer uma comparação com a paisagem relacional das férias – detalhada no Capítulo 6 – e assim traçar um panorama da sexualidade que se vive a dois tempos: o tempo do lazer e o tempo do quotidiano.

Capítulo 5. “Bem-vindos ao Sul”: As Férias no Algarve e os Imaginários Afetivo-Sexuais. Este capítulo pretende mostrar a importância e o papel das férias nas sociedades contemporâneas, assim como a sua relação com o erotismo e a sexualidade, com o objetivo de analisar os imaginários afetivo-sexuais que marcam a viagem ao Algarve. Trata-se, por um lado, de perceber qual é a importância que os turistas atribuem às férias e, por outro, de analisar as representações que têm do Algarve enquanto espaço turístico que apela ao hedonismo e que proporciona diferentes configurações de intimidade.

Capítulo 6. Sexualidade a Dois Tempos: O Tempo do Lazer e o Tempo do Quotidiano. Neste capítulo analisam-se indicadores como o número de parceiros sexuais, a frequência de relações sexuais, a variação da frequência de relações sexuais ao longo do ano e a propensão para o sexo casual e descomprometido numa dupla vertente. Em primeiro lugar, cruzando as variáveis que dizem respeito às práticas durante as férias no Algarve com os indicadores sociodemográficos, de forma a identificar eventuais diferenças nas respostas. Em segundo lugar, comparando as práticas das férias com as do quotidiano e as trajetórias sexuais, com o objetivo de traçar o panorama de uma sexualidade que se vive a dois tempos.

Capítulo 7. A Problemática do Risco no Contexto das Práticas Sexuais e de Intimidade.

Este capítulo analisa, através de uma perspetiva relacional da sexualidade, quais são os aspetos mais relevantes para a compreensão dos potenciais riscos de disseminação de IST no Algarve. As respostas obtidas resultam do cruzamento de indicadores relacionados com a biografia sexual dos indivíduos, o acesso a informação sobre saúde sexual e reprodutiva, o acesso gratuito a preservativos, a predisposição para envolvimento sexual múltiplos, o recurso a serviços de prostituição e a predisposição para ter relações sexuais desprotegidas (sem utilização de preservativo). Adicionalmente, são considerados indicadores relacionados com o consumo de álcool e drogas que estão associados a uma maior predisposição para a adoção de práticas sexuais de risco.

Capítulo 8. Turismo e Sexo Fora do *Paradigma do Turismo Sexual*. O objetivo deste capítulo consiste em aferir, através dos dados recolhidos junto dos turistas que visitam o Algarve, se as características liminares da experiência turística favorecem efetivamente a ocorrência de práticas «extra-ordinárias» em matéria de sexualidade e intimidade, seja com o(a) parceiro(a) habitual ou com um(a) novo(a) parceiro(a) que se conhece no destino de férias, fora do *paradigma do turismo sexual*. Os resultados são apresentados através do cruzamento dos dados provenientes da metodologia quantitativa, com os da metodologia qualitativa. Os modelos são testados através da modelação de equações estruturais com variáveis latentes e da análise de conteúdo, em concreto pela análise interpretativa das entrevistas.

Algumas das análises e dos resultados contidos neste documento já foram publicados em revistas com arbitragem científica, em obras de referência na área do turismo e comunicados em encontros científicos nacionais e internacionais (*Vide Apêndice D.*)

Turismo, Sexualidade e Género: Uma Articulação Teórica

Nas últimas décadas - sobretudo após os anos 60 do século XX, com a chamada “revolução sexual” e a introdução dos métodos contraceptivos modernos e, mais tarde, nos anos 80, com a descoberta da pandemia do VIH/SIDA³ - poucas coisas terão mudado tão radicalmente quanto as formas de falar sobre sexualidade e de viver a vida sexual (Aboim, 2013). Imagens e textos foram-se difundindo e banalizando, podendo mesmo afirmar-se que o sexo (isto é, as relações e os comportamentos sexuais) e a sexualidade (isto é, mais do que o simples «ato sexual», o conjunto mais complexo de predisposições, orientações, imaginários, sentimentos e até identidades), (Bozon, 2015; Foucault, 1994; Valverde, 1985), tornaram-se partes integrantes da discursividade nas sociedades contemporâneas, nomeadamente no Ocidente. Trivializou-se a visão pública, sustentada pelos diversos meios de comunicação, de corpos em atitudes explicitamente sexualizadas, já muito distantes dos românticos beijos da cinematografia das primeiras décadas do século XX (Aboim, 2013).

A *internet* tem, aliás, servido como canal de amplificação e difusão da informação sobre o sexo e a sexualidade. Bastará que se escrevam estas palavras num qualquer motor de busca, para que milhares de *sites* apareçam no ecrã do computador, telemóvel ou *tablet*, permitindo o

³ Tal como referem Sacramento e Ribeiro (2017), o VIH/SIDA é uma epidemia de dimensão planetária e uma doença “total” (Mauss, 2007 [1925]), como nenhuma outra o foi até hoje (até ao surgimento da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 ou Covid-19, no ano de 2019). “Pelos proporções e disseminação geográfica, e pela transversalidade sociocultural das expressões, medos e consequências que lhe andam associadas, ela é uma pandemia na mais estrita aceção etimológica da palavra: *pan*, do grego clássico (tudo/todos) e *demos* (povo), (Sacramento & Ribeiro, 2017: 10).

acesso ao mais variado tipo de informação, desde a informação médica à mercantilização da intimidade⁴ (Constable, 2009), só para listar alguns exemplos. É incontestável que a sexualidade invadiu a esfera pública de uma forma nunca antes vista, saindo do espaço delimitado pelas paredes do quarto, da casa ou mesmo do prostíbulo. Deixou de ser um segredo cuidadosamente aferrolhado e consignado à heteronormatividade⁵ reprodutiva (Foucault, 1994; Gamson & Moon, 2004), para passar a ser vivida e, sobretudo, falada de uma forma mais liberal. A massificação das redes sociais (do tipo *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr*, *Tinder*, *Instagram*, *Snapchat*) e a proliferação de programas de *reality show* (do tipo *Big Brother*, *Are You The One?*, *MTV Super Shore*) são apenas exemplos da forma como a promoção da imagem individual⁶, muitas vezes associada à sensualidade e à sexualidade, tem levado a interpelar o conceito de intimidade (Giddens, 1992). Na opinião de Bauman (2012) e Sibilia (2008), a intimidade é de tal forma importante para nos definirmos enquanto indivíduos que nos vemos «forçados», em virtude dos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, a mostrá-la aos outros: passamos da intimidade (*intimacy*) para a “extimidade” (*extimacy*) nesta “sociedade do espetáculo” (Débord, 1991).

Apesar da mudança em termos de práticas e de representações, nomeadamente através da aceitação crescente do direito ao prazer sexual e da individualização das biografias sexuais, sendo quase imperativo viver uma sexualidade feliz (Bozon, 2004), também é incontestável a

⁴ Nas palavras de Constable (2009), a intimidade e, mais especificamente, as relações íntimas designam relações sociais que são física e/ou psicologicamente próximas, pessoais, sexualmente íntimas, privadas, carinhosas ou amorosas. No seu entender, estas relações não estão necessariamente associadas ou limitadas à esfera doméstica, designando também ações de entretenimento como o *striptease*, as danças eróticas, o alterne ou outro tipo de trabalho sexual.

⁵ Termo originalmente assinalado por Warner (1991), a partir da contração das palavras *hétero* (diferente em grego) e *norma* (esquadro em latim), designando a crença segundo a qual a sexualidade humana é normal apenas quando os protagonistas são do sexo oposto, cabendo a cada sexo um papel natural na reprodução sexuada. A heteronormatividade engendra situações de discriminação e marginalização de todas as orientações sexuais não heterossexuais e das pessoas «não binárias», como é o caso dos transgéneros.

⁶ Segundo Pais (2012: 122), a imagem individual não é apenas uma construção cognitiva, mas acima de tudo, “um horizonte de desejos e uma fonte de atitudes emocionais perante si próprio e os demais”. Por esse motivo, os indivíduos vivem a tensão de, por um lado, apostarem na *individuação* (expressa no desejo de se ser um mesmo, distinto dos demais) e, por outro, procurarem o *reconhecimento* (busca de aprovação por parte desses outros em relação aos quais se procura distinção).

persistência de algumas forças e dinâmicas puritanas (sobretudo em meios mais conservadores), bem como do chamado «duplo padrão sexual», que continua a determinar aquilo que é aceite para os homens e para as mulheres⁷. Como diria Vance (1992 [1984]a: 1), “a sexualidade é, ao mesmo tempo, um terreno de constrangimento, repressão e perigo e um terreno de exploração, prazer e ação”.

As diferenças e os papéis de género⁸, aprendidos ao longo da vida através dos processos de socialização, moldam a forma como os indivíduos se veem a si próprios e aos outros nas diversas esferas da vida social e, com particular destaque para o caso que nos interessa, no domínio da sexualidade. Quando se fala, por exemplo, em diversidade de parceiros sexuais, o senso comum continua a penalizar, pelo menos ao nível do discurso, as mulheres com condutas sexuais mais «promíscuas», enquanto elogia o mesmo tipo de comportamentos se forem praticados pelos homens. Carmo e Fráguas (2002: 313) ilustram, a propósito, o modo como as sociedades contemporâneas continuam a dividir as mulheres em duas categorias – as puras e as promíscuas – de acordo com o seu comportamento sexual:

As primeiras são o útero, as segundas a vagina. As primeiras são a Mãe, em cujo útero o homem esteve, são a Esposa, em cujo útero estarão os filhos do marido. As segundas são a vagina, ou seja, o prazer. E até parece que por milagre nem as primeiras têm vagina (o máximo de pureza é o filho ter sido colocado diretamente no útero, como aconteceu à Virgem Maria), nem as segundas têm útero. E, no entanto, puras e ‘putas’, todas são idealizadas como qualquer coisa que se compra. Tudo depende da forma de compra.

⁷ Veja-se, por exemplo, os estudos conduzidos por Silva (2011) e Vale de Almeida (1995) sobre a vivência sexual e a construção da masculinidade em pequenas aldeias situadas no interior do Alentejo (Portugal). Em ambos os casos, os autores demonstram que é em tom de segredo que se fala sobre o sexo sendo, contudo, mais fácil fazê-lo quando os protagonistas são masculinos. Fica claro não apenas que o sexo e a sexualidade continuam envoltos em tabus, sobretudo em meios pouco escolarizados e onde o acesso à informação nem sempre é fácil, como sobretudo que ainda persistem assimetrias de género no que respeita à vivência e aos discursos produzidos sobre o sexo e a sexualidade. O papel da vergonha enquanto regulador social, assim como o «duplo padrão de moralidade», devem ser tomados em consideração quando analisados os discursos e as práticas dos atores sociais.

⁸ Vale de Almeida (1996) critica a expressão «papel de género» precisamente porque, na sua opinião, ela não tem poder explicativo, uma vez que comporta implicitamente uma falsa dicotomia entre corpo e indivíduo, sexo e género.

Em matéria de sexualidade, assim como noutros domínios sociais, das mulheres e dos homens esperam-se atitudes e comportamentos diferentes, os quais são marcados por uma assimetria que se revela na dominância do masculino (Amâncio, 1993). A histórica associação do feminino ao elemento passivo e do masculino ao elemento ativo continua a emergir sempre que os discursos «politicamente corretos» se desmontam e as pessoas caem em velhas categorizações (Aboim, 2013). Continuamos a relacionar o feminino com as qualidades de maternidade, sensibilidade, intuição, fragilidade, amor, intimidade, dependência e submissão, enquanto ao masculino associamos, pelo contrário, traços de força, liderança, compulsão sexual, virilidade, independência e dominância (Amâncio, 1992; Schouten, 2011).

O género é um princípio de organização da vida social, mas também constitui a raiz de muitas situações de desigualdade e injustiça (Schouten, 2011). É por isso que, de acordo com a sociologia funcionalista, a prostituição exerceria uma função reguladora nas sociedades monogâmicas - sendo tolerada como um «mal necessário» (Davis, 1937) - porque, embora esta conceção não esteja isenta de críticas (Assis, 2006; Coelho, 2009a; Guimarães & Merchán-Hamann, 2005), continua a acreditar-se que os impulsos sexuais masculinos são inatos e necessitam ser «controlados». Através da prostituição, o homem libertaria as tensões sexuais que a organização social reprime, mantendo-se assim a ordem estabelecida. Na prática, o recurso ao trabalho sexual⁹ responde às necessidades que não são satisfeitas no casamento ou

⁹ Nesta investigação utilizam-se as expressões *prostituição* e *trabalho sexual* que, pese embora pareçam sinónimas, importa clarificar que existe uma dimensão política e social que as distingue no seu uso. A palavra *prostituição* tem uma carga simbólica que remete para a violência, imoralidade e coerção (Pereira, 2005; Ramalho, 2012) embora, como argumentam alguns autores, ela não se possa confundir com o tráfico de seres humanos porque, a grande maioria dos indivíduos que se dedicam ao comércio do sexo, não tem qualquer ligação com as redes de tráfico e exploração sexual, encarando esta atividade como realizada no âmbito da sua liberdade (Ribeiro *et al.*, 2007; Silva & Ribeiro, 2015). A designação de *trabalho sexual*, por oposição, tem subjacente a ideia de normalização da prostituição enquanto um trabalho que é (ou que deverá ser) regulamentado e legalizado (*Idem*). Embora ambas as designações sejam comuns, convém lembrar que atualmente, em Portugal, a prostituição não é ilegal, mas também não está juridicamente regulada, o que significa que pode ser praticada por indivíduos adultos, desde que o façam de livre vontade e com restrições ao nível dos locais onde a atividade é exercida. O Código Penal Português (Artigo 169º) apenas prevê penalizações para “quem, profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição” (Diário da República nº 63/1995), ou seja, apenas criminaliza os atos de lenocínio. Com base nestes pressupostos, o Parlamento Europeu classificou Portugal como um país “abolicionista” (Parlamento Europeu, 2005).

nas uniões estáveis, contribuindo para atenuar os problemas decorrentes das restrições sexuais impostas pela monogamia patriarcal absoluta e, concomitantemente, para a preservação da honra das mulheres «decentes» (Pais, 2008). Segundo Ribeiro *et al.* (2007), existem “dois pesos e duas medidas”; exige-se a castidade feminina e tolera-se (e até se valoriza) a promiscuidade masculina com base numa alegada “urgência sexual irreprimível” do homem: “trata-se daquilo a que Jolin designa como ‘promiscuidade-castidade-desigualdade’” (*Idem*: 371).

A crença numa inferioridade «natural» do sexo feminino repercutiu-se, durante muito tempo, na análise das diferenças entre os homens e as mulheres (Amâncio, 1994) e, pese embora a justificação dessas diferenças com base em fatores biológicos já esteja afastada pela ciência, verifica-se a persistência de um «duplo padrão» que continua a moldar mentalidades e práticas. A articulação entre a sexualidade e o gênero constitui, aliás, um dos domínios onde essas diferenças são mais notórias.

A literatura sobre a relação entre a experiência turística e a sexualidade humana também tem sublinhado o enorme diferencial de poder que, alicerçado nas assimetrias de gênero, continua a caracterizar as relações afetivo-sexuais mantidas em contexto turístico. É por isso que alguns autores – que, na perspetiva aqui adotada, mais não fazem do que aplicar os mesmos princípios essencialistas de distinção com base no gênero – afirmam que, enquanto os homens praticam *turismo sexual*, as mulheres dedicam-se ao *turismo de romance*. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é dar conta das mudanças ocorridas na compreensão científica, ao reconstituir o percurso da perspetiva das ciências sociais sobre a relação entre o turismo, a sexualidade e o gênero para mostrar que, mais do que relações assimétricas, existe sobretudo uma enorme heterogeneidade nos envolvimentos íntimos que ocorrem em contexto turístico.

1.1 O Turismo como Objeto de Estudo

Segundo a UNWTO (2010: 10), “o turismo é um fenómeno social, cultural e económico que implica a circulação de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins pessoais ou profissionais”.

O turismo é, atualmente, um dos principais motores da globalização, com impactos decisivos ao nível da produção de riqueza e da criação de emprego (OECD, 2008). Segundo Trigo (1998: 9), o turismo, através dos seus impactos socioeconómicos, está a ajudar a “redesenhar as estruturas mundiais, influenciando a globalização, os novos blocos económicos e, em última análise, a nova ordem internacional”.

Em 2017, o turismo internacional gerou receitas de exportação na ordem dos 1,6 triliões de US dólares e, até 2030, a UNWTO prevê que as chegadas de turistas internacionais atinjam os 1,8 biliões (UNWTO, 2018). O turismo tem sido uma atividade central para o desenvolvimento das regiões recetoras, sendo hoje considerado como a principal atividade económica, ao superar os setores tradicionais da economia como a indústria automobilística, a eletrónica e até a petrolífera (Dias, 2003). É o setor que mais pessoas emprega em todo o mundo, que realiza investimentos maciços para manter a atividade e que apresenta grandes perspectivas de expansão para os próximos anos (*Idem*).

Tal como o conhecemos hoje, o turismo resulta fundamentalmente do lazer, embora muitas viagens que integram o conceito de turismo se realizem no exercício de uma atividade profissional ou de uma ocupação intelectual que não implica necessariamente o lazer (Cunha, 2003). Na opinião de Dumazedier (1974), o lazer não se reduz ao tempo libertado pelo progresso económico e pela reivindicação social; ele é cada vez mais o centro da elaboração de novos valores, sobretudo nas gerações mais jovens. Como continua o autor, o lazer tem contribuído para o nascimento de um movimento social que tem vindo a modificar não apenas as estruturas

sociais, mas, mais radicalmente, as orientações da própria vida, traduzindo-se numa “nova forma de afirmação do eu” face às exigências do quotidiano e do trabalho (Dumazedier, 1974: 23).

Mas o turismo apresenta hoje características bem diferentes daquelas que descreveram as viagens empreendidas durante os séculos XVII e XVIII, no quadro a que se chamou de *Grand Tour* (Towner, 1985). Na altura, ainda não existiam os vocábulos *turismo* e *turista*, embora já se fizessem viagens dentro da Europa. Eram sobretudo os jovens aristocratas ingleses que, para completar a sua formação académica e enriquecimento cultural, organizavam grandes percursos em diferentes países europeus, como a França e a Itália. No século XVIII, já se empregava em Inglaterra a expressão de origem francesa *faire le tour*, sendo que posteriormente começaram a apelar-se de *turistas*¹⁰ todas as pessoas que viajavam por prazer, curiosidade ou por qualquer outro motivo. Em pouco tempo, os outros países foram adotando o termo *turismo* para designar as viagens sem fins lucrativos, que ocorriam com o objetivo de distração, descanso, procura de tratamentos de saúde, satisfação da curiosidade cultural e desejo de conhecer outros lugares e costumes (Dias, 2003).

Podemos considerar a Revolução Industrial que ocorreu em Inglaterra no século XVIII, como o acontecimento mais importante para a transformação geral da viagem. Com ela e com as reivindicações dos trabalhadores pela redução do número de horas de trabalho, o ócio passou a ganhar importância. Mas foi somente no final do século XIX, início do século XX, que se estabeleceu uma divisão clara entre o “tempo do trabalho” e o “tempo do não-trabalho”, com a criação de jornadas que preveem fins de semana de descanso e férias anuais (*Idem*). O

¹⁰ Em Portugal, Eça de Queiroz utiliza a palavra *touriste* no seu romance *Os Maias*, editado em 1888, na forma francesa porque a palavra não havia sido ainda transposta para a língua portuguesa, o que só se verificou no início do século XX (Cunha, 2003).

fenómeno do turismo generalizou-se no Ocidente, no quadro das férias, passando o turismo e as férias a estar inter-relacionados (Joaquim, 2015).

Na segunda metade do século XX, o turismo alcançou uma amplitude sem precedentes e, desde o início do século XXI, a sua importância tem aumentado cada vez mais em virtude do desenvolvimento dos meios de comunicação e dos transportes, do aumento do nível de vida das populações, da maior disponibilidade de tempo livre e da conquista do direito às férias remuneradas. Atualmente, assistimos a uma maior democratização no que respeita ao turismo, já que as viagens estão acessíveis a camadas cada vez maiores da população (Sharpley, 2015)¹¹. A operação das companhias aéreas de baixo custo (*low cost*), muito tem contribuído para esta democratização, ao permitir a realização de viagens entre diferentes países, por vezes, a preços irrisórios (Almeida, Ferreira & Costa, 2008). Segundo Franke (2004), a viagem de avião tornou-se um hábito, tendo passado de um luxo para uma necessidade.

A circulação crescente de indivíduos tem impactos diretos e indiretos nas regiões receptoras, com um significativo efeito multiplicador ao nível da produção e do emprego (Mathieson & Wall, 1982). Os turistas geram receitas nos destinos que visitam, ao mesmo tempo que permitem criar emprego para a população residente ou flutuante (embora não possamos esquecer também os efeitos negativos do turismo, com claro destaque para os impactos ambientais). Estes aspetos dependem largamente do estágio do ciclo de vida¹² em que os destinos se encontram (Butler, 1980), assim como do produto que têm para oferecer.

Mas o turismo é muito mais do que um fenómeno económico. É uma das características das sociedades contemporâneas, ainda que o seu estudo tenha estado, durante muito tempo,

¹¹ O turismo tornou-se universal e é reconhecido em documentos como a Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial (UNWTO, 1980) e o Código Mundial de Ética do Turismo (UNWTO, 1999).

¹² De acordo com Butler (1980), o ciclo de vida de um destino turístico inclui seis estágios diferentes: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio. A cada estágio associam-se impactos económicos, ecológicos e socioculturais.

relativamente à margem das ciências sociais (Crick, 1989; Nash, 2007; Wang, 2000). Foi a partir da década de 60 do século XX que esta situação se alterou¹³ (Cohen, 2003a), tendo o estudo do turismo beneficiado gradualmente do cruzamento com diversas disciplinas das ciências sociais, como a sociologia, a geografia, a economia ou a antropologia.

No que concerne à sociologia, o fenómeno turístico¹⁴ começou a despertar o interesse dos investigadores por um conjunto de motivos: causa forte impacto nos indivíduos e nos grupos familiares que se deslocam, provocando mudanças no seu comportamento; permite o contacto com diferentes culturas; contribui para o fortalecimento das identidades grupais; é um meio de difusão de novas práticas sociais e contribui para a formação e a educação daqueles que o praticam (Dias, 2003). Por outro lado, o fenómeno turístico também pode ser analisado sob outras perspetivas, nomeadamente através dos impactos que causa nas comunidades recetoras e no meio ambiente. Assim, foi necessário criar dentro da sociologia geral, um ramo específico que se dedicasse ao estudo do turismo: a sociologia do turismo.¹⁵ Esta disciplina passou a estudar o comportamento humano durante as viagens, as relações que se estabelecem com as comunidades recetoras e os impactos sociais decorrentes dessa atividade, seja sob o ponto de vista dos turistas, seja na perspetiva das comunidades onde o turismo se insere (*Idem*).

Partindo da formulação de um dos fundadores da sociologia, Durkheim (1998), vale a pena lembrar que o turismo constitui um facto social. A palavra *turismo* invade o discurso social,

¹³ Segundo Cohen (2003a), a primeira obra, em língua inglesa, a tratar cientificamente o tema do turismo intitula-se *The Tourist Movement: An Economic Study*, da autoria de Ogilvie e remonta ao ano de 1933. No entanto, é apenas no ano de 1960 que surge o primeiro trabalho sociológico sobre turismo, escrito por Knebel, em língua alemã, sob o título *Soziologische strukturwandlungen im modernen tourismus*.

¹⁴ Partindo do conceito de “facto social total” de Mauss (2007 [1925]), podemos perspetivar o turismo enquanto “fenómeno total” uma vez que se trata de um conjunto de experiências, comportamentos e ações desenvolvidos pelos atores sociais que se manifestam de forma simultânea e sistemática em múltiplas dimensões da vida social. Nesse sentido, o turismo é um fenómeno pluridimensional, com implicações em diversas esferas como a cultura, a economia, a política e o ambiente.

¹⁵ O debate estabelecido entre Boorstin (1964) e MacCannell (1973; 1976) é atualmente considerado como a base da sociologia do turismo. Boorstin (1964) lançou, na sua obra seminal sobre os pseudo-eventos na América, a profecia de que o turismo de massas, alicerçado numa artificialização, acabaria por matar a “verdadeira viagem”. Em resposta, MacCannell (1973; 1976) argumentou que o turista moderno se realiza na busca da autenticidade das regiões visitadas, embora aquilo que lhe é oferecido pelos locais e pela indústria turística seja apenas uma autenticidade artificial e encenada.

aparece como um motivo condutor na mais banal das conversas, assim como nas reflexões filosóficas, entranha-se no discurso político e emerge no científico (Joaquim, 2015). O turismo faz parte da rede de trocas linguísticas e, como tal, está ligado às estruturas que articulam essas trocas. É a partir daqui que se desenha como facto social (Lanfant, 1993). Mais ainda, o facto social turístico exerce «coerção» sobre os indivíduos, fazendo-os assumir papéis relacionados com esse fenómeno em particular. É por isso que o turista assume atitudes que, no seu dia a dia, não assumiria, tais como comportamentos desregrados, transgressivos ou excessivos (onde se incluem o consumo inabitual de alimentos, de álcool ou de drogas), (Dahles, 1998; Koc, 2013; Shields, 1990; Uriely, Ram & Malach-Pines, 2011; Urry, 2002; Weichselbaumer, 2012). Dias (2003) lembra que o facto social turístico representa, no sentido durkheimiano, maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores ao indivíduo e que se lhe impõem, pois são dotadas de um poder coercivo específico. Nesse sentido, o autor argumenta que os residentes de uma localidade turística, os agentes de viagem, aqueles que trabalham no setor do turismo e, principalmente, os turistas assumem comportamentos que lhes são «impingidos» pelo poder coercivo do turismo enquanto facto social (*Idem*).

Mas enquanto Durkheim (1998) prioriza a sociedade na análise dos fenómenos sociais, considerando-a externa aos indivíduos e mandatária das suas ações, Weber (2004), outro dos fundadores da sociologia, defende o papel dos indivíduos e das suas ações, uma vez que, no seu entender, as sociedades só podem ser compreendidas através da análise do conjunto das interações sociais. Nesse sentido, se considerarmos que os turistas interagem com outros turistas e com a população residente nos locais que visitam, podemos situar essas interações no âmbito da *teoria do sentido subjetivo da ação social* preconizada por Weber (2004). Para o autor, a ação social designa a ação “(...) em que o ator social se orienta, não de modo mecânico ou reativo, mas de modo significativo segundo os comportamentos esperados dos outros, sejam eles indivíduos ou grupos sociais” (Maia, 2002). A ação social pode ser categorizada de quatro formas: (i) racional relativamente aos fins, sendo determinada pelas expectativas na ação dos

outros, que funcionam como condições ou meios de alcançar os objetivos racionalmente avaliados; (ii) racional relativamente a valores, traduzindo-se na crença consciente em determinado valor (ético, estético, religioso ou outro); (iii) afetiva, determinada por afetos e estados emocionais ou sentimentais; (iv) tradicional, determinada pelos usos, costumes e tradições fortemente enraizadas (*Idem*).

Dias (2003) estabelece um paralelismo entre o turismo e a *teoria da ação social* de Weber (2004), defendendo que a ação do turista pode ser analisada sob as mesmas perspectivas: (i) racional relativamente aos fins, quando o turista escolhe um determinado destino tomando em consideração a acomodação, o preço, as facilidades de acesso, etc.; (ii) racional relativamente a valores, quando ele escolhe o destino em função dos valores do grupo social ao qual pertence; (iii) afetiva, quando a escolha do destino turístico é motivada pela emoção, por sentimentos, etc.; (iv) tradicional, quando o destino é escolhido em função dos costumes e tradições adquiridas. Regra geral, as ações sociais não são determinadas por uma única forma, pelo que a escolha de um destino turístico acontece normalmente pela combinação de vários fatores, como a beleza do lugar, por ter sido o local de origem dos familiares, pelo preço do alojamento, por ser um destino que está na moda, por ser um destino que traz boas memórias, entre outros aspetos.

O que Weber traz de novo para a análise dos fenómenos sociais, onde naturalmente podemos incluir o fenómeno turístico, são justamente os diversos tipos de racionalidade dos indivíduos, o que permite evitar perspectivas essencialistas sobre ações assumidas como inferiores, desviantes, patológicas ou, simplesmente irracionais (Maia, 2002; Sell, 2012). No entanto, os postulados de Weber (2004), assim como os de Durkheim (1998), apesar de serem ainda referências nos estudos em turismo, apresentam algumas limitações: nem as estruturas sociais devem ser pensadas como uma componente externa às consciências individuais, nem a sociedade pode ser reduzida aos indivíduos e às ações individuais. É certo que o fenómeno

turístico exerce «coerção» sobre o indivíduo, levando-o a comportar-se de maneira diferente em relação aos comportamentos que teria no quotidiano, mas também é verdade que o indivíduo enquanto agente consciente e responsável, portador de racionalidade, tem capacidade estratégica de atuação e atribui significados às interações que estabelece.

Nesse sentido, o teorema da dualidade da estrutura¹⁶ proposto por Giddens, parece ser aquele com maior capacidade interpretativa sobre o comportamento dos indivíduos em contexto turístico, sendo de resto extensível à análise comportamental em sociedade. Após a análise de um conjunto de teorias que partem do indivíduo (ator) e da estrutura (sociedade), Giddens (1984: 219) considera que ambas são alternativas extremas: “toda a investigação em ciências sociais (...) se tem preocupado com a relação entre a ação e a estrutura (...) e em caso algum a estrutura determina a ação ou vice-versa”. Com isto, Giddens coloca em causa a «validade» das perspetivas interpretativas e funcionalistas, argumentando que, enquanto as primeiras defendem que os indivíduos são agentes decididos, capazes de indicar as razões dos seus atos mas incapazes de tratar questões estruturais, sendo “fortes na ação, mas fracas na estrutura”, as segundas consideram os agentes incapazes de fazer face a poderes mais fortes do que eles próprios, por isso, “embora fortes na estrutura, estão enfraquecidas na ação” (Baltazar, 2016).

O conceito de dualidade da estrutura foi desenvolvido, precisamente, tendo por base as críticas dirigidas aos dois principais tipos de dualismo existentes nas teorias explicativas da realidade social, como o funcionalismo e as teorias centradas na ação individual. Para Giddens (1984), a estrutura e a ação formam uma dualidade, mas uma não pode existir sem a outra. É

¹⁶ O teorema da dualidade da estrutura foi esboçado em *As Novas Regras do Método Sociológico*, no ano de 1976. É neste trabalho que Giddens analisa, pela primeira vez, as questões da ação, da estrutura e da transformação social, com especial incidência na natureza da «ação». Mais tarde, esta perspetiva teórica foi sistematizada e apresentada com maior pormenor no segundo capítulo de *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*, em 1979. Esse capítulo é editado em português, no ano 2000, sob o título *Dualidade da Estrutura: Agência e Estrutura*.

esta relação dialética que o autor designa de *estruturação* e que apresenta como premissa base a ideia de que as propriedades estruturais dos sistemas sociais constituem, quer um meio, quer um produto das práticas que organizam recorrentemente, ou seja, “o momento da produção da ação é de igual modo o da reprodução nos contextos da realização quotidiana da vida social” (Baltazar, 2016: 85). Em suma, Giddens apresenta uma visão circular da construção da realidade social, na qual existem, simultaneamente, as dimensões estruturantes enquanto condição da ação e enquanto produto da mesma.

Embora a teoria da *estruturação* seja a perspetiva eleita para analisar a intermediação entre sujeito e estrutura - neste caso, entre turista e destino turístico -, esta pesquisa elege também a perspetiva teórica do interacionismo simbólico. Giddens (1984) foi um acérrimo crítico das teorias de nível micro, onde se inclui o interacionismo simbólico, mas, ainda assim, estas incorporam o seu legado. No entanto, o enfoque dado pelo autor na teoria da *estruturação*, é justamente à intermediação entre o indivíduo e a estrutura, não tanto aos sentidos ou significados atribuídos pelos indivíduos no decorrer das suas interações. E, considerando que esta pesquisa pretende também compreender os significados que são produzidos no âmbito das interações (neste caso, no que à sexualidade e intimidade diz respeito), convoca-se, a partir da corrente do interacionismo simbólico, a importância que é dada à produção de significados (Gagnon & Simon, 1974; Gecas & Libby, 1976; Longmore, 1998; Plummer, 2003).

A perspetiva do interacionismo simbólico (devedora de Weber) foi formulada inicialmente por G. H. Mead (1934) e Blumer (1969), e desenvolvida nos Estados Unidos da América a partir da Escola de Chicago. Segundo os interacionistas, toda a interação humana envolve, virtualmente, uma troca de símbolos: quando interagimos com os outros, procuramos constantemente «pistas» sobre o tipo de comportamento mais apropriado ao contexto de interação e sobre como interpretar o que os outros dizem ou fazem. A propósito, Giddens

(2000) dá como exemplo a situação em que um homem e uma mulher saem juntos pela primeira vez. Provavelmente, cada um deles irá passar grande parte do tempo «medindo» o outro e avaliando a forma como possivelmente a relação irá desenvolver-se, no caso de se chegar a desenvolver. Nesta situação, nenhum deseja ser visto a fazê-lo abertamente, embora ambos saibam o que se está a passar. Os dois indivíduos mostrar-se-ão cautelosos no seu comportamento, desejosos de se apresentarem favoravelmente, mas, mesmo sabendo disso, cada um deles procurará aspetos no comportamento do outro que revelem as suas reais intenções (Goffman, 1993 [1956]). Neste tipo de interação está presente um processo subtil, mas complexo de interpretação simbólica (Giddens, 2000) que remete precisamente para a ideia já defendida por Gagnon e Simon (1974) acerca da importância que deve ser dada à interação social enquanto forma de produzir significados para o domínio sexual.

A articulação teórica entre a experiência turística e o comportamento sexual humano mostra que existe unanimidade no que toca a considerar o turismo como um facilitador das interações românticas e/ou sexuais (O'Connell-Davidson, 1996; McKercher & Bauer, 2003; Sternberg, 1997). Há estudos que demonstram que, quando os indivíduos estão de férias, fora do seu local de residência habitual e se sentem relaxados e libertos das habituais obrigações quotidianas, tornam-se mais suscetíveis a apaixonar-se, a investir no amor ou a iniciar um relacionamento de férias (McKercher & Bauer, 2003; Pease & Pease, 2009). O turismo constitui um facilitador deste tipo de envolvimento por diversos motivos: fornece o local, o contexto, o cenário, facilita os encontros, mas fundamentalmente, pelas características de liminaridade que as experiências turísticas envolvem (Lett, 1983; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001).

1.1.1 Características Liminares da Experiência Turística

O pensamento sociológico sobre o fenómeno turístico é relativamente unânime no que toca à utilização do conceito de liminaridade (do latim *limen*, limiar), sendo um dos mais utilizados no âmbito da sociologia do turismo. Turner (1974a, 1974b) apoiou-se no pensamento de van Gennep (1960 [1909]) sobre a estrutura dos “ritos de passagem” e na distinção que Durkheim (1914) faz entre o “sagrado” e o “profano”, para defender que todos os indivíduos, no decorrer da vida quotidiana, veem as suas ações limitadas pelo peso da estrutura social. No entanto, Turner (1974a, 1974b) admite que, periodicamente, existe uma possibilidade de «fuga» a essas limitações, concretamente através dos “ritos de passagem”. Os “ritos de passagem” constituem formas de celebração que possibilitam que os indivíduos se comportem de maneira completamente diferente da do quotidiano. Isto significa que os indivíduos se movem entre os estados normais, estruturados e «ordinários» do quotidiano “profano” e a sua dissolução temporária em situações «anormais», desestruturadas, «extra-ordinárias» e “sagradas” que são possibilitadas por essas formas de celebração. Posteriormente, essas situações evoluem para a reintegração na estrutura quotidiana, mas agora sob a forma de um novo estatuto social ou pessoal.

Este processo de saída e de posterior reintegração na estrutura social é composto, segundo Turner (1974b), por três etapas: (i) a separação (*rites of separation*), que pode ser social, simbólica ou espacial; (ii) o momento de transição, no qual o indivíduo, tendo saído da estrutura de pertença, ainda não entrou numa outra (*transition rites*); (iii) e a reintegração na estrutura de origem (*rites of incorporation*), normalmente sob a forma de outra categoria social. A grande «novidade» neste processo diz respeito precisamente à marginalidade temporal entre a saída de uma estrutura e a sua reintegração. Por momentos, não se está “nem numa nem noutra”, sendo esse estado intermédio que van Gennep (1960 [1909]) designa por estado *liminar*.

O estado *liminar* constitui uma situação social «anormal», completamente diferente da situação do quotidiano e do trabalho. Implica uma transgressão relativamente ao espaço e ao tempo comumente habitados. No que se refere à dimensão espacial, van Gennep (1960 [1909]) via a passagem de zonas fronteiriças territoriais ou limiães como estruturalmente idêntica ao período intermédio de uma passagem ritual. Já no que toca à dimensão temporal, a famosa expressão de Turner (1974b), *betwixt and between*, que significa “nem uma coisa nem outra”, alude precisamente a esse estado mental de transitoriedade, onde o tempo deixa de ter importância, deixa de ser uma referência.

No entanto, Turner (1974b) lembra que importa distinguir dois tipos de situações liminares: as “situações liminares ludérgicas” (*ludergic liminal situations*), típicas das sociedades tradicionais ou primitivas, e as “situações liminóides érgicas” (*ergic liminoid situations*), típicas das sociedades modernas. No seu entender, as práticas das sociedades modernas, apesar de apresentarem certas características de liminaridade, não exibem as dimensões puramente rituais, “sagradas” e de participação compulsiva, típicas das sociedades tradicionais.

Alguns autores (Jafari, 1987; Graburn, 1977; Selänniemi, 2003; Ryan & Hall, 2001, entre outros) defendem que fazer turismo implica as mesmas três etapas dos *ritos de passagem*. Viajar representa um processo simbólico comparável aos rituais praticados nas sociedades «primitivas», em que o indivíduo sai do local onde habita (momento de separação) para um determinado destino turístico (espaço-tempo liminar), regressando depois ao local de origem (reintegração). Este espaço-tempo liminar funciona como uma espécie de «vazio», onde se suspendem as normas e as regras sociais da sociedade de pertença e onde acontece a «morte» simbólica da pessoa que existia antes de viajar. Esta situação permite aos turistas a oportunidade para fazerem aquilo que normalmente não fazem na sua vida quotidiana, onde imperam os constrangimentos das rotinas do trabalho e/ou da família.

A liminaridade ou, mais concretamente, os estados liminares e liminóides (Turner, 1974b) propiciam, simultaneamente, a produção de um sentimento de comunhão, de igualdade e de proximidade entre os indivíduos que partilham o mesmo espaço-tempo, que Turner (1974b) designou por *communitas*, e um enorme investimento no corpo, na sensualidade e na busca do prazer:

The “liminality” (van Gennep) in ritual or in the more secular popular festivals includes dancing and singing, eroticism and orgy, intoxication and ecstasy and lack of restraint in general (feasting, drinking, debauchery) – in other words the manifestation of human corporeality in which sensuality and pleasure play a leading part¹⁷ (Falk, 1994 in Selännemi, 2003: 26).

Por esse motivo, os turistas adotam novos padrões comportamentais, sentem-se mais «livres», partilham de um sentimento de comunhão com os indivíduos que se encontram na mesma situação (Wagner, 1977) e mostram uma maior disponibilidade para investir no corpo e nos sentidos. Nas palavras de McKercher e Bauer (2003), as características liminares da experiência turística promovem a oportunidade para uma “ruptura completa em relação ao comportamento normal, que pode ser libertadora e revigorante” (*Idem*: 11).

Inspirado por Turner (1974b) e por van Gennep (1960 [1909]), Thomassen (2014) elabora um instrumento analítico que é bastante útil para a compreensão dos vários tipos de experiências liminares e liminóides, uma vez que permite cruzar a dimensão temporal, ou seja, o momento de separação da estrutura, com o(s) sujeito(s) envolvido(s) nessas experiências (Tabela 1.1). Para Thomassen (2014), a liminaridade é algo inerente a qualquer sociedade, tornando-se ainda mais evidente no mundo moderno, onde as experiências-limite (*peak experiences*), (Weitman, 1998) são ambicionadas como parte integrante do quotidiano e,

¹⁷ A “liminaridade” (van Gennep) no ritual ou nas festividades populares mais seculares inclui dança e canto, erotismo e orgia, intoxicação e êxtase e falta de moderação em geral (festa, bebida, devassidão) - em outras palavras, a manifestação da corporeidade, na qual a sensualidade e o prazer desempenham o papel mais importante. Tradução própria.

sobretudo, do lazer, e onde a fronteira entre o «ordinário» e o «extra-ordinário» é cada vez mais permeável.

No modelo proposto por Thomassen, as viagens individuais ou em grupo são vistas como experiências liminóides porque o ato de viajar representa justamente o movimento periódico entre o estado «normal», estruturado e mundano onde se habita normalmente e a sua dissolução numa situação «extra-ordinária». Em contexto turístico, afastados que estão das normais obrigações, os turistas tendem a adotar comportamentos inabituais ou mesmo transgressivos (Dahles, 1998; Koc, 2013; Shields, 1990; Uriely, Ram & Malach-Pines, 2011; Urry, 2002; Weichselbaumer, 2012).

Tabela 1.1 – Tipos de Experiências Liminares e Liminóides

Tempo	Sujeito		
	Indivíduo	Grupo	Sociedade
Momento	Evento súbito que afeta a vida de alguém (morte, doença, divórcio); Ritual de passagem (batismo, entrada na idade adulta).	Cerimónias de graduação; Rituais do calendário de eventos, como a Passagem de Ano, a Época das Colheitas, o Solstício.	Eventos repentinos que afetam toda uma sociedade (invasão, desastre natural, praga), onde as distinções sociais e a hierarquia desaparecem; Carnavais; Momentos revolucionários.
Período	Fases críticas da vida; Puberdade ou adolescência; Retiros espirituais; Viagens individuais.	Ritual de passagem para a idade adulta que, em algumas sociedades, pode levar semanas ou meses; Viagens em grupo.	Guerras; Períodos revolucionários.
Época (ou duração do tempo de vida)	Indivíduos fora da sociedade por escolha própria ou por designação da vida monástica; Em algumas sociedades tribais, os indivíduos são vistos como ‘perigosos’ por causa de uma passagem ritual fracassada.	Fraternidades religiosas; Minorias étnicas; Minorias sociais; Transgéneros; Grupos migrantes entre a antiga e a nova cultura; Grupos que vivem à margem das ‘estruturas sociais normais’, percebidos simultaneamente como perigosos e ‘santos’.	Guerras prolongadas; Instabilidade política duradoura; Confusão intelectual prolongada (ex: Guerra dos 30 anos); Incorporação e reprodução da liminaridade nas estruturas sociais e políticas; Modernidade como ‘liminaridade permanente’?

Fonte: Adaptado de Thomassen (2014: 90).

Selännemi (2003) defende, por isso, que a viagem turística pode ser interpretada como uma quadrupla transição ou transgressão em relação à vida quotidiana: uma transição espacial (*placelessness*) de casa para o lugar turístico; uma transição temporal (*timelessness*) para longe da vida quotidiana, do trabalho e da rotina, para um lugar onde o tempo deixa de ser uma referência; como uma transição mental, onde o *self* pode ganhar características que o controlo social manteve escondidas durante o quotidiano; e como uma transição sensorial e sensual, onde os sentidos são estimulados de uma forma completamente diferente quando comparada com o quotidiano. Convém lembrar que a transição espaço-temporal de casa para o destino turístico modifica o estado psicológico, a ordem social, mas também o estado corporal ou o modo como os indivíduos percebem e experimentam aquilo que os rodeia (Marques & Lança, 2016).

A viagem turística constitui, portanto, um espaço-tempo liminar onde é possível realizar as fantasias e os desejos que são normalmente negados aos indivíduos (Franklin, 2003). Esta transitoriedade, aliada a um afrouxamento do controlo social e ao anonimato (Brown & Stephan, 2013), uma vez que os indivíduos se movem numa estrutura que não é a sua, permitem atitudes mentais e sensoriais distintas das que são praticadas na vida quotidiana¹⁸, sendo esta uma característica que o turismo partilha com o amor, a paixão e a sexualidade (Marques & Lança, 2016). Nesse sentido, é possível afirmar que o turismo permite as mesmas oportunidades de escape que a “realidade socioerótica” descrita por Weitman (1998). Na “realidade socioerótica”, que é também «extra-ordinária», tudo é vivido de forma mais intensa,

¹⁸ Alguns autores propõem, no entanto, uma visão distinta acerca da experiência turística e do seu carácter «extra-ordinário». Segundo alguns autores, o turismo (sobretudo o de massas) representa a continuidade da vida social quotidiana, estando associado a rotinas, convenções culturais e performances normativas que circunscrevem o que deve ser observado e visitado, assim como os comportamentos mais adequados ao contexto turístico (Edensor, 2007; Larsen, 2008). Ainda que existam exceções, dado o carácter subjetivo do comportamento humano, esta perspetiva não dispensa críticas, sendo que os resultados desta pesquisa sugerem precisamente a tendência para serem adotados comportamentos «extra-ordinários», diferentes do habitual, em virtude das características liminares da experiência turística.

sentimental e sensorial. É um tipo de realidade onde os indivíduos vivem experiências limite (*peak experiences*), à semelhança daquelas que vivem, muitas vezes, em contexto turístico.

1.2 Sexualidade, Amor e Romance no Contexto da Viagem Turística

A pesquisa em ciências sociais tem vindo a admitir que existe uma forte componente romântica, erótica e mesmo sexual na viagem turística, seja como conjunto de motivações iniciais ou como parte integrante da própria viagem. A sexualidade e o turismo estão intimamente relacionados e o sexo é um elemento incontestável da viagem turística (Cohen, 1971) porque, se os indivíduos têm relações sexuais no seu quotidiano, é evidente que também as têm quando viajam (McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001). É de esperar até que estas práticas ocorram com maior frequência e intensidade, dadas as características liminares da experiência turística (Zhang & Xu, 2019). No entanto, muitos autores que estudam a relação entre o amor, a sexualidade e o turismo, admitem que esta relação tem sido não apenas sub-investigada, como é claramente sub-teorizada (Agustín, 2010a; Berdychevsky, Gibson & Poria, 2013; Cabezas, 2009; Carr & Poria, 2010; Frank, 2007; Frohlick, 2010; Jordan & Aitchison, 2008; Leheny, 1995; McKercher & Bauer, 2003), verificando-se também, como referem Ryan e Hall (2001), uma falta de coerência metodológica entre as diferentes correntes de investigação que se têm debruçado sobre estas temáticas.

De facto, na expressão dos quatro S's - *sun, sand, sea and sex*¹⁹ - que tantas vezes é utilizada para representar o turismo de massas, fazendo sobressair as grandes motivações para a viagem turística (Campbell, Perkins & Mohammed, 1999; Crick, 1989; Hobson & Dietrich, 1994; Thomas, 2005), verifica-se que as três primeiras - *sun, sand and sea* - têm sido bastante

¹⁹ Sol, areia, mar e sexo. Tradução própria.

estudadas e não se traduzem em grandes problemas éticos ou epistemológicos. No entanto, o mesmo não acontece com a quarta, ou seja, o comportamento amoroso e sexual (Berdychevsky, Poria & Uriely, 2013; Marques, 2016; Poria & Carr, 2010), que parece não merecer o mesmo interesse científico que outras atitudes e comportamentos em contexto turístico (Singh, 2002). A investigação em turismo tende a ignorar o sexo, que é ainda uma espécie de tabu neste domínio. A fuga ao tema da sexualidade em contexto turístico e a relativa escassez de investigação sugerem uma tendência dos investigadores para se centrarem num certo “moralismo convencional” (Carr & Poria, 2010; Frohlick, 2010). Problemas que derivam da sensibilidade do tema, capaz de causar embaraço aos respondentes, não raramente espelham-se também na carreira do investigador que estuda a sexualidade humana, podendo comprometer a sua credibilidade e reputação (Donnan & Magowan, 2010; Hammond & Kingston, 2014). Segundo Fisher,

(...) there are consequences to a career in sex research that do not exist in the careers of most other researchers. People may assume that you belong to the group you are researching or they will simply assume that you are a pervert of the more general kind”²⁰ (Fisher, 1989 *in* Okami, 2002: 510).

Como resultado, observa-se uma falta de produção científica, principalmente daquela que seja capaz de integrar a teoria e o objeto empírico da sexualidade, sem cair nas malhas da «denúncia» (Weis, 2002).

Precisamente devido a este «moralismo», a maioria dos estudos, especialmente aqueles que ganharam forma a partir dos anos 1990, tem como objetivo denunciar as situações de dominação e exploração sexuais que se verificam nas zonas mais pobres do planeta. O foco de análise tem incidido quase sempre nas relações sexuais comerciais em destinos turísticos e a

²⁰ Há consequências para a carreira de investigação na área da sexualidade que não existem noutras áreas. As pessoas podem assumir que você pertence ao grupo que está investigando ou simplesmente assumir que você é uma espécie de pervertido. Tradução própria.

sua natureza indesejável, tal como é descrita pela UNWTO (Ryan, 2002). Muitos desses estudos abordam as interações sexuais entre os turistas e a população local, sublinhando questões de poder e dominação (Cabezas, 2004; Cohen, 1982; Sanchez-Taylor, 2001, 2006). Noutros casos, o foco tem sido colocado nas práticas sexuais de indivíduos que viajam com o objetivo de interagir com pessoas do mesmo sexo (Altman, 2008; López & Van Broeck, 2010; Melián-González, Moreno-Gil & Araña, 2011; Mendoza, 2013; Pritchard *et al.*, 2000; Visser, 2010), sendo que têm sido ignoradas as atividades sexuais e românticas que ocorrem entre os próprios turistas (Bloom, Geurts & Lohmann, 2017; Marques & Lança, 2016). Na opinião de McKercher e Bauer (2003), as atividades sexuais e românticas dos turistas com outros turistas têm gerado pouco interesse acadêmico por não serem imorais, ilegais nem «fora do comum».

A viagem motivada pelo sexo comercial, ou seja, aquilo que tem sido designado por *turismo sexual (sex tourism)*²¹, nomeadamente a forma como o sexo é praticado com indivíduos que oferecem esse tipo de serviços a troco de determinadas retribuições - prostitutas, gigolôs e até mesmo crianças (Carr & Poria, 2010; Clif & Carter, 2000) - tem captado a atenção dos cientistas sociais. Grande parte da literatura produzida e publicada consiste justamente na análise (e na denúncia) das práticas dos turistas que viajam motivados pela atividade sexual comercial no local de destino (Cohen, 1982, 1988; Frohlick, 2010; Hall, 1992; Oppermann, 1999, Sanchez-Taylor, 2006; Silva & Blanchette, 2005; Truong, 1990) pois, como salientam Wonders e Michalowski (2001), no âmbito do *turismo sexual*, o sexo e os corpos são vistos como mercadorias que podem ser embaladas, anunciadas, exibidas e vendidas à escala global.

Não obstante a importância destes testemunhos, é preciso lembrar que a articulação entre a sexualidade e o turismo não se esgota nas suas características mercantis, traumáticas e

²¹ Para um número considerável de investigadores, o *turismo sexual* diz respeito à viagem motivada pelo consumo de relações sexuais a troco de uma prestação pecuniária ou de outra ordem. Para uma maior clarificação do conceito ver entre outros, Clift e Carter (2000), Graburn (1983), Kempadoo (1999), Oppermann (1998, 1999), McKercher e Bauer (2003), Truong (1990).

de exploração (Oppermann, 1999; Ryan, 2000). Nesse sentido, surgiu posteriormente um outro tipo de abordagem que coloca a ênfase nas relações românticas, de enamoramento e de corte que também acontecem em contexto turístico: o *turismo de romance (romance tourism)*, (Dahles & Bras, 1999; Jeffreys, 2003; Meisch, 1995; Phillips, 1999, 2002; Pruitt & LaFont, 1995).

Esta abordagem tem como objetivo mostrar que os relacionamentos mantidos entre os turistas homens e as mulheres locais são diferentes das relações que acontecem entre as estrangeiras e os homens autóctones. Enquanto no primeiro caso sobressai a mercantilização da sexualidade, no segundo e, de acordo com os autores, a afetividade pontua sobre o sexo e o dinheiro. Porém, tal como já foi defendido noutra lugar (Marques & Lança, 2016), a expressão *turismo de romance* e o que ela parece encerrar, não é menos essencialista do que qualquer outro princípio de distinção com base no género se considerarmos que, de acordo com esta linha de pensamento, enquanto os homens praticam o *turismo sexual*, as mulheres se dedicam ao *turismo de romance*.

O objetivo dos próximos subpontos consiste em problematizar estes princípios diferenciadores. Mas, mais do que discutir as diferenças entre o *turismo sexual* e o *turismo de romance*, pretende-se pôr em evidência a enorme heterogeneidade das relações afetivo-sexuais que acontecem em contexto turístico. A articulação entre o turismo e o comportamento sexual humano estende-se bastante para além dos limites destes conceitos. Na maioria dos casos, e como comprovam os resultados desta pesquisa, as relações íntimas que acontecem durante uma viagem de férias dão-se com os parceiros habituais ou com novos parceiros em situações que, embora possam ser de curta duração, estão longe das características mercantis e de exploração descritas pelas investigações realizadas no interior do *paradigma do turismo sexual*.

1.2.1 O Turismo Sexual e o Turismo de «Romance»

O *turismo sexual* tem sido, como se disse, associado à dominação masculina e às suas subjetividades e privilégios, com origem nos fenómenos do imperialismo, militarismo, mobilidade e “impulsos sexuais inatos” (Enloe, 1989; Jeffreys, 1997). Tal como defende Jeffreys (2003: 223), “until recently sex tourism has been most commonly understood to be a leisure activity of men who visit tourism destinations to engage in commercial sex”.²² Tem sido colocada uma ênfase tão forte nesta área, que a expressão *turismo sexual* é virtualmente usada como sinónimo do *turismo sexual comercial* (Legardinier & Villette, 2007; McKercher & Bauer, 2003) e, embora esta posição não esteja isenta de críticas (Brents, Jackson & Hausbeck, 2010; Cabezas, 2004; Frohlick, 2010; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; Oppermann, 1999; Ryan, 2000; Ryan & Kinder, 1996), daqui em diante designaremos esta perspetiva analítica como o *paradigma do turismo sexual*.

Tal como salientam McKercher e Bauer (2003), a obsessão pelo *turismo sexual* e pelas suas características negativas, tem criado duas impressões enganosas sobre a natureza da relação entre a sexualidade e o turismo. A primeira é a de que só os turistas é que pagam para ter sexo nos destinos turísticos quando, na realidade e, na maior parte dos casos, o *turismo sexual* cresceu onde já existia uma indústria dedicada à comercialização sexual que servia os residentes. O’Connell-Davidson (1996) apelida estes turistas de “turistas sexuais situacionais”, visto que eles apenas vieram tirar partido de uma cultura pré-existente ligada à comercialização sexual (Legardinier & Villette, 2007).

A segunda impressão enganosa é a de que apenas os turistas sexuais, ou seja, aqueles que viajam com objetivo de ter relações sexuais comerciais no local de destino, têm efetivamente

²² Até muito recentemente, o *turismo sexual* tem sido entendido como uma atividade de lazer praticada por homens que visitam destinos turísticos em busca de sexo comercial. Tradução própria.

relações sexuais quando viajam. Pelo contrário e, tal como comprovam os resultados deste estudo, a grande maioria das pessoas que se envolve em atividades sexuais durante uma viagem turística, fá-lo com o seu parceiro habitual ou então com um novo parceiro, numa relação que, embora possa estar apenas circunscrita ao período temporal das férias, é consensual e não pecuniária (Marques & Lança, 2016; McKercher & Bauer, 2003).

No entanto, o estudo da sexualidade em contexto turístico tem feito sobressair quase exclusivamente as práticas sexuais mercantis, com recurso à prostituição. Práticas que, pelas suas características, implicam um certo grau de marginalidade, constituem um fator de risco²³ no que toca à disseminação de IST (infecções sexualmente transmissíveis) ou que atentam à dignidade humana, tais como a exploração sexual, o tráfico de seres humanos e a pedofilia. Grande parte dos objetos empíricos destes estudos são precisamente as situações de troca de serviços sexuais por algum tipo de gratificação (monetária ou outra), como é o caso da prostituição com adultos ou crianças, observada nas regiões menos desenvolvidas de alguns países do Sudeste Asiático, da América do Sul, das Caraíbas e, mais recentemente, de África (Carter & Clift, 2000; De Albuquerque, 1998; Kempadoo, 1999; Michel, 2009; O'Connell-Davidson, 2001; Oppermann, 1999, 1998; Piscitelli, 2007a; Sanchez-Taylor, 2001). Nestas regiões, é possível observar significativas desigualdades de género e também enormes assimetrias socioeconómicas entre visitantes e visitados (Dahles, 1999; Leheny, 1995).

Efetivamente, visitantes oriundos de países ricos, designados por Nagel (2003) como viajantes etnossexuais (*ethnosexual travellers*), tiram partido dos privilégios conferidos pela

²³ U. Beck (2013[1986]) foi um dos sociólogos mais notáveis no desenvolvimento e problematização do conceito de risco. A sua teoria da "sociedade de risco" conseguiu ultrapassar as divisões disciplinares da sociologia e expandiu-se para os campos do ambientalismo e sustentabilidade, direito, ciências da saúde, agricultura, política e filosofia. Para Beck, as consequências do desenvolvimento científico e industrial são um conjunto de riscos que não podem ser contidos espacial ou temporalmente. O risco é, no seu entender, um estágio intermédio entre a segurança e a destruição, e a perceção dos riscos determina o pensamento e a ação dos indivíduos. Beck argumenta que os riscos são "transescalares" e que a sua distribuição é transversal a todos os indivíduos e todas as classes sociais. A propósito dos riscos de transmissão do VIH/SIDA à luz dos conceitos propostos por Beck ver, por exemplo, o trabalho desenvolvido por Vallejo (2002).

articulação entre nacionalidade, classe social e raça para «consumirem» sexo nos países pobres (Cabezas, 2004; Cantalice, 2009; Frank, 2007; Murphy, 2010; O’Connell-Davidson, 1996; Piscitelli, 2004; Prideaux *et al.*, 2004; Truong, 1990), e são vários os autores que, inspirados no trabalho de Foucault (1999 [1977]) sobre o poder, e no de Said (1979) sobre o orientalismo, têm documentado o modo como o turismo - para alguns, uma forma de neocolonialismo - tem representado e difundido a categoria do “outro exótico” (*exotic other*), transformando os países menos desenvolvidos em “periferias do prazer ocidental” (Altman, 2001; Bandyopadhyay & Nascimento, 2010). Estas imagens de exotismo, que não passam de meras projeções idealizadas têm, com frequência, formatado a identidade e a promoção de certos destinos precisamente como destinos de *turismo sexual* (Manderson, 1997).

O poder económico e o desejo sexual pelo “outro exótico” (Johnston, 2001) estimulam um fenómeno designado por *sexotismo*²⁴ (Michel, 2009) ou “relacionamento etnossexual” (Nagel, 2003) embora, como refere Cabezas (2004: 987), a conquista sexual do “outro exótico” seja bastante mais antiga, com origem nos processos de colonização dos territórios:

Sexual conquest and exploitation were of paramount importance to the European colonizers, who raped and looted their way through the Americas. Early on, sex was tied into economic and social processes, from the breeding slaves, trafficking in women, and hiring of wet nurses to the use of concubines and prostitutes. For more than five hundred years, the sexual labor of women has been embedded in the normal operation of political and economic structures in this part of the world.

²⁵

Stoler (1995) também mostra que o imperialismo das potências europeias dos séculos XVIII e XIX teve subjacente uma política de colonização das mentes e dos corpos. No seu

²⁴ Segundo Michel (2009), o *sexotismo* refere-se a uma aliança entre o exotismo e o sexo. Designa, no seu entender, uma espécie de moda em crescimento que consiste em procurar gratificação sexual com pessoas de diferentes culturas.

²⁵ A conquista e a exploração sexuais foram de suma importância para os colonizadores europeus, que violaram e saquearam durante o seu percurso pelas Américas. Desde o início que o sexo esteve vinculado aos processos económicos e sociais, da reprodução de escravos ao tráfico de mulheres e à contratação de enfermeiras que serviam de concubinas e prostitutas. Há mais de 500 anos que o trabalho sexual de mulheres tem sido incorporado no funcionamento normal das estruturas políticas e económicas nesta parte do mundo. Tradução própria.

entender, os discursos sobre a sexualidade que fluíam nos circuitos dos impérios coloniais, além de exprimirem a distintividade das elites europeias, contribuíram decisivamente para a emergência de importantes eixos de alteridade e a constituição de profundas diferenças identitárias entre colonizadores e colonizados (Sacramento, 2014). Os nativos coloniais eram idealizados como uma espécie de antítese moral do que seria o perfil civilizacional europeu, sendo que os seus hábitos sexuais serviam, do ponto de vista das elites, precisamente para enaltecer um amplo sistema de valores considerado como marca de civilidade (*Idem*).

Mais recentemente, Kempadoo (1999), Kibicho (2009) e Williams (2013) analisam os fenómenos de exploração e dominação dos homens brancos sobre as mulheres negras. No seu entender, apesar da origem destes fenómenos remontar à época colonial, eles ainda continuam a explicar as lógicas da prostituição feminina praticada nas regiões menos desenvolvidas do planeta. Concretamente, os autores pretendem pôr em evidência a forma como os homens oriundos de países ricos continuam a tirar partido das relações sexuais mercantis que estabelecem com as mulheres autóctones, cuja debilidade económica as faz depender da prostituição para sobreviver.

E é precisamente por existirem pontos de confluência entre a prostituição – no sentido estrito do termo - e o *turismo sexual*, concretamente a troca de serviços sexuais por algum tipo de gratificação, que existe a tendência para «amalgamar» os dois fenómenos como se de um único se tratasse. Contudo, vários autores advertem para a necessidade de se perceber que, no *turismo sexual*, nem sempre se verifica uma mercantilização direta e imediata da sexualidade, como acontece nas situações mais clássicas de prostituição (Cabezas, 2004; Cohen, 1982, 2003b; Michel, 2006; Oppermann, 1998, 1999; Piscitelli, 2004; Ribeiro & Sacramento, 2006; Ryan & Kinder, 1996; Silva & Blanchette, 2005). Oppermann (1999) defende, a propósito, que o *turismo sexual* constitui apenas uma pequena parte do fenómeno que é a prostituição, já que no seu entender, o *turismo sexual* envolve mais do que a gratificação monetária, que é usualmente

associada à prostituição. Além do mais e, tal como já se referiu anteriormente, em muitos casos, os turistas que procuram ter relações sexuais comerciais durante uma viagem, apenas tiram partido da indústria da prostituição existente no destino, que nasceu para servir os residentes e que, só mais tarde, encontrou no turismo uma nova «oportunidade de negócio» (McKercher & Bauer, 2003; Oppermann, 1999).

Oppermann (1999) dá como exemplo o caso de alguns turistas de negócios e conferencistas que recorrem à prostituição durante as suas viagens de trabalho, enquanto outros turistas procuram gratificação sexual como parte da sua experiência de férias sem, contudo, se valerem da prostituição (Oppermann, 1999). Apesar de haver uma relação bastante estreita entre os dois fenómenos, eles não se podem confundir, já que o *turismo sexual* pode envolver um tipo de trocas mais complexo do que apenas dinheiro por serviços sexuais (Agustín, 2010b; Cabezas, 2004; Frohlick, 2010).

Para Oppermann (1999), na relação entre sexo e turismo é necessário considerar também o motivo e a duração da viagem, o tipo de relação entre os intervenientes, a forma como se enceta o encontro sexual e o perfil dos indivíduos que têm relações sexuais durante a viagem turística. Também McKercher e Bauer (2003) defendem que, contrariamente à prostituição, onde se verifica a troca direta dos serviços sexuais por uma retribuição monetária, na relação entre sexo e turismo é preciso ter em conta três dimensões adicionais: o papel que o sexo e o romance desempenham na motivação para viajar, a natureza do encontro e o papel desempenhado pela indústria turística²⁶ enquanto facilitadora dos encontros sexuais e românticos.

²⁶ De acordo com Richards (1996) e Mathieson e Wall (1982), o turismo tornou-se numa das principais indústrias globais a partir dos anos 70 do século anterior. Nessa altura, uma parte dos países europeus começou a reconhecer o potencial do turismo enquanto gerador de riqueza e de empregos, passando a existir também a consciência de que o turismo provoca impactos (muitas vezes) irreversíveis nos territórios, como aos níveis social, cultural, patrimonial e ambiental.

De acordo com Cabezas (2004), o *turismo sexual* tem por base sobretudo uma “economia emocional”, negociada pelos intervenientes em “complexos jogos de poder” (Foucault, 1992), tornando o fenómeno demasiado intrincado para ser alvo de reducionismos. Nos estudos que realizou sobre sexo, turismo e cidadania em Cuba e na República Dominicana, Cabezas (2004, 2006) mostra que as relações íntimas entre os turistas e a população local vão além da troca de dinheiro por serviços sexuais. Ainda que muitos turistas viajem para estes lugares movidos pela concretização de relações sexuais comerciais - sendo precisamente essa motivação que permite classificá-los como turistas sexuais -, a resposta dos parceiros com quem se envolvem no destino, pode adquirir outras nuances. Muitos dos homens e mulheres entrevistados por Cabezas admitem que, apesar da relação com os turistas poder representar um acréscimo aos poucos rendimentos que retiram da atividade turística, preferem não aceitar contribuições monetárias para não serem rotulados como prostitutas(as). Assim, os(as) *jineteros(as)*, os *pingueros* e os *sanky pankys*²⁷ elegem outro tipo de gratificações, tais como roupas, joias, produtos alimentares, entradas em bares e discotecas, como recompensa pelas relações íntimas que estabelecem com os turistas. Acreditam que as transações comerciais podem impedir a concretização de relações mais duradoras, como é o caso do casamento e da consequente emigração para países mais desenvolvidos.²⁸ Neste caso concreto, é de notar que nem os turistas nem os locais se autoidentificam como turistas sexuais ou como trabalhadores sexuais²⁹, pelo

²⁷ Termos usados sobretudo na região das Caraíbas para fazer referência aos indivíduos que providenciam serviços sexuais aos turistas, tanto em relações heterossexuais como homossexuais.

²⁸ Ver, a propósito, os trabalhos conduzidos por Piscitelli (2004; 2007b) e Sacramento (2014) sobre as mobilidades transnacionais de homens europeus e de mulheres brasileiras, com origem no quadro das relações sexuais/amorosas mantidas num país tropical (Brasil). As migrações vinculadas ao *turismo sexual* são heterogêneas e nem sempre têm como efeito a inserção das mulheres migrantes na indústria do sexo. Concretamente, os autores mostram que em muitos casos, aquilo que começou por ser uma relação sexual comercial mantida no destino turístico, pode evoluir para uma relação amorosa ou matrimonial, com a consequente emigração de um dos parceiros.

²⁹ No caso dos estudos realizados por Kempadoo (2001) e Johnson (2012), as mulheres entrevistadas mostram pouco embaraço em autoidentificarem-se como prostitutas ou trabalhadoras sexuais, ao passo que os homens que desempenham o mesmo tipo de funções manifestam alguma resistência na autoidentificação dentro destas categorias, preferindo usar termos como *beach boys*, *beach bums*, *gigolos*, *sanky pankys* ou *hustlers*. De qualquer forma, é necessário ter presente que existem pelo menos duas formas de observar a mesma realidade: uma que corresponde à visão interna, a do grupo pesquisado (*emic*) e outra que corresponde à visão externa, a do pesquisador (*etic*) e que elas não são necessariamente coincidentes (Berry, 1999; Harris, 1990).

que a autora adverte para a existência de uma linha muito ténue entre o amor, o romance, a sexualidade e o dinheiro:

Cubans and Dominicans challenge and shape their condition of subordination within the global economy by eroding and confusing the lines between love and money, romance and work. They navigate the interstices of the racialized, gendered, and sexualized structures imposed by the transnational tourism industry and the state³⁰ (Cabezas, 2004: 1010).

A difícil separação entre as relações íntimas de carácter comercial e as relações matrimoniais é também evidenciada, por exemplo, por Cohen (2003b), num debate sobre a articulação entre a prostituição orientada para turistas na Tailândia e o fenómeno dos casamentos transnacionais entre mulheres locais e turistas estrangeiros. O autor mostra a frequente evolução de uma relação sexual comercial para uma relação matrimonial, destacando a falta de nitidez na fronteira entre a prostituição e o casamento, ao ponto de poder considerar-se o matrimónio com um estrangeiro como a consequência última da prática do sexo comercial. Também Ribeiro e Sacramento (2006, 2007), através do estudo que realizaram na praia de Ponta Negra (Natal, nordeste do Brasil), realçam a possibilidade de uma relação sexual mercantil poder evoluir para um matrimónio. No jogo de sedução entre garotas de programa³¹ e gringos³², as primeiras atuam estrategicamente para assegurar

(...) os seus interesses comerciais e/ou projetos de vida, procurando fidelizar a clientela e, não raro, estabelecer um relacionamento amoroso com um ou outro turista que a ajudará economicamente e, mais tarde, poderá permitir-lhe a realização do sonho da maioria das jovens que fazem *programas* em Ponta Negra: casar com um *gringo*, ser *bancada* (sustentada) por ele e, eventualmente, ir para a Europa (Ribeiro & Sacramento, 2007: 12).

³⁰ Cubanos e dominicanos desafiam e moldam a sua condição de subordinação dentro da economia global, corroendo e confundindo as linhas entre o amor e o dinheiro, o romance e o trabalho. Eles navegam nos interstícios das estruturas raciais, do género e da sexualidade que são impostas pela indústria do turismo transnacional e pelo Estado. Tradução própria.

³¹ A designação *garota de programa* é usada no discurso social para fazer referência às mulheres que se prostituem ou que são tidas como sexualmente promíscuas (Gaspar, 1985 in Ribeiro & Sacramento, 2007).

³² O termo *gringo* é usado no Brasil para designar qualquer estrangeiro no país, não sendo necessariamente visto como algo depreciativo (Silva & Blanchette, 2005).

Segundo Piscitelli (2005), as interações entre turistas e prestadores de serviços sexuais enquadram-se naquilo que apelida de uma “prostituição difusa”. Para a autora – e este é também o ponto de vista aqui assumido - o *turismo sexual* implica sempre algum tipo de mercantilização das relações, ainda que possa não existir um «cardápio» com valores associados às diversas práticas sexuais. No entanto, a vertente mercantil não desaparece completamente, assumindo muitas vezes configurações que fazem lembrar as obrigações que sustentam o tradicional contrato matrimonial, segundo o qual é obrigação do marido sustentar a esposa (Ribeiro & Sacramento, 2006).

Neste tipo de relações íntimas, aquilo que pode ter começado por ser uma transação puramente mercantil – prestação de serviços sexuais a troco de dinheiro – pode evoluir para uma relação com um certo envolvimento afetivo, sendo que a vertente comercial pode gradualmente vir a tornar-se menos explícita. Para o efeito, as mulheres com quem os turistas se relacionam produzem uma “ilusão de normalidade” (Piscitelli, 2005) que possibilita que estes não se percebam necessariamente como clientes. Muitos turistas avaliam mesmo como genuínas as atitudes e emoções destas mulheres, o que nos permite afirmar que eles não compram apenas serviços sexuais, mas também (e sobretudo) uma “ilusão de conquista” (Ribeiro & Sacramento, 2006; Simoni, 2010). Por esse motivo, Piscitelli (2016) chama a atenção para a necessidade de se analisar cuidadosamente os conceitos de “economias sexuais” e “mercados de sexo”, considerando que estes fenómenos não se enquadram na economia de mercado, no sentido restrito da troca de bens por valores monetários. Mais do que isso, trata-se essencialmente de um complexo terreno de trocas simbólicas (Bourdieu, 2007).

Pelos motivos expostos, importa sublinhar que os discursos mais comuns, assentes sobretudo nas bases do feminismo radical (McCormick, 1994), que tendem a apresentar as mulheres que se dedicam ao sexo comercial como a parte exclusiva e sistematicamente explorada, devem ser encarados com alguma reserva. Se é certa a supremacia económica da

maioria dos turistas - que viajam com motivações sexuais ou que participam «acidentalmente» neste tipo de práticas no destino -, quando comparada com a debilidade económica da generalidade das mulheres locais com quem eles se envolvem sexualmente, não menos verdade é a capacidade de autodeterminação destas mulheres, nomeadamente na esfera sexual, permitindo-lhes desafiar a desigualdade estrutural de género e os estereótipos normalmente associados à condição feminina (Aalbers, 2005; Omondi & Ryan, 2017; Oppermann, 1999; Ryan & Kinder, 1996).

Para além disso, e na esteira do que é referido por Oppermann (1998, 1999), McKercher e Bauer (2003), é forçoso salientar que o *turismo sexual* não se circunscreve apenas ao consumo da prostituição, no sentido mais estrito do termo. Podendo ela estar presente em diversos contextos turísticos, a maioria das relações sexuais e eróticas em tempo de férias não está associada a esta prática. Quando as mulheres locais encetam relações com os turistas e são sustentadas por eles, não se trata de uma mercantilização direta e imediata da sexualidade, isto é, não há de facto prostituição: pelo lado da oferta, a disponibilização do corpo em troca de uma retribuição monetária e, pelo lado da procura, a compra de serviços sexuais a troco de dinheiro (Ribeiro & Sacramento, 2006). Por outras palavras, o cliente/turista não se vai embora depois do ato sexual, deixando o pagamento pelos serviços prestados. Trata-se sobretudo de uma “economia emocional” (Cabezas, 2004), negociada pelos intervenientes no decorrer das relações que estabelecem. Nesse sentido, há que ter presente que na interconexão entre turismo e sexualidade observam-se relações bastante heterogéneas, muitas delas onde se crê que a afetividade pontua sobre o sexo e sobre o dinheiro, como é o caso do *turismo de romance*.

Justamente porque o *turismo sexual* tem sido descrito na maioria dos estudos - nomeadamente aqueles que têm sido realizados na Ásia do Sudeste e na Oceânia - como uma atividade do domínio masculino que se associa em grande medida à prostituição, surgiu como forma de reação, uma outra perspetiva para dar conta da relação entre o turismo e a sexualidade

humana: o *turismo de romance* (*romance tourism*). Esta expressão foi cunhada por Pruitt e LaFont, num estudo publicado em 1995, sobre as relações entre as turistas americanas e os homens autóctones na Jamaica, com o objetivo de distinguir estes relacionamentos da prostituição existente nas Caraíbas (Jacobs, 2009; Kempadoo, 1999).

Com base no trabalho etnográfico que realizaram, as autoras defendem que, quer as turistas, quer os homens locais com quem elas se envolvem, veem os seus relacionamentos mais focados na dimensão romântica e na corte, do que propriamente na relação sexual e no dinheiro. Nesta perspetiva, o conceito de *turismo de romance* alude mais ao *flirt*, à fantasia, às atividades de namoro que ocorrem entre os homens locais e as turistas e às relações que, muitas vezes, têm uma duração maior do que apenas um caso passageiro e puramente comercial, tal como o conceito de *turismo sexual* parece encerrar (Herold, Garcia & DeMoya, 2001). Parte da «fantasia» que o conceito de *turismo de romance* envolve é realizada precisamente através da separação entre as relações românticas e a prostituição.

Segundo Pruitt e LaFont (1995), os homens autóctones que se envolvem com as turistas estrangeiras não solicitam explicitamente uma retribuição monetária, insinuando antes a necessidade de uma «contribuição» através, por exemplo, da descrição das suas situações económicas desfavoráveis, na expectativa de que as turistas respondam generosamente. Também Cantalice (2009) demonstra, através do trabalho etnográfico que realizou em Pipa (Brasil), que os *caça-gringas*³³ não estão apenas interessados nos aspetos materiais. Segundo o autor, há que considerar também os aspetos simbólicos presentes nestas relações afetivo-sexuais, já que relacionar-se com mulheres estrangeiras confere *status* aos homens locais, permitindo simultaneamente melhorar-lhes a qualidade de vida e alimentar o imaginário

³³ O termo *caça-gringa* é uma categoria usada, em sentido amplo, para designar os homens que costumam empreender relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres estrangeiras, sendo movidos por interesses materiais e simbólicos (Cantalice, 2009).

coletivo.³⁴ Por esse motivo, os homens locais armam-se de discursos românticos, usando e (re)significando em seu proveito os estereótipos atribuídos à masculinidade e ao exotismo: sensualidade, hipersexualidade e mestiçagem (Sacramento & Ribeiro, 2013).

Com base nestes pressupostos, Pruitt e LaFont (1995) defendem que, ao contrário do *turismo sexual* que perpetua a dominação masculina e as desigualdades de gênero, o *turismo de romance* possui um potencial emancipatório para as mulheres, ao desafiar os papéis sexuais e as disparidades que lhe estão normalmente associadas, opinião que é também partilhada por Meisch (1995), Dahles e Bras (1999), Hamid-Turksoy, van Zoonen e Kuipers (2013) e Phillips (1999; 2002). Nas palavras de Christian-Smith (1990: 28), o romance serve precisamente para construir uma “subjectividade feminina em/com relação ao *outro*, neste caso, o namorado”, contribuindo para o reforço da integridade do *self*, ao mesmo tempo que possibilita a inversão das relações normativas de poder.

Mais tarde, outros autores chegaram mesmo a aprofundar o «eufemismo» de Pruitt e LaFont, ao descreverem os *beach boys*³⁵ que se envolvem com as turistas ocidentais, como “empresários do romance” (*entrepreneurs in romance*), (Dahles & Bras, 1999; Jeffreys, 2003; Weichselbaumer, 2012) ou “amantes românticos” (*romantic lovers*), (Simoni, 2015), porque os homens envolvidos são, regra geral, indivíduos adultos e livres, por oposição às mulheres, adolescentes e crianças que, na Tailândia e noutras partes do mundo, são vítimas das estruturas

³⁴ Bindel (2013) mostra, contudo, que alguns destes homens sentem pouco embaraço ou estigma por venderem serviços sexuais às turistas estrangeiras de meia idade, chegando mesmo a afirmar que as recompensas monetárias ou de outra ordem contribuem para a (re)afirmação da sua masculinidade.

³⁵ Os homens que trocam serviços sexuais por algum tipo de recompensa, muitas vezes não se autoidentificam como trabalhadores sexuais. Por esse motivo, são apelidados de *beach boys*, *island boys*, *players*, *gigôlos*, *hustlers* e outros termos usados sobretudo na região das Caraíbas (Bauer, 2007, 2014; De Albuquerque, 1998; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; Jeffreys, 2003; Phillips, 1999, 2002; Weichselbaumer, 2012). Esta terminologia cria um espaço discursivo distinto para homens e mulheres que se dedicam ao trabalho sexual, sendo uma estratégia bastante comum para afastar os homens do estigma da prostituição. As práticas sexuais destes homens são consistentes com a construção da masculinidade no Caribe, em termos de proezas sexuais, diversidade de parceiras e hipersexualidade. Sanchez-Taylor (2006), por exemplo, enfatiza como estes homens se baseiam no estereótipo do “garanhão negro” para mediar os seus encontros afetivo-sexuais com as mulheres estrangeiras.

de dominação masculina, da exploração sexual ou do tráfico de seres humanos (Brown, 2003; Salas, 2008), descritos nos quadros do *turismo sexual* (Marques & Lança, 2016).

Em resumo, e de acordo com esta perspetiva analítica, enquanto o *turismo sexual* seria praticado por homens ocidentais que viajam para países em desenvolvimento em busca de relações sexuais puramente comerciais, o *turismo de romance* ficaria reservado às mulheres, ocidentais também, que viajam para destinos pobres à procura de amor, relações afetivas, carinhosas, românticas e, se for caso disso, sexuais. Salta à vista, portanto, que esta distinção tem por base uma naturalização das características de género e uma reprodução do duplo padrão aplicado ao comportamento sexual de homens e mulheres (Ferreira, 2010b; Jackson & Scott, 2004; Giddens, 2000; Sanchez-Taylor, 2006). Em concreto, baseia-se numa perceção ainda hoje muito difundida pelo senso comum, segundo a qual as mulheres procuram ligações afetivas e emocionais, isto é, procuram amor, enquanto os homens procuram relações físicas e eróticas, ou seja, procuram sexo (Pease & Pease, 2009).

Ora a ideia segundo a qual o *turismo de romance*, por ser praticado por mulheres, deve ser tratado teoricamente de forma distinta do *turismo sexual*, que é praticado por homens, para além de sexista (Cantalice, 2009; De Albuquerque, 1998; Kempadoo, 2004; O'Connell-Davidson, 1998; Sanchez-Taylor, 2006, 2001; Spencer & Bean, 2017), não é confirmada a nível empírico. Vários estudos têm mostrado que muitas mulheres viajam com o propósito de ter relações sexuais comerciais *tout court*, fazendo uso do seu poder económico para manipular os relacionamentos que estabelecem com os homens locais (Bauer, 2014; Belliveau, 2006; De Albuquerque, 1998; Johnson, 2009; Kempadoo, 1999; O'Connell-Davidson, 1998; Oppermann, 1998; Ryan, 2000; Sanchez-Taylor, 2000, 2001, 2006; Spencer & Bean, 2017; Theozen, 2015). Nas palavras de O'Connell-Davidson e Sanchez-Taylor (1999: 49),

Like their male counterparts, Western female sex tourists employ fantasies of Otherness not just to legitimate obtaining sexual access to the kind of young, fit, handsome bodies that would

otherwise be denied to them and to obtain affirmation of their own sexual desirability (...) but also to obtain a sense of power and control over themselves and others (...).³⁶

Simultaneamente, é preciso não esquecer que muitos homens viajam também na expectativa de se envolverem numa relação romântica, onde a afetividade pontua sobre o sexo, ainda que a troco de uma prestação pecuniária ou de outro tipo (Gunther, 1998; Omondi & Ryan, 2017; Ribeiro & Sacramento, 2006; Ryan & Kinder, 1996). Alguns desses homens acabam, como se viu, por casar ou por encetar relações duradouras com parceiras que encontraram numa relação inicialmente comercial (Piscitelli, 2007b; Sacramento, 2014).

É frequente apelar de turista sexual o homem que, em situação de viagem, procura sexo a troco de dinheiro, mas o mesmo não acontece com a mulher que adota o mesmo tipo de comportamentos. Ainda existe uma espécie de resistência em designar o comportamento sexual das mulheres (que pode ter características predatórias e mercantis tão ou mais acentuadas que o dos homens) como uma forma de *turismo sexual*. Segundo Kempadoo (2004: 129), esta estratégia de desvincular a mulher do *turismo sexual* serve, em primeiro lugar, para

(...) manter o mito de que as mulheres estão interessadas em sexo unicamente quando ele está atrelado a noções de amor e de intimidade (confirmando noções hegemónicas das diferenças de género) e, em segundo lugar, para absolvê-las de qualquer responsabilidade pelas desigualdades globais.

Frohlick (2013), por oposição, apesar de reconhecer o domínio económico das turistas ocidentais, que as coloca numa posição de vantagem relativamente aos homens com quem se envolvem, critica veementemente a expressão *turismo sexual feminino*³⁷ (embora também não lhe chame *turismo de romance*). Segundo a autora,

³⁶ Tal como os seus homólogos masculinos, as turistas do sexo feminino ocidentais empregam fantasias de alteridade não apenas para legitimar o acesso sexual a corpos jovens, musculados e bonitos que, de outra forma lhes seriam negados, como também para afirmarem a sua própria sexualidade (...) e obterem uma sensação de poder sobre si mesmas e os outros (...). Tradução própria.

³⁷ Já Cantalice (2009: 161) afirma que quando o consumo de serviços sexuais em contexto de viagem é feito por

(...) em virtude das normas da feminilidade e das diferenças de género, as mulheres não podem exercer um poder masculinizado e, já que não dispõem da agência para explorar, pelo menos não da mesma forma que os turistas masculinos o fazem, são sempre subordinadas nos encontros transnacionais (*Idem*: 180).

Para Sanchez-Taylor (2006), a resistência em admitir que as mulheres também praticam *turismo sexual* advém da propensão para relacionar o *turismo sexual* com a mercantilização da sexualidade, designadamente com a prostituição. Nesse sentido, e uma vez que os homens são os principais clientes da prostituição,

(...) torna-se difícil conceber a ideia do ‘turismo sexual feminino’ por se tratar de uma contradição terminológica. (...) Os modelos essencialistas relativos ao género e à sexualidade, bem como o significado comum do que se entende ser a exploração sexual, ‘excluem’ a possibilidade de que uma mulher possa explorar sexualmente um homem (*Idem*: 44).

Porém, na perspetiva aqui adotada e em linha com o pensamento de Kempadoo (2004), defende-se que o *turismo de romance* serve justamente para «encobrir» o comportamento das turistas femininas que procuram sexo a troco de retribuições monetárias ou de outro tipo. Mesmo que movidas pela ideia de se envolverem numa relação romântica, o sexo acaba por ser um elemento presente nas relações que estabelecem com os homens locais, assim como o auxílio económico que lhes prestam. Por esse motivo, entende-se que esta forma de articulação entre turismo e sexualidade integra-se claramente no *paradigma do turismo sexual* e deve ser tratada com recurso ao mesmo quadro de análise.

A mercantilização da sexualidade em contexto turístico, seja ela mais ou menos explícita, está longe, como se viu, de aglomerar todas as relações sexuais e românticas que acontecem durante o tempo de férias. As relações íntimas que ocorrem entre turistas e autóctones (ou

mulheres, “quase que instantaneamente nos vemos forçados a atrelar ao termo *turismo sexual* o adjetivo «feminino». Isso revela como essa atividade foi forjada para ser desempenhada por um determinado género e como nós incorporamos e reproduzimos através do discurso, mesmo que buscando romper seus limites, a generificação de diversas atividades. (...) Necessitamos especificar que se trata de um facto «incomum», daí a adição do adjetivo ao final: *turismo sexual feminino*.”

entre os próprios turistas) são heterogêneas e polimórficas, situando-se algures entre o amor, o romance, o sexo ou mesmo o dinheiro e os bens materiais (Frohlick, 2013; Herold, Garcia & DeMoya, 2001). Porque estes elementos possuem diferentes pesos e medidas conforme os protagonistas e os seus projetos individuais, outros autores preferem substituir os conceitos de *turismo sexual* e *turismo de romance* pela ideia mais abrangente de “sexualidade durante o lazer e o turismo” (*sex and the sexual during leisure and tourism experiences*), (Carr & Poria, 2010).

1.2.2 Tipologias dos Encontros Sexuais em Contexto Turístico

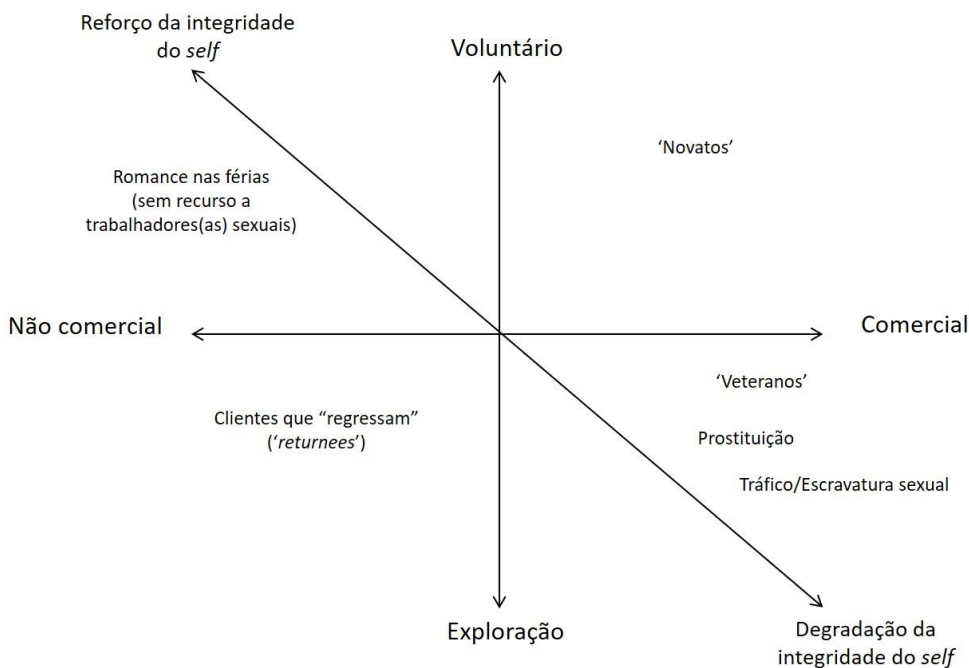
Não obstante a importância dos estudos que têm vindo a ser produzidos no interior do *paradigma do turismo sexual* (Altman, 2001; Salas, 2008), esta perspetiva ignora outras formas de sexualidade em contexto turístico (Agustín, 2010b; Oppermann, 1999; Ryan & Kinder, 1996). Tal como defende Cantalice (2009: 162), “o sexo é um elemento inerente ao turismo, não um segmento específico”. É necessário, portanto, distinguir o *turismo sexual* do amor, romance ou outro tipo de relações íntimas que também estão presentes durante a viagem turística porque, na verdade, a maioria dos encontros amorosos e sexuais que ocorrem nestas ocasiões são positivos, benéficos e não pecuniários (Carr & Poria, 2010; Jago, 2003; McKercher & Bauer, 2003). A própria indústria turística não é alheia a este fenómeno (Oppermann, McKinley & Chon, 1998) e tem vindo a desenvolver um enfoque cada vez maior na ideia romanceada das «escapadinhas em casal»³⁸, das luas de mel e das despedidas de solteiro(a), (Hatvany, 2011).

Uma análise crítica da articulação entre o turismo e a sexualidade humana implica uma visão mais fluida da realidade. Ryan e Hall (2001) foram os dois primeiros autores a estabelecer

³⁸ Curtas viagens de lazer que têm como principal objetivo aproximar os membros do casal, reforçando os seus laços de afetividade e intimidade. Tratam-se de experiências românticas a dois que têm por base os seguintes critérios: produto/serviço criativo e experienciável com o intuito de estimular os sentidos, despertar emoções e sensações, partilhar sentimentos, incrementar o romance, impressionar e permitir surpreender, possibilitar a vivência de momentos únicos e de sonho (Rodrigues, 2013).

uma tipologia dos encontros sexuais em contexto turístico, sem cair nas malhas da «denúncia». Para estes autores, importa distinguir três tipos de dicotomias que funcionam quer na perspetiva do turista, quer na perspetiva do(a) parceiro(a) ou trabalhador(a) sexual: 1) a relação é voluntária ou possui um carácter de exploração; 2) é comercial ou não comercial; 3) contribui para o reforço ou para a degradação da integridade pessoal dos intervenientes (*self-integrity*). Estas dicotomias podem ser graficamente representadas através de um diagrama (Figura 1.1), no qual um dos eixos representa o grau de voluntarismo ou de exploração do(s) envolvido(s), o outro eixo representa o nível de mercantilização da relação e o terceiro eixo representa o reforço ou a degradação da integridade do(s) do(s) participante(s).

Figura 1.1 – Tipologias dos Encontros Sexuais em Contexto Turístico



Fonte: Adaptado de Ryan e Hall (2001: 100).

Através deste diagrama, Ryan e Hall (2001) mostram que existe um *continuum* que, por um lado, vai desde a participação voluntária do(a) parceiro(a), até à exploração total (escravatura sexual) e, por outro lado, vai desde a ausência de mercantilização até à mercantilização total da relação. O mesmo é dizer que podem observar-se diferentes graus de mercantilização, desde a existência de «menus» com preços específicos para os diferentes serviços prestados – ou seja, aquilo que habitualmente se designa por prostituição -, passando pela troca de presentes ou outras gratificações, até às relações absolutamente não comerciais.

Esta esquematização permite constatar que as relações sexuais em contexto turístico são bastante heterogêneas. Podem, por isso, contribuir para reforçar a integridade pessoal dos envolvidos ou, pelo contrário, ajudar à sua degradação. O terceiro eixo do modelo proposto por Ryan e Hall (2001) representa então a integridade pessoal do(a) parceiro(a) ou trabalhador(a) sexual e vai desde as relações gratificantes que contribuem para o seu reforço, até às relações não gratificantes que contribuem para a sua degradação.

O esquema proposto por Ryan e Hall (2001) veio conferir maior inteligibilidade à relação entre sexo e turismo. Contudo, apresenta debilidades que um olhar mais atento permite apurar. Para os autores, por exemplo, não restam dúvidas sobre os contornos comerciais e de exploração que existem na prostituição, mas, convém lembrar que nem sempre a prostituição está associada a situações de exploração e coerção. É necessário avaliar ao grau de agência ou de constrangimento estrutural com que os indivíduos a praticam. Enquanto, para uns, tratar-se-á de uma profissão como outra qualquer (Jeffreys, 1997; O’Connell-Davidson, 1998; 2002; Ribeiro *et al.*, 2007; Ribeiro & Sacramento, 2006), outros referem efetivamente que são vítimas de situações de abuso e exploração (Barry, 1995; Brown, 2003; Michel, 2009; Montgomery, 2008; Salas, 2008).

No mesmo sentido, os clientes que “regressam” (*returnees*) são incluídos por Ryan e Hall (2001) no quadrante não comercial mas de exploração, como se fosse nítida a ausência da

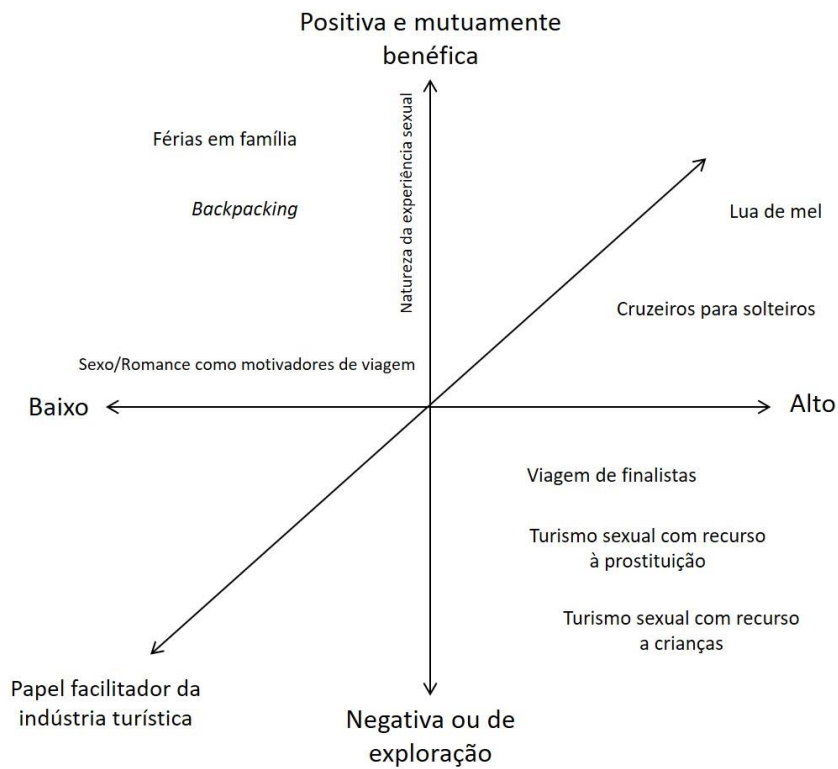
comercialização sexual ou a exploração que exercem sobre os indivíduos com quem se envolvem. Tal como descrevem outros autores, a comercialização sexual, seja ela mais ou menos evidente, costuma estar sempre presente neste tipo de encontros (Cantalice, 2009; Dahles & Bras, 1999; Jeffreys, 2003; Piscitelli, 2005; Simoni, 2015; Weichselbaumer, 2012), assim como é evidente a capacidade de autodeterminação de muitas mulheres e homens que se dedicam ao sexo comercial em contexto turístico (Aalbers, 2005; Omondi & Ryan, 2017; Oppermann, 1999; Ryan & Kinder, 1996). Estas evidências permitem questionar, à semelhança de Ribeiro e Sacramento (2006: 15), sobre “quem explora quem?” na relação turista-prestador de serviços sexuais.

Os romances em férias também devem ser analisados com precaução. Embora Rayn e Hall (2001) refiram que é clara a natureza voluntária e não comercial deste tipo de relações, na verdade, o grau de comercialização pode ser questionável. Ainda que os autores afirmem tratar-se de relações românticas, sem recurso a trabalhadores sexuais, vários estudos têm demonstrado que as retribuições, compensações e outro tipo de ajudas materiais também não são raras nestes encontros (Cabezas, 2004; 2006; Piscitelli, 2005; Ribeiro & Sacramento, 2006; 2007). Para outros casais, porém, os romances encetados durante as férias podem não estar atrelados a qualquer componente material ou económica, demonstrando claramente o polimorfismo das relações íntimas em contexto turístico.

Anos mais tarde, McKercher e Bauer (2003) propuseram outro modelo para a análise da relação entre a sexualidade e o turismo que, embora integre algumas dimensões do modelo apresentado por Ryan e Hall (2001), o desenvolve noutra direção (Figura 1.2). Para McKercher e Bauer (2003), a relação entre turismo e sexualidade pode ser analisada a partir de três dimensões: 1) o papel do sexo e do romance (este último como precursor de uma eventual relação sexual) como motivadores da viagem turística; 2) a natureza dos encontros; 3) o papel

desempenhado pela indústria turística enquanto facilitadora dos encontros românticos e/ou sexuais.

Figura 1.2 – Relação entre Turismo e Sexualidade



Fonte: Adaptado de McKercher e Bauer (2003: 6).

Neste modelo observa-se, por um lado, que a motivação sexual ou de romance para a viagem turística se desenha num *continuum* que vai desde a busca de sexo e/ou romance como o único motivo da viagem, até ao facto do sexo e do romance não representarem qualquer papel na motivação para viajar. Por outro lado, e à semelhança do que foi preconizado por Ryan e Hall (2001), os encontros em contexto turístico podem ser positivos, mutuamente benéficos e recompensadores para os intervenientes ou negativos, degradantes e com contornos de exploração para um ou mais intervenientes. A interceção destes dois eixos é cruzada pelo papel

facilitador da indústria turística nos encontros românticos e/ou sexuais. Ela pode desempenhar um papel direto através do fornecimento do cenário (*setting*)³⁹, das infraestruturas específicas como o alojamento, os clubes ou os bordéis, até à provisão dos parceiros e das oportunidades de encontro, podendo desempenhar igualmente um papel indireto, através da própria natureza da experiência turística enquanto rutura com a vida quotidiana, que induz, como se viu, estados liminares propícios às experiências sexuais (McKercher & Bauer, 2003).

A primeira dimensão é, então, constituída pelo papel do sexo (e do romance) na decisão de viajar. Efetivamente, para algumas pessoas, a escolha dos destinos de férias depende exclusivamente da possibilidade de participarem em encontros sexuais ou românticos, quer se trate de uma viagem para ter sexo com recurso a trabalhadores sexuais, de uma lua de mel, de uma «escapadinha» romântica em casal ou de um cruzeiro para solteiros. Para outras, a perspectiva de virem a ter um romance ou de se envolverem numa relação sexual não tem qualquer importância na escolha do destino. Para a maior parte, provavelmente, o sexo, o amor e o romance como motivação da viagem turística, situam-se algures entre estes dois extremos (Marques & Lança, 2016).

O sexo pode ser esperado como um dos resultados da viagem (como no caso dos fins de semana românticos em casal ou das luas de mel) ou pode ser antecipado ou desejado como um dos resultados (como no caso das viagens de finalistas dos estudantes do ensino secundário ou universitário). Pode constituir apenas uma aspiração de um viajante solitário que pretende encontrar alguém para um futuro compromisso (como no caso das viagens de cruzeiro para solteiros) ou pode ser um acontecimento acidental, não planeado. É provável, contudo, que para

³⁹ Jacobs (2009), através do estudo que realizou sobre a relação entre mulheres turistas e homens locais no Egipto, reforça a importância de uma abordagem geográfica para compreender as conexões entre sexualidade e turismo, procurando desta forma desconstruir a imagem associada ao *turismo sexual*. Segundo a autora, o lugar (ou o cenário) deve constituir uma dimensão importante nesta análise, pois tal como adianta: “é necessário expandir o foco atual que se encontra na região do Caribe para outros destinos onde as distinções raciais são menos claras, a disparidade económica nem sempre é tão extrema e a praia não é a única paisagem da atração” (*Idem*: 44). Tradução própria.

a maior parte das pessoas, especialmente casais ou famílias em férias, o sexo seja um acontecimento que emerge na continuação das suas vidas quotidianas, apesar de poder ganhar em intensidade e assumir contornos especiais, dadas as próprias características da experiência turística (Marques & Lança, 2016; Zhang & Xu, 2019).

Da mesma forma, a natureza da relação sexual pode ser perspetivada numa linha contínua na qual um extremo representa as experiências positivas, recompensadoras e satisfatórias para os participantes e, o outro extremo, as experiências negativas e prejudiciais para um ou para todos os intervenientes. Note-se, a propósito, que McKercher e Bauer (2003) consideram a natureza das experiências sexuais em contexto de viagem familiar, *backpacking*, lua de mel e cruzeiros para solteiros, como positiva e mutuamente benéfica para os intervenientes. Mas, em sentido oposto, consideram que as experiências sexuais em contexto de viagem de finalistas ou de *turismo sexual* com recurso à prostituição, são negativas e envolvem contornos de exploração. Mais uma vez, convém sublinhar que é necessário ter em conta o grau de agência ou de constrangimento com que os indivíduos participam neste tipo de encontros. Tal como já se afirmou anteriormente, nem sempre a prostituição está associada a situações de exploração (Ribeiro *et al.*, 2007; Ribeiro & Sacramento, 2006), nem as experiências sexuais tidas pelos estudantes durante uma viagem de finalistas têm de ser «negativas e traumáticas», embora possam envolver comportamentos de risco, como o consumo de álcool, drogas ou a falta de proteção contra IST (Eiser & Ford, 1995; Carr, 2000; Josiam *et al.*, 1998; Sönmez *et al.*, 2006).

Mesmo no quadro do *turismo sexual*, devem considerar-se os terrenos ambíguos onde estas relações ocorrem. Embora muitos relacionamentos sejam mediados pelo interesse económico e por manifestações de poder e de exploração (Murphy, 2010), podem também envolver romantismo, amor e a idealização de uma relação duradoura, combinada em muitos casos, com o desejo de emigrar para países mais desenvolvidos (Cantalice, 2009; Piscitelli, 2007b; Ribeiro & Sacramento, 2007). A heterogeneidade em questão mostra a necessidade de

pensar o *turismo sexual* como um *continuum*, entre o polo em que ele coincide com a prostituição e o polo oposto, em que o relacionamento entre o turista e o autóctone tem subjacente um maior envolvimento emocional e não está monetariamente quantificado, pelo menos de forma direta e imediata (Ribeiro & Sacramento, 2006). Nas palavras de Silva e Blanchette (2005: 280), a “prostituta pode (também) transformar-se em namorada ou até em esposa; o turista sexual em marido; e as relações de comércio em relações entendidas como recíprocas, conforme os projetos e performances dos atores”.

Por outras palavras, a articulação entre o turismo e o comportamento sexual humano não se esgota nos limites da mercantilização e da exploração, motivo pelo qual esta pesquisa propõe analisar a sexualidade em contexto turístico de forma mais abrangente, integrando a perspectiva da “sexualidade durante o lazer e o turismo” (*sex and the sexual during leisure and tourism experiences*), (Carr & Poria, 2010).

Importa sublinhar, contudo, que dos homens e das mulheres continuam a esperar-se comportamentos distintos nos vários domínios da vida social, com particular destaque para a vida sexual. Por esse motivo, o próximo subponto examina, a partir da grelha de leitura das ciências sociais, a retrospectiva sócio-histórica do género como categoria de diferenciação social.

1.3 Construindo o Género: Retrospectiva Sócio-histórica

O género é um dos princípios organizadores mais importantes da vida social. Por género entendemos as especificidades de homens e mulheres sob os pontos de vista social, cultural e psicológico (Schouten, 2011), isto é, a identidade e os papéis percebidos ou projetados da masculinidade ou da feminilidade de um indivíduo (Aboim, 2017; Brandão, 2014).

Desde que entrou no léxico da sociologia, no início dos anos 1970, o género tornou-se um dos seus conceitos-chave e os processos sociais que se relacionam com o género um dos objetos mais explorados no âmbito desta ciência (Amâncio, 1994; Unger, 1979). Assim, a sociologia do género estuda as relações entre homens e mulheres, as ideias que estão na base dessas relações e a reprodução das desigualdades por elas criadas. A sua centralidade é totalmente adequada e não é surpreendente o período de tempo que levou para o género se afirmar dentro do pensamento sociológico, tomando em consideração que a perspetiva masculina ou o androcentrismo⁴⁰ dominou durante largos anos na produção científica, como se a sociedade fosse constituída apenas por homens. Durante muito tempo, a atenção centrou-se quase exclusivamente nos homens e as conclusões acerca de uma sociedade ou de uma comunidade no seu todo eram retiradas a partir das vivências masculinas. As mulheres foram relegadas para segundo plano e, quando incluídas, tratadas como se o seu lugar na sociedade constituísse uma espécie de desvio face à norma masculina (Jackson & Scott, 2002). O facto de os investigadores serem, na maioria das vezes, homens, influenciou as opções de pesquisa, assim como as possibilidades de contacto com a realidade empírica. E, mesmo quando os investigadores ouviam e entrevistavam mulheres, tal não garantia de que elas se exprimissem livremente (Schouten, 2011). Por motivos de adaptação ou intimidação, as mulheres acabavam por fazer eco das opiniões e depoimentos dos homens, transmitindo assim a ideia de uma uniformidade de opiniões e práticas⁴¹ (*Idem*).

Durante o século XIX e até à segunda metade do século XX, houve uma tendência para a «naturalização» das diferenças entre homens e mulheres. A opinião sobre o papel da mulher

⁴⁰ Termo originalmente cunhado pelo sociólogo americano Ward, em 1903. Está intimamente ligado à noção de patriarcado, embora não se refira apenas aos privilégios dos homens. Refere-se também à forma como as experiências masculinas são consideradas universais, sem dar o devido reconhecimento à sabedoria e experiência femininas.

⁴¹ Ardener (1975) desenvolveu o conceito de “cultura silenciada” (*muted culture*) precisamente para descrever o conjunto de ideias e normas existentes no seio das categorias com pouco poder (como é o caso das mulheres), que não são explicitadas em público e, por isso, raramente são registadas pelos investigadores. Na esfera pública, os “grupos silenciados” exprimem-se nos moldes prescritos pelos dominantes.

como auxiliar e secundário, justificado pela «natureza», refletiu-se nas obras dos clássicos da sociologia, como Tocqueville, Comte, Marx, Spencer, Engels, Durkheim, Simmel e Weber. Ainda que o pensamento destes autores apresente características diferentes, a tendência geral foi para aceitar o masculino como neutro, sendo sobre ele que produziram os discursos e, não escapando àquilo a que Bourdieu (1999), mais tarde, chamaria de “economia simbólica masculina”.

Tocqueville (1986 [1835]), na sua reflexão sobre a sociedade americana, destacou o respeito com que, na sua opinião, as mulheres eram tratadas, assim como a justiça da divisão do trabalho entre homens e mulheres naquele país, sendo que cabia às mulheres o desempenho das tarefas domésticas e aos homens o trabalho fora de casa e o sustento da família. Mais tarde, Comte (1978 [1852]) sublinhou também a função doméstica da mulher, que designou como “sexo afetivo”, cabendo ao marido a obrigação de a sustentar. No prefácio do *Catéchisme Positiviste* pode ler-se: “O homem deve alimentar a mulher, a fim de que ela possa cumprir convenientemente o seu santo destino social” (*Idem*: 131). Já Marx (1990 [1867]), cujo legado viria a ser tão importante para a corrente feminista,⁴² dedicou apenas uma ligeira atenção às mulheres e à condição feminina (Brown, 2012). No primeiro volume de *O Capital*, Marx descreve as condições de trabalho fabril e os “horrores” suportados por mulheres e crianças durante a Revolução Industrial. No entanto, as suas explicações foram mais descritivas do que analíticas, não se preocupando em problematizar efetivamente a subordinação social das mulheres (Federici, 2019).

Alguns anos mais tarde, Spencer (1882) seguiu a mesma linha de pensamento, ao defender, na sua teoria “organicista”, que as mulheres deviam ser libertadas do trabalho fora

⁴² Movimento de procura de compreensão das condições sociais das mulheres, tendo como objetivo melhorá-las e lutando por esse objetivo (Ferreira, 1988). Os movimentos feministas, ao nível político, social e científico, já tinham dado os primeiros passos durante o século XIX, embora ainda sem utilizarem esse termo.

de casa para poderem dedicar-se exclusivamente à gestação e educação dos filhos, sendo esta a forma mais “progressiva” e “eficaz” da organização das sociedades (Schouten, 2011). Posteriormente, Engels (2010), na sua obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, cuja primeira edição data de 1884, demonstra alguma preocupação com a participação da mulher na sociedade, chegando mesmo a presumir a existência de um sistema patriarcal, em fases primordiais de todas as sociedades. No entanto, admite que a condição social feminina do seu tempo advém do desenvolvimento da propriedade privada e das relações de produção, circunstância que levou o homem a exercer controlo sobre a capacidade sexual e reprodutiva da mulher, com o objetivo de garantir à descendência a passagem dos seus bens materiais.

Durkheim (2014 [1893]), sob a égide do pensamento funcionalista que ajudou a fundar, demonstrou também uma postura diferencialista, acentuando a complementaridade entre homens e mulheres, com ênfase no casal e não no indivíduo. Abordou a questão feminina ao afirmar que, para a sociedade funcionar de forma harmoniosa, todos os seus membros deveriam desempenhar um determinado papel. Defensor da coesão e reprodução sociais, sublinhou a complementaridade de funções entre homens e mulheres, em que um dos elementos deveria cuidar das funções afetivas (mulheres) e o outro das funções intelectuais (homens)⁴³. Surpreendentemente, o sociólogo que estabeleceu a célebre tese de que os factos sociais devem ser explicados por outros factos sociais, invocou, no caso das diferenças entre homens e mulheres, a «natureza» como fator explicativo (Schouten, 2011). Anos mais tarde, na obra *Suicídio* (1997 [1897]), Durkheim verifica que as mulheres casadas têm mais tendência para pôr

⁴³ Posteriormente, Parsons e Bales (1956) recuperam a ideia durkheimiana de sociedade enquanto sistema integrado de funções, defendendo que a estabilidade e o apoio das famílias são fundamentais para uma socialização de sucesso nas crianças. De acordo com os autores, a família funcionaria de forma mais eficaz com a divisão sexual do trabalho bem definida, na qual as mulheres desempenhariam papéis expressivos (proporcionando assistência, segurança e apoio emocional às crianças e ao marido), e os homens desempenhariam papéis instrumentais (sendo a fonte de sustento da família). As tendências expressivas e educativas das mulheres deveriam ser utilizadas para a estabilidade e conforto dos homens. Mais tarde, Connell (1987) acabaria por designar este grupo de mulheres como a “feminilidade enfatizada”, a qual se opõe diretamente na hierarquia social à “masculinidade hegemónica” que, no fundo, representa o grupo de homens que desempenham os papéis instrumentais.

termo à própria vida do que, por exemplo, os homens casados ou as mulheres solteiras. Com isto conclui que o casamento monogâmico é mais benéfico para os homens do que para as mulheres, já que lhes permite obter segurança e tranquilidade, ao mesmo tempo que contribui para satisfazer os seus impulsos sexuais «inatos». As referências de Durkheim à condição social da mulher, apesar da importância que viriam a ter sobretudo para os estudos feministas, mostram a preocupação do autor com a manutenção da ordem social, através de uma divisão «civilizada» do trabalho, alicerçada numa diferença entre homens e mulheres que foi tida como «natural».

À semelhança dos outros clássicos da sociologia, também Simmel (2009 [1908]) abordou as diferenças entre homens e mulheres com base na «naturalização». Ainda assim, Simmel foi o primeiro, entre os fundadores desta ciência, a preocupar-se com a cristalização destas desigualdades, prevendo um processo de maior autonomização das mulheres e a sua aproximação social face aos homens, em virtude das mudanças que observava na divisão gendrificada do trabalho. Embora reconhecesse uma realidade em que a dominação masculina configurava a ordem social, Simmel preocupou-se em problematizar as possibilidades dessa mudança no quadro da sua contemporaneidade. No entanto, os seus escritos apresentam problemas de conceptualização, acabando por ficar preso na teia da reprodução simbólica que perpetua essa mesma dominação. Segundo o autor, os homens teriam mais capacidades intelectuais, enquanto o pensar e o agir das mulheres seria “pouco nítido e não permanente” (Schouten, 2011: 25). Por outro lado, atribuía às mulheres qualidades como a empatia (que faria delas boas médicas) e a capacidade de imitação (que faria delas boas professoras) sendo que, na sua opinião, as mulheres deveriam funcionar como «auxiliares» do trabalho criativo dos maridos.

Finalmente, o contributo de Weber (2012 [1947]) para a análise das diferenças entre homens e mulheres deu-se essencialmente com o conceito de patriarcado.⁴⁴ Segundo o autor, as sociedades organizam-se através do poder patriarcal e as decisões são tomadas em função da autoridade patriarcal que se constitui através da obediência ao elemento masculino. Deste modo, os homens mais velhos detêm poder sobre as mulheres, assim como sobre os homens mais novos. Enquanto «facto natural», esta ascendência por parte dos homens mais velhos justificaria a subordinação da mulher e, por esse motivo, Weber manifestou pouco ou nenhum interesse pela condição social das mulheres ou pelo movimento feminino do seu tempo. Este facto pode ser surpreendente se atendermos ao envolvimento do autor nas questões sociais e, mais ainda, se tivermos em conta que a sua esposa, Marianne Schnitger, fora protagonista do movimento feminino e autora de várias obras sobre a condição social das mulheres (Schouten, 2011).

Estas análises, elaboradas nos primórdios do século XX, viriam a ser, pouco tempo depois, contestadas por antropólogos e sociólogos que não se reviam no funcionalismo ou por aqueles que sublinhavam a heterogeneidade das sociedades e das culturas. Seriam também fortemente censuradas pelo feminismo, especialmente por Friedan (1965 [1963]). A autora criticou todos os defensores da corrente funcionalista e as ciências sociais de um modo geral:

Em vez de destruir os velhos preconceitos que restringem a vida das mulheres, as ciências sociais na América simplesmente lhes deram uma nova autoridade. Num curioso processo circular, as considerações de psicólogos, antropólogos e sociólogos, que deveriam ter sido poderosas armas para libertar as mulheres, de certa forma, anularam-se umas às outras, armadilhando as mulheres num beco sem saída (Friedan, 1965 [1963]: 126).

⁴⁴ O patriarcado é, na definição de Walby (1990:20), “um sistema de estruturas sociais e práticas nas quais os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres. Walby distingue e analisa várias destas estruturas sociais em que opera o patriarcado, sobretudo o trabalho remunerado e doméstico, a sexualidade, o Estado e a cultura. No entanto, as investigações antropológicas e históricas não têm revelado uma única sociedade em que não são, em última análise, os homens os detentores do poder. O exemplo de mulheres líderes surge apenas em determinadas áreas da realidade social ou em breves episódios, e não corresponde ao padrão geral das sociedades (Schouten, 2011).

Para a antropologia, as mulheres têm uma presença incontornável pela sua importância nos processos de produção. No entanto, nas análises tradicionais e, até nas mais inovadoras para o seu tempo, como as de Lévi-Strauss (1967 [1949]), Meillassoux (1975) e Godelier (1982), as mulheres são mencionadas sobretudo como objetos: “circulação ou troca de mulheres são expressões-chave” (Schouten, 2011:27). Também M. Mead (1949), apesar de ser mulher, na obra intitulada *Male and Female*, parecia consentir na divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres. Descreveu, sem críticas aparentes, a dedicação da mulher à família e sugeriu como solução para o período em que os filhos já estavam mais autónomos a vinda de outro filho ou então a dedicação a um emprego ou voluntariado. Apesar do lugar de destaque de algumas mulheres na antropologia, como M. Mead ou R. Benedict, o androcentrismo permaneceu uma realidade nesta área científica até à segunda metade do século XX. Todavia, as suas pesquisas têm fornecido um enorme contributo para o questionamento da divisão dos papéis de género no mundo ocidental, assim como serviram também para dirigir o olhar para outras sociedades, com características bem diferentes (Schouten, 2011).

Em simultâneo, da psicanálise emergiram reflexões que viriam a ter grande importância para o entendimento das relações entre homens e mulheres, sendo a obra de Freud (2009 [1905]) a mais conhecida. O autor fundou a sua teoria psicanalítica em factos biológicos, de forma a explicar a emergência das identidades de género, deixando transparecer que a aprendizagem destas diferenças nos bebés e crianças se centra na posse ou na ausência do pénis enquanto imagem da masculinidade e da feminilidade. Contudo, Freud admite que as identidades e os papéis de género também se constroem através do progressivo domínio das pulsões sexuais naturais pelas normas sociais que vão sendo incorporadas durante o processo de crescimento. Quer isto dizer que a sociedade exerce um efeito repressivo sobre a sexualidade, «domesticando» os imperativos biológicos e canalizando-os para formas de vivência sexual ditas «normais», leia-se «heterossexuais». Freud preocupa-se em sublinhar que

a biologia, por si só, não é suficiente para explicar a sexualidade humana nem as diferenças entre homens e mulheres. Estas devem-se também aos domínios do psicológico e do cultural.

Apesar da reconhecida importância da teoria freudiana, ela é ainda hoje bastante debatida, revista e criticada, especialmente pelas correntes feministas. Entre as principais críticas salientam-se as seguintes: o facto de o autor fazer uma correspondência demasiado estreita entre a “identidade de género”⁴⁵ e a “consciência genital”; o facto de a sua teoria parecer depender da noção de que o pénis é superior à vagina (que é considerada como uma mera ausência do órgão genital masculino); o facto de considerar o pai como o principal agente disciplinador, quando em muitas culturas é a mãe que exerce essa função; e ainda o facto de considerar que a aprendizagem do género começa por volta dos quatro ou cinco anos de idade, quando a maioria dos autores realça a importância de uma aprendizagem anterior (Coward, 1984; Mitchell, 1973). Beauvoir foi, de resto, uma das autoras que mais criticou Freud. Na obra *O Segundo Sexo* (2015 [1949]), a autora reprova que as mulheres sejam encaradas como a «outra», como elemento complementar ou precisamente como o *segundo sexo*, designações com origem no patriarcado e na «naturalização» do papel social da mulher. Beauvoir chegou mesmo a afirmar que Freud nunca demonstrou muita preocupação com a questão feminina, preferindo referir-se-lhe enquanto antítese do masculino, ainda que com ligeiras modificações.

A «segunda vaga» da corrente feminista, no final dos anos 1960, início dos anos 1970, sobretudo após o contributo do trabalho de Beauvoir (2015 [1949]), marcou o entendimento que temos atualmente (e cujos primeiros esboços foram desenhados precisamente por Freud) sobre as diferenças entre homens e mulheres. Ainda que as de ordem biológica sejam incontornáveis, considera-se agora que,

⁴⁵ A “identidade de género” designa “o sentido subjectivo do *self* de um indivíduo como sendo masculino ou feminino, estando ligada aos papéis de género, isto é, a todas as normas de comportamento e aparência estereotipadamente ligadas a cada género, incluindo tanto características adoptadas por uma pessoa, como características baseadas no género que lhe são atribuídas pelos outros” (Appleby & Anastas, 1998: 52-53 *in* Brandão, 2010: 17).

Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, económico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificamos de feminino. Só a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como *outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre rapazes e raparigas, o corpo é, em primeiro lugar, a irradiação de uma subjectividade, o instrumento que efectua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos, e não das partes sexuais, que eles apreendem o universo. (Beauvoir, 2015 [1949]: 13-14).

Na opinião de Beauvoir, as diferenças anatómicas são “inevitáveis”, mas “em si mesmas, não produzem qualquer significado” (*Idem*: 66-67), uma vez que aquilo que distingue verdadeiramente os homens das mulheres são as circunstâncias em que produzem as suas vivências. O mesmo é dizer que o masculino e o feminino dependem muito mais da forma como os indivíduos são socializados, do que dos genitais que possuem (Jackson & Scott, 2002). Estava lançada a primeira semente para os estudos de género, com Beauvoir a distinguir a componente social dos imperativos biológicos, embora ainda sem utilizar o conceito de género.

1.3.1 O Género como Categoria de Diferenciação Social

O conceito de género foi cunhado pela socióloga britânica A. Oakley (1972).⁴⁶ A autora utilizou o termo “sexo” para designar aquilo que caracteriza anatómica e fisiologicamente os homens e as mulheres, e designou por “género” aquilo que diz respeito à construção social e psicológica da masculinidade e da feminilidade. Segundo Oakley, ser homem ou mulher significa, acima de tudo, uma construção social, cultural e psicológica, adquirida através do tempo, num determinado contexto⁴⁷.

⁴⁶ No ano de 1955, o sexólogo J. Money introduziu a distinção entre o sexo biológico e o género enquanto papel social sem, contudo, utilizar o termo “género” (Money, Hampson & Hampson, 1955). O significado dado por Money só se generalizou na década de 1970, quando as teorias feministas abraçaram a distinção entre o sexo biológico e a construção social de género.

⁴⁷ Whitehead (1981), por seu lado, chama a atenção para a importância de não se abordar o género como um sistema

Mais tarde, o trabalho desenvolvido por Oakley serviu de inspiração a Rubin (1975), nomeadamente na relação que esta autora estabelece entre o género e a sexualidade reprodutiva. Para Rubin, cada sociedade dispõe de um conjunto de dispositivos que permitem moldar e regular a matéria biológica da sexualidade humana e da procriação. Estes dispositivos variam de sociedade para sociedade e de cultura para cultura, servindo como meios convencionais para organizar as relações sexuais humanas, nomeadamente através das estruturas de parentesco e de casamento. Segundo a autora, o género consiste numa “divisão dos sexos imposta pela sociedade” e é um “produto das relações entre os sexos” (Rubin, 1975: 179). O que as formulações de Oakley (1972) e Rubin (1975) têm em comum é o facto de verem o género como algo distinto das bases biológicas das relações entre homens e mulheres, embora relacionado com estas. Porém, o mais importante é que esta formulação permite pensar a masculinidade e a feminilidade como produtos históricos e culturais e, por isso, variáveis no espaço e no tempo, ao invés de algo que é fixado pela natureza.

Esta linha de pensamento viria a permitir que Chodorow (1978, 1989) apresentasse posteriormente uma outra leitura da teoria freudiana. Segundo a autora, o facto de as crianças se identificarem como «meninos» ou «meninas» deriva da sua ligação aos pais nos primeiros anos de vida. Ao contrário de Freud, Chodorow coloca a ênfase na relação com a mãe. Nas suas palavras: “(...) that we are mothered by women, that in all societies women rather than men have primary parenting responsibilities, is an important social and cultural fact (...)”⁴⁸ (Chodorow, 1989: 6). As crianças têm, por isso, tendência a ficar ligadas emocionalmente à mãe, na medida em que esta é, sem dúvida, a influência dominante na fase inicial das suas vidas.

binário, precisamente por se tratar de um conjunto de significados que depende do contexto social. A autora aponta três critérios a considerar na atribuição do género de um indivíduo: 1) as atividades por regra realizadas por ele/ela; 2) as normas, incluindo a maneira de vestir e enfeitar o corpo, o comportamento e a linguagem; 3) a orientação sexual, ou seja, o sexo/género do parceiro. Em geral, uma pessoa tem nos pontos 1, 2 e 3 as características que no seu contexto social correspondem ao seu sexo biológico. Mas por vezes não acontece assim, ou então acontece apenas parcialmente, deixando antever que os conceitos de sexo e género são bastante complexos.

⁴⁸ Somos todos influenciados pelas mulheres, uma vez que elas, ao contrário dos homens, têm responsabilidades parentais primárias e isso constitui um facto social e cultural importante. Tradução própria.

Porém, este apego tem necessariamente de ser quebrado para que as crianças possam ganhar consciência de si próprias e o processo de separação ocorre de forma distinta para rapazes e raparigas. No caso das raparigas, não chega a haver uma rutura radical com a mãe, pois identificam-se com ela. Isto faz com que desenvolvam um sentimento de dependência: primeiro, enquanto crianças, relativamente à mãe e depois, na idade adulta, relativamente ao homem com quem venham a desenvolver uma relação de intimidade. Os rapazes, por seu turno, ao realizarem uma rutura mais completa com a mãe, desenvolvem um sentido de individualidade mais forte, forjando o seu entendimento da masculinidade a partir do que não é feminino. Nessa medida, não tendo muita capacidade para se relacionarem de forma íntima com outras pessoas, desenvolvem uma visão mais crítica e analítica do mundo, dando maior ênfase à sua realização pessoal por oposição à sentimental e revelando pouca capacidade para entender os seus sentimentos e os dos outros. Nesse sentido, Chodorow põe em evidência as relações de género a partir de pressupostos socioculturais e inverte até certo ponto a teoria de Freud: é a masculinidade que é vista como uma perda e a identidade masculina forma-se, no seu entender, a partir da cessação da ligação íntima com a mãe.

Não obstante as críticas que também foram dirigidas a Chodorow (Sayers, 1986), a sua teoria continua a despertar interesse científico pois, acima de tudo, permite um melhor entendimento sobre a natureza da feminilidade, bem como da chamada “inexpressividade masculina”, isto é, a dificuldade que os homens parecem ter em revelar ou exprimir os seus sentimentos (Amâncio, 2004; Connell, 1987; 2005). Esta perspetiva permite ainda traçar um esboço acerca da estratificação social com base no género: o argumento de que o homem desenvolve uma identidade mais individualista e independente, ao passo que a mulher se torna submissa, sendo um indício claro das desigualdades de género e da dominação masculina (Bourdieu, 1999).

A combinação destes argumentos viria a ser fundamental, por exemplo, para a construção de uma visão agencialista sobre o gênero, primeiramente desenvolvida por Butler (1999). A autora apoia-se nas teorias da performatividade do gênero para mostrar que as relações sociais se constroem pela capacidade de agência dos indivíduos, ou seja, pela habilidade que estes têm para atuar na produção da realidade, neste caso, a partir de formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Em linha com as teorias freudianas, Butler (1999) afirma que as sociedades procuram ajustar a conduta sexual a uma “ordem compulsória” que exige uma coerência total entre sexo e gênero, entre desejo e prática. No entanto, a mesma autora defende que esta lógica pode ser subvertida, precisamente porque os indivíduos têm capacidade de agência e autodeterminação. As estruturas sociais não devem ser pensadas apenas na componente externa às consciências individuais, no sentido de Durkheim.⁴⁹ A influência das estruturas constrange, mas também pode capacitar os projetos individuais (Caetano, 2011). Por esse motivo Butler (1999) afirma que o gênero é, acima de tudo, um ato intencional, performativo, produtor de significados e em permanente construção, não estando necessariamente em consonância com o sexo biológico dos indivíduos.⁵⁰

A percepção de que a identidade de gênero, as diferenças de gênero e os papéis de gênero são construções sociais veio, como se viu, alterar os pressupostos da discussão em torno das relações sociais entre homens e mulheres: as desigualdades sociais e políticas deixaram de ser naturalizadas como diferenças biológicas ou essenciais e passaram a ser percebidas enquanto produtos culturais. O mesmo é dizer que, se em determinados contextos, os homens são vistos como mais fortes, agressivos, autoritários e ativos, e as mulheres como mais fracas, dóceis,

⁴⁹ Uma das principais críticas à perspectiva funcionalista é a de que os atores sociais são vistos predominantemente como passivos, com identidades estáveis resultantes da inculcação de papéis, das quais se inferem as diferenças de gênero. Estas diferenças são naturalizadas, prolongando implicitamente a distinção biológica entre os sexos (Policarpo, 2011).

⁵⁰ Butler (1999) usa como exemplo o caso dos travestis e dos transsexuais para mostrar como os gestos performativos podem subverter (ou reproduzir) a ordem compulsória entre sexo e gênero. A autora questiona, aliás, se o “sexo” não é também um produto da sociedade, contribuindo nesse sentido para os movimentos a favor da desconstrução da realidade natural (Fausto-Sterling, 2000).

emotivas e passivas, tal deve-se às características socioculturais desses mesmos contextos, bem como aos processos de socialização pelos quais os indivíduos passaram (Connell, 1987). A identidade de género não é, portanto, uma propriedade dos indivíduos, não existe por si só. É antes algo que se constrói nas interações sociais quotidianas (Amâncio, 1993) pois, tal como defendem West e Zimmerman (1987), todos nós “fazemos o género” nas relações que estabelecemos com os outros. Estamos perante aquilo a que Giddens (2000) designa como “socialização de género”, ou seja, “uma aprendizagem dos papéis de género através de fatores sociais, como a família e os meios de comunicação” (*Idem*: 340).

Também em matéria de sexualidade e, apesar da crescente individualização das biografias sexuais e da maior aceitação do direito ao prazer que decorre da atividade sexual, a verdade é que subsistem diferenças nos comportamentos que se esperam dos homens e das mulheres. Esta clivagem na forma de encarar os comportamentos sexuais também teve na sua génese, à semelhança das conceções iniciais sobre a identidade de género, a argumentação naturalista. Contudo, autores mais recentes advogam a necessidade de pensar a sexualidade como uma construção absolutamente social porque foi produzida e inventada, tal como a conhecemos hoje, por instituições com o poder de classificar, regular e estabelecer a diferença entre o normal e o desviante (Aboim, 2013; Jackson & Scott, 2010).

1.4 A Experiência Sexual como Construção Social

A sexualidade assenta numa base biológica, na medida em que a anatomia masculina difere da feminina, assim como a reprodução constitui (quase) um imperativo biológico de modo a dar continuidade à espécie humana.⁵¹ De acordo com a explicação evolucionista ou

⁵¹ No entanto, convém lembrar que os avanços introduzidos pela ciência permitem, hoje, a reprodução medicamente assistida nos casos de infertilidade ou de risco de transmissão de doenças imunológicas ou genéticas, ou seja, o uso de diversas técnicas para auxiliar a reprodução humana, como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro*. Nesse

«essencialista», homens e mulheres vivem de forma distinta a sua sexualidade. Os homens tendem a diversificar mais o número de parceiras do que as mulheres, na medida em que estão biologicamente preparados para engravidar tantas fêmeas quanto possível, no sentido de garantir a sua própria descendência (Campbell, 1995). Por oposição, as mulheres desejam parceiros mais estáveis, que lhes proporcionem segurança, com o objetivo de proteger a herança biológica investida nos filhos (Weeks, 1989).

A explicação da sexualidade humana a partir de características biológicas predominou durante muito tempo pela combinação de diversos fatores que importa conhecer. Desde logo, a influência da moral judaico-cristã e dos poderes conservadores instituídos pela Igreja Católica que, assentando fortemente na culpa e no sentimento de pecado, como refere Foucault (1994), “condicionou os comportamentos ao longo de séculos, no sentido das relações sexuais serem permitidas apenas no âmbito do casamento, como mal menor”, moralmente justificadas pelo propósito maior da procriação mas, de modo algum, pelo desejo e pelo prazer (Silva & Ribeiro, 2015: 191). Tal como refere Silva (2008: 65), “é tendo em conta o fundo da doutrina judaico-cristã que é possível compreender como determinadas condutas são consideradas normais, aceitáveis, e outras desclassificadas como anormais, desviantes ou até patológicas”.

Depois, destaca-se a influência da teoria de Darwin sobre a evolução das espécies, divulgada pela primeira vez em 1859. Na obra *On the Origin of the Species*, Darwin (2006 [1859]) revela a importância da seleção natural e sexual como os dois mecanismos-chave da evolução, aspeto que viria a ser crucial para o desenvolvimento da ciência sexual moderna, introduzindo questionamentos sobre temas como a hereditariedade, a degeneração e o desvio face à normalidade.

sentido, a ciência veio permitir uma dissociação entre o ato sexual e a reprodução, fazendo “nascer milhares de crianças que, em condições naturais, jamais teriam sido originadas” (Alves & Oliveira, 2014).

Simultaneamente, outro ingrediente seria fundamental para o crescimento do interesse científico sobre os aspetos biológicos da sexualidade humana. Em concreto, as preocupações com a saúde pública, nomeadamente com as doenças venéreas e a sua relação com a higiene pessoal e com a prostituição (Aboim, 2013). Béjin (1987) refere, a propósito, a existência de dois períodos distintos que marcaram o estudo da sexualidade humana: o primeiro seria o que foi produzido na segunda metade do século XIX, período em que surgiram obras de referência como a *Psychopathia Sexualis*, publicada pelo psiquiatra alemão Krafft-Ebing, em 1886. Nesta obra, o autor considerava patológica qualquer atividade sexual que não se encaixasse numa visão restrita do coito vaginal. O sexo deveria ser praticado em posições bem definidas, as únicas consideradas «normais», defendendo a supremacia masculina e, acima de tudo, uma orientação inequívoca para a procriação. Qualquer outra forma de sexualidade que não visasse a procriação era considerada um ato ilícito de fornicação e, por isso, altamente condenável (Aboim, 2013). Nesta obra, o enfoque era ainda dado à nosografia, ou seja, à classificação das doenças venéreas e à psicopatologia da sexualidade. As preocupações fundamentais consistiam em perceber as origens das patologias no âmbito da sexualidade reprodutiva, tais como as doenças venéreas, as «aberrações sexuais» e as técnicas contraceptivas. Não havia uma preocupação em diferenciar a sexologia de outros ramos da medicina, como a psiquiatria, a medicina legal ou a urologia.

Neste primeiro período de estudos sobre a sexualidade humana, inclui-se ainda a obra de Freud (2009 [1905]) que, como se viu, foi das mais estruturantes para a compreensão das diferenças entre homens e mulheres. Através da psicanálise, Freud acreditou que era possível tratar casos de «perversão moral», de perturbação e disfunção sexual dos seres humanos.⁵² Apesar de reconhecer que a biologia não podia, por si só, explicar a sexualidade humana, não

⁵² Em Portugal, neste mesmo período, Egas Moniz (pioneiro da sexologia e único Nobel da medicina português) inspirou-se em Freud para demonstrar a patologia de certos comportamentos sexuais como a homossexualidade, considerada pelo autor como uma «terrível psicopatia sexual» (Moniz, 1923 [1913]).

deixou de defender aquilo a que mais tarde viria a chamar-se de “medicalização da sexualidade” (Foucault, 1994), ou seja, um conjunto de mecanismos que vão desde a definição, em termos médicos, de um determinado comportamento enquanto desviante, até às descobertas científicas que o legitimam e os respetivos tratamentos (Rohden, 2009). Qualquer comportamento que saísse do padrão legitimador da heterossexualidade e da dominação masculina era tido como patológico. Se não fosse considerado pecaminoso era, ainda assim, disfuncional e, por isso, alvo de tratamento médico (Aboim, 2013).

O segundo período que marcou os estudos na área da sexologia, segundo diversos autores, ter-se-á iniciado por volta da década de 1920, com marcos importantes como as obras de Reich (1979 [1927]; 1981 [1936]; 1972 [1945]) - primeiro psicanalista sexual (radical) - e de Kinsey (1998 [1948]; 1998 [1953]) - biólogo e sexólogo -, sobre as funções do orgasmo, a importância de alcançar um orgasmo «ideal» e a fluidez dos comportamentos sexuais. Os desvios face à sexualidade dita «normal» com que se preocupam os sexólogos do século XX são diferentes das antigas «aberrações»: o foco está agora na sexualidade conjugal e genital, passando a evidenciar-se também uma preocupação em distinguir a sexologia das demais disciplinas (Rohden & Russo, 2011).

Nesta visão dualista da sexualidade entre o normal e o desviante, o saudável e o patológico, os contributos de Reich vieram operar uma verdadeira revolução. Reich (1979 [1927]; 1981 [1936]; 1972 [1945]) opôs a sexualidade ao poder e viu no reino do “homenzinho” (forma de designação de todos os elementos masculinos) as origens do autoritarismo a que ele tão veementemente resistiu: “a sexualidade, expressa de modo adequado, é a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de poder” (Reich, 1972 [1945]: 43).

Nesse sentido, Reich foi dos primeiros a criticar as sociedades patriarcais e a ênfase colocada no casamento monogâmico que, no seu entender, servia apenas para perpetuar traços de carácter autoritário que sustentavam um sistema social explorador. Por oposição, Reich

defendia que a libertação sexual estaria na base de uma verdadeira reforma política, a qual traria igualdade de expressão sexual para homens e mulheres. Apesar disso, Reich (1972 [1945]) acreditava que a homossexualidade era patológica, um produto da libido frustrada, e que desapareceria com a progressiva libertação sexual.

Também Kinsey desafiou os costumes e as mentalidades do seu tempo, ao revelar, pela primeira vez, muitos dos segredos escondidos da sexualidade humana (Aboim, 2013). Em 1948, Kinsey e a sua equipa publicaram o primeiro estudo extensivo sobre as práticas sexuais masculinas e, cinco anos mais tarde, divulgaram os resultados da sexualidade feminina. Estas pesquisas basearam-se em relatos da vida sexual de cerca de 18 mil indivíduos residentes nos Estados Unidos da América (Kinsey, 1998 [1948]; 1998 [1953]). As conclusões a que chegaram provocaram imediatamente choque e escândalo, não só por desafiarem as ideias convencionais sobre a sexualidade, mas também porque foram publicamente discutidas questões que, até então, eram tabu. A conceção do senso comum segundo a qual a heterossexualidade e a abstinência sexual constituíam a norma, quer ética, quer estatística, nunca tinha sido alvo de problematização científica. Kinsey conseguiu, ao invés, demonstrar a fluidez dos comportamentos sexuais atestando, por exemplo, a possibilidade de qualquer indivíduo, num qualquer momento da sua vida, vir a experimentar práticas homossexuais.

Ao sublinhar os aspetos biológicos da sexualidade, Kinsey defendeu que a “capacidade sexual” do indivíduo depende da sua estrutura morfológica e metabólica. Por serem dotadas de estruturas mais débeis, as mulheres teriam uma menor capacidade sexual e, por inerência, uma menor predisposição para o sexo. Esta constatação emergiu dos seus dados empíricos, nos quais as mulheres declaravam ter menos relações sexuais e menos orgasmos. Kinsey rejeitou as explicações socioculturais para estas diferenças entre homens e mulheres já que, na sua opinião, a falta de «inclinação» das mulheres para a atividade sexual dever-se-ia, sobretudo, a uma perda

de interesse erótico relacionada com algum dispositivo interno que funcionaria de maneira diferente em homens e mulheres e não devido às convenções morais e sociais.

As principais conclusões dos estudos de Kinsey revelaram uma grande discrepância entre as expectativas coletivas quanto ao comportamento sexual que prevalecia na altura e a verdadeira conduta sexual dos indivíduos, pelo menos aquela que foi declarada pelos seus respondentes. De entre as discrepâncias encontradas destaca-se o facto de 70,0% dos homens afirmarem já ter tido relações sexuais com prostitutas e 84,0% terem tido experiências íntimas pré-conjugais. Em contrapartida, 40,0% dos homens esperavam que as suas mulheres chegassem virgens ao casamento (Giddens, 2000). Outra das afirmações mais polémicas de Kinsey foi a de que todos os comportamentos sexuais considerados anómalos seriam, na verdade, normais e que ser exclusivamente heterossexual seria fruto de inibições culturais e de condicionamentos sociais, contrários à natureza humana: para Kinsey, a bissexualidade seria a orientação própria de pessoas «normais» e desinibidas.

É inegável que estas teorias estiveram na génese do entendimento atual sobre o comportamento sexual humano, bem como da chamada “revolução sexual” que surgiu nos anos 60 do século XX. Juntamente com os movimentos *hippie* e depois com a corrente feminista e o feminismo de inspiração neomarxista, a sexualidade tornou-se o centro das atenções nas sociedades desenvolvidas. Os “relatórios Kinsey” deram um contributo significativo, ao procurarem retratar os comportamentos sexuais de forma plural e mais consentânea com a realidade, classificando e catalogando os indivíduos de acordo com as suas orientações⁵³ e

⁵³ Kinsey (1998 [1948]) criou uma escala de sete pontos, quatro deles intermédios, entre a homossexualidade e a heterossexualidade, ou seja, entre os indivíduos que declararam, num extremo da escala, que haviam tido experiências sexuais apenas com pessoas do mesmo sexo e os que, no outro extremo da escala, afirmaram ter tido parceiros exclusivamente do sexo oposto. “A famosa «escala Kinsey» constitui talvez um dos contributos mais polémicos, mas também mais influentes nos estudos posteriormente feitos sobre sexualidade humana” (Aboim, 2013: 28).

rompendo em definitivo com a classificação essencialista e dicotómica que opunha a homossexualidade (tida como desviante) à heterossexualidade (tida como normal).

No entanto, é preciso admitir que Kinsey ficou preso à ideia da sexualidade «natural», não tendo conseguido realmente ultrapassar a visão biologista das «pulsões sexuais» e da relação entre sexo e género. Foi, por isso, alvo de duras críticas. Algumas das mais importantes foram dirigidas por Reisman (2003 [1998]), na obra *Kinsey: Crimes & Consequences*. Nesta obra, a autora defende o enviesamento dos dados em que se baseiam os relatórios de Kinsey, alegando que estes teriam tido por base uma amostra que incluía uma elevada percentagem de indivíduos com comportamentos desviantes, como é o caso de presidiários, pedófilos e turistas sexuais. Afirma ainda que a metodologia de trabalho utilizada incluía maus-tratos e estimulação sexual de crianças.

Gagnon e Simon, inicialmente discípulos de Kinsey, foram também bastante críticos das suas teorias, nomeadamente por reprovarem a visão biologista sobre o sexo e a sexualidade.⁵⁴ Na obra que publicaram em 1970, com o título *The Sexual Scene*, afirmam que o desejo sexual não tem origem nos instintos naturais do ser humano, tal como a orientação sexual não é determinada por fatores biológicos. Pelo contrário, apresentam uma visão interacionista da realidade, ao defenderem que o comportamento sexual e a sexualidade são completamente regidos por regras sociais. Esta posição viria a ser reiterada numa obra subsequente, intitulada *Sexual Conduct*, onde os autores afirmam que “the sexual area may be precisely that realm wherein the superordinate position of the sociocultural over the biological level is most complete”⁵⁵ (Gagnon & Simon, 1974: 15).

⁵⁴ Gagnon, em colaboração com outros investigadores (Michael, Gagnon, Laumann & Kolata, 1994), chegam mesmo a afirmar que as pesquisas de Kinsey são “completamente inúteis” porque, ao utilizarem grupos de voluntários, as respostas estariam, à partida, viciadas.

⁵⁵ A sexualidade é talvez o domínio em que a posição hierarquicamente superior do sociocultural sobre o biológico é mais evidente. Tradução própria.

Na verdade, Gagnon e Simon, assim como outros autores que desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da sociologia da sexualidade (McIntosh, 1968; Plummer, 1975; 2003), foram profundamente influenciados pelo paradigma americano do interacionismo simbólico de G. H. Mead (1934) e Blumer (1969) e, mais tarde, pela corrente da fenomenologia do mundo social de Schutz (1972). Estas correntes sociológicas foram agrupadas com alguma notabilidade por Berger e Luckmann, na obra que publicaram em 1966, com o título *A Construção Social da Realidade*. Nesta obra, Berger e Luckmann recorrem à sexualidade para demonstrar a plasticidade da conduta humana, sugerindo que o homem “constrói a sua própria natureza” (Berger & Luckmann, 1966: 67). A diversidade de padrões sexuais que foi observada em diferentes culturas permitiu-lhes afirmar que a sexualidade é muito mais um produto da formação sociocultural dos indivíduos do que algo que é determinado pela natureza.

No entanto, mais ou menos no mesmo período, aparecem obras de referência sobre o determinismo biológico da sexualidade humana. Em 1967, Morris publica *O Macaco Nu*, onde defende que o comportamento sexual humano é completamente regido pela evolução biológica. Práticas como a poligamia e a infidelidade seriam explicadas pela «natureza» sexual dos homens, enquanto as ancas ou os lábios das mulheres seriam «desenhados» para captar a atenção dos homens ou, melhor dizendo, dos «machos». Morris (1967) vê as diferenças entre homens e mulheres como o resultado da evolução biológica ocorrida ao longo dos últimos dez mil anos, remetendo a explicação desses caracteres físicos e comportamentais para o período pré-histórico.

Ainda neste período, Wilson - que foi considerado o precursor da sociobiologia - publica duas obras de referência: *Sociobiology: The New Synthesis* (1975) e *On Human Nature* (1978), onde argumenta que as estratégias reprodutivas resultantes da seleção natural favorecem as hipóteses de sobrevivência da espécie humana. Por esse motivo, defende que o investimento do corpo da mulher nas células reprodutivas é muito maior do que no caso dos homens e, uma

vez que as mulheres não pretendem dissipar esse investimento, não estão inclinadas para ter relações sexuais com muitos parceiros. O seu objetivo primordial é o cuidado e a proteção dos filhos. Em sentido oposto, Wilson defende que os homens tendem para a promiscuidade. A sua inclinação para terem relações sexuais com muitas parceiras é uma estratégia fundamentada sob o ponto de vista da evolução da espécie: cumprem o seu papel, que consiste em maximizar as hipóteses de fecundação e prosseguem em busca de uma nova parceira. Wallace (1985: 33), a este respeito, também afirma que:

(...) reproduzir-se é deixar tantos filhos quanto possível. Veremos que as coisas vivas mais bem-sucedidas são muito simplesmente, os melhores reprodutores. Outra maneira de dizer o mesmo é que os indivíduos mais bem-sucedidos são aqueles com maior sucesso reprodutivo.

Durante largos anos, a sexualidade foi explicada a partir de determinismos biológicos e, ainda hoje, encontramos algumas teorias contrárias a uma conceção da sexualidade como fenómeno historicamente construído. Mas, ainda que haja muito de biológico na sexualidade humana, hoje compreende-se que não se trata de um fenómeno que é regido exclusivamente pelas normas da «natureza» mas que, acima de tudo, trata-se de um processo que é construído socialmente (Butler, 1999, 2011; Gagnon & Simon, 1974; Schmitt, Shackelford & Buss, 2010). Até entre os biólogos, muitos advogam que o comportamento humano e as suas multiplicidades não são redutíveis a um conjunto de determinismos lineares atribuíveis à evolução biológica ou mesmo aos códigos genéticos, por mais complexos que estes sejam (Aboim, 2013; Gould, 1997). Em simultâneo, a emancipação feminina (Bernard, 1982; Smith, 1990), a «plasticidade» da sexualidade (Giddens, 1992) e a aceitação do direito ao prazer sexual (Bozon, 2004), como se verá mais adiante, fizeram com que também as mulheres tenham passado a diversificar cada vez mais o número de parceiros sexuais, sem que isso implique um compromisso futuro ou a vontade de procriar.

Gagnon e Simon (1974) foram os primeiros sociólogos a questionar de forma radical as visões biologistas, naturalistas e essencialistas acerca da sexualidade humana. Os seus argumentos viriam, mais tarde, a influenciar a crítica de Foucault (1994) à “hipótese repressiva” (detalhada no subponto seguinte), assim como serviriam de base à ideia do desejo e do “ego sexual” (*sexual self*) como construções sociais. Para Gagnon e Simon, as ações humanas, os sentimentos e o próprio corpo não são «sexuais» na sua essência; apenas se tornam enquanto tal através das influências socioculturais (Jackson & Scott, 2010).

Gagnon e Simon (1974) consideram também que a sexualidade e o género estão inextricavelmente relacionados mas, ao invés de acreditarem que são os desejos e as identificações sexual-afetivas a determinar o género (tal como acontecia na visão psicanalítica de Freud), defendem antes que o “ego sexual” se desenvolve com base na construção prévia do género. O mesmo é dizer que é o género – moldado pelas condicionantes sociais e culturais - a determinar a “identidade sexual”⁵⁶ e não o contrário. A perspetiva dos “*scripts* sexuais” (*sexual scripts*) foi proposta pelos autores, precisamente para mostrar a mediação entre indivíduo e sociedade, bem como a importância que deve ser dada à interação social enquanto forma de produzir significados para o domínio sexual.

Segundo os autores, mesmo que estejam reunidos os elementos que tipicamente compõem uma cena sexual, a probabilidade de que algo de sexual aconteça permanece extremamente baixa até que um ou ambos os intervenientes organizem esses comportamentos num «roteiro» (*script*) apropriado (Policarpo, 2011). Significa que é necessário que os indivíduos atribuam um significado aos diversos elementos presentes, para que uma cena seja

⁵⁶ Como refere Brandão (2000; 2010), a identidade individual está intimamente relacionada com a preferência em termos de objeto sexual, ou seja, com as formas assumidas pela sexualidade dos indivíduos. Refere-se, portanto, à autorrotulagem como homossexual, lésbica, *gay* ou bissexual. Por outro lado, e tal como defende Policarpo (2011), ser heterossexual, homossexual ou bissexual, à semelhança de ser masculino ou feminino, não são categorias fixas, mas sim uma condição (circunstancial) performativa que decorre do desempenho ou da ação repetida.

efetivamente definida (e criada) como sexual (*Idem*). Para além disso, a própria ordem dos acontecimentos é portadora de um significado que é próprio de cada universo cultural e que é conhecido e posto em prática pelos intervenientes (Bozon & Giami, 1999). Nesse sentido, os *scripts* sexuais constituem uma subcategoria do comportamento social «roteirizado» (*scripted*), designando esquemas mentais ou cognitivos que permitem aos indivíduos definir a situação, representar os atores que nela intervêm e organizar os seus comportamentos (Policarpo, 2011). Constituem, por isso, um quadro que lhes permite atribuir um significado sexual a certos acontecimentos e reconhecer uma situação como potencialmente sexual. Esse reconhecimento implica uma interação complexa entre o indivíduo e o contexto, sendo muito mais do que uma simples reação a estímulos externos (*Idem*).

Policarpo (2011, 2012) utiliza o conceito de “experiência sexual”, precisamente para dar conta da forma como a sexualidade humana constitui um produto complexo da articulação entre o sistema social e a identidade individual. Mais do que entendê-la como dependente de decisões, pulsões ou desejos naturais, a prática de relações sexuais é vista a partir da ordem social, dos seus ritmos e calendários (Ferreira, 2010a). Tratam-se de práticas que são variáveis no tempo, mas também no espaço. Por isso, também as noções que lhe associamos, como as de pecado, desejo, normalidade, desvio, certo, errado, entre tantas outras, dependem não da biologia dos corpos e do carácter sexuado da reprodução, mas sim dos contextos históricos em que são produzidas (Aboim, 2013). As normas sociais vigentes são criadas por instituições, interpretadas pelos atores sociais e vividas depois nas suas práticas e identidades sexuais. Nesse sentido, as formas socialmente aceites de comportamento sexual variam também de cultura para cultura e alteram-se ao longo do tempo (Jackson & Scott, 2010).

Em todas as sociedades existem normas sexuais que aprovam determinadas práticas e desencorajam ou condenam outras. O caso da homossexualidade é bem revelador a esse respeito. Na Grécia Antiga, por exemplo, “(...) o amor dos homens por rapazes mais novos era

idealizado como a forma mais elevada do amor sexual” (Giddens, 2000: 627). No entanto, em algumas sociedades e em determinadas alturas, os homossexuais foram mesmo - e em alguns lugares ainda são - perseguidos e castigados por serem vistos como pessoas «aberrantes»⁵⁷ (Weeks, 1986). Isto leva-nos a concluir, em linha com Gagnon e Simon (1970, 1974), que não só a conduta sexual é aprendida, como também as nossas reações face à sexualidade. Estas também são moldadas pelos discursos que vão sendo produzidos e que, como concordaria Foucault (1994), têm sobretudo o objetivo de disciplinar e regular.

1.4.1 Sexualidade, Disciplina e Regulação

As explicações assentes na biologia, assim como as normas produzidas pelas sociedades têm servido para reprimir e normalizar os comportamentos sexuais. Algumas manifestações da sexualidade humana têm sido reprimidas, quer com recurso ao argumento da «perversão moral», quer pelos seus eventuais desajustes ou afastamentos relativamente aos padrões de normalidade que são impostos num determinado momento (Aboim, 2013; Freud, 2009 [1905]). Contudo, importa salientar que catalogar a normalidade implica catalogar também o desvio, processo que foi, ao longo do último século, particularmente recheado de lutas (Becker, 2008 [1963]; Goffman, 2004 [1963]). O que ontem era considerado desvio ou crime, hoje deixa de o ser. De igual modo, o que ontem era patológico ou disfuncional, passa em determinado momento a ser considerado normal (Aboim, 2013).

⁵⁷ Até 1973, a homossexualidade foi considerada uma patologia, sendo apenas desde essa data que a Associação Psiquiátrica Americana (APA) deixou de a considerar uma desordem mental (Matias, 2007). Em Portugal, convém lembrar, a homossexualidade apenas foi descriminalizada em 1982, data em que o Código Penal remeteu esta prática para o domínio das relações “entre adultos, livremente exercida e em recato” (Aboim, 2013: 32), fora da alçada penal ou administrativa. No entanto, a homossexualidade com adolescentes era punida com pena de prisão até três anos. O novo Código Penal, de 15 de setembro de 2007, revogou o artigo 175º e eliminou todas as menções à homossexualidade, passando, pelo contrário e pela primeira vez, a penalizar explicitamente o incitamento à discriminação com base na orientação sexual e prevendo também o agravamento penal explícito de crimes motivados pela homofobia (Diário da República, 2007).

A regulação das práticas sexuais vem sendo promovida, ao longo do tempo, por várias instituições de controlo: não apenas pela medicina, mas também pelo Estado, a família, a escola e a Igreja (Foucault, 1994). Na verdade, muito antes das conceções médicas sobre a sexualidade, já a fundação da Igreja Católica tinha dado início aos processos de repressão dos comportamentos sexuais, ao estimular as confissões - e as respetivas punições - sobre os «pecados da carne» (Parrinder, 1999). A Igreja Católica determinou, durante séculos - e ainda hoje - que as relações sexuais devem ter como única finalidade a reprodução, condenando simultaneamente os atos praticados em benefício do prazer e reforçando o culto da Virgem Maria como símbolo de pureza, imagem que viria a revelar-se extremamente castradora da sexualidade feminina (Aboim, 2013; Nash, 2014). A tentação e o pecado eram, aliás, categorias pensadas no feminino e a sexualidade das mulheres era vista como perigosa e ameaçadora da ordem social. Ao mesmo tempo que as mulheres deveriam ser chamadas a provar a sua castidade, dos homens esperava-se que fossem capazes de as controlar, impondo sobre elas a sua autoridade.

Durante a época vitoriana (segunda metade do século XIX) assistiu-se à generalização, um pouco por toda a Europa, daquilo que viria a designar-se por “hipocrisia sexual” (Giddens, 2000), ou seja, as «públicas virtudes» e os «vícios privados». Muitos homens que eram na aparência pessoas sóbrias, cidadãos bem-comportados e devotados às suas esposas, visitavam regularmente prostitutas ou mantinham amantes. Este comportamento era tratado com brandura, enquanto «senhoras respeitáveis» que tivessem amantes e o seu comportamento viesse a público, seriam consideradas escandalosas e eventualmente banidas desta sociedade «civilizada» (Giddens, 2000: 134). A moralidade vitoriana operou uma série de binarismos em relação às normas sexuais, oscilando entre o puritanismo social e a restrição, a promiscuidade e a privacidade sexual (Donnan & Magowan, 2010). Mas, na prática, o mesmo é dizer que a maior parte das condutas sexuais seria aceite desde que oculta do escrutínio social.

Foucault (1994) utiliza o conceito de “hipótese repressiva”, justamente para dar conta da forma como o sexo foi reprimido e omitido dos discursos, acompanhando a mentalidade puritana que elogiava o modelo do casal procriador e condenava a prática de atividades sexuais «ilícitas». Todas as práticas sexuais que não visassem diretamente a procriação seriam consideradas anormais e foi essa «anormalidade» que preencheu os espaços silenciosos onde se propagou a prostituição ou onde foi mesmo necessário o internamento em hospitais e asilos psiquiátricos (Aboim, 2013). Segundo Foucault (1994: 9-10),

A sexualidade é então cuidadosamente aferrolhada. Transfere-se. A família conjugal confisca-a e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, fez-se silêncio. O casal, legítimo e procriador, é a lei. Impõe-se como modelo, faz valer a norma, detém a verdade, conserva o direito de falar reservando para si o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada casa, há um só lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. O resto terá de esfumar-se; a conveniência das atitudes evita os corpos, a decência das palavras descora os discursos. E o estéril quando insiste e se mostra de mais, transforma-se em anormal: receberá o estatuto de anormal e terá de sofrer as respetivas consequências.

No entanto, Foucault lembra que não se tratou de proibir o sexo já que, na verdade, ele nunca deixou de ser praticado, mesmo fora dos quadros da heterossexualidade conjugal. Mais do que antes, o sexo passou a ser objetivado pela busca do prazer. Qualquer conduta sexual (incluindo a homossexualidade, a bissexualidade, o recurso à prostituição, entre outras) seria aceitável, desde que oculta do resto da sociedade. A repressão verificava-se na esfera pública. Sempre que alguma destas atividades conhecesse a luz do dia, seria rotulada de desviante, alvo de repressão e das respetivas sanções.

Mas Foucault recorda também que, em matéria de sexualidade, assim como nos outros domínios da vida social, eram esperados comportamentos distintos dos homens e das mulheres. Enquanto a prostituição e o adultério eram aceites em função da necessidade do homem ter de satisfazer os seus desejos sexuais mais profundos (perceba-se, «naturais») não com a esposa, considerada imune aos apelos carniais, mas com amantes ou prostitutas (Coelho,

2009a), das mulheres esperava-se que vivessem uma vida recatada, dentro do quadro normativo da relação afetiva e conjugal (Policarpo, 2011).

Para Foucault, a “hipótese repressiva” está diretamente relacionada com a noção de poder, sendo que esta perspetiva relacional pode ser observada sob dois pontos de vista distintos. Por um lado, a sociedade reprime e controla a sexualidade através de aparelhos discursivos que exercem poder sobre os indivíduos, regulando as suas condutas e levando-os a pensar-se enquanto “sujeitos sexuais”. Mas por outro lado, os indivíduos produzem formas específicas de relações de poder nos quadros de interação sexual em que participam, ou seja, são potenciais transformadores das repressões geradas pela sociedade (precisamente em sentido oposto àquilo que defendia a corrente funcionalista). Ao fazê-lo, «quebram» o sistema de dominação, subvertendo o poder imposto pela sociedade e transpondo esse poder para as relações sexuais que estabelecem (Foucault, 1994). O poder, nessa medida e, como diria Bourdieu (1999) a propósito da “dominação masculina”, constitui também um instrumento de prazer, neste caso para o homem.

Groes-Green (2009) introduz, a propósito, o conceito de “masculinidade sexualizada” (*sexualized masculinity*) a partir da conjugação dos conceitos de “masculinidade hegemónica” (Connell, 1987) e de “hegemonia” (Gramsci, 1957) os quais, no seu entender e de forma isolada, não têm poder explicativo suficiente para a análise das várias formas que a hegemonia masculina pode assumir (Aboim *et al.*, 2017). Na opinião de Groes-Green (2009), a forma como alguns homens exercem poder e até violência sobre as mulheres com quem mantêm relações íntimas baseia-se precisamente nas suas habilidades e performances sexuais, já que muitos deles não dispõem de recursos económicos bem como de um *status* social elevado para poderem representar ideologicamente a “masculinidade hegemónica” de que fala Connell (1987). Nesse sentido, um aperfeiçoamento do desempenho sexual ancorado em determinadas características físicas, entre as quais se destacam a robustez e a força, parece ser a chave para

a manutenção do poder e da autoridade de certos homens sobre as suas parceiras, nomeadamente daqueles oriundos dos meios mais pobres.

Mais recentemente, sobretudo após a “revolução sexual” ocorrida no Ocidente durante a década de 1960, assistimos a uma crescente libertação sexual que, como concordaria Freud, tratar-se-ia precisamente de um movimento de luta contra a repressão exercida pela sociedade. Contudo, para Foucault (1994), insistir na ideia de que se tratou de uma epopeia de libertação sexual, constitui uma interpretação errónea dos processos históricos que elevaram a sexualidade a domínio fundamental nas sociedades ocidentais. Não é que Foucault negue que a sexualidade foi e é objeto de repressão, mas, na verdade, a forma como o sexo e a sexualidade são encarados nas sociedades ocidentais atuais, pressupõe a passagem da repressão para a libertação, com mensagens e convites crescentes ao prazer, idealizando que uma sexualidade livre trará maior felicidade aos indivíduos (Aboim, 2013; Bozon, 2004; Giddens, 1992). O que Foucault nos oferece é antes uma visão aprimorada desse processo: o que tornou o sexo central não foi a libertação de algo natural que estava debaixo da opressão social, mas sim a libertação do discurso; o facto de se ter começado a poder falar sobre o sexo e a sexualidade com uma insistência e transparência cada vez maiores (Aboim, 2013).

Esta libertação não significa que o sexo e a sexualidade não continuem a ser observados, controlados e fiscalizados porque, acima de tudo, os discursos funcionam como mecanismos de controlo dos comportamentos individuais. Se o controlo estatal da sexualidade surgiu como resultado de preocupações com a demografia, a saúde pública e a economia, hoje em dia, os discursos são mais abrangentes e passam, muitas vezes sob a chancela da ciência, por outras formas de interrogatório (inquéritos à população, narrativas biográficas e até reflexões pessoais), com o objetivo de dissecar e compreender o comportamento sexual humano. O estudo que aqui apresento constitui exatamente um desses procedimentos. E se, aparentemente, as novas discursividades sobre o sexo e a sexualidade pretendem vigiar os

comportamentos sexuais, também funcionam como mecanismo de estímulo, conjugando mais uma vez o poder com o prazer (Foucault, 1994; Valverde, 1985).

Num certo sentido, o poder público exercido sobre o sexo pode ter mudado. Antes era a contenção moral, hoje é a busca pela liberdade e realização sexuais, mas nunca deixou de se estabelecer, ainda que com contornos diferentes de vigilância e sanção, uma regulação pública da sexualidade (Aboim, 2013). A situação é, por isso, paradoxal. Em sociedades em que a sexualidade parece estar cada vez mais exposta e onde os direitos sexuais se foram afirmando enquanto direitos humanos não negociáveis, não desaparece a intenção de controlo dessa mesma sexualidade. Pelo contrário e tal como Foucault anunciou, essas formas de controlo sofisticaram-se e transparecem nos mais diversos discursos, como o religioso, o político e o científico (Policarpo, 2011).

A regulação da sexualidade continua bem evidente nos discursos, os mesmos que continuam a defender que as práticas sexuais dos homens são diferentes das das mulheres. Mais do que isso, eles prescrevem o que é admissível para eles e para elas, fenómeno que veio a ser responsável pela criação de um “duplo padrão” no que respeita à sexualidade (Crawford & Popp, 2003). Este duplo padrão resulta do cruzamento entre os discursos sobre o género e a sexualidade e, na prática, explica como as normas prescritivas da masculinidade e da feminilidade atuam no comportamento sexual.

1.4.2 O Duplo Padrão Sexual: Interpretar Significados

O estigma da impureza continua, mesmo que atenuado e mais veladamente, a pesar sobre as raparigas e as mulheres, enquanto na maioria das vezes os rapazes e os homens recebem os elogios que a demonstração da virilidade masculina impõe (Vale de Almeida, 1995;

1996). É por isso que as mulheres continuam a ser classificadas como «puras» ou «putas»⁵⁸ (Carmo & Fráguas, 2002), enquanto é aceitável que os homens procurem satisfação sexual fora de casa, com prostitutas ou amantes. O duplo padrão sexual, apesar de enfraquecido pelas lutas feministas e, mais recentemente, pelos movimentos LGBT⁵⁹, ainda se mantém nos dias de hoje. Segundo Vasconcelos (1998), o duplo padrão sexual do passado cedeu lugar àquilo que apelida de “duplo padrão atenuado”, em função da crescente aceitação do direito à igualdade no que respeita à sexualidade.

Este duplo padrão não deriva das diferenças anatómicas ou biológicas dos indivíduos, embora estas possam servir de justificação para alguns discursos sobre a alegada “urgência sexual irreprimível” do homem (Ellis, 2003; Ribeiro *et al.*, 2007) e a falta de apetite sexual da mulher (Kinsey, 1998 [1953]; Nicolson & Burr, 2003; Wilson, 1975; 1978). Ele emerge antes das ações político-normativas sobre o controlo dos corpos e da sexualidade, à luz dos preceitos ideológicos de uma ordem de género (Connell, 1987; Crawford & Popp, 2003). O mesmo é dizer que este duplo padrão constitui um produto normativo da interseção do género, enquanto estrutura estruturante, com a sexualidade, enquanto prática relacional. Todavia, ele apenas se aplica no quadro da heterossexualidade ou, antes, de uma heteronormatividade homofóbica que é, aliás, profundamente criticada pela teoria *Queer*⁶⁰ através, por exemplo, dos estudos publicados por Butler (1999; 2011).

⁵⁸ Tal como argumentam Ribeiro *et al.* (2007), a noção de «puta» é sexista e serve de instrumento de controlo aplicável às prostitutas em particular, mas é de resto extensivo, na linguagem ordinária e brejeira, a todas as mulheres, solteiras, casadas ou viúvas, sobretudo quando transgressivas das relações de género ditas «normais».

⁵⁹ Os movimentos sociais LGBT surgiram entre as décadas de 1960 e 1970, primeiro nos Estados Unidos da América e depois noutras partes do mundo, com reivindicações visíveis e autónomas pelos direitos à igualdade e por uma redefinição mais plural da sexualidade. Os primeiros estudos *gays* e *lésbicos* emergiram e consolidaram-se a partir do surgimento dos movimentos LGBT, sendo que muitos intelectuais da academia acabariam por participar nesses mesmos movimentos (Altman, 1996).

⁶⁰ A teoria *Queer*, consolidada nos anos 1990, defende antes de mais, que a orientação sexual e a identidade de género são o resultado de uma construção social e que, por isso, não existem papéis sexuais biologicamente inscritos na natureza humana, mas sim formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais (Jackson & Scott, 2010). Nesse sentido, condena veementemente qualquer tipo de normativismo sexual, ou seja, a tendência que as sociedades têm para sexualizar o todo, ao heterossexualizarem ou homossexualizarem os discursos, os direitos e as instituições.

De acordo com o duplo padrão sexual, a procura do prazer sexual no seio uma relação estável ou fora dela continua a estar mais associada a uma necessidade masculina do que feminina. Por oposição, a busca do prazer pela mulher, ainda que hoje seja percebida como desejável, continua envolta em tabus (Bozon, 2015; Policarpo, 2011). Não porque as mulheres não desejem também a obtenção do prazer que decorre da atividade sexual, mas porque as práticas e os discursos continuam ainda bastante espartilhados pelo moralismo social das sociedades patriarcais. Do mesmo modo, a crença segundo a qual os homens são recompensados por terem um elevado número de parceiras sexuais, enquanto as mulheres são penalizadas pelo mesmo tipo de comportamento, é uma componente importante do duplo padrão sexual (Milhausen & Herold, 1999).

Este duplo padrão coloca as mulheres numa posição particularmente delicada. Limita as suas formas de experimentação e expressão da sexualidade, bem como a sua afirmação enquanto cidadãs sexuais (Coelho, 2009b; Jackson & Scott, 2004). Apesar das lutas travadas pelas feministas no sentido da igualdade entre os géneros nos mais diversos domínios – onde se inclui a sexualidade - as mulheres continuam a ser descritas como “seres emotivos, caprichosos, cujos processos de pensamento não caminham por linhas racionais” (Giddens, 1992: 17). Por esse motivo, alguns ainda acreditam que a sua missão consiste em suprir as necessidades do marido, coibindo-se do prazer sexual como se se tratassem de seres «virtuosos»⁶¹ (Vance, 1992 [1984]b).

Estereótipos desta ordem refletem ideais sem grande correspondência com a realidade, mas a verdade é que subsistem, moldando mentalidades e discursos e alimentando, como diria Bourdieu (1999), a dominação masculina e as desigualdades de género. A forma como M. Mead (1935) e Parsons (1942), por exemplo, olharam para os papéis de género, defendendo que o

⁶¹ A «virtude», nas palavras de Giddens, designa “(...) a recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual” (1992: 16).

homem ocupa uma posição hierarquicamente superior à da mulher, com base nos costumes e com vista à estabilidade social, deu lugar àquilo que Beauvoir (2011 [1949]), Foucault (1994) e Bourdieu (1999) defenderam ser a subordinação da mulher em função do poder masculino. A crença na alegada superioridade masculina e a forma como as sociedades se organizam social e culturalmente, permitem ao homem o exercício de “violência simbólica” sobre a mulher nas diversas esferas da vida social e, concretamente, na sexualidade:

A força particular da sociodiceia masculina vem-lhe do facto de acumular e condensar duas operações: legitima uma relação de dominação, inscrevendo-a numa natureza biológica que é ela própria uma construção social naturalizada (Bourdieu, 1999: 20).

A “violência simbólica” institui-se, portanto, por intermédio da adesão do dominado ao próprio ato de dominação e, como diria Friedl (1975), o mistério não é como é que os homens são superiores, é como é que as mulheres e os homens acreditam que eles o são. Através do conceito de “violência simbólica”, Bourdieu (1999) designa o modo como as mulheres incorporam a superioridade masculina ao ponto de sentirem como natural a sua subalternidade. No domínio da sexualidade, esta incorporação é evidente, por exemplo, na condenação do comportamento sexual feminino no que se refere à existência de vários parceiros sexuais ao longo da vida. As mulheres são bastante críticas relativamente às suas condutas sexuais e às das outras mulheres, ao mesmo tempo que toleram ou até valorizam esse tipo de comportamento se ele for praticado pelos homens. Trata-se de um duplo padrão que, entre outras razões, permanece contido na força das palavras, “(...) só ofensivas e insultuosas quando se trata de julgar o comportamento feminino” (Aboim, 2013: 54). Esta foi, de resto, a conclusão a que chegaram também Stewart-Williams, Butler e Tomas (2016), num estudo⁶² publicado recentemente sobre o passado sexual das mulheres e a atratividade que exercem sobre um novo parceiro: os homens só não são «esquisitos» quanto ao passado sexual das mulheres,

⁶² O estudo foi realizado no Reino Unido, através de um inquérito *online*, onde participaram 84 homens e 104 mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos.

nomeadamente no que se refere ao número de parceiros, quando estão apenas interessados numa relação de uma noite.

Também Ferreira (2010b) alerta para a influência que as representações e as identidades de género exercem na construção dos discursos sobre a sexualidade, onde o repertório sobre o número de parceiros constitui uma das dimensões mais importantes. No estudo que organizou sobre o comportamento sexual dos portugueses, constata que o duplo padrão sexual se repercute efetivamente no número de parceiros declarados pelos indivíduos: os homens estão mais representados nas classes com mais parceiros e as mulheres nas classes com menor número de parceiros. O autor acrescenta que as discrepâncias encontradas refletem a interpretação ou o valor simbólico que homens e mulheres atribuem à rotação de parceiros, verificando-se uma certa sobrestimação no caso dos homens, na medida em que através dela podem reconhecer e manifestar uma dimensão identitária associada à afirmação da virilidade masculina (Vale de Almeida, 1995; 1996) e uma subestimação no caso das mulheres, em virtude do estigma que ainda sofrem no que toca à diversificação de parceiros sexuais (Sheff, 2005). Na sua opinião, é:

(...) excessivo acreditar que é possível obter medidas objetivas da atividade sexual que não sejam mediadas ou permeadas por interpretações, sentidos e resistências. A ordem da significação está sempre presente quando se designam os atos, as práticas ou os relacionamentos sexuais, cuja contabilidade não pode deixar de ser por ela amplificada, subestimada ou distorcida (Ferreira, 2010b: 69).

Tal como escreveu Vasconcelos (1998), mesmo que o duplo padrão tenha entrado em declínio, não significa que tenha sido efetivamente erradicado, pelo que continuam a subsistir diferenças no que toca ao comportamento sexual e aos julgamentos que sobre ele se fazem, de acordo com a pertença de género. A asserção do número de parceiros sexuais é apenas um ponto onde se manifestam essas diferenças. Supõe-se, no entanto, a existência de algumas mudanças que conduziram a uma maior convergência no que respeita aos direitos e práticas

sexuais, como é o caso da emancipação feminina⁶³ e a emergência de uma “sexualidade plástica” (Giddens, 1992).

Enquanto teórico da crescente individualização nas sociedades ocidentais e, em parte, em consonância com a perspectiva construcionista de Berger e Luckmann (1966), Giddens (1992) analisa a sexualidade como uma parte integrante do projeto individual, como uma forma de autoconstrução do *self*. No seu entender, a “sexualidade plástica” emerge no contexto das mudanças sociais da modernidade avançada e contrasta com os binómios tradicionais: heterossexual *versus* homossexual; compromisso *versus* promiscuidade; casamento *versus* extraconjugalidade; convencional *versus* perverso. Enquanto “prática descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (Giddens, 1992: 10) e através da emergência de técnicas contraceptivas modernas, a “sexualidade plástica” permite estabelecer a separação entre o ato sexual e a reprodução. Nesse sentido, contribui não apenas para a reivindicação do direito ao prazer sexual (principalmente no caso das mulheres), como para a libertação das restrições inerentes às expectativas tradicionais de género.

A “sexualidade plástica” está, por isso, associada ao *self* e à construção da identidade individual, na medida em que, através de uma “negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais” (*Idem*: 11), implica uma democratização das relações interpessoais, comparável com a democracia existente na esfera pública. Contribui, dessa forma, para a atenuação do duplo padrão sexual, uma vez que a mulher pode, por essa via, reivindicar práticas que outrora faziam parte apenas dos desígnios masculinos, com consequências não só no domínio privado da vida conjugal, como na própria organização das sociedades:

As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual e muitas começam a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento

⁶³ A propósito da emancipação feminina ou do feminismo enquanto movimento social de defesa dos direitos das mulheres, ver entre outros, Bernard (1982) e Smith (1990).

satisfatório. (...) O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo (*Idem*: 21-22).

Do que foi dito, é possível compreender que os papéis de género e as relações de intimidade entre homens e mulheres não são mais os de outrora. Assistimos a uma “democratização implícita na transformação da intimidade” (*Idem*: 212): as mulheres reclamam igualdade de direitos relativamente aos homens na tentativa de conseguirem um equilíbrio harmonioso. As sociedades contemporâneas assistem a movimentos alargados de transformação da dominação simbólica masculina e as mulheres afirmam novas formas de feminilidade alicerçadas na corporeidade e na sexualidade (Nash, 2014), numa atitude provocatória aos preceitos normativos tradicionais. Ainda que este seja um comportamento emergente que, de facto, não configura a regra, a tendência aponta para que, cada vez mais, as mulheres escolham os seus parceiros sexuais, mudem de parceiros de acordo com a sua vontade e vivam mais ativamente a sua sexualidade, uma vez que ela deixou de ser encarada como exclusivamente reprodutora (Bauman, 1998). No entanto, importa sublinhar que as transformações sociais não se dão de uma vez por todas, não acontecem por substituição relativamente aos padrões normativos anteriores, sendo que coexistem formas tradicionais e vanguardistas de expressão e de experimentação da sexualidade. Como sempre acontece, algumas franjas minoritárias protagonizam reações conservadoras a estas mutações contemporâneas do sexual (Policarpo, 2011).

Em contexto turístico - aquele que é relevante neste estudo - também se verifica o escrutínio da sexualidade, bem como reações conservadoras às práticas sexuais. Contudo, convém lembrar que o lugar turístico, com os diferentes cenários, atrações e experiências que proporciona, contribui de forma inequívoca para a vivência de uma sexualidade mais livre, frequente e intensa (Marques & Lança, 2016; McKercher & Bauer, 2003; Zhang & Xu, 2019).

Capítulo 2.

Num Lugar de Sol e Praia: Percursos, Contextos e Estratégias de Investigação

Falar sobre sexo e sexualidade não é o mesmo do que falar sobre outras áreas do comportamento humano. Todos nós, ao longo do processo de socialização, com a interiorização do sistema de valores, normas e comportamentos da cultura a que pertencemos (Bourdieu & Passeron, 1970; Dubar, 1997), aprendemos a associar a sexualidade à vida íntima e privada, pelo que, tornar públicos estes aspetos, mesmo que ao abrigo do princípio da confidencialidade de quem interroga e ouve, é sempre mais difícil do que falar sobre outros comportamentos (Aboim, 2013).

Quer se queira, quer não, e não obstante a proliferação crescente de imagens e conteúdos sexuais mais ou menos explícitos nos diversos meios de comunicação social, a sexualidade, de um modo geral, continua impregnada de “tabus e preconceitos” (Pais, 2012: 20). Se, por um lado, são inegáveis os benefícios associados a uma certa liberalização, por outro, a expressão da sexualidade no nosso panorama mediático apresenta uma face nem sempre positiva (Nobre, 2015). Muito embora o conservadorismo sexual clássico seja cada vez menos visível (Weeks, 2007), a verdade é que os discursos frequentes nos *media* não são imunes a um conjunto de mitos e crenças que, embora menos conservadores que os de outrora, não deixam de criar imagens e expectativas sobre o que deve ou não ser uma sexualidade «normal» e «saudável» (Nobre, 2015). Entre esses mitos e crenças estão a ideia da sexualidade resumida ou

fundamentalmente centrada no coito vaginal praticado entre casais heterossexuais, implicando obrigatoriamente um pênis (suficientemente) ereto e a capacidade do homem e da mulher experimentarem o orgasmo (de preferência simultâneo) durante a penetração vaginal (*Idem*). Ora, esta mensagem que é amplamente difundida, mas que está tão longe das múltiplas respostas da sexualidade humana, ajuda a criar exigências irrealistas, podendo mesmo ser causadora de frustrações e insatisfação sexual (*Idem*). Tudo isto, aliado ao facto de se tratar de um comportamento que é do domínio privado, faz com que frequentemente os indivíduos sintam vergonha em falar sobre a sua vida sexual.

Simultaneamente, convém lembrar que apesar do incremento nas pesquisas sobre sexualidade, este é um tema difícil de retratar com fidelidade, sobretudo porque se debruça sobre o que fazem as pessoas na sua vida íntima. Em certo sentido, lida-se com os discursos das pessoas e não com a verdade absoluta acerca das suas práticas sexuais ou sequer os seus pensamentos e opiniões (Aboim, 2013). Falar sobre sexo e sexualidade pode ser mais banal nos dias que correm, nas sociedades ocidentais, mas não deixam de ser temas capazes de comprometer, como diria Goffman (1993 [1956]), a imagem que se quer manter aos olhos dos outros. Por esse motivo, é extremamente importante saber ler nas entrelinhas do que é contado, pensando as narrativas ou os dados numéricos que se agregam em forma de percentagem, muito além de uma coleção de histórias sobre a vida sexual.

Contudo, os dados recolhidos não deixam de ser fundamentais para a pesquisa e não podem ser negligenciados, porque são eles que dizem como se concretiza a sexualidade – como é pensada e, sobretudo, como é contada pelos indivíduos – neste contexto de investigação (Aboim, 2013). Começo o capítulo precisamente por me debruçar sobre as dificuldades inerentes ao estudo da sexualidade humana, para depois explicar os objetivos da pesquisa, assim como o contexto de investigação e os procedimentos metodológicos usados para a recolha e o tratamento dos dados.

2.1 Compreender a Sexualidade Humana: Um Percurso (Quase) Sempre Difícil

O comportamento sexual humano é um campo de análise social complexo que tem conhecido nos últimos anos um interesse crescente da opinião pública, da comunicação social e mesmo dos decisores políticos. No domínio das ciências sociais, a sociologia, a psicologia e a antropologia têm-lhe dedicado especial atenção e um esforço crescente de investigação (Ribeiro *et al.*, 2007). No entanto, são vários os autores que referem que estudar o comportamento sexual humano é não só um processo difícil, como particularmente repleto de riscos (Fisher *et al.*, 2011; Lee, 1993; Okami, 2002; Weis, 2002; Wiederman, 2002). E embora as dificuldades e os riscos sejam uma parte integrante de qualquer investigação (Ribeiro *et al.*, 2007), aquilo que distingue esta das demais é a natureza do objeto, a sua extensão e a relativa novidade das questões que coloca, pelo menos no panorama nacional.⁶⁴

Com efeito, é no próprio objeto de estudo, a sexualidade humana e, mais concretamente, nas representações sociais acerca dela, que residem as principais dificuldades e riscos com que me defrontei ao longo de dois verões no terreno. O primeiro, diria, é o estigma (Goffman, 2004 [1963]) que muitas vezes pesa sobre quem investiga esta temática, seja vindo da comunidade em geral, das pessoas cujos comportamentos queremos estudar ou da própria academia (Hammond & Kingston, 2014; Okami, 2002). Esta investigação e a minha participação nela tendem, muitas vezes, a ser avaliadas a partir das mesmas grelhas de leitura com que se julgam

⁶⁴ Em Portugal, foi publicada no ano de 2010, a obra *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos*, cuja organização ficou a cargo de Ferreira e Cabral e onde vários autores analisam de forma pormenorizada os dados do inquérito *Saúde e Sexualidade*, aplicado em 2007, a uma amostra representativa de indivíduos entre os 18 e os 65 anos. Este foi o primeiro e único, até agora, retrato estatístico sobre a sexualidade dos portugueses. Mais tarde, em 2011, Policarpo defende a sua tese de doutoramento, intitulada *Indivíduo e Sexualidade: A Construção Social da Experiência Sexual*, onde aborda, com recurso a metodologias qualitativas, a relação entre a experiência sexual dos indivíduos e o sistema social em que estes se inserem. E, em 2013, Aboim publica a obra *A Sexualidade dos Portugueses* que, embora sem recorrer a nenhuma componente empírica, mas com o auxílio de dados históricos, faz um retrato da forma como os portugueses têm vivido a sua intimidade, ora marcados por um clima de vigilância e repressão, ora por um ambiente de liberdade e experimentação, em busca de uma sexualidade que pretendem cada vez mais feliz. No que respeita aos turistas, quer nacionais, quer estrangeiros e, que se tenha conhecimento, até agora não existem outros estudos realizados em Portugal sobre as práticas e as representações da sexualidade e da intimidade.

e condenam alguns comportamentos sexuais. Se por um lado, me deparei com reações de espanto e curiosidade, com afirmações do tipo: “*Deve ser muito giro estudar o comportamento sexual dos turistas!*” ou “*Conta lá o que já sabes sobre o sexo no Algarve!*”; por outro, alguns comentários vieram em tons de jocosidade ou de reprovação, como os deste tipo: “*Então agora és a menina do sexo?!*”, “*Não havia mais nenhum tema para estudares no teu doutoramento?*”, “*Só podes ser muito ‘maluca’ para te meteres a estudar uma coisa dessas!*” (notas de campo, diferentes dias, em 2014).

O conteúdo destes comentários, que fui anotando em diário de campo, parece ter implícita a ideia do sentido de transgressão, não só por querer saber «mais do que devia» sobre a vida íntima das pessoas, mas também porque ainda se associa uma certa perversão a quem estuda estes assuntos. Ou seja, é comum pensar-se que quem investiga um determinado tema é porque pertence ao grupo que está a investigar (Hammond & Kingston, 2014). Talvez seja esse o motivo pelo qual uma das minhas entrevistadas, já no decorrer do trabalho empírico, em resposta à questão sobre *Como acha que teria sido se, em vez de mim, fosse um colega do género masculino a conduzir a entrevista?*, tenha afirmado:

Sentia-me à vontade na mesma, não tenho preconceitos nenhuns. Obviamente que se a pessoa se tornasse mais insinuante, eu iria impor mais respeito. (Ana, 45 anos, viúva, numa relação amorosa).

Na resposta a esta questão, Ana deixa transparecer a ideia pré-concebida que muitos ainda mantêm acerca de quem faz investigação sobre temas como a sexualidade humana. No seu entender, seria possível que um colega masculino fizesse uso da qualidade de investigador para apresentar comportamentos menos próprios, quem sabe até libidinosos, diante da mulher que estava a entrevistar.

Situações idênticas acontecem, por exemplo, com investigadores que estudam temas como a prostituição e que, não raras vezes, são «confundidos» com pessoas que se dedicam ao

trabalho sexual (Lazaridis, 2001; Ribeiro *et al.*, 2007). Eu própria, no decorrer da minha pesquisa sobre prostituição em contexto de rua (Lança, 2006), cheguei a ser abordada por potenciais clientes enquanto fazia entrevistas às mulheres que se dedicam à prostituição, embora elas sempre tivessem afirmado que eu pertencia a uma instituição e que estava ali apenas para recolher dados.

Durante todo o processo que conduziu a esta tese de doutoramento também não foram raras as vezes que me desagradei com o olhar e com as palavras dos meus interlocutores quando lhes expliquei o tema da pesquisa, nomeadamente dentro da própria academia ou em conversas informais que ia tendo com conhecidos. Certa vez, durante uma conferência internacional sobre turismo, onde fui comunicar os resultados preliminares desta pesquisa, fui apresentada a colegas de outras universidades como a «menina do sexo». Outras vezes, cheguei mesmo a ouvir insinuações em jeito de convite para envolvimento íntimos, concretamente em ambiente de bares e discotecas, durante as minhas primeiras incursões no terreno para fazer «observação». Esta abordagem teve rigorosamente o objetivo de procurar o(s) locais mais convenientes para aceder aos informantes, pelo que, decorrente destas experiências, acabei por descartar o ambiente noturno e optar por locais mais «neutros» para recolher os dados.

Precisamente por se tratar de um tema sensível (Crawford & Popp, 2003; Wiederman, 2004) e por ter noção que o menor descuido na forma de o abordar poderia trazer riscos para a minha integridade física, rejeitei à partida uma abordagem etnográfica⁶⁵. Optei antes por uma investigação de carácter mais «tradicional», através da realização de entrevistas e inquéritos por questionário, em ambientes que convidam à descontração, como é o caso das praias do Algarve.

⁶⁵ Durante as primeiras reuniões de orientação científica, chegou a equacionar-se a hipótese de me hospedar num qualquer alojamento turístico do Algarve, como faz qualquer outro turista, para travar conhecimento com os hóspedes, ir acompanhando as suas rotinas de férias e auscultar de forma mais ou menos «subtil» as suas vidas sexuais.

Salvaguardei, desse modo, não apenas a minha integridade, como a qualidade dos dados recolhidos.⁶⁶

Convém lembrar também que os investigadores que estudam assuntos que são do foro íntimo e privado, como é o caso da sexualidade, colocam-se numa posição particularmente interessante para que a sua própria identidade sexual seja interpretada e avaliada por aqueles que estão a investigar. Pascoe (2012) refere que os aspetos associados à sexualidade do investigador são frequentemente lidos através de performances de género⁶⁷, as quais podem afetar determinantemente a pesquisa. Questões como o contacto físico e emocional podem, nesse sentido, ser especialmente preocupantes quando se pesquisa temas relacionados com o comportamento sexual humano. O género é, por isso, uma das categorias que mais interfere no contacto entre o investigador e os sujeitos da pesquisa, podendo facilitar ou dificultar a relação de proximidade que se estabelece entre ambos (Warren & Rasmussen, 1977).

A propósito, devo referir que quando, no âmbito da minha licenciatura, estudei a prostituição feminina (Lança, 2006), percebi que tive acesso privilegiado às informantes pelo simples facto de ser mulher. Também Ribeiro *et al.* (2007) aludem ao facto de, no decorrer da sua pesquisa sobre prostituição feminina em regiões de fronteira, se terem deparado com uma maior abundância, detalhe e profundidade de informação recolhida pelas investigadoras, quando comparada com os dados apresentados pelos colegas masculinos. No seu entender, as mulheres entrevistadas “(...) parecem sentir maior empatia, mais confiança, quiçá mesmo alguma espécie de cumplicidade, para entregarem informação do foro pessoal e mais ou menos íntimo” a investigadores do género feminino (Ribeiro *et al.*, 2007: 74). A partilha da identidade

⁶⁶ Inicialmente, equacionou-se também a hipótese de fazer a recolha dos dados em ambiente de diversão noturna, concretamente em bares e discotecas. No entanto, para além de ser necessária a autorização dos proprietários desses estabelecimentos, rapidamente se compreendeu que o consumo de álcool ou de outras substâncias psicoativas, próprias desses ambientes, poderiam comprometer a qualidade da informação recolhida.

⁶⁷ Butler (1999) apoia-se nas teorias da performatividade do género para mostrar que as relações sociais se constroem pela capacidade de agência dos indivíduos. Estes atuam na produção do real a partir de formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

de género parece ser um aspeto fundamental na construção do sentimento de confiança que é imprescindível para auscultar as histórias de vida das mulheres, especialmente quando elas remetem para a esfera sexual.⁶⁸

No caso da pesquisa que agora apresento, a minha identidade feminina constituiu um fator de seletividade (involuntário) nas relações que estabeleci com os sujeitos de investigação. Não quero com isto dizer que tenha obtido maior disponibilidade de colaboração por parte das mulheres em particular, mas senti que, com elas, as conversas foram claramente mais fluídas e «desinibidas». Este aspeto já tinha sido sublinhado por outros investigadores (Costa, 2011; Pasko, 2002; Pilcher, 2011; Silva & Blanchette, 2005), ao descreverem a maior facilidade com que normalmente as mulheres falam de assuntos «privados» com outras mulheres.

Uma das minhas entrevistadas, quando questionada sobre a forma como teria corrido a entrevista caso o entrevistador pertencesse ao género masculino, responde:

Eu acho que não teria respondido da mesma maneira, para ser sincera. (...) É como a história do ginecologista, o meu é uma mulher. (...) Sinto-me mais à-vontade com mulheres (...). Embora as pessoas tenham de ser profissionais e o sejam, é sempre aquela coisa, é uma pessoa do sexo oposto. (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

Pode ser mais fácil aceder a informação do domínio íntimo quando existe uma partilha da identidade de género, mas acontece exatamente o inverso na sua ausência. Na abordagem metodológica que usei, descrita mais adiante, verifico que no caso da aplicação dos inquéritos por questionário, o género do respondente não teve influência na obtenção de respostas válidas ou num possível sentimento de embaraço por «falar» sobre a vida sexual, já que os inquéritos

⁶⁸ Dworkin, Beckford & Ehrhardt (2007) e Johnson & Copas (1997), por exemplo, mostram que na generalidade das situações, ser mulher constitui um benefício para a realização de entrevistas sobre o comportamento sexual humano. No entanto, devemos ter em consideração que os seus estudos incidiram sobre os comportamentos de risco, como é o caso da disseminação do VIH e de outras IST. Esta evidência leva-nos a refletir sobre as formulações de Simmel (2009 [1908]) e de Chodorow (1978, 1989), e sobre o postulado mais ou menos comum de que às mulheres continuam a associar-se qualidades como a empatia, a sensibilidade e a intuição, que fazem com que seja mais fácil falar deste tipo de assuntos com elas.

foram autoadministrados e de resposta anónima. Mais difícil foi quando houve necessidade de dar a cara para falar sobre a vida sexual, como aconteceu durante as entrevistas presenciais. A maioria dos entrevistados do género masculino admitiu que se sentiria mais confortável diante de um entrevistador masculino ou, como diria Vale de Almeida (1996), ao menos seria possível usar um tipo de linguagem mais congruente com os códigos da virilidade:

Talvez eu pudesse usar palavras mais grotescas com alguém do género masculino. É assim que os homens falam uns com os outros, são mais rudes, mais perversos. (John, 32 anos, solteiro).

No decorrer das entrevistas com os sujeitos masculinos senti, de facto, uma maior contenção nas palavras e um maior cuidado na forma como certos assuntos foram abordados. Talvez fosse uma estratégia para não ferir as minhas «suscetibilidades», precisamente por ser mulher e por existir uma ideia generalizada de que as mulheres são mais sensíveis e não usam certos tipos de linguagem. No entanto, pelo facto de ser mulher e mostrar o à-vontade característico de quem faz investigação sobre sexualidade há já algum tempo, foi também comum receber «insinuações» de alguns dos meus entrevistados. Alguns insistiram mesmo em disponibilizar os seus contactos de telefone e correio eletrónico, sob pretexto de continuarem a colaborar na investigação caso eu necessitasse de informações adicionais, embora esses dados nunca tenham sido solicitados no decorrer das entrevistas.

Pelos motivos expostos, a pesquisa de temas sensíveis como é o caso da sexualidade humana, requer uma capacidade de “envolvimento e distanciamento” (*involvement and detachment*) simultâneos por parte do investigador (Elias, 1987). Este deve ser capaz de se envolver suficientemente na temática, mostrando ao sujeito de investigação que é detentor de conhecimento científico, terminologia e “linguagem privilegiada”, ao mesmo tempo que demonstra empatia, proximidade e “compreensão em relação ao ponto de vista dos envolvidos” (Denscombe, 1998: 69). No entanto, o investigador também deve experimentar algum

distanciamento, não apenas para evitar aquilo que comumente se designa como “subjetividade do investigador” (Finlay, 2002) ou “crenças pessoais” (Denscombe, 1998) mas, igualmente, para evitar situações de desconforto para ambos os intervenientes no processo de pesquisa. Este tipo de situações pode ocorrer quando o investigador é demasiado intrusivo, forçando o entrevistado a responder a determinadas questões que este preferiria simplesmente não responder (British Sociological Association, 2002), ou quando o sujeito de investigação «confunde» o objetivo da entrevista, julgando que o entrevistador é alguém que estuda o sexo e a sexualidade por perversão (Okami, 2002). Esta última situação é, como mencionei, relativamente comum.

Nesse sentido, Perry, Thurston e Green (2004: 147) defendem o equilíbrio harmonioso entre o envolvimento e o distanciamento do investigador que faz pesquisa na área da sexualidade, no sentido de garantir a “integridade do seu processo de pesquisa”.⁶⁹ Simultaneamente, o investigador deve ter presente um conjunto de procedimentos éticos e deontológicos a adotar em pesquisas sobre temas sensíveis, onde se inclui a sexualidade (Tabela 2.1).

Para além dos aspetos mencionados, há ainda que destacar como dificuldade inerente ao processo de pesquisa, a escolha dos lugares para aceder aos informantes. Quando se descartou a hipótese de realizar o trabalho de campo em ambiente noturno, pensou-se que as praias seriam a opção ideal: por serem lugares que convidam à descontração e à informalidade, onde não seriam necessárias autorizações específicas por se tratarem de lugares públicos, e onde parecia que a possibilidade de encontrar turistas do tipo *dolce fare niente* era enorme. A

⁶⁹ Silva e Ribeiro (2015: 179), num texto sobre ética e bioética em investigação sobre trabalho sexual, reforçam a ideia de que “conquanto comporte riscos e embaraços, esta abordagem [das ciências sociais] deve convocar a plena participação dos académicos no campo político”, recuperando a proposta de Bourdieu (2002) por um “saber comprometido”. Com isto, e também à semelhança do que refere Bourdieu (1997), os autores pretendem evidenciar que o contacto com o terreno e com os informantes é imprescindível para a produção do conhecimento, tornando possível “deslocar o nosso próprio olhar e colocarmo-nos no lugar dos outros” (Silva & Ribeiro, 2015: 187).

abordagem aos turistas que, durante as suas férias, optam por relaxar e descontraír, fazendo simplesmente «nada» enquanto tomam banhos de sol, mostrou-se, de facto, a opção mais conveniente. Significaria, à partida, maior disponibilidade para se deixarem entrevistar ou para responderem ao inquérito por questionário.

Tabela 2.1 – Procedimentos Éticos e Deontológicos a Adotar em Pesquisas sobre Sexualidade/Temas Sensíveis

1. Obter o consentimento informado dos participantes;
2. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes e dos dados recolhidos;
3. Considerar a vulnerabilidade do investigador e dos participantes em pesquisas sobre grupos minoritários, marginalizados e estigmatizados ou sobre temas sensíveis;
4. Dar importância ao tipo de comunicação estabelecido entre o investigador e os participantes;
5. Respeitar os valores, a cultura e as opiniões dos participantes;
6. Disponibilizar tempo suficiente para os participantes responderem livremente;
7. Proteger os direitos dos participantes.

Fonte: Adaptado de Shirmohammadi *et al.* (2018) e British Sociological Association (2002).

Não havendo lugares ideais nem situações perfeitas, a chegada ao terreno mostrou-me um cenário previsto, mas pouco favorável: praias apinhadas de gente, sobretudo as mais pequenas e quando a maré já ia alta, onde os turistas praticamente tinham de «colar» a sua toalha à do vizinho do lado. Este aspeto não teve grande relevância na aplicação dos inquéritos por questionário que, por serem autoadministrados, garantiram a privacidade das respostas. Mas foi determinante no acesso aos indivíduos a quem perguntei se estavam disponíveis para responder a uma entrevista, reconhecidamente ambiciosa e longa, sobre representações e práticas sexuais. Muitos, ao saberem do tema, olharam instintivamente para os vizinhos do lado - como que a adivinhar que também eles seriam conhecedores dos aspetos mais íntimos das

suas vidas - e responderam prontamente que não estavam interessados. Afinal, a sexualidade é um tema privado que não se «entrega de forma gratuita» a qualquer um.

A realização das entrevistas foi, por isso, um processo bastante longo, penoso e por vezes desmotivante, se considerarmos todos os indivíduos que contactei e não logrei entrevistar. Foram também muitos os quilómetros percorridos entre o barlavento e o sotavento algarvio, praias frequentadas por diferentes perfis de turistas (alguns reconhecidamente mais afáveis que outros), horas intermináveis de calor e pés na areia abrasadora para, muitas vezes, o trabalho reduzir-se quase a nada. Mas nem por isso desisti. Mantive a opção das praias de Algarve porque, apesar dos pesares, as praias continuavam a ser os locais mais acessíveis e favoráveis às minhas intenções de pesquisa. Para além disso, tinha a favor os inquéritos que íamos conseguindo recolher e era isso que, de alguma forma, me motivava.

Outra dificuldade relaciona-se com a nacionalidade dos indivíduos que participaram nesta pesquisa. Para a metodologia quantitativa foi feito um cálculo amostral, tendo por base as nacionalidades dos turistas que são mais representativas no Algarve (*Vide* subponto 2.5.2). Nesse sentido, foi necessário recorrer à opinião de amigos e conhecidos que vivem em diferentes zonas do Algarve, assim como consultar algumas fontes estatísticas (Correia & Águas, 2017; INE, 2014a), para perceber quais são as praias mais frequentadas por turistas de determinadas nacionalidades. Assim, aos poucos, fui percebendo por exemplo que, enquanto as praias de Quarteira e Faro são procuradas sobretudo por turistas portugueses, a praia da Oura (Albufeira) é escolhida principalmente por turistas ingleses e a Praia Verde (Castro Marim) essencialmente por turistas espanhóis. Para chegar a todos eles, na medida do que era necessário para completar as quotas e, utilizando uma expressão da gíria portuguesa, foi um verdadeiro trabalho de «pesca».

As dificuldades e situações de risco com que me defrontei no terreno e que deixei, de forma sucinta, registadas, constituem simultaneamente uma das mais significativas e

interessantes matérias para análise e reflexão produzidas no âmbito desta pesquisa. Sempre que necessário, voltarei a elas e às notas de campo, de forma a ilustrar as diversas componentes que integram este trabalho. Nesse sentido, não há como não reconhecer que, apesar do enorme e permanente desafio que esta pesquisa representou, apesar de todas as dificuldades encontradas no caminho, o saldo é francamente positivo e recompensador.

2.2 Problema, Objetivos de Investigação e Modelo de Análise

Ultrapassadas as dificuldades inerentes ao trabalho de campo e fazendo jus à curiosidade científica, há um aspeto com que praticamente todos os investigadores concordam e que serviu de mote à realização desta investigação: é que a relação entre a sexualidade e o turismo tem sido não apenas sub-investigada, como é claramente sub-teorizada (Agustín, 2010a; Berdychevsky, Gibson & Poria, 2013; Cabezas, 2009; Carr & Poria, 2010; Frank, 2007; Frohlick, 2010; Jordan & Aitchison, 2008; Leheny, 1995; Marques & Lança, 2016; McKercher & Bauer, 2003). Com o objetivo de ultrapassar estas lacunas, elencam-se o problema de investigação, os objetivos que se pretendem alcançar e o modelo de análise desenhado para a pesquisa.

Entende-se por problema de investigação um facto, objeto ou fenómeno que, por não estar completamente explicado, quer em termos teóricos ou empíricos, necessita de análises e estudos suplementares. No sentido de preparar eficazmente o desenho da investigação, ou seja, todas as questões relacionadas com o planeamento (Flick, 2014), o problema deve refletir situações reais e concretas, para as quais se sugere um conjunto de hipóteses ou de perguntas significativas que são operacionalizadas no decurso da pesquisa (Creswell, 2015). Assim, o problema de investigação deve ser abrangente e original (Stake, 2011), refletindo a temática, as evidências e as lacunas da literatura, bem como a importância para a comunidade geral e científica (Creswell, 2007).

Neste caso concreto, o problema de investigação foi o seguinte:

Quais são as articulações entre a experiência turística e as práticas e representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade?

Da formulação do problema de investigação resultou o objetivo geral desta pesquisa:

Compreender as práticas e as representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade e o efeito do destino turístico nesses comportamentos e representações.

Esta investigação pretende ainda alcançar um conjunto de objetivos específicos, dando resposta a algumas questões mais concretas:

1. *Conhecer as principais motivações dos turistas para fazerem férias no Algarve.*

1.1 O romance e o sexo são importantes motivações para viajar para este destino?

2. *Identificar os padrões de comportamento romântico e sexual durante as férias.*

2.1 De que forma surgem o romance e o sexo em contexto turístico?

2.2 Qual o significado que os turistas atribuem às práticas sexuais e românticas em contexto turístico?

2.3 Será que em contexto turístico os comportamentos românticos e sexuais são diferentes dos do quotidiano?

2.4 Existirá algum sentido de transgressão? Se assim for, será que a transgressão se está a tornar uma espécie de norma em contexto turístico?

2.5 De que forma os comportamentos românticos e sexuais variam em função das características sociodemográficas?

2.6 Homens e mulheres apresentam o mesmo tipo de comportamentos?

3. *Compreender o papel da indústria turística nos encontros românticos e sexuais.*

3.1 Qual é a importância da indústria turística neste tipo de encontros?

4. *Analisar os comportamentos de risco relativos às práticas sexuais em contexto turístico.*

4.1 Será que os turistas têm vários parceiros sexuais durante as férias?

4.2 A prática sexual em contexto turístico envolve comportamentos de risco para a saúde como a disseminação de IST?

4.3 O que tem sido feito no sentido de evitar esses comportamentos de risco?

5. *Formular princípios orientadores, em termos de políticas públicas, sobre a articulação entre a sexualidade e o turismo.*

5.1 De que forma o Algarve pode aproveitar a sexualidade e a intimidade para captar e fidelizar turistas?

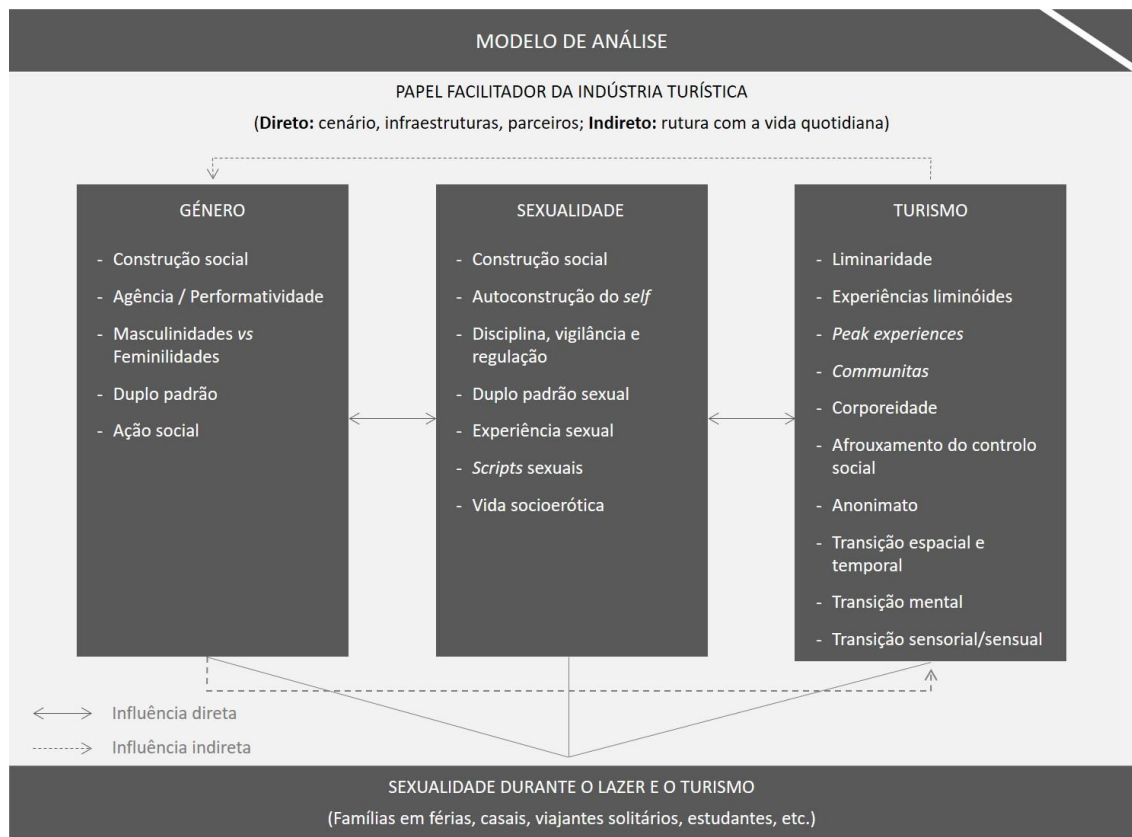
5.2 Qual é a importância de um segmento alicerçado no romance e na sexualidade para o rejuvenescimento do destino turístico?

5.3 De que forma a sexualidade e o romance podem contribuir para contrariar a sazonalidade do turismo no Algarve?

Para responder a estas questões foi necessário mobilizar conceitos de vários campos disciplinares, detalhados no Capítulo 1, que foram úteis para o processo de compreensão sobre a articulação entre o género, a sexualidade e o turismo. Esta articulação é explicada no modelo de análise (Figura 2.1) que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998: 109), “constitui a charneira

entre a problemática fixada pelo investigador e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso”.

Figura 2.1 - Modelo de Análise



Fonte: Elaboração própria.

O caminho percorrido pela revisão da literatura (Capítulo 1) permite perceber, em primeiro lugar, que a identidade de género se vai construindo ao longo do tempo. Nas interações que estabelecem, os indivíduos, dotados de capacidade de agência, constroem significados identitários e atuam na produção da realidade. As estruturas sociais constroem as ações, mas simultaneamente, capacitam os projetos individuais. No entanto, na medida em que homens e mulheres são socializados de forma distinta, continua a verificar-se um duplo padrão aplicado

àquilo que se espera de uns e de outros. Assiste-se, por isso, a diferentes formas de masculinidade e de feminilidade.

Em segundo lugar, a literatura demonstra que o género e a sexualidade estão inextricavelmente relacionados, na medida em que o primeiro contribui para a construção da identidade sexual, ou seja, a preferência em termos de objeto sexual. A perspetiva dos roteiros sexuais (*sexual scripts*) mostra a mediação entre indivíduo e sociedade, bem como a importância que deve ser dada à interação social enquanto forma de produzir significados para o domínio sexual. A sexualidade é, por isso, um elemento crucial para a construção da identidade individual, sendo um produto complexo da articulação com o sistema social. É uma realidade «extra-ordinária» que permite experiências mais intensas, sensoriais e sentimentais. Pelas suas implicações, é alvo de curiosidade científica, religiosa e até política, sendo vigiada e regulada por diversas instâncias. Também em matéria de sexualidade verifica-se a existência de um duplo padrão moral: dos homens e das mulheres esperam-se comportamentos sexuais distintos.

Em terceiro lugar, a literatura evidencia a relação estreita entre a sexualidade e o turismo. Se a prática sexual faz parte da rotina quotidiana, é compreensível que ela também se manifeste em contexto turístico. Pode até manifestar-se com maior frequência e intensidade, dadas as características liminares da experiência turística. Nesse sentido, o turismo constitui uma oportunidade de escape, de comunhão com indivíduos que partilham a mesma situação (*communitas*) e de realização de experiências que são normalmente negadas no decorrer da vida quotidiana. Em contexto turístico, os indivíduos podem experimentar tudo de forma mais intensa e mais sensorial. Enquanto transição espacial, temporal, mental e sensorial, o turismo permite aos indivíduos mais tempo para investirem no corpo, na sensualidade e até na sexualidade. Em suma, podem viver experiências limite (*peak experiences*), (onde se incluem naturalmente as experiências relacionadas com o romance e a sexualidade) que são, em grande

medida, estimuladas pelo anonimato e pelo afrouxamento do controlo social que se verifica em contexto turístico.

O modelo de análise proposto mostra também que a articulação entre o género, a sexualidade e o turismo é mediada pelo papel exercido pela indústria turística. Por um lado, porque o turismo induz a rutura com a vida quotidiana, dando aos indivíduos a oportunidade de fazer muito daquilo que normalmente não fazem no seu dia a dia. Por outro lado, porque a indústria turística fornece o local, as infraestruturas e, em alguns casos, até mesmo os parceiros sexuais ou românticos. E, considerando que a maioria das relações românticas e sexuais em contexto turístico é positiva, benéfica e reforça a integridade individual dos participantes, o objetivo desta pesquisa consiste justamente em analisar a “sexualidade durante o lazer e o turismo”.

Todo o objeto de estudo é, necessariamente, o produto de um recorte metodológico. O mesmo significa dizer que a forma final de um trabalho de investigação resulta, em grande medida, das estratégias definidas pelo investigador para observar a realidade. No caso desta investigação, a problemática ou perspetiva teórica eleita emerge da combinação da teoria da estruturação, proposta por Giddens (1984), com a corrente sociológica do interacionismo simbólico (Blumer, 1969; Mead, 1934). Esta combinação teórica permite perceber, por um lado, a intermediação entre indivíduo e estrutura, e por outro lado, os significados atribuídos pelo indivíduo às interações que estabelece. Tal como argumenta Giddens (1984), as dimensões estruturantes são, simultaneamente, condição e produto da ação, porque, se da esteira de autores clássicos como Durkheim (1998) e de contemporâneos como Bourdieu (1994), redundava que os indivíduos são o produto das estruturas sociais em que se movem, convém lembrar também que são os indivíduos que constroem a sociedade. Concomitantemente, e segundo a perspetiva interacionista, os indivíduos não se limitam a reagir a estímulos. Através do processo

social de comunicação, eles adquirem pensamento reflexivo, produzindo significados no decorrer das suas interações (Mead, 1934).

Em suma, se, por um lado, importa compreender o sentido atribuído às ações individuais em matéria de sexualidade e intimidade, por outro, importa conhecer o papel do Algarve enquanto estrutura onde se movem os turistas em tempo de férias, e a sua relação com os encontros amorosos e sexuais.

2.3 O Algarve como Contexto de Investigação e Lugar de Encontros Amorosos e Sexuais

A escolha do Algarve como contexto de pesquisa não se deu por acaso. Não foi, contudo, por se tratar de um destino de *turismo sexual*, como à partida se poderia pensar, mas por ser um destino de férias em família ou em grupos de amigos onde a sexualidade desempenha, necessariamente, um papel importante. A escolha desta região deu-se, em primeiro lugar, por ser o meu local de residência habitual, tendo acesso relativamente fácil ao terreno, poupando tempo e outros recursos e, depois, pelo facto do Algarve ser o principal destino turístico em Portugal (INE, 2018b), procurado anualmente por milhares de turistas nacionais e estrangeiros⁷⁰ e, por isso, um «laboratório» natural para a investigação em turismo.

Em termos geográficos, o Algarve é a região situada mais a sul de Portugal continental, no extremo ocidental da União Europeia. As suas fronteiras estão delimitadas a norte pela região do Alentejo, a este pela região espanhola da Andaluzia e a sul e oeste pelo Oceano Atlântico. A sua área compreende um pouco mais de 5.000 km², coincidindo perfeitamente com o distrito

⁷⁰ O Algarve conquistou consecutivamente, no período 2012-2017, o galardão de ‘Melhor Destino de Praia da Europa’, atribuído pelo *World Travel Awards* (<https://www.worldtravelawards.com/award-europes-leading-beach-destination-2017>) e, em 2018, o prémio de ‘Melhor Destino de Golfe do Mundo’, atribuído pelo *World Golf Awards* (<https://worldgolfawards.com/winners/2018>).

de Faro (cidade que é também a capital administrativa da região), onde residem cerca de 440 mil habitantes, distribuídos por 16 concelhos (INE, 2018a).

Ainda que na região residam apenas 4,3% da população nacional, ela representa atualmente a segunda região mais rica do país, logo depois de Lisboa e Vale do Tejo (*Idem*). Em 2017, o Algarve representava um contributo de 4,6% para o PIB (Produto Interno Bruto) nacional, na ordem dos 20,463 milhares de euros (*Idem*), mas apesar da região ter uma quota de exportações muito baixa, importa salientar que as vendas ao exterior vão muito além dos bens e produtos, como afirma Neto, presidente do NERA (Associação Empresarial da Região do Algarve):

Quando se fala de exportações, estamos a falar de 70 mil milhões de euros, dos quais 48 mil milhões são de bens e 22 mil milhões são serviços. O turismo representa metade das exportações de serviços. Foram 10,4 mil milhões no ano passado. É aqui que nós estamos. O maior setor exportador de bens e serviços é o turismo, representando 14,8% das exportações do país (Aguiar, 2015).

O turismo é o principal setor de atividade no Algarve, representando cerca de 66,0% do PIB regional e a ocupação de mais de 60,0% da população ativa (ERTA, 2018). No ano de 2017, a região registou cerca de 4,5 milhões de hóspedes em alojamento classificado, mantendo-se como o principal destino turístico do país (30,9% do total de dormidas), (INE, 2018a). De resto, o Algarve é também a região com maior oferta de estabelecimentos hoteleiros (22,2% do total nacional), captando preferencialmente o mercado português (27,5%), logo seguido do britânico (25,8%). Embora com menor expressão, os mercados alemão (8,7%), espanhol (7,2%) e francês (5,4%) também se destacam por serem os que mais elegem a região (*Idem*), essencialmente por motivos de férias e lazer (86,0%), (Correia & Águas, 2017). Os turistas permanecem em média 4,6 noites, nomeadamente durante a época estival, a convite das praias e do bom clima que cá se faz sentir (INE, 2018b).

No entanto, é preciso que se diga que a afirmação do Algarve como destino turístico tem sido um processo gradual e, até lento, quando comparado com destinos semelhantes. Até meados do século XX, a região apresentava uma estrutura populacional e económica bastante débil, assente na pesca, na agricultura e numa indústria fracamente mecanizada. Em simultâneo, por estar afastada económica, política e culturalmente da capital, a região do Algarve sofreu algum isolamento em relação ao resto do país, processo que conduziu ao êxodo de boa parte da população residente não só para outras regiões, como também para o estrangeiro. Entre os anos de 1950 e 1970, o Algarve perdeu 18,3% da população residente (PROT Algarve, 2004), fruto das más condições de vida que muitos algarvios enfrentavam à data: “após dezenas de anos de uma agricultura que desertifica o solo e não garante vida decente a quem nele trabalha, começa o êxodo da população da serra e dos terrenos mais pobres da região” (Brito, 2009).

As redes viária e ferroviária no Algarve foram também, durante muito tempo, bastante deficitárias. O caminho de ferro chega a Faro apenas em 1889, sendo que a rede ferroviária do sul só foi terminada em 1921. Na verdade, a construção tardia do caminho de ferro foi preponderante para o lento crescimento do turismo balnear na região (Martins, 2014), já que em 1960 o percurso entre Lisboa e Albufeira demorava cinco horas e 25 minutos num comboio e sete horas e meia noutros dois (Brito, 2009). Não é de estranhar, portanto, que as primeiras estâncias balneares reguladas pelo Estado Novo tenham surgido na região costeira junto a Lisboa, nos municípios de Cascais, Oeiras e Sintra (Costa do Sol), e também no Litoral Norte (Costa de Prata), quando a qualidade das águas e das praias do Algarve era superior, assim como as temperaturas bastante mais amenas.

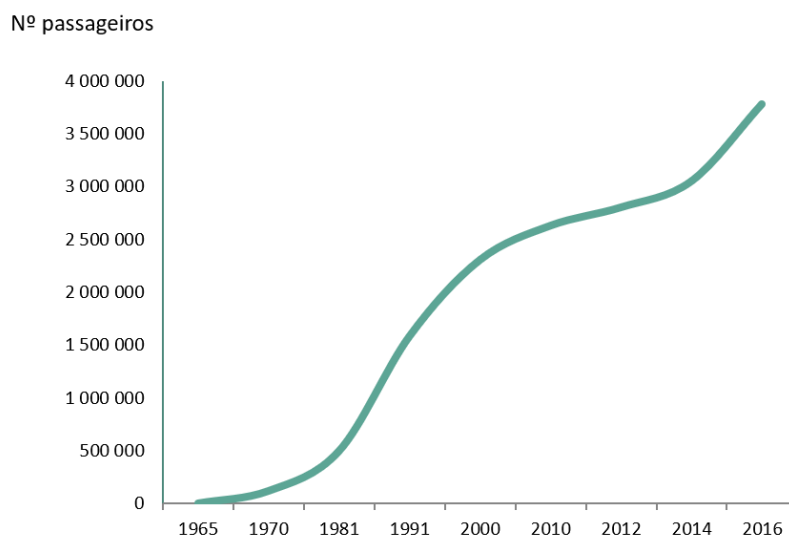
É forçoso assumir que, tanto o turismo como as outras áreas da vida social constituíam, durante o Estado Novo, uma reprodução ideológica do regime, sendo descritos determinados locais como os mais adequados ao lazer, com modalidades de alojamento particulares e formas de recreio consideradas próprias ao contexto simbólico e identitário da altura (Martins, 2014).

Por esse motivo, o Algarve como zona periférica, foi fortemente controlado pelo anterior regime político, que travou o processo de crescimento urbano e o desenvolvimento de outros setores de atividade que não o primário. O propósito era manter as áreas rurais povoadas, de modo a concentrar um grande número de trabalhadores agrícolas a baixo custo que possibilitassem o fornecimento de alimentos a todo o país.

Apesar das várias iniciativas privadas no ramo da hotelaria e da restauração, o subdesenvolvimento urbano no Algarve foi mantido pelo Estado Novo através de um labirinto burocrático que visava dificultar o processo de legalização das estruturas turísticas. Esta opção política só viria a ser menos restritiva por volta do ano de 1965, aquando do reconhecimento do aumento da procura turística por parte dos visitantes oriundos do norte da Europa. Para tal, muito contribuiu a inauguração do aeroporto de Faro, nesse mesmo ano. Desde então, o número de turistas chegados à região não tem parado de aumentar. Se, no ano da sua inauguração, o número de passageiros desembarcados se quedava nos 5.440 indivíduos, volvidos pouco mais de 50 anos, esse número ascende já a quase quatro milhões de passageiros (Figura 2.2).

A procura turística no Algarve tem aumentado exponencialmente, tanto por parte dos turistas nacionais, quanto dos estrangeiros, que buscam na região o descanso e o relaxamento, longe das obrigações da vida quotidiana. 83,0% dos turistas tradicionais (aqueles que utilizam formas de alojamento classificado) elegem especificamente as zonas costeiras da região para passarem as suas férias, sobretudo durante a época estival (61,0%), já que as atividades ligadas à praia estão no topo das suas preferências (42,0%), (Correia & Águas, 2017). O bom clima (21,0%), aliado à possibilidade de relaxar (10,0%) e os preços acessíveis (10,0%) são também, na opinião dos turistas, os grandes motes para fazer férias no Algarve, motivos que explicam o facto da grande maioria ser já repetente no destino (74,0%), (*Idem*).

Figura 2.2 - Passageiros Desembarcados no Aeroporto de Faro (1965 – 2016)



Fonte: Elaboração própria a partir de INE (2017a) e Brito (2009).

O Algarve tem beneficiado do desenvolvimento do turismo nas últimas décadas, muito para além da dimensão económica, mas não tem conseguido evitar uma dependência excessiva em torno do produto sazonal de «sol e praia» (Cruz, 2016), pese embora as estratégias emergentes que procuram contrariar esta tendência, como é o caso do golfe, do turismo de saúde e do turismo de natureza (PENT, 2012; PROT Algarve, 2004). Um dos principais traços distintivos da região é efetivamente os seus recursos naturais, em particular o clima mediterrânico: verões longos e quentes, invernos amenos e curtos, e mais de 300 dias de sol por ano, com uma temperatura média das mais elevadas da Península Ibérica. A par da hospitalidade e da segurança - aspetos que o distinguem, por exemplo, da vizinha Espanha - o Algarve reúne características suficientes para atrair turistas, sobretudo os do norte da Europa, que valorizam precisamente o sol e a praia.

Se, por um lado, estas características têm permitido captar cada vez mais turistas, com claros benefícios para a região, sobretudo aos níveis socioeconómico e cultural (Dias, 2003), por outro, estão a contribuir para intensificar a massificação turística do território (Joaquim, 2015),

com todas as contraindicações associadas (Butler, 1974; Cohen, 1978; Jafari, 1974; MacCannell, 1973; Turner & Ash, 1975; UNESCO, 1976). Hoje, a economia do Algarve é altamente especializada no turismo estival, com grande concentração da procura turística na época alta, nomeadamente durante os meses de julho e agosto (Cunha, 2003), o que provoca na região uma forte dependência das atividades sazonais, afetando também a estrutura e o desempenho do seu mercado de trabalho, com impactos evidentes ao nível do desemprego da população residente, sobretudo durante o inverno⁷¹ (Cruz, 2016).

O turismo assume-se como o motor económico da região, fazendo com que as atividades tradicionais, como a agricultura e a pesca, se desvalorizem. A imagem bucólica do Algarve, associada a um lugar “virgem” (Leite, 2008), habitado por gentes com modos de vida simples, tem vindo a desaparecer através do processo de mercantilização do seu território. Como diria Santos (2007: 27), a propósito do turismo de massas no Algarve, a viagem ao sul de Portugal “pode não ser mais uma experiência do conhecimento e da emoção romântica”.

Apesar da importância do turismo, o seu futuro é visto com alguma apreensão. O Algarve continua a ser um destino atrativo, mas demasiado dependente do binómio «sol e praia» (Silva, 2019). A especialização excessiva em torno deste produto, bem como a concentração de recursos financeiros e humanos num número limitado de atividades, pode conduzir a que o destino fique refém do seu próprio sucesso. A comprovar e, pese embora se verifique um aumento do número de hóspedes e de dormidas nos últimos anos, a relevância turística do Algarve no contexto nacional diminuiu ligeiramente: passou de 19,7% do total de hóspedes em Portugal, em 2016, para 18,9%, em 2017, e de 32,1% do total de dormidas em Portugal para 30,9% nesse biénio (INE, 2018b; INE, 2017b). Todas as outras regiões (à exceção da Região Autónoma da Madeira) viram aumentar o seu contributo relativo em termos de dormidas no

⁷¹ A taxa de desemprego no Algarve, no ano de 2011, era de 15,4% e no final de 2013, com os efeitos da crise económica, atingiu os 16,9% (INE, 2014c).

panorama nacional, o que significa que embora o Algarve continue a crescer em termos turísticos, existem outras regiões cujo crescimento é mais acentuado.

A sofisticação das preferências dos turistas, devido a novas tendências no setor, assim como os impactos negativos de uma elevada concentração populacional em apenas dois meses durante o ano, aponta para a necessidade - já identificada em vários planos nacionais e regionais (PENT, 2012; PROT Algarve, 2004) - de complementar o «sol e praia» com outras ofertas, no sentido de criar diferenciação e permitir maior competitividade face a destinos semelhantes (Cruz, 2016). As atividades em família ou orientadas para grupos de amigos, como é o caso das atividades na natureza, os desportos náuticos, radicais ou de outro tipo, o golfe, o *trekking*, a observação de aves, os spas, os tratamentos de saúde/beleza e uma maior oferta de entretenimento ligado à cultura e aos costumes tradicionais, onde se destacam a produção agrícola, a pesca e o artesanato (onde turistas e residentes podem interagir em processos de cocriação), são exemplos do potencial que o Algarve pode aproveitar para nortear o seu desenvolvimento, contrariar a tendência de sazonalidade e rejuvenescer-se enquanto destino turístico.

Simultaneamente, e considerando que a escolha de um destino turístico tem por base a procura e a antecipação de prazeres intensos (Urry, 2002), sendo a sexualidade uma dessas fontes de prazer (Weitman, 1998), podemos afirmar com recurso aos resultados desta pesquisa, que o Algarve constitui um lugar privilegiado para os encontros amorosos e sexuais. Nesse sentido, é necessário e até desejável que a indústria turística da região, com os seus operadores, animadores e equipamentos, explore o potencial de romance, erotismo e aventura sexual que a viagem ao Algarve parece encerrar (Marques & Lança, 2016).

2.4 A Praia como Espaço Liminar e Erótico: Negociação do Acesso ao Terreno e aos Informantes

Sendo o Algarve um destino de «sol e praia» e a praia uma das principais atrações turísticas, é justamente nela onde encontro o cenário para fazer esta pesquisa. Não obstante as dificuldades, que procurei contornar de forma mais ou menos hábil, vale a pena sublinhar que a praia, pelo seu potencial dinâmico e criativo, constitui um terreno extremamente fértil para a pesquisa em ciências sociais (Bruner, 2004; Silva, 2004).

Foram diversos os fatores que operaram a favor da praia enquanto terreno privilegiado para aceder aos informantes: entre eles, o facto de ser um lugar que convida à informalidade, à descontração, ao relaxamento e à boa disposição⁷² (Andrews, 2012; Machado, 2000), sendo essas características coadjuvantes naturais do investigador. Depois, por ser um dos principais atrativos do Algarve, a praia é o epicentro do turismo de massas durante a época estival (Sacramento, 2014), permitindo um acesso relativamente fácil ao público-alvo. Depois, e talvez o motivo mais importante, porque a praia tem sido descrita como um espaço liminar e erótico, que permite suspender temporariamente as normas e adotar comportamentos “rebeldes” ou mesmo “transgressivos”, onde se incluem as práticas sexuais (Andriotis, 2010; Coldicutt, 2008, 2014; Preston-Whyte, 2004). Essa característica foi, de resto, a principal impulsionadora da decisão de manter a praia como terreno de pesquisa, já que pretendia fazer «observação» enquanto tratava da recolha dos dados.

⁷² No texto intitulado *A Construção Social da Praia*, Machado (2000: 203) mostra que o imaginário e a apropriação que se faz da praia exprimem-se na “elaboração de determinadas técnicas corporais e padrões de sensibilidade”. Nesse sentido, a autora alude às transformações que têm ocorrido nos comportamentos e nos modos de perceber a praia, “desde a praia frequentada com finalidades exclusivamente terapêuticas – a praia «terapêutica» - até à praia «lúdica», entendida como lugar de prazer e aventura” (*Ibidem*). No caso da praia como espaço vocacionado para a terapêutica, sobressai a valorização dos elementos frios, enquanto a praia entendida como espaço lúdico e de prazer surge associada aos elementos quentes. De resto, tal como refere a autora, “ao quente corresponde o relaxamento, a diminuição da tensão e o exaltamento da libido” (*Idem*: 212).

De acordo com a literatura, as praias constituem zonas limítrofes entre o mar e a terra – e, por isso, são espaços liminares - onde os visitantes podem abandonar temporariamente as suas origens sociais (Andrews, 2012). Os trajes de banho e os corpos semidespidos fazem com que todos pareçam mais ou menos iguais, sendo que em contexto de praia, o *status* físico ganha importância sobre o *status* social (Gisolf, 2013). A manifestação da corporeidade é, aliás, um dos domínios mais interessantes para analisar a liminaridade em contexto turístico, precisamente por existir um maior investimento no corpo, nos sentidos, na sensualidade e até na sexualidade (Johnston & Longhurst, 2010). Tal como defende Baudrillard (2011), o corpo e as manifestações corporais regem-se por padrões de beleza, por padrões culturais e pelos apelos hedonistas e eróticos⁷³ que são especialmente visíveis em contexto de praia.

As conversas que mantive com alguns informantes durante o trabalho nas praias, concretamente com os nadadores-salvadores, e que fui anotando em diário de campo, confirmaram inequivocamente a pertinência desta apreciação:

Em Quarteira, dois nadadores-salvadores dizem ser frequente ver casais em momentos mais íntimos na praia. Já viram várias vezes casais a fazer sexo dentro de água. Normalmente não fazem nada para impedir, a não ser que seja demasiado explícito. (notas de campo, 22-07-2014).

A praia da Oura (Albufeira) é a mais «agressiva» de todo o Algarve, pela proximidade dos bares, discotecas e hotéis. B., nadador-salvador há sete anos, está na Oura há três e diz ser comum os turistas (maioritariamente os ingleses), virem

⁷³ Kauffman (2010), na obra *Corps de Femmes, Regards d'Hommes: Sociologie des Seins Nus sur la Plage*, apresenta, a propósito da análise sobre o *topless* nas praias francesas, uma tipologia sobre o corpo feminino que, segundo o autor, se rege tanto no imaginário feminino como no masculino, por leis diferentes. Segundo a “lei da banalidade”, o corpo da mulher é um *corpo qualquer*; segundo a “lei da sexualidade”, o corpo da mulher é um *corpo erótico*; e segundo a “lei da beleza”, o corpo da mulher é um *corpo estético*. As referências à visualização dos corpos femininos em contexto de praia oscilam entre o «bonito» e o «feio», o que fica «bem» e o que fica «mal», sendo estes os elementos que contribuem para valorizar um ou outro corpo e, em última instância, uma ou outra mulher.

para a praia depois de uma noite de copos [Figura 2.3], para darem umas «quecas» [fazer sexo]. (notas de campo, 27-07-2014).

Figura 2.3 – Um Bar na Rua da «Oura» (Albufeira)



Fonte: Arquivo fotográfico próprio.

Também os turistas parecem concordar que existe uma relação entre a praia, o calor, o ambiente informal e descontraído, típico de muitos destinos turísticos, e a propensão para os envolvimento amorosos e sexuais:

A pele está mais descoberta, vemos muitos biquínis e, na generalidade, as pessoas estão mais felizes. Estão mais abertas a conversar e a fazer coisas típicas de lugares quentes, como ir à praia ou simplesmente estar a relaxar. (John, 32 anos, solteiro).

A praia definitivamente... com as raparigas de biquíni. Eu acho que ajuda ao romance e à paixão. (Susana, 25 anos, solteira).

Por outro lado, a praia enquanto “zona de fronteira turística” (*touristic border zone*) (Bruner, 2004) e espaço de convívio, permite a confluência de escalas (local e global) e o

esbatimento das fronteiras entre a população local e os turistas (Sacramento, 2014; Smith, 1989). Nesse sentido, as relações íntimas em contexto turístico podem ocorrer entre os turistas, mas também não são raros os envolvimento entre aqueles que vêm de férias e os que cá residem:

J., nadador-salvador, diz que antigamente as miúdas metiam-se mais com ele. Diziam que estavam a sentir-se mal ou que precisavam de ajuda para alguma coisa, mas era uma estratégia que usavam para o conhecer. Chegou a ter romances de verão com raparigas que conheceu assim, na praia. Agora é ele que usa uma estratégia para conhecer raparigas. Copiou a ideia de um vendedor de bolas de Berlim e passa noites a personalizar pedras e conchas com o seu número de telemóvel. Quando está na praia a trabalhar, começa por observar as raparigas e, quando acha graça a alguma, aproveita o momento em que ela vai dar um mergulho para deixar na sua toalha a tal concha ou pedra personalizada. Diz que a estratégia funciona. Algumas ligam, combinam sair e é assim que vai «alimentando» os seus romances de verão. (notas de campo, 22-07-2014).

Recuperando um dos conceitos de Foucault, é possível afirmar que a praia funciona como uma espécie de “oásis heterotópico” (Andriotis, 2010; Foucault, 1986): possibilita o sentimento de liberdade, a fuga aos constrangimentos e às obrigações normalmente impostos pela sociedade de pertença, o sentimento de igualdade relativamente aos indivíduos que partilham o mesmo espaço e a adoção de comportamentos que não são normalmente permitidos noutros contextos sociais. A praia tornou-se um lugar de “evasão” (Cohen & Taylor, 1978), onde é possível aliar o exótico - a diferença percebida relativamente ao que é conhecido - ao erótico - a exposição pública do corpo (Prideaux *et al.*, 2004). Tornou-se um “espaço do descontrolo controlado” (Júnior, 1997) sendo que a localização geográfica de algumas praias autoriza a

concretização de “utopian rebellions (...), outside of the surveillance and the intervention of the powers that normally regulate social behaviour in Western society”⁷⁴ (Evans, 2000: 5).

As praias naturistas ou as que estão geograficamente mais resguardadas são, no entender de alguns autores, as mais propensas à ocorrência de comportamentos transgressivos, nomeadamente no que se refere à prática sexual (Andriotis, 2010; Melián-González, Moreno-Gil & Araña, 2011; Pritchard *et al.*, 2000; Smith & King, 2009). De facto, o contacto do sol com a pele e com os órgãos genitais pode favorecer o aumento da libido e a propensão para os envolvimentos sexuais (Evans, 2000; Machado, 2000) mas não significa que este tipo de manifestações ocorra somente em praias de nudistas ou em praias *gays*, como tem sido documentado. Os relatos dos nadadores-salvadores com quem conversei são prova de que mesmo as praias do Algarve, tipicamente frequentadas por famílias e independentemente da localização geográfica e das características físicas que as tornam mais ou menos expostas à procura turística, são lugares de encontros amorosos e sexuais ou, quando menos, integram o imaginário dos turistas nesse sentido.

As ciências exatas também têm vindo a demonstrar que a testosterona, a hormona que determina o desejo sexual, tanto nos homens como nas mulheres é, em geral, mais elevada nos países quentes e nos meses de maior calor (Demir, Uslu & Arslan, 2016; Pereira, 2015), sendo que as praias podem funcionar não apenas como os lugares onde se encetam os primeiros contactos entre potenciais parceiros, como inclusivamente, os lugares escolhidos para a concretização das relações sexuais (De Albuquerque, 1998; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; Pritchard & Morgan, 2000).

⁷⁴ Rebeliões utópicas (...), longe da vigilância e da intervenção dos poderes que normalmente regulam o comportamento social nas sociedades ocidentais. Tradução própria.

Depois de escolher as praias do Algarve como cenário de pesquisa, a negociação do acesso aos informantes passou a ser o cerne da questão. *Como chegar então às pessoas?* (Ribeiro, 2003). Esta pergunta figurou na minha mente durante todo o trabalho de revisão da literatura e durante as primeiras incursões no terreno em modo de «observação», como uma das mais prementes e preocupantes. O acesso às pessoas e, sobretudo, a conquista da sua disponibilidade para falarem sobre os aspetos mais íntimos das suas vidas foi um dos principais desafios que enfrentei. Nesse sentido, havia que se desenhar uma estratégia que tornasse o processo «suave e fluído», no sentido de acautelar a invasão da privacidade individual, já que o tema por si só remete para aspetos do domínio íntimo, mas que, em simultâneo, fosse garantia da boa adesão dos participantes.

Essa estratégia começou, em primeiro lugar e ainda nos «bastidores», pelo cuidado na preparação dos instrumentos de recolha da informação. Procurei maximizar as questões sobre práticas e representações da sexualidade e da intimidade sem, contudo, deixar transparecer uma intromissão demasiado óbvia da vida dos meus informantes. Ambos os instrumentos começam com questões de carácter geral, sobre o papel das férias no romance e na paixão e, só depois, são colocadas questões de foro pessoal sobre representações e práticas sexuais. A consulta de outros trabalhos científicos sobre o comportamento sexual humano (Aboim, 2013; Daghli, 2011; Ferreira & Cabral, 2010; Kinsey, 1998 [1953], 1998 [1948]; Morrison, 2010; Policarpo, 2011; Ribeiro *et al.*, 2007; Sacramento, 2014) e a forma como os autores elaboraram as questões de inquéritos e entrevistas foi crucial nesta fase.

Depois de esboçar as primeiras versões do inquérito por questionário e do guião de entrevista, achei conveniente submetê-los ao escrutínio dos respondentes através de um pré-teste. Foi nesta fase que entrei, pela primeira vez, em contacto com os turistas que fazem praia no Algarve. Escolhi a ilha de Faro (Figura 2.4) por uma questão de proximidade e convidei uma colega socióloga para me ajudar nesta abordagem. Surpreendentemente, obtivemos uma ótima

adesão dos participantes que, na sua maioria, eram de nacionalidade portuguesa. Não só mostraram disponibilidade para colaborar, como deixaram comentários que foram muito úteis para a melhoria dos instrumentos de recolha de informação.

Figura 2.4 – Vista Este-Oeste da Ilha de Faro



Fonte: Arquivo fotográfico próprio.

Este primeiro contacto com os informantes e com o terreno possibilitou melhorar os instrumentos, mas por efeito de comparação posterior, mostrou-me que o sucesso da abordagem se ficou a dever, em grande medida, ao momento escolhido para o fazer, o início do mês de junho. Por essa altura são poucos os turistas que estão de férias no Algarve, o que significa que as praias são relativamente pouco frequentadas, garantindo a privacidade necessária a quem responde este tipo de questões. No entanto, uma pesquisa desta dimensão não poderia circunscrever-se apenas ao início da época balnear, sendo necessário estendê-la a todo o período estival, sob pena de inviabilizar os objetivos propostos.

Nos meses seguintes, altura em que o Algarve é «invadido» por milhares de turistas, o trabalho de conquista da disponibilidade para participar no estudo revelou-se mais difícil. Por isso, e por ter presente a necessidade de contornar os obstáculos que iam aparecendo pelo caminho, idealizou-se uma segunda estratégia que viria a revelar-se fundamental: convencer os turistas a participar no estudo através da oferta simbólica de um chupa-chupa. O simbolismo da guloseima, em concreto a analogia que muitos estabeleceram entre ela e a temática do estudo, foi garante de animação, descontração e, acima de tudo, daquilo que eu mais ambicionava, que era a adesão dos turistas à pesquisa.

2.5 Dialogando com os Turistas: Planeamento, Recolha, Tratamento e Análise dos

Dados

Tomando por base o quadro de referência teórico, que convocou teorias de vários campos disciplinares, e os objetivos propostos para a pesquisa, delineou-se uma estratégia de investigação assente na complementaridade das metodologias quantitativas e qualitativas ou aquilo que alguns autores têm vindo a designar como *mixed-methods* (Bryman, 1992; Tashakkori & Teddlie, 2010), triangulação metodológica (Denzin, 1989; Flick, 1992; Kelle & Erzberger, 2004) ou paradigma pragmático (Onwuegbuzie & Leech, 2005; Pearce, 2012).

A investigação quantitativa, do ponto de vista epistemológico, centra-se na análise de factos e fenómenos observáveis e na medição/avaliação em variáveis comportamentais e/ou socioafetivas passíveis de serem medidas, comparadas e/ou relacionadas no decurso do processo da pesquisa empírica. Do ponto de vista metodológico, alicerça-se num modelo hipotético-dedutivo, partindo o investigador do pressuposto de que os problemas sociais têm soluções (políticas) objetivas mediante a utilização de métodos científicos. Do ponto de vista da relação teoria-prática e, uma vez que o objetivo desta linha de investigação é a busca da eficácia

e o aumento do conhecimento teórico, assume um papel de relevo no sentido em que é ela que deve guiar a *práxis* do investigador (Coutinho, 2016; Pacheco, 1993).

A investigação qualitativa, do ponto de vista epistemológico, centra-se nos comportamentos e nas suas intenções, ou seja, trata-se de investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais, a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo. Do ponto de vista metodológico, baseia-se no método indutivo porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a nos seus significados. Do ponto de vista da relação teoria-prática, o objetivo é contribuir para a descrição e compreensão de situações concretas, pelo que a teoria é de tipo interpretativo ou construcionista (Flick, 2014), ou seja, não é anterior aos dados, mas surge a partir deles (Coutinho, 2016).

A complementaridade das metodologias quantitativa e qualitativa é necessária e até desejável (Howe, 1992; Miles & Huberman, 1994), já que cada uma quando utilizada de forma isolada e conquanto as suas vantagens, apresenta também limitações. A Tabela 2.2 sistematiza os critérios de investigação para cada metodologia, ainda que alguns deles sejam objeto de discussão entre os teóricos que se debruçam sobre estas temáticas. Em concreto: a relação entre o sujeito e o objeto (investigador vs investigado), em que se crê que o investigador que usa metodologias quantitativas é mais independente e distanciado face ao objeto do que aquele que usa metodologias qualitativas; os valores (axiologia), em que se crê que existe uma maior neutralidade de valores nas metodologias quantitativas por comparação com as qualitativas; a análise decorrente de cada metodologia de investigação, em que se crê existir um maior grau de subjetividade por parte do investigador que usa metodologias qualitativas; e o papel da teoria como estando a montante ou a jusante das situações investigadas, quer na metodologia quantitativa, quer na qualitativa (Augusto, 2014; Onwuegbuzie & Leech, 2005).

Tabela 2.2 – Critérios das Investigações Quantitativa e Qualitativa

	Investigação Quantitativa	Investigação Qualitativa
Natureza da realidade (ontologia)	Única, objetiva, fragmentável, convergente, externa, observável, sujeita a uma ordem	Múltipla, dinâmica, construída, divergente, interna, subjetiva
Lógica	Hipotético-dedutiva	Indutiva/descritiva, interpretativa
Tipo de conhecimento	Generalizações	Explicações, prático, indutivo
Finalidade da investigação	Descrever, analisar, explicar, prever, controlar fenómenos, verificar e construir teorias	Compreender, interpretar, descobrir significados
Valores (axiologia)	Excluídos, neutralidade	Incluídos, explícitos, influentes
Ética	Extrínseca	Intrínseca
Relação sujeito/objeto	Independente, distanciada, investigador externo	Dependente, inter-relacionada, implicação do investigador
Relação teoria/prática	Independente, teoria é norma para a prática	Relacionada, alimentação mútua
Papel da teoria	Construção e verificação de teorias	As construções teóricas emergem da situação
Desenho da investigação	Determinado, experimental, correlacional	Emergente, etnográfico, narrativo
Condições para a recolha de dados	Controladas	Livres
Instrumentos comuns	Inquérito por questionário	Entrevista

Fonte: Adaptado de Coutinho (2016) e Creswell (2015).

Não obstante os debates teóricos sobre as diferenças ontológicas, epistemológicas e axiológicas no que respeita ao propósito e à natureza da pesquisa, são apontadas algumas limitações a ambas as metodologias que, também não estão isentas de críticas. No caso da metodologia quantitativa, as principais limitações residem na dificuldade de interpretação e extrapolação dos resultados para a realidade social, na elaboração de generalizações sobre o universo (uma vez que a ciência tem vindo a demonstrar que o comportamento humano é muito amplo e variado, não sendo a investigação capaz de compreender totalmente as suas mais diversas dimensões), na sensação de artificialidade de precisão e num carácter predominantemente estático das relações entre as variáveis, que limita a análise de

comportamentos complexos (Bryman, 2008; Dey, 1993). Já no caso da metodologia qualitativa, as principais limitações dizem respeito ao seu carácter eventualmente subjetivo, que depende da interpretação do investigador e à dificuldade de generalização dos resultados (Creswell, 2015). Como refere Patton, relativamente às características da pesquisa qualitativa, “o fator humano é a sua maior força, mas também a sua principal fraqueza” (Patton, 1990: 372).

No entanto, vale a pena lembrar que as metodologias quantitativas não são necessariamente mais objetivas que as qualitativas. A elaboração do questionário, a opção por determinados indicadores e escalas, o processo de quantificação dos dados, a escolha das operações estatísticas e as análises formuladas dependem também muito das características do investigador e dos seus propósitos de pesquisa. A subjetividade do investigador está sempre presente, quer se opte por uma abordagem ou por outra (Creswell, 2015). Contudo, o investigador deve ser capaz de assegurar a transparência da investigação, a eliminação do erro e a adequada seleção dos métodos a utilizar na investigação (Bryman & Bell, 2011).

Para obviar as limitações de cada abordagem, esta pesquisa assenta num pluralismo metodológico (Bryman, 1992; Denzin, 1989; Flick, 1992; Kelle & Erzberger, 2004), observando as perspetivas quantitativa e qualitativa, não como duas extremidades numa dicotomia, mas como diferentes pontos num *continuum* (Creswell, 2015; Newman & Benz, 1998). O pluralismo metodológico é considerado como fundamental no estudo da realidade social e associa-se à noção de triangulação na investigação. A triangulação refere-se à combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, contextos espaciais e temporais e perspetivas teóricas relacionadas com um determinado fenómeno (Flick, 2014). Denzin (1989) distingue quatro tipos de triangulação: triangulação de dados (uso de diferentes fontes de dados), triangulação de investigadores (diferentes observadores ou entrevistadores minimizam os juízos de valor que normalmente são formulados por um só investigador), triangulação teórica (diferentes pontos

de vista teóricos são utilizados para observar a mesma realidade) e triangulação metodológica (diferentes métodos para descrever, avaliar e compreender um fenómeno).

Nesta pesquisa utilizou-se a triangulação teórica e metodológica, permitindo fornecer diferentes perspetivas e medidas sobre o comportamento sexual humano em contexto turístico. Em particular, este tipo de triangulações permite validar os resultados quer a nível interno (validade de relações causais entre determinados fatores na análise), quer a nível externo (possibilidade de generalização dos resultados da análise), constituindo, na opinião de Denzin (1989) e Flick (2014), a mais sólida estratégia para a evolução do saber científico.

Existem variadíssimas propostas sobre a forma como a investigação em ciências sociais deve ser conduzida, denotando a “vitalidade e o dinamismo do complexo empreendimento que é investigar e analisar o social” (Augusto, 2014: 6). No que respeita às etapas do processo de investigação, Neuman (2014) apresenta uma proposta simples, mas generalista, composta por sete etapas interativas e que é transversal às metodologias quantitativas e qualitativas: (1) escolha do tema; (2) pergunta de partida ou problema de investigação; (3) desenho da investigação; (4) recolha dos dados; (5) análise dos dados; (6) interpretação dos resultados; (7) disseminação dos resultados.

Pese embora esta pesquisa adote as duas metodologias de investigação, elas não foram implementadas de forma sequencial e estanque, mas de forma interativa, tal como proposto por Miles e Huberman (1994) e Creswell (2009). A Tabela 2.3 permite sistematizar a forma como a investigação foi planeada, de acordo com o problema e os objetivos propostos. Tratando-se de um processo interativo e circular, a realização das diferentes etapas permitiu, na fase de consolidação do estudo, aperfeiçoar o problema definido inicialmente, assim como o próprio desenho da investigação.

Tabela 2.3 – Matriz de Planeamento da Investigação

Objetivos específicos (o que se pretende saber?)	Perguntas específicas (como se pretende saber?)	Quadro teórico de referência (quais os conceitos centrais?)	Seleção do material empírico (que informação recolher?)	Procedimentos metodológicos (que abordagem utilizar?)
Conhecer as principais motivações dos turistas para fazerem férias no Algarve.	O romance e o sexo são importantes motivações para viajar para este destino?	Motivações de viagem; <i>Turismo sexual</i> ; <i>Turismo de romance</i> .	Informação quantitativa recolhida com base em inquéritos por questionário.	Estatística descritiva com recurso ao <i>software</i> SPSS.
Identificar os padrões de comportamento romântico e sexual durante as férias.	De que forma surgem o romance e o sexo em contexto turístico? Qual é o significado que os turistas atribuem às práticas sexuais e românticas em contexto turístico? Será que em contexto turístico os comportamentos românticos e sexuais são diferentes dos do quotidiano? Existirá algum sentido de transgressão? Se assim for, será que a transgressão está a tornar-se uma espécie de norma em contexto turístico? De que forma os comportamentos românticos e sexuais variam em função das características sociodemográficas? Homens e mulheres apresentam o mesmo tipo de comportamentos?	Comportamento sexual humano; Experiência sexual; Disciplina, vigilância e regulação; <i>Scripts</i> sexuais; Vida socioerótica; Duplo padrão sexual; Sexualidade durante o lazer e o turismo; Anonimato; Afrouxamento do controlo social; Compressão do tempo; <i>Cummunitas</i> ; Liminaridade; Experiências liminóides; <i>Peak experiences</i> ; <i>Corporeidade</i> .	Informação qualitativa recolhida com base em entrevistas semiestruturadas ; Informação quantitativa recolhida com base em inquéritos por questionário; Notas de campo.	Análise de conteúdo com recurso ao <i>software</i> NVivo; Estatística descritiva com recurso ao <i>software</i> SPSS; Modelação de equações estruturais com recurso ao <i>software</i> Smart PLS.
Compreender o papel da indústria turística nos encontros românticos e sexuais.	Qual é a importância da indústria turística neste tipo de encontros?	Papel facilitador da indústria turística; Liminaridade; Anonimato; <i>Setting</i> turístico.	Informação qualitativa recolhida com base em entrevistas semiestruturadas ; Informação quantitativa recolhida com base em inquéritos por questionário; Notas de campo.	Análise de conteúdo com recurso ao <i>software</i> NVivo; Estatística descritiva com recurso ao <i>software</i> SPSS; Modelação de equações estruturais com recurso ao <i>software</i> Smart PLS.

Objetivos específicos (o que se pretende saber?)	Perguntas específicas (como se pretende saber?)	Quadro teórico de referência (quais os conceitos centrais?)	Seleção do material empírico (que informação recolher?)	Procedimentos metodológicos (que abordagem utilizar?)
Analisar os comportamentos de risco relativos às práticas sexuais em contexto turístico.	Será que os turistas têm vários parceiros sexuais durante as férias? A prática sexual em contexto turístico envolve comportamentos de risco para a saúde como a disseminação de IST? O que tem sido feito no sentido de evitar esses comportamentos de risco?	Risco; Comportamentos de risco; Disseminação de IST.	Informação quantitativa recolhida com base em inquéritos por questionário; Informação qualitativa recolhida com base em entrevistas semiestruturadas	Estatística descritiva com recurso ao <i>software</i> SPSS; Modelação de equações estruturais com recurso ao <i>software</i> Smart PLS; Análise de conteúdo com recurso ao <i>software</i> NVivo.
Formular princípios orientadores, em termos de políticas públicas, sobre a articulação entre a sexualidade e o turismo.	De que forma o Algarve pode aproveitar a sexualidade e a intimidade para captar e fidelizar turistas? Qual é a importância de um segmento alicerçado no romance e na sexualidade para o rejuvenescimento do destino turístico? De que forma a sexualidade e o romance podem contribuir para contrariar a sazonalidade do turismo no Algarve?	Imagem do destino turístico; Captação e fidelização de turistas; Ciclo de vida do destino turístico; Promoção da saúde sexual em contexto turístico.	Análise documental de artigos científicos e documentos estratégicos; Informação quantitativa recolhida com base em inquéritos por questionário.	Análise documental; Estatística descritiva com recurso ao <i>software</i> SPSS.

Fonte: Elaboração própria a partir de Maxwell (2009) e Flick (2014).

A metodologia mista utilizada tem por base a aplicação de inquéritos por questionário, compostos por 36 questões - das quais 29 são fechadas e sete são abertas -, que foram elaborados em português e traduzidos para mais três idiomas (inglês, francês e espanhol), (Vide Apêndices A 1-4) e a realização de entrevistas em profundidade, com recurso a um guião semiestruturado, composto por 51 questões e elaborado em dois idiomas (português e inglês), (Vide Apêndices B 1-2). Ambos os métodos foram aplicados em simultâneo, com a ressalva dos participantes serem diferentes, isto é, aqueles que responderam ao inquérito por questionário não puderam responder à entrevista e vice-versa. Os subpontos seguintes detalham a forma como se fez a recolha, o tratamento e a análise dos dados.

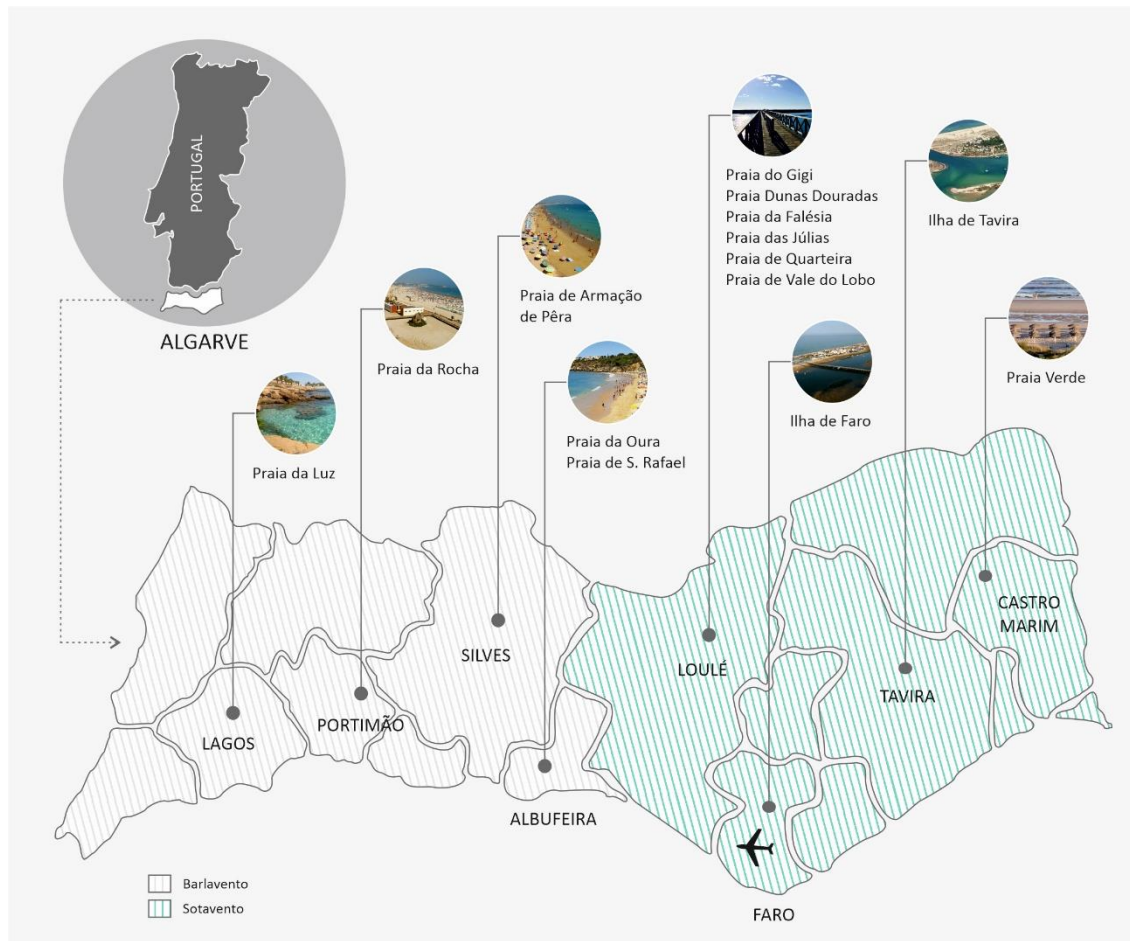
Como se referiu anteriormente, antes de avançar para a recolha efetiva dos dados, foi necessário realizar um pré-teste aos instrumentos de recolha da informação (Creswell, 2015), com o objetivo de aprimorar as questões e adaptar os objetivos da investigação. O pré-teste foi realizado no início do mês de junho de 2014. Uma vez fechados os instrumentos, a recolha efetiva dos dados aconteceu durante os verões de 2014 e 2015, designadamente nos meses de julho, agosto e meados de setembro, a chamada «época alta» da atividade turística no Algarve. Em 2014, foram recolhidos e validados 706 inquéritos por questionário e 21 entrevistas e, em 2015, 309 inquéritos por questionário e oito entrevistas, perfazendo um total de 1.015 inquéritos por questionário e 29 entrevistas presenciais.

Os dados foram recolhidos em diversas praias do Algarve, procurando cobrir as regiões do barlavento e do sotavento e, assim, aceder a diferentes perfis de turistas, designadamente a diferentes nacionalidades, já que alguns estudos demonstram que a preferência dos turistas por determinados concelhos do Algarve varia de acordo com a sua origem geográfica (Correia & Águas, 2017; INE, 2014a). A pesquisa incidiu em oito dos 16 concelhos da região algarvia, em concreto: Lagos (Praia da Luz), Portimão (Praia da Rocha); Silves (Armação de Pêra); Albufeira (Oura e São Rafael); Loulé (Gigi, Dunas Douradas, Falésia, Júlias, Quarteira e Vale do Lobo); Faro (Ilha de Faro); Tavira (Ilha de Tavira); e Castro Marim (Praia Verde), (Figura 2.5).

No caso da metodologia qualitativa, as entrevistas foram realizadas a uma amostra por conveniência (Creswell, 2015), considerando as dificuldades encontradas no terreno, já descritas anteriormente. O contacto com os respondentes e a conquista da sua disponibilidade para participar emergiu de uma certa empatia criada após a explicação dos objetivos do estudo e da sua importância, não só para compreender os comportamentos amorosos e sexuais em contexto turístico, como para analisar os impactos destes comportamentos na região do Algarve e na saúde pública em geral. Em alguns casos, foi necessário solicitar a deslocação dos participantes para zonas mais tranquilas da praia, de modo a garantir a sua privacidade e sob

pena de inviabilizar a realização das entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio digital, após o consentimento dos entrevistados.

Figura 2.5 - Contextualização Geográfica do Algarve e Mapeamento do Trabalho de Campo



Fonte: Elaboração própria.

Contrariamente ao que era expectável, em virtude dos traços de conservadorismo que ainda se associam ao povo português, este foi de facto o que mostrou maior disponibilidade para colaborar. Para além de uma maior facilidade linguística, a maior presença de portugueses no conjunto das entrevistas realizadas, resulta também de outros fatores comunicacionais

favoráveis, como a solidariedade e a simpatia que, adicionalmente, são traços culturais reconhecidos aos portugueses.

A metodologia quantitativa teve por base a realização de um inquérito por questionário a uma amostra por quotas e por conveniência (Creswell, 2015). Os inquéritos foram autoadministrados, isto é, respondidos individualmente pelos participantes, sem a intervenção do investigador (Ghiglione & Matalon, 1997; Patton, 1990). A abordagem aos turistas e o trabalho de conquista da sua participação foi feito por uma equipa de inquiridores constituída por jovens licenciados, maioritariamente sociólogos, devidamente formados e contratados para o efeito. Os formulários de inquérito foram distribuídos e recolhidos juntamente com uma caneta e um envelope, através do método *drop-off/pick-up* (Steele *et al.*, 2001). Os inquiridores foram instruídos para entregar apenas um formulário por grupo/casal, solicitando aos participantes que fizessem o preenchimento de forma completamente individual, sem partilhar comentários ou opiniões com os acompanhantes, sempre que tal se verificasse.

Após o preenchimento do inquérito, foi solicitado aos participantes que o colocassem dentro do envelope e o selassem. Dos mais de 1.200 inquéritos distribuídos, foram validados 1.015, por apresentarem taxas de não resposta inferiores a 10%. Os procedimentos adotados garantiram a confidencialidade dos dados, a preservação da identidade e da liberdade de expressão dos respondentes, a inexistência de qualquer tipo de influência por parte do investigador ou do grupo de inquiridores, assim como a qualidade da informação recolhida (Patton, 1990).

Embora se trate de uma amostra por conveniência ou não probabilística, cujos resultados não são generalizáveis ao total de turistas que fazem férias no Algarve (Creswell, 2015)⁷⁵, foi

⁷⁵ Na opinião de Creswell (2015), as amostras por conveniência fornecem, ainda assim, informação muito útil para responder às questões e hipóteses de pesquisa.

feito um cálculo amostral prévio com base nas nacionalidades mais representativas na região (Tabela 2.4) para, a partir delas, poder tecer comentários sobre as práticas e as representações dos turistas em matéria de sexualidade e de intimidade. O cálculo da amostra teve por base o número de hóspedes na hotelaria do Algarve, por país de residência, nos meses de verão (julho, agosto e setembro) do ano de 2013 (INE, 2014b). A contabilização dos hóspedes é feita pelo INE a partir do país de residência habitual e não da nacionalidade e, pese embora as análises realizadas posteriormente tenham em consideração a nacionalidade dos respondentes, é possível constatar através da observação da Tabela 2.4, que existe uma relação bastante estreita entre as duas variáveis.

Tabela 2.4 – Cálculo Amostral para a Metodologia Quantitativa

País de residência habitual	Hóspedes na hotelaria do Algarve, nos meses de verão de 2013 [Unidade: 10³]	Hóspedes na hotelaria do Algarve, nos meses de verão de 2013 [Unidade: %]	Número de inquéritos recolhidos e validados	% de inquéritos recolhidos e validados	Nacionalidade dos inquiridos	% de inquéritos recolhidos por nacionalidade dos inquiridos
Portugal	442,9	33,4	354	34,9	Portuguesa	39,0
Alemanha	92,4	6,9	66	6,5	Alemã	5,9
Espanha	113,6	8,6	88	8,7	Espanhola	8,2
Irlanda	64,1	4,8	48	4,7	Irlandesa	4,2
Países Baixos	85,6	6,5	65	6,4	Holandesa	6,0
Reino Unido	336,1	25,4	241	23,7	Britânica	24,0
Outros	190,7	14,4	153	15,1	Outra	12,7
Total	1.325,4	100,0	1.015	100,0	Total	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir de INE (2014b).

Todos os indivíduos que colaboraram nesta pesquisa têm idade igual ou superior a 18 anos, residência habitual fora da região do Algarve e permanência na região por um período superior a 24 horas e inferior a um ano – que permite incluí-los na categoria de turistas (Cunha, 2003) – distribuindo-se de forma equilibrada no que toca à pertença de género. Esse foi, de resto, um dos principais requisitos do estudo: dignificar um modelo igualitário, dando voz às

representações e às práticas de mulheres e homens no que à sexualidade e à intimidade diz respeito.

Os resultados desta investigação serão apresentados de forma interativa, cruzando informações resultantes da metodologia quantitativa com informações de carácter qualitativo. Contudo, é importante sublinhar que o tratamento e a análise dos dados foram distintos, respeitando os procedimentos próprios de cada metodologia (Creswell, 2015).

No que se refere ao tratamento e análise dos dados decorrentes da metodologia qualitativa, optou-se pela análise de conteúdo, nomeadamente pela análise interpretativa das entrevistas, de acordo com as recomendações de McCracken (1988), Bardin (1997), Guerra (2010) e Coutinho (2016). Nas palavras de Guerra (2010),

(...) A análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação – a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência. (*Idem*: 62).

A análise de conteúdo constitui uma técnica de tratamento e análise de dados que permite, por um lado, descrever as opiniões dos entrevistados face a um determinado tema e, por outro, fazer inferências válidas sobre os dados analisados. Na opinião de Bardin (1997), existem quatro tipos de análises de conteúdo: categorial, de avaliação, de enunciação e de expressão, sendo que a análise pode basear-se num procedimento fechado (a análise e a codificação do texto efetuam-se em função de um conjunto de categorias que fazem parte do quadro teórico), aberto (quando a análise do texto faz emergir categorias ou conceitos não previstos inicialmente) ou misto (quando se adota os dois tipos de abordagem). Nesta pesquisa adotou-se a análise de conteúdo de tipo categorial, privilegiando-se o procedimento misto.

Foram realizadas 29 entrevistas, com uma duração média de 42 minutos (mínima: 25 minutos; máxima: 83 minutos), até se verificar o ponto de “saturação” das categorias, em que nada de relevante emergia a cada nova entrevista realizada (Flick, 2014; Glaser & Strauss, 1967). As entrevistas foram posteriormente transcritas, dando origem a quase 300 páginas de depoimentos⁷⁶ que foram analisados com recurso ao *software NVivo Qualitative Data Analysis*, versão 1.5.

No que respeita ao tratamento e análise dos dados decorrentes da metodologia quantitativa, optou-se pela estatística descritiva, inferencial e multivariada, e ainda pela modelação de equações estruturais. A estatística descritiva centra-se no estudo de características não uniformes das unidades observadas, como é o caso dos turistas que fizeram parte desta pesquisa e utiliza-se para descrever os dados através de indicadores chamados estatísticas, como é o caso da média, da moda e do desvio padrão (Pestana & Gageiro, 2014). A modelação de equações estruturais utiliza-se para examinar o grau de significância das relações entre os construtos da pesquisa e o poder preditivo das variáveis dependentes, sendo adequada para aplicações preditivas e para a (re)construção de teoria (Chin, 1998).

Os dados recolhidos através do inquérito por questionário foram transpostos para uma matriz de dados que, depois de sujeita a um processo de validação⁷⁷ (Tabela 2.5), foi trabalhada com recurso ao *software SPSS*, versão 20, e ao *software Smart PLS*, versão 3.0. A amostra foi calculada para um intervalo de confiança de 95% e um erro máximo de 3%, baseada no total de 1,3 milhões de hóspedes na hotelaria do Algarve, durante os meses de verão de 2013 (INE, 2014b).

⁷⁶ Por uma questão de economia ambiental, apenas é apresentada a caracterização dos entrevistados (*Vide* Apêndice C), uma vez que boa parte dos excertos de discurso direto já são apresentados no corpo do trabalho.

⁷⁷ A validação da matriz de dados pretende expurgar incongruências nas respostas que possam, de alguma forma, comprometer a qualidade da análise dos dados. Os critérios de validação apresentam-se sob a forma de expressões lógicas.

Tabela 2.5 – Matriz de Validação dos Dados Quantitativos

Variáveis	Categorias de Resposta	Regras de Validação
P.5 – Há quantos dias chegou?	Variável numérica	$P.5 \leq P.5.1$
P.5.1 – No total, quantos dias/noites vai ficar no Algarve?	Variável numérica	P.5.1 dias (+1) P.5.1 noites
P.16 – Quantos parceiros sexuais teve desde que chegou ao Algarve?	0 – Nenhum 1 – 1 2 – 2-5 3 – 6 ou mais	
P.16.1 – Algum desses parceiros é alguém que conhece há menos de uma semana?	1 – Não 2 – Sim	$P.16 = 0 \Rightarrow P.16.1 = \text{Não se aplica}$
P.18 – Atualmente tem um(a) companheiro(a) amoroso/sexual?	1 - Não 2 - Sim	
P.18.1 – Se sim, como define essa relação?	1 - Relacionamento estável 2 - Relacionamento aberto 3 - Relacionamento instável/complicado 4 - Relacionamento proibido	$P.18 = 1 \Rightarrow P.18.1 = \text{Não se aplica}$
P.20 – Quantos parceiros sexuais já teve ao longo da vida?	0 – Nenhum 1 – 1 2 – 2-5 3 – 6-10 4 – 11-20 5 – 21-30 6 – 31 ou mais	
P.19 – Com que idade teve a sua primeira experiência sexual?	Variável numérica	$P.20 = 0 \Rightarrow P.19 = \text{Não se aplica}$
P.21 – Quantos parceiros sexuais teve nos últimos 6 meses (antes de vir para o Algarve?)	0 – Nenhum 1 – 1 2 – 2-5 3 – 6 ou mais	$P.20 = 0 \Rightarrow P.21 = 0$
P.22 – Com que frequência teve relações sexuais nos últimos 6 meses (antes de vir para o Algarve?)	0 – Não tive relações sexuais 1 – Algumas vezes por ano 2 – 1 a 3 vezes por mês 3 – 1 ou 2 vezes por semana 4 – 3 ou 4 vezes por semana 5 – Mais de 4 vezes por semana	$P.21 = 0 \Rightarrow P.22 = 0$ $P.22 \geq 1 \Rightarrow P.21 \geq 1$
P.23 – Alguma vez teve relações sexuais com alguém que conhecia há menos de uma semana?	1 – Não 2 – Sim	$P.20 = 0 \Rightarrow P.23 = \text{Não se aplica}$
P.24 – Relativamente à atração sexual, sente-se:	1 – Apenas atraído(a) por homens 2 – Maioritariamente atraído(a) por homens 3 – Iguamente atraído(a) por homens e mulheres 4 – Maioritariamente atraído(a) por mulheres 5 – Apenas atraído(a) por mulheres 6 – Não tenho a certeza	
P.25 – Relativamente à orientação sexual, considera-se:	1 – Heterossexual 2 – Bissexual 3 - Homossexual	
P.30 - Género	1 – Feminino 2 - Masculino	$P.30 = 1 \text{ e } P.24 \leq 2 \Rightarrow P.25 = 1$; $P.30 = 1 \text{ e } P.24 = 3 \Rightarrow P.25 = 2$; $P.30 = 1 \text{ e } P.24 = 4 \text{ ou } 5 \Rightarrow P.25 = 3$;

Variáveis	Categorias de Resposta	Regras de Validação
		P.30 = 2 e P.24 ≤ 2 => P.25 = 3; P.30 = 2 e P.24 = 3 => P.25 = 2; P.30 = 2 e P.24 = 4 ou 5 => P.25 = 1
P.26 – A frequência com que tem relações sexuais varia ao longo do ano?	1 – Não 2 – Sim	
P.26.1 – Se sim, de que forma?	1 – Maior na primavera 2 – Maior no verão 3 – Maior no outono 4 – Maior no inverno	P.26 = 1 => P.26.1 = Não se aplica
P.28 – Como avalia o seu desempenho sexual?	1 – Mau 2 – Deixa algo a desejar 3 – Satisfatório 4 – Bom 5 - Excelente	P.20 = 0 => P.28 = Não se aplica
P.6 – Com quem está a viajar?	1 – Esposo(a)/Companheiro(a) 2 – Namorado(a) 3 – Família 4 – Amigo(s) 5 – Sozinho(a) 6 – Em grupo 7 - Outro	
P.32 – Estado civil	1 – Solteiro(a) 2 – Casado(a)/União de facto 3 – Divorciado(a) 4 – Viúvo(a)	P.6 = 1 => P.32 = 2

Fonte: Elaboração própria.

O Perfil dos Turistas e as Trajetórias Sexuais e de Intimidade

Investigar as práticas e as representações sobre sexualidade e intimidade carece do conhecimento sobre os enquadramentos sociais e culturais que contribuem para estas manifestações. Mais do que entendê-las como dependentes de decisões, desejos ou impulsos inatos, as manifestações sexuais e de intimidade devem ser observadas a partir da ordem social, dos seus ritmos e calendários, das suas constelações e funcionalidades (Ferreira, 2010a; Gagnon & Simon, 1974).

A par dos condicionamentos sociais e culturais, convém lembrar que este tipo de manifestações também depende das trajetórias individuais. O mesmo é dizer que os comportamentos declarados pelos indivíduos e até os pensamentos ou representações que demonstram ter sobre o sexo, a sexualidade, o amor e a intimidade, dependem dos caminhos traçados por cada um ao longo do curso de vida. Nesse sentido, questões como a atração e a orientação sexuais, a idade de iniciação sexual, a forma como a primeira experiência sexual e/ou amorosa foi vivida, os impactos dessa(s) experiência(s) na vida atual, o número de parceiros ao longo da vida e numa dimensão temporal mais reduzida, assim como a propensão para o envolvimento sexual casual e descomprometido, permitem informar sobre as representações e os comportamentos que os indivíduos demonstram ter na atualidade.

Adicionalmente, a logística da viagem, em concreto, a forma como os turistas fazem férias no Algarve, desde o objetivo da viagem, à companhia que elegem para as férias e até o local escolhido para se acomodarem, constituem matrizes importantes para a compreensão das representações e das práticas sexuais e de intimidade.

Por isso, este primeiro capítulo de resultados cumpre uma dupla função: em primeiro lugar, pretende dar a conhecer o perfil dos turistas que fazem férias no Algarve e que integram a amostra, quer a nível demográfico, quer tripográfico;⁷⁸ em segundo lugar, pretende mostrar as trajetórias sexuais e de intimidade dos turistas, através da análise de indicadores como a atração e orientação sexuais, a idade de iniciação sexual, a forma como a primeira experiência sexual e/ou amorosa foi vivida pelos intervenientes, os impactos dessa(s) experiência(s) na vida atual, o número de parceiros ao longo da vida e nos últimos seis meses, e o potencial de envolvimento sexual com desconhecido(s). A relevância destes indicadores para a análise e compreensão da vida íntima atual dos turistas, justifica que os resultados apresentados nos próximos capítulos sejam observados a partir do cruzamento entre os elementos de caracterização individual,⁷⁹ as trajetórias de vida no que à sexualidade e intimidade dizem respeito e as respostas às diferentes questões que compõem o estudo.

3.1 O Perfil dos Turistas que Visitam o Algarve

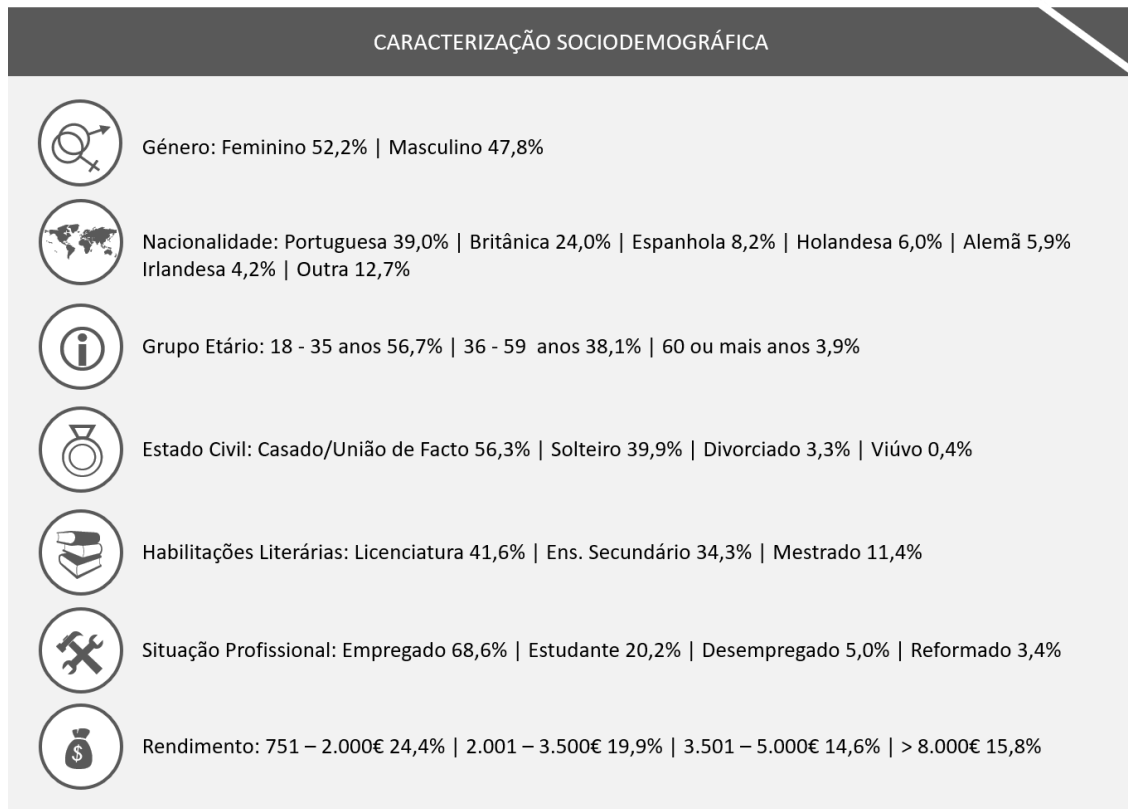
No que respeita ao perfil dos turistas, e uma vez que a pesquisa assenta na combinação das metodologias quantitativa e qualitativa, os dados sociodemográficos e tripográficos são

⁷⁸ Adaptado do inglês *trip* (viagem), significando a logística da viagem.

⁷⁹ As respostas às diferentes componentes da pesquisa, detalhadas daqui em diante, serão examinadas tendo por referência elementos específicos de caracterização individual, como o género, o grupo etário e a nacionalidade. Em alguns casos, também será considerado o estado civil e a companhia de viagem. Estima-se que estes elementos, à semelhança daqueles que marcam as trajetórias sexuais e de intimidade, são os que apresentam melhor capacidade explicativa sobre as representações e os comportamentos atuais no que toca à sexualidade e intimidade (Aalbers, 2005; Cabeças, 2004; Ferreira & Cabral, 2010; Policarpo, 2011; Sacramento, 2014).

apresentados de forma desagregada, com o intuito de fornecer uma visão mais pormenorizada destas informações. A Figura 3.1 sistematiza o perfil sociodemográfico dos indivíduos que responderam ao inquérito por questionário (n = 1.015).

Figura 3.1 – Caracterização Sociodemográfica dos Turistas



Fonte: Elaboração própria.

Os inquiridos distribuem-se de forma mais ou menos equilibrada no que respeita ao género, embora com uma ligeira preponderância do género feminino (52,2%). A grande maioria é estrangeira (61,0%), em consonância com os resultados obtidos pelo INE para o ano de 2013 (INE, 2014b), altura em que se segmentou a amostra do estudo. De entre os estrangeiros, destacam-se inequivocamente os turistas britânicos (24,0%). Com percentagens inferiores, mas ainda assim significativas, encontram-se os turistas espanhóis (8,2%), holandeses (6,0%),

alemães (5,9%) e irlandeses (4,2%). 12,7% dos respondentes pertencem a outras nacionalidades,⁸⁰ algumas das quais integradas na Europa: franceses, belgas, suecos, noruegueses, polacos, dinamarqueses, italianos, suíços, luxemburgueses, eslovacos e austríacos. Com nacionalidades extraeuropeias, fazem parte desta pesquisa turistas brasileiros, americanos, russos, neozelandeses, australianos, canadianos, argentinos, iraquianos, moçambicanos e peruanos. No entanto, a nacionalidade portuguesa é das mais expressivas entre os turistas que fazem férias no Algarve, não fosse esta a principal região turística do país: 39,0% dos turistas que integraram esta investigação são portugueses.

A grande maioria dos turistas são jovens, com idades entre os 18 e os 35 anos (56,7%) ou adultos, com idades compreendidas entre os 36 e os 59 anos (38,1%); apenas 3,9% dos inquiridos têm 60 ou mais anos de idade.⁸¹ A média de idades situa-se nos 34,6 anos (idade mínima de 18 anos e idade máxima de 73 anos). Quanto ao estado civil, a maior parte são casados ou vivem em união de facto (56,3%), sendo que muitos são também solteiros (39,9%). Apenas 3,3% dos turistas inquiridos são divorciados e 0,4% são viúvos.

Apresentam habilitações literárias ao nível do ensino superior (licenciatura) (41,6%) ou ensino secundário (34,3%), sendo que alguns concluíram mesmo um mestrado (11,4%). Tratando-se de um grupo que oscila maioritariamente entre a população jovem e adulta, a grande maioria encontra-se em situação ativa a nível profissional (68,6%), embora muitos sejam também estudantes (20,2%). A maioria auferе rendimentos mensais por agregado familiar que variam entre os 751 e os 2.000 euros (24,4%) ou entre os 2.001 e 3.500 euros (19,9%). Ainda

⁸⁰ A enorme dispersão de indivíduos pertencentes a «outras nacionalidades» (12,7%) inviabiliza uma análise concisa das suas respostas, justamente devido às assimetrias sociais e culturais que os caracterizam. Assim, os resultados serão analisados tendo em consideração as nacionalidades mais representativas: portuguesa, alemã, espanhola, irlandesa, holandesa e britânica.

⁸¹ A tipologia dos grupos etários usada nesta pesquisa segue as recomendações de Giaretta (2006) e da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002), segundo as quais a população jovem tem idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, a população adulta entre os 36 e os 59 anos e a população sénior ou terceira idade tem 60 ou mais anos de idade.

assim, os escalões de rendimento familiar médio acima dos 5.000 euros mensais agregam 25,8% dos turistas inquiridos.

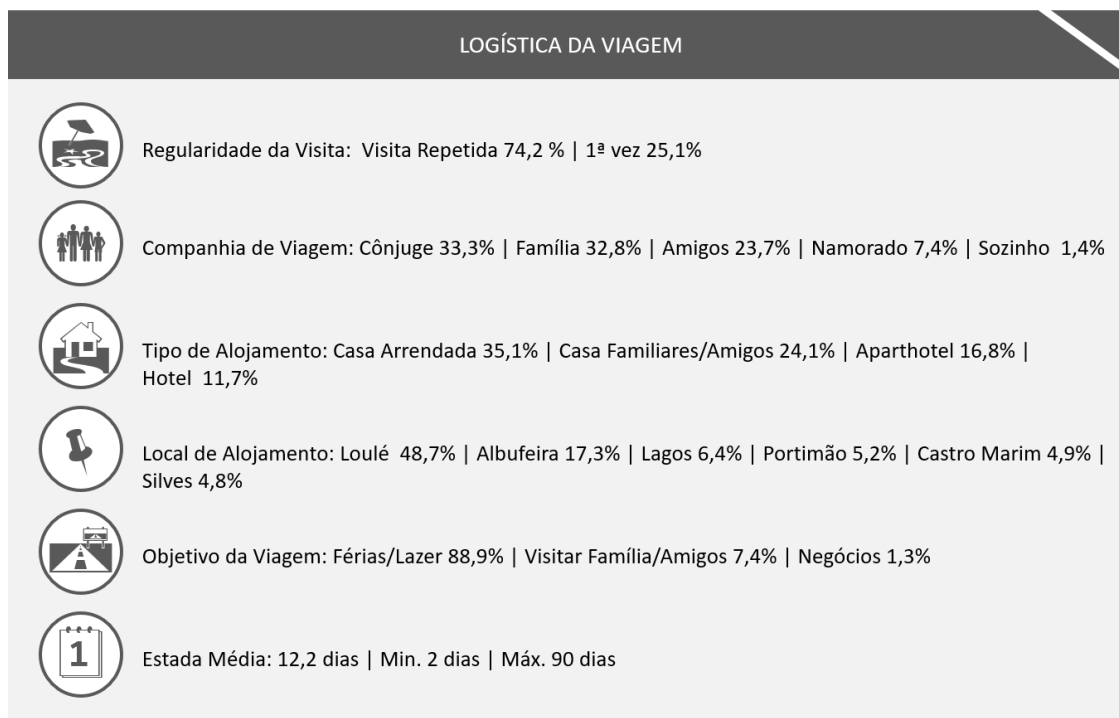
Relativamente ao perfil sociodemográfico dos entrevistados,⁸² esta pesquisa conta com a participação de 16 mulheres e 13 homens, com uma idade média de 31 anos (idade mínima de 18 anos e idade máxima de 70 anos), sendo que a grande maioria é de nacionalidade portuguesa (24 indivíduos). Foram entrevistados também dois indivíduos de nacionalidade britânica, um de nacionalidade russa, um de nacionalidade angolana e um de nacionalidade sul-africana. A maioria reside em Portugal continental (17 indivíduos), dois residem na ilha de São Miguel, nos Açores, e dez em países estrangeiros, como o Reino Unido, Noruega, Holanda, França, Angola e África do Sul. Muitos possuem habilitações literárias ao nível do ensino superior (16 indivíduos), onde se incluem bacharéis, licenciados, pós-graduados e doutorados. 12 indivíduos possuem habilitações ao nível do ensino secundário e apenas um indivíduo ao nível do primeiro ciclo do ensino básico. A maior parte são solteiros (19 indivíduos), alguns são casados ou vivem em união de facto (seis indivíduos) e poucos são divorciados ou viúvos (dois indivíduos, respetivamente).

A par das características sociodemográficas, a logística da viagem é também uma dimensão importante para compreender o modo como os turistas fazem férias no Algarve. Concretamente, a companhia de viagem, o tipo de alojamento escolhido, o local eleito para as férias, o motivo da viagem, o tempo de permanência e a regularidade da visita (se se trata de uma visita repetida ou se é a primeira vez que visitam a região) são variáveis que dizem bastante sobre as férias na região. Algumas destas variáveis têm, como se verá, uma relação direta com as representações e as práticas sexuais e de intimidade. A Figura 3.2 sistematiza as

⁸² Em Apêndice, é possível consultar com maior detalhe o perfil demográfico dos 29 indivíduos entrevistados (*Vide Apêndice C*).

características tripográficas dos indivíduos que responderam ao inquérito por questionário (n = 1.015).

Figura 3.2 – Logística da Viagem ao Algarve



Fonte: Elaboração própria.

De facto, para a maior parte dos turistas, o Algarve é um destino de férias conhecido e já anteriormente visitado: 74,2% dos inquiridos afirmam que já conheciam a região de visitas anteriores. À semelhança de outros estudos realizados (Correia & Águas, 2017; INE, 2014b; 2018), esta pesquisa mostra que o Algarve é sobretudo um destino de férias em família, seja com o cônjuge (33,3%) ou com outros elementos da família, onde se incluem, na maioria dos casos, os filhos (32,8%). No entanto, o Algarve também é eleito para fazer férias com os amigos (23,7%) ou com o(a) namorado(a) (7,4%). Apenas 1,4% dos inquiridos admitem ter vindo de férias sozinhos(as) para o Algarve.

A grande maioria opta por alugar-se em casa arrendada (35,1%) ou em casa de familiares e amigos (24,1%). Ainda assim, os estabelecimentos hoteleiros têm um peso significativo na região, já que 16,8% dos turistas inquiridos optam por acomodar-se em *aparthotéis* e 11,7% em hotéis. Os municípios de Loulé (48,7%), Albufeira (17,3%), Lagos (6,4%), Portimão (5,2%), Castro Marim (4,9%) e Silves (4,8%) estão no topo das preferências enquanto destinos de acomodação⁸³ e as férias e o lazer (88,9%) são o principal mote para fazer férias no Algarve durante os meses de verão. Contudo, para 7,4% dos inquiridos, a visita a familiares e/ou amigos é também um motivo que justifica a viagem ao sul do país. Os turistas permanecem, em média, 12,2 dias na região, embora a maioria opte por ficar uma semana (moda = sete dias).

No que toca às características tripográficas dos entrevistados, e de acordo com as perguntas efetuadas, a grande maioria utiliza o automóvel para chegar ao Algarve. A maioria opta também por alugar-se em casa arrendada, casa própria ou casa de familiares ou amigos, preferencialmente nos municípios de Loulé (11 indivíduos), Faro (sete indivíduos), Albufeira (cinco indivíduos), Castro Marim (dois indivíduos), São Brás de Alportel, Lagos, Portimão e Olhão (um indivíduo, respetivamente).

A observação das características sociais, demográficas e tripográficas é crucial para compreender os repertórios através dos quais se expressa a vida íntima e sexual em contexto turístico. Em simultâneo e, como se verá, as trajetórias individuais no que toca à intimidade e sexualidade são reguladoras das representações e dos comportamentos no momento presente,

⁸³ Pese embora os turistas se desloquem um pouco por toda a região, aproveitando para passear, conhecer o território ou encontrar familiares e amigos que vivem no Algarve ou que também fazem férias a sul de Portugal continental, importa sublinhar que o facto destes municípios apresentarem maiores taxas de ocupação deve-se, muito provavelmente, à eleição destes locais para a realização dos questionários (Figura 2.5, Capítulo 2). De acordo com o INE (2014a), os municípios que registaram maiores taxas de ocupação, no ano de 2013, foram Albufeira (37,5%), Loulé (17,2%), Portimão (12,0%), Lagoa (6,7%) e Vila Real de Santo António (6,4%). Note-se que, nesse ano, a entidade nacional responsável pelos estudos estatísticos, não disponibilizou dados para os municípios de Alcoutim e Castro Marim.

neste caso, no momento das férias. Assim, nos próximos subpontos analisam-se as trajetórias sexuais e de intimidade dos indivíduos que integram o estudo.

3.2 As Trajetórias Sexuais e de Intimidade

A prática sexual depende muito da existência de um companheiro amoroso ou sexual, na medida em que grande parte destas atividades se realizam com um parceiro (Ferreira, 2010b). Um dos indicadores mais relevantes para apreender a dinâmica dos relacionamentos sexuais é precisamente a existência de um(a) companheiro(a) amoroso(a) ou sexual. As referências mais comuns são a existência de um(a) parceiro(a) na atualidade, durante a trajetória de vida, no último ano ou nos últimos seis meses (Bajos & Bozon, 2008; Ferreira & Cabral, 2010; Pacheco, 2012; Policarpo, 2011). Uma das razões que justifica a importância deste indicador prende-se com o facto de ele remeter para o enquadramento relacional e, eventualmente, emocional da atividade sexual (Ferreira, 2010b). Ter um ou vários parceiros ao longo de um determinado período de tempo tem significados e consequências distintas nas identidades e nas trajetórias dos indivíduos (*Idem*).

O número de parceiros sexuais está relacionado quer com a duração dos relacionamentos, quer com a experiência sexual do indivíduo. De um modo geral, é possível assumir que, quanto maior for a rotação de parceiros, menor é a duração dos relacionamentos e maior a experiência sexual do indivíduo. Em sentido inverso, um menor número de parceiros tende a estar associado a relações mais duradouras. Por exemplo, os indivíduos que confessam ter tido apenas um parceiro ao longo da vida, sobretudo os indivíduos que ocupam os escalões etários mais elevados, estão claramente vinculados a situações de conjugalidade longa que envolvem, em grande parte dos casos, o casamento. No entanto, é preciso ter em consideração

que a duração dos relacionamentos e o número de parceiros ao longo da trajetória de vida são condicionados pela idade e por outros elementos que afetam as suas dinâmicas.

Adicionalmente, a primeira relação sexual constitui um “rito de passagem” importante na história sexual de cada indivíduo (Ferreira, 2010c). Não é apenas importante do ponto de vista individual, mas também do ponto de vista simbólico, principalmente se tivermos em conta que, no caso das mulheres, a iniciação sexual esteve, durante muito tempo, associada ao casamento e à função «legítima» e normativa de procriação (Aboim, 2013; Foucault, 1994; Silva & Ribeiro, 2015). A «primeira vez» representa o início da atividade sexual com um parceiro e não é estranho o facto de todas ou quase todas as pessoas serem capazes de reportar a idade que tinham ou a fase da vida que viviam quando esse momento sucedeu, pela importância que lhe atribuem.

A primeira relação sexual, no caso das mulheres e concretamente das mulheres que compõem os escalões etários mais elevados, coincide quase sempre com o casamento, a saída de casa e a «fuga» à autoridade paterna (Ferreira, 2010c). No caso das mulheres mais jovens e, ainda que a «primeira vez» continue a representar um ponto de viragem significativo, através da mudança do estatuto sexual e da entrada na idade «adulta», é vista sobretudo como o oposto da inexperiência sexual. Se, anteriormente, o significado da virgindade⁸⁴ estava ligado a uma condenação social da sexualidade feminina fora da conjugalidade e do normativismo da reprodução (*Idem*), agora assiste-se a uma maior aceitação da sexualidade pré-conjugal, à medida que as interdições em relação à sexualidade se dissolvem e a busca do prazer é ambicionada como um bem legítimo (Bozon, 2004).

⁸⁴ De acordo com Bozon (2003), a virgindade feminina significa a ausência de relações sexuais com um parceiro, isto é, quando ainda não existiu a primeira penetração vaginal, enquanto símbolo da entrada na vida sexual adulta.

A par da iniciação sexual e do número de parceiros, outra estratégia que informa as trajetórias sexuais e de intimidade costuma ser a inquirição sobre a atração e a autodefinição enquanto sujeito sexual (Aboim, 2010a; Kinsey, 1998 [1948], 1998 [1953]; Policarpo, 2011). Como refere Aboim (2010: 155), a autocategorização dos indivíduos como heterossexuais, homossexuais ou bissexuais é “(...) quase sempre uma declaração política de empenhamento em ser e em parecer” que pouco diz sobre as práticas sexuais. A distinção entre práticas, atração e orientação sexuais é essencial para descobrir uma realidade sobre a qual muito pouco se conhece no contexto nacional (Aboim, 2010a) e, menos ainda, no Algarve, mas que se adivinha heterogénea e polimórfica (Cabezas, 2004; Carr & Poria, 2010; Frohlick, 2013; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; McKercher & Bauer, 2003; Ribeiro & Sacramento, 2006; Ryan & Hall, 2001). Por esse motivo, começamos por analisar a orientação e a atração sexuais, para depois nos debruçarmos sobre outros marcadores da vida íntima e sexual.

3.2.1 Orientação e Atração Sexuais

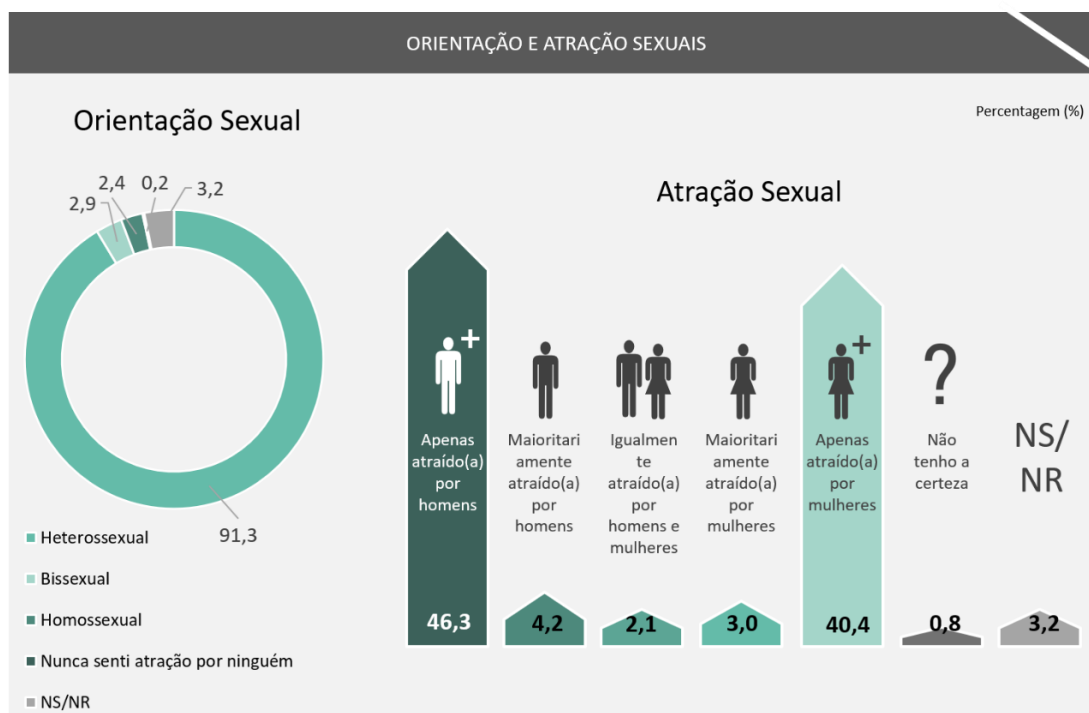
Do ponto de vista metodológico, a autocategorização em termos de atração e orientação sexuais constitui uma das técnicas mais comuns para investigar a vida sexual dos indivíduos (Aboim, 2010a). Perguntar o que se faz e quem são ou foram os parceiros sexuais apenas informa sobre o tipo de práticas dos indivíduos e se têm ou tiveram relações sexuais com pessoas do mesmo sexo e/ou do sexo oposto. Este tipo de informação pouco diz sobre a autocategorização enquanto sujeito sexual. Porém, o repertório sobre o que se faz, associado às múltiplas dimensões da enunciação do *self*, nomeadamente a definição enquanto sujeito sexual, pode ser revelador da grande heterogeneidade de experiências íntimas que ocorrem entre os indivíduos.

Este estudo pretende compreender simultaneamente a forma como os indivíduos se autoidentificam no que toca à orientação e à atração sexuais, em concreto, através de uma adaptação da conhecida “escala Kinsey” (1998[1948]). O cruzamento entre a orientação e a atração sexuais permite mostrar que a experiência sexual é sempre mais plural e complexa do que os rótulos aplicados a determinadas categorias pessoais, que são historicamente construídos e depois vulgarizados pelo senso comum. De acordo com Aboim (2010), comparar muito simplesmente os comportamentos de pessoas heterossexuais com os de pessoas homossexuais, tende a reproduzir e cristalizar ambas as classificações, como se se tratassem de polos opostos e completamente distintos. Nesse sentido, importa-se da teoria da performatividade proposta por Butler (1999), o questionamento da relação, tantas vezes tida como «natural» entre sexo, género e sexualidade, para mostrar que as práticas adotadas em articulação com a autodefinição do sujeito sexual, não podem ser arrumadas em compartimentos estanques, nem sujeitas a normas prescritivas.

Em termos gerais, os resultados da pesquisa revelam que a esmagadora maioria dos inquiridos define a sua orientação sexual como heterossexual (91,3%). Grupos de dimensão bastante mais reduzida autoidentificam-se como bissexuais (2,9%) ou homossexuais (2,4%), sendo que 3,2% não sabem ou preferem não responder à questão, e 0,2% afirmam que nunca se sentiram atraídos sexualmente por ninguém (Figura 3.3). No que respeita à atração sexual, a Figura 3.3 mostra também que 46,3% dos respondentes dizem sentir-se atraídos(as) apenas por homens e 40,4% apenas por mulheres. O somatório destas categorias (86,7%) deixa antever, desde logo, a fluidez e complexidade dos comportamentos sexuais porque, se 91,3% admitem ser heterossexuais e 86,7% dizem sentir-se atraídos(as) exclusivamente por homens ou por mulheres - atributos que, segundo a «norma», os fariam incidir na categoria de heterossexuais - então onde se encaixam os restantes 4,6% dos inquiridos? Este diferencial revela que existe não apenas uma falta de correspondência entre a autodefinição enquanto sujeito sexual e a

preferência em termos de objeto sexual como, de modo ainda mais complexo, permite repensar a pertinência da aplicação destes rótulos a tipos limitados de “personalidades sexuais” (Aboim, 2010a).

Figura 3.3 – Orientação e Atração Sexuais



Fonte: Elaboração própria.

A ambiguidade das respostas mostra efetivamente a existência de diferentes perfis identitários, onde nem sempre se verifica uma correspondência direta entre a autodefinição em termos sexuais (orientação) e a preferência pelo objeto sexual (atração). Ser heterossexual não significa sentir-se atraído(a) exclusivamente por homens ou por mulheres, consoante o género dos respondentes, tal como ser homossexual não significa sentir-se atraído(a) exclusivamente por alguém do mesmo género. Embora esta correspondência seja reveladora de tendências, não deixa de contemplar exceções pois, tal como argumenta Butler (1999), o género e a sexualidade

são categorias performativas, fabricadas de forma ritualizada no tempo e submetidas a constrangimentos.



A análise destas correlações de acordo com o género permite mostrar com maior clareza a complexidade das dinâmicas (Figura 3.4). No caso das mulheres, 92,3% definem-se como heterossexuais, e destas 85,1% dizem sentir-se atraídas exclusivamente por homens. As restantes admitem sentir-se atraídas maioritariamente por homens (6,8%) – abrindo espaço para preferências múltiplas – e 0,4% não têm a certeza sobre as suas preferências; 3,1% das mulheres inquiridas classificam-se como bissexuais: 2,3% dizem sentir-se atraídas igualmente por homens e mulheres, 0,6% maioritariamente por homens e 0,2% maioritariamente por mulheres; 0,9% identificam-se como homossexuais, isto é, sentem-se atraídas apenas por mulheres; e 0,4% afirmam que nunca sentiram atração sexual por ninguém.

No caso dos homens, 90,3% definem-se como heterossexuais e destes, 83,5% referem sentir-se atraídos exclusivamente por mulheres. Os restantes dizem sentir-se atraídos maioritariamente por mulheres (5,6%) – abrindo também espaço para outras preferências –, 0,8% não têm a certeza e 0,4% admitem inclusivamente sentir-se atraídos por homens; 2,7% dos homens identificam-se como bissexuais: 1,9% sentem-se igualmente atraídos por homens e mulheres e 0,4%, respetivamente, referem sentir-se atraídos maioritariamente por homens ou por mulheres; 3,9% autocategorizam-se como homossexuais, isto é, sentem-se atraídos apenas por homens. Nenhum dos inquiridos do género masculino referiu ausência de atração sexual.

Estes resultados reforçam, em primeiro lugar, a ideia de que as categorias de classificação sexual, consolidadas pela história e de uso vulgar nos discursos de senso comum, como «heterossexual», «bissexual» e «homossexual», não são estanques e muito menos consensuais. Em segundo lugar, e decorrente do reconhecimento da diversidade de identidades sexuais, os resultados mostram que a realidade dos comportamentos sexuais é sempre mais complexa e polimórfica do que aparenta ser. Por esse motivo, o postulado de Butler (1999) sobre a

performatividade da sexualidade ajuda a ultrapassar a aglutinação entre práticas e categorias identitárias, mostrando que embora as práticas e as categorias que as classificam sejam em certa medida interdependentes, não devem ser analiticamente confundidas. Tal como defende Aboim (2010), do ponto de vista das vivências sexuais, separar as práticas das identidades ajuda a ultrapassar o problema criado pelas categorias de classificação sexual.

Figura 3.4 – Matriz de Correlações entre Orientação e Atração Sexuais, segundo o Gênero

ORIENTAÇÃO SEXUAL X ATRAÇÃO SEXUAL*								
Orientação sexual	Atração sexual						NS/NR	TOTAL
	Apenas atraído(a) por homens	Maioritariamente atraído(a) por homens	Igualmente atraído(a) por homens e mulheres	Maioritariamente atraído(a) por mulheres	Apenas atraído(a) por mulheres	Não tenho a certeza		
 Heterossexual	85,1	6,8	--	--	--	0,4	--	92,3
Bissexual	--	0,6	2,3	0,2	--	--	--	3,1
Homossexual	--	--	--	--	0,9	--	--	0,9
Nunca senti atração por ninguém	--	--	--	--	--	0,4	--	0,4
NS/NR	--	--	--	--	--	--	3,3	3,3
TOTAL	85,1	7,4	2,3	0,2	0,9	0,8	3,3	100,0
 Heterossexual	--	0,4	--	5,6	83,5	0,8	--	90,3
Bissexual	--	0,4	1,9	0,4	--	--	--	2,7
Homossexual	3,9	--	--	--	--	--	--	3,9
NS/NR	--	--	--	--	--	--	3,1	3,1
TOTAL	3,9	0,8	1,9	6,0	83,5	0,8	3,1	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

3.2.2 Iniciação Sexual e Amorosa

Para além das questões identitárias, outros indicadores são relevantes para a compreensão das práticas e representações relativas à sexualidade e intimidade, como é o caso da idade de iniciação sexual e/ou amorosa, a forma como essas experiências foram vividas pelos intervenientes, assim como os impactos das mesmas na vida atual dos indivíduos.

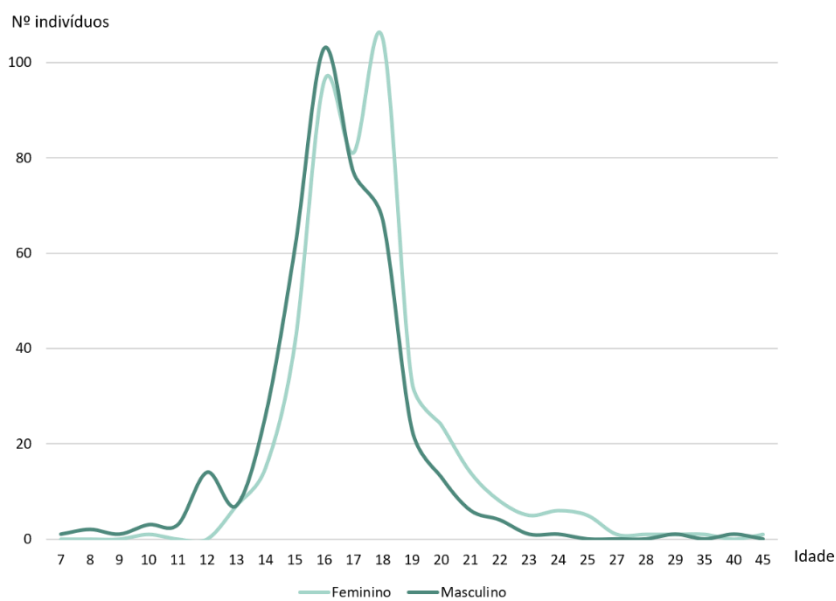
No que respeita à iniciação sexual, é preciso lembrar que, principalmente no caso das mulheres, ela esteve (durante muito tempo) impregnada de restrições normativas relacionadas com o significado da virgindade, que era vista como condição de acesso «imaculado» ao casamento e à função sexual da reprodução (Ferreira, 2010c). Por esse motivo, é compreensível que a maioria das mulheres pertencentes às gerações mais velhas tenha iniciado a atividade sexual com um parceiro no quadro do casamento, enquanto as mulheres das gerações mais jovens o fizeram, muito provavelmente, fora do contexto matrimonial ou conjugal.

No caso dos homens, a iniciação sexual dá-se em idades mais precoces, normalmente fora do contexto matrimonial, quer pertençam a gerações mais velhas ou mais jovens. No entanto, há que ter presente as mudanças significativas que ocorreram neste campo: a tradicional iniciação masculina com uma prostituta, ainda que não tenha sido eliminada por completo, caiu em desuso e, em simultâneo, assiste-se agora a um panorama mais igualitário nas relações entre os géneros à medida que as mulheres reclamam os mesmos direitos que têm os homens (*Idem*). A desvinculação do sexo em relação ao casamento, a introdução dos métodos contraceptivos modernos (Aboim, 2013; Giddens, 1992) e a descida da idade da iniciação sexual permitiu que as mulheres das gerações mais jovens tivessem, em relação às mulheres das gerações anteriores, uma vida sexual mais precoce e ativa, e pudessem gozar dos mesmos direitos que os homens.

São estas mudanças em relação à forma como a sexualidade é ou foi vivida pelas diferentes gerações que esperamos encontrar nos resultados deste estudo. De facto, a primeira relação sexual descreve o ponto de partida das trajetórias sexuais de cada geração e as mudanças que se registaram ao longo do tempo que, como se verá, não foram idênticas para homens e mulheres. A iniciação sexual dos homens, independentemente da geração a que pertencem, acontece mais cedo do que a das mulheres (Figura 3.5). Em média, os homens têm a sua primeira relação sexual com um(a) parceiro(a) por volta dos 16,4 anos (moda = 16),

enquanto para as mulheres, essa experiência ocorre por volta dos 17,6 anos (moda = 18). Esta diferença é significativa se atendermos ao facto de se tratar de um ponto de viragem, na medida em que representa uma mudança de estatuto sexual que, à semelhança de outras mudanças estatutárias, permite consolidar uma transição progressiva para a idade adulta. No caso das mulheres, esta transição de estatuto acontece, em média, depois de atingirem a maioridade civil (idade legal para a realização de todos os direitos civis que, em Portugal, ocorre a partir dos 18 anos), enquanto nos homens, o ponto de viragem acontece ainda durante a fase da adolescência.

Figura 3.5 – Idade da Primeira Relação Sexual, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

É interessante notar que alguns homens declaram ter tido a primeira relação sexual em idades muito precoces (entre os sete e os 12 anos), enquanto as mulheres o fazem tendencialmente mais tarde, a partir dos 14 ou 15 anos (apenas uma inquirida declarou ter tido a primeira relação sexual aos dez anos). E, se a iniciação sexual separa os homens e as mulheres nos limites inferiores de idade, também o faz nos limites superiores. A partir dos 21 anos de

148

idade, o número de homens que declaram ter tido a primeira relação sexual reduz consideravelmente até atingir a marca dos zero indivíduos, enquanto um número significativo de mulheres admite ter iniciado a vida sexual precisamente depois dos 21 anos. Algumas mulheres declaram ter atividade sexual somente depois dos 30 anos e uma inquirida admite que esta primeira experiência aconteceu apenas aos 45 anos de idade.⁸⁵

A realização de testes estatísticos, em concreto do teste *t* de Student⁸⁶, permite rejeitar a hipótese da igualdade das médias de idade de iniciação sexual em homens e mulheres, caso se considerasse que a diferença de dois anos não fosse estatisticamente significativa ($t = 6,371$; $p = 0,000$). Contudo, o nível de significância do teste de Levene ($p = 0,400$) poderia levar à não rejeição da hipótese de igualdade das variâncias e a concluir que os homens têm a mesma dispersão que as mulheres nas idades com que iniciam a vida sexual. Mas, o valor associado ao teste pode conduzir a uma interpretação falsa em virtude dos *outliers*⁸⁷ severos e moderados presentes nas duas amostras (nove nos homens e 18 nas mulheres). Na realidade, os homens iniciam a vida sexual bastante mais cedo - alguns aos sete anos - e a dispersão é maior no caso das mulheres, cuja idade de iniciação sexual varia entre os dez e os 45 anos.

Em termos geracionais, as diferenças também são evidentes: quanto mais jovens são os indivíduos, menor é a idade com que declaram ter iniciado a vida sexual com um(a) parceiro(a) (Figura 3.6). Em média, os jovens (18 – 35 anos) afirmam ter a primeira relação sexual aos 16,7 anos (moda = 16), os adultos (36 – 59 anos) aos 17,4 anos (moda = 18) e os seniores (60 ou mais anos) aos 19,3 anos (moda = 18). Com efeito, além de se verificar que a idade média de iniciação

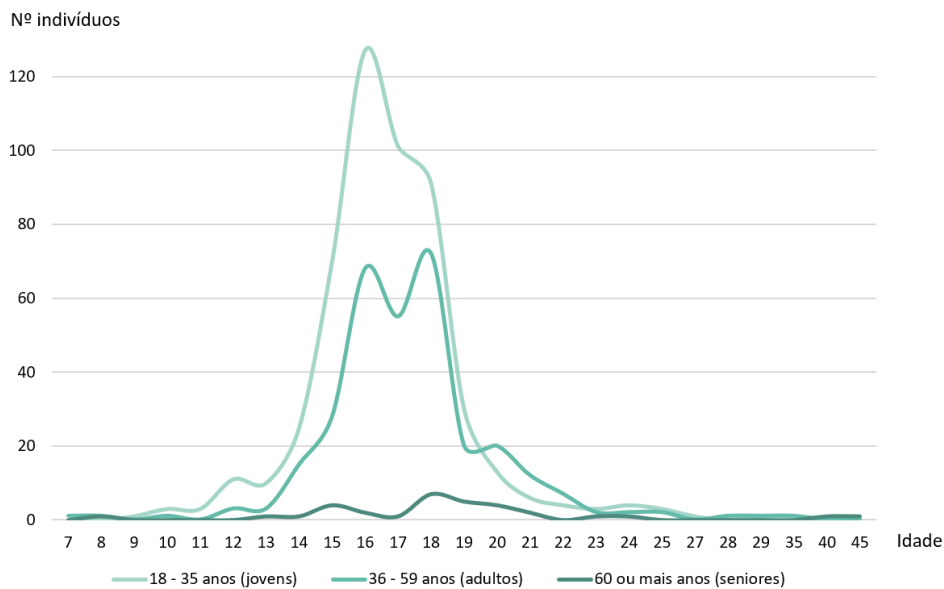
⁸⁵ Note-se que, do total de inquiridos ($n = 1.015$), 1,2% afirmaram nunca ter tido qualquer experiência sexual com parceiro e 14,0% preferiram não responder à questão. Ambos os casos foram excluídos da análise sobre a iniciação sexual.

⁸⁶ O teste *t* de Student compara as médias de uma variável quantitativa numa variável dicotómica. Neste caso, permite comparar as idades médias de iniciação sexual (variável quantitativa), de acordo com o género (variável dicotómica), (Pestana & Gageiro, 2014).

⁸⁷ Os *outliers* são observações aberrantes que podem existir nas amostras e classificam-se como severos ou moderados consoante o seu afastamento em relação às outras observações seja mais ou menos pronunciado (Pestana & Gageiro, 2014).

sexual tem vindo a baixar ao longo das gerações, também se postula que a dispersão tem diminuído, ou seja que a concentração tem aumentado em torno da idade média. A relevância do desvio padrão radica no facto de permitir constatar uma tendência para a concentração em torno da média, confirmando a existência de uma espécie de «norma etária» no que respeita à idade de iniciação sexual, sobretudo na geração jovem atual. Enquanto o desvio padrão se situa em 6,8 anos no grupo etário de 60 ou mais anos de idade, o valor decresce para 2,3 anos no caso da geração jovem atual (entre 18 e 35 anos).

Figura 3.6 – Idade da Primeira Relação Sexual, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

Os testes estatísticos realizados, em concreto o Kruskal-Wallis⁸⁸, confirmam que a idade de iniciação sexual é estatisticamente diferente nas três gerações analisadas já que o valor do

⁸⁸ O teste de Kruskal-Wallis é um teste não paramétrico aplicado a variáveis de nível pelo menos ordinal, sendo uma alternativa ao One-Way Anova quando não se encontram reunidos os pressupostos deste último, como é o caso das variâncias de cada grupo serem iguais entre si. O teste de Levene realizado para averiguar a homogeneidade das variâncias entre os grupos etários apresenta um $p = 0,000$, violando um dos pressupostos para a aplicação do One-150

teste 26,367 tem associado um nível de significância de 0,000, pelo que se rejeita a hipótese de igualdade das idades de iniciação sexual nos três grupos etários. A confiança com que se rejeita a hipótese nula, isto é, a potência do teste, é de 100% para um nível de significância de 5,0% e um intervalo de confiança de 95,0%.

Estes resultados estão em conformidade com os reportados por Bozon (2003), num estudo comparativo sobre a idade da primeira experiência sexual em diferentes países do mundo. No caso português, o autor mostra não apenas a descida da idade de iniciação sexual entre diferentes gerações – a primeira nascida em 1950 e a segunda nascida em 1970 – como a acentuação dessa descida no caso das mulheres. Nas gerações em análise, a idade média da primeira relação sexual com um(a) parceiro(a), no caso dos homens, passou de 17,5 para 17,4 anos, enquanto no caso das mulheres, passou de 21,5 para 19,8 anos (Bozon, 2003: 3). A mesma conclusão é declarada por Zhu e Bosma (2019), num estudo comparativo entre 12 países europeus, onde se constata não apenas uma descida generalizada da idade de iniciação sexual entre as diferentes gerações, mas também uma iniciação feminina cada vez mais precoce.

Tal como defende Ferreira (2010c), a descida da idade de iniciação sexual, sobretudo no caso das mulheres, não significa ter-se entrado num estado de permissividade absoluta. Significa que emergiram novas normas no controlo da sexualidade, que vieram substituir as anteriores. A iniciação sexual está agora associada a uma norma etária de grupo e a uma norma relacional (*Idem*). Por um lado, a socialização juvenil que ocorre em contexto de massificação escolar e os grupos de pares que aí se formam, contribuem de forma muito decisiva para que a iniciação sexual com um(a) parceiro(a) ocorra hoje numa idade bastante mais precoce quando comparada com as gerações anteriores. Por outro lado, existe também uma norma relacional que se desenvolve em torno do «ideal da primeira relação», segundo a qual se admite que é no interior

de uma relação amorosa que a primeira relação sexual deverá ocorrer (*Idem*). No entanto, outros autores lembram que esta norma relacional é aparentemente menos estruturante na trajetória sexual masculina, já que os homens continuam a ser instigados a provar a sua masculinidade desde muito cedo, onde se inclui a iniciação sexual precoce, e continuam a manifestar uma maior tendência para desvincularem os aspetos sexuais dos afetivos (Aboim, 2017; Amâncio, 2004; Bozon, 2003). Com efeito, enquanto no caso masculino se manifesta uma preocupação excessiva pelo lado «técnico» de «ganhar mais experiência» e uma inquietação mais ou menos difundida de «poder não estar à altura», no caso feminino é muito mais evidente a valorização do contexto relacional, associado ao desenvolvimento de ligações afetivas e/ou amorosas (Ferreira, 2010c). Os depoimentos do Afonso e da Alice são esclarecedores a esse respeito:

Estava no 7º ano, tinha uns 13 anos. Foi com uma amiga colorida mais velha, na altura ela tinha 17. (...) Foi em minha casa. Não preparei nada porque não estava à espera. Começou tudo na escola, com conversas a «picar». Estava à espera que o meu pai saísse do trabalho às 19h e como saíamos da escola às 16h, fomos até minha casa porque dava tempo. Aliás, até tinha o quarto todo desarrumado nessa altura, nem a cama estava feita [risos]. Presumo que deve ter sido o pior dia da vida dela porque eu era “novato”, não sabia o que é que estava ali a fazer... ela já tinha experiência. Para mim foi um começo, uma porta a abrir, todo um mundo novo de experiências. Foi bom para descomprimir para os exames [risos]. (...) Nessa altura, foi quando a empresa do meu pai começou a ter um decréscimo e eu sentia mais tensão em casa, mais pressão. (...) Aquilo foi uma forma de descomprimir um bocado. (Afonso, 18 anos, solteiro).

Tinha 18 anos. Foi com um namorado que conheci através de outros amigos. (...) De certo modo já havia um plano, mais da parte dele. Eu não estava à espera. Surgiu tudo de uma surpresa preparada. Começámos por um jantar, não em casa, jantámos fora. Estávamos um pouco chateados nessa altura e o jantar foi uma forma de fazermos as pazes. Depois do jantar, fomos a casa, mas estávamos a pensar sair depois. (...) Mas depois perdemos a vontade de sair, preferimos ficar em casa, num ambiente mais calmo. Quem sugeriu ficarmos em casa foi ele, por isso deu para perceber que havia ali outras intenções. Nós também já tínhamos alguns anos de namoro. Ele provavelmente pensou que seria um novo passo na relação. Já tínhamos uma intimidade suficiente para avançar nesse sentido. Sendo

eu uma rapariga muito mais tímida que ele, ele tentou pôr-me à-vontade e despoletar o momento. (...) A meu ver, teria de ser com uma pessoa de quem gostasse, uma pessoa que fosse importante (...). No fundo, estamos a entregar-nos a alguém e devemos ter inteira confiança nessa pessoa. (...) Não pode ser naquele relacionamento de uma noite, de estar bêbada e envolver-me com alguém. Uma relação sexual, para mim, tem de ser com alguém por quem tenhamos um sentimento e confiança, alguém por quem sentimos que nos podemos entregar por completo e da mesma forma, receber o mesmo. (Alice, 20 anos, numa relação de namoro).

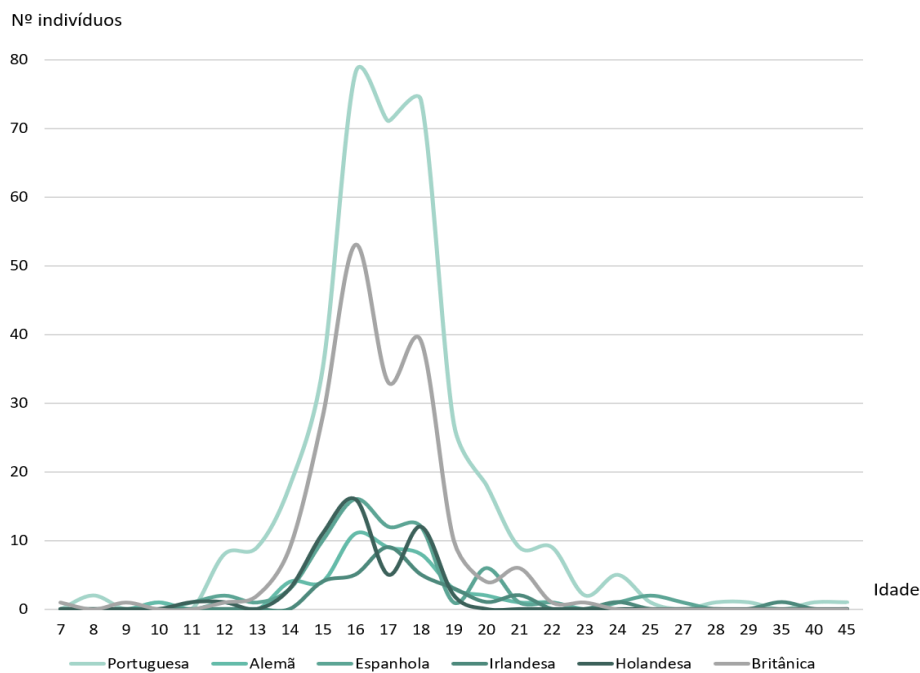
Para além da idade e do género, também a nacionalidade dos inquiridos revela diferenças no que toca à iniciação sexual (Figura 3.7). A média de idades situa-se nos 17 anos no caso dos portugueses, alemães, espanhóis e britânicos. Os holandeses iniciam a vida sexual relativamente mais cedo, por volta dos 16 anos, e os irlandeses relativamente mais tarde, por volta dos 18 anos. O teste Kruskal-Wallis⁸⁹ revela que as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, já que o valor do teste 13,948 tem associado um nível de significância de 0,016. A confiança com que se rejeita a hipótese de igualdade das idades de iniciação sexual nas diferentes nacionalidades (hipótese nula), isto é, a potência do teste, é de 87,3% para um nível de significância de 5,0% e um intervalo de confiança de 95,0%.

Estes resultados são ligeiramente diferentes dos que foram apurados por Bozon (2003), que mostram idades médias de iniciação sexual relativamente superiores em todas as nacionalidades analisadas, a rondar os 18 ou 19 anos. Estas diferenças podem ser explicadas pela marginalidade temporal que separa os dois estudos (mais de 10 anos), que anunciam não só uma tendência de descida, como a probabilidade dessa descida não se encontrar ainda estabilizada, pelo que não são de excluir novos decréscimos. Mas, acima de tudo, o que a comparação dos dois estudos sugere é uma alteração radical das condições de iniciação sexual que se afastam cada vez mais do “modelo mediterrânico” (Ferreira, 2010c), segundo o qual a

⁸⁹ Neste caso utilizou-se também o teste de Kruskal-Wallis como alternativa não paramétrica ao One-Way Anova já que o teste de Levene apresenta um $p = 0,049$, indicando a não existência de homogeneidade das variâncias entre as nacionalidades, violando assim um dos pressupostos para a aplicação do One-Way Anova (Pestana & Gageiro, 2014).

precocidade masculina contrasta com a protelação feminina. Nesse sentido e, muito provavelmente, Portugal está a aproximar-se do modelo de outras sociedades europeias, onde não se observam os mesmos contrastes entre a idade média de iniciação sexual masculina e feminina, mas uma cada vez maior aproximação entre ambas.

Figura 3.7 – Idade da Primeira Relação Sexual, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

A iniciação amorosa, à semelhança do que se verifica na iniciação sexual, também é vivida de forma distinta por homens e mulheres, consoante a geração a que pertencem. No entanto, trata-se de uma experiência transversal, no sentido em que é vivida como marcante do ponto de vista emocional e simbólico. No caso de Susana, a primeira vez que experimentou um amor a «sério», foi já aos 19 anos de idade, numa relação que veio a tornar-se conflituosa e que condicionou a maneira como passou a olhar para os homens:

Tinha 19 anos. Foi com o meu namorado na altura, estivemos juntos por dois anos. Sim, fui correspondida, ele era o meu melhor amigo. Marcou bastante a minha vida. A nossa relação sexual manteve-nos juntos. Nós não eramos necessariamente muito compatíveis e felizes juntos, mas a parte sexual foi o que nos manteve juntos por mais tempo. Provavelmente a forma como essa relação terminou acabou por definir a maneira como eu me passei a relacionar com outros rapazes. Acho que fiquei com menos vontade de ter outra relação ou de ter sexo com outra pessoa. Essa relação terminou muito mal, ele revelou ser uma pessoa bastante agressiva. Acho que passei a odiar os homens de um modo geral. Comecei a pensar que cada rapaz que eu conhecia era um jogador/ator, que só queria ter sexo, achava que todos me iriam trair (...). (Susana, 25 anos, solteira).

No caso de Fernando, o primeiro amor foi vivido de forma muito positiva e duradoura, vindo a transformar-se na união que durou toda a vida da sua parceira:

O meu primeiro namoro foi o primeiro e único. Foi com a minha falecida mulher. Casei com 24, namorámos cinco anos, por isso conheci-a aos 19 anos. Conheci a minha mulher num exame de matemática, em que ela se zangou comigo [risos]. (...) Chegámos cá fora os dois zangados. Um ano depois, estávamos a namorar. Ela sabia muito pouco de matemática e eu sabia muito. Quando ela foi fazer o segundo exame de matemática, quem lhe deu as explicações todas fui eu. Talvez o romance tenha começado nessa zanga e depois desenvolveu-se nas explicações de matemática [risos]. Estivemos casados 38 anos. E não foi mais porque ela foi "levada". Cancro de pulmão. (Fernando, 70 anos, viúvo, numa união de facto).

Outras experiências amorosas são vividas de forma platónica ou até fantasiosa, como a que é descrita por Emma:

Quando eu tinha 16 anos, acho que me apaixonei por um professor. Quer dizer, não sei se estava propriamente apaixonada, mas ele era realmente uma pessoa maravilhosa. Gostei mesmo muito dele. Provavelmente era mais admiração do que amor. Aos 16 anos eu nunca tinha estado muito próxima de homens, então essa foi a primeira vez que estive mais próxima e senti uma verdadeira admiração por ele. Não houve qualquer tipo de interação. Era eu que o observava e admirava. Mais tarde, quando comecei a namorar, aos 21 anos, o meu namorado sempre me dizia que eu nunca tinha sentido verdadeiramente o amor. Acho que era verdade. (Emma, 27 anos, solteira).

A análise destes relatos reforça a compreensão de que o amor e a sexualidade, por serem experiências «extra-ordinárias» e subjetivas (Weitman, 1998), são vividas e sentidas de múltiplas formas, pelos diferentes intervenientes. Uma experiência que é positiva e benéfica para um dos parceiros, pode ser percebida como negativa ou traumática pelo outro parceiro e vice-versa (McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001). Os impactos decorrentes dessas experiências também se manifestam de variadas formas, afetando a vida dos indivíduos e o modo como passam a relacionar-se uns com os outros. As primeiras experiências amorosas e sexuais podem, inclusivamente, determinar as trajetórias sexuais e de intimidade. Um desses exemplos é transmitido por Vanda, homossexual, que se tornou muito mais «cautelosa» na forma de ser e de se relacionar, após ver exposta a sua orientação em forma de escárnio, pelos colegas de escola:

Eu era mesmo muito miúda, devia ter praí uns nove anos. Era uma colega da primária, tínhamos aulas juntas. Costumávamos andar de bicicleta, jogar às escondidas, aquelas coisas que se faz nessas idades. Não fui correspondida (...), ficámos apenas amigas. Sim, marcou muito a minha vida. Tendo em conta o facto de ela, no dia seguinte, ter contado à turma toda a minha revelação, fez com que eu passasse a ser muito mais introspetiva e protetora da minha forma de exposição aos outros. Nomeadamente, até o tempo que iria demorar a revelar os meus sentimentos em situações futuras. Depois desse episódio, só mesmo muito mais tarde é que voltei a expor os meus sentimentos com alguma naturalidade, precisamente porque fiquei marcada com aquela situação. (Vanda, 28 anos, numa relação de namoro).

Estas experiências podem ainda influenciar o número e o tipo de parceiros que se tem ao longo da vida, assim como a forma como se encaram as relações, como é defendido por Matilde:

Tinha 14 anos. (...) O meu amor por ele durou quase até hoje [risos] mas, na prática, o namoro durou cerca de um ano. (...) Marcou-me muito, principalmente para futuras relações. Ele era muito malandro e achava que uma não lhe chegava, então eu acho que essa minha primeira «escola», traumatizou-me logo. (...) Fiquei muito mais desconfiada e muito mais insegura nas relações. (...) Eu achava que ele não gostava de mim, mas namorava comigo. Por esse motivo, eu ainda hoje acho que é possível alguém estar

conosco sem gostar de nós. (...) Eu tenho uma profissão [assistente de bordo] que é um pouco incerta, tenho vivido em muitos sítios diferentes, tenho conhecido muita gente. Muita gente que entra e sai, o que pode ser considerado quase como umas férias. (...) Na minha profissão, isso [relações sexuais ocasionais] é relativamente fácil de acontecer. (...) Já tive mais de 20 parceiros sexuais. (Matilde, 27 anos, numa relação de namoro).

3.2.3 Parceiros ao Longo da Vida

Como se avançou anteriormente, o número de parceiros é um dos indicadores mais utilizados para analisar a dinâmica dos relacionamentos sexuais, pelo menos quando se utiliza a ferramenta do inquérito por questionário (Bajos & Bozon, 2008; Ferreira & Cabral, 2010; Pacheco, 2012; Policarpo, 2011). Do ponto de vista do significado, o número de parceiros está relacionado com a duração dos relacionamentos e com a experiência sexual do indivíduo (Ferreira, 2010b). Mas, conquanto possa parecer um indicador fácil de analisar, é preciso lembrar que existem determinados fatores que o podem condicionar, como a idade ou o duplo padrão de moralidade aplicado aos comportamentos de género.

A idade é um elemento crucial na medida em que o significado do número de parceiros deve ser observado, quer em função da trajetória de vida, quer em função da geração de pertença. O mesmo número de parceiros assume significados distintos consoante a idade do indivíduo, isto é, dizer que se teve dez parceiros sexuais tem impactos diferentes consoante o respondente tenha 20 ou 60 anos de idade, por exemplo. E, como lembra Ferreira (2010b), à escala do indivíduo, o número de parceiros só pode aumentar, nunca diminuir. Mas o mesmo pode não acontecer quando se comparam gerações: uma geração mais velha pode ter um número médio de parceiros mais baixo do que uma geração mais nova. E mesmo que a geração mais velha tenha um número superior de parceiros, em virtude de os seus membros terem vivido mais tempo, não significa que a geração mais nova não possa ultrapassar esse número

quando atingir a mesma idade. Quando assim é, a geração mais nova revela uma propensão para maior diversidade de relacionamentos quando comparada com a geração mais velha (*Idem*).

O número de parceiros sexuais ao longo da vida ou num determinado período de tempo também informa sobre a durabilidade dos relacionamentos. À partida, um menor número de parceiros traduz-se em relações mais duradouras e vice-versa. Mas também pode significar a ausência de parceiro durante algum tempo, pelo que a relação entre as variáveis não é linear. Adicionalmente, importa sublinhar que a duração de um relacionamento tem significados distintos consoante a geração de que se trate: um período de dois ou três anos pode significar um relacionamento longo entre os indivíduos mais jovens, enquanto o mesmo período de tempo, num casal com uma longa história conjugal, pode ser considerado exíguo. Pese embora se trate da mesma referência temporal, o seu peso relativo é distinto porque depende da longevidade dos relacionamentos e da idade dos indivíduos.

Do mesmo modo, o número de parceiros também se relaciona com a experiência sexual. À partida, quanto maior for o número de parceiros, maior a experiência sexual porque a rotação de parceiros pode ser vista como uma forma de intensificar a experiência. Contudo, é importante salientar que se tratam de tendências gerais, as quais não deixam de contemplar exceções. Ter mais parceiros não significa necessariamente ser ou sentir-se mais experiente, pelo menos do ponto de vista da percepção individual.

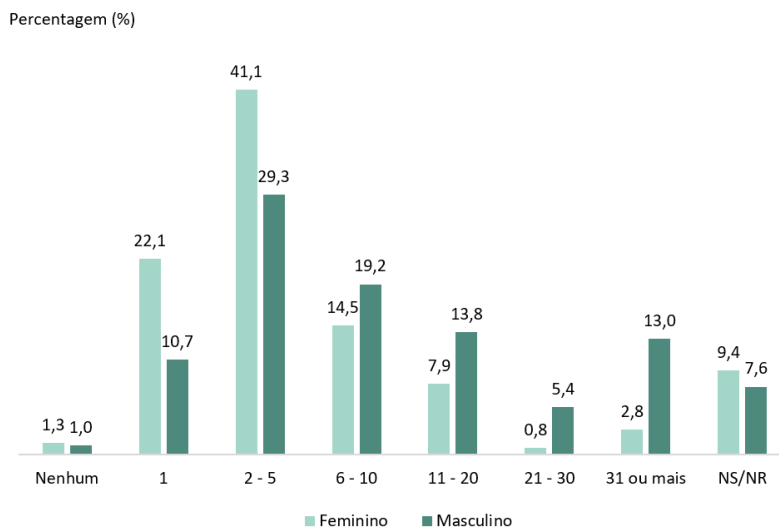
Um outro aspeto a considerar na análise sobre o número de parceiros sexuais é precisamente a existência, ainda que mais atenuada, do duplo padrão moral que prescreve comportamentos diferentes de acordo com o género dos indivíduos. Este duplo padrão manifesta-se nas identidades, concretamente no que respeita à reputação atribuída aos indivíduos. Durante muito tempo e especialmente no caso das mulheres, a iniciação sexual fora do quadro matrimonial foi considerada um atentado à reputação feminina. Hoje, contudo, a

preservação da «pureza» até ao casamento é um valor em desuso, em virtude da aceitação mais ou menos generalizada da sexualidade pré-conjugal. Todavia, o acesso mais igualitário à atividade sexual não significa que o duplo padrão tenha sido completamente erradicado. Em alguns domínios da sexualidade, mais do que noutros, continuam a manifestar-se estigmas e rótulos, nomeadamente no que diz respeito ao número de parceiros sexuais (Ferreira, 2010b), verificando-se um diferencial intersexual, cuja vantagem continua a pertencer ao masculino. Pelo menos ao nível dos discursos, continuam a ser penalizadas as mulheres com condutas sexuais mais «promíscuas», ou seja, aquelas que acumulam vários parceiros sexuais ao longo da vida, enquanto se elogia o mesmo tipo de comportamento quando ele é praticado pelos homens (Amâncio, 1993; Carmo & Fráguas, 2002; Ribeiro *et al.*, 2007).

Os resultados do estudo espelham essas diferenças, uma vez que os homens reportam um número mais elevado de parceiros(as) sexuais ao longo da vida do que as mulheres. De facto, as mulheres estão muito mais representadas nos escalões inferiores e menos nos superiores e, inversamente, os homens estão mais representados nos escalões superiores e menos nos inferiores (Figura 3.8).

Enquanto 22,1% das mulheres declaram ter tido apenas um parceiro ao longo do curso de vida, menos de metade dos homens (10,7%) reportam esse valor. Em sentido oposto, 13,0% dos homens afirmam já ter tido 31 ou mais parceiros(as) sexuais ao longo da vida, enquanto apenas 2,8% das mulheres declaram um número semelhante. É interessante notar também que são sobretudo as mulheres a mostrar maior resistência em responder à questão, com 9,4% a dizerem que não sabem ou não querem responder, contra 7,6% dos homens com a mesma atitude. Ainda assim, importa sublinhar que a maioria dos inquiridos, independentemente do género, se concentra no grupo de dois a cinco parceiros ao longo da vida (41,1% das mulheres e 29,3% dos homens).

Figura 3.8 – Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

O nível de significância ($p = 0,000$) associado ao teste de Kolmogorov-Smirnov⁹⁰ ($K-S = 3,739$) mostra que a diferença no número de parceiros reportados por homens e mulheres é estatisticamente significativa. As discrepâncias encontradas são, de resto, frequentes nos estudos quantitativos que abordam o número de parceiros sexuais: os homens declaram sempre ter tido mais parceiros(as) do que as mulheres (Bellis *et al.*, 2004; Chandra, Mosher & Copen, 2011; Ferreira & Cabral, 2010; Valois *et al.*, 1999, entre outros).

Uma explicação para esta desigualdade pode residir num maior acesso do público masculino a mulheres com maior rotação de parceiros, como é o caso das trabalhadoras sexuais, que não fazem parte da amostra. Outra explicação pode advir dos códigos de virilidade impostos desde muito cedo aos rapazes, segundo os quais «ser homem» significa, entre outros aspetos, manter contacto com um número elevado de parceiras sexuais durante o curso de vida

⁹⁰ O teste de independência de Kolmogorov-Smirnov ($K-S$) analisa a distribuição de uma variável ordinal nas categorias de uma variável dicotómica (Pestana & Gageiro, 2014). Neste caso, ajuda a perceber se há semelhança entre as distribuições do número de parceiros ao longo da vida, medido em escalões (variável ordinal), segundo o género (variável dicotómica).

(Amâncio, 1992, 2004; Schouten, 2011; Vale de Almeida, 1995; 1996). Contudo, é interessante notar que um dos entrevistados faz questão de mencionar o contrário, invertendo discursivamente as condutas normativas impostas à masculinidade, descritas anteriormente:

Não sou nenhum playboy nem nenhum garanhão, mas talvez umas dez, já contando com as namoradas. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Não podem ainda ser descartadas outras hipóteses explicativas, como as que estão relacionadas com o duplo padrão moral. Desse ponto de vista, o duplo padrão reflete a interpretação ou o valor simbólico que homens e mulheres atribuem à rotação de parceiros. Assim, os homens tendem a uma certa sobrestimação, na medida em que declarar um elevado número de parceiras contribui para manifestar uma dimensão identitária associada à afirmação da virilidade (Ferreira, 2010b; Ribeiro *et al.*, 2007). Pelo contrário, as mulheres tendem à subestimação, porque declarar um elevado número de parceiros pode afetar a sua reputação. Depois, há que sublinhar que as mulheres poderão não estar interessadas neste tipo de contabilização pois, tal como alguns autores indicam, elas podem estar mais inclinadas para os valores afetivos atribuídos a uma relação precisamente por serem descritas como mais emotivas, sensíveis, carinhosas e amorosas (Ferreira, 2010b; Schouten, 2011). Leonor, refere, em conformidade:

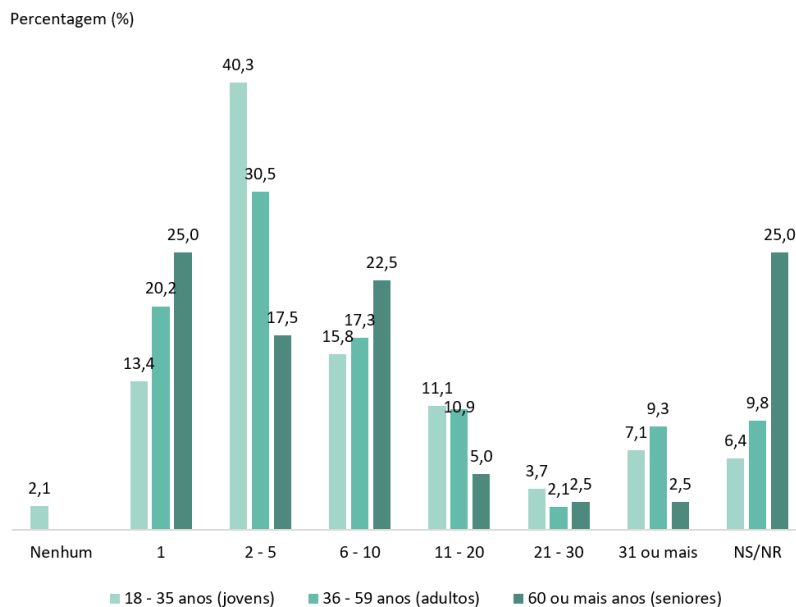
Eu prefiro não responder a esta [pergunta]. (Leonor, 30 anos, numa união de facto).

No entanto, não há como não reconhecer que as hipóteses avançadas podem também diluir-se numa espécie de «vazio epistemológico» que espelha as limitações dos instrumentos de recolha de informação, que não podem garantir a veracidade absoluta das respostas.

A análise do número de parceiros sexuais ao longo da vida segundo o grupo etário (Figura 3.9) revela não existir qualquer correlação entre as variáveis, o que é observável através do valor

do coeficiente de correlação Ró de Spearman⁹¹ ($p = 0,039$) e do seu nível de significância ($p = 0,219$). Contudo, salienta-se que o coeficiente não é sensível a assimetrias na distribuição nem à presença de *outliers* (Pestana & Gageiro, 2014), pelo que a sua interpretação requer prudência. De facto, o número de parceiros reportados pelos jovens (18 – 35 anos) e pelos adultos (36 – 59 anos) apresenta *outliers* severos (três nos jovens e quatro nos adultos), o que pode comprometer a interpretação dos resultados.

Figura 3.9 – Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

Aparentemente, a determinação do número de parceiros sexuais ao longo da vida não constitui uma operação que ofereça dificuldades. Mas, tal como adverte Ferreira (2010b), é preciso ter em consideração eventuais problemas relacionados quer com a incapacidade de as pessoas recordarem acontecimentos passados, sobretudo quando muito distanciados no

⁹¹ O coeficiente de correlação Ró de Spearman mede a intensidade da relação entre variáveis ordinais, variando entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação linear entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2014).

tempo, quer com o facto de não os contabilizarem da mesma forma. Na base desta contabilização reside a interpretação do que é um *parceiro sexual* ou uma *relação sexual*, aspetos que implicam quase sempre alguma ambiguidade. Para além disso, há ainda que considerar que, nalguns casos, os indivíduos podem não referir os atuais parceiros, como se a pergunta fosse entendida no sentido extraconjugal ou em relação a parceiros anteriores.

Estes aspetos podem ter determinado diferentes formas de responder à mesma questão. Repare-se, por exemplo, na «estranheza» do número de parceiros reportados pelos seniores (60 ou mais anos): 22,5% referem que tiveram entre seis a dez parceiros, 5,0% entre 11 a 20 parceiros, 2,5% entre 21 a 30 parceiros e 2,5% mais de 31 parceiros. Estes valores parecem invulgares, sobretudo quando comparados com resultados de outros estudos (Bajos & Bozon, 2008; Ferreira, 2010b; Leridon, Zessen & Hubert, 1998; Sanjose *et al.*, 2008; Stewart-Williams, Butler & Tomas, 2016) que mostram que a rotação de parceiros é frequentemente superior nas camadas mais jovens. Pese embora o seja nos escalões acima dos 11 parceiros, continua a parecer inabitual que os seniores reportem valores tão elevados. Importa, por isso, perceber quem são estes indivíduos. Do total de seniores que integram a amostra (n = 40), a maioria dos que afirmam ter tido mais de seis parceiros ao longo da vida pertence ao género masculino (n = 8) e é de nacionalidade britânica (n = 6). Admitindo que as repostas foram honestas, as manifestações de ordem social e cultural, bem como a pertença de género e o duplo padrão moral poderão, eventualmente, ajudar a interpretar estes valores.

Em todo o caso, também é interessante notar que os jovens estão mais representados nos escalões entre dois a cinco parceiros (40,3%) e entre seis a dez parceiros (15,8%); e os adultos estão mais representados nos escalões entre dois a cinco parceiros (30,5%) e no escalão de um só parceiro (20,2%), significando não apenas que a rotação é superior nas camadas mais jovens, como também que existe uma perspetiva do efeito multiplicador dessa rotação,

admitindo que os jovens irão relacionar-se sexualmente com mais parceiros à medida que progredem no curso de vida.

Uma análise por nacionalidade revela também diferenças significativas no que toca ao número de parceiros declarados (Figura 3.10). Essas diferenças são notórias sobretudo nos extremos dos escalões e são dadas pelo valor do teste de independência do Qui-Quadrado⁹² ($X^2 = 86,939$) e pelo nível de significância associado ($p = 0,000$). Assim, os irlandeses e os britânicos são os que declaram mais parceiros ao longo da vida: 11,6% e 10,2%, respetivamente, dizem ter tido 31 ou mais parceiros sexuais. Por oposição, os portugueses são os que revelam menor rotação de parceiros: 23,2% dizem que tiveram apenas um parceiro e 40,7% entre dois a cinco parceiros. Os alemães, os espanhóis e os holandeses concentram-se maioritariamente no escalão que varia entre dois e cinco parceiros (28,3%, 43,4% e 34,4%, respetivamente). Note-se ainda que os alemães são os que mostram maior resistência em responder à questão, seja porque não sabem ou simplesmente porque preferem não responder (23,3%).

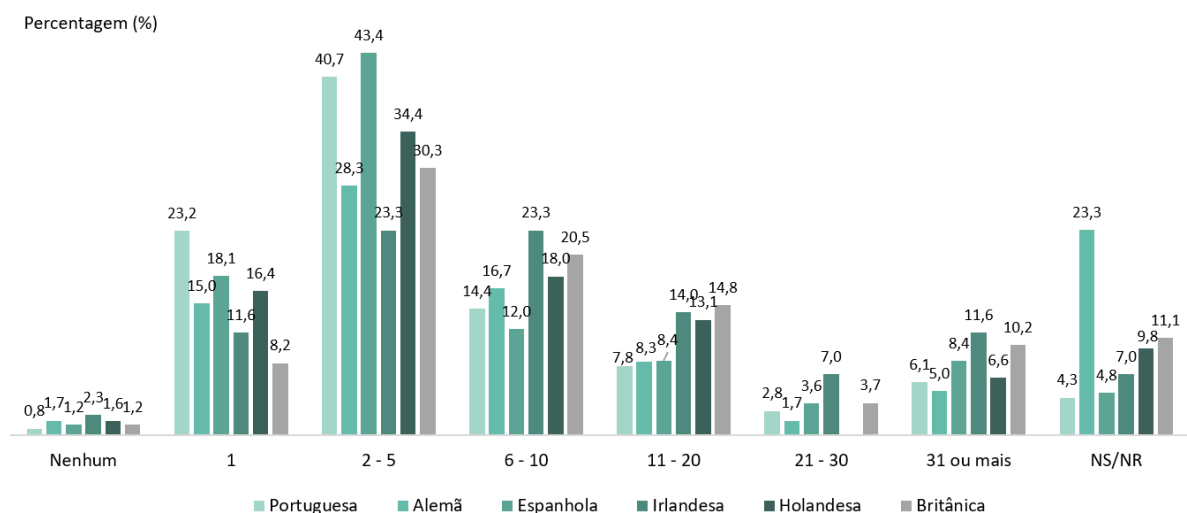
De qualquer forma, importa destacar que, mais uma vez, as questões de ordem social e cultural poderão explicar as assimetrias encontradas, que se manifestam, por exemplo, num maior conservadorismo dos portugueses em relação à afirmação do número de parceiros, quer se trate efetivamente dos comportamentos adotados ou da vontade de os declarar.

A propósito, é relevante sublinhar que, num estudo promovido por uma conhecida marca de preservativos, no ano de 2005, e com mais de 317 mil participantes a nível global, os portugueses declararam ter em média sete parceiros sexuais ao longo da vida, assim como os holandeses. Os irlandeses afirmaram ter em média 11,1 parceiros sexuais e os britânicos 9,8. Já

⁹² Os testes de independência do Qui-Quadrado (X^2), tal como os resíduos ajustados estandardizados, permitem analisar a relação de independência entre variáveis qualitativas (Pestana & Gageiro, 2014). Neste caso, permitem analisar a relação de independência entre uma variável nominal (nacionalidade) e uma variável ordinal (número de parceiros em escalões).

os espanhóis declararam ter em média 6,1 parceiros sexuais e os alemães 5,8 (Durex, 2005). Ainda que volvidos mais de dez anos desde a publicação desses resultados, parecem não existir diferenças muito significativas no que toca ao número de parceiros reportados por indivíduos de diferentes nacionalidades, uma vez que os resultados obtidos em ambos os estudos confirmam que os irlandeses e os britânicos são, de facto, os que declaram ter mais parceiros sexuais ao longo da vida. Por oposição, os portugueses afirmam ter uma menor rotação de parceiros, mas são os alemães que ocupam o lugar cimeiro no que toca à menor propensão para mudar de parceiro.

Figura 3.10 – Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

Assim, é possível admitir que as principais alterações ocorridas neste domínio dizem respeito a mudanças geracionais, com as gerações mais novas a admitir maior rotação de parceiros quando comparadas com as gerações mais velhas. Do ponto de vista do género e da nacionalidade, a passagem do tempo não tem sugerido grandes alterações, já que os homens continuam a revelar maior rotação de parceiros(as) do que as mulheres e os portugueses são

ainda dos mais contidos (pelo menos ao nível dos discursos) quando se trata de assumir a sucessão de parceiros.

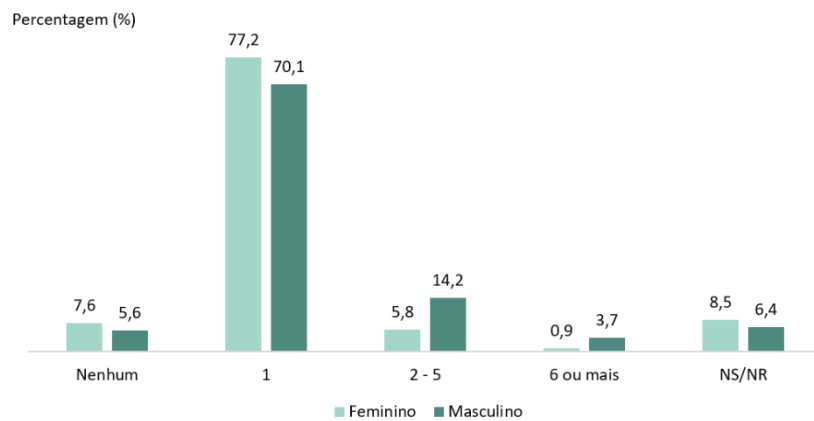
3.2.4 Parceiros nos Últimos Seis Meses

Depois de se ter observado a distribuição do número de parceiros sexuais ao longo da vida, a análise de um período mais reduzido (os últimos seis meses que antecederam as férias no Algarve) permite descrever a dinâmica mais recente dos relacionamentos sexuais, além de facilitar uma demarcação temporal a partir da qual se vai analisar, no Capítulo 6, os comportamentos sexuais e de intimidade em contexto turístico. Este desdobramento em diferentes marcadores temporais permite não só quantificar os parceiros sexuais, mas também observar as diferentes distribuições desses parceiros ao longo do tempo. É possível assim avaliar, ainda que de forma relativa, os diferentes ritmos de sucessão de parceiros em termos biográficos. Este indicador, em conjugação com a predisposição para manter relações sexuais ocasionais (detalhada mais adiante) tem sido utilizado em diversos estudos enquanto medida de risco potencial, pois considera-se que quanto menor o hiato temporal entre parceiros sexuais, maiores serão os riscos potenciais de transmissão de IST (Foxman *et al.*, 2006; Peder *et al.*, 2020; Shrier *et al.*, 1996).

À semelhança dos resultados obtidos para o número de parceiros ao longo do curso de vida, também num período temporal mais curto, são os homens que admitem maior rotatividade de parceiros(as), (Figura 3.11). Nos últimos seis meses que antecederam as férias no Algarve, alguns homens (14,2%) mais do que as mulheres (5,8%), admitem ter-se relacionado sexualmente com dois a cinco parceiros(as). Outros (3,7% dos homens e 0,9% das mulheres) dizem mesmo que tiveram seis ou mais parceiros(as) sexuais nos últimos seis meses. Em sentido oposto, as mulheres continuam a declarar menor rotação de parceiros(as) sexuais, já que são

sobretudo elas que afirmam não ter tido nenhum(a) parceiro(a) nos últimos seis meses (7,6% contra 5,6% dos homens) ou então que tiveram apenas um(a) parceiro(a), (77,2% contra 70,1% dos homens). São também as mulheres a mostrar maior indisponibilidade para responder a este tipo de questões, com 8,5% a dizerem que não sabem ou que preferem não responder (contra 6,4% dos homens com a mesma atitude).

Figura 3.11 – Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género

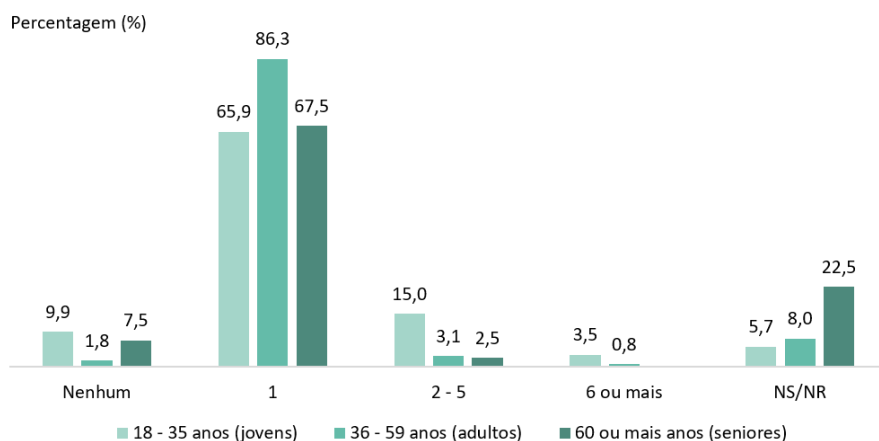


Fonte: Elaboração própria.

A realização do teste de Kolmogorov-Smirnov ($K-S = 1,766$) e o nível de significância associado ($p = 0,004$) mostram que as diferenças encontradas no número de parceiros sexuais nos últimos seis meses são estatisticamente significativas, demonstrando efetivamente que os homens têm mais parceiros(as) sexuais do que as mulheres, mesmo em referências temporais mais curtas. Mais uma vez, adverte-se para o facto de podermos estar perante respostas congruentes com a realidade das práticas ou, em alternativa, perante respostas que são inflacionadas (no caso dos homens) ou deflacionadas (no caso das mulheres) pelo duplo padrão de moralidade que afeta as dinâmicas discursivas da sexualidade.

A redução do período temporal que circunscreve a inquirição do número de parceiros sexuais apresenta também diferenças intergeracionais. À semelhança do que se verificou para uma dimensão temporal mais alargada, continuam a ser os jovens a reportar maior rotação de parceiros nos seis meses que antecederam as férias (Figura 3.12). Em apenas seis meses, 15,0% dos jovens dizem que tiveram entre dois a cinco parceiros(as) sexuais e 3,5% afirmam ter tido seis ou mais parceiros(as) sexuais. O grupo mais jovem revela, naturalmente, uma maior propensão para os relacionamentos múltiplos, em virtude de estar menos dependente de vínculos afetivos ou conjugais (Ferreira, 2010b).

Figura 3.12 – Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

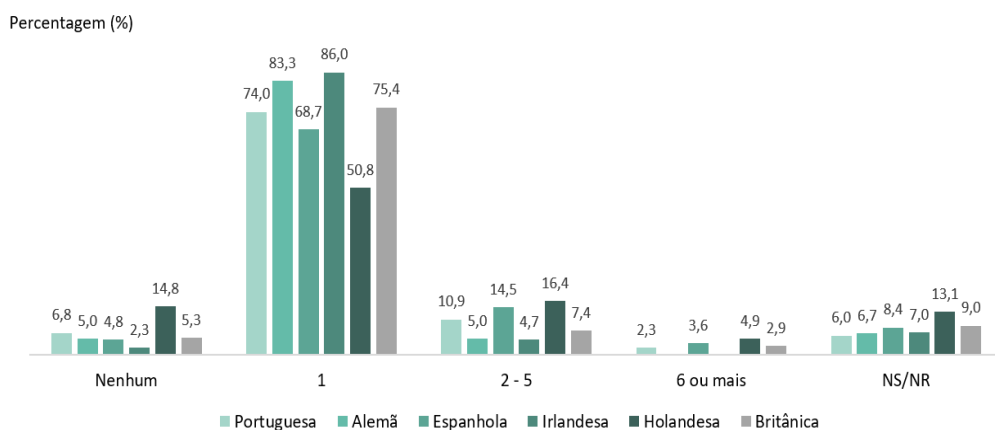
Por oposição, à medida que se progride nos intervalos geracionais, verifica-se uma tendência para a diminuição da rotatividade de parceiros, significando que quanto mais velha é a geração em análise, menor é a tendência para mudar de parceiro num curto espaço de tempo. Por isso, 7,5% dos seniores admitem não ter tido qualquer parceiro(a) sexual nos últimos seis meses ou então tiveram apenas um(a) parceiro(a) (67,5%). Apesar da rotatividade ser maior na geração mais jovem, é relevante notar que a grande maioria dos inquiridos, independentemente

da idade, admite ter tido apenas um(a) parceiro(a) sexual nos últimos seis meses (65,9% dos jovens, 86,3% dos adultos e 67,5% dos seniores).

O valor do coeficiente de correlação Ró de Spearman ($\rho = -0,113$) e o seu nível de significância ($p = 0,001$) mostram existir uma correlação negativa muito baixa entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido oposto, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável, o que é dado pelo maior número de parceiros reportado pelos indivíduos mais jovens e pelo menor número de parceiros reportado pelos indivíduos mais velhos.

Já no que toca à análise do número de parceiros nos últimos seis meses por nacionalidade (Figura 3.13), os resultados mostram que as diferenças nas respostas não são estatisticamente significativas. O valor do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 35,690$) e o seu nível de significância ($p = 0,059$) demonstram que a rotação de parceiros é independente da nacionalidade dos indivíduos quando se reduz a dimensão temporal.

Figura 3.13 – Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

A grande maioria dos inquiridos afirma, de facto, ter tido apenas um(a) parceiro(a) sexual nos seis meses que antecederam as férias no Algarve. Contudo, como se viu, o desdobramento da referência temporal ao curso de vida revela diferenças no número de parceiros segundo a nacionalidade dos inquiridos (Figura 3.10). Nesse caso, os irlandeses e os britânicos são os que declaram mais parceiros ao longo da vida e, por oposição, os portugueses são os que revelam menor rotação de parceiros. Mas, quando a malha temporal se abrevia, verifica-se uma tendência não só para a redução do número de parceiros – precisamente porque a referência temporal é mais curta -, mas também para uma padronização das respostas nos diferentes grupos em análise. Significa que, muito provavelmente, assistimos a uma tendência de nivelamento dos comportamentos em indivíduos de diferentes nacionalidades.

Importa mencionar que, apesar de se verificar uma aparente aproximação dos comportamentos entre indivíduos de diferentes origens geográficas, verifica-se também que a tendência para mudar de parceiro(a) em hiatos temporais longos e curtos continua a ser diferente entre gerações e entre homens e mulheres. As duas distribuições temporais em análise (o curso de vida e os últimos seis meses que antecederam as férias no Algarve) permitem contabilizar o número de parceiros em temporalidades distintas, mas é o cruzamento dos dois marcadores que permite refletir sobre a duração dos relacionamentos, criando uma tipologia das trajetórias sexuais.

3.2.5 Tipologia das Trajetórias Sexuais

A tipologia das trajetórias sexuais que aqui se apresenta inspira-se nas propostas de Ferreira (2010b) e de Policarpo (2011).⁹³ De acordo com os autores, as distribuições relativas ao

⁹³ À semelhança dos estudos supramencionados, esta análise expurga as «não respostas», por se considerar que não acrescentam valor à interpretação da tipologia das trajetórias sexuais. Assim, foram consideradas 888 respostas

número de parceiros referem temporalidades distintas e consideram durações diferenciadas das trajetórias sexuais. Mas, excetuando, muito provavelmente, aqueles que assumem ter apenas um único parceiro ao longo da vida, não se consegue ter, na maioria dos casos, uma ideia muito concreta sobre a forma como o número de parceiros varia nas diferentes fases que compõem o curso de vida. Há quem permaneça monogâmico durante toda a vida; há quem depois de o ter sido, se envolva com múltiplos parceiros; e há quem faça o percurso inverso, passado de relacionamentos múltiplos para a monogamia. Há ainda quem permaneça celibatário. Estas várias possibilidades podem ocorrer em qualquer fase do curso de vida, permitindo esboçar diferentes trajetórias sexuais (Ferreira, 2010b).

Convém lembrar, contudo, que tal como toda a realidade social, a diversidade das experiências sexuais é (praticamente) infinita, mas as ciências sociais, e a sociologia em particular, têm o papel de tornar essa realidade mais compreensível. A tipologia que a seguir se apresenta corresponde a uma construção teórica e metodológica própria, abstrata e por indução a partir da observação de casos concretos que, de forma propositada, acentuam determinados traços identificados nas trajetórias sexuais dos indivíduos que integram esta pesquisa (Policarpo, 2011). Esta tipologia, composta por cinco tipos, não é exaustiva e está longe de descrever toda a diversidade que a sexualidade humana pode assumir. Mas, constitui uma aproximação para compreender essa diversidade, sendo útil, como se verá, para analisar os comportamentos que os indivíduos demonstram ter durante as férias.

Assim, o primeiro tipo designa os *celibatários convencionais*, aqueles que declaram nunca ter tido qualquer parceiro sexual. Do total de respondentes, são poucos os que se encaixam nesta categoria, mas ainda assim, o grupo é composto por mais mulheres (1,5%) do que homens (1,1%), (Figura 3.14).

O segundo tipo designa os *celibatários atuais com parceiro ou multiparceiro*⁹⁴ antes, ou seja, aqueles que após relacionamentos mais ou menos duradouros com um ou vários parceiros no passado, optaram por se manter solteiros (sem parceiro, pelo menos, fixo) na atualidade. Do total de respondentes, são também mais as mulheres (6,6%) do que os homens (4,4%) a integrar esta categoria.

O terceiro tipo designa a lógica monogâmica, ou seja, os indivíduos que assinalam *um só parceiro ao longo da vida*, independentemente de manterem ou não esse parceiro na atualidade. A tipologia reteve esta lógica, tendo conservado no mesmo grupo todos os indivíduos que assinalaram um único parceiro ao longo da vida, mesmo que possam estar há menos de seis meses sem parceiro, não tendo em conta, conseqüentemente, esta última referência temporal. Do total de respondentes, as mulheres representam o dobro (21,9%) dos homens (10,9%) que integram esta categoria.

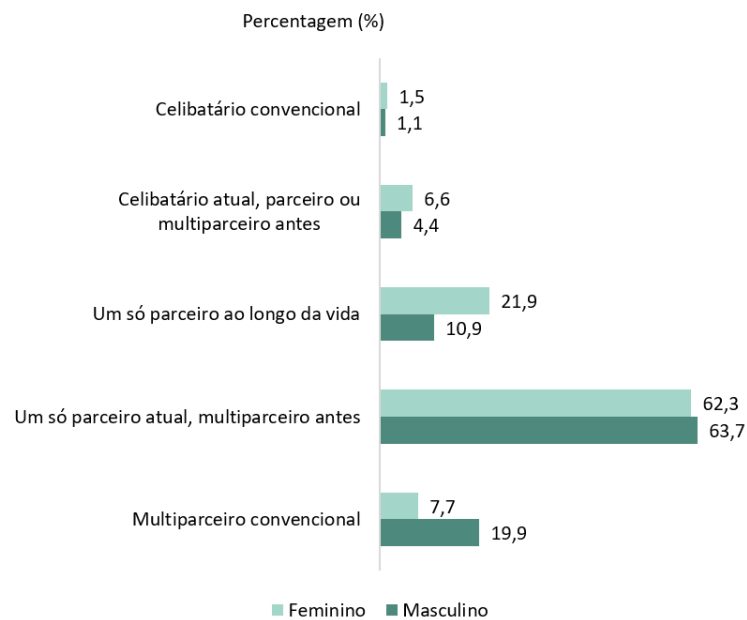
O quarto tipo designa os indivíduos com *um só parceiro atual mas multiparceiro antes*, ou seja, todos os que assinalam ter um parceiro «regular» na atualidade, mas que antes tiveram múltiplos parceiros, independentemente da duração dos relacionamentos e podendo esse número variar entre dois e 31 ou mais parceiros. Esta é a categoria que agrupa a maior parte dos respondentes, ainda que com uma ligeira vantagem do público masculino (63,7% contra 62,3% de mulheres).

O quinto tipo designa os *multiparceiros convencionais*, ou seja, todos os que assinalam ter dois ou mais parceiros seja nos últimos seis meses, seja ao longo do curso de vida. Faz-se a ressalva, neste caso, para o facto de o período mais curto se diluir no mais longo, pelo que os valores assinalados neste último nunca podem ser inferiores. O número relativo aos últimos seis

⁹⁴ Na linguagem da tipologia utilizada nesta pesquisa, o *multiparceiro* refere-se não apenas à sucessão de parceiros, que tanto pode ocorrer no quadro de relações ocasionais como em relacionamentos mais estáveis, como à simultaneidade de dois ou mais parceiros num determinado período de tempo.

meses tem de ser menor ou igual ao do curso de vida. No caso de o valor ser igual, significa que os parceiros acumulados nos últimos seis meses são os únicos tidos ao longo da vida, o que revela também que a duração dos relacionamentos é inversamente proporcional ao número de parceiros acumulados, ou seja, quantos mais parceiros, menor é a duração dos relacionamentos e vice-versa. Neste caso, a vantagem pertence inequivocamente ao grupo masculino, com 19,9% dos homens e apenas 7,7% das mulheres a integrarem esta categoria.

Figura 3.14 – Tipologia das Trajetórias Sexuais



Fonte: Elaboração própria.

A realização do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 42,935$) e o seu nível de significância ($p = 0,000$) mostram que homens e mulheres apresentam diferenças nas tipologias das trajetórias sexuais que são significativas do ponto de vista estatístico. Assim, da observação destas sequências relacionais, que combinam monoparceiros, multiparceiros e celibato, resultam as seguintes interpretações: em regra, são sobretudo as mulheres que tendem a preservar a existência de um único parceiro ao longo da vida; são também as mulheres que,

após um ou vários relacionamentos fracassados, tendem ao celibato; e são também as mulheres que mais declaram nunca ter tido um único parceiro sexual. Numa lógica inversa, são sobretudo os homens que após relacionamentos multiparceiros, tendem a conservar apenas um parceiro; e são também os homens que revelam maior propensão para a rotatividade, que se revela numa associação entre a masculinidade e os relacionamentos múltiplos e ainda, como se verá, numa maior propensão para os envolvimento sexuais fortuitos, de curta duração.

3.2.6 Sexo Casual e Descomprometido

Para além do número de parceiros e da duração dos relacionamentos, a disponibilidade para manter relações sexuais sem compromisso concorre também para a descrição das trajetórias sexuais e de intimidade. Numa altura em que o sexo está cada vez mais desvinculado do relacionamento emocional, existindo também uma separação nítida entre o ato sexual e a vida conjugal, «experimental» passou a ser a palavra de ordem. Sobretudo entre as camadas mais jovens e, com início na década de 60 do século anterior, o experimentalismo ganhou fama ao abrigo de um rótulo libertário que agitou os «bons costumes» (Aboim, 2013). Foi a partir de maio de 1968, em França, que a juventude passou a ser considerada a nova classe revolucionária, portadora de uma função emancipatória que se manifestaria em múltiplos domínios, onde se inclui a sexualidade (Bensaid, 2008). Desde essa altura, os jovens passaram a representar a ética da liberdade expressa no elogio, por vezes exagerado, do experimentalismo sexual (Pais, 2012).

Porém, como refere Aboim (2013), atualmente assiste-se a uma certa inversão na relação entre as normas e os comportamentos sexuais. Agora, as práticas sexuais chegam mesmo a ficar aquém da liberdade enunciada pelos discursos porque, como diria Foucault (1994), o que libertou verdadeiramente o sexo foi o discurso e não a prática: “por vezes, parece ser

conveniente, mesmo no caso das raparigas, afirmar ter mais experiência sexual do que a que se tem, ainda que em doses moderadas, e, sobretudo, esconder a virgindade se esta condição se prolongar para lá de certa idade” (Aboim, 2013: 81).

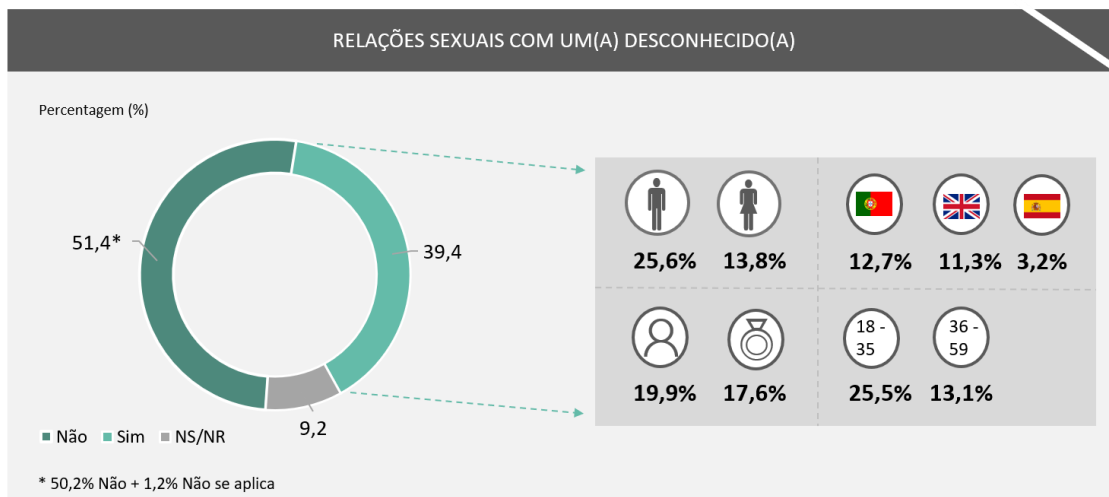
As transformações ocorridas no domínio da sexualidade atingiram magnitudes sem precedentes. Por esse motivo e nos dias que correm, a iniciação sexual acontece mais cedo do que nas gerações anteriores, a rotação de parceiros é também maior, assim como é a disponibilidade para manter relações sexuais ocasionais, sem recurso a vínculos emocionais ou comprometimento. Uma prática que seria inimaginável no tempo de pais e avós, como o sexo casual e descomprometido (sem recurso à prostituição), faz agora parte das práticas relacionais, sobretudo entre os mais jovens.

Os resultados desta pesquisa não são exceção, ao mostrarem que 39,4% dos inquiridos dizem já ter tido relações sexuais com pessoas desconhecidas (Figura 3.15). Recorreu-se à questão “alguma vez teve relações sexuais com alguém que conhecia há menos de uma semana?” para retratar os relacionamentos fortuitos, sem vínculos afetivos e sem ideal de compromisso. Dos que responderam afirmativamente, destacam-se os jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (25,5%) ($K-S = 1,846$; $p = 0,002$). São sobretudo homens (25,6%) ($\chi^2 = 85,703$; $p = 0,000$), portugueses (12,7%) e britânicos (11,3%) ($\chi^2 = 29,145$; $p = 0,000$) e solteiros (19,9%) ($\chi^2 = 40,653$; $p = 0,000$). Ainda assim, uma percentagem significativa de casados também admite já se ter envolvido sexualmente com um(a) desconhecido(a), (17,6%).

A percentagem de mulheres que admite ter mantido relações sexuais com um(a) desconhecido(a) é francamente mais baixa (13,8%). Esta evidência pode ser explicada quer pelo duplo padrão moral que, como já se demonstrou, continua a condicionar as repostas no feminino, quer por questões de ordem cultural. A maioria das mulheres inquiridas é de

nacionalidade portuguesa (39,8%) – reconhecidamente mais conservadora⁹⁵ –, sendo que muitas são casadas ou vivem em união de facto (60,2%) – aspetos que podem, por uma questão de reputação, comprometer a honestidade das respostas. Em alternativa, também porque muitas tiveram apenas um só parceiro ao longo da vida (21,9%), coincidindo com o parceiro atual com quem mantêm uma relação estável, podem simplesmente não ter experimentado os envolvimentos casuais.

Figura 3.15 – Relações Sexuais com Desconhecidos, por Segmentos



Fonte: Elaboração própria.

Ainda assim, o envolvimento sexual casual é reportado sobretudo pelas camadas mais jovens. Segundo vários autores, o sexo ocasional emerge em condições de “desinibição situacional” (Apostolopoulos, Sönmez, & Yu, 2002; Eiser & Ford, 1995) que são frequentemente potenciadas pelo consumo de álcool ou de outras substâncias psicoativas, pela expectativa dos indivíduos experimentarem atividades excitantes ou radicais e pela influência dos grupos de

⁹⁵ Um estudo recente realizado na Noruega mostra que, neste contexto geográfico, o sexo casual é visto como algo «normal», tanto pelos homens como pelas mulheres (Kennair, Bendixen & Buss, 2016). A maioria das mulheres inquiridas revelou gostar de encontros sexuais casuais, ainda que muitas admitam desfrutar do ato sexual que é mantido nestes «parâmetros» apenas quando a iniciativa é sua (*Idem*).

pertença que, não raras vezes, exercem «pressão» para a manifestação deste tipo de comportamentos (Clark & Clift, 1996; Hennink, Cooper & Diamond, 2000; Pais, 2012; Sönmez et al., 2006). A relação entre o ambiente noturno, o consumo de álcool ou drogas e as práticas sexuais ocasionais (que podem ser protegidas – com utilização de preservativo – ou não) durante as férias, é destacada por alguns entrevistados:

Com o álcool as pessoas ficam desinibidas e pensam que não têm nada a perder. “Vamos embora que eu estou bêbada e, mesmo que amanhã ele venha dizer-me alguma coisa, eu estava bêbada, não me lembro de nada, peço desculpa”. De férias, essa experiência é ainda mais real. Vamos embora e nunca mais vemos aquela pessoa. Foi bom enquanto durou (...), para o ano há mais. (Rodrigo, 30 anos, casado).

Muitas delas foram apenas uma one night stand⁹⁶ e eu nunca mais as vi. Todas essas experiências estão relacionadas com a vida noturna, o consumo de álcool, a diversão, o calor, a praia. Esses são os principais fatores e quando estão alinhados, tenho mais atividade sexual. (...) Nesse tipo de situações, sou eu que tomo a iniciativa. No meu quotidiano, costumam ser as raparigas a dar o primeiro passo (...). Na maioria das vezes, o álcool e as drogas estão presentes. Pode ser apenas um ou ambos. A maioria das raparigas está consciente acerca do uso do preservativo, por isso é o método que usamos. Já tive algumas situações em que as raparigas não queriam usar preservativo, mas eu não arrisquei. (...) É uma necessidade, é obrigatório. (John, 32 anos, solteiro).

Com um deles sim. Sentimos uma atração física mútua quando estávamos num bar. (...) Uma noite ele veio apresentar-se e uma coisa levou à outra... fizemos sexo e depois fizemos sexo novamente no dia seguinte. Durou muito pouco tempo. Foi ele quem tomou a iniciativa. Eu sentia-me bastante atraída por ele, mas foi ele que instigou a relação. Ele avançou bastante na minha direção, do tipo: “é isto que eu quero e vou ter”. (...) Sim, ambos estávamos sob o efeito do álcool, havia muita tequila à mistura [risos]. Usámos preservativo por vontade minha, ele não queria. Tive de o forçar. (Susana, 25 anos, solteira).

Tanto as relações sexuais ocasionais, como a sucessão de parceiros em sequências seriais ou paralelas, ou ainda situações como o consumo de substâncias psicoativas que podem

⁹⁶ Relações de uma noite. Tradução própria.

conduzir a práticas sexuais desprotegidas, para além de permitirem traçar um panorama das trajetórias sexuais e de intimidade, têm sido descritas em várias pesquisas como variáveis comportamentais «de risco» (Aboim, 2010b; Bellis *et al.*, 2000; Josiam *et al.*, 1998; Sönmez *et al.*, 2013, 2006; Valois *et al.*, 1999). Pela sua relevância, a problemática do risco associada aos comportamentos sexuais será desenvolvida no Capítulo 7. Por ora, o objeto de análise irá centrar-se no quotidiano amoroso e sexual.

O Quotidiano Amoroso e Sexual

Conforme se tem vindo a avançar, nas sociedades ocidentais as últimas décadas têm sido marcadas por profundas mudanças na forma como a sexualidade é falada e vivida. Recuperando a terminologia de Vilar (2003), podemos dizer que passámos de um “modelo sexual reprodutivo”, que limitava no plano moral, as expressões da sexualidade às práticas reprodutivas, de matrimónio e da heterossexualidade, para um “modelo sexual recreativo”, em que a sexualidade é vista sobretudo como uma dimensão lúdica da existência humana. Esta dimensão é entendida “(...) como um campo de expressão da totalidade humana – corpo, emoções, desejos, fantasias, significações e relacionamentos” (Vilar, 2003: 160).

Conquanto o ato sexual esteja agora mais desvinculado do processo reprodutivo e mais voltado para a busca do prazer (Bozon, 2004), grande parte das práticas sexuais depende da existência de um companheiro amoroso ou sexual, na medida em que se realizam com um parceiro (Ferreira, 2010b). Em simultâneo, a frequência com que se praticam as atividades sexuais depende, também ela, da existência de um ou de mais parceiros. Estes indicadores constituem mais do que meras curiosidades científicas já que são, muito provavelmente, alguns dos informativos mais básicos para descrever as práticas sexuais dos indivíduos (Ferreira, 2010a).

É de salientar também que a existência de parceiro e a frequência da prática sexual têm implicações em diversas áreas, muito para além da saúde sexual e reprodutiva. Implicam

questões mais vastas como a felicidade individual ou o controlo do risco, à medida que as normas sociais relativas à sexualidade se encaixam cada vez mais em valores liberais, experimentalistas, hedonistas e individualistas (Aboim, 2013; Pais, 1998). Contudo, se a sexualidade e o prazer são atualmente centrais para a construção do sujeito (Policarpo, 2011; 2012), os imaginários de uma sexualidade permanentemente gratificante e recheada de experiências limite (Weitman, 1998), podem ser causadores de frustrações e insatisfação quanto ao desempenho sexual que se espera de si próprio (mas também do outro). Como refere Aboim (2013), o medo de não ter um bom desempenho sexual demonstra bem a dualidade entre a liberdade para o prazer e o receio de não estar à altura do desempenho esperado, em que é quase «obrigatório» proporcionar um orgasmo ao parceiro.

Depois de se examinar o perfil dos indivíduos que integram o estudo, assim como as suas trajetórias sexuais e de intimidade, este capítulo dedica-se à análise de indicadores como a existência de parceiro amoroso ou sexual na atualidade, o tipo de relação tida com o parceiro, a frequência da prática sexual nos últimos seis meses (antes das férias no Algarve), a satisfação com a vida sexual e a avaliação do desempenho sexual. A análise destes indicadores permite compreender a vida íntima atual dos turistas, isto é, a forma como vivem a sexualidade e a intimidade durante o quotidiano. A compreensão da informação obtida através destes indicadores é crucial para se poder estabelecer uma comparação com a paisagem relacional das férias – detalhada no Capítulo 6 – e assim traçar um panorama da sexualidade que se vive a dois tempos: o tempo do lazer e o tempo do quotidiano.

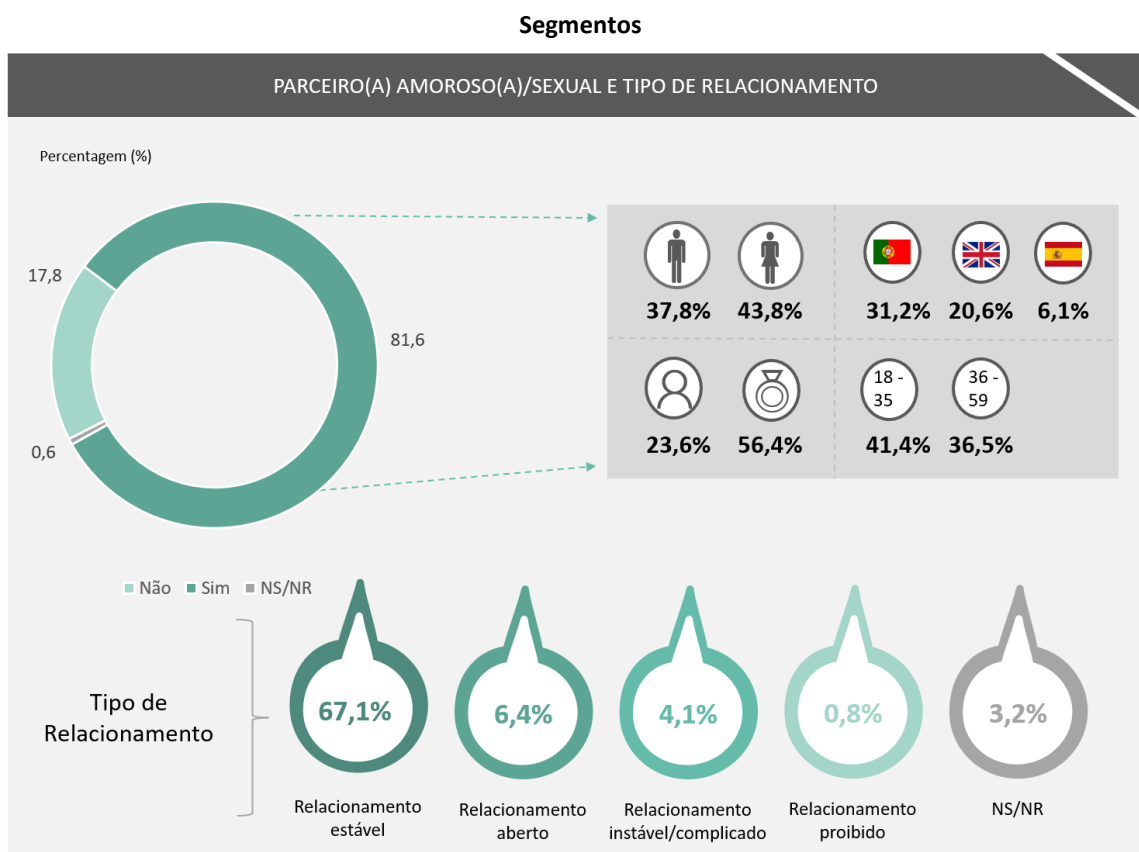
4.1 Parceiro Amoroso/Sexual no Quotidiano

O relacionamento com parceiro constitui uma das dimensões privilegiadas da inquirição sobre a sexualidade (Aboim, 2013; Ferreira, 2010b). No capítulo anterior procedeu-se à

contabilização do número de parceiros em dois marcadores temporais distintos: ao longo do curso de vida e nos últimos seis meses que antecederam as férias no Algarve. O objetivo consistiu em desenhar uma tipologia das trajetórias sexuais, onde se evidenciaram graus distintos de rotatividade relacional ou a ausência total de parceiro.

Importa agora conhecer a condição relacional, através da existência de parceiro na atualidade e da descrição do tipo de relação que se tem com o parceiro. De acordo com a Figura 4.1, constata-se que a grande maioria dos inquiridos diz ter um parceiro amoroso e/ou sexual no momento presente, ou seja, aquando da inquirição (81,6%).

Figura 4.1 – Existência de Parceiro(a) Amoroso(a)/Sexual na Atualidade e Tipo de Relacionamento, por



Fonte: Elaboração própria.

Destes, a maior parte são mulheres (43,8%), embora sem diferenças significativas em relação aos homens ($X^2 = 3,591$; $p = 0,058$). Grande parte dos inquiridos são casados ou vivem em união de facto (56,4%) ($X^2 = 301,952$; $p = 0,000$), têm nacionalidade portuguesa (31,2%) ou britânica (20,6%) ($X^2 = 26,067$; $p = 0,000$), e idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (41,4%) ou entre os 36 e os 59 anos (36,5%) ($K-S = 4,270$; $p = 0,000$).

A maioria descreve o seu relacionamento como «estável» (67,1%), mas alguns consideram-no «aberto» (6,4%), «instável/complicado» (4,1%) ou mesmo «proibido» (0,8%). Por forma a melhor compreender esta categorização, quis-se perceber se os rótulos atribuídos aos relacionamentos atuais estão associados, de algum modo, à tipologia das trajetórias sexuais. Para o efeito, estabeleceu-se um cruzamento entre a tipologia criada anteriormente e a classificação do relacionamento com o parceiro atual (Figura 4.2).

Figura 4.2 – Matriz de Correlações entre o Tipo de Relacionamento Atual e a Tipologia das Trajetórias Sexuais

Sexuais

TIPO DE RELACIONAMENTO X TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS*							
Tipo de relacionamento	Tipologia das trajetórias sexuais						TOTAL
	Celibatário convencional	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	Um só parceiro ao longo da vida	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	Multiparceiro convencional	NS/NR	
Relacionamento estável	--	--	12,3	45,1	2,5	7,2	67,1
Relacionamento aberto	--	--	0,6	2,4	3,2	0,2	6,4
Relacionamento instável/complicado	--	--	0,4	2,6	0,9	0,2	4,1
Relacionamento proibido	--	--	0,1	0,3	0,4	--	0,8
NS/NR	--	--	0,3	0,7	0,3	1,9	3,2
TOTAL	0,0	0,0	13,7	51,1	7,3	9,5	81,6

* Valores em percentagem (%). O total de respostas contabilizadas diz respeito apenas aos indivíduos que assinalaram ter um(a) parceiro(a) amoroso(a)/sexual na atualidade (81,6%).

Fonte: Elaboração própria.

Do total de indivíduos que afirmam ter um parceiro amoroso e/ou sexual no momento presente (81,6%), a maioria insere-se na tipologia de *um só parceiro atual, mas multiparceiro antes* (51,1%) e destes, 45,1% classificam o seu relacionamento atual como «estável». No entanto, alguns qualificam o relacionamento atual como «aberto» (2,4%), isto é, poderão existir diferentes parceiros em simultâneo. Outros classificam o relacionamento atual como «instável/complicado» (2,6%), o que demonstra a existência de problemas na relação, e também como «proibido» (0,3%), deixando antever que, por motivos de diversa ordem, o relacionamento não é vivido em plena liberdade.

Dos que admitem ter tido *apenas um parceiro ao longo da vida* (13,7%), que corresponde ao parceiro atual, a maioria classifica o relacionamento como «estável» (12,3%). Ainda assim, 0,6% dos inquiridos dizem que o relacionamento com o parceiro atual é «aberto», 0,4% que é «instável/complicado» e 0,1% que é «proibido».

Dos que se inserem na tipologia de *multiparceiro convencional* (7,3%), ou seja, dos que admitem ter tido mais de dois parceiros (seja nos últimos seis meses ou ao longo da vida), a maioria classifica os relacionamentos mantidos como «abertos» (3,2%) ou «instáveis/complicados» (0,9%). Contudo, se se assumir que a lógica multiparceiro é preservada na atualidade, importa destacar que 2,5% destes inquiridos consideram como «estável» pelo menos um dos relacionamentos que mantêm em paralelo.

Entre os entrevistados, a maioria era celibatária no momento da entrevista (oito indivíduos), sendo que alguns afirmaram ter terminado relações pouco tempo antes das férias no Algarve (entre uma a duas semanas). Estas narrativas, por si só, podem demonstrar o potencial romântico e erótico do destino turístico, se pensamos que o término das relações pouco tempo antes das férias não foi obra do «acaso».

Outros entrevistados estavam envolvidos em relacionamentos de namoro, que descrevem como estáveis e de confiança (sete indivíduos). Outros tinham relacionamentos que chamam de «amizades coloridas» ou «relações abertas» (seis indivíduos). Quatro indivíduos eram casados e três viviam em união de facto no momento da entrevista. Um dos entrevistados descreve-se como «poli-amoroso» ou, usando a terminologia aqui adotada - multiparceiro convencional -, condição que adotou após o divórcio:

No contexto em que há, vamos chamar um “poli-amor” ou vários amores, amigas coloridas, (...) tenho várias companheiras sexuais, mas é muito difícil de compreender isto. São mais companheiras sexuais do que amorosas, mas há um enorme respeito (...). É muito difícil encontrar uma definição para isto. Sou capaz de andar aí com cinco ou seis pessoas, mas não ando com todas ao mesmo tempo. São pessoas que são amigas e muitas vezes saímos, jantamos, tomamos café... (...) Depois a questão de irmos «dormir» é natural. (...) Acontece com uma pessoa, acontece com outra... e não faço a mínima ideia se essas pessoas têm outras pessoas. Admito que possam ter, mas também não me preocupo muito. Apesar de ser um pouco «agressivo», eu digo logo no início, que não é para apaixonar. Eu, pelo menos da minha parte, impeço que isso aconteça. (...) Estou a falar no contexto de há quatro anos para cá, porque antes disso era casado. Fui casado durante 17 anos (...). Desde que fiquei divorciado, optei por não me voltar a casar, não voltar a ter uma relação de namoro. Muita gente entende que isto pode ser algo promíscuo. Eu não acho que seja promíscuo. Promíscuo é a pessoa enganar alguém. (Manuel, 43 anos, divorciado).

Os resultados estatísticos e o discurso de Manuel mostram bem a permeabilidade dos relacionamentos, assim como dos rótulos que lhes são atribuídos (Goffman, 2004 [1963]). Manter um único parceiro ao longo da vida não exprime necessariamente a perceção do relacionamento como «estável», assim como ter vários parceiros em simultâneo não significa categorizar os relacionamentos de forma «pejorativa». Como acontece com as várias formas de expressão sexual, também a etiquetagem dos relacionamentos (seja feita pelos próprios ou pela sociedade) está sujeita a múltiplas interpretações, normas, regras e concepções – como as de pecado, desejo, normalidade, desvio, certo, errado, entra tantas outras – que, por serem variáveis no tempo e dependerem do contexto, são interpretadas de variadíssimas formas pelos

indivíduos e vividas depois nas suas práticas, representações e identidades sexuais (Aboim, 2013).

Mas mais do que averiguar sobre a existência de parceiros amorosos e/ou sexuais no quotidiano e os rótulos impressos, importa também conhecer a frequência das relações sexuais no dia a dia para, mais tarde, poder estabelecer-se uma análise de correspondência entre as práticas sexuais do quotidiano e em tempo de férias.

4.2 Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses

Questionar a frequência das práticas sexuais permite inventariar as experiências que têm lugar num determinado período de tempo, sobretudo quando o número de ocorrências sexuais se reporta a períodos mais curtos. No caso de períodos mais longos, pode constituir um indicador pouco fidedigno devido à dificuldade de lembrar acontecimentos afastados no tempo. Como lembra Ferreira (2010a: 22), “quanto mais se alarga o horizonte temporal que baliza as ocorrências sexuais, maior é a probabilidade de o indivíduo estar a lidar com as representações que tem da sua própria atividade sexual em lugar de reportar o número de relações sexuais que ocorreram nesse período”. Não porque o faça deliberadamente com intenção de distorcer, ocultar ou amplificar a realidade das suas práticas sexuais, mas porque, muito frequentemente, “os indivíduos tendem a esquecer o que não querem lembrar e lembrar-se do que não querem esquecer” (*Idem*).

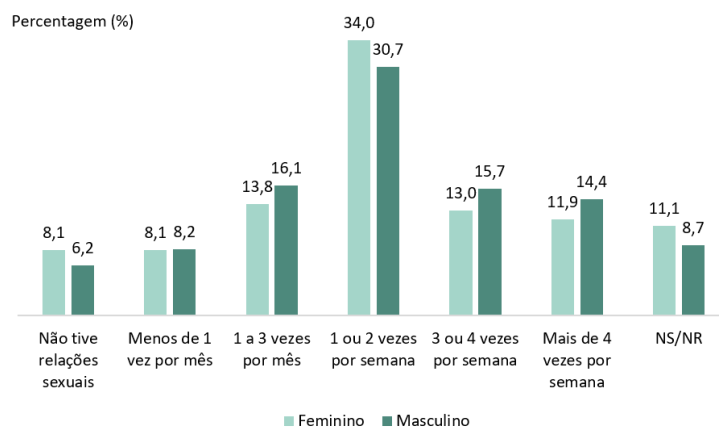
Por esse motivo, o questionário utilizado nesta pesquisa socorre-se de um marcador temporal mais estreito, como é o caso dos últimos seis meses antes das férias. No limite, a circunscrição a uma referência temporal mais próxima permite minorar o efeito da memória seletiva e dar à descrição da atividade sexual um conteúdo mais fidedigno. Para além disso, e

como já se referiu, os últimos seis meses representam, neste caso, o marco analítico para a compreensão das práticas sexuais do quotidiano.

Os resultados mostram que a atividade sexual dos inquiridos durante o quotidiano é tendencialmente semanal: 59,8% declaram ter relações sexuais pelo menos uma vez por semana. Destes, a maioria (32,4%) afirma ter relações sexuais uma ou duas vezes por semana, 14,3% entre três a quatro vezes por semana e 13,1% mais de quatro vezes por semana. Uma percentagem reduzida (8,2%) indica que teve atividade sexual menos de uma vez por mês e outros (7,2%) referem que não tiveram relações sexuais nos seis meses que antecederam as férias no Algarve.

Uma análise por género (Figura 4.3) indica que a frequência da prática sexual não apresenta diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, o que é dado pelo valor do teste de independência de Kolmogorov-Smirnov ($K-S = 0,434$) e pelo seu nível de significância ($p = 0,992$).

Figura 4.3 – Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

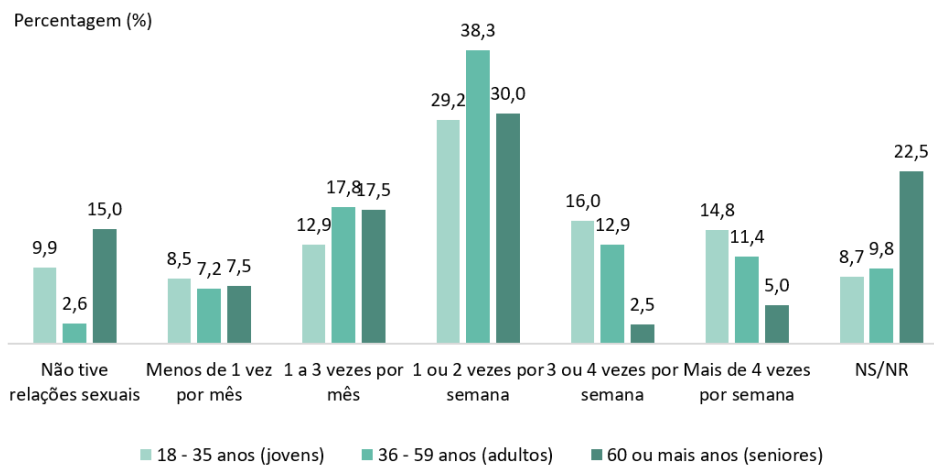
A observação da figura 4.3 permite constatar que as diferenças nas respostas não são, de facto, muito acentuadas. O que é interessante notar é que, pese embora os homens tenham mais parceiros(as) sexuais do que as mulheres - como se viu anteriormente -, a frequência da atividade sexual parece não aumentar em função da maior rotatividade relacional. Muito provavelmente porque os períodos entre parceiros(as) implicam abstinência sexual, fazendo baixar a média da atividade, enquanto as mulheres, por terem relacionamentos mais «estáveis» e duradouros, mantêm uma prática sexual mais ou menos constante.

A mesma análise por grupo etário mostra que as diferenças observáveis na Figura 4.4 também não são relevantes do ponto de vista estatístico. O valor do coeficiente de correlação Ró de Spearman ($\rho = 0,006$) e o seu nível de significância ($p = 0,850$) indicam que a intensidade da relação entre as variáveis está próxima de zero, o que significa ausência de correlação. Este resultado não deixa de ser surpreendente, se atendermos à ideia vulgarizada pelo senso comum de que a frequência da atividade sexual diminui à medida que a idade aumenta. Contudo, como lembra Ferreira (2010a), esta representação da atividade sexual ao longo da vida está demasiado dependente da influência biológica e subestima fortemente a influência dos fatores sociais. A atividade sexual não pode, portanto, ser vista apenas como uma consequência direta do ciclo biológico dos indivíduos e, a partir daí, prever-se uma diminuição das práticas à medida que se avança no curso de vida. É necessário aprofundar os processos sociais que enquadram esta relação, como por exemplo, averiguar sobre a existência ou ausência de parceiro, a manutenção ou degradação da percepção do padrão de beleza físico, o acréscimo ou deterioração da vontade de se manter ativo, entre outros aspetos (Alencar *et al.*, 2014).

A idade biológica articula-se ainda com os papéis sociais que interferem na atividade sexual, como o exercício de uma profissão, a situação conjugal, familiar e a existência de filhos a cargo. Se a interpretação da atividade sexual ao longo da vida poderia apontar para uma redução das práticas nos grupos etários mais velhos, então, sem surpresas, apontaria também

para práticas mais frequentes nos grupos mais jovens, em virtude de a maturidade sexual atingir aí o seu auge. Contudo, não é o que se verifica. Os resultados mostram que a maioria dos inquiridos tem atividade sexual entre uma a duas vezes por semana e destes, a maior parte pertence ao grupo dos adultos, com idades entre os 36 e os 59 anos (38,3%), (Figura 4.4).

Figura 4.4 – Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário



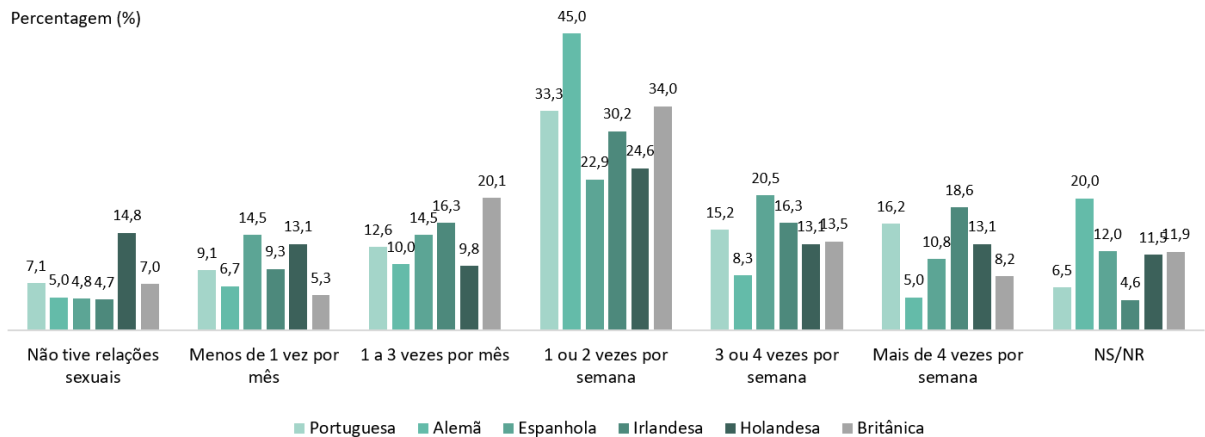
Fonte: Elaboração própria.

A observação da Figura 4.4 revela, contudo, que os mais jovens, com idades entre os 18 e os 35 anos, são os que mais indicam uma frequência de atividade sexual superior a quatro vezes por semana (14,8%). No entanto, não se pode afirmar que as percentagens observadas correspondam efetivamente a práticas mais regulares, pelo menos por comparação com o grupo que se posiciona etariamente a seguir (11,4%), já que as diferenças observadas não são estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Já no que respeita a uma análise por nacionalidade, os testes realizados indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas no que toca à frequência de relações sexuais nos últimos seis meses. O valor do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 =$

63,235) e o seu nível de significância ($p = 0,003$) mostram uma relação de dependência entre as variáveis, que é, de resto, observável na Figura 4.5.

Figura 4.5 – Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

Quando se trata de uma maior frequência de atividade sexual, os irlandeses e os portugueses ocupam os lugares cimeiros, ao referirem que têm relações sexuais mais de quatro vezes por semana (18,6% e 16,2%, respetivamente). Em sentido inverso, os espanhóis e os holandeses são os que reportam menor frequência de atividade sexual, com 14,5% e 13,1%, respetivamente, a indicarem uma frequência média que não chega a uma vez por mês. São também sobretudo os holandeses que referem ausência de prática sexual nos últimos seis meses (14,8%). Os britânicos, apesar de, na sua maioria, apontarem uma frequência de prática sexual que varia entre uma a duas vezes por semana (34,0%), destacam-se dos outros inquiridos por serem os que mais apontam uma frequência que não chega a uma vez por semana (entre uma e três vezes por mês), (20,1%). Os alemães, por seu turno, destacam-se por ser o grupo de indivíduos a mostrar maior resistência em responder à questão, com 20,0% dos inquiridos a não quererem ou não saberem responder.

A título comparativo, num estudo publicado em 2018 e, de entre as quatro nacionalidades analisadas, os resultados indicam que os portugueses foram também os que reportaram maior atividade sexual, com 19,2% dos homens e 10,3% das mulheres a afirmarem ter relações sexuais entre duas a três vezes por semana, percentagens que são significativamente superiores às indicadas, por exemplo, pelos belgas (5,0% e 5,7%, respetivamente) ou pelos dinamarqueses (8,0% e 7,3%, respetivamente), (Træen *et al.*, 2018).

A frequência de relações sexuais pode influenciar a satisfação que os indivíduos têm relativamente à sua vida sexual, na medida em que a sexualidade, enquanto experiência pessoal, é fundamental para a construção do sujeito e da felicidade individual (Bozon, 2004; Policarpo, 2011). Nesse sentido, seria de admitir que, a uma maior frequência de relações sexuais, corresponderia uma maior satisfação com a vida sexual. Contudo, à semelhança do que se tem vindo a anunciar, a sexualidade é permeada por múltiplas vivências, formas de pensar, sentir e agir, pelo que as relações de causalidade entre as variáveis poderão não ser lineares.

4.3 Satisfação com a Vida Sexual

As mudanças ocorridas na esfera da sexualidade, expressas nos planos macrossocial – através de atitudes moralmente mais liberais e discursos hedonistas nos *media*, no setor técnico, nas leis e políticas públicas e até no senso comum – e individual – através de novas formas de pensar, sentir, agir e interagir nos diferentes domínios da vida e também no sexual (Vilar, 2010) – vieram operar uma verdadeira revolução. A sexualidade contemporânea está cada vez mais centrada na busca do prazer e na satisfação individual (Bozon, 2004).

Contudo, fazer depender a satisfação individual de uma sexualidade vivida em pleno e permanentemente gratificante pode ser, como se avançou no início do capítulo, potencialmente

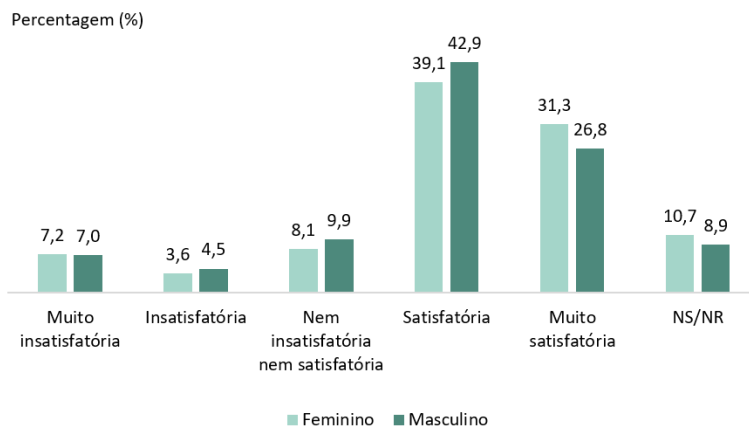
causadora de frustrações e inseguranças (Aboim, 2013). Até porque a vivência sexual depende de múltiplos fatores, de ordem biológica e social, que podem afetar a sua dinâmica.

Problemas relacionados com questões orgânicas, físicas e fisiológicas, como as doenças crônicas e o uso de medicamentos, por exemplo, podem afetar negativamente o desempenho, a vida sexual e, conseqüentemente, a satisfação individual. Depois, e apesar das transformações sociais ocorridas em prol de uma maior liberdade sexual, os sentimentos negativos face à sexualidade, como a vergonha ou a culpa, não desapareceram por completo e continuam a integrar, ainda que em diferentes graus, as identidades sexuais (Vilar, 2010). E, para além destes fatores de ordem individual, é preciso não esquecer que as relações sexuais ocorrem, muitas vezes, no seio de relacionamentos complexos, sujeitos a dificuldades, problemas e crises, pelo que a vida sexual incorpora necessariamente os ambientes relacionais e emocionais do quotidiano (*Idem*). Finalmente, os problemas e dificuldades que podem ser sentidos na vida sexual têm raízes mais vastas, nos processos sociais de aprendizagem sexual, em concreto nas representações individuais sobre a sexualidade, o sexo e o erotismo, e “na forma como as pessoas aprendem a viver e a gerir o seu corpo sexuado, os seus desejos e expectativas sexuais nos processos de interação que se produzem no seio dos relacionamentos sexuais e amorosos” (*Idem*: 204). Em síntese, é possível admitir que uma vida sexual ativa não significa necessariamente uma vida sexual feliz, assim como a ausência ou escassez de relações sexuais não se traduz forçosamente em insatisfação com a vida sexual.

Os resultados desta pesquisa mostram que a maioria dos inquiridos está satisfeita com a sua vida sexual, quer sejam homens (42,9%) ou mulheres (39,1%), (Figura 4.6). Contudo, os resultados parecem indicar que as mulheres mostram níveis mais elevados de satisfação, com 31,3% das inquiridas a considerarem a sua vida sexual muito satisfatória (contra 26,8% dos homens com a mesma opinião). Em sentido oposto, são mais os homens (4,5%) do que as mulheres (3,6%) a considerarem a sua vida sexual insatisfatória. O valor do teste de

independência de Kolmogorov-Smirnov ($K-S = 1,019$) e o seu nível de significância ($p = 0,250$) indicam, porém, que as diferenças observadas não são significativas do ponto de vista estatístico, sendo possível afirmar que a satisfação com a vida sexual é independente do gênero dos indivíduos.

Figura 4.6 – Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Gênero



Fonte: Elaboração própria.

Entre os entrevistados, a opinião sobre satisfação com a vida sexual e a importância que atribuem ao sexo é bastante variável e depende de indivíduo para indivíduo. Existem aqueles para quem o sexo é determinante de uma vida feliz, os que têm uma vida sexual bastante ativa, os que não atribuem assim tanta importância ao sexo e os que gostariam de ter maior atividade sexual. Sendo algo tão subjetivo, não é possível encontrar padrões fixos de resposta em função do gênero, da idade ou mesmo da nacionalidade:

Hoje em dia, não direi que será uma vida recheada de êxito, nesse aspecto não é. [A pessoa com quem tem um relacionamento] tem 54 anos, é uma pessoa com algumas limitações. Não posso dizer que seja frustrante, mas não me preenche ao nível das expectativas. Provavelmente ainda tenho pedalada para mais [risos]. Durante o meu casamento, estava muito mais realizada a esse nível. Neste relacionamento (...) não é a componente mais

importante, não é o essencial, não é por aí... prefiro estar com a pessoa, prefiro jantar, prefiro ter uma conversa agradável, passar um bom momento... nunca foi uma coisa prioritária para mim. (Ana, 45 anos, viúva, numa relação amorosa).

Acho que sou sexualmente ativo, de uma forma normal. Nunca tive nenhum problema desse ponto de vista. Estou satisfeito [risos]. É importante, é das coisas mais importantes numa relação. É perfeitamente normal, por sermos mais jovens, fazermos mais sexo. (...) Acho que é muito importante, mas acho que já foi mais importante para mim, talvez na fase da adolescência, quando comecei a experimentar. (Filipe, 24 anos, numa relação de namoro).

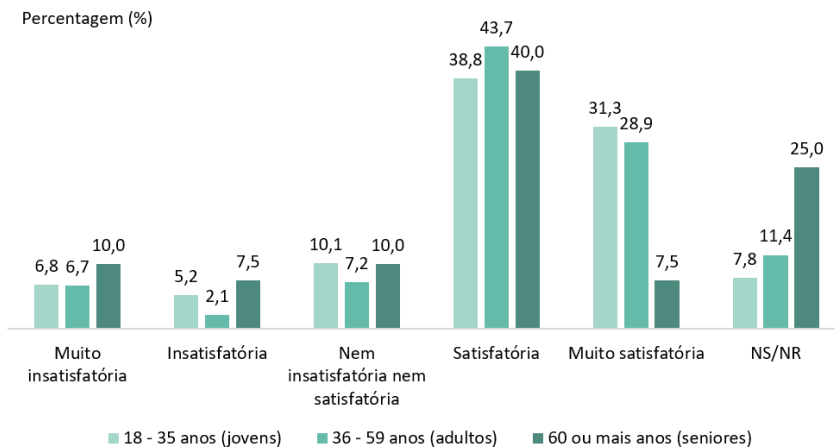
Sinto-me satisfeito. Não precisava de ter mais. Tem uma certa importância, para já no desenvolvimento da intimidade do casal, da demonstração de afetos e carinho. De uma maneira normal, penso que é sempre positivo num relacionamento. Já lidei de uma forma menos tranquila com esse assunto, mais numa ótica do tabu, nomeadamente no meu primeiro relacionamento. (...) Foi a idade, foi o facto de mudar de relação, o ser mais experiente e mais maduro, ter acesso a muito mais e variado tipo de culturas e informação, tudo isso foi mudando a minha abordagem. (Bruno, 46 anos, divorciado, numa união de facto).

Neste momento não tenho relações sexuais, por isso não consigo falar sobre isso. Não conheço ninguém com quem queira ter sexo neste momento. Acho que é extremamente importante. Tendo tido sexo e relacionamentos, pessoas por quem me apaixonei e com quem tive sexo (...). Acho que torna a vida mais feliz, ajuda na autoconfiança, diminui os níveis de stress. Acho que é saudável ter relações sexuais, principalmente no contexto de um relacionamento amoroso. Não creio que uma one night stand ou sexo durante as férias seja saudável. Se nunca mais vais ver essa pessoa, de que serve te divertires hoje e amanhã já ter terminado? Não acredito que acrescente algum valor à tua vida. Talvez acrescente algum valor às férias... Mas não vais ser uma pessoa mais feliz por isso. (Susana, 25 anos, solteira).

Por grupo etário (Figura 4.7) e, de acordo com o coeficiente de correlação Ró de Spearman ($\rho = 0,040$) e o seu nível de significância ($p = 0,204$), é possível constatar que as respostas dos inquiridos também não apresentam diferenças estatisticamente significativas. O valor do teste encontra-se próximo de zero, o que indica ausência de associação linear entre as variáveis. A

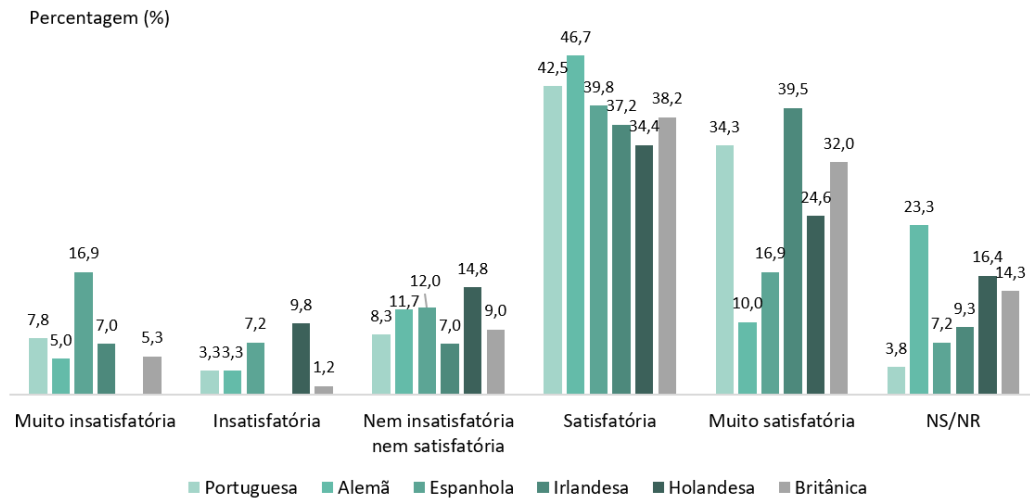
maioria dos inquiridos estão satisfeitos com a sua vida sexual, independentemente da geração a que pertencem.

Figura 4.7 – Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

Já uma análise segundo a nacionalidade dos inquiridos (Figura 4.8) revela diferenças quando à satisfação com a vida sexual, o que é dado pelo valor do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 100,865$) e pelo seu nível de significância ($p = 0,000$). Assim, é possível afirmar que são sobretudo os alemães que se mostram satisfeitos com a sua vida sexual (46,7%), mas são principalmente os irlandeses que revelam ter uma vida sexual muito satisfatória (39,5%). Os espanhóis destacam-se por serem os que se revelam mais insatisfeitos com a vida sexual (16,9%), enquanto os portugueses, os holandeses e os britânicos revelam ter uma vida sexual satisfatória (42,5%, 34,4% e 38,2%, respetivamente) ou muito satisfatória (34,3%, 24,6% e 32,0%, respetivamente). São também os alemães que mostram maior resistência em responder à questão, com 23,3% dos inquiridos a dizer que não sabem ou preferem não responder.

Figura 4.8 – Satisfação com a Vida Sexual, segundo a Nacionalidade

Fonte: Elaboração própria.

Quando se cruza a satisfação com a vida sexual com a frequência de relações sexuais nos últimos seis meses (Figura 4.9) e se prossegue com uma análise de correlações através do coeficiente de correlação Ró de Spearman, percebe-se, através do valor do teste ($\rho = 0,356$; $p = 0,000$), que existe uma associação linear baixa entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2014). O sinal positivo do teste indica que a intensidade de um fenómeno é acompanhada (em média, com maior frequência) pela intensidade do outro fenómeno, no mesmo sentido. Significa dizer que, em média, a uma maior frequência de relações sexuais nos últimos seis meses, corresponde uma maior satisfação com a vida sexual. Veja-se o caso dos indivíduos que declaram ter relações sexuais entre três a quatro vezes por semana (14,3%). Destes, a maioria afirma que a sua vida sexual é muito satisfatória (6,8%) ou satisfatória (5,9%). E dos indivíduos que declaram ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana (13,1%), grande parte afirma que a sua vida sexual é muito satisfatória (7,7%).

Figura 4.9 – Matriz de Correlações entre a Satisfação com a Vida Sexual e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses

SATISFAÇÃO COM A VIDA SEXUAL X FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*								
Satisfação com a vida sexual	Frequência de relações sexuais nos últimos seis meses						NS/NR	TOTAL
	Não teve relações sexuais	Menos de 1 vez por mês	1 a 3 vezes por mês	1 ou 2 vezes por semana	3 ou 4 vezes por semana	Mais de 4 vezes por semana		
Muito insatisfatória	1,1	0,9	0,5	1,6	0,5	1,8	0,8	7,2
Insatisfatória	1,0	0,9	0,9	0,5	0,4	0,3	0,1	4,1
Nem insatisfatória nem satisfatória	2,1	2,4	1,7	1,4	0,4	--	1,1	9,1
Satisfatória	1,9	3,3	8,5	16,7	5,9	2,8	1,9	41,0
Muito satisfatória	0,4	0,5	2,6	10,4	6,8	7,7	0,8	29,2
NS/NR	0,7	0,2	0,7	1,8	0,3	0,5	5,2	9,4
TOTAL	7,2	8,2	14,9	32,4	14,3	13,1	9,9	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, ressalva-se que, considerando a associação linear baixa entre as variáveis, esperam-se algumas respostas não condicionadas pela lógica de que quando uma variável aumenta a outra também aumenta, em média, num valor proporcional (*Idem*). Repare-se, por exemplo, no caso dos indivíduos que declaram ter relações sexuais apenas entre uma a duas vezes por semana e que, ainda assim, consideram a sua vida sexual como muito satisfatória (10,4%) – percentagem que é, de resto superior, àquela demonstrada pelos indivíduos que têm relações sexuais mais de quatro vezes por semana e que também consideram a sua vida sexual muito satisfatória (7,7%). Ou o caso dos indivíduos que declaram não ter tido relações sexuais nos últimos seis meses e que, apesar disso, consideram a sua vida sexual satisfatória (1,9%) ou muito satisfatória (0,4%), e ainda os indivíduos que, apesar de terem tido relações sexuais mais de quatro vezes por semana, consideram a sua vida sexual muito insatisfatória (1,8%). Estes exemplos demonstram, mais uma vez, a permeabilidade das práticas sexuais e das múltiplas

interpretações a que estão sujeitas, variando neste caso, mais em função da origem geográfica dos indivíduos (no caso dos inquiridos), do que em relação ao género ou grupo etário.⁹⁷

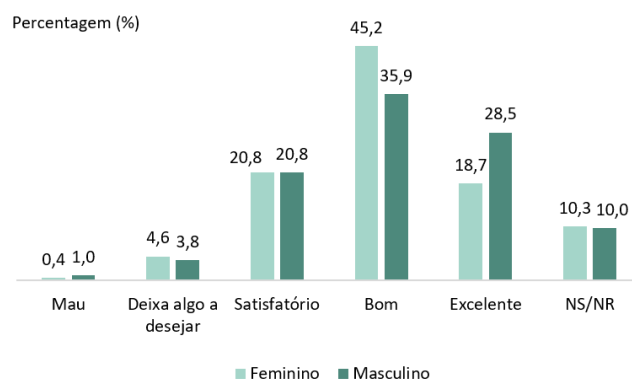
4.4 Desempenho Sexual

Se a satisfação com a vida sexual depende, embora com contornos diferentes, da frequência de relações sexuais, então seria de admitir a existência de uma relação entre o desempenho sexual e a satisfação com a vida sexual. Antes, porém, de avançar para uma análise cruzada das duas dimensões, vejamos de que forma o desempenho sexual, ou antes, a autoavaliação do desempenho, varia em função das variáveis género, idade e nacionalidade.

No que diz respeito ao género e, de acordo com o teste de independência de Kolmogorov-Smirnov ($K-S = 1,500$) e o seu nível de significância ($p = 0,022$), verifica-se que as respostas dadas por homens e mulheres no que toca à avaliação do seu desempenho sexual apresentam diferenças estatisticamente significativas. Assim, são sobretudo as mulheres a considerar o seu desempenho sexual como bom (45,2%). Os homens, na sua maioria, também consideram o seu desempenho sexual como bom (35,9%) mas muitos consideram-no excelente (28,5%). É sobretudo na categoria de excelente que se afastam das mulheres, já que apenas 18,7% das inquiridas consideram o seu desempenho sexual como excelente. Seguindo a mesma linha de pensamento, verifica-se que são mais as mulheres (4,6%) do que os homens (3,8%) a considerarem que o seu desempenho sexual deixa algo a desejar (Figura 4.10).

⁹⁷ A este respeito é interessante notar que, num estudo realizado em Portugal, os resultados apurados para a população portuguesa apontavam para níveis maiores de satisfação sexual nas mulheres, parecendo que estariam mais satisfeitas com os seus ritmos, enquanto os homens se afirmaram mais insatisfeitos por desejarem ter relações sexuais mais vezes do que realmente tiveram (Ferreira & Cabral, 2010). O mesmo estudo também concluiu que a insatisfação com a frequência de relações sexuais é manifestamente maior no grupo etário mais jovem (entre os 18 e os 24 anos), precisamente por ser o grupo em que a experimentação e experiência sexual vão ser, pela primeira vez, postas à prova (*Idem*).

Figura 4.10 – Avaliação do Desempenho Sexual, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Se, na esteira de Giddens (1992) e Bozon (2004), se depreende uma aproximação entre os géneros no que toca à vivência da sexualidade, os dados desta pesquisa apenas confirmam parcialmente esta aproximação. No que toca à satisfação com a vida sexual, tanto os homens como as mulheres, sem diferenças significativas, demonstram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida sexual (Figura 4.6). Contudo, a análise do desempenho sexual mostra clivagens na forma como percecionam a sua performance. Aspetos relacionados com a forma como ambos foram socializados para perceberem e viverem a sua sexualidade podem estar na origem das discrepâncias encontradas. O duplo padrão de moralidade pode, eventualmente, ajudar a explicar porque mais homens do que mulheres avaliam o seu desempenho sexual como excelente, na mesma medida que ajuda a esclarecer, por exemplo, porque os homens tendem a sobrestimar o número de parceiros(as) sexuais, enquanto as mulheres preferem desvalorizar esse número (Ferreira, 2010b; Ribeiro *et al.*, 2007; Schouten, 2011). A carga simbólica associada à afirmação da virilidade (Amâncio, 1992; Vale de Almeida, 1995; 1996), no caso dos homens, e à reputação (Amâncio, 1993; Carmo & Fráguas, 2002; Ferreira, 2010b), no caso das mulheres, aparece quase sempre como uma dimensão diferenciadora dos resultados.

Entre os entrevistados, não se verifica, contudo, um padrão de respostas generalizado de acordo com o género. Existem os tímidos, os confiantes, os ativos, os calmos, os exuberantes, no que toca à atividade sexual e ao seu desempenho:

Sou tímida enquanto não conheço, mas à medida que vou conhecendo a pessoa, vou-me soltando. Não sou muito dada logo no primeiro encontro, mas depois sim. Acho que isso é importante. (Matilde, 27 anos, numa relação de namoro).

Acho que sou uma pessoa desinibida, muito extrovertida. Não sou tímida, mas quando estou sozinha com alguém de quem gosto, a minha timidez vem ao de cima. Eu própria digo: olha que eu sou tímida, não parece, mas sou. (Inês, 28 anos, solteira).

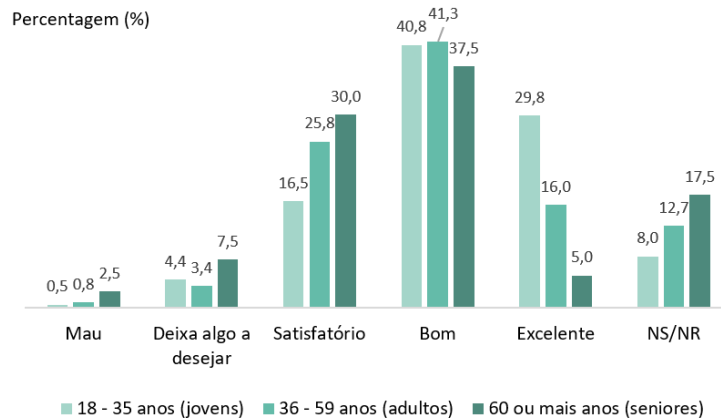
Sou tímida e tenho pouca confiança em mim. Não sou nada de me impor ou de tomar a iniciativa. (Emma, 27 anos, solteira).

Mais maduro, mais calmo, já não o faço à «coelhinho». As coisas fazem-se com mais calma, já se explora mais o corpo. A idade agora é outra. (Rodrigo, 30 anos, casado).

Neste momento estou sozinho. Tenho sexo ocasional, normalmente com amigas coloridas [fuck buddies]. São raparigas que eu já conheço há algum tempo e quando nos encontramos, normalmente as coisas acontecem. (...) Algumas vezes sou mais tímido, outras vezes sou muito exuberante, depende dos dias. Não sou muito regular, deixo-me guiar pelo momento, o que acontecer, acontece. (John, 32 anos, solteiro).

Por o grupo etário, o coeficiente de correlação $Ró$ de Spearman ($\rho = -0,097$; $p = 0,002$) mostra também a existência de uma associação linear entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido contrário, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável (Pestana & Gageiro, 2014). O mesmo é dizer que à medida que a idade aumenta, a avaliação do desempenho sexual diminui (Figura 4.11).

Figura 4.11 – Avaliação do Desempenho Sexual, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

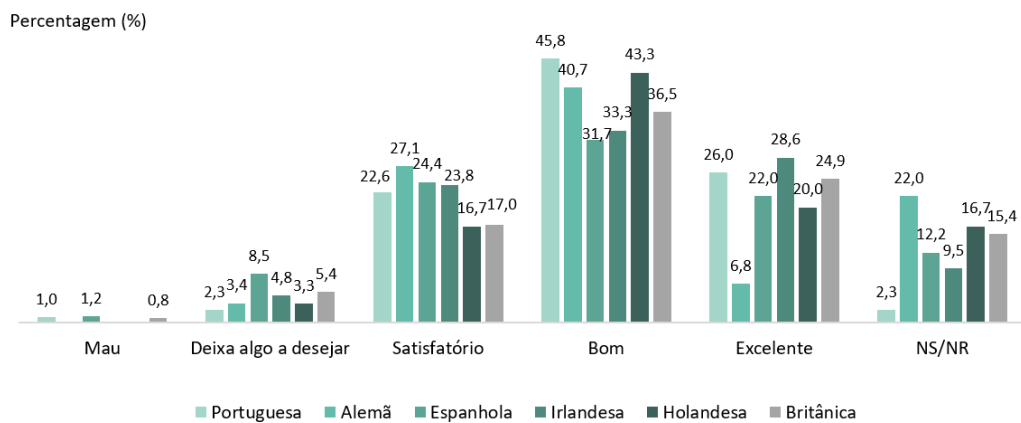
Nesse sentido, é possível constatar que os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos), são os que mais avaliam o seu desempenho sexual como excelente (29,8%). A percentagem de indivíduos que avalia o seu desempenho sexual como excelente diminui à medida que a idade aumenta: 16,0% dos adultos (36 – 59 anos) e 5,0% dos seniores (60 ou mais anos). A idade pode ser entendida, por um lado, ao nível dos processos de envelhecimento biológico que afetam o desempenho sexual e, por outro, ao nível de possíveis diferenças entre gerações em termos das suas atitudes e representações face à sexualidade (Vilar, 2010).

Em sentido inverso, verifica-se que são sobretudo os seniores a considerar que o seu desempenho sexual deixa algo a desejar (7,5%). Mas é interessante notar que alguns jovens (4,4%) fazem o mesmo tipo de autoavaliação. No caso dos jovens, o receio de não estarem à altura do desempenho esperado pode afetar esta interpretação porque, em norma, a pressão para a iniciação sexual dá-se precisamente na juventude, assim como a aprendizagem da ideia generalizada de que é quase «obrigatório» ter e proporcionar orgasmos (Aboim, 2013).

Relativamente à nacionalidade, o teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 76,243$) e o seu nível de significância ($p = 0,000$) permitem também constatar a existência de diferenças

no que toca à autoavaliação do desempenho sexual. De um modo geral, os irlandeses e os portugueses são os que melhor avaliam o seu desempenho sexual (28,6% e 26,0%, respetivamente, consideram o seu desempenho sexual como excelente). Por oposição, os espanhóis são os que percebem de forma mais negativa o seu desempenho sexual, já que 8,5% afirmam que deixa algo a desejar e 1,2% classificam-no como mau (Figura 4.12).

Figura 4.12 – Avaliação do Desempenho Sexual, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

Quando se cruza a avaliação do desempenho sexual com a satisfação com a vida sexual (Figura 4.13) e se realiza uma análise de correlações através do coeficiente de correlação Ró de Spearman, percebe-se, pelo valor do teste ($\rho = 0,406$; $p = 0,000$), que existe uma associação linear moderada entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2014). Como se viu em análises anteriores, uma associação linear moderada significa que a intensidade de um fenómeno é acompanhada tendencialmente pela intensidade de outro, no mesmo sentido, quando o sinal do teste é positivo (*Idem*). Neste caso, significa que melhores perceções acerca do desempenho sexual são acompanhadas por maiores níveis de satisfação com a vida sexual e vice-versa. É por isso que, em regra, os indivíduos que avaliam o seu desempenho sexual como bom, estão

satisfeitos com a sua vida sexual (20,6%) e os que avaliam o seu desempenho sexual como excelente, estão muito satisfeitos com a sua vida sexual (13,0%). Em sentido inverso, os indivíduos que avaliam o seu desempenho sexual como mau, estão insatisfeitos com a sua vida sexual (0,3%), assim como aqueles que acreditam que o seu desempenho deixa algo a desejar (0,9%).

Figura 4.13 – Matriz de Correlações entre a Avaliação do Desempenho Sexual e a Satisfação com a Vida Sexual

DESEMPENHO SEXUAL X SATISFAÇÃO COM A VIDA SEXUAL*							
Desempenho sexual	Satisfação com a vida sexual					NS/NR	TOTAL
	Muito insatisfatória	Insatisfatória	Nem insatisfatória nem satisfatória	Satisfatória	Muito satisfatória		
Mau	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1	--	0,7
Deixa algo a desejar	0,6	0,9	1,1	1,3	0,1	0,2	4,2
Satisfatório	0,7	1,1	3,3	12,7	2,5	0,6	20,9
Bom	1,9	1,2	2,8	20,6	13,5	0,7	40,7
Excelente	2,9	0,5	0,9	5,9	13,0	0,3	23,5
NS/NR	0,7	--	0,5	0,7	0,3	7,8	10,0
TOTAL	6,9	4,0	8,7	41,3	29,5	9,6	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, visto que a associação linear entre as variáveis é apenas moderada, verificam-se algumas exceções, como é o caso, por exemplo, dos indivíduos que consideram que o seu desempenho sexual deixa algo a desejar e, ainda assim, estão satisfeitos com a sua vida sexual (1,3%) ou os indivíduos que avaliam o seu desempenho sexual como excelente e, no entanto, consideram a sua vida sexual muito insatisfatória (2,9%).

Do total de respostas conclui-se que 4,9% dos inquiridos avaliam de forma negativa o seu desempenho sexual (considerando-o como mau ou que deixa algo a desejar) e 10,9% estão insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a sua vida sexual. Como refere Vidal (2010), mesmo

supondo que a insatisfação sexual não se traduza necessariamente numa insatisfação relacional mais global mas, sendo a sexualidade uma componente fundamental, uma experiência fundadora das relações conjugais e afetivas (Bozon, 2004), é de esperar que esta insatisfação possa vir a ter, de algum modo, efeitos negativos na qualidade das relações. Por esse motivo, quis-se perceber de que forma a avaliação do desempenho sexual e a satisfação com a vida sexual podem estar relacionadas com o estado civil dos indivíduos (Figura 4.14).

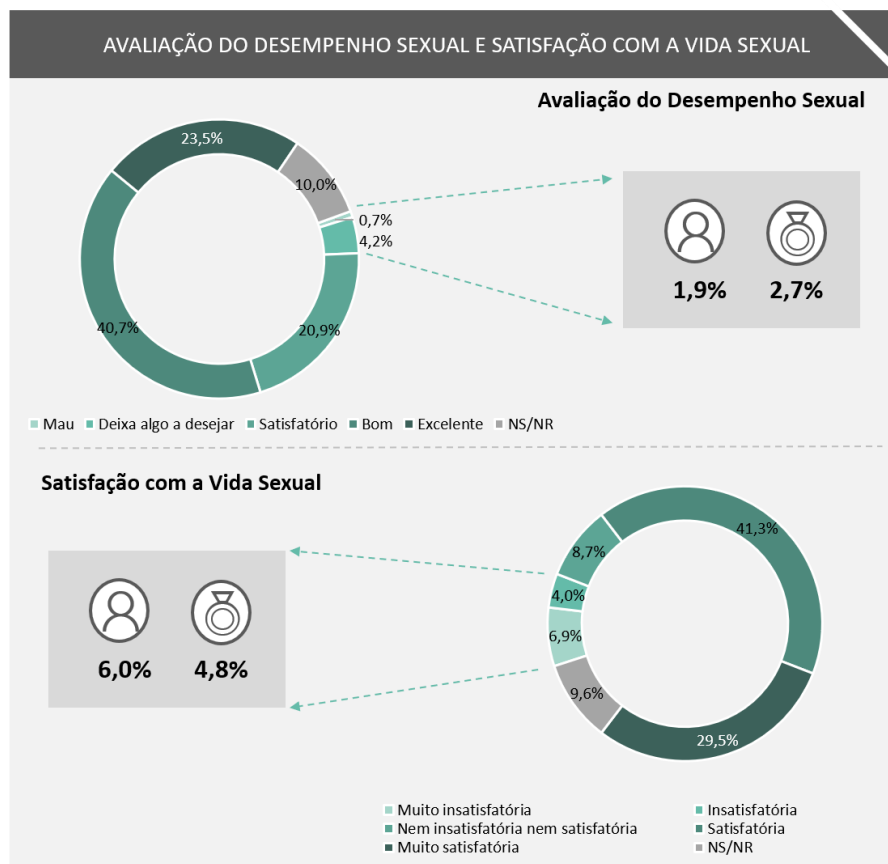
A observação da Figura 4.14 permite constatar que os indivíduos que avaliam o seu desempenho sexual de forma mais negativa são sobretudo casados (2,7%) ($\chi^2 = 47,702$; $p = 0,000$), ao passo que os que se mostram mais insatisfeitos com a vida sexual são principalmente solteiros (6,0%) ($\chi^2 = 50,262$; $p = 0,000$).

A auto percepção do desempenho sexual é afetada, como se viu, também pelo género e pela idade, sendo os homens mais velhos os que vivem menos bem a sua sexualidade, pelo que as duas variáveis podem provocar influências concomitantes. Como se vem referindo, a idade deve ser entendida numa dupla aceção: por um lado, ao nível do envelhecimento biológico e, por outro, ao nível de possíveis diferenças entre gerações na forma como percebem e vivem a sexualidade. Neste caso, os homens mais velhos podem sentir dificuldades em obter ou manter uma ereção, o que parece associado também a fatores de ordem fisiológica (em concreto, problemas cardiovasculares) e psicossocial (sentimentos de ansiedade, baixa autoestima, situações depressivas, conflitualidade conjugal, falta de informação sexual adequada, desinteresse pela atividade sexual), (Coutinho *et al.*, 2020; Geerkens *et al.*, 2020; Vidal, 2010). O facto de serem casados e percecionarem de forma negativa o próprio desempenho sexual, pode resultar em problemas de ordem emocional, assim como em problemas de relacionamento conjugal (Domingos & Britto, 2013).

A satisfação com a vida sexual, como se observou, parece não estar relacionada com variáveis como o género e a idade, já que as respostas dadas pelos inquiridos não apresentam

diferenças estatisticamente significativas para os diferentes grupos ($p > 0,05$). Contudo, são sobretudo os solteiros a revelar maiores níveis de insatisfação com a vida sexual, o que pode estar relacionado, eventualmente, com expectativas elevadas (e frustradas) em relação a uma sexualidade que desejam mais ativa (Vidal, 2010).

Figura 4.14 – Avaliação do Desempenho Sexual e Satisfação com a Vida Sexual, segundo o Estado Civil



Fonte: Elaboração própria.

Enquanto o desempenho sexual parece ser afetado por fatores biológicos e psicossociais, a (in)satisfação com a vida sexual parece depender mais de aspetos sociais, nomeadamente da ausência de relacionamentos íntimos e da conseqüente falta de relações sexuais que, como se tem vindo a afirmar, representam uma dimensão importante para a construção das identidades

individuais e, mais amplamente, para a construção do próprio sujeito (Bozon, 2001; Policarpo, 2011).

A viagem turística, por representar um momento de transição espacial, temporal, mental e sensorial/sensual (Selänniemi, 2003), permite realizar desejos e fantasias que normalmente são negados no quotidiano (Franklin, 2003). É incontestável que a experiência turística representa uma antecipação de prazeres intensos, onde se incluem as experiências íntimas e sexuais (Nadais & Santos, 2012; Prideaux *et al.*, 2004), permitindo aos turistas entrar mais facilmente naquele domínio do real que Weitman (1998) designou por “realidade socioerótica” (Marques & Lança, 2016). Assim, a sexualidade e a intimidade em tempo de férias, por serem vividas de forma «extra-ordinária», podem ter um impacto decisivo na vida dos indivíduos, contribuindo para uma maior satisfação com a vida sexual e, de forma mais vasta, para maiores níveis de felicidade individual. A relação entre as férias e a sexualidade e a intimidade são sublinhadas por alguns dos entrevistados:

Acho que [as férias] servem o propósito de realmente haver mais tempo para dedicar à outra pessoa e sim, saímos daqui com a relação muito mais fortalecida. Foi para isso que viemos. (Vanda, 28 anos, numa relação de namoro).

As minhas férias a esse nível [sexual] são sempre boas. (Rodrigo, 30 anos, casado).

As férias servem sempre para aumentar a autoestima. Se nos sentirmos confiantes com o nosso corpo, a partir daí é sempre a ajudar. E depois há sempre os olhares dos rapazes e toda a gente gosta de sentir isso. É bom para nos sentirmos desejadas. E depois pensamos “andei eu no ginásio o ano todo, finalmente compensou”. Sentimo-nos felizes pela atenção masculina e isso é fundamental. (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

O relato de Maria deixa antever também a relação que existe entre as férias, a sensualidade, a corporalidade, o desejo e a paixão, aspetos que serão examinados com maior detalhe no capítulo seguinte, que se dedica à análise dos imaginários afetivo-sexuais dos turistas que visitam o Algarve.

“Bem-vindos ao Sul”: As Férias no Algarve e os Imaginários Afetivo-Sexuais

No Capítulo 2, tive oportunidade de mostrar, ainda que de forma sucinta, o crescimento e afirmação do Algarve enquanto destino turístico. Apesar da importância que a região assume atualmente no contexto das viagens por motivos de férias e lazer, o seu processo de afirmação foi gradual e até lento quando comparado com outras regiões balneares nacionais e europeias (Brito, 2009; Martins, 2014).

O desenvolvimento do turismo no Algarve tem gerado impactos em diferentes domínios, desde o económico, ao ambiental, ao político, ao social e ao cultural. Nesse sentido, a adaptação dos residentes aos turistas (e vice-versa) também tem sido um processo gradual, cujas barreiras - não apenas as linguísticas - têm sido ultrapassadas lentamente (Martins, 2014). Para tal, muito têm contribuído os benefícios económicos trazidos pelo turismo, que são reconhecidos e apreciados pela população residente. A prova-lo, desde logo, o facto de ser relativamente fácil encontrar nas zonas frequentadas maioritariamente por turistas estrangeiros, elementos que indicam esta situação: a extraordinária facilidade com que, atualmente, os trabalhadores da indústria hoteleira se expressam em língua inglesa e noutras faladas na região, como o espanhol, o francês e até o alemão; a abundância de referências iconográficas aos países do norte da Europa, sobretudo a Inglaterra, com a presença de bandeiras em locais de diversão e de permanência dos turistas, a venda de *t-shirts* e de outros adereços com as bandeiras desses

países ou emblemas de clubes de futebol estrangeiros; e a existência de menus em restaurantes, colocados estrategicamente na via pública a convite dos «forasteiros», redigidos apenas em inglês. Estes são exemplos singulares da forma como o Algarve tem tentado captar e, sobretudo, fidelizar a «clientela» turística vinda de além-fronteiras.

Outro exemplo icónico da adaptação do turismo no Algarve à procura externa, foi a iniciativa governamental nacional, em parceria com o Turismo de Portugal, de criarem a marca *Allgarve*, no sentido de simbolizar o programa de investimento turístico para o sul do país, no ano de 2007. Este programa pretendia diversificar a oferta cultural e de lazer na região, integrando um conjunto de espetáculos associados a critérios de cosmopolitismo e diferenciação estética, pretendendo desta forma, promover o consumo cultural de formas artísticas alternativas e contrariar a sazonalidade da procura turística (Cunha, 2013; Guerreiro, Valle & Mendes, 2011; Martins, 2014). Contudo, a iniciativa viria a trazer poucos resultados práticos, não conseguindo cumprir verdadeiramente o seu propósito que era a diversificação temporal da atividade turística fora da época balnear. Durou apenas cinco anos e foi alvo de duras críticas, vindas sobretudo da população residente e dos responsáveis pela hotelaria do Algarve, que acusaram o governo de estar a «vender» a região apenas aos turistas estrangeiros, através de imagens sofisticadas e glamorosas, muito diferentes dos retratos bucólicos do “Algarve tradicional” (Bernardo, 2013). Para além disso, no entender de diversas entidades, o epíteto de origem anglófona poderia «canibalizar» a marca Algarve, uma das mais consolidadas a nível internacional (Lusa, 2007; Martins, 2014).

Conquanto o «falhanço» desta estratégia de *marketing*, convém lembrar que a abundância de turistas estrangeiros no Algarve resulta, acima de tudo, do apreço que demonstram pelo clima, praias, gastronomia, hospitalidade e segurança que a região proporciona, mas também pelo facto desta zona balnear ser considerada das mais baratas da Europa (Correia & Águas, 2017). De acordo com o *Barómetro Oficial do Custo de Férias 2019 do*

Reino Unido, o Algarve é a segunda zona balnear mais económica da Europa, com um custo médio diário por turista (excluindo o alojamento) a rondar os 65,11 euros (Post Office Travel Money, 2019). Noutros destinos turísticos europeus de sol e praia, como Ibiza (Espanha) e Sorrento (Itália), por exemplo, os custos médios diários ascendem a 149,29 euros e 162,00 euros, respetivamente (*Idem*), o que torna o Algarve uma espécie de «oásis» no panorama turístico europeu.

Mas a região não vive apenas do turismo internacional. É preciso lembrar que, no ano de 2018, foram sobretudo os portugueses que contribuíram para o crescimento do setor no Algarve: o número de turistas nacionais cresceu 3,9% em 2018, por comparação com o ano anterior, enquanto o número de turistas estrangeiros cresceu apenas 0,4% no período homólogo (Jornal de Negócios, 2019).

Sendo um destino fortemente marcado pela presença turística, com turistas oriundos dos mais diversos pontos geográficos, o Algarve é um lugar de encontros sociais e culturais. Em certa medida, pelas «assimetrias» que caracterizam o território, sobretudo durante a época estival, faz lembrar o processo por que passou o personagem principal do filme de Luca Miniero, “Bem-vindos ao Sul” (no original, em italiano, “Benvenuti al Sud”). Por motivos profissionais, *Alberto* (interpretado pelo ator Claudio Bisio) é transferido do norte para o sul de Itália, lugar pelo qual nutre um conjunto de preconceitos. No entanto, após a mudança, *Alberto* depara-se com várias características positivas, entre as quais a hospitalidade e simpatia da população residente. O mesmo sucede no Algarve, onde residentes e turistas convivem com diferenças sociais e culturais (Guerreiro *et al.*, 2008), onde o turismo tem alterado substancialmente a natureza da vida quotidiana dos seus habitantes, criando “novas necessidades e novos valores” (Santos, 2007: 207), mas onde a plasticidade de fronteiras também contribui para que se assimilem novos elementos culturais, novas formas de sociabilidade e - tal como este estudo vem demonstrar - diversos tipos de relacionamentos íntimos.

Este capítulo pretende mostrar a importância e o papel das férias nas sociedades contemporâneas, assim como a sua relação com o erotismo e a sexualidade, com o objetivo de analisar os imaginários afetivo-sexuais que marcam a viagem ao Algarve. Trata-se, por um lado, de perceber qual é a importância que os turistas atribuem às férias e, por outro, de analisar as representações que têm do Algarve enquanto espaço turístico que apela ao hedonismo e que proporciona diferentes configurações de intimidade.

5.1 A Importância e o Papel das Férias

A velocidade marca o passo com que se vive nas sociedades contemporâneas ou, como preferem chamar-lhe Lipovetsky e Charles (2004), nas sociedades “hipermodernas”, tanto ao nível das atividades que se praticam, como ao nível das relações interpessoais (Nadais & Santos, 2012). Atualmente, tudo é acelerado, desde o cumprimento das rotinas quotidianas, onde se inclui a família, o trabalho e até as ocasiões de lazer, em que o relógio determina os tempos possíveis para dedicar a cada função. Tal como refere Bauman (2005: 1), vivemos numa “sociedade líquida”, “(...) in which the conditions under which its members act change faster than it takes the ways of acting to consolidate into habits and routines”⁹⁸. Por esse motivo, as férias são aguardadas como o momento onde é possível, não apenas fugir à rotina e ao *stress* do quotidiano, mas também onde se pode viver mais «devagar», sem cronómetros e sem o habitual controlo social que caracteriza o dia a dia (Selännemi, 2003).

Vivemos também numa época onde a atenção que antes era depositada no trabalho, se transfere gradualmente para a ocupação dos tempos livres (Nadais & Santos, 2012). A economia do lazer tem vindo a adquirir particular importância (Nazareth, 2007), não só no quotidiano,

⁹⁸ (...) em que as condições sob as quais os seus membros agem mudam mais rapidamente do que os modos de agir para consolidar hábitos e rotinas. Tradução própria.

onde os indivíduos aproveitam o tempo livre para a fruição do lazer, como durante as férias, onde o tempo para dedicar ao ócio é ainda maior. Nesse sentido, as estruturas tradicionais de turismo e lazer, com os seus operadores, animadores e equipamentos, têm vindo a especializar-se na oferta de um conjunto de atividades e de experiências que sejam “memoráveis” (Pine & Gilmore, 1998) e que garantam, acima de tudo, a satisfação e a fidelização dos clientes.

As férias em geral, e as viagens turísticas em particular, representam momentos de “lazer hedonistas” (Bramham & Wagg, 2011; Carr & Poria, 2010; Coelho, 2009b; Daley, 2003; Nadais & Santos, 2012) já que, por definição, as atividades de lazer pressupõem a busca de um prazer que é legítimo e que tem capacidades regenerativas para o indivíduo: “(...) the conceptualisation of [leisure] as a time, activity, and state of mind that is differentiated from ‘work’ in that it entails an activity that is relatively freely undertaken primarily for purposes of pleasure that is internally rewarding to the individual”⁹⁹ (Carr & Poria, 2010: 4). Assim, as atividades de lazer constituem formas de saciar a necessidade de experiências de excitação, orientadas por uma lógica de consumo e de prazer (Nadais & Santos, 2012). Permitem criar uma atmosfera de divertimento constante, de satisfação de desejos em cadeia, e uma atribuição de importância ao momento presente, exponenciado através da sua própria celebração (*Idem*).

Os lazeres hedonistas materializam-se através da diversão, da descontração, da possibilidade de fazer coisas completamente diferentes daquelas que se fazem no quotidiano, da possibilidade de interagir com pessoas desconhecidas, de cometer mais excessos e também através de uma maior predisposição para os envolvimentos íntimos. No fundo, a viagem turística possibilita que o indivíduo assuma, ainda que temporariamente, uma personalidade diferente, um outro estado do *self*, a que Turner (1974b) poderia chamar de estado liminóide:

⁹⁹ A conceptualização do lazer enquanto tempo, atividade e estado de espírito que é diferenciado do ‘trabalho’, na medida em que implica uma atividade que é livremente empreendida para fins de prazer, é internamente recompensadora para o indivíduo. Tradução própria.



Os resultados da pesquisa confirmam a existência inequívoca de uma relação entre as férias e a adoção de comportamentos inabituais, «extra-ordinários» e «anti-estruturais» (McKercher & Bauer, 2003; Selännemi, 2003; Turner, 1974a, 1974b; Wagner, 1977), como admite um dos entrevistados:

As pessoas têm uma liberdade maior, saem do seu contexto normal, das suas rotinas normais e essa liberdade é, por si só, um argumento com alguma força para propiciar comportamentos diferentes do habitual. (Manuel, 43 anos, divorciado).

A observação da Figura 5.1 permite também constatar que, para a esmagadora maioria dos inquiridos, as férias representam momentos de descontração e diversão, propícios a comportamentos diferentes do habitual, onde é possível fazer novas amizades, ter mais tempo para si próprio e até para investir nos cuidados com o corpo.

A realização dos testes de independência do Qui-Quadrado e os níveis de significância associados mostram que a importância atribuída aos diferentes aspetos que medem a importância e o papel das férias varia de acordo com o género dos inquiridos na grande maioria dos indicadores ($p < 0,05$). Os resultados revelam que, para as mulheres, as férias significam sobretudo momentos de descontração (98,3%), de maior disponibilidade de tempo (86,6%), assim como de um maior investimento nos cuidados com o corpo (68,5%), muito provavelmente porque representam a antítese das responsabilidades familiares e domésticas que as acompanham no quotidiano.

Figura 5.1 – A Importância e o Papel das Férias, segundo o Género

IMPORTÂNCIA E PAPEL DAS FÉRIAS				
			χ^2	p
	*	*		
As férias são o momento ideal para descontrair	98,3	96,7	4,022	0,045
As férias são o momento ideal para me divertir	98,1	97,3	2,581	0,108
As férias são o momento ideal para fazer novos amigos	79,4	79,8	0,043	0,837
As férias são propícias a comportamentos diferentes do habitual	78,5	83,7	4,742	0,029
Em férias sinto-me mais desinibido e faço o que não faria no dia a dia	60,0	64,1	1,748	0,186
Em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero	34,9	41,9	4,827	0,028
Em férias tudo é permitido	19,4	27,4	8,395	0,004
Em férias não há ninguém para me censurar/criticar	29,1	33,4	1,788	0,181
Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia	14,3	23,1	12,197	0,000
Em férias cometo mais excessos	48,5	59,8	12,004	0,001
Em férias consumo mais álcool do que habitualmente	56,4	63,5	4,541	0,033
Em férias consumo mais drogas do que habitualmente	4,7	16,3	35,389	0,000
Em férias tenho mais tempo para mim	86,6	77,9	14,523	0,000
Em férias tenho mais tempo para cuidar do meu corpo	68,5	59,6	9,542	0,002
Em férias costumo confiar mais nas outras pessoas	20,2	29,9	12,768	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Apesar das mudanças, ainda existe uma enorme assimetria de género na partilha das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, assimetria que se manifesta no maior número de horas que as mulheres ainda dedicam a essas tarefas, especialmente na sociedade portuguesa. Para além do trabalho assalariado, a grande maioria das mulheres em idade ativa acumula tarefas de trabalho não remunerado, relacionadas com os afazeres domésticos, como o cuidado com a casa, a roupa, a preparação de refeições e ainda a educação dos filhos¹⁰⁰. Nesse sentido,

¹⁰⁰ Para um maior esclarecimento sobre este assunto ver, por exemplo, o estudo coordenado por Sagnier e Morell (2019), sobre a situação atual das mulheres em Portugal. O estudo aborda, entre outros aspetos, as dificuldades de conciliação entre o trabalho e a família, sentidas pelas mulheres ativas no mercado de trabalho. O estudo conclui, por exemplo, que as mulheres que vivem com um companheiro masculino, “suportam mais do triplo do trabalho doméstico que o companheiro dado que elas realizam, em média, 74,0% de todas as tarefas e eles 23,0%” (Sagnier & Morell, 2019: 214).

as férias representam uma maior liberdade face às obrigações quotidianas e mais tempo para descontrair, relaxar e cuidar de si mesmas:

Estamos num destino fantástico [o Algarve], que é o nosso destino preferido no mundo. Estamos aqui também com os nossos amigos, por isso é tudo propenso a que estejamos felizes e descontraídos. (Bárbara, 34 anos, casada).

Sim, apesar de a gente trazer o filhote sempre atrás. Mas faz bem, basta a gente sair do nosso ambiente do dia a dia, já isso é bom. Apesar de nos darmos muito bem há 32 anos, sabe sempre bem. (Helena, 53 anos, casada).

Talvez por estarmos mais calmos, sem aquele stress do trabalho, do dia a dia. Não há aquele compromisso de ter de cozinhar todos os dias. Tudo isso facilita um bocadinho. (Isabel, 45 anos, casada).

Para os homens, as férias representam, sobretudo, a possibilidade de assumir um outro estado do *self*, de poderem ser completamente diferentes do que são no dia a dia (23,1%), de poderem ter comportamentos diferentes do habitual (83,7%), em função do anonimato que as férias em geral, e a viagem turística em particular, proporcionam. 41,9% dos homens inquiridos consideram que *em férias ninguém os conhece, logo podem fazer o que querem* e 27,4% admitem que *em férias tudo é permitido*. Os comportamentos tidos em férias, por serem diferentes do habitual, traduzem-se em pequenas infrações porque, como refere Santos (2011: 324), “(...) demasiadas normas levam à procura de transgressão. E se é verdade que algumas transgressões não são toleradas, outras, por ajustamento social ou por prática continuada, passam a sê-lo”. Por isso, 59,8% dos homens admitem que *em férias cometem mais excessos*, designadamente através do consumo de álcool (63,5%) ou mesmo de drogas (16,3%). Uma percentagem significativa (29,9%) admite também que *em férias costumam confiar mais nas outras pessoas*, o que remete para a ideia de um maior sentimento de comunhão, proximidade e igualdade com os indivíduos que partilham o mesmo contexto, ou seja, para a adoção espontânea do estado de *communitas* (Turner, 1974b; Urry, 2002; Wagner, 1977). As narrativas

dos entrevistados expressam esse estado de maior liberdade e confiança que sentem durante as férias fora de casa:

(...) As pessoas estão num sítio que, mesmo se fizerem uma parvoíce qualquer, sabem que isso não vai trazer consequências. Uma semana depois já estão fora daqui. Para além de que a maioria dos jovens estão aqui sem os pais... estão com os amigos, por isso sabem que isto é literalmente para a «vadiagem». É chegar aqui, beber, dormir, praia, curtir... é a rotina das férias. É mais fácil confiar nos outros mesmo quando não se conhece. (Afonso, 18 anos, solteiro).

No contexto das férias é capaz de ser isso [maior confiança uns unos outros]. No contexto da praia, estamos todos mais ou menos seminus e isso, por si só, já nos aproxima. As férias levam a essa maior libertação. (Manuel, 43 anos, divorciado).

Uma análise por grupo etário revela também diferenças nas respostas aos vários indicadores que medem a importância e o papel atribuído às férias (Figura 5.2). Os níveis de significância associados aos testes de Kolmogorov-Smirnov ($p < 0,05$) mostram que são sobretudo os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) que mais concordam com a maioria dos indicadores. Concordam que *em férias ninguém os conhece, logo podem fazer o que querem* (44,6%), que *em férias tudo é permitido* (31,1%) e que *em férias não há ninguém para os censurar/criticar* (39,2%). São também os jovens que mais admitem *cometer excessos em tempo de férias* (61,7%), nomeadamente através de *consumos superiores de álcool* (67,1%) ou de *drogas* (15,1%).

Há, de resto, uma tendência para relacionar o consumo de álcool e drogas com a predisposição para os envolvimento sexuais, sobretudo os do tipo *one night stand*, entre os mais jovens:

Acho que o álcool é um grande impulsionador para as pessoas interagirem com outras pessoas que estão de férias. Não digo necessariamente ao nível do romance, mas do sexo, certamente. As pessoas tornam-se mais promíscuas quando consomem álcool (...). (Susana, 25 anos, solteira).

Definitivamente, tenho a certeza. Isso torna as pessoas mais desinibidas e mesmo quando não falam a mesma língua, o álcool ajuda a ultrapassar essa barreira. (Emma, 27 anos, solteira).

Uma pessoa torna-se mais extrovertida, mais comunicativa, mais livre, sem preconceitos. A própria maneira de ser da pessoa altera-se e é tudo muito mais fácil quando estamos sobre influência de álcool ou drogas. As pessoas ficam mais desinibidas e as coisas acontecem com mais naturalidade. (Joana, 28 anos, solteira).

Figura 5.2 – A Importância e o Papel das Férias, segundo o Grupo Etário

IMPORTÂNCIA E PAPEL DAS FÉRIAS					
	18 - 35	36 - 59	> 60	K-S	p
As férias são o momento ideal para descontrair	97,9	98,7	92,5	0,496	0,966
As férias são o momento ideal para me divertir	97,7	99,2	94,7	0,627	0,826
As férias são o momento ideal para fazer novos amigos	82,0	78,0	81,6	0,712	0,691
As férias são propícias a comportamentos diferentes do habitual	81,6	83,2	76,3	0,194	1,000
Em férias sinto-me mais desinibido e faço o que não faria no dia a dia	65,9	58,6	68,4	1,023	0,247
Em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero	44,6	30,5	34,2	2,160	0,000
Em férias tudo é permitido	31,1	13,3	10,5	3,279	0,000
Em férias não há ninguém para me censurar/criticar	39,2	21,1	23,1	2,963	0,000
Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia	19,8	16,2	22,2	0,601	0,862
Em férias cometo mais excessos	61,7	46,5	36,8	2,479	0,000
Em férias consumo mais álcool do que habitualmente	67,1	52,1	41,0	2,532	0,000
Em férias consumo mais drogas do que habitualmente	15,1	4,3	2,7	2,688	0,000
Em férias tenho mais tempo para mim	83,5	81,8	92,3	0,301	1,000
Em férias tenho mais tempo para cuidar do meu corpo	59,9	68,8	89,2	1,707	0,006
Em férias costumo confiar mais nas outras pessoas	29,2	17,3	36,8	1,813	0,003

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

No total já tive três relações assim esporádicas que começaram não só em menos de uma semana, como em menos de uma hora [risos]. Estávamos ambos sob o efeito de álcool e drogas (cannabis). (Paulo, 34 anos, solteiro).

Os turistas adultos (com idades compreendidas entre os 36 e os 59 anos) tendem a destacar as férias como momentos ideais para a descontração, diversão e adoção de comportamentos inabituais, embora estes aspetos também sejam evidenciados pelos turistas de outras faixas etárias. Já os seniores (com 60 ou mais anos) são os que mais antecipam as férias como possibilidade para *investir nos cuidados com o corpo* (89,2%), sendo também os que mais admitem *confiar em pessoas estranhas* (36,8%), como é o caso de Fernando:







Acho que [a confiança] tem mais a ver com o prolongar da fixação aqui. Quando eu comecei a vir de férias para o Algarve, vinha para um apartamento e nem conhecia o vizinho do lado. No parque [de campismo] é muito mais fácil fazer amizades. Eu, lá no parque [de campismo] já conheço bastantes ingleses e temos um casal amigo que ele é português e ela é holandesa. (...) Já nos conhecemos há vários anos. (Fernando, 70 anos, viúvo, mas numa união de facto).

Mas a importância atribuída às férias também varia de acordo com a nacionalidade dos inquiridos (Figura 5.3). Ao observar os valores dos testes de independência do Qui-Quadrado e os seus níveis de significância, percebe-se que 12 dos 15 indicadores apresentam relações de dependência com a nacionalidade ($p < 0,05$). Os holandeses, mas também os britânicos, são líderes de opinião no que toca a considerar as férias como momentos de descontração e diversão: 100% dos holandeses e 99,6% dos britânicos afirmam que *as férias são momentos ideais para descontrair* e 98,4% dos holandeses e 99,2% dos britânicos confirmam que *as férias são momentos ideais para se divertirem*. São sobretudo estes turistas que mais admitem consumir álcool durante as férias (72,1% dos holandeses e 68,9% dos britânicos).

Os irlandeses e os alemães, por seu lado, apontam as férias como momentos cruciais de desinibição: 69,8% e 73,3%, respetivamente, afirmam que *em férias sentem-se mais desinibidos e fazem o que não fariam no dia a dia*. Os alemães são os que mais aproveitam as férias para cuidar do corpo (76,7%), nomeadamente através da prática de desporto¹⁰¹.

¹⁰¹ O estudo de Correia e Águas (2017) revela que, embora a maior parte dos alemães que visitam o Algarve, o façam

Figura 5.3 – A Importância e o Papel das Férias, segundo a Nacionalidade

IMPORTÂNCIA E PAPEL DAS FÉRIAS								
	 PT*	 DE*	 ES*	 IE*	 NL*	 UK*	χ^2	p
As férias são o momento ideal para descontrair	97,2	98,3	91,6	97,7	100	99,6	23,463	0,001
As férias são o momento ideal para me divertir	97,7	98,3	94,0	95,3	98,4	99,2	13,979	0,030
As férias são o momento ideal para fazer novos amigos	81,3	65,0	80,7	83,7	83,6	77,0	11,614	0,071
As férias são propícias a comportamentos diferentes do habitual	77,8	78,3	50,6	93,0	93,4	91,0	77,104	0,000
Em férias sinto-me mais desinibido e faço o que não faria no dia a dia	56,3	73,3	56,6	69,8	68,9	66,4	15,558	0,016
Em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero	30,1	46,7	33,7	48,8	70,5	38,5	43,575	0,000
Em férias tudo é permitido	19,9	18,3	28,9	23,3	39,3	22,5	14,075	0,029
Em férias não há ninguém para me censurar/criticar	26,8	30,0	33,7	37,2	57,4	29,9	23,494	0,001
Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia	16,7	23,3	28,9	18,6	26,2	15,2	12,353	0,055
Em férias cometo mais excessos	62,4	23,3	66,3	46,5	49,2	42,6	51,210	0,000
Em férias consumo mais álcool do que habitualmente	51,8	48,3	55,4	67,4	72,1	68,9	30,575	0,000
Em férias consumo mais drogas do que habitualmente	12,4	5,0	18,1	2,3	11,5	7,8	14,941	0,021
Em férias tenho mais tempo para mim	84,1	80,0	88,0	81,4	83,6	79,5	5,869	0,438
Em férias tenho mais tempo para cuidar do meu corpo	67,4	76,7	72,3	62,8	47,5	57,8	19,986	0,003
Em férias costumo confiar mais nas outras pessoas	14,6	30,0	44,6	32,6	26,2	29,5	45,560	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Já os portugueses e os espanhóis tendem a perceber as férias de modo bastante semelhante. Nesse sentido, são os que mais admitem *cometer excessos durante as férias* (62,4% e 66,3%, respetivamente), nomeadamente através do *consumo de álcool* (51,8% e 55,4%, respetivamente) ou *drogas* (12,4% e 18,1%, respetivamente). Ainda assim, os espanhóis destacam-se por serem aqueles que mais afirmam *confiar em pessoas desconhecidas quando estão de férias* (44,6%). Os portugueses são os mais «desconfiados», quando comparados com a generalidade dos outros turistas, já que apenas 14,6% admitem que *em férias costumam confiar mais nas outras pessoas*.

por motivos de férias e lazer (87,0%), 11,0% vêm motivados pela saúde e bem-estar.

Para além das possibilidades acrescidas de diversão, descontração e de fazer coisas diferentes, as férias fora de casa também proporcionam um ambiente de prazer que está explicitamente ancorado no desejo e no erotismo (Coelho, 2009b; Nadais & Santos, 2012; Prideaux *et al.*, 2004). Nos próximos subpontos analisa-se a relação entre as férias e o erotismo através dos imaginários afetivo-sexuais.

5.2 As Férias e a Erotização do Lazer

O lazer está cada vez mais erotizado e as estruturas tradicionais de turismo e lazer especializam-se na oferta de atividades e de produtos associados à estimulação da libido, com o objetivo de captar e fidelizar clientes (Oppermann, McKinley & Chon, 1998; Salazar, 2012). Tal como referem Nadais e Santos (2012), a ideologia capitalista do lucro, potenciada pela amplificação das escolhas do livre arbítrio, encontra nas atividades eróticas um campo extremamente fértil.

Muitos destinos turísticos recorrem ao erotismo - e à sua relação próxima com o desejo sexual e a excitação (Carney, 1996) - para se autopromoverem (Oppermann, McKinley & Chon, 1998; Prideaux *et al.*, 2004). É por isso que, na maior parte dos casos, o erotismo em contexto turístico surge associado à comercialização de serviços sexuais e ao *turismo sexual*. Agências de viagens especializadas, empresas vocacionadas para a oferta de eventos relacionados com o sexo, tais como festivais eróticos, restaurantes de gastronomia afrodisíaca e estabelecimentos noturnos promovem a estimulação e a prática sexual através, por exemplo, de *shows de striptease* e até da prostituição (Nadais & Santos, 2012; Ryan & Martin, 2001). Estas são somente parte de uma lista de ofertas «eróticas» que se vão multiplicando e que ajudam a transformar a imagem de certos destinos em destinos de *turismo sexual* (Prideaux *et al.*, 2004).

Contudo, a perspectiva aqui adotada invoca o erotismo enquanto imagem, elaboração de fantasias, desejos e reações face a um determinado estímulo, conforme defendem Alberoni (1986), Bataille (1987), Baudrillard (2011) e Giddens (1992). Nessa linha de pensamento, o erotismo constitui uma espécie de «mediador» entre o pensamento e a prática sexual (Gomes, 2006), podendo não se materializar na cópula entre dois indivíduos. Designa antes os imaginários¹⁰², ou seja, as representações que os indivíduos têm relativamente à sexualidade e à intimidade.

No campo das fantasias sexuais ou eróticas, os entrevistados destacam sobretudo o fazer sexo na praia, ao ar livre, no avião, ou ter mais de um(a) parceiro(a) em simultâneo, aspetos que estão, muitas das vezes, relacionados com as férias fora de casa:

Tenho muitas [fantasias]. A maioria são extravagantes e têm mais a ver com lugares do que com pessoas. Gosto da ideia dos locais públicos como piscinas, jacuzzis. Tem mais a ver com locais estranhos ou posições. Tento pôr em prática tanto quanto posso, mas nem todas as raparigas então para aí viradas. (John, 32 anos, solteiro).

Acho que a ideia de ter sexo ao ar livre me trás muita energia (...). Não quer dizer que seja recorrente, mas é uma coisa interessante de se experimentar. Já pus em prática e é um misto de sensações. Quando nós estamos em casa ou dentro do carro, num espaço mais confinado, estamos de uma certa forma mais protegidos. Quando é feito ao ar livre, até pode aparecer alguém (...), acho que isso contribui para a emoção do ato em si, apimenta as coisas. (Vanda, 28 anos, numa relação de namoro).

Sexo no avião. Costumo pôr em prática. (Mário, 21 anos, solteiro).

Esta pergunta é muito gira, mas eu não estou muito habituado a falar sobre isso [risos]. Bem, mas acho que os homens imaginam, sobretudo, estar com duas mulheres, coisas desse

¹⁰² Na opinião de Strauss (2006), o imaginário significa o *ethos* de uma cultura, as fantasias ou ilusões criadas em resposta a uma necessidade psicológica. Para Salazar e Graburn (2016), o imaginário, enquanto sistema complexo, baseia-se em compreensões implícitas, em representações que fundamentam e possibilitam práticas comuns.

gênero. Depois há aquela questão dos locais públicos, como a praia, por exemplo. (Filipe, 24 anos, numa relação de namoro).



5.2.1 As Férias no Algarve e os Imaginários Afetivos

De acordo com Salazar (2012: 863), “it is hard to imagine tourism without the creative use of seductive as well as restrictive imaginaries about peoples and places”¹⁰³. São esses imaginários que, na maior parte dos casos, levam os turistas a escolher um destino de férias, ora permeados por memórias de visitas anteriores, ora pelo «passa palavra» (*word of mouth*), ora pela publicidade visionada sobre o destino ou ainda pela conjugação de alguns destes fatores. A imagem ou representação mental que têm de um destino turístico é decisiva no momento da escolha e tem impactos ao nível da satisfação (usualmente medida pelo cumprimento das expectativas iniciais) e da fidelização dos turistas (usualmente medida pela intenção de regresso e de recomendação), (Bigné, Sánchez & Sánchez, 2001; Prayag & Ryan, 2012; Silva *et al.*, 2013).

A literatura tem vindo a demonstrar a existência de uma relação estreita entre os imaginários afetivos - as representações mentais sobre o amor, o romance e a paixão – e a viagem turística, na medida em que o turismo possibilita mais tempo para investir nos relacionamentos, seja com o parceiro habitual ou com um novo parceiro que se encontra no destino (Bloom, Geurts & Lohmann, 2017; Dahles & Bras, 1999; Jeffrey, 2003; Meisch, 1995; Phillips, 1999, 2002; Pruitt & LaFont, 1995). Os resultados desta pesquisa confirmam que a maioria dos turistas designa as férias fora de casa como momentos ideais para dedicar mais tempo ao parceiro habitual, afirmando que *as férias fazem bem às relações e contribuem para fortalecer as relações entre os casais* (Figura 5.4).

¹⁰³ É difícil imaginar o turismo sem o uso criativo de imaginários sedutores e restritivos sobre os povos e os lugares. Tradução própria.

Figura 5.4 – Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo o Gênero

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS AFETIVOS				
			χ^2	p
	*	*		
As férias são propícias ao enamoramento	70,1	68,5	0,328	0,567
As férias são propícias aos <i>flirts</i>	70,8	75,9	3,295	0,069
As férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso	62,5	65,1	0,758	0,384
As férias são propícias à infidelidade conjugal	24,4	40,9	30,893	0,000
As férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou sexuais	55,7	68,8	17,858	0,000
As férias fazem bem às relações	90,0	85,5	4,556	0,033
As férias contribuem para fortalecer a relação entre os casais	85,7	85,8	0,003	0,957
As férias podem contribuir para a separação dos casais	39,5	47,2	5,908	0,015
Em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa	57,4	64,5	5,232	0,022
Nas relações estabelecidas durante as férias tudo acontece de forma mais rápida	74,4	79,2	3,286	0,070
O sol, o calor e o mar estimulam o desejo e a paixão	83,0	84,7	0,532	0,466
Já me apaixonei durante as férias	44,5	55,0	10,861	0,001
Quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	12,7	27,1	32,471	0,000
Nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	10,2	24,2	34,865	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Também parece ser consensual que *o calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão*. Por esse motivo, muitos admitem que *as férias fora de casa são propícias ao surgimento de relações ocasionais*, que acabam por se circunscrever ao limite temporal das mesmas, assim como podem ser responsáveis por situações de *infidelidade conjugal e separação de casais*. De um modo geral, os resultados mostram que as férias fora de casa representam efetivamente uma transição espacial (*placelessness*) de casa para o lugar turístico, e uma transição temporal (*timelessness*) para longe da vida quotidiana (Selänniemi, 2003), que faz com que *tudo seja vivido de forma mais acelerada*, inclusivamente os relacionamentos que, em tempo de férias, também se *fazem e desfazem mais depressa*.

Alguns turistas admitem que *já se apaixonaram durante umas férias*, mas poucos assentem na possibilidade de *encontrar um novo amor ou desenvolver um romance quando vão de férias*, o que significa que embora já tenham vivido a experiência, não se trata de algo planeado. Menos ainda durante as férias no Algarve, quando foram sujeitos ao processo de inquirição. Este aspeto é revelador de que a perspetiva de se apaixonarem ou de se envolverem em algum tipo de relacionamento não é equacionada quando decidem viajar para o Algarve, sendo que as paixões e os romances vividos durante as férias são quase sempre acontecimentos acidentais, não antecipados.

A observação da Figura 5.4 revela também que os homens tendem a apresentar níveis de concordância superiores nos vários aspetos que integram a relação entre as férias e os imaginários afetivos, o que é comprovado pelos testes de independência do Qui-Quadrado e os níveis de significância associados ($p < 0,05$). É o caso de: *as férias são propícias à infidelidade conjugal* (40,9%), *as férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou sexuais* (68,8%), *as férias podem contribuir para a separação dos casais* (47,2%), *em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa* (64,5%), *já me apaixonei durante as férias* (55,0%), *quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance* (27,1%) e *nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance* (24,2%).

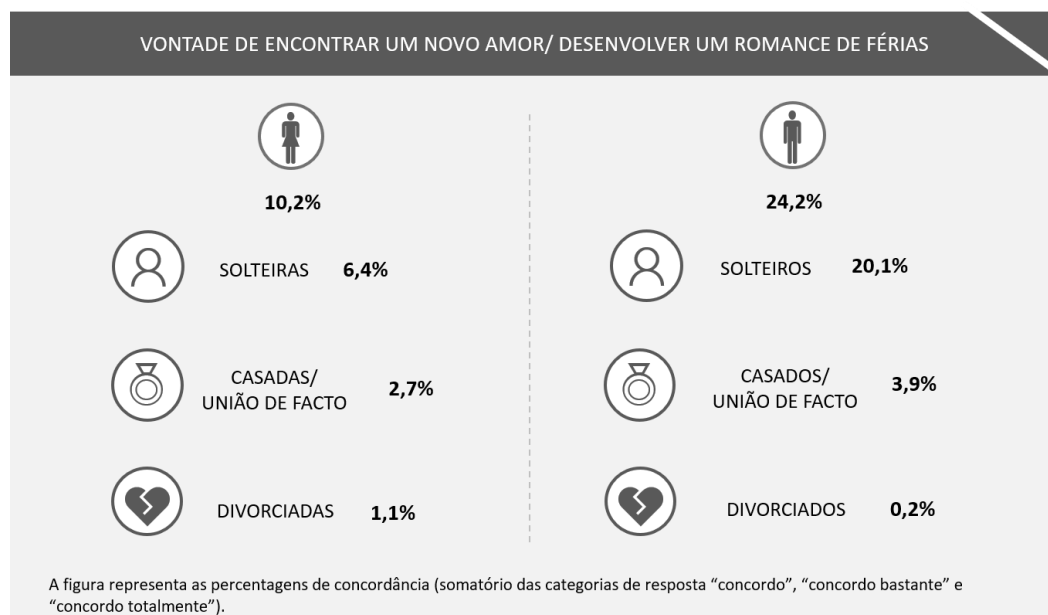
Contudo, no que toca a considerar que *as férias fazem bem às relações*, são sobretudo as mulheres que mais concordam com esta afirmação (90,0%). Uma primeira leitura, poderia sugerir que os homens, no geral, tendem a imaginar as férias como momentos para a concretização de relacionamentos de curta duração, compatíveis com a realização de fantasias amorosas e/ou sexuais, podendo esses relacionamentos estarem vinculados a situações de infidelidade conjugal, enquanto as mulheres, no geral, tendem a idealizar as férias sobretudo como um momento para investirem em relações pré-existentes, ou seja, nas relações que já mantêm durante o quotidiano. Contudo, é preciso lembrar que os testes que analisam as

relações de dependência entre as variáveis são «generalistas», isto é, nada dizem sobre as causas das relações (Pestana & Gageiro, 2014), pelo que convém aprofundar a interpretação dos resultados recorrendo a outras análises.

Uma possível causa para as diferenças registadas pode residir no estado civil dos inquiridos. Efetivamente, a maioria das mulheres inquiridas é casada ou vive em união de facto (60,4%) e, embora muitos homens sejam também casados ou vivam maritalmente (52,0%), uma percentagem significativa pertence também ao grupo dos solteiros (46,0%). É por isso que, por exemplo, na resposta ao indicador *nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance*, boa parte dos homens que demonstram essa vontade pertence ao grupo dos solteiros (20,1%) ($\chi^2 = 116,548$; $p = 0,000$), (Figura 5.5).

Ainda assim, 3,9% dos homens e 2,7% das mulheres casadas ou a viver maritalmente, admitem que também gostariam de *encontrar um novo amor ou desenvolver um romance durante as férias no Algarve*. Conquanto as percentagens sejam relativamente baixas, considera-se importante explorar as suas causas. Se dúvidas existissem quanto à possibilidade destes valores poderem representar situações de infidelidade conjugal, os resultados mostram que, do total de indivíduos casados/a viver maritalmente (homens e mulheres), que desejam encontrar um novo amor ou viver um romance durante as férias (3,3%), a maioria (2,5%) tem como companhia de viagem o cônjuge. Não significa que a infidelidade conjugal não possa, de facto, acontecer durante as férias no Algarve. Mas, uma vez que os turistas viajam na companhia dos cônjuges, os resultados apontam para duas possíveis interpretações: por um lado, indicam a possibilidade de uma compreensão incorreta da questão, querendo os turistas muito provavelmente referir-se ao *desenvolvimento de um romance com o seu parceiro habitual*, pela maior disponibilidade de tempo para o fazerem; mas, por outro lado, também podem indicar insatisfação com as relações atuais, sendo que as férias no Algarve podem representar a hipótese de encontrar alguém para uma relação futura, seja ela de curta ou de longa duração.

Figura 5.5 – Vontade de Encontrar um Novo Amor/ Desenvolver um Romance de Férias, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Os entrevistados também destacam a relação entre as férias e os imaginários afetivos, sublinhando que as experiências turísticas estimulam não apenas a consolidação das relações pré-estabelecidas, como possibilitam encontrar um novo amor, os chamados «romances de verão»:

É mais uma experiência que o casal passa junto. E mesmo no caso das pessoas que não se conhecem antes, também pode ser bom porque está calor, as pessoas vão à praia juntas, vão ver o pôr do sol juntos (que romântico). Tudo isso é bom. Sim, acho que pode fortalecer um relacionamento a dois. (Beatriz, 23 anos, numa relação de namoro).

Eu acho que sim no sentido de que, muitas vezes, na vida deles, podem estar limitados pela família, o stress do trabalho, a rotina e vir de férias é uma forma de se libertarem e de saírem da rotina. Se calhar, muitos não trazem os filhos, não trazem os problemas atrás e podem usufruir, podem reencontrar-se, podem passar mais tempo juntos. (Matilde, 27 anos, numa relação de namoro).

É possível. O Algarve é um destino bonito, com praias. A própria paisagem e, se calhar, até a gastronomia, propiciam o romance. Existe aqui um pack completo e existe maior possibilidade de se criar aqui um romance. (Diogo, 38 anos, numa união de facto).

A opinião sobre a relação entre as férias, o romance, o amor e a paixão também varia de acordo com a idade dos inquiridos. Por isso, a resposta à maioria dos indicadores que medem a relação entre as férias e os imaginários afetivos apresenta uma relação de dependência com o grupo etário, observável através dos valores dos testes de Kolmogorov-Smirnov (*K-S*) e dos seus níveis de significância ($p < 0,05$), (Figura 5.6).

Figura 5.6 – Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo o Grupo Etário

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS AFETIVOS					
	18 - 35	36 - 59	> 60	<i>K-S</i>	<i>p</i>
As férias são propícias ao enamoramento	69,9	68,1	68,4	0,303	1,000
As férias são propícias aos <i>flirts</i>	79,3	66,7	48,6	2,470	0,000
As férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso	63,2	63,8	67,6	0,142	1,000
As férias são propícias à infidelidade conjugal	41,2	19,8	23,7	3,431	0,000
As férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou sexuais	71,3	49,9	51,4	3,354	0,000
As férias fazem bem às relações	84,0	93,7	89,2	2,186	0,000
As férias contribuem para fortalecer a relação entre os casais	83,0	90,0	88,9	1,510	0,021
As férias podem contribuir para a separação dos casais	48,4	36,9	32,4	1,805	0,003
Em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa	65,4	55,2	51,4	1,658	0,008
Nas relações estabelecidas durante as férias tudo acontece de forma mais rápida	80,9	72,5	59,5	1,715	0,006
O sol, o calor e o mar estimulam o desejo e a paixão	86,3	81,0	78,4	1,160	0,135
Já me apaixonei durante as férias	51,8	47,3	45,9	0,695	0,720
Quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	27,1	9,0	13,5	3,413	0,000
Nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	23,9	7,7	2,7	3,416	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

De um modo geral, os turistas jovens (com idades até aos 35 anos) são os que mais relacionam as férias com a possibilidade da ocorrência de *relações de curta duração*, como é o caso dos *flirts* (79,3%), com a *realização de fantasias amorosas ou sexuais* (71,3%), mas também com a *separação de casais* (48,4%) e a *infidelidade conjugal* (41,2%). Devido ao limite temporal das férias, os jovens são os que mais concordam que neste período *tudo acontece de forma mais rápida* (80,9%) e que *as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa* (65,4%). São ainda os que mais admitem *procurar um novo amor ou um romance em tempo de férias* (27,1%), em concreto, *durante as férias no Algarve* (23,9%). Estas evidências podem ser explicadas, como se viu, pelo estado civil, já que do total de jovens inquiridos (57,4%), a grande maioria são solteiros (38,6%).

Relativamente à curta duração dos relacionamentos de férias, os entrevistados afirmam que é preciso aproveitar o tempo ao máximo, sendo que, por isso, é comum saltarem-se algumas etapas por que normalmente passa um relacionamento:

No máximo, essas relações duram o tempo que as pessoas estão de férias. Tanto de um lado como do outro, as pessoas vêm pra cá pra se divertirem, não para estarem preocupadas com o amor. (Henrique, 18 anos, solteiro).

Vamos supor que num dia eu «curto» com uma pessoa e no dia seguinte estou com outra pessoa... se eu realmente quisesse ter um romance com a primeira pessoa, não estaria agora com outra. Tudo termina muito mais rápido. Quando as pessoas estão de férias e procuram divertir-se, não estão necessariamente à procura de um romance que vá perdurar no tempo, não me parece. (Susana, 25 anos, solteira).

Eu acho que é tudo muito mais rápido. Há uma condicionante que é o tempo, o horizonte temporal é muito reduzido. E depois, há aquela coisa de não haver continuidade porque as pessoas são de sítios muito diferentes. Eu acho que até há um certo paralelismo entre as férias e as viagens de Erasmus. (...) Nas férias é apenas um pouco mais light porque o tempo de Erasmus é no mínimo seis meses. Em férias, se for um mês, já é muito bom. Também acho que se saltam algumas etapas do romance durante as férias. A parte sexual, a acontecer,

acontece mais rápido. (...) Não temos de ser tão «certinhos» e se estivermos para aí virados, vamos mesmo. (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

O estado civil também justifica que a maioria dos turistas adultos (com idades entre os 36 e os 59 anos) e seniores (com 60 ou mais anos) apontem a influência positiva das férias sobre as relações pré-existentes. Do total de turistas adultos (38,6%), 34,7% são casados ou vivem em união de facto e, do total de turistas seniores (4,0%), 3,6% são casados ou vivem maritalmente. Por esse motivo, a grande maioria afirma que *as férias fazem bem às relações* (93,7% e 89,2%, respetivamente) e que *as férias contribuem para fortalecer a relações entre os casais* (90,0% e 88,9%, respetivamente).







Os resultados mostram também que a relação entre as férias e os imaginários afetivos depende da nacionalidade dos turistas, aspeto que é comprovado pelos testes de independência do Qui-Quadrado e pelos níveis de significância observados ($p < 0,05$), (Figura 5.7).

Os holandeses, por exemplo, tendem a relacionar as férias sobretudo com a ocorrência de relacionamentos fortuitos e com situações de infidelidade conjugal: *as férias são propícias aos flirts* (85,2%), *as férias são propícias à infidelidade conjugal* (44,1%), *em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa* (80,0%), *quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance* (32,8%), e *nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance* (29,5%).

Os espanhóis apresentam graus de concordância semelhantes aos holandeses no que respeita à relação entre as férias e a ocorrência de relacionamentos ocasionais, mas não idealizam as férias como momentos oportunos para situações de infidelidade. No geral, tendem a admitir que: *as férias são propícias aos flirts* (82,9%), *o sol, o calor e o mar estimulam o desejo e a paixão* (91,6%), *quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um*

romance (33,7%), e nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance (33,7%).

Figura 5.7 – Relação entre as Férias e os Imaginários Afetivos, segundo a Nacionalidade

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS AFETIVOS								
							χ^2	<i>p</i>
	PT*	DE*	ES*	IE*	NL*	UK*		
As férias são propícias ao enamoramento	86,6	37,9	68,3	61,9	59,0	54,1	112,286	0,000
As férias são propícias aos <i>flirts</i>	75,6	53,4	82,9	69,0	85,2	65,7	30,311	0,000
As férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso	77,2	32,8	70,7	72,1	49,2	48,8	86,941	0,000
As férias são propícias à infidelidade conjugal	35,7	23,6	40,0	34,9	44,1	23,4	18,553	0,005
As férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou sexuais	77,5	40,4	61,0	44,2	62,3	39,8	111,548	0,000
As férias fazem bem às relações	91,8	86,7	73,2	90,7	73,3	88,7	35,138	0,000
As férias contribuem para fortalecer a relação entre os casais	88,3	78,2	72,3	93,0	83,3	87,1	19,495	0,003
As férias podem contribuir para a separação dos casais	45,2	50,0	43,2	38,1	57,4	36,6	10,681	0,099
Em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa	48,6	72,7	65,9	58,1	80,0	68,1	45,818	0,000
Nas relações estabelecidas durante as férias tudo acontece de forma mais rápida	76,2	65,4	81,9	69,8	85,0	76,7	8,644	0,195
O sol, o calor e o mar estimulam o desejo e a paixão	92,3	62,1	91,6	76,7	83,3	74,1	62,764	0,000
Já me apaixonei durante as férias	61,6	33,3	57,8	40,5	41,0	31,4	67,307	0,000
Quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	21,5	3,5	33,7	11,6	32,8	9,3	50,514	0,000
Nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance	19,1	6,9	33,7	14,0	29,5	6,7	47,184	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Os irlandeses, por seu lado, tendem a destacar a influência positiva das férias sobre os relacionamentos pré-existentes: *as férias fazem bem às relações* (90,7%) e *as férias contribuem para fortalecer as relações entre os casais* (93,0%). Já os portugueses, acreditam que as férias são, acima de tudo, momentos ideais para investir no amor e na paixão, seja com os parceiros habituais ou com novos parceiros que venham a conhecer durante as férias: *as férias são propícias ao enamoramento* (86,6%), *as férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso* (77,2%), *as férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou*

sexuais (77,5%), as férias fazem bem às relações (91,8%), o calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão (92,3%), e já me apaixonei durante as férias (61,6%).



Quando comparados com os turistas de outras nacionalidades, os alemães e os britânicos tendem a apresentar graus de concordância inferiores nos diferentes indicadores medem a relação entre as férias e os imaginários afetivos. No entanto, é de salientar que ambos idealizam as férias como momentos para investir nos relacionamentos que trazem do quotidiano: *as férias fazem bem às relações (86,7% e 88,7%, respetivamente) e as férias contribuem para fortalecer a relação entre os casais (78,2% e 87,1%, respetivamente)*. Por esse motivo, são os que mais discordam da possibilidade de *encontrar um novo amor ou desenvolver um romance durante as férias no Algarve*: apenas 6,9% e 6,7%, respetivamente, estão dispostos a fazê-lo.

5.2.2 As Férias no Algarve e os Imaginários Sexuais

Se as férias fora de casa são antevistas como possibilidades para investir no amor, no romance e na paixão, seja com o(a) parceiro(a) habitual ou até mesmo com alguém que se conhece no contexto das férias, é possível assumir a partir daí, que estes momentos também funcionam como impulsionadores das relações sexuais (McKercher & Bauer, 2003).

De acordo com os resultados da pesquisa, as férias representam momentos ideais para *estimular as relações sexuais com o(a) parceiro(a) habitual e para fortalecer os laços amorosos e sexuais com o(a) esposo(a)/companheiro(a)*, pela maior disponibilidade de tempo para dedicar ao amor e ao sexo (Figura 5.8).

Figura 5.8 – Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo o Género

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS SEXUAIS				
			χ^2	p
	*	*		
As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	86,2	85,7	0,057	0,812
As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	26,2	50,7	62,662	0,000
As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	33,7	55,4	46,567	0,000
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	38,1	52,7	20,683	0,000
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	56,2	66,9	11,668	0,001
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	65,9	71,6	3,646	0,056
A animação noturna facilita os encontros sexuais	69,7	72,4	0,847	0,357
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	65,6	66,5	0,080	0,778
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	56,2	60,1	1,518	0,218
Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	68,3	75,2	5,679	0,017
Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	10,2	37,4	100,974	0,000
Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos 'convencionais'	20,3	44,3	64,196	0,000
Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	4,0	14,7	33,970	0,000
Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	10,9	26,5	38,967	0,000
Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	76,8	73,8	1,129	0,288
Nestas férias quero ter um ou mais flirts	17,9	36,4	42,089	0,000
Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	6,1	29,6	93,881	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Mas as férias fora de casa também são idealizadas por uma parte dos turistas como hipótese para encontrar parceiros sexuais ocasionais. Aspetos como a *vida noturna*, com a *frequência de bares e discotecas*, e o *consumo de álcool* que acontece frequentemente nestes contextos parecem potenciar o encontro de parceiros sexuais. Em simultâneo, a indústria turística também é apontada como facilitadora dos encontros íntimos, já que boa parte dos inquiridos concorda que *a estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais*.

A maioria dos indicadores utilizados para medir os imaginários sexuais revela relações de dependência com o género, o que é comprovado pela realização dos testes de independência do Qui-Quadrado e os seus níveis de significância ($p < 0,05$). São sobretudo os homens que mais concordam com a relação entre as férias e aquilo que podemos designar como «imaginários

sexuais fortuitos», ou seja, as relações sexuais ocasionais durante as férias. Por esse motivo, são sobretudo os homens que admitem a possibilidade de *ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias* (37,4%), *de se envolverem em práticas sexuais menos «convencionais»* (44,3%), *de se envolverem sexualmente com um(a) desconhecido(a)* (29,6%), *de terem um ou mais flirts* (36,4%) e até mesmo *de pagarem por serviços sexuais* (14,7%). São também os homens que mais concordam que *as férias são momentos ideais para terem aventuras sexuais com desconhecidos* (50,7%), *para terem relações sexuais sem compromisso* (55,4%), sendo que alguns estão dispostos a *ter relações sexuais sem preservativo durante as férias* (26,5%), ($p = 0,000$).

Entre os entrevistados masculinos, destaca-se efetivamente uma maior propensão para ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias e para a adoção de práticas sexuais menos «convencionais», leia-se, diferentes das do cotidiano:

Se não tivesse namorada e, dependendo do período de férias, acho que era possível [ter mais de uma parceira sexual durante as férias]. (Filipe, 24 anos, numa relação de namoro).

Já aconteceu. Estive com duas amigas durante umas férias [risos]. Uma delas estava a testar-me literalmente para eu estar também com a amiga dela e acabámos por envolver-nos os três. (John, 32 anos, solteiro).

Como é com pessoas diferentes, uns gostam mais de fazer isto, outros gostam mais de fazer aquilo. Por exemplo, tenho piscina nesta casa de férias e já lá «estivemos» [fizeram sexo]. (Pedro, 21 anos, numa relação aberta).

Sim, sexo na praia. Fazeres isso na neve, ao frio, não dá muito jeito [risos]. Ficares na praia, dormires na praia, é sempre diferente e mágico, tem sempre outro sabor. O calor também ajuda. No verão é sempre muito melhor do que no inverno. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Normalmente é muito mais intenso, interessante e dramático durante as férias. São pessoas diferentes, culturas diferentes e maneiras diferentes de fazer as coisas. Fazemos coisas diferentes, por vezes até muito estranhas, com muita intensidade. Por vezes estou com raparigas mais extrovertidas com as quais faço coisas muito loucas. (John, 32 anos, solteiro).

Mas o Algarve também é projetado no imaginário turístico como destino de viagens em família, onde é possível *fortalecer os laços amorosos e sexuais com o(a) parceiro(a) habitual*. E, pese embora as diferenças registadas nas respostas de homens e mulheres não sejam estatisticamente significativas ($p = 0,288$), são mais as mulheres (76,8%) do que os homens (73,8%) a demonstrar vontade de fortalecer os laços amorosos e sexuais com os cônjuges durante as férias no Algarve.

As entrevistadas, em relações matrimoniais ou de namoro referem aspetos como:

Permite-nos estar juntos noutra ambiente. É sempre engraçado namorar no verão. Para todos os efeitos, é melhor ter um namorado do que andar em «curtes». É diferente em tudo, a confiança que temos com a pessoa, o romance é diferente, é tudo diferente. (...) Porque às vezes a gente precisa disso, de se afastar e de estar só com a pessoa (...). (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

Às vezes caímos muito na rotina mesmo quando não queremos e quando se dá esse período de férias, em que realmente temos mais tempo para dedicar à outra pessoa, é mais fácil aproveitar esse tempo para fazermos o que queremos com essa pessoa, mimá-la. Acho que isso acaba por fortalecer a relação. (...) É mais fácil para aprofundarmos aquilo que às vezes no dia a dia não conseguimos, por uma questão de tempo. (Vanda, 28 anos, numa relação de namoro).

É bom porque nós acabamos por desligar um bocadinho do quotidiano, mas não acho que isso seja o mais importante para fortalecer uma relação. Das duas, uma: ou estamos mesmo bem ou não estamos. Não são umas simples férias que vão fazer com que as coisas mudem. (Isabel, 45 anos, casada).

Uma análise por grupo etário revela também diferenças que importa considerar e que são observáveis nos valores dos testes de Kolmogorov-Smirnov ($K-S$) e nos seus níveis de significância ($p < 0,05$), (Figura 5.9).

De um modo geral, são os jovens (com idades até aos 35 anos), aqueles que mostram maior concordância face aos indicadores que medem a relação entre as férias e os imaginários

sexuais. Concretamente, são os que mais concordam com a *influência da animação noturna* (75,5%), *dos bares e discotecas* (63,1%), *dos bares de praia* (71,4%) e *do consumo de álcool* (76,0%) sobre os comportamentos sexuais. São também os que mais concordam que *as férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos* (50,7%), *sem que isso implique um compromisso futuro* (57,6%). Por esse motivo, são os que demonstram maior propensão para *os flirts durante as férias* (37,9%), para *se envolverem em práticas sexuais menos «convencionais»* (41,9%), para *terem mais de um(a) parceiro(a) sexual* (33,6%) e para *se envolverem sexualmente com um(a) desconhecido(a)* (26,4%). São ainda o grupo mais propenso à adoção de comportamentos de risco já que 23,5% estão dispostos a *ter relações sexuais sem preservativo* e 13,2% a *recorrer a serviços sexuais comerciais* (13,2%).

Figura 5.9 – Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo o Grupo Etário

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS SEXUAIS					
	18 - 35	36 - 59	> 60	K-S	p
As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	86,3	86,0	84,2	0,099	1,000
As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	50,7	21,0	27,0	4,560	0,000
As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	57,6	26,4	28,2	4,743	0,000
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	53,0	34,8	35,1	2,747	0,000
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	68,9	52,0	48,6	2,658	0,000
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	76,0	61,0	43,2	2,721	0,000
A animação noturna facilita os encontros sexuais	75,5	65,8	58,3	1,740	0,005
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	71,4	59,1	58,3	1,972	0,001
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	63,1	51,5	44,1	1,854	0,002
Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	73,5	69,4	67,6	0,722	0,674
Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	33,6	9,5	10,8	4,296	0,000
Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos 'convencionais'	41,9	18,6	18,9	3,768	0,000
Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	13,2	4,0	2,7	2,440	0,000
Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	23,5	12,0	8,6	2,288	0,000
Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	69,6	83,6	80,6	2,392	0,000
Nestas férias quero ter um ou mais flirts	37,9	11,1	18,9	4,449	0,000
Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	26,4	5,4	2,7	4,258	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.







A influência positiva das férias sobre o *fortalecimento das relações amorosas e sexuais com os parceiros habituais* é destacada sobretudo pelos turistas mais velhos, em concreto, os adultos (com idades compreendidas entre os 36 e os 59 anos) e os seniores (com 60 ou mais anos), (83,6% e 80,6%, respetivamente). Como se viu anteriormente, boa parte dos turistas pertencentes a estas faixas etárias são casados ou vivem maritalmente, pelo que, para eles, as férias no Algarve são antevistas sobretudo como momentos para fortalecer os laços amorosos e sexuais com os parceiros habituais.

Os imaginários sexuais variam ainda de acordo com a nacionalidade dos inquiridos (Figura 5.10). É de salientar que todos os indicadores utilizados para medir os imaginários sexuais apresentam uma relação de dependência com a nacionalidade, que é observável através dos testes de independência do Qui-Quadrado e dos seus níveis de significância ($p < 0,05$).

Os portugueses e os espanhóis apresentam respostas idênticas no que toca à idealização das férias como momentos cruciais para investir nos relacionamentos amorosos/sexuais com os parceiros habituais: ambos concordam que *as férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual* (89,1% e 86,2%, respetivamente) e ambos admitem *querer fortalecer os laços amorosos/sexuais com o(a) esposo(a)/companheiro(a)* (81,2% e 75,0%, respetivamente), já que *em férias têm mais tempo livre para dedicar ao amor e ao sexo* (77,0% e 78,2%, respetivamente). No entanto, os portugueses têm tendência para concordar sobretudo com aspetos relacionados com a influência de fatores externos sobre os comportamentos sexuais (como a indústria hoteleira, os bares, as discotecas, a vida noturna e o consumo de álcool), sendo que não significa que esses fatores influenciem os seus próprios comportamentos sexuais. Pode antes significar a crença de que influenciam sobretudo o comportamento dos «outros». Já os espanhóis, quando comparados com os turistas de outras nacionalidades, são os que mostram maior propensão para a adoção de comportamentos de

risco em férias, como o *pagar por serviços sexuais* (22,4%) ou *ter relações sexuais sem preservativo* (31,1%).

Figura 5.10 – Relação entre as Férias e os Imaginários Sexuais, segundo a Nacionalidade

RELAÇÃO ENTRE AS FÉRIAS E OS IMAGINÁRIOS SEXUAIS								
	 PT*	 DE*	 ES*	 IE*	 NL*	 UK*	χ^2	<i>p</i>
As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	89,1	73,7	86,2	83,7	77,0	82,6	22,526	0,001
As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	39,2	31,0	49,4	33,3	62,3	25,9	37,060	0,000
As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	45,8	43,9	57,7	39,5	66,7	28,0	46,485	0,000
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	54,2	25,9	55,3	27,5	50,8	30,3	52,182	0,000
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	76,1	35,7	61,3	48,8	62,3	47,0	74,979	0,000
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	76,5	52,6	70,5	57,1	78,7	57,6	36,452	0,000
A animação noturna facilita os encontros sexuais	83,6	48,2	74,4	67,4	70,0	55,3	71,969	0,000
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	75,9	51,9	68,5	58,5	71,2	51,8	44,026	0,000
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	54,7	47,2	66,2	72,1	75,4	55,0	18,713	0,005
Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	77,0	58,9	78,2	78,6	61,0	63,0	25,088	0,000
Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	24,4	14,0	35,1	14,0	47,5	14,4	41,401	0,000
Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos 'convencionais'	29,3	27,3	43,4	24,4	49,2	23,9	30,931	0,000
Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	7,5	14,3	22,4	4,7	16,4	4,8	29,477	0,000
Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	16,5	21,4	31,1	14,6	29,5	14,0	17,657	0,007
Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	81,2	42,6	75,0	88,4	50,8	76,3	61,656	0,000
Nestas férias quero ter um ou mais flirts	24,4	16,4	39,7	11,6	65,6	21,6	65,740	0,000
Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	19,0	10,7	25,3	4,7	39,3	7,8	47,491	0,000

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Os irlandeses e os britânicos veem as férias essencialmente como *momentos para estimular as relações amorosas e sexuais com os parceiros habituais* (83,7% e 82,6%, respetivamente), sendo que as férias no Algarve significam isso mesmo, mais tempo para *fortalecer os laços amorosos/sexuais com o(a) esposo(a)/companheiro(a)* (88,4% e 76,3%, respetivamente). São os que estão menos predispostos a *ter relações sexuais desprotegidas durante as férias* (14,6% e 14,0%, respetivamente), pelo menos fora do quadro de uma relação

estável, a *pagar por serviços sexuais* (4,7% e 4,8%, respetivamente) e a *envolver-se sexualmente com um(a) desconhecido(a)*, (4,7% e 7,8%, respetivamente).

Os holandeses, por seu turno, são os que demonstram maior propensão para o envolvimento sexual ocasional e sem compromisso. Quando comparados com os turistas de outras nacionalidades, os holandeses são os que maiores níveis de concordância apresentam em indicadores como: *as férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos* (62,3%), *as férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso* (66,7%), *em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual* (47,5%), *em férias estou disposto a envolver-me em práticas sexuais menos «convencionais»* (49,2%), *nestas férias quero ter um ou mais flirts* (65,6%) e *nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)* (39,3%). São também os mais propensos à adoção de comportamentos de risco, já que 16,4% dos holandeses estão dispostos a *pagar por serviços sexuais durante as férias* e 29,5% estão dispostos a *ter relações sexuais sem preservativo*.

Os alemães são os que menos concordam com os indicadores que medem a relação entre as férias e os imaginários sexuais. O único aspeto a reunir consenso positivo entre os alemães parece ser o de que *as férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual* (73,7%). No entanto, é de salientar que, apesar desta opinião, apenas alguns estão dispostos a aproveitar as férias para o fazer: somente 42,6% admitem *querer fortalecer os laços amorosos/sexuais com o(a) esposo(a)/companheiro(a)* enquanto estão de férias no Algarve.

Estes resultados permitem perceber que as férias fora de casa são antevistas como momentos de lazer hedonistas, ancorados em imaginários afetivos e sexuais. A viagem turística oferece oportunidades para dedicar mais tempo ao amor e ao sexo, seja com o(a) parceiro(a) habitual ou com um(a) novo(a) parceiro(a). No entanto, e à semelhança do que tem vindo a ser defendido (Cabezas, 2004; Carr & Poria, 2010; Clift & Carter, 2000; Frohlick, 2013; Herold, Garcia

& DeMoya, 2001; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001), a importância atribuída ao romance e ao sexo varia de acordo com os protagonistas e os seus projetos individuais. Enquanto uns antecipam as férias como momentos propícios aos encontros sexuais ocasionais, sem compromisso futuro, outros imaginam as férias essencialmente como possibilidade para dedicar mais tempo e afeto ao parceiro habitual.

Embora seja evidente a relação entre a viagem turística os imaginários afetivo-sexuais – medidos simultaneamente através da percepção da influência que a viagem exerce sobre os comportamentos românticos e sexuais, e das expectativas de concretização dessas atividades no destino turístico – trata-se agora de perceber em que medida o sexo e o romance constituem efetivamente os *drivers* da viagem turística. Concordar que o turismo se relaciona com as representações e as práticas sexuais e de intimidade não significa, como se verá, colocar o sexo e o romance no topo das preferências para escolher um destino de férias, em concreto, o Algarve.

5.2.3 Motivações para as Férias no Algarve

Examinar o objetivo da viagem ou os motivos que levam os turistas a escolher um determinado destino de férias são mais do que simples curiosidades. São indicadores importantes para descrever um destino turístico, com implicações ao nível da satisfação e da fidelização dos turistas, através do cumprimento ou não cumprimento das suas expectativas (Crompton, 1979; Dann, 1981; Yoon & Uysal, 2005).

Tal como se avançou nos capítulos anteriores, o Algarve não é um destino de *turismo sexual*, pelo menos nos moldes em que o conceito tem sido descrito pela maioria dos autores (Clift & Carter, 2000; Cohen, 1982, 1988; Frohlick, 2010; Graburn, 1983; Hall, 1992; Kempadoo, 1999; Oppermann, 1998, 1999; McKercher & Bauer, 2003; Sanchez-Taylor, 2006; Silva &

Blanchette, 2005; Truong, 1990, entre outros). O mesmo é dizer que, quem escolhe o Algarve para passar férias, não o faz movido pela ideia da comercialização da atividade sexual, ou seja, não pretende adquirir serviços sexuais a troco de qualquer tipo de retribuição. Quando menos, os resultados não apontam nesse sentido.

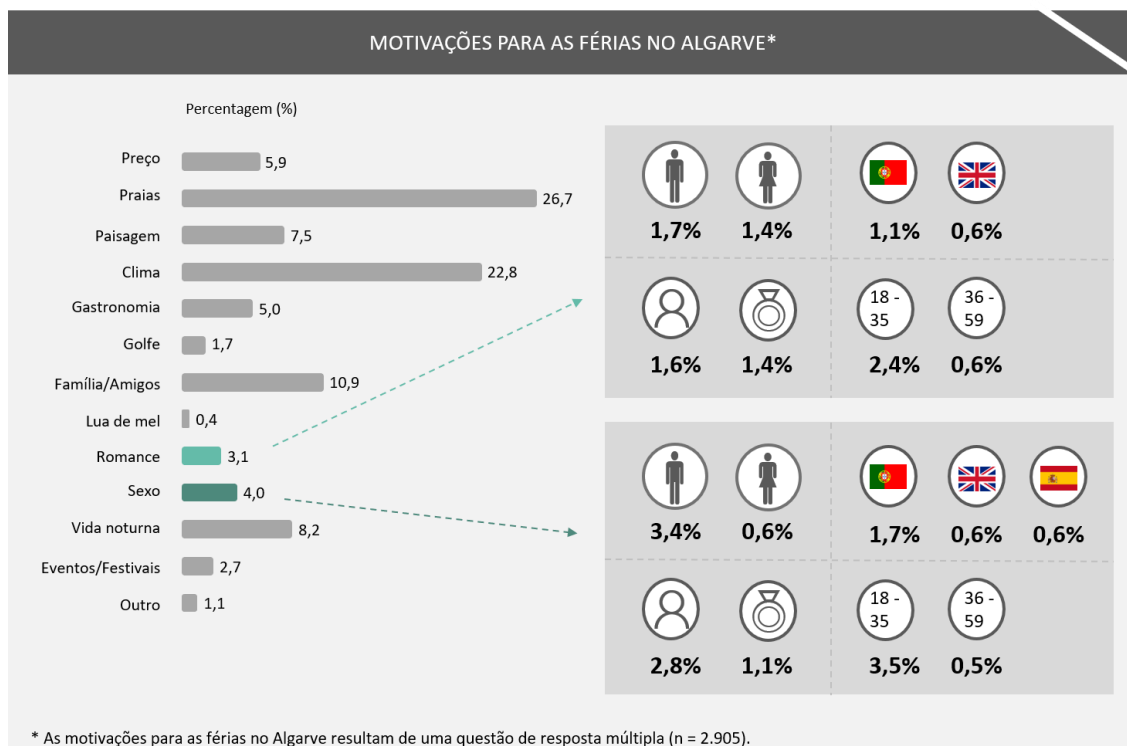
Efetivamente, para a maior parte dos turistas, as praias (26,7%), o clima (22,8%) e a existência de familiares ou amigos na região (10,9%) são os principais motivos que os fazem eleger o Algarve como destino de férias (Figura 5.11). Embora com percentagens inferiores, a vida noturna (8,2%), a paisagem (7,5%), o preço (5,9%) e a gastronomia (5,0%) são também elementos importantes e decisivos na hora de escolher a região mais a sul de Portugal continental. O sexo e o romance são motivadores para as férias no Algarve apenas para uma minoria dos inquiridos (4,0% e 3,1%, respetivamente).

Todavia, pela importância de compreender o perfil dos turistas que integram os «segmentos» do sexo e do romance, vale a pena mostrar algumas das suas características individuais (Figura 5.11). Do total de turistas que elegem o sexo como motivador das férias no Algarve ($n = 115$), a grande maioria pertence ao género masculino (3,4%) ($\chi^2 = 69,212$; $p = 0,000$). São sobretudo indivíduos jovens, com idades até aos 35 anos (3,5%) ($K-S = 3,414$; $p = 0,000$), solteiros (2,8%) ($\chi^2 = 50,378$; $p = 0,000$), de nacionalidade portuguesa (1,7%), espanhola (0,6%) e britânica (0,6%) ($\chi^2 = 26,373$; $p = 0,000$). Apenas 1,1% do total de respondentes para quem o sexo constitui o percursor da viagem turística, são casados ou vivem maritalmente.

No caso do romance, os indivíduos para quem este aspeto é determinante na hora de escolher o Algarve ($n = 91$) pertencem maioritariamente ao género masculino (1,7%), embora sem diferenças significativas em relação ao género feminino ($\chi^2 = 2,007$; $p = 0,157$). Este resultado contraria de certo modo a ideia de que os homens são menos românticos do que as mulheres e de que, enquanto “os homens procuram sexo, as mulheres precisam de amor” (Pease & Pease, 2009). Contraria também a ideia defendida no trabalho de Pruitt e LaFont (1995)

de que, em contexto turístico, os homens procuram sexo enquanto as mulheres dedicam-se mais ao amor e ao romance. Se, por um lado, são os homens que mais admitem que o sexo é uma variável importante na escolha do destino turístico, por outro, são também eles, mais do que elas, a idealizar o Algarve como um destino «romântico». E, ao contrário do que seria provavelmente de esperar, são também as camadas mais jovens, com idades até aos 35 anos (2,4%) ($K-S = 1,931$; $p = 0,001$) que indicam o romance como fator decisivo para fazer férias no Algarve. São sobretudo portugueses (1,1%) e britânicos (0,6%) ($X^2 = 16,652$; $p = 0,011$), solteiros (1,6%) ou casados/a viver maritalmente (1,4%) ($X^2 = 6,135$; $p = 0,189$).

Figura 5.11 – Motivações para as Férias no Algarve, por Segmentos



Fonte: Elaboração própria.

Em conformidade com estudos anteriores, os resultados permitem apurar diferentes ponderações para o sexo e para o romance, de acordo com o perfil dos turistas (Carr & Poria,

2010; Frohlick, 2013; Herold, Garcia & DeMoya, 2001; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001). O sexo é indicado sobretudo pelos turistas que idealizam a concretização de um ou vários relacionamentos sem compromisso durante as férias. Estes turistas tendem a concordar com aspetos como: *as férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos (2,9%), as férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso (2,8%), em férias estou disposto a ter mais de um parceiro sexual (2,6%), nestas férias quero ter um ou mais flirts (2,5%) e nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2,5%)*.

Já o romance surge atrelado a relações mais duradouras, como os casamentos, as uniões de facto e até mesmo os namoros. Os turistas que indicam o romance como aspeto determinante para fazer férias no Algarve tendem a concordar com afirmações como: *as férias fazem bem às relações (2,8%), as férias contribuem para fortalecer as relações entre os casais (2,6%), as férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual (2,6%) e nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a) (2,4%)*.

Entre os entrevistados, as opiniões são unânimes no que toca a considerar que a escolha do Algarve como destino de férias não foi motivada pelas expectativas de sexo ou de romance. De acordo com as narrativas, depreende-se que se trata de acontecimentos «acidentais», não planeados, mas que a acontecerem durante as férias, contribuem para enaltecer as experiências vividas:

Não foi com esse intuito [sexo e romance] que vim para o Algarve, foi mesmo para relaxar, para o stress ir embora (...). Mas, dependendo da pessoa, se houvesse química, sim. Se não acontecer, tudo bem na mesma. (Alexandre, 25 anos, solteiro).

Estaria disposta sim [a um romance de férias], mas acho que agora não penso muito nisso. Se acontecer, aconteceu, mas não é a prioridade das férias. Continuo a sair com as amigas e, se encontrar alguma pessoa que me interesse, posso envolver-me. (...) Não escolhi o

Algarve por esse motivo. Foi pelo clima, pela proximidade e por ter cá familiares. (Inês, 28 anos, solteira).

Tenho a minha companheira e posso dizer que andamos há quase 20 meses em lua de mel. Somos muito felizes. Vir de férias para o Algarve contribui para o nosso romance, mas contribui mais ainda o nosso dia a dia porque temos uma grande ligação. Gostamos muito um do outro. (Fernando, 70 anos, viúvo, numa relação amorosa).

Vale a pena lembrar que tanto os imaginários afetivo-sexuais, como as motivações de viagem, são permeados por lógicas de incitamento à experimentação que nem sempre encontram correspondência no sexo e nas atividades românticas que realmente se praticam (Aboim, 2013). Muitas vezes, não passam de representações e fantasias, guiadas pela busca do prazer dos tempos modernos (Bozon, 2004, 2015; Foucault, 1994; Valverde, 1985). Por esse motivo, importa agora conhecer as respostas às práticas efetivas da sexualidade e da intimidade em tempo de férias, estabelecendo, em simultâneo, uma comparação com a paisagem relacional do quotidiano.

Sexualidade a Dois Tempos: O Tempo do Lazer e o Tempo do Quotidiano

No seguimento do que se tem vindo a sublinhar, qualquer estudo sobre um tema sensível como a sexualidade terá de contentar-se em saber o que dizem as pessoas, independentemente da correspondência entre os discursos e as práticas. Como refere Aboim (2013), não podemos esquecer que a sexualidade e o sexo, quando perguntados e verbalizados (mesmo que através de um inquérito por questionário autoadministrado, como foi o caso de um dos instrumentos utilizados nesta pesquisa), contêm em si elementos integrantes de uma apresentação «pública» do *self* (Goffman, 1993 [1956]), que não dispensa os conceitos e preconceitos que rodeiam esta esfera da vida (Foucault, 1994; Giddens, 1992). Por esse motivo, homens e mulheres podem expressar, como tem sido largamente debatido (Ferreira, 2010b; Policarpo, 2011; Ribeiro *et al.*, 2007; Schouten, 2011), mais as suas crenças sobre o que deve ser a sexualidade, do que propriamente as realidades vividas (Aboim, 2013).

Mas convém salientar também que os padrões de resposta femininos e masculinos continuam a evidenciar dois lados distintos da sexualidade, ou seja, um duplo padrão sexual (Ferreira, 2010b; Jackson & Scott, 2004; Giddens, 2000; Sanchez-Taylor, 2006), assim como os discursos geracionais sobre a sexualidade, onde se nota uma rutura com o modelo fortemente patriarcal do passado, ainda presente nas gerações mais velhas, e o modelo hedonista e mais igualitário patente nos mais jovens (Aboim, 2013; Ferreira, 2010a). Em simultâneo, verifica-se

que os traços culturais próprios de indivíduos com origens geográficas distintas, acentuam clivagens nas respostas sobre as práticas e as representações da sexualidade e da intimidade (Bellis *et al.*, 2004; Calafat *et al.*, 2013; Chandra, Mosher & Copen, 2011; Kelly, Hughes & Bellis, 2014; Hesse & Tutenges, 2011; entre outros). Se não em todos os domínios, pelo menos numa parte significativa.

Renovada a advertência, são estas discrepâncias que esperamos encontrar nas respostas às práticas dos indivíduos durante o período de férias no Algarve, à semelhança do que já se verificou para as trajetórias sexuais, as práticas do quotidiano e os imaginários afetivo-sexuais.

Mas mais do que padrões de resposta distintos consoante o género, a idade, a nacionalidade ou outros elementos de caracterização individual que possam concorrer para as manifestações da sexualidade e da intimidade, este capítulo pretende mostrar como a viagem turística, por ser vivida de forma «extra-ordinária», permite aos indivíduos ter experiências mais intensas e frequentes no domínio do sexual (Zhang & Xu, 2019). Ainda que possam não materializar todos os desejos e fantasias que integram os imaginários afetivo-sexuais, as férias fora de casa permitem certamente que os indivíduos entrem com mais facilidade no domínio do real a que Weitman (1998) chamou de “realidade socioerótica” (Marques & Lança, 2016).

Nos subpontos que integram este capítulo analisam-se indicadores como o número de parceiros sexuais, a frequência de relações sexuais, a variação da frequência de relações sexuais ao longo do ano e a propensão para o sexo casual e descomprometido numa dupla vertente. Em primeiro lugar, cruzando as variáveis que dizem respeito às práticas durante as férias no Algarve com os indicadores sociodemográficos, de forma a identificar eventuais diferenças nas respostas. Em segundo lugar, comparando as práticas das férias com as do quotidiano e as trajetórias sexuais, com o objetivo de traçar o panorama de uma sexualidade que se vive a dois tempos.

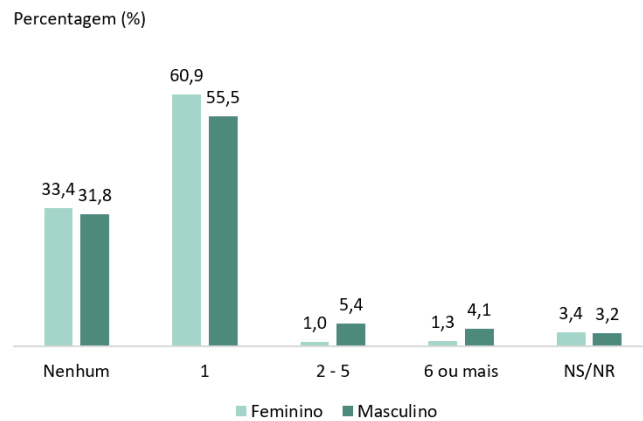
6.1 Parceiros Sexuais em Férias e no Quotidiano

De relevo para os argumentos apresentados é o número de parceiros sexuais reportados pelos indivíduos, bastando analisar este indicador para dele se retirar conclusões importantes. Como se viu anteriormente, o número de parceiros sexuais declarados por homens e mulheres é bastante contrastante, quer se trate de períodos de longa duração como é o caso do curso de vida ou de períodos mais reduzidos, como o que diz respeito aos últimos seis meses que antecederam as férias no Algarve. Em regra, os homens declaram sempre mais parceiros(as) sexuais do que as mulheres ($p < 0,05$). Contudo, quando se circunscreve a inquirição do número de parceiros ao período temporal das férias, verifica-se que as respostas não são tão divergentes. A realização do teste de independência de Kolmogorov-Smirnov ($K-S = 1,134$; $p = 0,153$) indica semelhança na distribuição do número de parceiros reportados por homens e mulheres.

Na maioria dos casos, os indivíduos declaram ter tido apenas um parceiro sexual durante as férias no Algarve (55,5% dos homens e 60,9% das mulheres) e muitos admitem que não tiveram qualquer parceiro sexual (31,8% dos homens e 33,4% das mulheres), (Figura 6.1). A alteração do padrão de respostas relativamente a períodos temporais mais alargados pode ser explicada justamente pela delimitação do período a que correspondem as férias. Como se viu anteriormente, os turistas permanecem em média, 12,2 dias no Algarve, sendo que a moda amostral corresponde a sete dias. Efetivamente, a estadia de curta duração limita a rotatividade de parceiros pela menor disponibilidade de tempo para o fazer.

Contudo, e ainda que não possamos falar de diferenças significativas do ponto de vista estatístico, verifica-se que são mais os homens a reportar maior rotatividade relacional em tempo de férias, com 5,4% dos homens (contra 1,0% das mulheres) a declarem ter entre dois a cinco parceiros(as) e 4,1% dos homens (contra 1,3% das mulheres) a afirmarem ter seis ou mais parceiros(as) sexuais durante a estadia no Algarve.

Figura 6.1 – Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Quando se cruza o número de parceiros sexuais no Algarve com o número de parceiros sexuais nos últimos seis meses que antecederam as férias, segundo o género dos respondentes (Figura 6.2), observa-se novamente a existência de um duplo padrão, sobretudo porque os homens declaram um maior número de parceiros(as) no quotidiano e tendem a reproduzir esse comportamento em férias: 17,9% dos homens afirmam ter tido mais de dois parceiros(as) nos últimos seis meses e 9,5% dizem que tiveram o mesmo número de parceiros(as) no Algarve (Δ -46,9%), significando que a tendência de rotatividade relacional típica do quotidiano se transfere, ainda que de forma aligeirada, para o destino turístico. O coeficiente de correlação Ró de Spearman demonstra a existência de uma associação linear positiva moderada entre as variáveis, no caso dos homens ($\rho = 0,410$; $p = 0,000$).

Entre as mulheres que declaram um elevado número de parceiros(as) sexuais no quotidiano (mais de dois parceiros(as)), percebe-se que, para além da sua expressividade ser inferior à masculina (6,7%), a manutenção do padrão comportamental em tempo de férias é também inferior (2,3%), sendo que a taxa de crescimento é negativa e situa-se aquém da masculina (Δ -65,7%). O coeficiente de correlação Ró de Spearman, no caso das mulheres, revela a existência de uma associação linear positiva baixa entre as variáveis ($\rho = 0,260$; $p = 0,000$).

Figura 6.2 – Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género

PARCEIROS SEXUAIS NO ALGARVE X PARCEIROS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*													
		Número de parceiros sexuais nos últimos seis meses											
Género		Feminino ($\rho = 0,260$; $p = 0,000$)						Masculino ($\rho = 0,410$; $p = 0,000$)					
		Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL
Número de parceiros sexuais no Algarve	Nenhum	7,2	18,7	3,0	0,6	4,0	33,4	4,5	17,9	6,4	0,3	2,7	31,8
	1	0,4	56,0	1,9	0,2	2,5	60,9	0,4	48,1	3,9	1,0	2,1	55,5
	2 - 5	--	0,6	0,4	--	--	1,0	0,4	1,5	2,3	0,8	0,4	5,4
	6 ou mais	--	0,5	0,6	0,2	--	1,3	0,3	1,0	1,2	1,6	--	4,1
	NS/NR	--	1,4	--	--	2,1	3,4	--	1,6	0,4	--	1,2	3,2
	TOTAL	7,6	77,2	5,8	0,9	8,5	100,0	5,6	70,1	14,2	3,7	6,4	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Enquanto nas mulheres com maior rotatividade relacional durante o quotidiano, o experimentalismo sexual cai para cerca de um terço durante as férias (quando comparados os escalões de dois ou mais parceiros), no caso dos homens com maior rotatividade relacional no quotidiano, e quando comparados os mesmos escalões, o valor diminui para cerca de metade.

É interessante notar também as diferenças de género no que respeita aos indivíduos que não tiveram qualquer parceiro sexual nos últimos tempos, mas tiveram um ou mais parceiros durante as férias no Algarve, demonstrando o potencial das férias para novos envolvimento românticos e/ou sexuais. Uma vez mais, a possibilidade de encetar novos relacionamentos é superior do lado masculino, com 1,1% dos homens sem parceiro(a) nos últimos seis meses, mas com pelo menos um(a) parceiro(a) durante as férias no Algarve (contra apenas 0,4% das mulheres na mesma situação). No mesmo sentido, verifica-se que 2,5% dos homens com apenas um(a) parceiro(a) sexual nos últimos seis meses, declaram que tiveram dois ou mais parceiros no Algarve (contra 1,1% das mulheres na mesma situação). Os resultados comprovam que é no

caso dos homens sem parceiro(a) ou com apenas um(a) parceiro(a) no quotidiano, que as férias mais contribuem para intensificar a rotação de parceiros.

Ao cruzar o número de parceiros sexuais no Algarve com o estado civil dos inquiridos (Figura 6.3), verifica-se que a grande maioria dos que afirmam ter tido apenas um parceiro são casados ou vivem em união de facto (45,2%), sendo que o parceiro corresponderá eventualmente ao cônjuge/companheiro, enquanto os que negam a existência de parceiro sexual são sobretudo solteiros (22,1%). Já os que declaram valores elevados de parceiros sexuais durante as férias, como entre dois a cinco parceiros ou mais de seis parceiros, são também solteiros (2,6% e 2,1%, respetivamente).

Figura 6.3 – Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Estado Civil

PARCEIROS SEXUAIS NO ALGARVE X ESTADO CIVIL*						
Parceiros sexuais no Algarve	Estado civil					TOTAL
	Solteiro(a)	Casado(a)/ União de facto	Divorciado(a)	Viúvo(a)	NS/NR	
Nenhum	22,1	8,2	1,8	0,4	0,1	32,6
1	12,0	45,2	1,1	--	--	58,3
2 - 5	2,6	0,5	--	--	--	3,1
6 ou mais	2,1	0,3	0,3	--	--	2,7
NS/NR	1,1	2,1	0,1	--	--	3,3
TOTAL	39,9	56,3	3,3	0,4	0,1	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

A predisposição que os entrevistados solteiros ou não envolvidos em relacionamentos amorosos, sobretudo os masculinos, demonstram relativamente aos envolvimento sexuais múltiplos durante as férias, aponta precisamente nesse sentido:

Sim. Estão aí [no Algarve] duas ou três amigas. É uma questão de combinarmos. (Manuel, 43 anos, divorciado).

Neste momento sim porque não tenho nenhuma relação séria. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Eu não gosto muito disso, mas se não estivesse agora com a moça [amizade colorida que têm no país de residência] e fosse sair, beber uns copos, isso podia acontecer. (...) Depende da noite, depende como eu esteja, depende se eu gosto ou não gosto da pessoa (...).
(Henrique, 18 anos, solteiro).

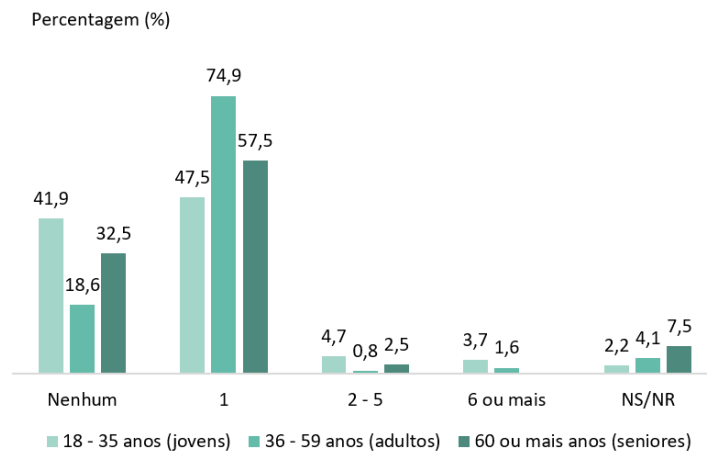
Sim, se acontecer, não digo que não. (Alexandre, 25 anos, solteiro).

Ainda entre os inquiridos, e embora com percentagens bastante inferiores, verifica-se que 0,5% dos casados ou a viver maritalmente afirmam ter tido entre dois a cinco parceiros sexuais e 0,3% tiveram seis ou mais parceiros sexuais durante as férias no Algarve, o que permite assumir que, embora a rotatividade relacional seja muito mais acentuada entre os solteiros, existem também indivíduos casados e/ou envolvidos em relacionamentos duradouros, que aproveitam as férias no Algarve para ter vários parceiros sexuais. A realização do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 294,752$) e o seu nível de significância ($p = 0,000$) confirmam que a rotatividade relacional no Algarve depende efetivamente do estado civil dos inquiridos.

A análise do número de parceiros sexuais durante as férias no Algarve de acordo com o grupo etário (Figura 6.4) revela também diferenças significativas nas respostas, o que é dado pelo valor do coeficiente de correlação Ró de Spearman ($\rho = 0,166$) e pelo seu nível de significância ($p = 0,000$).

Os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) concentram-se essencialmente nos escalões de um parceiro (47,5%) ou de nenhum parceiro (41,9%), pese embora sejam também os que mais propensão demonstram para a rotatividade relacional, já que 4,7% admitem ter-se relacionado com dois a cinco parceiros e 3,7% com seis ou mais parceiros. O facto de a grande maioria dos jovens serem solteiros estimula, como vimos, uma maior disponibilidade para mudar de parceiro, seja em períodos de curta ou de longa duração.

Figura 6.4 – Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

Os adultos (com idades entre os 36 e os 59 anos) agrupam-se maioritariamente no escalão de um só parceiro (74,9%), ainda que alguns admitam não ter tido qualquer parceiro sexual durante as férias no Algarve (18,6%). Tendencialmente, revelam menor propensão para a rotação de parceiros, quando comparados com os indivíduos mais jovens. O facto de muitos serem casados faz com que a disponibilidade para mudar de parceiro diminua substancialmente.

Os seniores (com idades superiores a 60 anos) apresentam comportamentos semelhantes aos adultos, na medida em que a maioria admite ter tido apenas um parceiro sexual durante as férias no Algarve (57,5%) ou nenhum parceiro sexual (32,5%). Ainda assim, ressalva-se que 2,5% dos seniores inquiridos admitem ter tido entre dois a cinco parceiros sexuais. São ainda o grupo de indivíduos que mostra maior resistência em responder à questão, com 7,5% a dizerem que não querem ou não sabem responder.

Quando se cruza o número de parceiros sexuais nos últimos seis meses com o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo o grupo etário dos inquiridos (Figura 6.5), observa-se que são os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) a apresentar maior rotatividade no quotidiano e em contexto de férias ($p = 0,241$; $p = 0,000$): 18,5% admitem ter tido mais de dois parceiros sexuais nos últimos seis meses e 8,4% mantiveram o mesmo padrão comportamental

durante as férias no Algarve. Por outro lado, 1,0% dos jovens que não tiveram qualquer parceiro(a) sexual nos últimos seis meses, tiveram pelo menos um(a) parceiro(a) no Algarve, sendo que poucos (0,2%) chegaram a ter mais de seis parceiros. E alguns dos que tiveram apenas um(a) parceiro(a) nos últimos seis, aproveitaram as férias no Algarve para alargar o experimentalismo sexual, com 2,1% a declararem entre dois e mais de seis parceiros sexuais. No entanto, quando comparamos o comportamento dos jovens com o dos outros grupos etários, é preciso mostrar também que, pese embora os jovens sejam os que mais mudam de parceiro(a), são também os que apresentam uma taxa de crescimento negativa mais acentuada ($\Delta -54,6\%$), quando confrontadas as duas temporalidades.

Figura 6.5 – Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário

PARCEIROS SEXUAIS NO ALGARVE X PARCEIROS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*																			
Número de parceiros sexuais nos últimos seis meses																			
Grupo Etário		Jovens (18 – 35 anos), ($\rho = 0,241$; $p = 0,000$)						Adultos (36 – 59 anos), ($\rho = -0,003$; $p = 0,960$)						Seniores (60 ou mais anos), ($\rho = 0,156$; $p = 0,337$)					
		Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL
Número de parceiros sexuais no Algarve	Nenhum	8,9	22,6	7,5	0,3	2,6	41,9	1,6	12,1	0,8	0,5	3,6	18,6	7,5	15,0	--	--	10,0	32,5
	1	0,5	40,7	4,2	0,9	1,2	47,5	0,2	70,3	1,0	0,3	3,1	74,9	--	47,5	2,5	--	7,5	57,5
	2 - 5	0,3	1,2	2,1	0,7	0,4	4,7	--	0,5	0,3	--	--	0,8	--	2,5	--	--	--	2,5
	6 ou mais	0,2	0,9	1,0	1,6	--	3,7	--	0,8	0,8	--	--	1,6	--	--	--	--	--	--
	NS/NR	--	0,5	0,2	--	1,5	2,2	--	2,6	0,2	--	1,3	4,1	--	2,5	--	--	5,0	7,5
	TOTAL	9,9	65,9	15,0	3,5	5,7	100,0	1,8	86,3	3,1	0,8	8,0	100,0	7,5	67,5	2,5	--	22,5	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

No caso dos adultos (com idades compreendidas entre os 36 e os 59 anos), verifica-se que a rotatividade é menor nos dois períodos analisados, verificando-se mesmo uma correlação negativa entre as variáveis ($\rho = -0,003$; $p = 0,960$). No quotidiano, 3,9% admitem ter tido mais de dois parceiros(as) sexuais, valor que cai para 2,4% durante as férias no Algarve ($\Delta -38,5\%$). No

entanto, alguns dos que tiveram apenas um(a) parceiro(a) no quotidiano, aproveitam as férias para estender o número de contactos sexuais, com 1,3% a declararem que se envolveram com mais de dois indivíduos durante as férias no Algarve.

Relativamente aos seniores (com 60 ou mais anos), a tendência é efetivamente para o monoparceiro, quer no quotidiano (67,5%), quer durante as férias (57,5%) ($p = 0,156$; $p = 0,337$). Ainda assim, alguns seniores com maior rotatividade nos últimos seis meses (entre dois a cinco parceiros), demonstram manter o mesmo padrão comportamental durante as férias no Algarve (2,5%), ($\Delta 0,0\%$).

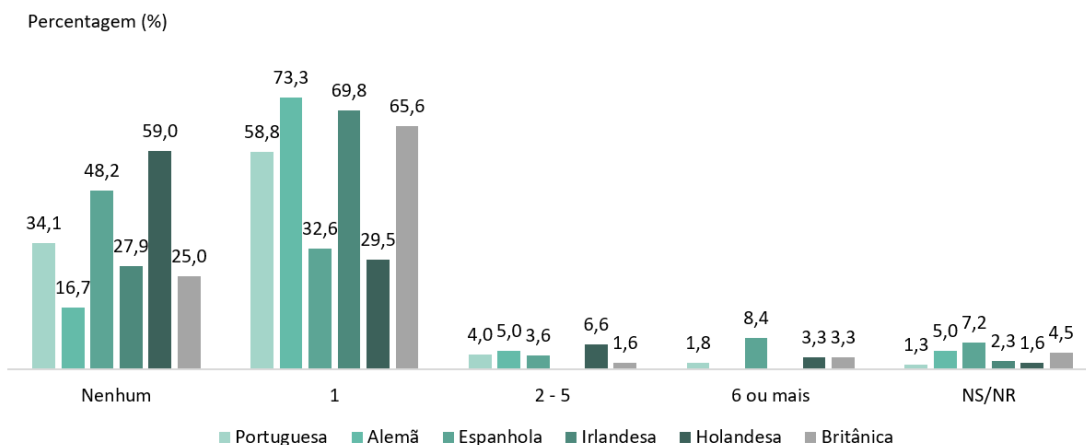
Estas evidências levam a refletir sobre o facto de os jovens serem os que mais mudam de parceiro no quotidiano e nas férias, mas são também os que apresentam uma maior contração da rotatividade entre os dois períodos em análise. Nos adultos, a tendência de retração é menor do que nos jovens, verificando-se uma inclinação maior para replicar os comportamentos do quotidiano em tempo de férias. Nos seniores, embora a tendência para mudar de parceiro(a) seja bastante inferior à dos outros grupos etários, são os indivíduos que mais transportam para as férias os hábitos do quotidiano no que toca aos comportamentos sexuais.

Uma análise por nacionalidade revela também respostas diferentes no que toca ao número de parceiros sexuais no Algarve (Figura 6.6), o que é dado pelo valor do teste de independência do Qui-Quadrado ($\chi^2 = 90,524$) e o seu nível de significância ($p = 0,000$).

Os holandeses são os que mais declaram não ter tido nenhum parceiro sexual durante as férias no Algarve (59,0%), enquanto os alemães reportam apenas um parceiro sexual (73,3%). Os espanhóis são os que mostram maior rotação de parceiros em tempo de férias, com 8,4% a afirmarem ter seis ou mais parceiros sexuais. No entanto, são também os que mostram menor intenção de responder à questão (7,2%). Já os portugueses, os irlandeses e os britânicos apresentam respostas semelhantes, com a maioria dos inquiridos a declarar apenas um parceiro

sexual (58,8%, 69,8% e 65,6%, respetivamente) ou então a ausência total de parceiro durante as férias (34,1%, 27,9% e 25,0%, respetivamente).

Figura 6.6 – Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

O cruzamento entre o número de parceiros sexuais nos últimos seis meses e no Algarve segundo a nacionalidade (Figura 6.7) indica também tendências comportamentais que importa analisar. Em termos de rotatividade relacional no quotidiano, a observação da Figura 3.13, assim como os testes estatísticos realizados, mostram a inexistência de diferenças significativas entre as nacionalidades ($p > 0,05$). Contudo, o número de parceiros sexuais no Algarve mostra diferenças nos comportamentos, o que significa que as férias fora de casa contribuem efetivamente para o surgimento de clivagens comportamentais, sobretudo entre os portugueses, os alemães, os espanhóis e os britânicos ($p < 0,05$).

De modo geral, é possível assumir que, dividido à temporalidade reduzida das férias, a tendência é para diminuir a rotação de parceiros. No entanto, quando se analisa o comportamento dos indivíduos com dois ou mais parceiros(as) no quotidiano, verifica-se que

existem grupos onde a contração da rotatividade relacional em tempo de férias é mais acentuada do que noutros. É o caso dos irlandeses ($\rho = 0,017$; $p = 0,916$), em que 4,7% assumem ter tido mais de dois parceiros(as) sexuais no quotidiano, mas que, em tempo de férias, assumem não ter qualquer parceiro sexual ($\Delta -100,0\%$).

Figura 6.7 – Matriz de Correlações entre o Número de Parceiros Sexuais no Algarve e o Número de Parceiros Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade

PARCEIROS SEXUAIS NO ALGARVE X PARCEIROS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*																			
Número de parceiros sexuais nos últimos seis meses																			
Nacionalidade		Portuguesa ($\rho = 0,170$; $p = 0,001$)						Alemã ($\rho = 0,319$; $p = 0,013$)						Espanhola ($\rho = 0,304$; $p = 0,005$)					
		Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL
Número de parceiros sexuais no Algarve	Nenhum	6,1	19,7	4,8	--	3,5	34,1	5,0	6,6	1,7	--	3,4	16,7	4,8	32,6	7,2	--	3,6	48,2
	1	0,5	52,8	3,5	1,0	1,0	58,8	--	73,3	--	--	--	73,3	--	30,1	1,3	--	1,2	32,6
	2 - 5	0,2	1,0	1,8	0,5	0,5	4,0	--	1,7	3,3	--	--	5,0	--	1,2	2,4	--	--	3,6
	6 ou mais	--	0,2	0,8	0,8	--	1,8	--	--	--	--	--	--	--	2,4	2,4	3,6	--	8,4
	NS/NR	--	0,3	--	--	1,0	1,3	--	1,7	--	--	3,3	5,0	--	2,4	1,2	--	3,6	7,2
	TOTAL	6,8	74,0	10,9	2,3	6,0	100,0	5,0	83,3	5,0	--	6,7	100,0	4,8	68,7	14,5	3,6	8,4	100,0
Nacionalidade		Irlandesa ($\rho = 0,017$; $p = 0,916$)						Holandesa ($\rho = -0,013$; $p = 0,920$)						Britânica ($\rho = 0,135$; $p = 0,035$)					
		Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL	Nenhum	1	2 - 5	6 ou mais	NS/NR	TOTAL
Número de parceiros sexuais no Algarve	Nenhum	2,3	20,9	4,7	--	--	27,9	13,2	21,3	13,1	1,6	9,8	59,0	4,5	13,5	3,3	1,2	2,5	25,0
	1	--	62,8	--	--	7,0	69,8	1,6	21,3	3,3	--	3,3	29,5	0,4	57,8	2,1	0,8	4,5	65,6
	2 - 5	--	--	--	--	--	--	--	3,3	--	3,3	--	6,6	--	0,8	0,8	--	--	1,6
	6 ou mais	--	--	--	--	--	--	--	3,3	--	--	--	3,3	0,4	0,8	1,2	0,9	--	3,3
	NS/NR	--	2,3	--	--	--	2,3	--	1,6	--	--	--	1,6	--	2,5	--	--	2,0	4,5
	TOTAL	2,3	86,0	4,7	--	7,0	100,0	14,8	50,8	16,4	4,9	13,1	100,0	5,3	75,4	7,4	2,9	9,0	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

É o caso também dos portugueses ($\rho = 0,170$; $p = 0,001$), em que 13,2% declaram mais de dois parceiros(as) sexuais no quotidiano, mas cuja percentagem se queda em 5,8% no Algarve ($\Delta -56,1\%$). No mesmo sentido, embora com decréscimos menores, encontram-se os holandeses ($\Delta -53,5\%$) ($\rho = -0,013$; $p = 0,920$) e os britânicos ($\Delta -52,4\%$) ($\rho = 0,135$; $p = 0,035$). Os espanhóis ($\rho = 0,304$; $p = 0,005$), por seu lado, são os que apresentam uma variação negativa menor ($\Delta -$

33,7%), significando que muitos transportam para as férias os mesmos comportamentos do quotidiano no que toca a diversificar o número de parceiros sexuais (18,1% com mais de dois parceiros(as) sexuais no quotidiano e 12,0% com mais de dois parceiros(as) sexuais no Algarve). No caso dos espanhóis, as férias na região parecem representar o «apanágio da libertação sexual» (Aboim, 2013), porque embora não sendo o grupo com mais parceiros sexuais ao longo da vida nem nos últimos seis meses, é o que mais muda de parceiro durante as férias no Algarve. O coeficiente de correlação Ró de Spearman indica uma associação linear positiva baixa entre as variáveis, mas que é significativa do ponto de vista estatístico.

Ainda assim, os alemães ($\rho = 0,319$; $p = 0,013$) também se destacam porque, pese embora sejam os que menos mudam de parceiro no quotidiano (apenas 5,0% com dois ou mais parceiros(as)), são os que mostram maior tendência para manter o comportamento durante as férias, com os mesmos 5,0% a admitirem ter dois ou mais parceiros(as) durante as férias no Algarve ($\Delta 0,0\%$). O coeficiente de correlação Ró de Spearman indica uma associação linear positiva baixa entre as variáveis, mas que é superior quando comparado com as outras nacionalidades em análise.

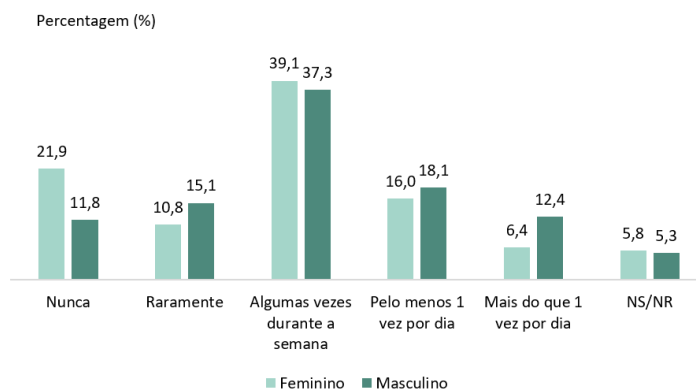
6.2 Frequência de Relações Sexuais em Férias e no Quotidiano

Para além do número de parceiros sexuais, a frequência da prática sexual permite acrescentar detalhe às dinâmicas relacionais. Durante o período de férias no Algarve, a frequência da atividade sexual é sobretudo semanal, podendo variar entre uma a várias vezes por semana, ou então tratar-se de uma prática diária (Figura 6.8). Faz-se, no entanto, a ressalva de que a questão foi colocada no sentido das práticas efetivas, mas também das hipotéticas, significando, neste caso, também o que o(a) inquirido(a) esperava vir a acontecer em termos de

frequência sexual no período de férias. As respostas obtidas correspondem, muito provavelmente, à justaposição das duas realidades.

Os resultados mostram diferenças estatisticamente significativas na distribuição da frequência da prática sexual segundo o género dos respondentes, o que é dado pelo teste de independência de Kolmogorov-Smirnov e o seu nível de significância ($K-S = 1,613; p = 0,011$). Os homens indicam maior frequência de atividade sexual, estando mais representados nos escalões superiores e, inversamente, as mulheres mais representadas nos escalões inferiores. Assim, embora a maioria dos inquiridos afirme que teve ou esperou ter relações sexuais algumas vezes durante a semana, são mais os homens do que as mulheres a referir ter ou esperar ter relações sexuais pelo menos uma vez por dia (18,1% e 16,0%, respetivamente) ou mais do que uma vez por dia (12,4% e 6,4%, respetivamente). Em sentido inverso, são sobretudo as mulheres a referir que não tiveram ou não esperaram ter relações sexuais durante as férias no Algarve (21,9% contra 11,8% dos homens).

Figura 6.8 – Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

O cruzamento entre a frequência de relações sexuais no Algarve e nos últimos seis meses, segundo o género dos inquiridos (Figura 6.9), indica que os homens referem maior atividade

sexual em ambas as temporalidades, mas as diferenças nas respostas são mais acentuadas no período das férias. Durante o quotidiano, 14,4% dos homens e 11,1% das mulheres admitem ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana. Em férias, 12,4% dos homens e 6,4% das mulheres afirmam ter relações sexuais mais do que uma vez por dia.

Figura 6.9 – Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Género

FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NO ALGARVE X FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*																	
Frequência de relações sexuais nos últimos seis meses																	
Género		Feminino ($\rho = 0,345$; $p = 0,000$)							Masculino ($\rho = 0,291$; $p = 0,000$)								
		Não tive	< 1 mês	1 - 3 mês	1 - 2 sem.	3 - 4 sem.	> 4 sem.	NS/ NR	TOTAL	Não tive	< 1 mês	1 - 3 mês	1 - 2 sem.	3 - 4 sem.	> 4 sem.	NS/ NR	TOTAL
Frequência de relações sexuais no Algarve	Nunca	6,4	2,1	2,5	4,3	2,3	2,0	2,3	21,9	2,7	0,8	1,6	2,7	0,8	1,6	1,6	11,8
	Raramente	0,9	2,8	2,6	1,9	0,4	0,8	1,4	10,8	1,4	3,3	4,3	2,6	1,2	0,7	1,6	15,1
	Algumas vezes/sem.	0,4	2,3	5,8	19,8	5,5	2,5	2,8	39,1	1,0	2,3	6,8	15,7	7,0	2,9	1,6	37,3
	Pelo menos 1 vez/dia	--	0,4	2,1	5,5	3,2	4,1	0,7	16,0	0,4	1,0	1,6	6,2	4,6	3,5	0,8	18,1
	Mais do que 1 vez/dia	0,2	0,4	0,4	1,7	1,5	2,2	--	6,4	0,7	0,6	0,8	2,9	1,9	4,9	0,6	12,4
	NS/NR	0,2	0,1	0,4	0,8	0,1	0,3	3,9	5,8	--	0,2	1,0	0,6	0,2	0,8	2,5	5,3
	TOTAL	8,1	8,1	13,8	34,0	13,0	11,9	11,1	100,0	6,2	8,2	16,1	30,7	15,7	14,4	8,7	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Em sentido inverso, também se constata que são mais as mulheres (6,4%) do que os homens (2,7%) a não ter relações sexuais no quotidiano e também durante as férias. Mas, do total de mulheres sem atividade sexual no quotidiano (8,1%), apenas 1,7% tiveram ou esperaram ter relações sexuais no Algarve, enquanto do total de homens sem atividade sexual no quotidiano (6,2%), 3,5% tiveram ou esperaram ter relações sexuais no Algarve. O coeficiente de correlação Ró de Spearman demonstra a existência de uma correlação linear positiva baixa entre as variáveis, no caso dos homens ($\rho = 0,291$; $p = 0,000$), e das mulheres ($\rho = 0,345$; $p = 0,000$), embora superior nas mulheres. Estes resultados demonstram que as férias contribuem de forma inequívoca para aumentar a frequência da atividade sexual, sobretudo entre os

homens, embora tenhamos de admitir a possibilidade de estarmos perante práticas hipotéticas, no domínio da fantasia.

Os entrevistados, homens e mulheres, destacam a maior frequência da prática sexual durante as férias no Algarve e, acima de tudo, a maior intensidade com que vivem essas experiências:

Sim, [a frequência da atividade sexual] é maior em férias. Estamos mais soltos, estamos mais libertos de preocupações, estamos a viver o momento descansadamente, aproveitando todas as oportunidades que surgem. Depois, se calhar, com uma saída para um jantar ou para ir ver o pôr do sol, as coisas que nós não temos tantas vezes no quotidiano, tudo isso leva a que haja mais amor, mais romance e mais sexo. (Diogo, 38 anos, numa união de facto).

Bom, nós temos um bocadinho mais disponibilidade, mais tempo, não chegamos tão cansados a casa. Isso influencia um pouco. (Isabel, 45 anos, casada).

Sim, há mais disponibilidade, há mais tempo, a pessoa não está tão cansada e acho que acaba por ser um pouco mais propício porque estamos de férias precisamente para nos dedicarmos mais aos prazeres da vida. (Vanda, 28 anos, numa relação de namoro).

A intensidade é diferente e fico mais satisfeito. Não é que não esteja satisfeito também lá [no lugar onde vive, com a companheira da 'relação aberta'], mas aqui é melhor. O conhecer pessoas diferentes dá mais «pica». (Pedro, 21 anos, numa relação aberta).

Havendo um contexto de maior desinibição e de mais tempo, menos ansiedade, stress e tudo isso, eu acho que leva a uma maior qualidade. Mais quantidade e mais qualidade também. (Manuel, 43 anos, divorciado).

O anonimato ou o afrouxamento do controlo social durante o período de férias, onde ninguém os conhece e, por isso, podem assumir outro estado de ser, contribuem decisivamente para a maior frequência e intensidade com que vivem as experiências íntimas e sexuais:

O anonimato facilita muito. Ajuda a viver a sexualidade de forma muito mais descontraída. Mesmo que apareça alguém, não nos verá mais, por isso não causa transtorno. (Alice, 20 anos, numa relação de namoro).

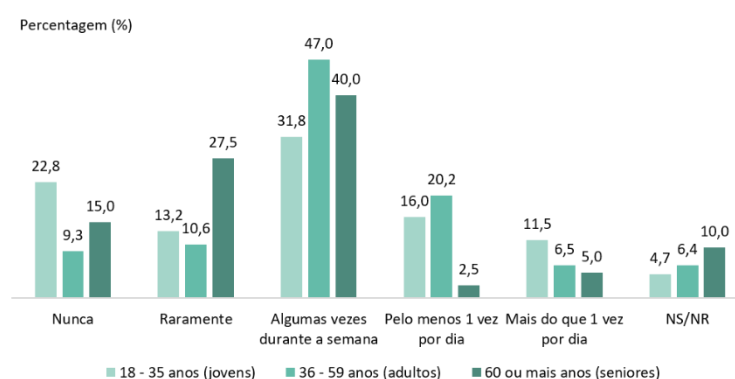
Sim, estou mais à-vontade porque não conheço muita gente. Se fizer alguma asneira, ninguém vai dizer nada. Há mais loucura (...). (Henrique, 18 anos, solteiro)

Ah [o anonimato] influencia muito, completamente. Não ter ninguém conhecido faz com que as pessoas se tornem mais desinibidas. Tudo é muito melhor quando não há muita gente conhecida à volta. Sinto muito mais liberdade assim. (Joana, 28 anos, solteira).

[O anonimato] influencia porque ninguém nos conhece. Se formos apanhados, pouco interessa. (Rodrigo, 30 anos, casado).

Por grupo etário (Figura 6.10), os resultados mostram também diferenças estatisticamente significativas para a frequência da prática sexual no Algarve, o que é dado pelo valor do coeficiente de correlação Ró de Spearman ($\rho = 0,078$) e pelo seu nível de significância ($p = 0,014$).

Figura 6.10 – Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário



Fonte: Elaboração própria.

As variáveis apresentam uma associação linear muito baixa, uma vez que o valor do teste se encontra próximo de zero. Mas o sinal positivo do teste indica, apesar disso, que a intensidade de um fenómeno é acompanhada (em média, com maior frequência) pela intensidade do outro fenómeno, o que significaria, *à priori*, uma maior frequência de atividade sexual associada aos grupos etários mais elevados. Contudo, a presença de *outliers* severos e moderados na amostra (17 no total) pode comprometer o valor do teste e a interpretação dos resultados.

A observação atenta da Figura 6.10 permite constatar que os *outliers* afetam a interpretação dos resultados, já que a maior frequência da prática sexual está associada ao grupo etário mais jovem (entre os 18 e os 35 anos), no caso de mais de uma vez por dia (11,5%), e aos adultos (entre os 36 e os 59 anos), no caso de pelo menos uma vez por dia (20,2%). Os seniores, por seu turno, destacam-se por referirem que raramente tiveram ou esperaram ter atividade sexual durante as férias no Algarve (27,5%) ou por preferirem não responder à questão (10,0%). Ainda assim, a grande maioria dos seniores afirma que teve ou esperou ter atividade sexual algumas vezes durante a semana (40,0%).

O cruzamento entre a frequência de relações sexuais no Algarve e a frequência de relações sexuais nos últimos seis meses segundo o grupo etário (Figura 6.11) mostra que efetivamente as férias contribuem para aumentar a prática de relações sexuais em todos os grupos etários, mas em especial, no grupo mais jovem (entre os 18 e os 35 anos) sem atividade sexual no quotidiano. Do total de jovens que referem não ter tido relações sexuais nos últimos seis meses (9,9%), 3,4% dizem ter tido atividade sexual durante as férias no Algarve, mesmo que raramente, mas alguns até mais do que uma vez por dia. Nos adultos (entre os 36 e os 59 anos) e nos seniores (60 ou mais anos) sem atividade sexual no quotidiano, também se verifica uma intensificação da prática sexual nas férias, ainda que com menor regularidade, quando comparada com a dos jovens.

Nos grupos com maior frequência de atividade sexual no quotidiano (mais de quatro vezes por semana), as férias fora de casa servem para manter ou até mesmo intensificar a prática sexual em todos os grupos etários, mas em especial, nos adultos e nos seniores. Do total de jovens que referem ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana no quotidiano (14,8%), 10,1% mantêm ou aumentam a frequência da atividade sexual durante as férias (entre algumas vezes por semana e mais do que uma vez por dia). Do total de adultos que afirmam ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana no quotidiano (11,4%), 10,3% mantêm ou aumentam a frequência da atividade sexual em férias (entre algumas vezes por semana e mais do que uma vez por dia). Do total de seniores que referem ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana no quotidiano (5,0%), todos mantêm ou intensificam a frequência da prática sexual durante as férias (entre algumas vezes por semana e mais do que uma vez por dia).

Figura 6.11 – Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo o Grupo Etário

FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NO ALGARVE X FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*																								
Frequência de relações sexuais nos últimos seis meses																								
Grupo Etário	Jovens (18 – 35 anos), ($p = 0,306$; $p = 0,000$)								Adultos (36 – 59 anos), ($p = 0,353$; $p = 0,000$)								Seniores (60 ou mais anos), ($p = 0,355$; $p = 0,025$)							
	Não tive	<1 mês	1-3 mês	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 mês	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 mês	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL
Nunca	6,3	1,7	2,8	4,7	2,4	3,0	1,9	22,8	2,1	1,3	0,8	2,3	0,5	0,5	1,8	9,3	7,5	--	2,5	--	--	--	5,0	15,0
Raramente	1,6	2,6	3,0	2,6	1,2	1,0	1,2	13,2	0,2	2,8	3,9	1,8	0,3	0,3	1,3	10,6	5,0	7,5	7,5	2,5	--	--	5,0	27,5
Algumas vezes/sem.	1,0	2,3	4,5	13,4	6,1	3,0	1,5	31,8	0,3	2,6	8,9	24,3	6,7	2,1	2,1	47,0	--	--	5,0	25,0	--	2,5	7,5	40,0
Pelo menos 1 vez/dia	0,3	1,0	1,9	5,4	4,0	2,6	0,8	16,0	--	--	2,1	7,3	3,9	5,9	1,0	20,2	--	--	--	--	2,5	--	--	2,5
Mais do que 1 vez/dia	0,5	0,7	0,5	2,4	2,3	4,5	0,6	11,5	--	0,3	0,8	2,1	1,0	2,3	--	6,5	2,5	--	--	--	--	2,5	--	5,0
NS/NR	0,2	0,2	0,2	0,7	--	0,7	2,7	4,7	--	0,2	1,3	0,5	0,5	0,3	3,6	6,4	--	--	2,5	2,5	--	--	5,0	10,0
TOTAL	9,9	8,5	12,9	29,2	16,0	14,8	8,7	100,0	2,6	7,2	17,8	38,3	12,9	11,4	9,8	100,0	15,0	7,5	17,5	30,0	2,5	5,0	22,5	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

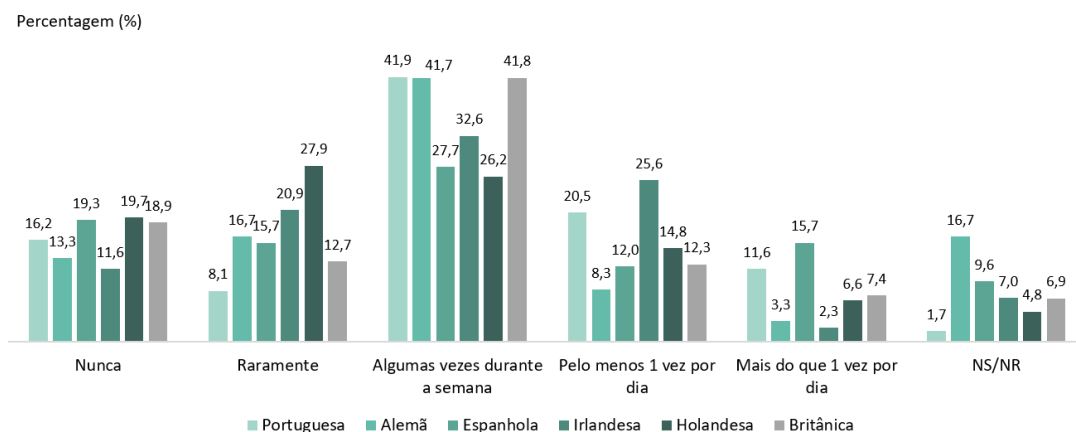
Os coeficientes de correlação Ró de Spearman mostram a existência de associações lineares positivas baixas entre as variáveis em todos os grupos etários, mas, em especial no

grupo etário mais jovem ($p = 0,306$; $p = 0,000$). Tal significa que é entre os jovens que mais se observa um aumento da prática sexual em tempo de férias, quando comparada com a frequência da prática sexual do quotidiano.

Do total de jovens inquiridos, 27,5% admitem ter ou esperar ter relações sexuais pelo menos uma vez por dia ou mais do que uma vez por dia, no Algarve. Mas no total de adultos inquiridos, 26,7% também afirmam ter ou esperar ter uma cadência elevada de relações sexuais durante a estadia na região ($p = 0,353$; $p = 0,000$). Estes resultados fortalecem a importância atribuída às férias no que respeita à intensificação da prática sexual que, como vimos, ganha em intensidade e frequência pela maior disponibilidade de tempo para o fazer.

Uma análise por nacionalidade (Figura 6.12) mostra que a frequência de relações sexuais no Algarve também apresenta diferenças estatisticamente significativas de acordo com a nacionalidade dos turistas, o que é comprovado pelo teste de independência do Qui-Quadrado ($X^2 = 84,796$) e o seu nível de significância ($p = 0,000$).

Figura 6.12 – Frequência de Relações Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

Os espanhóis e os portugueses são os que admitem maior frequência de atividade sexual no Algarve, com 15,7% e 11,6%, respetivamente, a ter ou esperar ter relações sexuais mais do que uma vez por dia. Os irlandeses afirmam que tiveram ou esperaram ter relações sexuais pelo menos uma vez por dia (25,6%), enquanto os alemães e os britânicos concentram-se sobretudo no escalão de algumas vezes por semana (41,7% e 41,8%, respetivamente). Já os holandeses são os que demonstram menor frequência de atividade sexual durante as férias, com 27,9% e 19,7% dos inquiridos a afirmarem, respetivamente, que tiveram ou esperaram ter relações sexuais raramente ou que não tiveram/ não esperaram ter qualquer atividade sexual no Algarve.

O cruzamento entre a frequência de relações sexuais no Algarve e a frequência de relações sexuais nos últimos seis meses segundo a nacionalidade (Figura 6.13) revela que as férias na região contribuem para intensificar a frequência da atividade sexual em alguns grupos, enquanto «refreiam» os comportamentos sexuais de outros. É o caso dos espanhóis ($p = 0,251$; $p = 0,022$), que aproveitam as férias no Algarve para aumentar a frequência da atividade sexual, já que 10,8% dos inquiridos admitem ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana, e 15,7% mais do que uma vez por dia durante a estadia na região. Em todas as outras nacionalidades, as férias contribuem para atenuar a frequência da atividade sexual, sobretudo entre os irlandeses ($p = 0,519$; $p = 0,000$) e os holandeses ($p = 0,130$; $p = 0,000$): 18,6% dos irlandeses admitem ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana no quotidiano e apenas 2,3% se posicionam no escalão superior de atividade sexual durante as férias (mais do que uma vez por dia); 13,1% dos holandeses afirmam ter relações sexuais mais de quatro vezes por semana no quotidiano e apenas 6,6% admitem ter ou esperar ter atividade sexuais mais do que uma vez por dia. No caso dos portugueses ($p = 0,380$; $p = 0,000$), alemães ($p = 0,463$; $p = 0,000$) e britânicos ($p = 0,329$; $p = 0,000$), quando comparados os mesmos escalões de atividade sexual, a diminuição também se verifica, mas de modo mais ligeiro: de 16,2% para 11,6% nos portugueses; de 5,0% para 3,3% nos alemães e 8,2% para 7,4% nos britânicos.

Contudo, também é interessante notar o modo como as férias no Algarve podem representar um acréscimo da atividade sexual em grupos sem relações sexuais no quotidiano. É o caso, por exemplo dos portugueses, em que 7,1% não tiveram relações sexuais no quotidiano mas desses, 1,5% tiveram ou esperaram ter relações sexuais no Algarve; dos espanhóis, em que 4,8% não tiveram atividades sexuais nos últimos seis meses mas desses, 2,4% tiveram ou esperaram ter relações sexuais no Algarve; dos holandeses, em que 14,8% afirmam não ter tido atividade sexual nos últimos seis meses mas desses, 6,6% tiveram ou esperaram ter relações sexuais nas férias; e dos britânicos, em que 7,0% não tiveram atividade sexual no quotidiano mas desses, 3,3% tiveram ou esperaram ter relações sexuais no Algarve.

Figura 6.13 – Matriz de Correlações entre a Frequência de Relações Sexuais no Algarve e a Frequência de Relações Sexuais nos Últimos Seis Meses, segundo a Nacionalidade

FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NO ALGARVE X FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NOS ÚLTIMOS SEIS MESES*																									
Frequência de relações sexuais nos últimos seis meses																									
Nacionalidade	Portuguesa (p = 0,380; p = 0,000)								Alemã (p = 0,463; p = 0,000)								Espanhola (p = 0,251; p = 0,022)								
	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	
Frequência de relações sexuais no Algarve	Nunca	5,6	2,3	1,8	3,0	1,0	1,5	1,0	16,2	5,0	--	--	3,3	1,7	--	3,3	13,3	2,4	1,2	2,4	6,0	2,5	3,6	1,2	19,3
	Raramente	0,2	2,3	2,0	1,5	0,3	0,5	1,3	8,1	--	5,0	5,0	3,3	--	3,4	--	16,7	--	3,6	6,0	1,3	2,4	--	2,4	15,7
	Algumas vezes/sem.	1,0	3,2	5,8	18,7	7,6	3,3	2,3	41,9	--	1,7	3,3	31,7	1,7	--	3,3	41,7	--	4,8	4,9	10,8	4,8	2,4	--	27,7
	Pelo menos 1 vez/dia	--	1,0	2,3	6,6	4,3	5,3	1,0	20,5	--	--	1,7	1,7	3,3	1,6	--	8,3	1,2	2,4	--	2,4	4,8	1,2	--	12,0
	Mais do que 1 vez/dia	0,3	0,3	0,7	3,2	1,7	5,1	0,3	11,6	--	--	--	--	1,6	--	1,7	3,3	1,2	1,3	--	2,4	6,0	3,6	1,2	15,7
	NS/NR	--	--	--	0,3	0,3	0,5	0,6	1,7	--	--	--	5,0	--	--	11,7	16,7	--	1,2	1,2	--	--	--	7,2	9,6
	TOTAL	7,1	9,1	12,6	33,3	15,2	16,2	6,5	100,0	5,0	6,7	10,0	45,0	8,3	5,0	20,0	100,0	4,8	14,5	14,5	22,9	20,5	10,8	12,0	100,0
Nacionalidade	Irlandesa (p = 0,519; p = 0,000)								Holandesa (p = 0,130; p = 0,318)								Britânica (p = 0,329; p = 0,000)								
	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	Não tive	<1 mês	1-3 meses	1-2 sem.	3-4 sem.	>4 sem.	NS/NR	TOTAL	
Frequência de relações sexuais no Algarve	Nunca	4,7	--	2,3	--	--	4,6	--	11,6	6,6	--	--	3,3	3,3	3,3	3,2	19,7	3,7	1,2	3,3	4,5	2,5	0,4	3,3	18,9
	Raramente	--	9,3	7,0	4,6	--	--	--	20,9	6,6	6,6	4,9	4,9	1,6	--	3,3	27,9	2,1	2,5	4,9	1,6	0,8	--	0,8	12,7
	Algumas vezes/sem.	--	--	4,7	16,3	4,7	4,7	2,2	32,6	--	1,6	1,6	11,5	4,9	4,9	1,7	26,2	0,8	1,2	8,3	20,5	7,0	2,0	2,0	41,8
	Pelo menos 1 vez/dia	--	--	2,3	7,0	9,3	7,0	--	25,6	--	1,7	3,3	3,3	3,3	1,6	1,6	14,8	--	--	1,2	5,4	2,5	2,0	1,2	12,3
	Mais do que 1 vez/dia	--	--	--	--	--	2,3	--	2,3	--	1,6	--	1,6	--	3,3	0,1	6,6	0,4	0,4	0,4	1,6	0,7	3,8	0,1	7,4
	NS/NR	--	--	--	2,3	2,3	--	2,4	7,0	1,6	1,6	--	--	--	--	1,6	4,8	--	--	2,0	0,4	--	--	4,5	6,9
	TOTAL	4,7	9,3	16,3	30,2	16,3	18,6	4,6	100,0	14,8	13,1	9,8	24,6	13,1	13,1	11,5	100,0	7,0	5,3	20,1	34,0	13,5	8,2	11,9	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

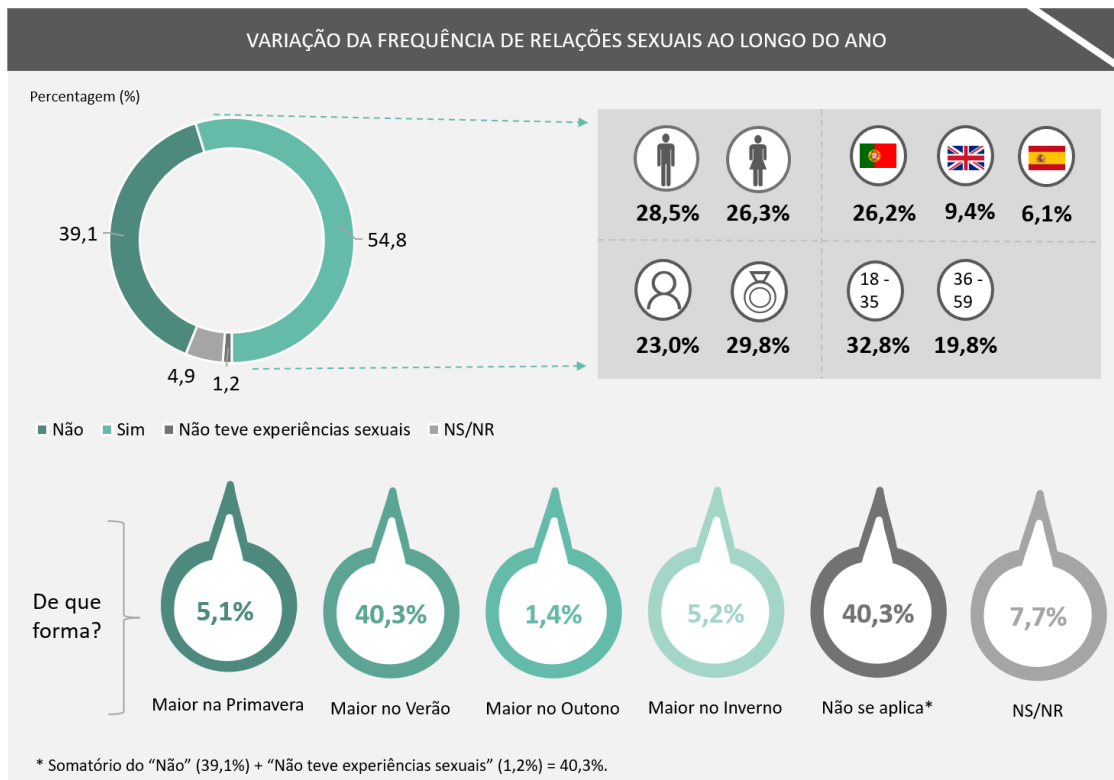
Destes resultados depreende-se que as férias no Algarve contribuem para intensificar a frequência da atividade sexual sobretudo entre os indivíduos celibatários no quotidiano. Para além destes, o destaque é efetivamente para os indivíduos de nacionalidade espanhola com mais atividade sexual no quotidiano e que aproveitam as férias na região para alargar ainda mais os contactos sexuais. É ainda para os portugueses e os irlandeses que praticam atividades sexuais apenas entre uma a duas vezes por semana no quotidiano (33,3% e 30,2%, respetivamente) e que, em férias, aumentam a frequência da prática sexual para pelo menos uma vez por dia (6,6% e 7,0%, respetivamente).

Mais de metade dos inquiridos admitem que, de facto, a frequência com que têm relações sexuais varia ao longo do ano (54,8%), sendo superior nos meses de verão (40,3%), (Figura 6.14). Este resultado corrobora estudos anteriores que referem que o calor estimula a libido, bem como a propensão para os envolvimento sexuais (Evans, 2000; Machado, 2000). Outros estudos afirmam também que a testosterona, a hormona responsável pelo desejo sexual nos homens e nas mulheres é, em geral, mais elevada nos países quentes e nos meses de maior calor (Demir, Uslu & Arslan, 2016; Pereira, 2015). No mesmo sentido, os resultados desta pesquisa demonstram que os inquiridos concordam que *o calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão* (83,0% das mulheres e 84,7% dos homens; $p = 0,466$), (Figura 5.4).

O discurso de Filipe é também testemunha da relação que existe entre as férias, o calor, a praia e a propensão para uma maior atividade sexual:

Férias são férias. Toda a gente está à espera das férias durante o ano inteiro. Desse ponto de vista, claro que o balanço é positivo. É sempre bom, é estimulante, é diferente... é o calor, é a praia... vivemos de outra forma essa componente [a sexualidade]. O sair da rotina acaba por ser o aspeto mais relevante. (Filipe, 24 anos, numa relação de namoro).

Figura 6.14 – Variação da Frequência de Relações Sexuais ao Longo do Ano, por Segmentos



Fonte: Elaboração própria.

Uma análise por segmentos revela que 28,5% dos homens e 26,3% das mulheres concordam que a frequência com que praticam atividades sexuais varia ao longo do ano ($\chi^2 = 8,690$; $p = 0,034$). São ainda os indivíduos casados (29,8%) ou solteiros (23,0%) ($\chi^2 = 28,490$; $p = 0,005$), de nacionalidade portuguesa (26,2%) ($\chi^2 = 110,119$; $p = 0,000$) e com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (32,8%) ($K-S = 1,075$; $p = 0,198$), os que mais concordam com a variação da frequência de relações sexuais ao longo do ano, admitindo que é superior nos meses de mais calor, ou seja, durante o verão (Figura 6.14).

Os testes estatísticos realizados (teste de independência do Qui-Quadrado e de Kolmogorov-Smirnov) indicam que as diferenças observadas entre os grupos são estatisticamente significativas de acordo com o género, o estado civil e a nacionalidade dos

inquiridos ($p < 0,05$). Já a idade não interfere na opinião sobre a variação da frequência de relações sexuais ao longo do ano ($p > 0,05$).

6.3 Sexo Casual e Descomprometido em Férias e no Quotidiano

Para além do número de parceiros sexuais e da frequência de relações sexuais, a propensão para o sexo casual e descomprometido constitui outro indicador das dinâmicas relacionais em férias ou em contexto turístico. Como se viu anteriormente, a insistência na ética hedonista e libertadora que contrasta com o modelo do passado, caracteriza especialmente o comportamento dos mais jovens. Por esse motivo, são eles os principais protagonistas de práticas como o sexo «ocasional» (Aboim, 2013).

Do total de inquiridos, 7,4% afirmam que tiveram relações sexuais com pessoas desconhecidas, isto é, com pessoas que conheciam há menos de uma semana, durante as férias. Destes, a maioria relacionou-se sexualmente apenas com um parceiro (3,5%), mas 1,9% dizem ter-se relacionado com dois a cinco parceiros e 2,0% com seis ou mais parceiros. Contudo, a maioria dos inquiridos que tiveram relações sexuais durante o período de férias no Algarve, fizeram-no com apenas um parceiro, muito provavelmente, fora do quadro do sexo ocasional, com o(a) parceiro(a) que mantêm durante o quotidiano (54,0%), (Figura 6.15). A realização do teste de independência do Qui-Quadrado confirma a existência de uma relação de dependência estatisticamente significativa entre o número de parceiros sexuais no Algarve e o envolvimento sexual com desconhecido(s) na região ($X^2 = 2131,639$; $p = 0,000$).

Ressalva-se que alguns inquiridos, apesar de afirmarem não ter tido relações sexuais com desconhecidos durante as férias no Algarve, admitem ter-se envolvido sexualmente com dois a cinco parceiros (1,2%) ou com seis ou mais parceiros (0,7%), permanecendo a dúvida quanto à

possibilidade de se tratarem efetivamente de pessoas que pertencem ao seu grupo relacional habitual, ou então de uma interpretação falaciosa da questão.

Figura 6.15 – Matriz de Correlações entre os Parceiros Sexuais no Algarve e as Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve

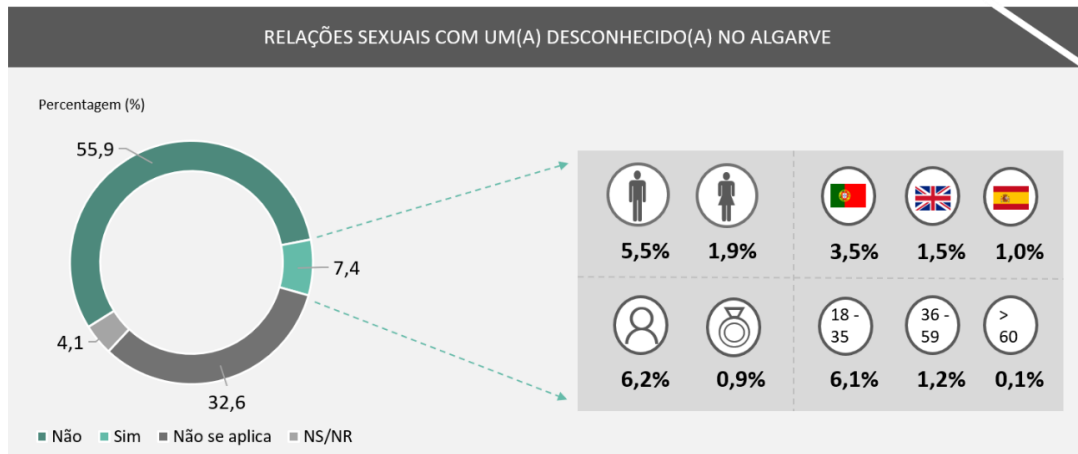
PARCEIROS SEXUAIS NO ALGARVE X RELAÇÕES SEXUAIS COM UM(A) DESCONHECIDO(A)*					
Parceiros sexuais no Algarve	Relações sexuais com um(a) desconhecido no Algarve				TOTAL
	Não	Sim	Não se aplica	NS/NR	
Nenhum	--	--	32,6	--	32,6
1	54,0	3,5	--	0,8	58,3
2 - 5	1,2	1,9	--	--	3,1
6 ou mais	0,7	2,0	--	--	2,7
NS/NR	--	--	--	3,3	3,3
TOTAL	55,9	7,4	32,6	4,1	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

O sexo casual e descomprometido no Algarve é, à semelhança do que se constatou para as trajetórias sexuais e de intimidade, parte integrante do comportamento juvenil. Neste caso, 6,1% do total de jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) admitem ter-se relacionado sexualmente com alguém que conheciam há menos de uma semana, percentagem que diminui significativamente à medida que se avança nos intervalos geracionais ($K-S = 2,933$; $p = 0,000$) (Figura 6.16). São, na sua maioria, indivíduos solteiros (6,2%) ($X^2 = 331,680$; $p = 0,000$), pertencentes ao género masculino (5,5%) ($X^2 = 24,563$; $p = 0,000$) e de nacionalidade portuguesa (3,5%), britânica (1,5%) ou espanhola (1,0%) ($X^2 = 83,121$; $p = 0,000$).

Figura 6.16 – Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve, por Segmentos



Fonte: Elaboração própria.

Quando se cruza as relações sexuais ocasionais no Algarve com as que ocorrem ao longo da vida (Figura 6.17) verifica-se uma tendência clara para a diminuição destas experiências em tempo de férias. Muito provavelmente, à semelhança do que já se avançou anteriormente, o tempo reduzido das férias contribui para limitar as possibilidades de envolvimento sexual com pessoas desconhecidas. Ainda que este tipo de experiências ocorra naturalmente durante as férias, como é o caso dos 7,4% de inquiridos que afirmam ter tido experiências sexuais com desconhecidos(as) no Algarve, a maioria dos que já tiveram relações sexuais ocasionais (39,4%), fá-lo no decorrer da vida quotidiana. Ainda assim, é de sublinhar que dos 7,4% que admitem ter-se envolvido em sexo casual e descomprometido durante as férias, grande parte fá-lo ou já o fez ao longo do curso de vida (6,5%). O teste de independência do Qui-Quadrado e o seu nível de significância comprovam a existência inequívoca de uma relação de dependência entre o sexo ocasional no Algarve e o sexo ocasional ao longo do curso de vida ($\chi^2 = 205,767$; $p = 0,000$).

De notar ainda que 0,6% dos inquiridos dizem nunca ter tido este tipo de experiência durante a vida quotidiana, mas admitem que a tiveram durante as férias no Algarve. Embora se trate de uma percentagem muito reduzida, significa que as férias fora de casa, através das experiências de liminaridade que proporcionam, contribuem igualmente para o surgimento de

novos envolvimento íntimos e/ou sexuais (Lett, 1983; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001).

Figura 6.17 – Matriz de Correlações entre as Relações Sexuais com Desconhecidos no Algarve e as Relações Sexuais com Desconhecidos ao Longo da Vida

RELAÇÕES SEXUAIS COM UM(A) DESCONHECIDO(A) NO ALGARVE X AO LONGO DA VIDA*					
Relações sexuais com um(a) desconhecido(a) ao longo da vida					
Relações sexuais com um(a) desconhecido(a) no Algarve	Não	Sim	Não se aplica	NS/NR	TOTAL
Não	32,5	19,4	--	4,0	55,9
Sim	0,6	6,5	--	0,3	7,4
Não se aplica	16,0	12,6	1,2	2,8	32,6
NS/NR	1,1	0,9	--	2,1	4,1
TOTAL	50,2	39,4	1,2	9,2	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Alguns entrevistados admitem que tiveram relações sexuais ocasionais ou romances que começaram durante as férias no Algarve ou em outros destinos turísticos. Descrevem com certo detalhe como foram essas experiências. No caso de Paulo, tratou-se uma experiência mais sexual do que romântica. Já Emma afirma que o romance começou depois das férias, tendo sido necessário algum tempo para se conhecerem melhor:

A última que tive, por acaso não foi aqui no Algarve. Foi no inverno, em França, numa estância de esqui. Foi com uma rapariga que conheci lá, antes de ir fazer snowboard. Foi num barzinho com música ao vivo todos os dias. É claro que isso sempre ajuda e a cerveja também. Estava lá um grupo de suecas, começámos na brincadeira e foi assim que a coisa se deu. Fiquei lá durante cinco dias, mas a relação só durou três. Foi ela que tomou a iniciativa no início, foi ela que se «atirou» e um homem não é de ferro [risos]. Foi através do álcool e da música que tudo começou. (...) Durante esses três dias fizemos snowboard. Calhou estarmos no mesmo hotel, apanharmos o mesmo autocarro à mesma hora para irmos para a mesma estância. Não combinámos nada, mas acabou por ter piada porque afinal andávamos sempre juntos. Conhecemo-nos na primeira noite, houve aquela troca de

olhares, aquela química e no segundo dia foi a física. Envolvemo-nos sexualmente logo no segundo dia que estivemos juntos. Não foi constrangedor para nenhum de nós, estivemos à-vontade. O ambiente entre amigos era propício a isso. Houve um pouco de receio, mas quando dá o primeiro beijo, tudo o resto se transforma. (...) Depois foi “tchau, até logo, prazer em conhecer-te”. Foi de mútuo acordo. Nem ela me perguntou se eu era casado ou se tinha filhos, nem eu lhe perguntei nada. (...) Aconteceu, foi maravilhoso, foi excelente, durante aquelas férias foi muito fixe, mas depois disso acabou. Só me arrependo porque não fiquei com o contacto dela [risos]. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Sim, tive um romance em contexto turístico. Foi numas férias na Quinta do Lago [Algarve] que duraram uma semana. Conheci um rapaz no hotel e começámos a conversar. A conversa fluiu muito bem, passámos algum tempo a conversar. O romance não começou durante essas férias porque eu não acredito que possamos conhecer alguém em tão pouco tempo. Por isso, depois das férias, mantivemos o contacto. Todos os dias, muito tempo por dia, durante cerca de um mês. Falávamos muito ao telefone, por Skype e também por mensagens escritas e e-mails. Depois aí sim, é que nos encontrámos novamente e o romance surgiu. (...) Nessas férias, eu tinha vindo com os meus pais, por isso não deu para estarmos muito tempo juntos. (...) Ele não era assim muito bonito, mas a sua personalidade encantou-me. No dia seguinte, eu tive de apanhar o meu voo e continuámos a conversar por cerca de um mês. Quando nos encontrámos novamente fizemos muita coisa juntos: víamos televisão, líamos, passeávamos, íamos sair com amigos, conhecemos as famílias, passámos tempo realmente juntos. Envolvemo-nos sexualmente cinco ou seis semanas depois de nos termos conhecido porque eu voltei para o meu país. (...) A primeira vez que estivemos juntos sexualmente, eu diria que foi assustadora. Eu não estava à espera que fosse acontecer, por isso, acho que não estava preparada. Normalmente, preciso de mais tempo para conhecer a pessoa. Mas nós mantivemos a comunicação durante tanto tempo que parecia que já nos conhecíamos muito bem. Senti que realmente já o conhecia bem porque falámos tanto e sobre tanta coisa... Mas, mesmo assim, senti-me envergonhada, talvez por ser uma pessoa tímida. Senti confiança nele por tudo o que já tínhamos falado. Partilhávamos os mesmos valores e parecíamos realmente compatíveis. Ele era muito consciente e empático comigo. Isso fez com que eu confiasse nele. Quanto estás intimamente com alguém, significa ultrapassar uma barreira e, para mim, só faz sentido quando existe um compromisso. Não sabendo se esse compromisso seria possível, devido às circunstâncias, acabei por ter receio de me envolver emocionalmente. Hoje ainda mantemos o contacto, somos amigos. (...) Estou contente porque estamos a conhecer-nos e a apreciar as qualidades de cada um. Hoje em dia, é algo raro. Apenas o facto de vivermos em diferentes países e de estarmos em fases diferentes das nossas vidas, relacionadas com escolaridade, trabalho, etc., constituem

algumas barreiras. As palavras para descrever esta relação são: borboletas, surpreendente e maravilhoso. (Emma, 27 anos, solteira).

Os relatos contrastantes dos dois entrevistados espelham as diversas formas como a sexualidade e o romance são vividos durante as férias, podendo, em alguns casos, ser transportados para o cotidiano e resultar em relacionamentos mais duradouros. Outros relacionamentos duram apenas o tempo das férias e terminam com o regresso dos turistas ao meio de residência habitual. Em ambos os casos, assim como noutros depoimentos dos entrevistados, é possível observar que as experiências amorosas e sexuais tidas em contexto turístico, sejam de sexo *tout court* ou de namoro, são percebidas quase sempre como positivas e gratificantes.

Após a comparação da paisagem relacional das férias com a do cotidiano, e da demonstração da importância que o destino turístico exerce no enaltecimento dessas experiências, importa agora analisar a problemática do risco no contexto das práticas sexuais e de intimidade, pela relevância que os resultados podem assumir.

A Problemática do Risco no Contexto das Práticas Sexuais e de Intimidade

Um dos rumos dos jovens da atualidade tem sido em direção ao seu próprio corpo, através do culto da imagem, dos desafios aos limites das suas ações, da exploração dos sentidos e das sensações, procedimentos que são valorizados e intensificados pelos riscos físicos e sociais em que incorrem (Ferreira, 2011). Mais afastados que estão da lógica de contestação coletiva, característica de alguns movimentos juvenis do passado, as culturas juvenis contemporâneas assumem formas mais «mundanas», expressas sobretudo através da celebração do experimentalismo e do hedonismo que são quotidianamente operacionalizados através do corpo (Aboim, 2013; Ferreira, 2010a). O experimentalismo enquanto tentativa constante de desafiar o limite possível, mesmo que tal implique riscos, muitas vezes de vida, e o hedonismo como princípio do prazer, do gozo, da satisfação em torno do lúdico e do lazer, e como forma de viver intensamente o momento presente (Ferreira, 2011).

As práticas sexuais e de intimidade representam claramente os princípios de experimentalismo e hedonismo da modernidade avançada pelos quais se regem sobretudo os mais jovens. A importância que atribuem à sexualidade (Elzo, 2005) aumenta em função do valor que conferem ao prazer imediato e descomprometido (Bauman, 2005). Trata-se de mudanças profundas que ocorrem paralelamente a outras alterações na estrutura socioeconómica e que

são consistentes com sociedades que tendem para a liberalização dos costumes e que cedem cada vez mais às regulações éticas (Bauman, 2004, 2005).

Como vimos no capítulo anterior, os jovens são os que mais frequentemente praticam atividades sexuais, mudam de parceiro(a) no curto e no longo espaço de tempo, e interagem sexualmente com pessoas desconhecidas. Embora todos os grupos etários sejam propensos a práticas sexuais de risco, os jovens, pela maior atividade e rotação de parceiros que demonstram ter, são os mais vulneráveis aos comportamentos de risco na esfera da sexualidade.

A problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade assume grande relevância já que, do ponto de vista da epidemiologia, equivale normalmente à probabilidade de ocorrência de uma patologia, como é o caso da propagação de IST (Aboim, 2010b). Têm sido inúmeros os estudos desenvolvidos na tentativa de identificar os fatores responsáveis pelas diferenças observadas na incidência de IST, com particular destaque no que respeita ao VIH/SIDA, quer à escala global (Cleland & Ferry, 1995; Hubert, Bajos & Sandfort, 1998; Oster, 2005, entre outros) quer, invariavelmente, em contextos mais específicos como os destinos turísticos (Agrusa, 2003; Altman, 2008; Apostolopoulos *et al.*, 2002; Clift & Forrest, 1999; Cohen, 1988; Guilamo-Ramos *et al.*, 2013; Law, 2000, entre outros).

Alguns autores (Moatti, Hausser & Agrarotis, 1997; Stiles, & Kaplan, 2004) alertam para os limites preditivos dos modelos de análise orientados apenas para o indivíduo e para as suas escolhas comportamentais cognitivamente informadas (como a perceção do risco associado a certos comportamentos), assim como dos modelos centrados em coordenadas macrossociais (geração, classe social) e de pertença grupal (orientação e atração sexuais), quando utilizados de forma unidirecional (Aboim, 2012). Nesta ótica, ora do indivíduo, ora do coletivo, os elementos pertencentes à história sexual dos indivíduos têm sido considerados relevantes (Anderson & Gupta, 1990; Ferrand & Snijders, 1997; Leridon, Van Zessen & Hubert, 1998). Não obstante a sua importância, parece ser insuficiente medir apenas a idade de iniciação sexual ou

o número de parceiros sexuais ao longo do curso de vida. Muitos dos riscos associados à experiência sexual dependem do tipo de parceiro que se tem num determinado momento e, de forma mais abrangente, de toda a história sexual dos indivíduos (Aboim, 2012). Entendendo o risco como construção social ativada em situações de interação, a componente relacional da sexualidade não pode ser secundarizada, já que pode comportar um leque complexo de «comportamentos de risco»¹⁰⁴ (*Idem*).

À medida que os «comportamentos de risco» e mesmo as percepções do risco deixaram de estar consignados a segmentos populacionais considerados «marginais», e se constatou não só uma heterossexualização das infeções como o VIH/SIDA, mas também uma tendência para a vulnerabilização de populações dificilmente entendidas como grupos sociais homogéneos, houve necessidade de perceber os motivos que estão na base desta disseminação (Aboim, 2010b).

Esta pesquisa não tem por objetivo fornecer respostas definitivas, mas propõe analisar através de uma perspetiva relacional da sexualidade, quais são os aspetos mais relevantes para a compreensão dos potenciais riscos de disseminação de IST no Algarve. As respostas obtidas resultam do cruzamento de indicadores relacionados com a biografia sexual dos indivíduos, o acesso a informação sobre saúde sexual e reprodutiva, o acesso gratuito a preservativos, a predisposição para envolvimento sexuais múltiplos, o recurso a serviços de prostituição e a predisposição para ter relações sexuais desprotegidas (sem utilização de preservativo).

¹⁰⁴ Até por volta de 1982, falou-se de «grupos de risco» no que toca à infeção por VIH/SIDA, já que se considerava que os grupos mais vulneráveis à cadeia de transmissão seriam pessoas com comportamentos marginais ou considerados desviantes, como os homossexuais e os consumidores de drogas injetáveis (Treisman & Angelino, 2004). Uma segunda etapa acontece entre o período de 1985 e 1988, no qual se abandona o conceito de «grupos de risco», substituindo-o pelo conceito de «comportamentos de risco». Com esta nova formulação, entende-se que a infeção por VIH não é determinada por características populacionais, mas sim por comportamentos individuais que envolvem um maior risco de infeção. Mas também esta conceção se mostrou limitada por se centrar no indivíduo, não contemplando os determinantes sociais da infeção, que fazem com que ela se concentre em setores menos “empoderados” da sociedade, como os pobres, a população negra e as mulheres. O final da década de oitenta marca o início da terceira etapa que ocorre até aos dias de hoje. Esta etapa caracteriza-se pelo entendimento de que a avaliação do risco a que o indivíduo está sujeito (a sua vulnerabilidade à infeção) deve também levar em consideração as interações com os pares, os parceiros e o meio em que vive (Oliveira, 2014).

Adicionalmente, são considerados indicadores relacionados com o consumo de álcool e drogas que, como demonstram vários estudos (Brown & Stephan, 2013; Calafat *et al.*, 2009; Hesse & Tutenges, 2011; Josiam *et al.*, 1998; Kelly *et al.*, 2014; Mura & Khoo-Lattimore, 2013; Ryan & Martin, 2001; Sönmez *et al.*, 2006; Thomas, 2005; Uriely & Belhassen, 2006), estão associados a uma maior predisposição para a adoção de práticas sexuais de risco.

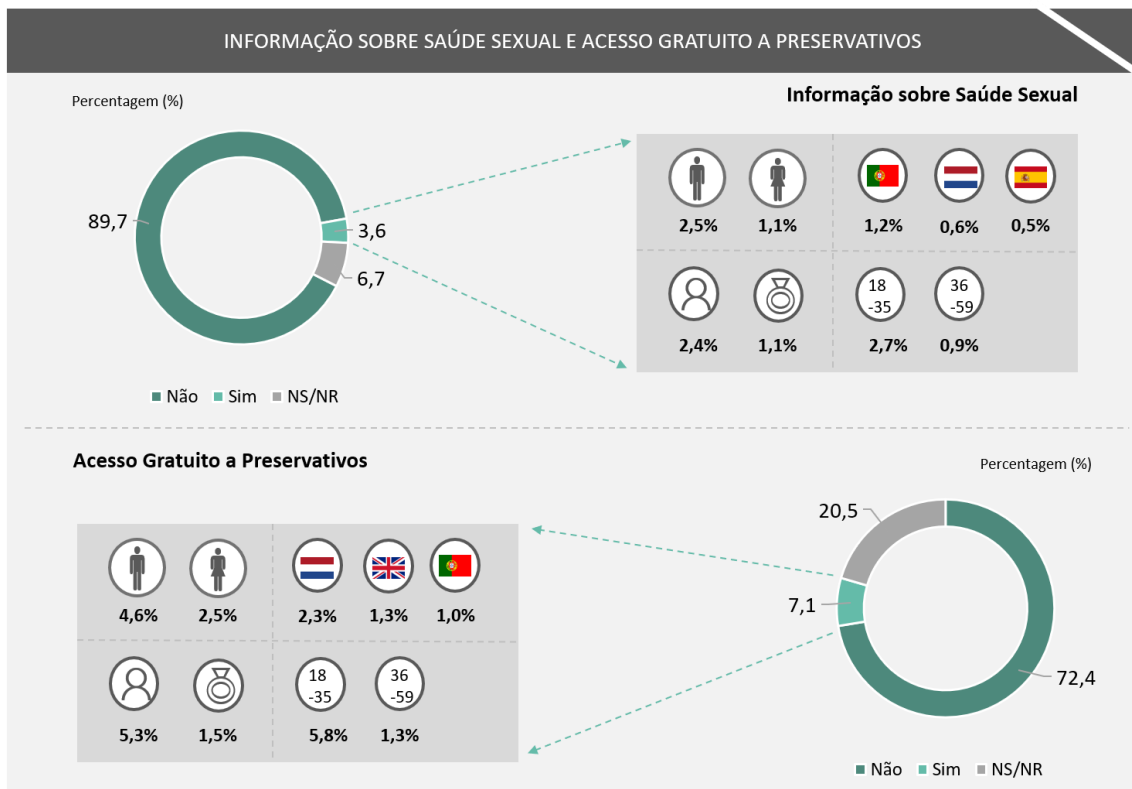
7.1 Informação sobre Saúde Sexual e Meios de Prevenção

A observação da Figura 7.1 permite constatar que a grande maioria dos turistas inquiridos não recebeu qualquer tipo de informação sobre saúde sexual e reprodutiva (89,7%), nem teve acesso a preservativos de forma gratuita (72,4%) durante o período em que esteve de férias no Algarve. De entre os poucos que tiveram acesso a informação sobre saúde sexual e reprodutiva (3,6%), a maioria pertence ao género masculino (2,5%) ($X^2 = 6,273$; $p = 0,043$), tem idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (2,7%) ($K-S = 0,948$; $p = 0,329$), é solteira (2,4%) ($X^2 = 46,902$; $p = 0,000$) e de nacionalidade portuguesa (1,2%) ($X^2 = 44,225$; $p = 0,000$). O facto de não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários, o que é indicado pelo teste de independência de Kolmogorov-Smirnov ($p > 0,05$), significa que não existe uma maior incidência na divulgação de informação entre as camadas mais jovens, as quais, como tivemos oportunidade de observar, são as mais propensas à adoção de comportamentos de risco. Conquanto possa existir essa preocupação, os resultados mostram que a informação não está a chegar aos destinatários.

De entre os que tiveram acesso gratuito a preservativos (7,1%), a maioria pertence também ao género masculino (4,6%) ($X^2 = 9,570$; $p = 0,008$), tem idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (5,8%) ($K-S = 1,693$; $p = 0,006$), é solteira (5,3%) ($X^2 = 59,336$; $p = 0,000$) e de nacionalidade holandesa (2,3%) ou britânica (1,3%) ($X^2 = 149,726$; $p = 0,000$). Ainda que os

resultados mostrem, através dos testes estatísticos realizados, uma maior distribuição de preservativos entre os jovens, revelam também as debilidades que a região ainda enfrenta nesta matéria. O número de turistas que têm acesso a informação e meios de prevenção contra a disseminação de IST é ainda muito reduzido. Revela-se, por isso, a necessidade premente de um maior investimento nos serviços de saúde, informação e aconselhamento que atendam às necessidades dos turistas que visitam a região.

Figura 7.1 – Informação sobre Saúde Sexual e Acesso Gratuito a Preservativos no Algarve



Fonte: Elaboração própria.

Quando comparados os resultados desta pesquisa com outras realizadas anteriormente, verifica-se que em Ibiza (Espanha), por exemplo, 12,6% dos homens e 15,8% das mulheres inquiridas (n = 1.559), receberam informação sobre saúde sexual durante as férias na ilha (Bellis *et al.*, 2004). Sublinha-se que se tratam de resultados bastante anteriores aos nossos e que,

ainda assim, revelam uma maior divulgação de informação junto dos turistas. Outro estudo realizado com estudantes americanos em viagem de finalistas revelou que, no total de inquiridos (n = 534), 62,7% dos rapazes e 53,2% das raparigas afirmaram ter tido acesso gratuito a preservativos (Apostolopoulos *et al.*, 2002), percentagens que são bastante superiores às apuradas neste estudo.

Estes resultados clamam por análises mais detalhadas que ajudem a compreender os riscos potenciais associados à falta de informação sobre saúde sexual e reprodutiva e ao acesso gratuito a meios de prevenção contra IST durante as férias no Algarve.

7.2 Biografias Sexuais e Comportamentos de Risco

Uma das análises implica o cruzamento entre a idade de iniciação sexual, o número de parceiros sexuais ao longo da vida e o número de parceiros sexuais no Algarve, de forma a incluir as biografias sexuais dos indivíduos e o modo como elas se relacionam com os comportamentos adotados no destino turístico (Figura 7.2).

A matriz de correlações expressa na Figura 7.2¹⁰⁵ reforça a existência de padrões distintos de resposta segundo o género dos inquiridos, assim como uma tendência para manter a rotação de parceiros em férias entre aqueles que são adeptos deste comportamento no quotidiano. Além disso, e como se afirmou anteriormente, quanto mais precoce é a idade com que se inicia a vida sexual, maior é a tendência para acumular parceiros ao longo da vida (Ferreira, 2010c).

¹⁰⁵ No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com o género dos respondentes, foram analisadas 838 respostas válidas. No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo o género dos respondentes, foram analisadas 575 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Figura 7.2 – Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género

IDADE PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA X PARCEIROS NO ALGARVE*															
Parceiros sexuais ao longo da vida															
Género		Feminino ($\rho = -0,203$; $p = 0,000$)						Masculino ($\rho = -0,315$; $p = 0,000$)							
		1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL	1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	2,3	7,4	3,2	1,4	--	0,2	14,5	1,2	6,5	5,2	5,2	2,5	7,7	28,3
	16 anos	3,7	9,7	4,4	1,8	0,2	1,1	20,9	3,2	7,2	6,0	4,7	1,5	2,7	25,3
	17 anos	2,5	9,0	3,4	1,8	0,5	1,2	18,4	2,0	8,9	2,0	2,7	1,5	1,5	18,6
	> 18 anos	16,3	20,2	6,0	2,8	0,2	0,7	46,2	5,8	10,4	6,9	2,0	1,0	1,7	27,8
	TOTAL	24,8	46,3	17,0	7,8	0,9	3,2	100,0	12,2	33,0	20,1	14,6	6,5	13,6	100,0
Parceiros sexuais no Algarve															
Género		Feminino ($\rho = 0,060$; $p = 0,203$)				Masculino ($\rho = -0,053$; $p = 0,284$)									
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL						
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	11,6	0,3	--	11,9	24,9	2,5	2,8	30,2						
	16 anos	20,7	0,7	1,1	22,5	19,9	2,1	1,8	23,8						
	17 anos	17,0	0,7	0,3	18,0	16,0	1,8	0,4	18,2						
	> 18 anos	47,3	--	0,3	47,6	25,3	1,8	0,7	27,8						
	TOTAL	96,6	1,7	1,7	100,0	86,1	8,2	5,7	100,0						

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Em concreto, a matriz de correlações permite identificar que os homens iniciam a vida sexual mais cedo do que as mulheres, com 28,3% dos homens a admitirem ter a primeira relação sexual antes dos 15 anos, enquanto 46,2% das mulheres o fazem apenas aos 18 ou mais anos de idade. Depois, os homens tendem a acumular mais parceiros(as) ao longo da vida, com 13,6% dos homens ($\rho = -0,315$; $p = 0,000$) e apenas 3,2% das mulheres ($\rho = -0,203$; $p = 0,000$) a assumirem ter tido mais de 31 parceiros(as) durante o curso de vida. Esta evidência pode estar relacionada com o facto de os homens começarem a vida sexual mais cedo e, a partir daí, acumularem mais parceiros(as) do que as mulheres. À escala individual, o número de parceiros sexuais só pode aumentar ao longo do tempo e, quanto mais cedo se inicia a vida sexual, maior é a probabilidade de esse número crescer. Dos 13,6% de inquiridos masculinos que admitem ter tido mais de 31 parceiros ao longo da vida, mais de metade (7,7%) iniciou a vida sexual com

idades iguais ou inferiores a 15 anos. Os valores negativos dos coeficientes de correlação Ró de Spearman, atestam que, embora se tratem de associações lineares baixas, as variáveis variam em sentido contrário, isto é, o aumento do número de parceiros sexuais ao longo da vida está associado a idades de iniciação sexual menores, sendo que essa associação é ligeiramente superior no caso masculino.

Os resultados mostram ainda que a rotação de parceiros durante o período de férias no Algarve é tendencialmente superior entre os homens, em concreto, entre aqueles que iniciaram a vida sexual mais cedo. Do total de inquiridos masculinos, 13,9% admitem ter tido relações sexuais com mais de dois parceiros(as) no Algarve, contra apenas 3,4% das mulheres com o mesmo comportamento. De entre os homens que referem mais de dois parceiros(as) sexuais em férias, mais de um terço (5,3%) teve a primeira relação sexual até aos 15 anos. Entre as mulheres com maior rotação sexual em férias, a maioria (3,1%) iniciou a vida sexual aos 16 ou mais anos de idade. No entanto, os níveis de significância associados aos coeficientes de correlação Ró de Spearman indicam a não existência de associações lineares entre as variáveis ($p > 0,05$) e os valores dos testes encontram-se próximos de zero. Significa que não é viável assumir que o número de parceiros sexuais no Algarve seja proporcionalmente inverso à idade de iniciação sexual, ao contrário do que se verificou para o número de parceiros sexuais ao longo da vida.

Uma análise por grupo etário (Figura 7.3)¹⁰⁶ revela também diferenças que importa considerar. No que respeita ao número de parceiros acumulados ao longo da vida, os coeficientes de correlação Ró de Spearman indicam a existência de correlações negativas

¹⁰⁶ No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com o grupo etário dos respondentes, foram analisadas 832 respostas válidas. No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo o grupo etário dos respondentes, foram analisadas 571 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

moderadas e baixas ($p < 0,05$) com a idade de iniciação sexual, nos adultos ($p = -0,399$; $p = 0,000$) e nos jovens ($p = -0,220$; $p = 0,000$). A associação entre as variáveis é mais forte nos adultos e o facto de ser negativa significa que os aumentos numa variável (neste caso, o número de parceiros sexuais ao longo da vida) estão associados, em média, a diminuições na outra variável (neste caso, na idade de iniciação sexual). Este resultado comprova que são sobretudo os adultos, com idades entre os 36 e os 59 anos, a acumular o maior número de parceiros durante o curso de vida, aspeto que está diretamente relacionado com a idade, tendencialmente mais precoce, com que têm a primeira relação sexual. O facto de iniciarem a vida sexual mais cedo, acentua a probabilidade de virem a relacionar-se intimamente com mais parceiros (Ferreira, 2010c). Note-se que são sobretudo os adultos a admitirem ter-se relacionado com 31 ou mais parceiros ao longo da vida (10,5%), enquanto apenas 7,3% dos jovens e 3,4% dos seniores declaram o mesmo número de parceiros. Contudo, convém sublinhar que não significa que os jovens, quando atingirem idades superiores, não venham suplantar os atuais adultos no que toca à acumulação de parceiros. As tendências apontam, de resto, nesse sentido, à medida que se diminui a idade de iniciação sexual e existe um acesso mais generalizado aos métodos contraceptivos (Aboim, 2013; Bozon, 2003; Ferreira, 2010b; Giddens, 1992).

Relativamente ao número de parceiros sexuais no Algarve, os testes estatísticos indicam a existência de uma correlação linear negativa muito baixa, porém significativa, com a idade de iniciação sexual, nos jovens ($p = -0,154$; $p = 0,009$). Os jovens são efetivamente o grupo com mais parceiros sexuais durante as férias no Algarve (5,5% admitem ter-se envolvido sexualmente com mais de seis parceiros). Destes, a maioria, iniciou a vida sexual aos 16 anos (2,8%) ou até aos 15 anos (2,1%). Nos outros grupos etários, não se verificam correlações significativas do ponto de vista estatístico entre o número de parceiros sexuais no Algarve e a idade de iniciação sexual ($p > 0,05$). Não há, por isso, evidência científica de que, entre os adultos e os seniores, exista maior rotação de parceiros em tempo de férias pelo facto de terem iniciado a vida sexual mais cedo, como no caso dos jovens.

Figura 7.3 – Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário

IDADE PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA X PARCEIROS NO ALGARVE*																						
Género		Parceiros sexuais ao longo da vida																				
		Jovens (18 – 35 anos), ($\rho = -0,220$; $p = 0,000$)						Adultos (36 – 59 anos), ($\rho = -0,399$; $p = 0,000$)						Seniores (60 ou mais anos), ($\rho = -0,194$; $p = 0,313$)								
		1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	2,2	9,1	5,1	3,4	1,6	3,0	24,4	1,0	3,6	2,6	3,3	0,6	5,2	16,3	3,5	6,9	6,9	--	--	3,4	20,7
	16 anos	3,8	10,1	4,8	3,2	1,2	2,1	25,2	2,9	6,8	5,5	3,6	0,3	2,1	21,2	3,4	--	3,5	--	--	--	6,9
	17 anos	1,8	10,5	2,4	2,9	1,2	1,0	19,8	2,9	7,5	3,3	1,6	0,7	1,9	17,9	--	--	3,4	--	--	--	3,4
	> 18 anos	7,5	14,3	4,6	2,8	0,2	1,2	30,6	15,3	17,3	8,1	1,6	1,0	1,3	44,6	27,6	17,2	17,2	3,5	3,5	--	69,0
	TOTAL	15,3	44,0	16,9	12,3	4,2	7,3	100,0	22,1	35,2	19,5	10,1	2,6	10,5	100,0	34,5	24,1	31,0	3,5	3,5	3,4	100,0
Género		Parceiros sexuais no Algarve																				
		Jovens (18 – 35 anos), ($\rho = -0,154$; $p = 0,009$)				Adultos (36 – 59 anos), ($\rho = -0,096$; $p = 0,122$)				Seniores (60 ou mais anos), ($\rho = 0,188$; $p = 0,413$)												
		1	2-5	>6	TOTAL	1	2-5	>6	TOTAL	1	2-5	>6	TOTAL									
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	19,6	2,1	2,1	23,8	15,4	0,8	0,7	16,9	33,3	--	--	33,3									
	16 anos	20,7	2,7	2,8	26,2	21,5	--	--	21,5	4,8	--	--	4,8									
	17 anos	16,6	2,4	0,3	19,3	17,7	--	0,4	18,1	4,8	--	--	4,8									
	> 18 anos	29,0	1,4	0,3	30,7	42,7	--	0,8	43,5	52,3	4,8	--	57,1									
	TOTAL	85,9	8,6	5,5	100,0	97,3	0,8	1,9	100,0	95,2	4,8	--	100,0									

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

A mesma análise, por nacionalidade (Figura 7.4)¹⁰⁷, indica que existem correlações significativas no caso dos turistas portugueses, espanhóis e britânicos ($p < 0,05$). Os valores dos coeficientes de correlação Ró de Spearman são negativos e moderados no caso dos espanhóis ($\rho = -0,356$) e dos portugueses ($\rho = -0,349$), e negativos fracos no caso dos britânicos ($\rho = -0,294$). Significa que é entre os espanhóis e os portugueses que existe uma maior associação linear entre as variáveis, que variam em sentido oposto, isto é, a maiores números de parceiros acumulados ao longo da vida, correspondem, em média, idades menores de iniciação sexual. De facto, 15,7% dos espanhóis e 9,9% dos portugueses que tiveram mais de seis parceiros sexuais ao longo da vida, iniciaram a vida sexual até aos 15 anos de idade. Os britânicos e os irlandeses são os

¹⁰⁷ No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com a nacionalidade dos respondentes, foram analisadas 738 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas e todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

indivíduos com mais parceiros ao longo da vida: 12,5% e 16,1%, respetivamente, admitem que já se relacionaram sexualmente com mais de 31 parceiros. No entanto, tendem a iniciar a vida sexual mais tarde, por volta dos 18 anos (31,5% e 42,0%, respetivamente). Esta tendência revela que os relacionamentos dos britânicos e dos irlandeses tendem a ser de curta duração, já que acumulam mais parceiros em menos tempo. Já os holandeses e os espanhóis são os que iniciam a vida sexual mais cedo, até aos 15 anos de idade (30,6% e 24,3%, respetivamente), mas não sendo os que mais mudam de parceiro, revelam tendência para manter relacionamentos mais duradouros. Ainda assim, os alemães destacam-se por iniciarem a vida sexual mais tarde, com 18 ou mais anos de idade (34,9%), sendo o grupo que tende a acumular menos parceiros ao longo da vida (79,1% teve até dez parceiros).

Figura 7.4 – Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual e o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade

		IDADE PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA*																							
		Parceiros sexuais ao longo da vida																							
Nacionalidade		Portuguesa ($\rho = -0,349$; $p = 0,000$)							Alemã ($\rho = -0,220$; $p = 0,156$)							Espanhola ($\rho = -0,356$; $p = 0,002$)									
		1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL			
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	2,2	7,5	3,6	1,9	1,4	3,0	19,6	4,7	4,7	2,2	7,0	--	2,3	20,9	--	8,6	5,7	4,3	1,4	4,3	24,3			
	16 anos	2,8	8,6	4,2	3,0	0,8	1,4	20,8	2,3	11,6	7,0	2,3	--	2,4	25,6	7,2	10,0	1,4	2,9	1,4	--	22,9			
	17 anos	3,9	9,7	2,8	2,2	0,8	0,3	19,7	2,3	9,3	4,7	--	--	2,3	18,6	1,4	10,0	2,9	--	1,4	1,4	17,1			
	> 18 anos	15,5	17,4	3,9	1,4	--	1,7	39,9	11,6	11,6	7,1	2,3	2,3	--	34,9	11,4	17,1	4,3	1,4	0,1	1,4	35,7			
	TOTAL	24,4	43,2	14,5	8,5	3,0	6,4	100,0	20,9	37,2	21,0	11,6	2,3	7,0	100,0	20,0	45,7	14,3	8,6	4,3	7,1	100,0			
Nacionalidade		Irlandesa ($\rho = 0,049$; $p = 0,793$)							Holandesa ($\rho = -0,240$; $p = 0,097$)							Britânica ($\rho = -0,294$; $p = 0,000$)									
		1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	>31	TOTAL			
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	--	3,2	3,2	3,2	--	3,2	12,8	--	18,4	6,1	2,0	--	4,1	30,6	1,1	4,9	6,0	3,8	1,6	5,4	22,8			
	16 anos	--	9,7	6,5	--	--	--	16,2	10,2	8,2	6,1	6,2	--	2,0	32,7	2,7	8,2	6,0	4,3	1,6	4,9	27,7			
	17 anos	3,2	6,4	6,5	3,2	3,2	6,5	29,0	--	6,1	--	2,0	--	2,1	10,2	1,1	7,6	3,8	2,2	1,1	2,2	18,0			
	> 18 anos	6,5	6,5	12,8	3,3	6,5	6,4	42,0	10,2	10,2	4,1	2,0	--	--	26,5	3,8	14,1	8,7	4,4	0,5	--	31,5			
	TOTAL	9,7	25,8	29,0	9,7	9,7	16,1	100,0	20,4	42,9	16,3	12,2	--	8,2	100,0	8,7	34,8	24,5	14,7	4,8	12,5	100,0			

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

O número de parceiros sexuais no Algarve cruzado com a idade de iniciação sexual, de acordo com a nacionalidade (Figura 7.5)¹⁰⁸, mostra que existem correlações significativas no caso dos turistas portugueses e espanhóis, sendo a correlação mais forte entre os espanhóis ($\rho = -0,380$; $p = 0,029$). Os valores negativos dos coeficientes de correlação Ró de Spearman indicam que as variáveis variam também em sentido contrário, isto é, a maiores números de parceiros sexuais no Algarve correspondem, em média, idades de iniciação sexual inferiores.

Figura 7.5 – Matriz de Correlações entre a Idade da Primeira Relação Sexual e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade

IDADE PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL X PARCEIROS NO ALGARVE*													
Parceiros sexuais no Algarve													
Nacionalidade		Portuguesa ($\rho = -0,173$; $p = 0,007$)				Alemã ($\rho = -0,064$; $p = 0,696$)				Espanhola ($\rho = -0,380$; $p = 0,029$)			
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	17,6	1,2	1,2	20,0	20,0	2,5	--	22,5	6,1	3,0	9,1	18,2
	16 anos	17,6	2,5	1,2	21,3	27,5	--	--	27,5	12,1	--	3,1	15,2
	17 anos	17,6	0,8	0,5	18,9	15,0	5,0	--	20,0	18,2	3,0	--	21,2
	> 18 anos	38,6	1,2	--	39,7	30,0	--	--	30,0	39,4	3,0	3,0	45,4
	TOTAL	91,4	5,7	2,9	100,0	92,5	7,5	--	100,0	75,8	9,0	15,2	100,0
Nacionalidade		Irlandesa (**)				Holandesa ($\rho = -0,292$; $p = 0,212$)				Britânica ($\rho = -0,115$; $p = 0,173$)			
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL
Idade da primeira relação sexual (em escalões)	< 15 anos	17,4	--	--	17,4	20,0	10,0	--	30,0	18,9	0,7	1,4	21,0
	16 anos	21,7	--	--	21,7	15,0	5,0	5,0	25,0	26,6	0,7	1,4	28,7
	17 anos	21,7	--	--	21,7	10,0	5,0	--	15,0	16,8	0,7	0,7	18,2
	> 18 anos	39,2	--	--	39,2	30,0	--	--	30,0	31,4	--	0,7	32,1
	TOTAL	100,0	--	--	100,0	75,0	20,0	5,0	100,0	93,7	2,1	4,2	100,0

* Valores em percentagem (%).
 ** Não pode ser calculado porque pelo menos uma das variáveis é constante.

Fonte: Elaboração própria.

¹⁰⁸ No cruzamento entre a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros sexuais no Algarve, de acordo com a nacionalidade dos respondentes, foram analisadas 503 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Efetivamente os espanhóis são os que admitem ter mais parceiros sexuais no Algarve (15,2% com mais de seis parceiros) e destes, mais de metade teve a sua primeira relação sexual até aos 15 anos de idade (9,1%). Os portugueses demonstram menos propensão para ter vários parceiros sexuais durante as férias, com apenas 2,9% a admitirem mais de seis parceiros e destes, somente 1,2% tiveram a primeira experiência sexual antes dos 15 anos. Nas outras nacionalidades não se verificam correlações significativas entre as variáveis ($p > 0,05$).

Quando se cruza o número de parceiros sexuais ao longo da vida e no Algarve com a tipologia das trajetórias sexuais, segundo o género dos respondentes (Figura 7.6)¹⁰⁹, observam-se novamente padrões de resposta distintos ($p = 0,000$), assim como a permeabilidade dos relacionamentos e dos rótulos que se lhes aplicam (Goffman, 2004 [1963]).

No que respeita ao número de parceiros sexuais ao longo da vida, os testes de independência do Qui-Quadrado indicam relações de dependência fortes com a tipologia das trajetórias sexuais em ambos os géneros ($p = 0,000$) mas, com especial incidência, no caso das mulheres ($X^2 = 449,809$). A grande maioria das mulheres teve entre dois a cinco parceiros ao longo da vida (46,3%) e insere-se na categoria de *um só parceiro atual, multiparceiro antes* (63,2%). A maioria dos homens também teve entre dois a cinco parceiros ao longo da vida (32,3%) e insere-se na categoria de *um só parceiro atual, multiparceiro antes* (64,5%). Contudo, a diferença no comportamento de homens e mulheres acentua-se nos escalões com mais de 20 parceiros ao longo da vida e na tipologia de *multiparceiro convencional*: 20,2% dos homens (contra 4,0% das mulheres) admitem ter-se relacionado com mais de 20 parceiros ao longo da

¹⁰⁹ No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com o género dos respondentes, foram analisadas 876 respostas válidas. No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo o género dos respondentes, foram analisadas 591 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

vida, e 20,1% dos homens (contra 7,8% das mulheres) inserem-se na categoria de *multiparceiro convencional*. A rotação de parceiros é, portanto, muito superior entre os homens.

Figura 7.6 – Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Género

TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA X PARCEIROS NO ALGARVE*															
Parceiros sexuais ao longo da vida															
Género		Feminino ($\chi^2 = 449,809; p = 0,000$)						Masculino ($\chi^2 = 439,919; p = 0,000$)							
		1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL	1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	1,8	2,7	1,1	0,9	--	0,2	6,7	0,9	2,1	0,7	0,2	0,5	--	4,4
	Um só parceiro ao longo da vida	22,3	--	--	--	--	--	22,3	11,0	--	--	--	--	--	11,0
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	--	41,4	12,2	6,9	0,9	1,8	63,2	--	26,5	15,5	11,7	2,6	8,2	64,5
	Multiparceiro convencional	--	2,2	2,9	1,6	--	1,1	7,8	--	3,7	4,7	2,8	3,0	5,9	20,1
	TOTAL	24,1	46,3	16,2	9,4	0,9	3,1	100,0	11,9	32,3	20,8	14,8	6,1	14,1	100,0
Parceiros sexuais no Algarve															
Género		Feminino ($\chi^2 = 52,377; p = 0,000$)				Masculino ($\chi^2 = 94,553; p = 0,000$)									
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL						
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	0,7	--	--	0,7	0,7	0,7	0,3	1,7						
	Um só parceiro ao longo da vida	25,3	--	--	25,3	11,0	--	0,3	11,3						
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	66,7	1,0	1,0	68,7	65,3	2,4	1,4	69,1						
	Multiparceiro convencional	3,3	0,7	1,3	5,3	7,9	5,2	4,8	17,9						
	TOTAL	96,0	1,7	2,3	100,0	84,9	8,3	6,8	100,0						

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

No que respeita ao número de parceiros sexuais durante as férias no Algarve, os testes de independência do Qui-Quadrado revelam também relações de dependência com a tipologia das trajetórias sexuais em ambos os géneros ($p = 0,000$) mas, com particular destaque, no caso dos homens ($\chi^2 = 94,553$). No seguimento dos comportamentos adotados no quotidiano, também em férias, são os homens a manifestar ter mais parceiros sexuais: 15,1% com mais de dois parceiros no Algarve, enquanto apenas 4,0% das mulheres admitem ter mais de dois parceiros.

Por apresentarem maior rotação de parceiros, são também mais os homens (17,9%) do que as mulheres (5,3%) a encaixarem-se na tipologia de *multiparceiro convencional*.

Contudo, outros resultados sobressaem na análise. Veja-se o exemplo dos indivíduos que se enquadram na categoria de *celibatários atuais, mas com parceiro ou multiparceiro antes*. O celibato é entendido, neste caso, como a ausência de parceiro «fixo», já que 0,7% das mulheres e 1,7% dos homens pertencentes a este perfil relacional admitem que tiveram pelo menos um parceiro sexual durante as férias no Algarve (0,3% dos homens afirmam, inclusive, ter tido mais de seis parceiros sexuais).

No caso dos indivíduos que se enquadram no perfil de *um só parceiro ao longo da vida*, 25,3% das mulheres e 11,0% dos homens admitem que só se relacionaram sexualmente com um(a) parceiro(a) no Algarve, correspondendo, muito provavelmente ao parceiro(a) que mantêm no quotidiano. No entanto, 0,3% dos homens pertencentes a esta tipologia admitem ter-se relacionado com mais de seis parceiros(as) no Algarve, sendo possível afirmar que o(a) único(a) parceiro(a) ao longo da vida tratar-se-á do(a) parceiro(a) «fixo(a)» e todos os(as) outros(as) serão relações ocasionais, sem comprometimento afetivo.

No caso dos indivíduos que se enquadram na tipologia de *um só parceiro atual, multiparceiro antes*, a maioria refere que efetivamente só teve um(a) parceiro(a) sexual no Algarve (66,7% das mulheres e 65,3% dos homens). Todavia, 2,0% das mulheres e 3,8% dos homens pertencentes a esta tipologia admitem que tiveram mais de dois parceiros(as) sexuais no Algarve, sendo que esses parceiros corresponderão igualmente a relacionamentos ocasionais.

No caso dos indivíduos *multiparceiros convencionais*, eles são de facto os que mais mudam de parceiro(a), no quotidiano e em férias. Todavia, importa sublinhar que 3,3% das mulheres e 7,9% dos homens pertencentes a esta tipologia, admitem ter-se relacionado com

apenas um(a) parceiro(a) sexual no Algarve, o que revela que as férias também podem funcionar como uma espécie de «freio» dos comportamentos rotativos. Seja porque a disponibilidade de tempo é menor quando comparada com o quotidiano, seja porque a possibilidade de encontrar novos parceiros num curto espaço de tempo é também menor, ou simplesmente porque alguns turistas preferem aproveitar a estadia no Algarve para realizar outras atividades que não as exclusivamente sexuais, certo é que, para alguns indivíduos, as férias fora de casa também contribuem para refrear a alternância de parceiros. Ainda assim, é revelante notar que, para muitos, as férias contribuem para manter os comportamentos rotativos do quotidiano e, quiçá, aumentá-los, aspeto que poderá ser preocupante do ponto de vista da disseminação de IST.

A mesma análise por grupo etário (Figura 7.7)¹¹⁰ mostra que os jovens e os adultos são os que mais mudam de parceiro ao longo da vida (12,0% e 12,3%, respetivamente, com mais de 20 parceiros). No caso dos jovens, a maior alternância entre parceiros dá-se nos indivíduos pertencentes à tipologia *multiparceiro convencional* (6,8% com mais de 20 parceiros), enquanto nos adultos a rotatividade é superior entre os indivíduos pertencentes à tipologia de *um só parceiro atual, multiparceiro antes* (9,9% com mais de 20 parceiros). Os valores elevados dos testes do Qui-Quadrado e os seus níveis de significância ($p = 0,000$) comprovam a forte relação de dependência entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida. No caso dos seniores e, pese embora, exista também uma relação de dependência entre as variáveis ($p = 0,000$), trata-se de uma relação mais moderada quando comparada com os escalões etários inferiores. A maioria dos seniores enquadra-se na tipologia de *um só parceiro atual, multiparceiro antes* (57,7%) e destes, 26,9% tiveram entre seis a dez parceiros e 23,1%

¹¹⁰ No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com o grupo etário dos respondentes, foram analisadas 866 respostas válidas. No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo o grupo etário dos respondentes, foram analisadas 586 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

entre dois a cinco parceiros ao longo da vida. Muitos (26,9%) tiveram apenas *um único parceiro sexual ao longo da vida*, aspeto marcante da geração a que pertencem e dos quadros normativos que influenciam o exercício dos relacionamentos nessa mesma geração (Ferreira, 2010b).

Figura 7.7 – Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais, o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo o Grupo Etário

TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA X PARCEIROS NO ALGARVE*																						
Parceiros sexuais ao longo da vida																						
Grupo Etário	Jovens (18 – 35 anos), ($\chi^2 = 524,770$; $p = 0,000$)							Adultos (36 – 59 anos), ($\chi^2 = 347,041$; $p = 0,000$)							Seniores (60 ou mais anos), ($\chi^2 = 54,786$; $p = 0,000$)							
	1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL	1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL	1	2 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	> 31	TOTAL	
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	2,2	3,3	1,0	0,8	0,4	--	7,7	0,3	0,9	0,6	--	--	0,3	2,1	--	3,8	3,9	3,8	--	--	11,5
	Um só parceiro ao longo da vida	12,6	--	--	--	--	--	12,6	21,7	--	--	--	--	--	21,7	26,9	--	--	--	--	--	26,9
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	--	36,0	10,2	8,3	1,8	3,0	59,3	0,1	32,8	17,8	11,1	1,8	8,1	71,7	--	23,1	26,9	3,9	--	3,8	57,7
	Multiparceiro convencional	--	4,6	5,9	3,1	1,9	4,9	20,4	--	0,6	0,9	0,9	0,6	1,5	4,5	--	--	--	--	3,9	--	3,9
	TOTAL	14,8	43,9	17,1	12,2	4,1	7,9	100,0	22,1	34,3	19,3	12,0	2,4	9,9	100,0	26,9	26,9	30,8	7,7	3,9	3,8	100,0
Parceiros sexuais no Algarve																						
Grupo Etário	Jovens (18 – 35 anos), ($\chi^2 = 89,784$; $p = 0,000$)				Adultos (36 – 59 anos), ($\chi^2 = 51,783$; $p = 0,000$)				Seniores (60 ou mais anos), ($\chi^2 = 0,674$; $p = 0,714$)													
	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL										
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	1,0	0,7	0,3	2,0	0,4	--	--	0,4	--	--	--	0,4									
	Um só parceiro ao longo da vida	11,8	--	0,3	12,1	24,0	--	--	24,0	33,3	--	--	33,3									
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	62,6	2,4	1,3	66,3	70,5	0,7	1,1	72,3	55,5	5,6	--	61,1									
	Multiparceiro convencional	9,1	5,4	5,1	19,6	1,8	0,4	1,1	3,3	5,6	--	--	5,6									
	TOTAL	84,5	8,5	7,0	100,0	96,7	1,1	2,2	100,0	94,4	5,6	--	100,0									

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

Em tempo de férias e, pelos motivos expostos, a rotação de parceiros é muito reduzida entre os seniores ($\chi^2 = 0,674$; $p = 0,714$). A grande maioria declara ter tido apenas um parceiro sexual no Algarve (94,4%), sendo que destes, 55,5% inserem-se na tipologia de *um só parceiro atual, multiparceiro antes* e 33,3% na tipologia de *um só parceiro ao longo da vida*.

Em sentido inverso, nos jovens, o nível de dependência entre as variáveis é bastante superior ($\chi^2 = 89,784$; $p = 0,000$): 15,5% dos jovens declaram ter tido mais de dois parceiros sexuais no Algarve e destes, a grande maioria insere-se na tipologia de *multipartceiro convencional* (10,5%). Nos adultos, ainda que também se verifique uma relação de dependência entre as variáveis ($\chi^2 = 51,783$; $p = 0,000$), a força da dependência é menor quando comparada com os jovens. No caso dos adultos, a rotação de parceiros em tempo de férias é também menor: apenas 3,3% declaram ter tido mais de dois parceiros sexuais no Algarve e destes, 1,8% inserem-se na tipologia de *um só parceiro atual, multipartceiro antes* e 1,5% na tipologia de *multipartceiro convencional*.

Por nacionalidade (Figura 7.8)¹¹¹, também se observam relações de dependência significativas entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida ($p = 0,000$ em todas as nacionalidades): a maior rotação de parceiros (por exemplo, mais de 31) está normalmente associada à tipologia de *multipartceiro convencional* e de *um só parceiro atual, multipartceiro antes*. As nacionalidades que mais se destacam pela alternância de parceiros são a britânica, a irlandesa e a espanhola (11,8%, 10,9% e 9,3%, respetivamente, com mais de 31 parceiros sexuais ao longo da vida).

A menor alternância de parceiros verifica-se sobretudo entre os portugueses, os alemães e os holandeses (23,2%, 20,0% e 20,0%, respetivamente, com apenas um parceiro sexual ao longo da vida). Destes, a maioria (21,5%, 17,8% e 16,0%, respetivamente) mantinha o mesmo parceiro no momento da inquirição, o que revela uma propensão para manter relacionamentos duradouros.

¹¹¹ No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida, de acordo com a nacionalidade dos respondentes, foram analisadas 730 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas e todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Figura 7.8 – Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e o Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida, segundo a Nacionalidade

TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS X PARCEIROS AO LONGO DA VIDA*																						
Parceiros sexuais ao longo da vida																						
Nacionalidade		Portuguesa ($\chi^2 = 423,255$; $p = 0,000$)						Alemã ($\chi^2 = 55,636$; $p = 0,000$)						Espanhola ($\chi^2 = 88,942$; $p = 0,000$)								
		1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	1,7	2,8	0,5	0,6	0,3	--	5,9	2,2	--	--	--	--	--	2,2	2,7	--	1,3	--	--	--	4,0
	Um só parceiro ao longo da vida	21,5	--	--	--	--	--	21,5	17,8	--	--	--	--	--	17,8	16,0	--	--	--	--	--	16,0
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	--	38,5	10,9	6,1	0,6	2,5	58,6	--	37,8	20,0	6,7	2,2	6,6	73,3	--	42,7	6,7	5,3	2,7	2,6	60,0
	Multiparceiro convencional	--	2,3	4,2	1,7	2,2	3,6	14,0	--	--	2,2	4,4	--	0,1	6,7	--	5,3	4,0	2,7	1,3	6,7	20,0
	TOTAL	23,2	43,6	15,6	8,4	3,1	6,1	100,0	20,0	37,8	22,2	11,1	2,2	6,7	100,0	18,7	48,0	12,0	8,0	4,0	9,3	100,0
	Nacionalidade		Irlandesa ($\chi^2 = 46,044$; $p = 0,000$)						Holandesa ($\chi^2 = 49,526$; $p = 0,000$)						Britânica ($\chi^2 = 205,884$; $p = 0,000$)							
		1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL	1	2-5	6-10	11-20	21-30	> 31	TOTAL
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	--	--	--	--	--	--	--	4,0	6,0	--	2,0	--	--	12,0	0,5	0,5	2,5	0,5	0,5	0,5	5,0
	Um só parceiro ao longo da vida	13,5	--	--	--	--	--	13,5	16,0	--	--	--	--	--	16,0	9,4	--	--	--	--	--	9,4
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	--	24,3	27,0	16,2	5,4	8,2	81,1	--	26,0	8,0	10,0	--	2,0	46,0	--	30,2	18,8	12,8	3,0	8,4	73,2
	Multiparceiro convencional	--	--	--	--	2,7	2,7	5,4	--	8,0	8,0	4,0	--	6,0	26,0	--	2,5	2,5	3,5	1,0	2,9	12,4
	TOTAL	13,5	24,3	27,0	16,2	8,1	10,9	100,0	20,0	40,0	16,0	16,0	--	8,0	100,0	9,9	33,2	23,8	16,8	4,5	11,8	100,0

* Valores em percentagem (%).

Fonte: Elaboração própria.

O cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais no Algarve, segundo a nacionalidade (Figura 7.9)¹¹², mostra relações de dependência em todas as nacionalidades, exceto na holandesa ($\chi^2 = 4,911$; $p = 0,555$) e na irlandesa (neste caso, o teste de independência do Qui-Quadrado não pôde ser calculado porque o número de parceiros sexuais no Algarve foi contante – apenas um parceiro).

¹¹² No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e o número de parceiros sexuais no Algarve, de acordo com a nacionalidade dos respondentes, foram analisadas 516 respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, todos os que nunca tiveram qualquer experiência sexual e todos os que não tiveram pelo menos um parceiro sexual no Algarve, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Os testes estatísticos indicam relações de dependência mais fortes no caso dos turistas portugueses ($\chi^2 = 78,664; p = 0,000$) e dos britânicos ($\chi^2 = 47,662; p = 0,000$). Não sendo os que mais mudam de parceiro em tempo de férias, são os que mostram maior consistência entre o número de parceiros sexuais no Algarve e a tipologia das trajetórias sexuais em que se inserem. A maioria dos portugueses e dos britânicos com pelo menos dois parceiros sexuais no Algarve, pertencem à tipologia de *multiparceiro convencional* (6,2% e 4,6%, respetivamente).

Figura 7.9 – Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e o Número de Parceiros Sexuais no Algarve, segundo a Nacionalidade

TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS X PARCEIROS NO ALGARVE*													
Parceiros sexuais no Algarve													
Nacionalidade		Portuguesa ($\chi^2 = 78,664; p = 0,000$)				Alemã ($\chi^2 = 25,386; p = 0,000$)				Espanhola ($\chi^2 = 18,825; p = 0,001$)			
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	0,8	0,4	--	1,2	--	--	--	--	--	--	--	--
	Um só parceiro ao longo da vida	24,4	--	--	24,4	17,9	--	--	17,9	13,9	--	2,8	16,7
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	59,5	1,7	0,4	61,6	74,4	2,6	--	77,0	55,6	2,7	2,8	61,1
	Multiparceiro convencional	6,6	3,7	2,5	12,8	--	5,1	--	5,1	2,8	5,6	13,8	22,2
	TOTAL	91,3	5,8	2,9	100,0	92,3	7,7	--	100,0	72,3	8,3	19,4	100,0
Nacionalidade		Irlandesa (**)				Holandesa ($\chi^2 = 4,911; p = 0,555$)				Britânica ($\chi^2 = 47,662; p = 0,000$)			
		1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL	1	2 - 5	> 6	TOTAL
Tipologia das trajetórias sexuais	Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	--	--	--	--	4,5	--	--	4,5	0,6	--	0,7	1,3
	Um só parceiro ao longo da vida	12,0	--	--	12,0	13,6	--	--	13,6	11,2	--	--	11,2
	Um só parceiro atual, multiparceiro antes	88,0	--	--	88,0	45,5	9,1	9,1	63,7	75,7	1,3	1,3	78,3
	Multiparceiro convencional	--	--	--	--	9,1	9,1	--	18,2	4,6	1,3	3,3	9,2
	TOTAL	100,0	--	--	100,0	72,7	18,2	9,1	100,0	92,1	2,6	5,3	100,0

* Valores em percentagem (%).
 ** Não pode ser calculado porque pelo menos uma das variáveis é constante.

Fonte: Elaboração própria.

Os turistas com mais parceiros sexuais no Algarve (mais de dois) têm nacionalidade espanhola (27,7%) e holandesa (27,3%). No caso dos holandeses, a independência entre as

variáveis significa uma incoerência entre o número de parceiros e a tipologia das trajetórias sexuais em que estes turistas se inserem. Veja-se o exemplo dos indivíduos que se enquadram na tipologia de *celibatários atuais*, mas que tiveram um parceiro sexual no Algarve (4,5%), ou os indivíduos que se encaixam na tipologia de *um só parceiro atual*, mas que afirmam ter tido mais de dois parceiros sexuais no Algarve (18,2%). É, portanto, entre os turistas espanhóis e holandeses, pela maior rotação de parceiros que demonstram ter em tempo de férias, que o risco potencial de disseminação de IST é mais elevado. Não significa, contudo, que entre os outros turistas, não existam também práticas sexuais de risco, algo que será analisado com maior detalhe no próximo subponto.

7.3 Outros Indicadores de Práticas Sexuais de Risco

A rotação de parceiros, sobretudo de parceiros ocasionais, é relativamente frequente entre as camadas mais jovens da população e tem sido identificada como uma das práticas sexuais de risco individual e, em sentido lato, de risco para as próprias sociedades, pelo tipo de comportamentos que pode implicar (Ferreira, 2010b; Ribeiro & Sacramento, 2014). Como se deduz a partir de Durkheim (1975), se a transgressão ocasional da norma de proteção constitui uma prova de fraqueza (sobretudo entre o público masculino [Sacramento & Ribeiro, 2017]), a sua transgressão sistemática constitui uma prova de anomia. É o caso, por exemplo, das relações sexuais sem utilização de preservativo (Campenhoudt, 2019) que ocorrem, muitas vezes, em encontros com parceiros ocasionais, mas também no âmbito das relações mais estáveis, o que não deixa de ser igualmente preocupante. O forte envolvimento emocional, que geralmente acompanha os relacionamentos mais duradouros, tende a levar a que os parceiros confiem um no outro, não admitindo que um deles possa ser seropositivo ou portador de algum tipo de IST (Ribeiro & Sacramento, 2014). Nesta crença, facilmente se chega a considerar desnecessário um comportamento sexual seguro, nomeadamente através da utilização do preservativo, numa

relação que é, social e emocionalmente, mais próxima. Além disso, o uso do preservativo tende a ser, simbolicamente, entendido como um obstáculo à construção da intimidade e um elemento que provoca diminuição do prazer (*Idem*).

A análise das práticas sexuais de risco não comporta, portanto, apenas a averiguação do número de parceiros acumulados ao longo da vida, num determinado período de tempo, ou o número de parceiros ocasionais, mas igualmente os comportamentos que abrangem questões mais específicas como a sucessão de parceiros em sequências paralelas, ou ainda situações como o consumo de substâncias psicoativas, o sexo desprotegido e a propensão para envolvimento sexual com prostitutas(os). Neste último caso, os comportamentos de risco estão associados inevitavelmente à não utilização do preservativo (Aboim, 2010b; Bellis *et al.*, 2000; Josiam *et al.*, 1998; Sönmez *et al.*, 2013, 2006; Valois *et al.*, 1999). Nesse sentido, examina-se a relação entre outros indicadores considerados relevantes para a compreensão da problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade no Algarve.

Uma primeira análise diz respeito ao cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve, como a predisposição para envolvimento sexual múltiplos, com pessoas desconhecidas, o pagamento por serviços de prostituição e a não utilização de preservativo, de acordo com o género dos respondentes (Figura 7.10)¹¹³. A matriz de correlações permite identificar, desde logo, que os homens apresentam maior tendência para práticas sexuais de risco, quando comparados com as mulheres. Os testes de independência do Qui-Quadrado e os níveis de significância associados indicam dependência entre os indicadores analisados ($p = 0,000$), exceto no caso da predisposição para ter relações sexuais sem preservativo ($p = 0,080$).

¹¹³ No cruzamento entre a tipologia das trajetórias sexuais e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve foram analisadas, respetivamente, 865 (1), 868 (2), 865 (3) e 860 (4) respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, mas foram incluídos os *celibatários convencionais*, isto é, todos os que declararam nunca ter tido um parceiro sexual, por se considerar que também eles podem ter comportamentos de risco no Algarve.

De modo geral, 38,4% dos homens inquiridos (contra 10,4% das mulheres) estão dispostos a *ter mais do que um(a) parceiro(a) sexual durante as férias no Algarve*; 29,6% dos homens (contra 5,6% das mulheres) admitem *querer envolver-se sexualmente com um(a) desconhecido(a) durante as férias no Algarve*; 14,4% dos homens (contra 3,2% das mulheres) estão dispostos a *pagar por serviços sexuais durante as férias no Algarve*; e 25,8% dos homens (contra 10,1% das mulheres) admitem estar dispostos a *ter relações sexuais sem preservativo durante as férias no Algarve*. No caso da predisposição para ter relações sexuais sem preservativo durante as férias, as diferenças nas respostas dadas por homens e mulheres não são significativas do ponto de vista estatístico.

Figura 7.10 – Matriz de Correlações entre a Tipologia das Trajetórias Sexuais e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género

TIPOLOGIA DAS TRAJETÓRIAS SEXUAIS X INDICADORES DE PRÁTICAS SEXUAIS DE RISCO NO ALGARVE*								
Indicadores de práticas sexuais de risco no Algarve	Estou disposto(a) a ter mais de 1 parceiro(a) sexual (1) (F: $\chi^2 = 30,936$; $p = 0,000$ M: $\chi^2 = 85,551$; $p = 0,000$)		Quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2) (F: $\chi^2 = 30,379$; $p = 0,000$ M: $\chi^2 = 96,747$; $p = 0,000$)		Estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais (3) (F: $\chi^2 = 4,740$; $p = 0,315$ M: $\chi^2 = 20,039$; $p = 0,000$)		Estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo (4) (F: $\chi^2 = 2,510$; $p = 0,643$ M: $\chi^2 = 8,334$; $p = 0,080$)	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Tipologia das trajetórias sexuais								
Celibatário convencional	--	0,2	--	--	--	--	--	--
Celibatário atual, parceiro ou multiparceiro antes	0,5	3,3	--	3,1	--	0,2	0,2	0,5
Um só parceiro ao longo da vida	1,8	2,1	0,7	0,9	0,7	0,7	2,1	1,7
Um só parceiro atual, multiparceiro antes	5,2	17,7	2,9	12,1	1,8	7,8	6,9	17,2
Multiparceiro convencional	2,9	15,1	2,0	13,5	0,7	5,7	0,9	6,4
TOTAL	10,4	38,4	5,6	29,6	3,2	14,4	10,1	25,8

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Quando os mesmos indicadores são analisados à luz da tipologia das trajetórias sexuais, verifica-se uma tendência mais acentuada para a adoção de comportamentos de risco entre os

indivíduos que integram as tipologias de *um só parceiro atual*, *multipartceiro antes* e *multipartceiro convencional*, com especial incidência nos homens, mas também nas mulheres. Os resultados não surpreendem no caso dos indivíduos pertencentes à tipologia *multipartceiro convencional*, já que são os que mais mudam de parceiro no curto e no largo espaço temporal. Daí as percentagens serem consideráveis nos indicadores: *em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual* (18,0% do total de inquiridos) e *nestas férias quero envolver-me sexualmente um um(a) desconhecido(a)* (15,5% do total de inquiridos).

Todavia, os resultados são inusitados no caso dos indivíduos pertencentes à tipologia de *um só parceiro atual*, *multipartceiro antes*: 22,9% afirmam que *em férias estão dispostos a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual*; 15,0% afirmam que *nestas férias querem envolver-se sexualmente um um(a) desconhecido(a)*; 9,6% admitem *estar dispostos a pagar por serviços sexuais durante as férias*; e 24,1% afirmam que *estão dispostos a ter relações sexuais sem preservativo durante as férias*. Os resultados mostram que as percentagens dos comportamentos de risco associados às práticas sexuais são superiores entre os indivíduos que afirmam ter *um só parceiro na atualidade*, do que entre os indivíduos declaradamente *multipartceiros*. O mesmo é dizer que os indivíduos envolvidos em relacionamentos amorosos e/ou de compromisso, são os mais disponíveis para adotar comportamentos de risco que implicam relacionar-se com outros parceiros sexuais, recorrer a sexo pago ou ter relações sexuais desprotegidas durante as férias no Algarve.

No que respeita aos indicadores utilizados para analisar as práticas sexuais de risco, quis-se perceber também a relação com o estado civil dos inquiridos, por se considerar que pode acrescentar informação relevante. A Figura 7.11¹¹⁴ indica que são sobretudo os solteiros,

¹¹⁴ No cruzamento entre o estado civil e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve foram analisadas, respetivamente, 972 (1), 977 (2), 975 (3) e 964 (4) respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

homens, mas também algumas mulheres, a demonstrar maior propensão para os comportamentos sexuais de risco durante as férias no Algarve: 34,9% estão dispostos a *ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias*; 29,6% *querem envolver-se sexualmente com um(a) desconhecido(a) durante as férias*; 13,3% estão dispostos a *pagar por serviços sexuais durante as férias*; e 20,0% estão dispostos a *ter relações sexuais sem preservativo durante as férias*.

Figura 7.11 – Matriz de Correlações entre o Estado Civil e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género

ESTADO CIVIL X INDICADORES DE PRÁTICAS SEXUAIS DE RISCO NO ALGARVE*								
Indicadores de práticas sexuais de risco no Algarve	Estou disposto(a) a ter mais de 1 parceiro(a) sexual (1) (F: $X^2 = 17,443$; $p = 0,002$ M: $X^2 = 104,991$; $p = 0,000$)		Quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2) (F: $X^2 = 24,171$; $p = 0,000$ M: $X^2 = 115,962$; $p = 0,000$)		Estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais (3) (F: $X^2 = 4,185$; $p = 0,381$ M: $X^2 = 31,604$; $p = 0,000$)		Estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo (4) (F: $X^2 = 1,313$; $p = 0,859$ M: $X^2 = 10,241$; $p = 0,006$)	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Estado civil								
Solteiro(a)	6,2	28,7	4,5	25,1	2,2	11,1	4,4	15,6
Casado(a)/União de facto	3,6	7,9	1,2	4,5	1,6	3,0	6,0	10,5
Divorciado(a)	0,4	0,9	0,4	--	0,2	0,6	0,4	0,4
Viúvo(a)	--	--	--	--	--	--	--	--
TOTAL	10,2	37,5	6,1	29,6	4,0	14,7	10,8	26,5

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta "concordo", "concordo bastante" e "concordo totalmente".

Fonte: Elaboração própria.

Com percentagens inferiores, mas ainda assim significativas, encontram-se os indivíduos casados ou a viver em união de facto que também demonstram propensão para as práticas sexuais de risco no Algarve: 11,5% estão dispostos a *ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias*; 5,7% *querem envolver-se sexualmente com um(a) desconhecido(a) durante as férias*; 4,6% estão *dispostos a pagar por serviços sexuais durante as férias*; e 16,5% estão *dispostos a ter relações sexuais sem preservativo durante as férias*.

Todos os indicadores apresentam relações de dependência com o estado civil e o género dos inquiridos, o que é dado pelos valores dos testes de independência do Qui-Quadrado e os seus níveis de significância ($p < 0,05$). Como exceção temos as respostas femininas aos indicadores *estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais durante as férias* e *estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo durante as férias* ($p > 0,05$). Os valores dos testes indicam, neste caso, a ausência de relações de dependência entre as variáveis, o que significa que não existem diferenças significativas nas respostas das mulheres, independentemente do seu estado civil. A grande maioria das mulheres não concorda em pagar por serviços sexuais ou em ter relações sexuais desprotegidas durante as férias no Algarve.

No caso dos indivíduos que concordariam em ter relações sexuais desprotegidas, mesmo que casados ou vivendo em união de facto e, admitindo a possibilidade dessas relações ocorrerem com o cônjuge/companheiro habitual, não é de descartar o risco implícito da disseminação de IST, uma vez que alguns desses indivíduos demonstram vontade de se envolver sexualmente com outros parceiros.

Por escalão etário e nacionalidade, a observação das Figuras 5.9 e 5.10 (Capítulo 5) já tinham permitido identificar diferenças estatisticamente significativas nos indicadores utilizados para avaliar as práticas sexuais de risco no Algarve. Em concreto, os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) são os que apresentam maiores níveis de concordância com as afirmações: *em férias, estou disposto(a) a ter mais de um parceiro sexual* (33,6%) ($K-S = 4,296$; $p = 0,000$), *nestas férias, quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)* (26,4%) ($K-S = 4,258$; $p = 0,000$), *em férias, estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo* (23,5%) ($K-S = 2,288$; $p = 0,000$), e *em férias, estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais* (13,2%) ($K-S = 2,440$; $p = 0,000$). São ainda os turistas de nacionalidade espanhola e holandesa a demonstrar maior inclinação para adotarem comportamentos sexuais de risco durante as férias na região: 35,1% dos espanhóis e 47,5% dos holandeses ($\chi^2 = 41,401$; $p = 0,000$) *estão dispostos a ter mais de um*

parceiro sexual em férias, 25,3% dos espanhóis e 39,3% dos holandeses ($\chi^2 = 47,491$; $p = 0,000$) querem envolver-se sexualmente com um(a) desconhecido(a) no Algarve, 22,4% dos espanhóis e 16,4% dos holandeses ($\chi^2 = 29,477$; $p = 0,000$) estão dispostos a pagar por serviços sexuais durante as férias, e 31,1% dos espanhóis e 29,5% dos holandeses ($\chi^2 = 17,657$; $p = 0,007$) estão dispostos a ter relações sexuais sem preservativo durante as férias.

Entre os entrevistados, existe unanimidade nos discursos sobre os comportamentos de risco ligados à sexualidade, em concreto, no que respeita à disponibilidade para pagar por serviços sexuais ou para ter relações sexuais sem preservativo durante as férias no Algarve. A esmagadora maioria dos entrevistados, independentemente do género, grupo etário ou nacionalidade, não demonstram propensão para adotar estes comportamentos. No caso da disponibilidade para pagar por serviços sexuais durante as férias, afirmam:

Nada, isso nunca pensei fazer. Jamais o faria [risos]. (Ana, 45 anos, numa relação amorosa).

Não. Nem na minha condição atual, nem acho que isso vá acontecer um dia. Eu até já disse ao meu filho mais velho que, quando for velho, quero ir para um lar na Dinamarca, para arranjar uma dinamarquesa. Eu acho que as dinamarquesas não tomam nenhum tipo de medicamentos, estão sempre em festas e bebem vinho de Bordeaux. Eu quero que ele me arranje uma dinamarquesa e eu vou para o lar das velhotas [risos]. (Manuel, 43 anos, divorciado).

Nem pensar. Não posso dizer que desta água nunca beberei porque já bebi... mas digo que não. Não é a mesma coisa, não retiras cem por cento de prazer. Não é digno, acho eu. Satisfaz-te naquele momento, atinges o êxtase e ok... "tchau, vai-te embora, desaparece daqui, não te conheço de lado nenhum... como é que te chamas? (...) Não é nada, não há química, tu és apenas um objeto. Isso para mim não dá. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Em relação às práticas sexuais desprotegidas, os entrevistados asseguram que a não utilização de preservativo é algo «natural» no seio de uma relação duradoura, mas não num encontro sexual ocasional, onde garantem ser «obrigatório» utilizar este método preventivo:

Acho que não. Só se for com uma namorada. Com uma pessoa que não conheça, não. Se for com uma amiga de longa data e se acontecer, sou capaz de fechar os olhos, “ok, vamos embora”. Mas é claro que amanhã estou “ai, ai”. Tenho sempre receio. (Paulo, 34 anos, solteiro).

Só com a minha companheira. (Fernando, 70 anos, viúvo, numa relação amorosa).

Não, nem pensar. No momento, se não houver preservativo, sou o tipo de rapariga que corta logo a hipótese de se prolongar. Quer dizer, conhecemo-nos há um par de dias, sei lá se o que diz é verdade ou não? Mas, a propósito disso, devo dizer que é muito mais constrangedor para uma rapariga comprar preservativos. Eu nunca fui a uma caixa de supermercado comprar preservativos. Na altura, era sempre o meu namorado que tinha ou que os comprava, nunca fui eu. (...) Aqui no Algarve, ninguém me conhece, mas sinto vergonha na mesma (...). Se me oferecessem aqui na praia eu aceitava e talvez até me fizessem jeito. Se o fizessem era uma ótima iniciativa. Se é um ambiente propício para as coisas acontecerem, que aconteçam em segurança. (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

A não utilização do preservativo por motivos de embaraço no momento da compra ou da diminuição do prazer durante o ato sexual tem sido, de resto, descrita por vários autores (Ariely & Loewenstein, 2006; Bell, 2009; Marston & King, 2006; Oliveira-Campos, *et al.*, 2013). Outros estudos acrescentam que este comportamento é intensificado pela natureza liminar da experiência turística, onde a transgressão se torna uma espécie de norma (Apostolopoulos *et al.*, 2002; Bellis *et al.*, 2014; Benotsch *et al.*, 2007; Eiser & Ford, 1995; Maticka-Tyndale & Herold, 1999; Memish & Osoba, 2006; Ryan *et al.*, 1996). Adicionalmente, o recurso a serviços de prostituição, a disponibilidade para o envolvimento sexual com vários parceiros e as práticas sexuais desprotegidas têm sido também descritos como estando relacionados com o maior consumo de substâncias psicoativas, como álcool e drogas, que normalmente também acontecem em contexto turístico (Brown & Stephan, 2013; Calafat *et al.*, 2009; Hesse & Tutenges, 2011; Josiam *et al.*, 1998; Kelly *et al.*, 2014; Mura & Khoo-Lattimore, 2013; Ryan & Martin, 2001; Sönmez *et al.*, 2006; Thomas, 2005; Uriely & Belhassen, 2006).

A matriz de correlações expressa na Figura 7.12¹¹⁵ mostra a existência de relações de dependência significativas entre o consumo de álcool e drogas e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve, sobretudo entre os homens ($p < 0,005$). Os testes do Qui-Quadrado e os níveis de significância associados, mostram uma relação de dependência elevada entre o consumo de álcool e a predisposição para ter mais de um(a) parceiro(a) sexual em férias ($\chi^2 = 31,890$; $p = 0,000$), e entre o consumo de drogas e a predisposição para pagar por serviços sexuais durante as férias ($\chi^2 = 56,326$; $p = 0,000$), no caso dos homens.

Figura 7.12 – Matriz de Correlações entre o Consumo de Álcool/Drogas e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género

CONSUMO DE ÁLCOOL/DROGAS X INDICADORES DE PRÁTICAS SEXUAIS DE RISCO NO ALGARVE*								
Indicadores de práticas sexuais de risco no Algarve	Estou disposto(a) a ter mais de 1 parceiro(a) sexual (1)		Quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2)		Estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais (3)		Estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo (4)	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Em férias consumo mais álcool do que habitualmente	7,4	29,9	4,4	24,0	3,2	13,0	7,1	19,1
Testes Estatísticos	$\chi^2 = 5,663$ $P = 0,017$	$\chi^2 = 31,890$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 2,547$ $P = 0,110$	$\chi^2 = 26,328$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 4,506$ $P = 0,034$	$\chi^2 = 21,086$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 1,846$ $P = 0,174$	$\chi^2 = 5,033$ $P = 0,025$
Em férias consumo mais drogas do que habitualmente	1,4	11,8	1,4	10,6	1,0	6,9	1,0	8,9
Testes Estatísticos	$\chi^2 = 10,617$ $P = 0,001$	$\chi^2 = 46,698$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 21,006$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 54,640$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 17,002$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 56,326$ $P = 0,000$	$\chi^2 = 2,615$ $P = 0,106$	$\chi^2 = 35,744$ $P = 0,000$

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

¹¹⁵ No cruzamento entre o consumo de álcool e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve foram analisadas, respetivamente, 798 (1), 801 (2), 801 (3) e 791 (4) respostas válidas. No cruzamento entre o consumo de drogas e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve foram analisadas, respetivamente, 951 (1), 954 (2), 954 (3) e 942 (4) respostas válidas. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Bruno e John descrevem qual é, na sua opinião, a relação entre o consumo de álcool e drogas, e a propensão para o sexo ocasional:

O álcool desinibe claramente e quebra muitas barreiras e, hoje em dia, há pessoas dos dois sexos a consumirem álcool. As drogas, eu só conheço o consumo de drogas leves, não tenho conhecimento sobre drogas mais pesadas, mas sei claramente que facilita. Há um conjunto de situações corporais que eu acho que são facilitadas pelo consumo de drogas leves. Isto sem ser em quantidades descomunais, apenas o consumo normal. O consumo exagerado dever pôr uma pessoa um bocado «fora». O álcool em grande quantidade também inibe completamente porque não há capacidade de discernimento nem capacidade física de exercer o que quer que seja... (Bruno, 46 anos, divorciado, numa união de facto).

Torna as pessoas mais abertas, mais relaxadas. Depende das drogas e depende do álcool, mas no caso do álcool, a maioria facilita as conversas, faz com que sejam mais fáceis e naturais. Algumas drogas, como o ecstasy, tornam-te mais excitável, já os ácidos fazem com que tu ames tudo à tua volta. Parece que gostas de tudo e de todos e queres ter aquilo que realmente gostas. (John, 32 anos, solteiro).

Nas mulheres, a relação de dependência entre as variáveis é mais forte para o consumo de estupefacientes e a propensão para ter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) durante as férias ($\chi^2 = 21,006$; $p = 0,000$) ou para pagar por serviços sexuais durante as férias ($\chi^2 = 17,002$; $p = 0,000$). Susana destaca, contudo, uma maior relação de causalidade entre o consumo de álcool e a predisposição para as relações sexuais ocasionais:

Definitivamente que sim. Acho que são os primeiros fatores a influenciar o sexo ocasional. Quando estás sob o efeito do álcool esqueces as responsabilidades, sentes-te mais livre e relaxado... só queres fazer o que te apetece. Mas também depende do que bebes e do quanto bebes. Posso dizer que a tequila provoca um efeito excitante [makes you horny] (...).
(Susana, 25 anos, solteira).

Ainda assim, é preciso sublinhar que a percentagem de homens que admitem consumir mais álcool e/ou drogas durante as férias no Algarve e que, em simultâneo, mostram propensão para as práticas sexuais de risco, é bastante mais elevada do que a de mulheres. Estes resultados

vêm, aliás, ao encontro dos resultados apurados por exemplo, por Calafat *et al.* (2009), Hesse and Tutenges (2011), Josiam *et al.* (1998), Kelly *et al.* (2014) e Sönmez *et al.* (2006).

A análise do consumo de álcool e drogas por grupo etário e nacionalidade, conforme se observou nas Figuras 5.2 e 5.3 (Capítulo 5), já tinha demonstrado que são sobretudo os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) a consumir mais álcool (67,1%) ($K-S = 2,532$; $p = 0,000$) e drogas (15,1%) ($K-S = 2,688$; $p = 0,000$) durante a estadia no Algarve. Analogamente, são os holandeses (72,1%) e os britânicos (68,9%) a admitirem um maior consumo de álcool durante as férias ($\chi^2 = 30,575$; $p = 0,000$), enquanto os espanhóis (18,1%), os portugueses (12,4%) e os holandeses (11,5%) admitem um maior consumo de drogas ($\chi^2 = 14,941$; $p = 0,021$). Daqui, depreende-se que é sobretudo entre os jovens destas nacionalidades, que ocorrem os principais comportamentos sexuais de risco, associados a um consumo superior de substâncias psicotrópicas.

Em simultâneo, e conforme tem vindo a ser demonstrado pela literatura (McKercher & Bauer, 2003; Marques & Lança, 2016; Oppermann *et al.*, 1998; Zhang & Xu, 2019), a indústria turística desempenha um papel direto na promoção dos encontros sexuais e/ou românticos, através do fornecimento do cenário, das infraestruturas específicas como o alojamento, os clubes ou os bordéis, até à provisão dos parceiros e das oportunidades de encontro, podendo desempenhar igualmente um papel indireto, através da natureza liminar da experiência turística (Andrews, 2012; Coldicutt, 2008; Gisolf, 2013; Jaimangal-Jones *et al.*, 2010; Lança *et al.*, 2017; Lett, 1983; Preston-Whyte, 2004; Ryan & Hall, 2001; Selännemi, 2003; Shields, 1990; Thomassen, 2014; Zhang & Xu, 2019). Por esse motivo, analisa-se o cruzamento entre alguns indicadores relacionados com o papel facilitador da indústria turística, as características do

destino Algarve, como o calor, o sol e o mar, e os indicadores associados às práticas sexuais de risco na região (Figura 7.13)¹¹⁶.

Figura 7.13 – Matriz de Correlações entre o Papel Facilitador da Indústria Turística, as Características do Destino e os Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género

PAPEL FACILITADOR DA INDÚSTRIA TURÍSTICA/CARACTERÍSTICAS DO DESTINO X INDICADORES DE PRÁTICAS SEXUAIS DE RISCO NO ALGARVE*								
Indicadores de práticas sexuais de risco no Algarve	Estou disposto(a) a ter mais de 1 parceiro(a) sexual (1)		Quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2)		Estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais (3)		Estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo (4)	
	F	M	F	M	F	M	F	M
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais (A)	7,1	30,4	4,4	24,2	2,6	12,0	4,5	15,8
Testes Estatísticos	$X^2 = 22,421$ $P = 0,000$	$X^2 = 90,187$ $P = 0,000$	$X^2 = 14,952$ $P = 0,000$	$X^2 = 73,665$ $P = 0,000$	$X^2 = 6,284$ $P = 0,012$	$X^2 = 28,712$ $P = 0,000$	$X^2 = 0,212$ $P = 0,645$	$X^2 = 3,615$ $P = 0,057$
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais (B)	8,3	34,5	5,4	27,2	3,2	12,7	6,4	19,4
Testes Estatísticos	$X^2 = 14,742$ $P = 0,000$	$X^2 = 83,206$ $P = 0,000$	$X^2 = 12,732$ $P = 0,000$	$X^2 = 57,918$ $P = 0,000$	$X^2 = 4,777$ $P = 0,029$	$X^2 = 16,121$ $P = 0,000$	$X^2 = 0,166$ $P = 0,683$	$X^2 = 3,203$ $P = 0,073$
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual (C)	8,5	34,5	5,2	26,8	3,0	13,0	7,5	21,0
Testes Estatísticos	$X^2 = 9,311$ $P = 0,002$	$X^2 = 58,676$ $P = 0,000$	$X^2 = 9,415$ $P = 0,002$	$X^2 = 36,594$ $P = 0,000$	$X^2 = 3,898$ $P = 0,048$	$X^2 = 11,262$ $P = 0,001$	$X^2 = 0,527$ $P = 0,468$	$X^2 = 5,013$ $P = 0,025$
A animação noturna facilita os encontros sexuais (D)	8,9	33,4	5,6	26,0	3,8	12,7	7,6	21,1
Testes Estatísticos	$X^2 = 7,294$ $P = 0,007$	$X^2 = 40,171$ $P = 0,000$	$X^2 = 6,571$ $P = 0,010$	$X^2 = 24,452$ $P = 0,000$	$X^2 = 6,323$ $P = 0,012$	$X^2 = 6,844$ $P = 0,009$	$X^2 = 0,150$ $P = 0,699$	$X^2 = 3,428$ $P = 0,064$
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais (E)	9,0	31,5	5,3	26,1	3,3	12,6	6,6	21,1
Testes Estatísticos	$X^2 = 13,958$ $P = 0,000$	$X^2 = 40,334$ $P = 0,000$	$X^2 = 6,288$ $P = 0,012$	$X^2 = 47,485$ $P = 0,000$	$X^2 = 3,077$ $P = 0,079$	$X^2 = 11,610$ $P = 0,001$	$X^2 = 0,301$ $P = 0,583$	$X^2 = 11,245$ $P = 0,001$
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais (F)	9,0	31,2	5,1	24,8	3,5	12,8	6,2	18,9
Testes Estatísticos	$X^2 = 23,376$ $P = 0,000$	$X^2 = 60,447$ $P = 0,000$	$X^2 = 7,983$ $P = 0,005$	$X^2 = 45,662$ $P = 0,000$	$X^2 = 7,071$ $P = 0,008$	$X^2 = 23,672$ $P = 0,000$	$X^2 = 0,002$ $P = 0,961$	$X^2 = 8,530$ $P = 0,003$
O calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão (G)	8,8	34,7	5,8	27,2	3,2	13,4	8,9	23,9
Testes Estatísticos	$X^2 = 0,908$ $P = 0,341$	$X^2 = 11,952$ $P = 0,001$	$X^2 = 4,355$ $P = 0,037$	$X^2 = 7,572$ $P = 0,006$	$X^2 = 0,029$ $P = 0,864$	$X^2 = 2,334$ $P = 0,127$	$X^2 = 0,980$ $P = 0,322$	$X^2 = 3,445$ $P = 0,063$

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

¹¹⁶ No cruzamento das variáveis foram analisadas, respetivamente, as seguintes respostas válidas: A1 n = 960; A2 n = 961; A3 n = 962; A4 n = 950; B1 n = 960; B2 n = 963; B3 n = 961; B4 n = 952; C1 n = 965; C2 n = 969; C3 n = 967; C4 n = 958; D1 n = 961; D2 n = 966; D3 n = 964; D4 n = 955; E1 n = 949; E2 n = 953; E3 n = 953; E4 n = 944; F1 n = 951; F2 n = 954; F3 n = 953; F4 n = 945; G1 n = 961; G2 n = 964; G3 n = 962; G4 n = 953. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

A análise da matriz de correlações mostra que, de facto, existem relações de dependência entre a maioria dos indicadores relacionados com o papel facilitador da indústria turística e a predisposição para adotar comportamentos sexuais de risco durante as férias no Algarve ($p < 0,05$). Uma percentagem significativa de inquiridos, sobretudo do género masculino, concorda que *a estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais, a vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais, a vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual, a animação noturna facilita os encontros sexuais, os bares de praia facilitam os encontros sexuais, e é nos bares e discotecas que se encontram os parceiros sexuais*. Os testes de independência do Qui-Quadrado e os seus níveis de significância revelam relações de dependência entre estes indicadores e a *predisposição para ter mais de um parceiro sexual em férias, o envolvimento sexual com pessoas desconhecidas e o recurso a serviços de prostituição*, sobretudo entre os homens. No caso das mulheres, muitas das relações de dependência também são significativas do ponto de vista estatístico ($p < 0,05$), embora as percentagens de concordância sejam inferiores às masculinas.

Em sentido inverso, não existe prova científica de que o papel facilitador da indústria turística nos encontros amorosos e sexuais conduza a uma maior predisposição para práticas sexuais desprotegidas (sem utilização de preservativo), nomeadamente, entre as mulheres: todos os testes estatísticos revelam independência entre os indicadores ($p > 0,05$). No caso dos homens, alguns indicadores relacionados com o papel facilitador da indústria turística revelam relações de dependência com a predisposição para ter relações sexuais sem preservativo: *a vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual* ($X^2 = 5,013$; $p = 0,025$); *os bares de praia facilitam os encontros sexuais* ($X^2 = 11,245$; $p = 0,001$); e *é nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais* ($X^2 = 8,530$; $p = 0,003$). Infere-se, a partir destes dados, que o consumo de álcool e/ou de outras substâncias psicoativas que são próprios de ambientes noturnos, podem potenciar a adoção de comportamentos sexuais de risco.

Relativamente às características do Algarve, como *o calor o sol e o mar*, que têm sido descritas na literatura como estimulantes do desejo e da paixão e, conseqüentemente, da maior predisposição para as práticas sexuais (Demir *et al.*, 2016; Evans, 2000; Machado, 2000; Pereira, 2015), verifica-se efetivamente a existência de relações de dependência com a *vontade de ter mais de um parceiro sexual em férias*, no caso dos homens ($\chi^2 = 11,952$; $p = 0,001$), e com o interesse por *se envolverem sexualmente com pessoas desconhecidas durante as férias*, sobretudo entre os homens ($\chi^2 = 7,572$; $p = 0,006$), mas também entre algumas mulheres ($\chi^2 = 4,355$; $p = 0,037$).

Por grupo etário, a observação das Figuras 5.9 e 5.6 (Capítulo 5) já tinha permitido constatar que são essencialmente os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) a concordar com o papel facilitador da indústria turística nos encontros amorosos e sexuais ($p < 0,05$). A influência das características do destino no desejo e na paixão não apresenta diferenças estatisticamente significativas segundo o grupo etário ($K-S = 1,160$; $p = 0,135$), já que a maioria dos respondentes concorda com esta relação, com percentagens a rondar os 80,0%.

Por nacionalidade, a observação das Figuras 5.10 e 5.7 (Capítulo 5) permitiu verificar que os portugueses tendem a concordar mais que *a vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais* (76,1%; $p = 0,000$), *a animação noturna facilita os encontros sexuais* (83,6%; $p = 0,000$) e *os bares de praia facilitam os encontros sexuais* (75,9%; $p = 0,000$); os espanhóis concordam sobretudo que *a estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais* (55,3%; $p = 0,000$); e os holandeses apresentam maior concordância com *a vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual* (78,7%; $p = 0,000$) e *é nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais* (75,4%; $p = 0,005$). Relativamente à influência do sol, calor e mar sobre o desejo e a paixão, ela é destacada principalmente pelos portugueses (92,3%) e pelos espanhóis (91,6%) ($\chi^2 = 62,764$; $p = 0,000$).

Finalmente, são examinadas algumas características liminares da experiência turística e a sua relação com a predisposição para adotar comportamentos sexuais de risco no Algarve (Figura 7.14)¹¹⁷. De acordo com a matriz de correlações é possível observar a existência de relações de dependência entre alguns indicadores, designadamente: *em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero, em férias tudo é permitido, em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia, e em férias cometo mais excessos*, e os indicadores associados às práticas sexuais de risco no Algarve, em ambos os géneros mas, com especial incidência, nos homens ($p < 0,05$). Prova-se, portanto, a relação entre o anonimato providenciado pelas férias fora de casa, a permissividade promovida pelo afrouxamento do controlo social, os excessos cometidos em tempo de férias (características liminares da experiência turística) e as práticas sexuais de risco.

Curiosamente, a *desinibição sentida durante as férias* relaciona-se mais com a predisposição para o envolvimento sexual com pessoas desconhecidas, no caso das mulheres ($X^2 = 5,541$; $p = 0,019$), e com as práticas sexuais desprotegidas, no caso dos homens ($X^2 = 6,291$; $p = 0,012$). Adicionalmente, os resultados mostram que não existe relação de dependência entre *as férias serem propícias a comportamentos diferentes do habitual* e as práticas sexuais de risco no Algarve ($p > 0,005$).

¹¹⁷ No cruzamento das variáveis foram analisadas, respetivamente, as seguintes respostas válidas: A1 n = 965; A2 n = 969; A3 n = 968; A4 n = 956; B1 n = 959; B2 n = 963; B3 n = 961; B4 n = 950; C1 n = 964; C2 n = 967; C3 n = 966; C4 n = 955; D1 n = 967; D2 n = 971; D3 n = 970; D4 n = 959; E1 n = 964; E2 n = 967; E3 n = 966; E4 n = 955; F1 n = 958; F2 n = 963; F3 n = 962; F4 n = 950. Foram excluídos da análise todos os indivíduos que não reponderam às questões assinaladas, por se considerar que não acrescentam valor à interpretação dos resultados sobre a problemática do risco associada às práticas sexuais e de intimidade.

Figura 7.14 – Matriz de Correlações entre as Características Liminares da Experiência Turística e os**Indicadores associados às Práticas Sexuais de Risco no Algarve, segundo o Género**

CARACTERÍSTICAS LIMINARES DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA X INDICADORES DE PRÁTICAS SEXUAIS DE RISCO NO ALGARVE*								
Indicadores de práticas sexuais de risco no Algarve	Estou disposto(a) a ter mais de 1 parceiro(a) sexual (1)		Quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a) (2)		Estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais (3)		Estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo (4)	
	F	M	F	M	F	M	F	M
As férias são propícias a comportamentos diferentes do habitual (A)	8,0	32,8	4,9	24,6	3,2	12,7	8,5	22,8
Testes Estatísticos	$X^2 = 0,024$ $P = 0,877$	$X^2 = 3,019$ $P = 0,082$	$X^2 = 0,051$ $P = 0,822$	$X^2 = 0,000$ $P = 0,999$	$X^2 = 0,010$ $P = 0,922$	$X^2 = 0,751$ $P = 0,386$	$X^2 = 0,372$ $P = 0,542$	$X^2 = 0,611$ $P = 0,434$
Em férias sinto-me mais desinibido(a) e faço o que não faria no dia a dia (B)	6,6	26,2	5,0	20,9	3,2	10,8	8,0	19,6
Testes Estatísticos	$X^2 = 0,639$ $P = 0,424$	$X^2 = 3,003$ $P = 0,083$	$X^2 = 5,541$ $P = 0,019$	$X^2 = 2,926$ $P = 0,087$	$X^2 = 3,309$ $P = 0,069$	$X^2 = 2,465$ $P = 0,116$	$X^2 = 3,659$ $P = 0,056$	$X^2 = 6,291$ $P = 0,012$
Em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero (C)	5,4	21,9	3,4	17,9	2,4	10,3	5,3	14,9
Testes Estatísticos	$X^2 = 8,936$ $P = 0,003$	$X^2 = 34,001$ $P = 0,000$	$X^2 = 5,897$ $P = 0,015$	$X^2 = 27,900$ $P = 0,000$	$X^2 = 5,868$ $P = 0,015$	$X^2 = 27,298$ $P = 0,000$	$X^2 = 5,814$ $P = 0,016$	$X^2 = 14,346$ $P = 0,000$
Em férias tudo é permitido(D)	3,4	16,8	2,6	15,2	2,0	9,6	2,6	13,1
Testes Estatísticos	$X^2 = 8,303$ $P = 0,004$	$X^2 = 47,464$ $P = 0,000$	$X^2 = 10,450$ $P = 0,001$	$X^2 = 56,596$ $P = 0,000$	$X^2 = 12,316$ $P = 0,000$	$X^2 = 60,323$ $P = 0,000$	$X^2 = 1,307$ $P = 0,253$	$X^2 = 39,291$ $P = 0,000$
Em férias sou totalmente diferente no que sou no dia a dia (E)	2,0	13,3	2,2	12,1	1,8	8,2	2,2	9,5
Testes Estatísticos	$X^2 = 1,664$ $P = 0,197$	$X^2 = 24,824$ $P = 0,000$	$X^2 = 12,996$ $P = 0,000$	$X^2 = 32,689$ $P = 0,000$	$X^2 = 17,009$ $P = 0,000$	$X^2 = 46,280$ $P = 0,000$	$X^2 = 2,886$ $P = 0,089$	$X^2 = 14,171$ $P = 0,000$
Em férias cometo mais excessos (F)	6,1	29,5	4,4	24,0	2,8	11,6	6,2	17,9
Testes Estatísticos	$X^2 = 1,896$ $P = 0,169$	$X^2 = 40,550$ $P = 0,000$	$X^2 = 5,867$ $P = 0,015$	$X^2 = 35,995$ $P = 0,000$	$X^2 = 3,401$ $P = 0,065$	$X^2 = 11,855$ $P = 0,001$	$X^2 = 1,276$ $P = 0,259$	$X^2 = 2,957$ $P = 0,086$

* Percentagens de concordância (somatório das categorias de resposta “concordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Fonte: Elaboração própria.

Por grupo etário e nacionalidade, a observação das Figuras 5.2 e 5.3 (Capítulo 5) permitiu constatar que são sobretudo os jovens (com idades entre os 18 e os 35 anos) que mais concordam com as características liminares da experiência turística, assim como os turistas de nacionalidade holandesa, espanhola e alemã ($p < 0,05$). Deduz-se, portanto, a partir dos resultados, que são os jovens pertencentes a estas nacionalidades que mais experienciam comportamentos sexuais de risco no Algarve devido às características liminares da experiência turística.

Turismo e Sexo Fora do Paradigma do Turismo Sexual

O argumento principal desta pesquisa considera que a articulação entre o turismo e o comportamento sexual humano não se esgota nos limites da mercantilização, exploração e experiências traumáticas, que têm sido largamente debatidos pelos estudos realizados no interior do *paradigma do turismo sexual*. Embora estas situações existam e mereçam toda a atenção por constituírem (muitas vezes) um atentado à dignidade humana, é preciso reforçar que nem toda a sexualidade vivida em contexto turístico implica características negativas e degradantes.

A perspectiva do *turismo sexual* ignora outras formas de sexualidade vividas durante a viagem turística (Agustín, 2010b; Oppermann, 1999; Ryan & Kinder, 1996), como as relações de amor, romance e intimidade que acontecem entre os turistas ou entre os turistas e os residentes, mas que são identificadas como positivas, benéficas e não pecuniárias (Carr & Poria, 2010; Jago, 2003; McKercher & Bauer, 2003). Por esse motivo, estudos mais recentes afirmam que a relação entre o amor, a sexualidade e o turismo tem sido sub-investigada e sub-teorizada (Agustín, 2010a; Berdychevsky, Gibson & Poria, 2013; Cabezas, 2009; Carr & Poria, 2010; Frohlick, 2010; Jordan & Aitchison, 2008; McKercher & Bauer, 2003), verificando-se também uma falta de coerência metodológica entre as diferentes abordagens (Ryan & Hall, 2001).

Na tentativa de ultrapassar as lacunas identificadas, esta pesquisa propõe analisar a sexualidade e a intimidade em contexto turístico de uma forma mais abrangente e não restritiva,

integrando uma nova abordagem, a da “sexualidade durante o lazer e o turismo” (*sex and the sexual during leisure and tourism experiences*), (Carr & Poria, 2010). O objetivo do capítulo consiste em comprovar, através dos dados recolhidos junto dos turistas que visitam o Algarve, que as características liminares da experiência turística favorecem efetivamente a ocorrência de práticas «extra-ordinárias» em matéria de sexualidade e intimidade, seja com o(a) parceiro(a) habitual ou com um(a) novo(a) parceiro(a) que se conhece no destino de férias, mas fora do *paradigma do turismo sexual*.

Os resultados são apresentados através do cruzamento dos dados provenientes da metodologia quantitativa (inquéritos por questionário; n = 1.015) com os da metodologia qualitativa (entrevistas em profundidade; n = 29). Os modelos foram testados através da modelação de equações estruturais com variáveis latentes, também designada por SEM (*Structural Equation Modeling*) a partir da abordagem PLS (*Partial Least Squares*), e pela análise de conteúdo, em concreto pela análise interpretativa das entrevistas. A análise dos dados realizou-se através dos *softwares Smart PLS* versão 3.0 e *NVivo Qualitative Data Analysis* versão 1.5.

8.1 Sexualidade durante o Lazer e o Turismo: Um Modelo Estrutural das Experiências

Liminares

No Capítulo 1 ficou demonstrada a relação estreita que existe entre o turismo e a sexualidade, sublinhando-se que o turismo constitui um espaço-tempo liminar onde é possível realizar as fantasias e os desejos que normalmente são negados aos indivíduos no decorrer da vida quotidiana (Franklin, 2003; Lança, Marques & Valle, 2017; Lança & Ribeiro, 2020). Na mesma linha de pensamento, Selänniemi (2003) afirma que o turismo pode ser interpretado como uma quadrupla transição/transgressão: é uma transição espacial, de casa para outro lugar;

uma transição temporal, de saída do tempo quotidiano do trabalho e da rotina; uma transição mental, na qual o *self* pode revelar características que se mantêm escondidas durante o quotidiano; e uma transição sensorial/sensual, durante a qual os sentidos estão muito mais despertos. Esta transição/transgressão do espaço de residência e da vida quotidiana para um destino turístico altera o estado psicológico, a ordem social, o estado corporal e a maneira como os indivíduos percebem e experimentam aquilo que os rodeia (Lança & Marques, 2021).

Esta transição/transgressão, associada ao afrouxamento do controlo social e ao anonimato, permitem diferentes atitudes mentais e sensoriais (Lança, Marques & Valle, 2017; Lança & Ribeiro, 2020; Marques & Lança, 2016;). Trata-se de manifestações da corporeidade, nas quais a sensualidade e o prazer desempenham um papel determinante (Gisolf, 2013; Johnston & Longhurst, 2010; Selännemi, 2003). Nesse sentido, a sexualidade, o romance e a intimidade costumam ganhar em frequência e intensidade durante a viagem turística (Zhang & Xu, 2019).

A própria indústria do turismo não é alheia ao fenómeno (Oppermann, McKinley & Chon, 1998) e tem vindo a desenvolver um enfoque cada vez maior na ideia romanceada das férias, através da oferta de experiências dirigidas aos casais em lua de mel, despedidas de solteiro(a), casamentos, «escapadinhas» de fim de semana, etc. (Hatvany, 2011). Em muitos destinos turísticos proliferam também as ofertas orientadas para o sexo *tout court* e o erotismo, como as boates, os bares de alterne, de *striptease*, as casas de prostituição, entre outros (Nadais & Santos, 2012; Prideaux *et al.*, 2004; Ryan & Martin, 2001). A indústria turística desempenha um papel facilitador dos encontros românticos e sexuais numa dupla vertente: de forma direta, através da provisão de cenários, das infraestruturas e até dos parceiros; e de forma indireta, através da rutura com a vida quotidiana (McKercher & Bauer, 2003).

Em simultâneo, é preciso lembrar que os encontros amorosos e sexuais em contexto turístico, seja com o(a) parceiro(a) habitual ou com um(a) novo(a) parceiro(a), podem

impulsionar a adoção de comportamentos de risco. A literatura tem vindo a demonstrar a propensão dos turistas para ter vários parceiros sexuais durante as férias, para o envolvimento sexual com pessoas desconhecidas, para o recurso a serviços de prostituição e para as práticas sexuais desprotegidas (Aboim, 2010b; Ariely & Loewenstein, 2006; Bell, 2009; Campenhoudt, 2019; Marston & King, 2006; Oliveira-Campos, *et al.*, 2013; Ribeiro & Sacramento, 2014). Muitas destas práticas estão também relacionadas com o consumo de substâncias psicoativas, como é o caso do álcool ou das drogas, que costuma ser superior em contexto de férias. Os comportamentos transgressivos ou disruptivos da ordem social tornam-se uma espécie de norma em contexto turístico (Apostolopoulos *et al.*, 2002; Bellis *et al.*, 2000; Bellis *et al.*, 2014; Benotsch *et al.*, 2007; Eiser & Ford, 1995; Josiam *et al.*, 1998; Maticka-Tyndale & Herold, 1999; Memish & Osoba, 2006; Ryan *et al.*, 1996; Sönmez *et al.*, 2013, 2006; Valois *et al.*, 1999).

Contudo, também é necessário sublinhar que o investimento nos relacionamentos duradouros, no romance e até a ocorrência de relações sexuais ocasionais que acontecem durante a viagem turística, por constituírem experiências liminares e «extra-ordinárias», podem ser percebidos pelos intervenientes como alavancas para uma vida sexual mais feliz (Aboim, 2013; Bozon, 2004; Pais, 1998; Policarpo, 2011; Weitman, 1998) e, concomitantemente, para a fidelização ao destino, em virtude das memórias positivas que são criadas (Bigné, Sánchez & Sánchez, 2001; Bramham & Wagg, 2011; Carr & Poria, 2010; Coelho, 2009b; Daley, 2003; Nadais & Santos, 2012; Pine & Gilmore, 1998; Prayag & Ryan, 2012; Silva *et al.*, 2013; Trauer & Ryan, 2005).

A relação entre estes constructos ou variáveis latentes é analisada através da modelação de equações estruturais (MEE) a partir da abordagem PLS (*Partial Least Squares*). O PLS é uma vertente não paramétrica da MEE e tem como objetivo examinar as relações que se estabelecem entre as variáveis latentes (não observáveis) e os seus respetivos indicadores (variáveis observáveis), (Chin, 1998; Pinto, 2016).

Embora as aplicações empíricas da MEE através do método dos mínimos quadrados parciais (PLS-SEM) no âmbito do turismo tenham aumentado nos últimos anos, ainda são poucas as pesquisas que a utilizam (Sarstedt *et al.*, 2020; Valle & Assaker, 2016). Este estudo usa a MEE não apenas para demonstrar as relações que se estabelecem entre os constructos relacionados com a sexualidade, a intimidade, o romance e o turismo, mas também de forma a contribuir para o avanço do conhecimento científico desta técnica de análise de dados no âmbito do turismo e do comportamento sexual humano.

O modelo proposto resulta da revisão da literatura efetuada e apresenta as seguintes hipóteses de investigação, conforme se observa na Figura 8.1:

H1: A transição espacial/temporal está positivamente relacionada com a transição mental;

H2: A transição mental está positivamente relacionada com a transição sensorial/sensual;

H3: A transição espacial/temporal está positivamente relacionada com o investimento em relacionamentos duradouros;

H4: A transição espacial/temporal está positivamente relacionada com o romance de férias/sexo ocasional;

H5: A transição mental está positivamente relacionada com o investimento em relacionamentos duradouros;

H6: A transição mental está positivamente relacionada com o romance de férias/sexo ocasional;

H7: A transição sensorial/sensual está positivamente relacionada com o investimento em relacionamentos duradouros;

H8: A transição sensorial/sensual está positivamente relacionada com o romance de férias/sexo ocasional;

H9: O investimento em relacionamentos duradouros está positivamente relacionado com os comportamentos de risco;

H10: O investimento em relacionamentos duradouros está positivamente relacionado com a avaliação da vida sexual;

H11: O investimento em relacionamentos duradouros está positivamente relacionado com a fidelização ao destino;

H12: O romance de férias/sexo ocasional está positivamente relacionado com os comportamentos de risco;

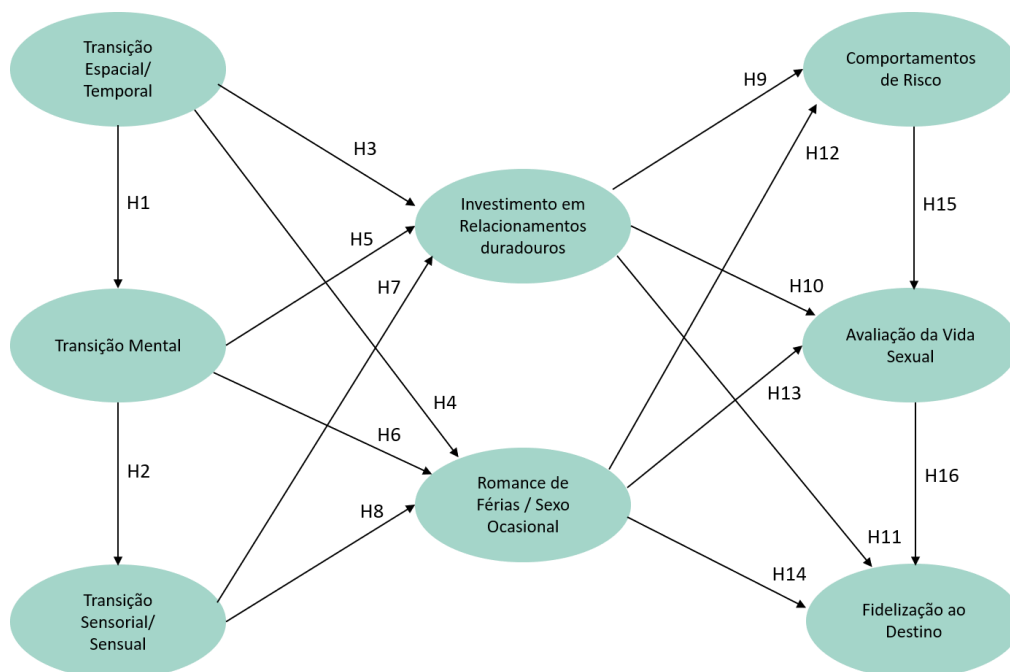
H13: O romance de férias/sexo ocasional está positivamente relacionado com a avaliação da vida sexual;

H14: O romance de férias/sexo ocasional está positivamente relacionado com a fidelização ao destino;

H15: Os comportamentos de risco estão positivamente relacionados com a avaliação da vida sexual;

H16: A avaliação da vida sexual está positivamente relacionada com a fidelização ao destino.

Figura 8.1 – Modelo Estrutural



Fonte: Elaboração própria.

8.1.1 Análise dos Resultados do Modelo Estrutural

O perfil sociodemográfico dos turistas que responderam ao inquérito por questionário (n = 1.015) é apresentado no Capítulo 3, assim como o contexto de investigação (o Algarve) é detalhado em pormenor no Capítulo 2, pelo que neste subponto prossegue-se de imediato para a análise dos resultados do modelo estrutural.

8.1.2 Avaliação do Modelo de Medida

Considerando que “só vale a pena analisar as relações entre as variáveis latentes se o investigador se sentir confiante de que os indicadores que utiliza representam adequadamente essas variáveis” (Pinto, 2016:45), o primeiro passo foi identificar no inquérito os indicadores que a literatura reconhece como estando arrolados às variáveis latentes. Em seguida, realizou-se a avaliação do modelo de medida em termos de consistência interna individual e compósita (*reliability*), e a validade convergente e discriminante (*convergent validity* e *discriminant validity*), de acordo com as linhas orientadoras de Fornell & Larcker (1981) e Gefen & Straub (2005).

A consistência interna individual é avaliada tendo em conta a magnitude dos *loadings* de cada indicador, isto é o «peso» de cada variável observável, havendo um consenso na literatura de que devem reter-se os indicadores com *loadings* iguais ou superiores a 0.7 (Chin, 1998; Zhang & Xu, 2019). Para a construção do modelo, foram testados todos os indicadores das questões 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 27 e 28 do inquérito por questionário (*Vide* Apêndice A1). Retiveram-se apenas os que cumpriram o critério de consistência interna individual, isto é, com *loadings* a variar entre 0.737 e 0.920 (Tabela 8.1). Este procedimento garante que os indicadores utilizados são individualmente fiáveis (Hair *et al.*, 2011). Os índices de consistência interna compósita (*composite reliability*) das variáveis latentes são também superiores ao valor limiar de 0.7,

variando entre 0.828 e 0.954, o que indica adequada consistência interna compósita (Fornell & Larcker, 1981; Hair *et al.*, 2011), (Tabela 8.1).

Tabela 8.1 - Resultados do Modelo de Medida

Variáveis Latentes	Indicadores	Loadings	Estatísticas T	Composite Reliability	AVE	P-Values
Transição Espacial/Temporal	A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	0.859	28.508	0.954	0.777	0.000
	A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	0.906	37.968			0.000
	A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	0.882	28.953			0.000
	A animação noturna facilita os encontros sexuais	0.919	43.999			0.000
	Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	0.867	32.606			0.000
	É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	0.854	29.895			0.000
Transição Mental	As férias são o momento ideal para me divertir	0.851	8.632	0.828	0.616	0.000
	Em férias tudo é permitido	0.762	6.224			0.000
	Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia	0.737	6.487			0.000
Transição Sensorial/Sensual	Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	0.902	45.890	0.898	0.815	0.000
	Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos convencionais	0.904	49.465			0.000
Investimento em Relacionamentos Duradouros	As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	0.900	44.388	0.885	0.794	0.000
	Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	0.882	46.026			0.000
Romance de Férias/Sexo Ocasional	As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	0.920	44.469	0.934	0.825	0.000
	As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	0.917	37.181			0.000
	Nestas férias quero ter um ou mais <i>flirts</i>	0.887	36.899			0.000
Comportamentos de Risco	Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	0.877	31.857	0.939	0.795	0.000
	Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	0.913	42.913			0.000
	Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	0.858	31.292			0.000
	Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	0.917	47.953			0.000
Avaliação da Vida Sexual	Frequência de relações sexuais no Algarve	0.839	27.232	0.837	0.632	0.000
	Satisfação com a vida sexual	0.780	17.680			0.000
	Avaliação do desempenho sexual	0.763	16.630			0.000
Fidelização ao Destino	Intenção de regresso ao Algarve	0.874	12.980	0.871	0.772	0.000
	Intenção de recomendação do Algarve	0.883	14.104			0.000

Fonte: Elaboração própria.

Em termos de validade convergente, de acordo com Gefen & Straub (2005), ela existe quando os indicadores do modelo de medida registam um *t-bootstrap* superior a 1.96 (para $\alpha = 0.05$) nas variáveis latentes que estão a medir (Pinto, 2016). Os resultados mostram que todos os indicadores registam valores *t* significativos. Outra medida de validade convergente é dada pela Variância Média Extraída (AVE), que indica a variância partilhada entre os indicadores e as

respetivas variáveis latentes. Os valores da AVE devem ser superiores a 0.5 (Dillon & Goldstein, 1984) sendo que, neste caso, variam entre 0.616 e 0.825 (Tabela 8.1).

Já a validade discriminante refere-se ao grau com que os indicadores medem diferentes constructos. Utilizou-se o critério de Fornell & Larcker (1981) que requer o cálculo das correlações entre os constructos e a sua comparação com as demais AVEs. Este aspeto foi observado através da comparação da AVE de cada variável latente e as suas respetivas raízes quadradas. Quando a raiz quadrada da AVE de um determinado constructo excede as correlações entre esse constructo e as outras variáveis latentes, sugere-se uma validade discriminante adequada (Chin, 1998; Fornell & Larcker, 1981). Este pressuposto verifica-se em todos os casos (Tabela 8.2), exceto na correlação entre a Transição Espacial/Temporal e os Comportamentos de Risco, em que o valor da correlação (0.895) é superior à raiz quadrada da AVE (0.882). Tal significa que, em teoria, a Transição Espacial/Temporal não está positivamente relacionada com a adoção de Comportamentos de Risco, o que, no modelo proposto, não constitui adversidade uma vez que essa hipótese não foi considerada.

Tabela 8.2 - Validade Discriminante

	Transição Espacial/Temporal	Transição Mental	Transição Sensorial/Sensual	Investimento em Relacionamentos Duradouros	Romance de Férias/Sexo Ocasional	Comportamentos de Risco	Avaliação da Vida Sexual	Fidelização ao Destino
Transição Espacial/Temporal	0.882*							
Transição Mental	0.300	0.785*						
Transição Sensorial/Sensual	0.831	0.279	0.903*					
Investimento em Relacionamentos Duradouros	0.770	0.225	0.749	0.891*				
Romance de Férias/Sexo Ocasional	0.880	0.263	0.826	0.817	0.908*			
Comportamentos de Risco	0.895	0.293	0.863	0.805	0.897	0.892*		
Avaliação da Vida Sexual	0.361	0.098	0.355	0.377	0.384	0.427	0.795*	
Fidelização ao Destino	0.061	0.099	0.090	0.056	0.079	0.086	0.143	0.879*

* Os valores diagonais correspondem à raiz quadrada da AVE para cada variável latente, de forma a avaliar o critério de Fornell & Larcker (1981).

Fonte: Elaboração própria.

Outra forma de avaliar a validade discriminante é através da análise dos *cross loadings*, isto é, o peso de cada indicador nas outras variáveis latentes. Segundo este pressuposto, o *loading* do indicador na sua variável latente deve exceder o valor que regista nos outros constructos (Chin, 1998; Pinto, 2016). Conforme se observa na Tabela 8.3, o pressuposto é cumprido na totalidade, verificando-se uma validade discriminante adequada.

Tabela 8.3 - Cross Loadings

	Transição Espacial/Temporal	Transição Mental	Transição Sensorial/Sensual	Investimento em Relacionamentos Duradouros	Romance de Férias/Sexo Ocasional	Comportamentos de Risco	Avaliação da Vida Sexual	Fidelização ao Destino
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	0.859	0.310	0.719	0.679	0.780	0.784	0.304	0.035
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	0.906	0.273	0.728	0.699	0.786	0.786	0.305	0.046
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	0.882	0.133	0.775	0.700	0.829	0.842	0.356	0.046
A animação noturna facilita os encontros sexuais	0.919	0.291	0.762	0.719	0.804	0.818	0.315	0.049
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	0.867	0.291	0.697	0.641	0.733	0.754	0.312	0.077
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	0.854	0.295	0.713	0.632	0.718	0.744	0.318	0.075
As férias são o momento ideal para me divertir	0.293	0.851	0.288	0.201	0.204	0.292	0.073	0.050
Em férias tudo é permitido	0.217	0.762	0.182	0.183	0.239	0.204	0.082	0.101
Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia	0.180	0.737	0.166	0.138	0.174	0.177	0.081	0.094
Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	0.738	0.247	0.902	0.672	0.744	0.757	0.336	0.091
Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos convencionais	0.763	0.256	0.904	0.681	0.747	0.801	0.306	0.072
As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	0.720	0.126	0.706	0.900	0.785	0.742	0.326	0.068
Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	0.651	0.282	0.627	0.882	0.667	0.692	0.346	0.030
As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	0.826	0.316	0.755	0.752	0.920	0.805	0.348	0.072
As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	0.776	0.128	0.726	0.727	0.917	0.761	0.325	0.073
Nestas férias quero ter um ou mais <i>flirts</i>	0.794	0.264	0.766	0.746	0.887	0.872	0.372	0.069
Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	0.803	0.319	0.795	0.675	0.814	0.877	0.335	0.083
Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	0.818	0.276	0.786	0.721	0.807	0.913	0.372	0.094
Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	0.754	0.247	0.735	0.684	0.739	0.858	0.395	0.071
Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	0.815	0.209	0.762	0.787	0.837	0.917	0.419	0.059
Frequência de relações sexuais no Algarve	0.388	0.090	0.374	0.428	0.416	0.451	0.839	0.146
Satisfação com a vida sexual	0.201	0.101	0.204	0.188	0.206	0.241	0.780	0.106
Avaliação do desempenho sexual	0.194	0.034	0.199	0.177	0.208	0.241	0.763	0.065
Intenção de regresso ao Algarve	0.077	0.126	0.099	0.057	0.087	0.082	0.117	0.874
Intenção de recomendação do Algarve	0.032	0.050	0.061	0.041	0.052	0.070	0.134	0.883

Fonte: Elaboração própria.

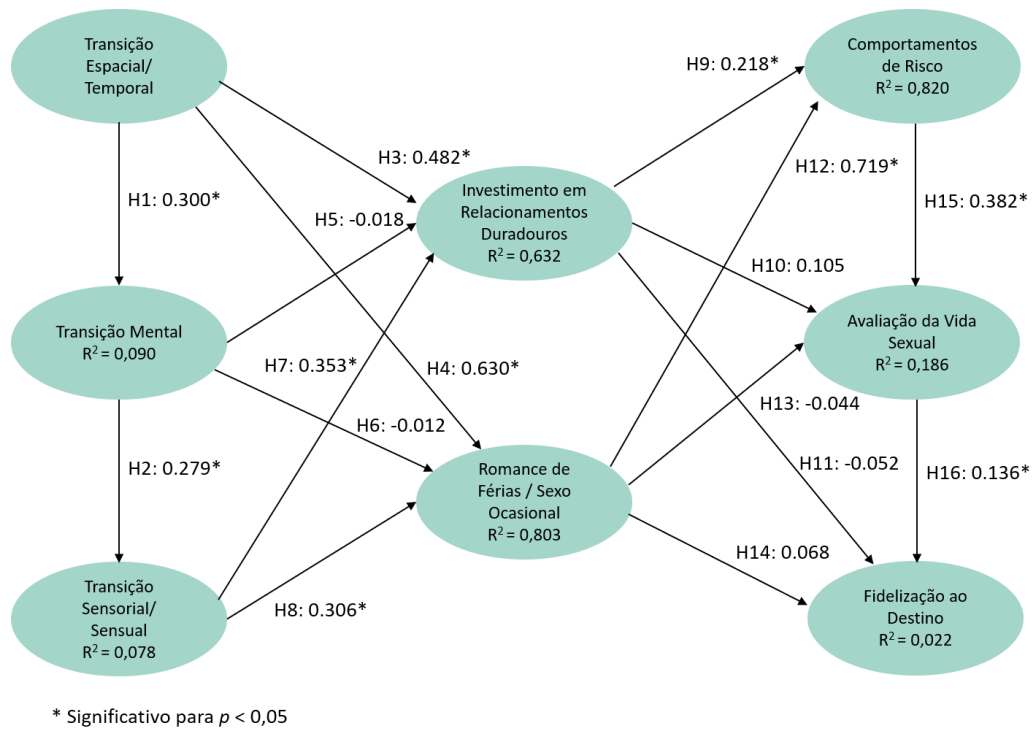
8.1.3 Avaliação do Modelo Estrutural

Depois de avaliar o modelo de medida (consistência interna individual e compósita e validades convergente e discriminante), é necessária a avaliação do modelo estrutural. Esta análise realiza-se através dos *path coefficients* (β) e dos valores dos coeficientes de determinação (R^2) de cada uma das variáveis latentes endógenas (Transição Mental, Transição Sensorial/Sensual, Investimento em Relacionamentos Duradouros, Romance de Férias/Sexo Ocasional, Comportamentos de Risco, Avaliação da Vida Sexual e Fidelização ao Destino). Os *path coefficients* indicam a magnitude das relações entre os constructos, enquanto os valores de R^2 medem o poder preditivo do modelo estrutural e indicam o grau de variância explicada pelos indicadores (Hutchinson *et al.*, 2009; Pinto, 2016). Através da técnica de *bootstrapping* foi calculada a significância estatística dos *path coefficients* para as hipóteses do modelo estrutural.

Apesar de não existir um consenso sobre os valores de referência de R^2 , Chin (1998) argumenta que quando uma variável latente endógena é explicada por outras variáveis latentes, como é o caso do modelo proposto, esperam-se R^2 elevados. Pinto (2016) defende que 0,75, 0,50 e 0,25 revelam, respetivamente, um ajustamento substancial, moderado e fraco, sendo esses os valores admitidos nesta pesquisa. Conquanto o modelo de medida mostre indicadores que representam adequadamente as variáveis latentes, com *loadings* acima de 0.7 (Chin, 1998; Zhang & Xu, 2019), a observação da Figura 8.2 permite constatar que o modelo estrutural proposto apresenta um poder preditivo moderado, com valores de R^2 a variar entre 0,022 e 0,820.

É no caso dos Comportamentos de Risco e do Romance de Férias/Sexo Ocasional que o poder preditivo é mais elevado ($R^2 = 0,820$ e $0,803$, respetivamente), indicando que o modelo explica 82,0% e 80,3% da variância nestas variáveis latentes, sendo nelas que melhor se ajusta à amostra.

Figura 8.2 – Resultados do Modelo Estrutural



Fonte: Elaboração própria.

Em sentido oposto, é na Fidelização ao Destino ($R^2 = 0,022$) e na Transição Sensorial/Sensual ($R^2 = 0,078$) que o poder preditivo é menor, indicando que o modelo explica apenas 0,2% e 0,8% da variância nestes constructos. Tal significa a necessidade de acrescentar ou substituir alguns dos indicadores utilizados, revelando, em simultâneo, o potencial de melhoria do modelo em investigações futuras.

Tendo 1,96 como valor crítico de referência para o *t-bootstrap* e um valor de $p < 0,05$, são suportadas as hipóteses H1, H2, H3, H4, H7, H8, H9, H12, H15 e H16, uma vez que apresentam *path coefficients* positivos, bem como um valor *t* superior ao valor crítico de referência (Tabela 8.4). Em sentido contrário, e considerando que as hipóteses H5, H6, H10, H11, H13 e H14 apresentam valores para o *t-bootstrap* abaixo do valor de referência, *path coefficients* baixos e valores de $p > 0,05$, sugere-se a rejeição destas hipóteses.

Tabela 8.4 - Resultados do Modelo Estrutural

	Hipóteses	Path Coefficients	Estatísticas T	P-Values	Resultados
H1	Transição Espacial/Temporal -> Transição Mental	0.300	4.762	0.000	Suportada
H2	Transição Mental -> Transição Sensorial/Sensual	0.279	4.404	0.000	Suportada
H3	Transição Espacial/Temporal -> Investimento em Relacionamentos Duradouros	0.482	4.875	0.000	Suportada
H4	Transição Espacial/Temporal -> Romance de Férias/Sexo Ocasional	0.630	6.835	0.000	Suportada
H5	Transição Mental -> Investimento em Relacionamentos Duradouros	-0.018	0.303	0.762	Não suportada
H6	Transição Mental -> Romance de Férias/Sexo Ocasional	-0.012	0.275	0.784	Não suportada
H7	Transição Sensorial/Sensual -> Investimento em Relacionamentos Duradouros	0.353	3.770	0.000	Suportada
H8	Transição Sensorial/Sensual -> Romance de Férias/Sexo Ocasional	0.306	3.345	0.001	Suportada
H9	Investimento em Relacionamentos Duradouros -> Comportamentos de Risco	0.218	2.819	0.005	Suportada
H10	Investimento em Relacionamentos Duradouros -> Avaliação da Vida Sexual	0.105	1.201	0.230	Não suportada
H11	Investimento em Relacionamentos Duradouros -> Fidelização ao Destino	-0.052	0.862	0.389	Não suportada
H12	Romance de Férias/Sexo Ocasional -> Comportamentos de Risco	0.719	9.552	0.000	Suportada
H13	Romance de Férias/Sexo Ocasional -> Avaliação da Vida Sexual	-0.044	0.348	0.728	Não suportada
H14	Romance de Férias/Sexo Ocasional -> Fidelização ao Destino	0.068	1.003	0.316	Não suportada
H15	Comportamentos de Risco -> Avaliação da Vida Sexual	0.382	3.174	0.002	Suportada
H16	Avaliação da Vida Sexual -> Fidelização ao Destino	0.136	2.955	0.003	Suportada

Fonte: Elaboração própria.

8.1.4 Discussão dos Resultados do Modelo Estrutural

O estudo testa um modelo de equações estruturais com variáveis latentes aplicado às relações entre as características liminares da experiência turística, o investimento em relacionamentos duradouros, o romance de férias/sexo ocasional, os comportamentos de risco, a avaliação da vida sexual e a fidelização ao destino Algarve. O propósito é identificar relações entre os constructos no sentido de ajudar a responder ao objetivo geral desta pesquisa que é: *compreender as práticas e as representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade e o efeito do destino turístico nesses comportamentos e representações.*

Os resultados do modelo estrutural mostram que a H1, isto é, a Transição Espacial/Temporal está positivamente relacionada com a Transição Mental ($\beta = 0,300$; $p < 0,05$), significando que a viagem turística para longe do local comumente habitado e da rotina

quotidiana proporciona efetivamente a adoção de outro estado mental, onde o *self* pode mostrar características que normalmente estão ocultas (Lança & Marques, 2021; Selänniemi, 2003). Daí resultam alguns comportamentos inabituais ou mesmo transgressivos, como um maior consumo de alimentos, álcool ou drogas, e uma maior propensão para as atividades sexuais, como demonstram alguns estudos (Dahles, 1998; Koc, 2013; Shields, 1990; Uriely, Ram & Malach-Pines, 2011; Urry, 2002; Weichselbaumer, 2012). Os indicadores que mais contribuem para esta relação são: “a animação noturna facilita os encontro sexuais”, “a vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais”, “as férias são o momento ideal para me divertir”, “em férias tudo é permitido” e “em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia”.

A Transição Mental está, por sua vez, positivamente relacionada com a Transição Sensorial/Sensual, suportando a H2 ($\beta = 0,279$; $p < 0,05$). Significa que a adoção de um novo estado do *self*, durante a viagem turística, possibilita efetivamente que os sentidos estejam muito mais apurados e que os indivíduos percebem e experimentam aquilo que os rodeia de uma forma mais intensa e «extra-ordinária» (Marques & Lança, 2016; Selänniemi, 2003). A viagem turística constitui, portanto, um espaço-tempo liminar onde é possível realizar as fantasias e os desejos que normalmente são negados no quotidiano (Franklin, 2003). Os indicadores que mais contribuem para a Transição Sensorial/Sensual são: “em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos convencionais” e “em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo”.

A Transição Espacial/Temporal está também positivamente relacionada com o Investimento em Relacionamentos Duradouros, suportando a H3 ($\beta = 0,482$; $p < 0,05$). A transição espacial (*placelessness*), de casa para o lugar turístico, e temporal (*timelessness*), para longe da vida quotidiana, da rotina do trabalho, para um lugar onde o tempo deixa de ser uma referência e tudo pode ser vivido de forma mais tranquila, faz com que os casais tenham mais

disponibilidade para fortalecer os laços que os unem (Marques & Lança, 2016; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001; Zhang & Xu, 2019). Nesse sentido, os indicadores que mais contribuem para o Investimento em Relacionamentos Duradouros são: “as férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual” e “nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)”.

Se a Transição Espacial/Temporal está positivamente relacionada com o Investimento em Relacionamentos Duradouros, então também é de esperar que esteja positivamente relacionada com o Romance de Férias/Sexo Ocasional, tal como demonstram alguns estudos realizados anteriormente (Cabezas, 2004; Dahles & Bras, 1999; Jeffreys, 2003; Lett, 1983; McKercher & Bauer, 2003; Meisch, 1995; Phillips, 1999, 2002; Pruitt & LaFont, 1995; Ryan & Hall, 2001). Efetivamente, os resultados sugerem a aceitação da H4 ($\beta = 0,630$; $p < 0,05$) e demonstram, aliás, que a influência da Transição Espacial/Temporal é superior no Romance de Férias/Sexo Ocasional do que no Investimento em Relacionamentos Duradouros ($\beta = 0,482$; $p < 0,05$). Os indicadores que mais contribuem para o Romance de Férias/Sexo Ocasional são: “as férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos”, “as férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso” e “nestas férias quero ter um ou mais *flirts*”.

Os resultados comprovam ainda que a Transição Sensorial/Sensual está positivamente relacionada com o Investimento em Relacionamentos Duradouros ($\beta = 0,353$; $p < 0,05$) e com o Romance de Férias/Sexo Ocasional ($\beta = 0,306$; $p < 0,05$), suportando as hipóteses H7 e H8. Mas, neste caso, demonstram que a Transição Sensorial/Sensual, ou seja, a manifestação da corporeidade através dos sentidos, da sensualidade e da sexualidade (Baudrillard, 2011; Gisolf, 2013; Johnston & Longhurst, 2010; Lança, Marques & Valle, 2017; Lança & Ribeiro, 2020; Marques & Lança, 2016; Selännemi, 2003) influencia mais o Investimento em Relacionamentos Duradouros do que o Romance de Férias/Sexo Ocasional.

A análise dos dados mostra que tanto o Investimento em Relacionamentos Duradouros, como o Romance de Férias/Sexo Ocasional, estão positivamente relacionados com a adoção de Comportamentos de Risco em contexto de férias ($\beta = 0,218$; $p < 0,05$ e $\beta = 0,719$; $p < 0,05$), suportando as hipóteses H9 e H12. Sublinha-se, contudo, que os Comportamentos de Risco estão muito mais associados aos Romances de Férias/Sexo Ocasional do que ao Investimento em Relacionamentos Duradouros, o que é comprovado pela magnitude da relação entre os constructos (*path coefficient*). Os indicadores que contribuem para a variável latente Comportamentos de Risco são: “em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais”, “nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)”, “nestas férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual”, e “em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo”.

A relação entre os Romances de Férias/Sexo Ocasional e a propensão para a adoção de Comportamentos de Risco já foi observada em estudos anteriores (Ariely & Loewenstein, 2006; Bell, 2009; Brown & Stephan, 2013; Calafat *et al.*, 2009; Hesse & Tutenges, 2011; Josiam *et al.*, 1998; Kelly *et al.*, 2014; Marston & King, 2006; Mura & Khoo-Lattimore, 2013; Oliveira-Campos, *et al.*, 2013; Ryan & Martin, 2001; Sönmez *et al.*, 2006; Thomas, 2005; Uriely & Belhassen, 2006). No entanto, alguns desses estudos salientam a influência do consumo de substâncias psicoativas, como o álcool e as drogas, nos comportamentos sexuais de risco, algo que não pode ser atestado em rigor no modelo proposto, já que os indicadores relacionados com o consumo de álcool e drogas, por registarem *loadings* inferiores a 0.7 (Chin, 1998; Zhang & Xu, 2019), foram descartados da análise.

Os resultados demonstram ainda que a adoção de Comportamentos de Risco está positivamente relacionada com a Avaliação da Vida Sexual ($\beta = 0,382$; $p < 0,05$), suportando a H15. Por sua vez, a Avaliação da Vida Sexual está positivamente relacionada com a Fidelização ao Destino ($\beta = 0,136$; $p < 0,05$), suportando a H16. A Avaliação da Vida Sexual foi medida através

dos indicadores: frequência de relações sexuais no Algarve, satisfação com a vida sexual e avaliação do desempenho sexual; enquanto a Fidelização ao Destino foi medida através dos indicadores: intenção de regresso ao Algarve e intenção de recomendação do Algarve. Sugere-se, portanto, que os Comportamentos de Risco atuam de forma positiva na Avaliação da Vida Sexual, o que pode ser encarado com preocupação, se considerarmos que os indivíduos que mais riscos incorrem são os mais satisfeitos com a vida sexual. No entanto, sublinha-se a necessidade de monitorizar este resultado, por não haver ainda pesquisas suficientes sobre a relação entre os Comportamentos de Risco e a Avaliação da Vida Sexual (Eiser & Ford, 1995).

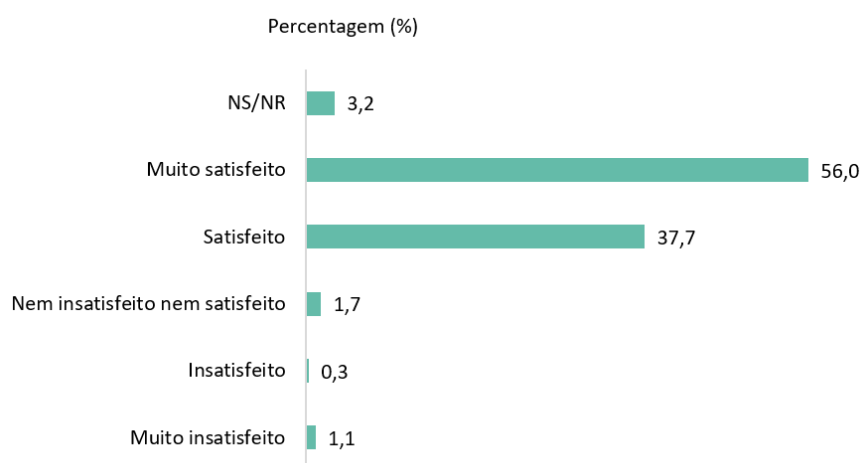
Em simultâneo, a Avaliação da Vida Sexual está positivamente relacionada com a Fidelização ao Destino, o que demonstra que os indivíduos mais satisfeitos sexualmente são os mais propensos a regressar e a recomendar o Algarve. A indústria turística da região pode aproveitar este potencial, criando e desenvolvendo mais atividades dirigidas aos casais que antecipam a viagem ao Algarve como uma oportunidade para viverem prazeres intensos, onde se inclui o amor, o romance e a sexualidade (Urry, 2002; Weitman, 1998).

Finalmente, o modelo sugere a rejeição das hipóteses H5, H6, H10, H11, H13 e H14 ($p > 0,05$). Significa que o Investimento em Relacionamentos Duradouros e o Romance de Férias/Sexo Ocasional não estão associados à Transição Mental, mas estão, como vimos, relacionados com a Transição Espacial/Temporal e Sensorial/Sensual. A mudança de lugar e o despertar para novas sensações e emoções atuam de forma mais direta nos relacionamentos pré-estabelecidos e na ocorrência de romances de férias/sexo ocasional, do que propriamente a alteração do estado do mental. Por outro lado, os resultados demonstram que tanto o Investimento em Relacionamentos Duradouros, como o Romance de Férias/Sexo Ocasional não estão associados à Avaliação da Vida Sexual, nem à Fidelização ao Algarve. Embora o destino turístico seja determinante para o Investimento em Relacionamentos Duradouros e para o desenvolvimento de Romances de Férias/Sexo Ocasional, não há evidência estatística de que os

relacionamentos mantidos durante as férias favoreçam a Avaliação da Vida Sexual e a Fidelização ao Destino.

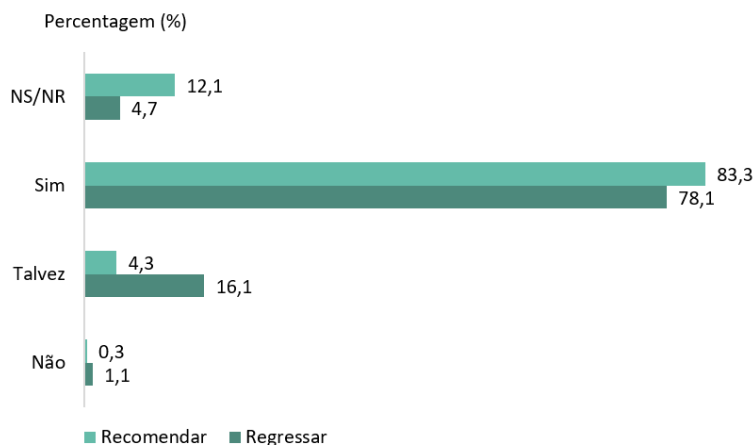
No que respeita à Fidelização ao Algarve, a grande maioria dos inquiridos demonstra estar muito satisfeita (56,0%) ou satisfeita (37,7%) com o destino (Figura 8.3), aspeto que é determinante da sua intenção de regresso e de recomendação: 78,1% desejam regressar e 83,3% pretendem recomendar o Algarve (Figura 8.4).

Figura 8.3 – Grau de Satisfação com o Algarve



Fonte: Elaboração própria.

Figura 8.4 – Intenção de Regressar e de Recomendar o Algarve



Fonte: Elaboração própria.

Estes resultados demonstram, por um lado, a limitação do instrumento de inquirição - que, por ser de curta dimensão, inviabilizou a inclusão de outros indicadores na análise - mas indicam, por outro lado, o potencial de desenvolvimento do estudo em investigações futuras e a necessária complementaridade com análises de outra natureza (como as que se descrevem no próximo subponto). Em simultâneo, apontam para a necessidade de adaptação da indústria turística aos segmentos alicerçados no romance e na sexualidade, através da oferta de atividades e experiências mais dirigidas a estes indivíduos. Existe evidência de que o destino potencia maiores e mais intensas atividades românticas e sexuais e, pese embora os turistas estejam satisfeitos e desejam regressar e recomendar a região, não é por motivos românticos e/ou sexuais que o fazem. O turismo do Algarve pode aproveitar o potencial identificado no sentido de melhorar a sua promoção além-fronteiras e fidelizar ainda mais turistas.

8.2 *É um benefício extra. Se fizer sexo num lugar exótico, as férias são muito melhores:*

Resultados da Pesquisa Qualitativa sobre Sexo e Romance em Contexto Turístico

Como se tem vindo a avançar, o Algarve é um destino de férias para famílias, casais e amigos, onde o sexo desempenha um papel importante. Contudo, McKercher e Bauer (2003:13) afirmam que:

Since most tourism involves traveling with one's partner and family, it is also apparent that most sexual activities away from home involve the continuation of ongoing relationships. Such activities have generated little academic interest because they are neither controversial nor out of the ordinary.¹¹⁸

¹¹⁸ Uma vez que a maioria das viagens turísticas se faz com o(a) parceiro(a) e a família, é evidente que a maioria das atividades sexuais fora de casa envolve relacionamentos duradouros. Tais atividades têm gerado pouco interesse académico porque não são nem controversas nem fora do comum. Tradução própria.

Nesse sentido, é necessário e urgente que se estudem os comportamentos sexuais dos turistas fora do *paradigma do turismo sexual* porque, como defende Marques (2016: s/p):

As futuras pesquisas sobre a relação entre o turismo e o sexo continuarão a incidir nos aspetos negativos e de exploração do «turismo sexual» e da prostituição, mas a investigação deverá também virar-se para os aspetos menos conhecidos e mais positivos e recompensadores da articulação entre a viagem, o amor e a sexualidade humana.

Os resultados apresentados neste subponto agregam os dados recolhidos através da metodologia qualitativa (entrevistas em profundidade) e sugerem uma forte relação entre a viagem de férias e os encontros românticos e sexuais, tanto no que diz respeito a novos envolvimentos, quanto no que se refere ao fortalecimento dos relacionamentos já existentes. As características liminares da viagem turística oferecem as condições ideais para as atividades sexuais e/ou românticas com os parceiros habituais ou com novos parceiros que se encontram no destino, mas em situações que são descritas como positivas, benéficas e não pecuniárias (Lança & Marques, 2021; Lança & Ribeiro, 2020).

O tempo de férias é limitado mas, se por um lado, possibilita viver experiências de forma mais lenta e intensa porque os indivíduos não estão sujeitos à pressão do trabalho e das rotinas, tendo mais tempo livre para dedicar aos parceiros habituais, por outro lado, faz com que nos chamados romances de férias tudo aconteça de forma mais rápida, sendo relativamente frequente «queimarem-se» algumas etapas por que passam os relacionamentos «tradicionais». Em qualquer dos casos, os turistas experienciam o romance e a sexualidade de uma forma diferente e «extra-ordinária», criando memórias positivas sobre as férias e o destino turístico (Bigné, Sánchez & Sánchez, 2001; Bramham & Wagg, 2011; Carr & Poria, 2010; Coelho, 2009b; Daley, 2003; Nadais & Santos, 2012; Pine & Gilmore, 1998; Prayag & Ryan, 2012; Silva *et al.*, 2013; Trauer & Ryan, 2005).

Os resultados revelam padrões de resposta distintos de acordo com o género dos indivíduos. O duplo padrão sexual, embora enfraquecido, continua a moldar o que se faz e, sobretudo, o que se diz a respeito da sexualidade e da intimidade (Connell, 1987; Jackson & Scott, 2002). A possibilidade de envolvimento num romance de férias ou aventura sexual sem comprometimento futuro continua a fazer parte do imaginário masculino, enquanto as mulheres preferem dedicar o seu tempo aos parceiros habituais, investindo nos relacionamentos já existentes (Lança & Marques, 2021; Lança & Ribeiro, 2020).

Os resultados permitem ainda alguns comentários sobre as implicações práticas dos segmentos alicerçados no romance e na sexualidade para o futuro do Algarve como destino turístico (*Vide Conclusões*). Considerando que a qualidade das experiências é determinada, em grande medida, pela intimidade que existe entre as pessoas no destino (Trauer & Ryan, 2005), as experiências românticas e sexuais podem desempenhar um papel decisivo na fidelização dos turistas ao Algarve, assim como na captação de novos turistas (Lança, Marques & Pinto, 2017).

8.2.1 Análise e Discussão dos Resultados da Pesquisa Qualitativa

O perfil sociodemográfico dos turistas que responderam à entrevista (n = 29) é apresentado no Capítulo 3 e no Apêndice C, e o Algarve como contexto de investigação é descrito com pormenor no Capítulo 2. Assim, prossegue-se para a análise e discussão dos resultados qualitativos, os quais já foram alvo de escrutínio científico ao terem sido publicados em obras de referência na área do turismo (Lança & Marques, 2021; Lança & Ribeiro, 2020).

No que concerne ao objetivo geral do estudo, os resultados revelam informações significativas: primeiro, porque permitem observar um fenómeno que é original no Algarve, em Portugal e em muitos outros países; segundo, porque os resultados fornecem informações

precisas sobre os aspetos que mais influenciam a relação entre o turismo e a sexualidade humana num destino de sol e praia como o Algarve. A Tabela 8.5 ilustra as principais categorias e subcategorias subjacentes a essa relação.

Tabela 8.5 – Codificação dos Dados Qualitativos

Categorias	Subcategorias/ Códigos	n	(%)	Número de referências masculinas codificadas (n)	Número de referências femininas codificadas (n)
Transição Sensorial/Sensual (n=188)	Corporeidade	10	5,3	5	5
	Frequência de relações sexuais	29	15,4	13	16
	Intensidade das relações sexuais	30	16,0	14	16
	Predisposição para um relacionamento de férias	57	30,3	24	33
	Dissolução de relacionamentos duradouros	29	15,4	12	17
	Investimento em relacionamentos duradouros	33	17,6	15	18
Transição Mental (n=172)	<i>Communitas</i>	29	16,9	14	15
	Experiências limite				
	Consumo de álcool	46	26,7	22	24
	Consumo de drogas	11	6,4	8	3
	Sexo pago	28	16,3	13	15
	Sexo sem preservativo	28	16,3	13	15
	Vários parceiros sexuais	30	17,4	15	15
Transição Espacial/Temporal (n=164)	Afrouxamento do controlo social/ anonimato	39	23,8	16	23
	Características do destino	26	15,8	10	16
	Sol e mar	28	17,1	11	17
	Compressão do tempo	39	23,8	18	21
	Papel da indústria turística				
	Vida noturna	26	15,8	12	14
	Entretenimento	6	3,7	1	5

Fonte: Elaboração própria com base em dados estatísticos provenientes do *software* NVivo 1.5.

Outra forma de visualização das referências codificadas é através de um mapa hierárquico (*tree map*). Este tipo de gráfico é particularmente útil para representar a organização dos dados com base no número total de ocorrências em cada categoria e subcategoria, na análise de conteúdo (através do *software* NVivo). Cada categoria e subcategoria é representada por um retângulo, cuja dimensão é determinada pelo número total de ocorrências codificadas nessas mesmas categorias/subcategorias (Figura 8.3).

De acordo com a Tabela 8.5 e a Figura 8.5, observam-se os aspetos que mais contribuem para as características liminares da experiência turística que, por sua vez, explicam as representações e as práticas sexuais e românticas em contexto turístico (Graburn, 1977; Jafari, 1987; McKercher & Bauer, 2003; Ryan & Hall, 2001; Selännemi, 2003).

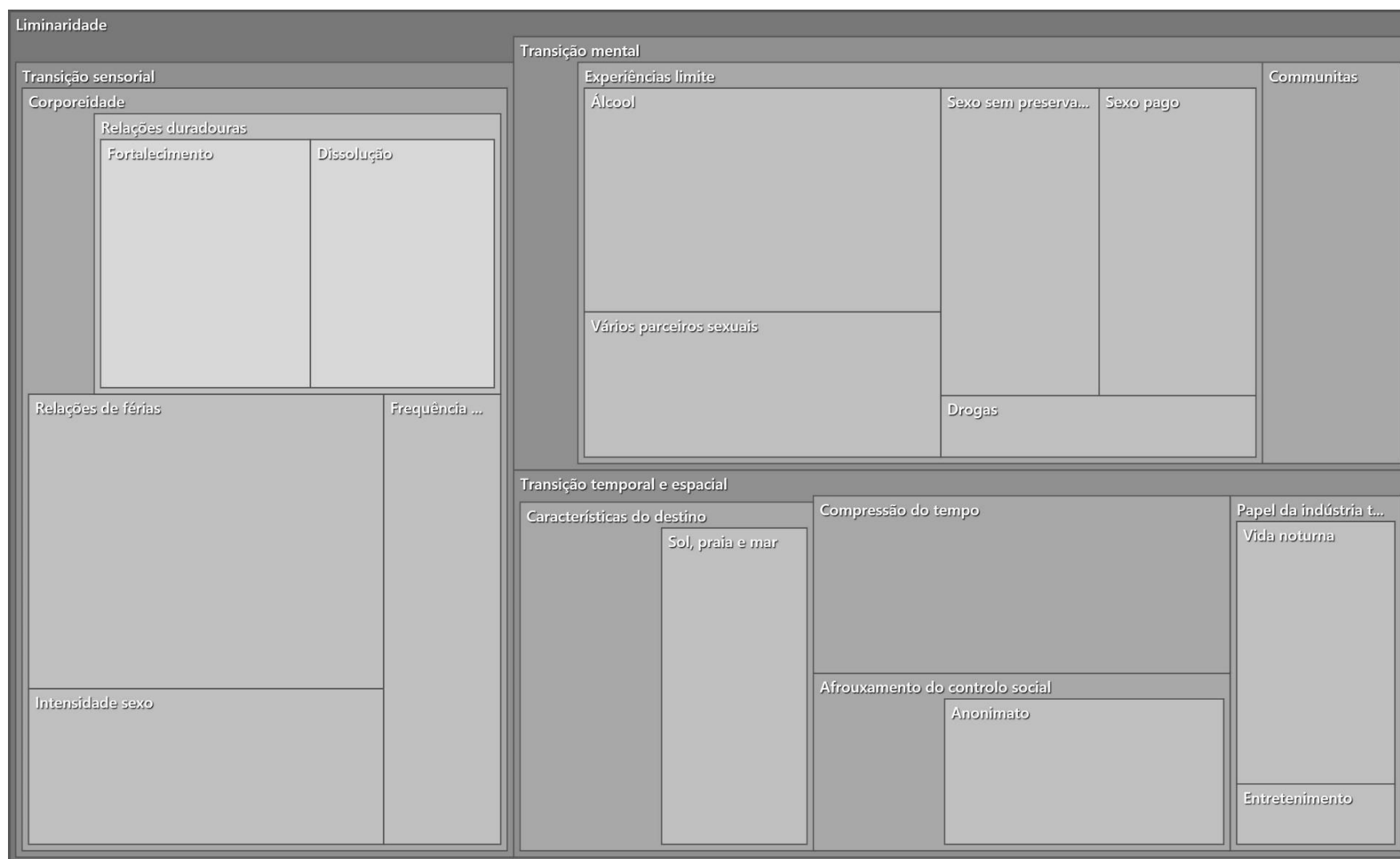
Os resultados da codificação de 524 referências mostram uma pequena vantagem da Transição Sensorial/Sensual sobre as outras categorias que explicam a natureza liminar do turismo (Selännemi, 2003). No total, a Transição Sensorial/Sensual obteve o maior número de referências codificadas (n=188), significando que o turismo oferece oportunidades para experimentar o meio envolvente de uma forma mais intensa e «extra-ordinária» (*Idem*).

Ordenando os aspetos que mais contribuem para a **Transição Sensorial/Sensual** em contexto turístico, os mais relevantes são:

- A predisposição para se envolver num relacionamento de férias (30,3%);
- O investimento em relacionamentos duradouros (17,6%);
- A intensidade das relações sexuais (16,0%);
- A frequência de relações sexuais (15,4%);
- A dissolução de relacionamentos duradouros (15,4%);
- A corporeidade (5,3%).

A **predisposição para se envolver num relacionamento de férias** é apontada principalmente pelos homens solteiros (as referências femininas codificadas nesta subcategoria indicam sobretudo a negação da tendência). Este tipo de relacionamento, na opinião dos entrevistados, contribui para melhorar a experiência turística, para a diversão e aumento da adrenalina, dando origem a boas memórias sobre as férias e o destino turístico (McKercher & Bauer, 2003). Alguns participantes acreditam que os relacionamentos de férias podem, inclusive, transformar-se em relacionamentos duradouros:

Figura 8.5 – Mapa Hierárquico das Características Liminares da Experiência Turística



Fonte: Elaboração própria.

Gosto de ser romântico, mas também gosto de loucura, como toda a gente. Acho que é bom e faz parte da idade. É mais comum na malta mais nova, mas é bom, sobretudo para aprendermos e vivermos a vida. (Henrique, 18 anos, solteiro).

Já tive alguns [relacionamentos de férias], é uma experiência de vida. Não se deve esperar muito, são romances de férias. Quando penso em envolver-me com alguém, não penso em ser um romance de férias, penso que pode ser que se estenda e se torne um relacionamento sério. (Inês, 28 anos, solteira).

Se eu tiver umas férias românticas, num local especial, que eu esteja mesmo só com aquela pessoa (...), posso ter umas férias que vão ficar na memória. É uma espécie de fotografia que vai servir para lembrar aquele momento maravilhoso, aquele ponto alto da nossa vida. (Mário, 21 anos, solteiro).

No entanto, quando questionados sobre a possibilidade de ter um relacionamento durante as férias no Algarve, poucos entrevistados se mostram favoráveis. Dos que gostariam de passar pela experiência, a maioria pertence ao género masculino. Para muitos turistas, trata-se mais de uma fantasia do que de um desejo para concretizar. Os resultados mostram que as representações são, muitas vezes, diferentes das práticas adotadas. Pode ser também porque alguns dos participantes são casados ou estão envolvidos num relacionamento duradouro, ou mesmo porque alguns gostariam de encontrar alguém para um relacionamento mais estável. Os relacionamentos de férias são considerados «engraçados», mas, na realidade, não são o tipo de relacionamento que a maioria gostasse de ter. Efetivamente, o Algarve é um destino onde o sexo tem lugar sobretudo no interior da conjugalidade ou de um relacionamento estável.

O **investimento em relacionamentos duradouros** significa a oportunidade de passar mais tempo com o parceiro habitual, sem as restrições da vida quotidiana (McKercher & Bauer, 2003; Selänniemi, 2003). Para os entrevistados, as viagens de férias significam a fuga à rotina, um momento para fortalecer os laços com o parceiro, para fazer coisas diferentes num ambiente descontraído:

As pessoas estão mais relaxadas, mais desinibidas, querem mesmo diversão. Acho que é bom porque aquela tensão que pode haver na relação, à partida, dissipa-se nas férias. É uma fuga à rotina diária. (Alexandre, 25 anos, solteiro).

Não obstante, são principalmente as mulheres que apontam as viagens de férias como o momento ideal para investir nos relacionamentos pré-estabelecidos:

Se o casal for de férias em conjunto, é aquele tempo de lazer que vai passar junto e claro que isso contribui para fortalecer a relação. Passam mais tempo juntos e fogem da rotina. (Leonor, 30 anos, numa união de facto).

Nesse sentido, é possível afirmar que a imagem do Algarve tem sido (re)criada na mente dos turistas como tendo uma certa «aura» de excitação sexual e romântica (McKercher & Bauer, 2003), ancorada na existência cenários apelativos, como a praia e a natureza, e até a vida noturna, com os bares ao ar livre. Conforme é declarado por um dos entrevistados:

Não sei muito bem se é próprio da cultura Portuguesa, mas quando saímos à noite, vemos uma atmosfera muito romântica. Quando vamos a bares, especialmente os bares abertos com esplanadas, que há muito aqui, vê-se amor e romance por todo o lado. É bastante atrativo e apelativo, e é fácil deixares-te levar por isso. “Deixa ver no que vai dar”. “Se eles o fazem, porque não eu?”. (John, 32 anos, solteiro).

A **intensidade das relações sexuais** é também destacada por alguns participantes. Estar longe de casa, num lugar que consideram «exótico», contribui para que as experiências sexuais sejam vividas de forma mais intensa. Neste caso, são os indivíduos solteiros que mais admitem viver intensamente as experiências sexuais em tempo de férias, seja com o parceiro habitual – o(a) namorado(a) - ou com novos parceiros recém encontrados no destino:

Quando estamos em férias, não há nada combinado. Pode ser em casa, antes ou depois de sairmos... não há nada que nos force a ser naquele momento específico. No quotidiano, estamos sempre muito mais ocupados com os estudos, com a universidade, depois o facto de estudarmos em sítios diferentes, em cidades diferentes, o tempo é mais escasso e temos quase a certeza que vai ocorrer naquele momento porque temos pouco tempo para estarmos juntos. Quando estamos de férias já não estamos tão preocupados com isso,

podemos usufruir à vontade. (Alice, 20 anos, numa relação de namoro).

É um benefício extra. Se fizer sexo num lugar exótico, as férias são muito melhores. É muito mais interessante em férias do que em casa porque em casa vê sempre as mesmas coisas. Mas isso depende de cada pessoa, obviamente. Pessoalmente, as minhas relações preferidas são as que tenho em férias. (...) Fazemos coisas diferentes, por vezes até muito estranhas, com muita intensidade. Por vezes estou com raparigas mais extrovertidas com as quais faço coisas muito loucas. Quando noto que elas são mais extrovertidas, deixo-as tomar as rédeas da situação. Estive com uma rapariga que queria fazer sexo na varanda, literalmente pendurada na varanda a olhar para a piscina. Ela disse-me que queria ter esse tipo de adrenalina, que era muito mais intenso assim, com o medo das alturas. Foi muito divertido. (John, 32 anos, solteiro).

A **frequência das relações sexuais** também é mencionada, seja em contexto conjugal ou em relações de namoro. De facto, o turismo e o tempo livre, oferecem oportunidades para que as relações sexuais sejam também mais frequentes:

[As relações sexuais são mais frequentes] quando estou a fazer turismo com o meu namorado, porque estamos juntos todos os dias. Lá nos Açores [local de residência], eu não durmo com ele todos os dias e não o vejo todos os dias. Então a frequência acaba por ser maior nas férias. (Beatriz, 23 anos, numa relação de namoro).

Estamos mais soltos, estamos mais libertos de preocupações, estamos a viver o momento descansadamente, aproveitando todas as oportunidades que surgem. Depois, se calhar, com uma saída para um jantar ou para ir ver o pôr do sol, as coisas que nós não temos tantas vezes no quotidiano, tudo isso leva a que haja mais amor, mais romance e mais sexo. (Diogo, 38 anos, numa união de facto).

A **dissolução de relacionamentos duradouros** é apontada pelos entrevistados como não tendo relação com as férias fora de casa. Na sua opinião, a dissolução ocorre quando o relacionamento já está deteriorado e, nesse caso, as viagens de férias funcionam apenas um “ponto de viragem”, ao permitirem enfatizar as diferenças entre as pessoas que, nesse contexto, passam mais tempo juntas:

Se a relação não está a correr muito bem ou se as pessoas estão muito habituadas às rotinas, talvez as férias possam fazer com que terminem a relação. Pode fazer-te pensar: porque é que eu estou com esta pessoa? Eu não gosto realmente dela (...). (Susana, 25 anos, solteira).

Depende da estrutura amorosa que se tenha, da solidez da relação. Se não for uma relação sólida, se não houver um amor franco... aí, as férias podem contribuir para a separação porque as pessoas distraem-se com outras coisas. Há muitos perigos que se avizinham e pode realmente estragar a relação. (Ana, 45 anos, viúva, mas numa relação amorosa).

A **corporeidade**, embora menos referida pelos entrevistados, contribui também para o significado da Transição Sensorial/Sensual. De acordo com Selänniemi (2003), o turismo alude à manifestação da corporeidade humana, onde a sensualidade e o prazer são os protagonistas. Além disso, é importante sublinhar que, em «fato de banho», o *status* físico ganha importância sobre o *status* social (Gisolf, 2013). A manifestação da corporeidade é, de facto, uma das áreas mais interessantes para analisar a liminaridade em contexto turístico, justamente porque há um maior investimento no corpo, nos sentidos, na sensualidade e na sexualidade (Johnston & Longhurst, 2010; Gisolf, 2013):

A pele está mais descoberta, vemos muitos biquínis e, na generalidade, as pessoas estão mais felizes. Estão mais abertas a conversar e a fazer coisas típicas de lugares quentes, como ir à praia ou simplesmente estar a relaxar. (John, 32 anos, solteiro).

Sendo o Algarve um lugar quente, as pessoas vão à praia, estão mais despidas o que, à partida, remete um bocadinho para a sensualidade. É mais fácil olhar para o corpo da pessoa, a pessoa está mais despida e pode favorecer algum sentimento, não diria amoroso, mas de atração (Beatriz, 23 anos, solteira, numa relação de namoro).

É importante mencionar que a corporeidade é a única subcategoria com o mesmo número de referências codificadas para homens e mulheres (n=5), mostrando como é avaliada de forma semelhante por ambos os géneros (Connell, 1987; Crawford & Popp, 2003).

A **Transição Mental** foi a segunda categoria mais codificada (n=172). Para os participantes, o turismo significa também a possibilidade de mudar o estado de espírito, de se

comportar de maneira diferente e de revelar características pessoais que o controlo social mantém ocultas no quotidiano (Selännemi, 2003). Acima de tudo, significa a oportunidade para viver “experiências limite” (Weitman,1998) e compartilhar o momento com indivíduos que estão na mesma situação (*communitas*), (Wagner, 1977). Classificando os aspetos que mais contribuem para a Transição Mental em contexto turístico, os mais relevantes são:

- Experiências limite (83,1%);
- *Communitas* (16,9%).

Durante o turismo, os indivíduos podem fazer coisas diferentes, viver experiências que geralmente não vivem no quotidiano, ou seja, viver **experiências limite**. Alguns autores referem comportamentos indisciplinados, transgressivos ou excessivos, relacionados com um consumo inabitual de alimentos, álcool ou drogas (Dahles, 1998; Koc, 2013; Shields, 1990). No mesmo sentido, os entrevistados revelam que um dos comportamentos mais comuns em contexto turístico é precisamente o consumo excessivo de álcool, o qual está intimamente relacionado com as práticas sexuais:

O excesso de álcool ou algum género de abusos propícia que as pessoas se envolvam mais facilmente, que seja muito mais fácil passarem a noite juntos. As pessoas ficam mais desinibidas (Filipe, 24 anos, numa relação de namoro).

Eu acho que o álcool põe a pessoa mais desinibida e mais oferecida, isto é a realidade. É muito mais fácil seduzir uma mulher se ela estiver sob o efeito de álcool. (Inês, 28 anos, solteira).

O turismo pode também significar o uso de drogas recreativas, embora este tipo de consumo seja menos referido pelos entrevistados. Ainda assim, são os homens que admitem um consumo mais elevado de drogas durante as férias, reconhecendo que está relacionado com uma maior predisposição para a atividade sexual e também para a adoção de comportamentos de risco (Josiam *et at.*, 1998). Os comportamentos sexuais de risco foram analisados em relação

à vontade de ter vários parceiros durante as férias, de estar disponível para ter relações sexuais sem preservativo e de recorrer à prostituição. Apesar dos discursos terem sido codificados de maneira semelhante (em termos do número de referências), os resultados mostram uma maior tendência para o envolvimento sexual com múltiplos parceiros, do que a vontade de ter relações sexuais sem preservativo ou de recorrer à prostituição. É importante notar que o desejo de envolvimento sexual com múltiplos parceiros é assumido sobretudo pelos homens:

Estão aí duas ou três amigas, é uma questão de combinarmos. Acho que é possível. (Manuel, 43 anos, divorciado).

Não. Isso é por causa do meu sistema de valores. Acho que um, muito bem. Se gostar, se achar graça. É concretizar uma atração, eleva a autoestima..., mas dois, acho que começo a olhar para mim própria de uma forma diferente e não me sinto bem. E isto tem tudo a ver com a sociedade, com a maneira como os outros me veem e me julgam. Tem influência na percepção que nós temos sobre nós próprios. (Maria, 22 anos, numa relação de namoro).

O sentimento de **communitas** também foi mencionado pelos participantes como um aspeto significativo da liminaridade em contexto turístico. Significa um intenso sentimento de comunhão, igualdade e proximidade com os indivíduos que compartilham o mesmo espaço-tempo. Para os entrevistados, o sentimento de *communitas* significa, acima de tudo, uma maior confiança entre as pessoas durante a experiência turística. O facto de estarem menos preocupados com a vida e de existir um maior esbatimento das desigualdades sociais, facilita o sentimento de confiança:

As pessoas que se encontram num ambiente de verão, num ambiente de férias, estão todas num registo muito semelhante, que é desfrutar do ambiente, do tempo, do sol, dos amigos, da comida... como os elementos comuns são maiores, acaba por, tendencialmente, haver uma predisposição maior para essas situações [de confiança]. (Bruno, 46 anos, divorciado, mas numa relação amorosa).

A **Transição Espacial/Temporal** foi a terceira categoria codificada (n=164). Significa a transição em termos de espaço e de tempo. No destino turístico, o tempo deixa de ser uma

referência ou, pelo menos, é um tempo diferente, onde tudo pode ser experimentado de forma mais lenta (Wagner, 1977; Selänniemi, 2003). Segundo os entrevistados, as características que mais contribuem para a transição espacial e temporal em contexto turístico são:

- A compressão do tempo (23,8%);
- O afrouxamento do controlo social/anonimato (23,8%);
- O papel da indústria turística (19,5%);
- O sol e o mar (17,1%);
- As características de destino (15,8%).

A **compressão do tempo** é a expressão utilizada para designar o facto de o tempo em férias ser vivido de uma forma diferente do tempo do quotidiano. De facto, especialmente no que diz respeito às experiências sexuais ocasionais, o tempo de férias é percebido como limitado, portanto, algumas das etapas «normais» de um relacionamento são geralmente ultrapassadas:

Eu acho que é um pouco diferente nas férias porque realmente não se tem tempo para todos esses passos. Acho que é um pouco mais rápido quando se está de férias. Conheces alguém, estás com vontade de curtir naquela noite, no dia seguinte encontram-se na praia (...). Têm de acelerar o romance um pouco mais. O sexo, provavelmente, também acontece mais rápido. Quando não se está de férias ou quando se mora no mesmo país da outra pessoa, penso que é tudo um pouco mais lento. (Susana, 25 anos, solteira).

Pelo contrário, no caso dos relacionamentos pré-estabelecidos, o tempo de férias é percebido como uma possibilidade para viver mais devagar, dedicando amor e atenção aos companheiros habituais:

[As férias] facilitam na medida em que há uma maior disponibilidade, uma descontração maior e um afastamento relativo ao elemento stress no trabalho. Isso acontece para ambos os parceiros, por isso, claramente que as férias facilitam um ambiente romântico. (Bruno, 46 anos, divorciado, mas numa relação amorosa).

O **afrouxamento do controlo social/ anonimato** é outro aspeto importante da Transição Espacial/Temporal em contexto turístico. Segundo os entrevistados, este enfraquecimento do controlo social está relacionado sobretudo com o facto de os turistas se moverem numa estrutura social que não é a sua, o que lhes permite maior liberdade de ação. Este aspeto, assim como o anonimato conferido pelo destino turístico, possibilitam que também na esfera da sexualidade, as experiências sejam vividas de forma mais descontraída e liberal (Marques & Lança, 2016; Zhang & Xu, 2019):

Lá [no local de residência habitual] toda a gente me conhece e costumam apontar “já estive com esta e com aquela”. Aqui não. Estou só com eles [amigos] mas eles também não vão contar porque eles fazem o mesmo [risos]. (Pedro, 21 anos, solteiro).

O **papel exercido pela indústria turística** tem sido destacado, por diversos autores, como sendo um dos principais impulsionadores dos encontros românticos e sexuais em contexto turístico (McKercher & Bauer, 2003; Oppermann, 1999; Ryan, 2000; Zhang & Xu, 2019). De facto, a indústria turística fornece os lugares, as infraestruturas e até, em certos casos, os parceiros sexuais. Nesta pesquisa, os entrevistados referem que o papel facilitador do turismo está relacionado sobretudo com a vida noturna. A frequência de bares e discotecas, o consumo de bebidas alcoólicas (ou de outras substâncias) tem, na sua opinião, uma relação estreita com a maior disponibilidade para ter relações sexuais:

O excesso de álcool, o calor do momento, o convívio entre as pessoas e o facto de as pessoas não serem conhecidas nos destinos de férias. Tudo isso faz com que as pessoas fiquem mais desinibidas e com maior à-vontade. (Rodrigo, 30 anos, casado).

Acho que o álcool é um grande impulsionador para as pessoas interagirem com outras pessoas que estão de férias. Não digo necessariamente ao nível do romance, mas do sexo certamente. As pessoas tornam-se mais promíscuas quando consomem álcool. (Susana, 25 anos, solteira).

O sol e o mar são uma das principais atrações do Algarve, sendo a razão pela qual tantos turistas escolhem a região para fazer férias (Hobson & Dietrich, 1994; PENT, 2012; Silva, 2019). Simultaneamente, como é declarado pelos entrevistados, a praia, enquanto espaço liminar (Preston-Whyte, 2004), é um lugar privilegiado para conhecer pessoas e fazer novos amigos:

A praia é um bom local para conhecermos pessoas para mais tarde, à noite, irmos sair com elas [Afonso, 18 anos, solteiro].

Além do sol e do mar, **outras características do destino** são apontadas pelos entrevistados, como os recursos naturais, o clima e o ambiente romântico e descontraído. Todos estes atributos contribuem para os encontros românticos e sexuais:

Eu vivo num país (Escócia) onde a temperatura é diferente, o clima é diferente e realmente as pessoas fecham-se mais em todos os sentidos. Fecham-se mais em casa, são mais fechadas também. Aqui, principalmente no Algarve, onde há imensas festas e o que isso envolve, nomeadamente álcool e outras coisas que libertam mais, é mais fácil desenvolver-se qualquer coisa [romances de férias]. (Matilde, 27 anos, numa relação de namoro).

Todo o ambiente romântico que existe aqui [no Algarve], com o pôr do sol, o calor, tudo é maravilhoso. Eu diria que quando as pessoas estão mais felizes acabam por socializar mais. Isso acontece mais aqui do que em Inglaterra, por exemplo. Parece tudo mais romântico aqui. (Emma, 27 anos, solteira).

Outro aspeto identificado pelos entrevistados é a **presença de diferentes nacionalidades** na região, o que introduz uma dimensão adicional à análise dos relacionamentos de férias no Algarve. Esta dimensão não foi antevista por se considerar que os fenómenos das “relações etnossexuais” e da atração pelo “outro exótico” (Michel, 2009), que têm sido estudados relativamente às situações de assimetria económica e de poder que caracterizam os encontros entre turistas e parceiros sexuais nas regiões pobres do globo, não se verificariam no Algarve (Altman, 2001; Bandyopadhyay & Nascimento, 2010). Contudo, tal como preconiza Michel (2009), o "sexotismo" – a combinação do sexo com o exotismo - designa um tipo de tendência crescente que consiste em procurar prazer sexual com pessoas de diferentes culturas e não está

necessariamente associado ao *turismo sexual*. Nesse sentido, os resultados confirmam que a nacionalidade é efetivamente uma dimensão importante da articulação entre a sexualidade e o turismo, mesmo fora do *paradigma do turismo sexual*:

O Algarve acaba por ser uma mistura de culturas diferentes, há pessoas de todo o mundo que vêm para cá passar férias e as pessoas acabam por querer conhecer outras pessoas. Eu acho que para quem quer conhecer outras pessoas, ter aventuras, o Algarve é o sítio ideal.
(Bárbara, 34 anos, casada).

Em suma, a análise categórica das entrevistas permite fortalecer a ideia de que as férias no Algarve desempenham um papel não negligenciável no sexo e no romance, tanto no que respeita à consolidação dos relacionamentos pré-existentes, quanto no que toca à procura de relações sexuais ocasionais. As evidências empíricas do estudo auxiliam o conhecimento científico sobre a relação entre o turismo e a sexualidade humana, ao demonstrarem que esta relação não se esgota em características negativas e traumáticas. Os traços liminares da experiência turística oferecem oportunidades para os indivíduos terem relações sexuais ou participarem em romances de uma forma mais descontraída, longe de casa e dos constrangimentos da vida quotidiana, o que não está necessariamente associado à comercialização do sexo em contexto turístico. O amor, o romance, o erotismo e a sexualidade humana durante as férias e o lazer devem ser observados também numa lógica externa às assimetrias descritas pelo *paradigma do turismo sexual*. O papel das ciências sociais em geral, e da sociologia em particular, é precisamente o de poder conferir mais inteligibilidade à análise destas relações.

Conclusões

O turismo constitui um fenómeno social, cultural e económico que implica a circulação de pessoas para países ou lugares fora da sua zona de residência habitual (UNWTO, 2010). É um fenómeno global, com impactos decisivos para as populações recetoras, bem como para as que viajam.

O turismo tem gerado receitas globais que ultrapassam os setores tradicionais da atividade económica (Dias, 2003). É o domínio onde mais pessoas se empregam em todo o mundo, sendo que a Organização Mundial de Turismo prevê que, até ao ano de 2030, as chegadas de turistas internacionais atinjam os 1,8 biliões (UNWTO, 2018). Contudo, há que reconhecer os impactos gerados pela pandemia Covid-19, que atuou de forma dramática sobre o setor, impedindo que milhões de indivíduos pudessem viajar. Este fenómeno, que conta com avanços e retrocessos em virtude da disseminação do vírus, teve e continua a ter impactos desastrosos nas economias dos países recetores, assim como nas famílias que dependem da atividade turística para sobreviver.

Antes do surgimento da pandemia, o turismo resultava fundamentalmente das viagens por motivos de lazer, embora uma minoria também realizasse viagens turísticas no âmbito do exercício da sua atividade profissional, de ocupações intelectuais ou por outros motivos (Cunha, 2003). Conquanto os efeitos provocados pelo surgimento da Covid-19, espera-se que o fenómeno que começou com o *Grand Tour*, nos séculos XVII e XVIII, venha a recuperar brevemente a força motriz, voltando a providenciar momentos de fruição de lazer aos amantes das viagens turísticas.

Entre as muitas razões e implicações destas mobilidades à escala planetária, temos as que se inscrevem no âmbito da intimidade, sendo esta uma esfera mais ampla e intrincada do que poderia, à partida, supor-se (Sacramento, 2014). A maioria dos estudos académicos realizados até ao momento sobre a relação entre o turismo, a intimidade, a sexualidade e o romance, inscreve-se naquilo que designamos por *paradigma do turismo sexual*. Alguns desses estudos estão encapotados no epíteto *turismo de romance*, mas de acordo com a perspetiva analítica aqui adotada, mais não fazem do que aplicar os mesmos princípios essencialistas de distinção com base no género, segundo os quais os homens praticam *turismo sexual* e as mulheres dedicam-se ao *turismo de romance*. Na nossa perspetiva, o *turismo sexual* e o *turismo de romance* designam as viagens turísticas realizadas seja por homens ou por mulheres, oriundos de países desenvolvidos, com o objetivo de se envolverem em encontros sexuais e/ou românticos com residentes, em países pobres ou pouco desenvolvidos, a troco de um qualquer tipo de retribuição.

A ideia segundo a qual o *turismo de romance*, por ser praticado por mulheres, deve ser tratado teoricamente de forma distinta do *turismo sexual*, que é praticado por homens, para além de sexista (Cantalice, 2009; De Albuquerque, 1998; Kempadoo, 2004; O'Connell-Davidson, 1998; Sanchez-Taylor, 2006, 2001; Spencer & Bean, 2017), não é confirmada a nível empírico. Vários estudos têm demonstrado que as mulheres podem viajar com o propósito de ter relações sexuais comerciais (Bauer, 2014; Belliveau, 2006; De Albuquerque, 1998; Johnson, 2009; Kempadoo, 1999; O'Connell-Davidson, 1998; Oppermann, 1998; Ryan, 2000; Sanchez-Taylor, 2000, 2001, 2006; Spencer & Bean, 2017; Theozen, 2015), enquanto os homens podem também fazê-lo em busca de numa relação romântica, acabando, muitos deles, por casar com as parceiras que encontraram numa relação inicialmente comercial (Gunther, 1998; Piscitelli, 2007b; Omondi & Ryan, 2017; Ribeiro & Sacramento, 2006; Ryan & Kinder, 1996; Sacramento, 2014). Nesse sentido, em linha com o pensamento de Kempadoo (2004), defende-se que o *turismo de romance* serve para «encobrir» o comportamento das turistas femininas que

procuram sexo (mesmo que muitas lhe chamem «romance»), a troco de compensações monetárias ou de outro tipo, sendo que esta forma de articulação entre turismo e sexualidade integra-se claramente no *paradigma do turismo sexual*, devendo ser tratada com recurso ao mesmo quadro analítico.

O Algarve é um destino turístico reconhecido internacionalmente e serve, nesta pesquisa, como contexto empírico para demonstrar que nem todo o sexo e romance que se praticam durante a viagem turística está enquadrado no *turismo sexual*. Embora a maioria dos estudos que abordam a relação entre o sexo e o turismo o façam sob a égide do *paradigma do turismo sexual*, operando como forma de denúncia de práticas que são, muitas delas, atentatórias da dignidade, liberdade e direitos fundamentais, é preciso reconhecer que a maior parte dos encontros sexuais e/ou românticos que ocorrem em contexto turístico, não envolve as características mercantis e traumáticas que são descritas pelo *paradigma do turismo sexual*. Contudo, como lembram McKercher e Bauer (2003), as atividades sexuais e românticas no seio dos relacionamentos conjugais e estáveis ou que não impliquem um grau de comercialização (como as que acontecem na prostituição), não têm sido dignas da atenção dos investigadores porque não são nem controversas nem fora do «comum».

Esta pesquisa pretende, por isso, contribuir para ultrapassar as lacunas identificadas na literatura, ao mostrar a importância de compreender os relacionamentos de intimidade que acontecem entre os turistas, ou entre os turistas e os residentes que, apesar de não gerarem controvérsia, nem serem fora do «comum», têm implicações fortes a nível pessoal – do ponto de vista do bem-estar e da felicidade individual – e a nível social – do ponto de vista do destino turístico e, como se observou, da saúde pública em geral.

O estudo insere-se declaradamente fora do *paradigma do turismo sexual*, integrando uma perspetiva analítica mais abrangente e não dicotómica da realidade que é a “sexualidade durante o lazer e o turismo” (*sex and the sexual during leisure and tourism experiences*), (Carr &

Poria, 2010). Os resultados foram analisados à luz das tipologias das trajetórias sexuais e de marcadores sociodemográficos como o género, o grupo etário e a nacionalidade, com o objetivo de dar resposta ao seguinte problema de investigação:

Quais são as articulações entre a experiência turística e as práticas e representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade?

O problema de investigação deu origem a um conjunto de questões mais específicas, detalhadas no Capítulo 2, que se desejam, através dos resultados empíricos provenientes de uma abordagem metodológica mista (1.015 inquéritos por questionário e 29 entrevistas em profundidade), reescrever:

1. Conhecer as principais motivações dos turistas para fazerem férias no Algarve.

1.1 O romance e o sexo são importantes motivações para viajar para este destino?

A maioria dos turistas que visitam o Algarve são turistas de repetição e visitam a região essencialmente pelas praias, o clima, a vida noturna e a existência de familiares e/ou amigos na região. Apenas uma minoria dos participantes afirma que o sexo ou o romance constituem os *drivers* da viagem ao sul do país. Uma vez que o sexo e/ou o romance não constituem as motivações principais da viagem turística, demonstra-se que o Algarve não é um destino de *turismo sexual* nem de *turismo de romance* (este último constitui, na perspetiva adotada, uma forma de *turismo sexual*, devendo ser observado com recurso aos mesmos quadros que enquadram a visão).

2. Identificar os padrões de comportamento romântico e sexual durante as férias.

2.1 De que forma surgem o romance e o sexo em contexto turístico?

2.2 Qual o significado que os turistas atribuem às práticas sexuais e românticas em contexto turístico?

2.3 Será que em contexto turístico os comportamentos românticos e sexuais são diferentes dos do quotidiano?

2.4 Existirá algum sentido de transgressão? Se assim for, será que a transgressão está a tornar-se uma espécie de norma em contexto turístico?

2.5 De que forma os comportamentos românticos e sexuais variam em função das características sociodemográficas?

2.6 Homens e mulheres apresentam o mesmo tipo de comportamentos?

A maior parte dos encontros sexuais e/ou românticos que acontecem no Algarve emerge no contexto da conjugalidade ou dos relacionamentos estáveis. Devido às características liminares da experiência turística, os indivíduos dispõem de mais tempo para investir nos relacionamentos pré-estabelecidos. No Algarve, movem-se numa estrutura social que não é a sua, estão ao abrigo do anonimato e do afrouxamento do controlo social providenciados pelo destino, fogem à rotina e aos constrangimentos do quotidiano, alteram o estado mental, sensorial e sensual, investindo mais no amor e nas relações sexuais com os parceiros habituais. A intimidade ganha em frequência e intensidade, contribuindo para que os turistas levem na bagagem memórias positivas das experiências vividas no Algarve.

Devido às características liminares do turismo e ao papel facilitador da indústria turística, o Algarve proporciona também encontros sexuais ocasionais, sobretudo entre os indivíduos solteiros e mais jovens. O sexo casual e descomprometido no Algarve é, à semelhança do que se constatou para as trajetórias sexuais e de intimidade, parte integrante do comportamento juvenil. A rotação de parceiros é, porém, menor quando comparada com a que acontece durante

o quotidiano, devido à temporalidade reduzida das férias. Os turistas permanecem, em média, 12,2 dias na região, com uma moda amostral de sete dias. A limitação do tempo de férias reduz a possibilidade de diversificar parceiros, mesmo entre os adeptos deste comportamento no quotidiano (*multiparceiros convencionais*). Por esse motivo, nos encontros românticos e sexuais com parceiros desconhecidos, durante as férias, tudo é vivido de forma mais rápida, sendo comum ultrapassarem-se algumas das etapas características de um relacionamento «tradicional».

Nesse sentido, as férias fora de casa são percebidas numa dupla acessão: como possibilidade de viver mais devagar, sem os constrangimentos do relógio e das rotinas quotidianas, possibilitando que os indivíduos envolvidos em relacionamentos duradouros possam dedicar mais tempo aos parceiros habituais; mas também como necessidade de viver as experiências de forma mais intensa e acelerada, sobretudo entre os indivíduos mais jovens que se envolvem em encontros sexuais fortuitos e de curta duração. Em ambos os casos, as férias no Algarve são percebidas como exercendo uma influência positiva e gratificante nas experiências de intimidade.

A relação entre as férias e os imaginários afetivos é destacada sobretudo pelos indivíduos casados e, em concreto, pelas mulheres. Já a relação entre as férias e os imaginários sexuais é sublinhada principalmente pelos indivíduos solteiros, em específico, pelos homens. O duplo padrão sexual, embora atenuado, continua a restringir as representações e as práticas sexuais e de intimidade. Por isso, a vontade de ter relacionamentos de férias, sexo com um parceiro ocasional ou com vários parceiros, constitui essencialmente parte do desejo masculino. Pelo contrário, as mulheres idealizam as férias como oportunidade de passar mais tempo com os parceiros habituais, de forma a consolidar e revigorar os relacionamentos.

Os resultados empíricos apontam ainda para diferenças geracionais e culturais nas representações e nas práticas sexuais e de intimidade. Os jovens apresentam maior rotação de

parceiros no quotidiano e em férias, mas são o grupo onde se verifica uma maior contração da rotatividade relacional durante a experiência turística. Os adultos apresentam menor rotação de parceiros nos dois períodos analisados e quando comparados com os jovens, mas demonstram querer estender o número de contactos sexuais em tempo de férias. Os seniores mostram grande inclinação para o comportamento *monoparceiro* mas, são os indivíduos que mais transportam para as férias os hábitos do quotidiano no que toca aos comportamentos sexuais. Também por nacionalidade, existem diferenças comportamentais dignas de reconhecimento: os irlandeses, os portugueses e os alemães são os que menos mudam de parceiro no quotidiano e nas férias; os holandeses e os britânicos mantêm, embora em menor grau, os comportamentos rotativos do quotidiano; os espanhóis, embora não sejam os que mais mudam de parceiro no quotidiano, são os que mais comportamentos rotativos têm durante as férias. No caso dos espanhóis, as férias no Algarve parecem representar o «apanágio da libertação sexual» (Aboim, 2013).

Os resultados demonstram que as férias no Algarve contribuem de forma inequívoca para aumentar a frequência da atividade sexual, sobretudo entre os adultos e os seniores. Ao contrário do que seria expectável, em virtude de os jovens atingirem a maturidade sexual nestas idades, a frequência da atividade sexual mantem-se neste grupo, mas não é intensificada pela experiência turística. Provavelmente, porque muitos são solteiros e, quando muito, encontram no destino algum parceiro para uma *one night stand*, mas não mais que isso. A maior parte dos participantes afirmam, contudo, que a frequência com que têm relações sexuais varia ao longo do ano, sendo superior nos meses de verão.

A experiência turística no Algarve serve, em muitos casos, para materializar os desejos e fantasias que são negados durante o quotidiano. Seja porque o destino oferece mais liberdade, anonimato e os cenários propícios à ocorrência deste tipo de experiências, seja porque os indivíduos aguardam o momento das férias para poderem disfrutar do amor e do sexo de forma

mais intensa e liberal. Muitos dos desejos e fantasias sexuais reportados pelos entrevistados estão relacionados precisamente com a ocorrência de relações sexuais na praia, ao ar livre, com um ou múltiplos parceiros.

A vida noturna, típica de locais como o Algarve, com o consumo de álcool ou de outras substâncias psicoativas, providenciam oportunidades de escape que ajudam ao envolvimento romântico e sexual, tanto no caso dos parceiros de longa duração, como nos encontros sexuais ocasionais. O consumo, por vezes exagerado, destas substâncias é indicado pelos participantes como tendo uma relação estreita com os comportamentos sexuais. Os indivíduos tornam-se mais «promíscuos» e liberais, aspeto que facilita a ocorrência de relações sexuais ocasionais, sobretudo entre os mais jovens, do género masculino. Na opinião dos participantes, o consumo de álcool e/ou drogas corresponde a um comportamento transitório/transgressivo, que admitem ser superior em tempo de férias.

3. Compreender o papel da indústria turística nos encontros românticos e sexuais.

3.1 Qual é a importância da indústria turística neste tipo de encontros?

A indústria turística representa um papel direto e indireto nos encontros sexuais e românticos. Direto, através do fornecimento dos cenários, das infraestruturas e, em alguns casos, até mesmo dos parceiros sexuais. Indireto, através da oportunidade de rutura com a vida quotidiana. No Algarve, o papel facilitador da indústria turística está relacionado sobretudo com a vida noturna, com os bares e discotecas, e ainda com a atmosfera «romântica» dos bares ao ar livre. Para além da indústria turística, os participantes indicam as características inerentes ao destino, como o «sol e praia» e as temperaturas quentes que convidam aos envolvimento românticos e sexuais.

4. Analisar os comportamentos de risco relativos às práticas sexuais em contexto turístico.

4.1 Será que os turistas têm vários parceiros sexuais durante as férias?

4.2 A prática sexual em contexto turístico envolve comportamentos de risco para a saúde como a disseminação de IST?

4.3 O que tem sido feito no sentido de evitar esses comportamentos de risco?

A maioria dos inquiridos admite que teve apenas um parceiro sexual durante a estadia no Algarve, correspondendo predominantemente ao parceiro habitual. É entre os solteiros, como se viu anteriormente, que a rotação de parceiros é superior. Alguns admitem mesmo que tiveram entre dois e mais de seis parceiros sexuais na região. Alguns indivíduos casados admitem também uma rotação elevada de parceiros, ainda que sejam uma minoria entre os participantes.

A análise da rotação de parceiros é uma componente importante da compreensão dos comportamentos de risco em matéria de sexualidade. Mas, para um melhor entendimento destas práticas, é necessário convocar outras variáveis do foro comportamental (mesmo que no plano das intenções, como é o caso). Nesta pesquisa foram analisados indicadores como a predisposição para ter mais de um(a) parceiro sexual, para ter relações sexuais com um(a) desconhecido(a), para pagar por serviços sexuais e para ter relações sexuais desprotegidas (sem utilização de preservativo). Os resultados demonstram que, entre os indivíduos pertencentes à tipologia de *um só parceiro atual*, *multipartceiro antes*, existe uma vontade declarada de ter mais de um(a) parceiro(a) sexual em férias e de ter relações sexuais com um(a) desconhecido(a). As percentagens de concordância são, inclusive, superiores nestes indivíduos quando comparados com os declaradamente *multipartceiros*. O mesmo é dizer que os turistas envolvidos em relacionamentos amorosos e/ou de compromisso romântico são os mais propensos a adotar este tipo de comportamentos de risco. São sobretudo os indivíduos solteiros, envolvidos em relações de namoro, pertencentes ao género masculino, e de nacionalidade holandesa e espanhola a demonstrar maior disponibilidade para as práticas sexuais de risco durante as férias

no Algarve. Mas os resultados também demonstram que os indivíduos envolvidos em relacionamentos duradouros, como os casados ou a viver em união de facto, também adotam ou demonstram tendência para adotar comportamentos de risco durante as férias no Algarve. Uma das práticas de risco mais acentuada neste grupo de indivíduos é a não utilização de preservativo durante a atividade sexual, precisamente por manterem relações duradouras e confiarem no(a) parceiro(a).

Muito pouco tem sido feito no Algarve no sentido prevenir os comportamentos sexuais de risco e a disseminação de IST entre os turistas que visitam a região. Os resultados comprovam que a esmagadora maioria dos turistas não teve acesso a informação sobre saúde sexual e reprodutiva, nem recebeu preservativos gratuitos durante o período de férias no Algarve. É importante que a região (re)considere a implementação de práticas que visem combater os comportamentos sexuais de risco, com um maior investimento na divulgação de informação e na distribuição gratuita de preservativos. Uma estratégia para chegar ao público alvo seria, por exemplo, fazer ações de sensibilização, distribuição de informação e de preservativos em ambiente noturno e nas praias da região, uma vez que são os lugares mais frequentados pelos turistas. Efetivamente, há que reconhecer que quaisquer políticas consistentes de combate às IST têm de se basear no conhecimento sustentado sobre os comportamentos a combater. Neste sentido, esta pesquisa contribui com informação passível de ser utilizada no âmbito das políticas públicas, nomeadamente no campo da saúde sexual e reprodutiva.

5. Formular princípios orientadores, em termos de políticas públicas, sobre a articulação entre a sexualidade e o turismo.

5.1 De que forma o Algarve pode aproveitar a sexualidade e a intimidade para captar e fidelizar turistas?

5.2 Qual é a importância de um segmento alicerçado no romance e na sexualidade para o rejuvenescimento do destino turístico?

5.3 De que forma a sexualidade e o romance podem contribuir para contrariar a sazonalidade do turismo no Algarve?

Os resultados da pesquisa confirmam que o Algarve constitui um lugar privilegiado para os encontros amorosos e sexuais. Nesse sentido, é necessário e até desejável que a indústria turística da região - com os seus operadores, animadores e equipamentos (se assim entenderem) – saiba explorar o potencial de romance, erotismo e aventura sexual que a viagem ao Algarve parece encerrar. Exemplos podem incluir relações de parceria empresarial para a criação de «pacotes» de lua de mel e casamentos, «escapadinhas» românticas de fim de semana, turismo *gay friendly*, programas direcionados para casais, etc. Até ao momento e, que se tenha conhecimento, não existem dados oficiais sobre atividades e empresas que se dediquem exclusivamente a estes segmentos de mercado.

O investimento em atividades e experiências desta natureza seria de crucial importância para captar novos turistas, fidelizar os antigos, criar alternativas ao produto «sol e praia» (de que o Algarve tem sido «refém») e, como consequência, contrariar a tendência de sazonalidade e permitir o rejuvenescimento de um destino considerado «maduro». As atividades românticas dirigidas a casais podem perfeitamente estender-se ao longo do ano, permitindo trazer turistas também durante a baixa temporada.

Além do mais, os resultados da pesquisa comprovam que, apesar de os turistas não virem para o Algarve motivados por interesses sexuais ou românticos, acabam por desenvolver este tipo de atividades durante as férias na região, o que contribui de forma determinante para criarem memórias positivas das experiências vividas e também do destino turístico. Contudo, também não é por motivos relacionados com a sexualidade e o romance que se mantêm fiéis

ao Algarve, o que demonstra claramente que é neste ponto que a indústria turística deve intervir.

A relevância desta pesquisa fica demonstrada não apenas pelas implicações práticas que pode trazer para o Algarve, como pela contribuição que dá à literatura existente sobre a articulação entre o turismo, a sexualidade, o romance e a intimidade. Primeiro, por ser um estudo original, nunca antes feito no Algarve nem em Portugal; segundo, pela relativa novidade das questões que coloca, abordando a relação entre os constructos fora do *paradigma do turismo sexual* e integrando a abordagem da *sexualidade durante o lazer e o turismo*; terceiro, pela dimensão da amostra e pela conjugação das metodologias quantitativa e qualitativa; quarto, pela combinação das perspectivas teóricas de análise, a teoria da estruturação – que permite estabelecer a intermediação entre o sujeito/turista e a estrutura/Algarve como destino turístico – e o interacionismo simbólico – que possibilita conhecer o significado que os turistas atribuem às relações de intimidade que empreendem no Algarve.

Apesar do trabalho realizado e de todos os esforços empregues na elaboração deste estudo, há que reconhecer, como em qualquer outro trabalho de investigação, as suas limitações e potencialidades para desenvolvimento futuro. Como primeira limitação, temos a natureza do próprio objeto de estudo. Ser mulher e investigar as relações sexuais e de intimidade constitui um duplo constrangimento: primeiro, dentro da academia, onde senti uma certa desconfiança relativamente à minha idoneidade; segundo, na sociedade e perante os meus interlocutores masculinos que, não raras vezes, confundiram a natureza da pesquisa, assumindo que eu pertenceria ao grupo que estou a investigar ou que seria alguém do tipo pervertido. Estas dificuldades foram reconhecidas desde o primeiro momento.

A segunda limitação foi a opção pela amostra por conveniência, ainda que estratificada por nacionalidade, no caso dos indivíduos que responderam ao inquérito por questionário. Esta opção inviabiliza que os resultados possam ser extrapolados para o universo dos turistas que

fazem férias no Algarve. Contudo, foi a escolha mais sensata, considerando a natureza do objeto de estudo e a dificuldade que é encontrar indivíduos disponíveis para falar sobre os aspetos mais íntimos das suas vidas.

O desfase temporal entre a recolha dos dados (nos verões de 2014 e 2015) e a publicação do estudo constitui a terceira limitação a considerar. Questões de ordem pessoal e profissional inviabilizaram a conclusão do estudo num espaço de tempo mais reduzido. Contudo, também há que reconhecer a maturidade intelectual atingida nesse período. Se o documento tivesse sido produzido antes, certamente não contaria com a mesma perspetiva crítica e analítica, algo que só se alcança com o tempo.

A quarta limitação relaciona-se com a construção dos instrumentos de recolha dos dados. Ainda que tenha procurado abranger o máximo de questões relacionadas com o romance, a sexualidade e o turismo a partir da revisão da literatura, reconheço agora a necessidade de incluir outros indicadores. Essa necessidade foi especialmente evidente no caso da aplicação da técnica da modelação de equações estruturais. O modelo estrutural proposto apresenta um poder preditivo moderado, o que indica, à partida, a necessidade de acrescentar outros indicadores à análise.

Na sequência da identificação das principais lacunas do estudo, elencam-se algumas pistas para investigações futuras: monitorizar o estudo no tempo, de forma a perceber como se articula a experiência turística e as práticas e representações dos turistas relativamente à sexualidade e à intimidade – se o estudo fosse replicado nos dias de hoje, será que obteríamos os mesmos resultados?; compreender os efeitos da pandemia Covid-19 nas práticas e representações dos turistas no que toca à sexualidade e à intimidade – a pandemia terá efeitos nos comportamentos dos turistas, contribuindo, por exemplo, para a contração da rotação de parceiros durante as férias?; perceber, através da monitorização do estudo, se houve alterações no papel facilitador da indústria turística do Algarve através, por exemplo, da criação de mais

atividades e experiências dirigidas a casais; incluir diferentes indicadores no estudo, como por exemplo, indicadores mais dirigidos às práticas sexuais de risco e à sua relação com os comportamentos aditivos (consumo de álcool e de drogas); incluir questões relacionadas com o “sexotismo”, de forma a compreender que espécie de «inclinação» existe para o envolvimento sexual com indivíduos de culturas e nacionalidades diferentes – aspeto que sobressaiu na análise dos resultados e que não foi devidamente explorado; finalmente, procurar conhecer melhor a imagem que os turistas têm do Algarve enquanto destino turístico e também no que respeita às práticas eróticas e sexuais, no sentido de promover políticas que as reforcem ou, se se justificar, modifiquem essa imagem.

Apesar das dificuldades encontradas que são, de resto, inerentes a qualquer processo de investigação, o saldo é francamente positivo e recompensador. Este estudo permite conferir inteligibilidade à análise da articulação entre o turismo, a sexualidade, o romance e a intimidade, mostrando como estas componentes são pensadas e vividas pelos turistas num destino de «sol e praia», longe de casa e das obrigações quotidianas. As características liminares da experiência turística, o anonimato, o afrouxamento do controlo social, o sentimento de *communitas*, a corporeidade, e a transição em termos de espaço, tempo, mentalidade e sensorialidade (Selänniemi, 2003), autorizam experiências «sagradas» e «extra-ordinárias» (Jafari, 1987; Graburn, 1977) em matéria de sexualidade e intimidade. A viagem turística continuará a ser composta de sexo e o sexo continuará a fazer parte da viagem turística (Poria & Carr, 2010). Mas esta relação não será mais observada como algo tão negativo e sombrio. A sexualidade em contexto turístico será examinada também como uma experiência que emerge muito simplesmente do contínuo do *Sun, Sand and Sea*.

Referências Bibliográficas

- Aalbers, M. (2005). Big sister is watching you! Gender interaction and the unwritten rules of the Amsterdam red-light district. *Journal of Sex Research*, 42(1), 54-62.
- Aboim, S. (2017). Masculinidade hegemónica e pluralidade no masculino: Rumo a novos hibridismos de género. In S. Aboim, A. Marques, M. Couto & A. Goulart (Eds.), *O que é a Masculinidade?* (pp. 11 – 47). Lisboa: Escolar Editora.
- Aboim, S. (2013). *A Sexualidade dos Portugueses*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Aboim, S. (2012). Risco e prevenção do VIH/Aids: Uma perspectiva biográfica sobre os comportamentos sexuais em Portugal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(1), 99-112.
- Aboim, S. (2010a). Homossexualidade e bissexualidade: Práticas, atracção e orientação sexual. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 147 – 200). Lisboa: Bizâncio.
- Aboim, S. (2010b). Sexualidade e estilos de vida: Comportamentos sexuais, risco e prevenção. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 417 – 460). Lisboa: Bizâncio.
- Aboim, S., Marques, A., Couto, M. & Goulart, A. (2017). *O que é Masculinidade?* Lisboa: Escolar Editora.
- Aguiar, N. (2015). Turismo do Algarve vale quatro Autoeuropa. *Jornal de Negócios*, 27 de Maio. Acedido a 02 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/turismo_do_algarve_vale_quatro_autoeuropa_diz_associacao_
- Agustín, L. (2010a). The (crying) need for different kinds of research. In M. Ditmore, A. Levy & A. Willman (Eds.), *Sex Work Matters: Exploring Money, Power, and Intimacy in the Sex Industry* (pp. 23-27). Londres: Zed Books.
- Agustín, L. (2010b). *Sex at the Margins: Migration, Labour Markets and the Rescue Industry*. Londres: Zed Books.
- Agrusa, J. (2003). AIDS and tourism: a deadly combination. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 167-177). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Alberoni, F. (1986). *O Erotismo: Fantasias e Realidades do Amor e da Sedução*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Alencar, D., Marques, A., Leal, M. & Vieira, J. (2014). Fatores que interferem na sexualidade de idosos: Uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3533-3542.

- Almeida, C., Ferreira, A. & Costa, C. (2008). A importância da operação das companhias aéreas de baixo custo no desenvolvimento de segmentos de mercado turístico: O caso do turismo residencial no Algarve. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 19, 7-21.
- Altman, D. (2008). AIDS and the globalization of sexuality. *Social Identities*, 14(2), 145-160.
- Altman, D. (2001). *Global Sex*. Chicago: University of Chicago Press.
- Altman, D. (1996). On global queering. *Australian Humanities Review*, 2, 1-7.
- Alves, S. & Oliveira, C. (2014). Reprodução medicamente assistida: Questões bioéticas. *Revista Bioética*, 22(1), 66-75.
- Amâncio, L. (Ed.) (2004). *Aprender a ser Homem: Construindo Masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amâncio, L. (1993). Género: Representações e identidades. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 14, 127-140.
- Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas representações do género. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, 9-22.
- Anderson, R. & Gupta, S. (1990). The significance of sexual partner contact networks for the transmission dynamics of HIV. *J Acquir Immune Defic Syndr*, 3(4), 417-429.
- Andrews, H. (2012). Another place or just another space? Liminality and Crosby beach. In H. Andrews & L. Roberts (Eds.), *Liminal Landscapes: Travel, Experience and Spaces In-between* (pp. 152 - 166). Nova Iorque: Routledge.
- Andriotis, K. (2010). Heterotopic erotic oases: The public nude beach experience. *Annals of Tourism Research*, 37(4), 1076-1096.
- Apostolopoulos, Y., Sönmez, S. & Yu, C. H. (2002). HIV-risk behaviours of American spring break vacationers: A case of situational disinhibition? *International Journal of STD & AIDS*, 13 (11), 733-743.
- Ardener, E. (1975). Belief and the problem of women. In S. Ardener (Org.), *Perceiving Women* (pp. 1-17) Londres: Malaby.
- Ariely, D. & Loewenstein, G. (2006). The heat of the moment: The effect of sexual arousal on sexual decision making. *Journal of Behavioral Decision Making*, 19, 87-98.
- Assis, E. (2006). A cidade e o «mal necessário»: Zona de prostituição, marginalidade social e disputa pelos espaços urbanos. *Cadernos CERU*, 17, 125-143.
- Augusto, A. (2014). Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: Mais do que uma questão de preferência. *Fórum Sociológico*, 24, 1-8.
- Bajos, N. & Bozon, M. (Orgs.) (2008). *La Sexualité en France: Pratiques, Genre et Santé*. Paris: La Découvert.

- Baltazar, M. S. (2016). Anthony Giddens e a teoria da estruturação. *Desenvolvimento e Sociedade*, 1, 83-91.
- Bandyopadhyay, R. & Nascimento, K. (2010). "Where fantasy becomes reality": How tourism forces made Brazil a sexual playground. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(8), 933-949.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barry, K. (1995). *The Prostitution of Sexuality*. Nova Iorque: New York University Press.
- Bataille, G. (1987). *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Baudrillard, J. (2011). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Publicações 70.
- Bauer, I. (2014). Romance tourism or female sex tourism? *Travel Medicine and Infectious Disease*, 12, 20-28.
- Bauer, I. (2007). Understanding sexual relationships between tourists and locals in Cuzco/Peru. *Travel Medicine and Infectious Disease*, 5, 287-294.
- Bauman, Z. (2012). *This is not a Diary*. Cambridge: Polity Press.
- Bauman, Z. (2005). *Liquid Life*. Cambridge: Polity Press.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido. Acerca de la Fragilidad de los Vínculos Humanos*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Bauman, Z. (1998). On postmodern uses of sex. *Theory, Culture & Society*, 15 (3-4), 19-33.
- Beard, J. & Ragreb, M. (1983). Measuring leisure motivation. *Journal of Leisure Research*, 15(3), 219-228.
- Beauvoir, S. de (2015 [1949]). *O Segundo Sexo*. Volume 2. Lisboa: Quetzal Editores.
- Beck, U. (2013[1986]). *Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Becker, H. (2008 [1963]). *Outsiders. Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Béjin, A. (1987). Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs.), *Sexualidades Ocidentais* (pp. 210-235). São Paulo: Brasiliense.
- Bell, J. (2009). Why embarrassment inhibits the acquisition and use of condoms: A qualitative approach to understanding risky sexual behaviour. *Journal of Adolescence*, 32, 379-391.
- Bellis, M., Hale, G., Bennett, A., Chaudry, M. & Kilfoyle, M. (2000). Inbiza uncovered: Changes in substance use and sexual behaviour amongst young people visiting an international high-life resort. *International Journal of Drug Policy*, 11, 235-244.
- Bellis, M., Hughes, K., Calafat, A., Juan, M., Ramon, A., Rodriguez, J., Mendes, F., Schnitzer, S. & Phillips-Howard, P. (2008). Sexual uses of alcohol and drugs and the associated health risks: A cross sectional study of young people in nine European cities. *BMC Public Health*, 8:155, 1-11.
- Bellis, M., Hughes, K., Thomson, R. & Bennett, A. (2004). Sexual behavior of young people in international tourist resorts. *Sexually Transmitted Infections*, 80 (1), 43-47.

- Belliveau, J. (2006). *Romance on the Road. Travelling Women Who Love Foreign Men*. Maryland: Beau Monde Press.
- Benotsch, E., Nettles, C., Wong, F., Redmann, J., Boschini, J., Pinkerton, S., Ragsdale, K. & Mikytuck, J. (2007). Sexual risk behavior in men attending Mardi Gras celebrations in New Orleans, Louisiana. *Journal of Community Health*, 32(5), 343–356.
- Bensaid, D. (2008). Maio de 68: uma página na história mundial de lutas. *Revista em Pauta*, 21, 81-99.
- Berdychevsky, L., Gibson, H. & Poria, Y. (2013). Women's sexual behavior in tourism: Loosening the bridle. *Annals of Tourism Research*, 42, 65-86.
- Berdychevsky, L., Poria, Y. & Uriely, N. (2013). Sexual behaviour in women's tourist experiences: Motivations, behaviors, and meanings. *Tourism Management*, 35, 144-155.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1966). *The Social Construction of Reality*. Londres: Allen Lane.
- Bernard, J. (1982). *The Female World*. Nova Iorque: Free Press.
- Bernardo, C. (2013). *Contributo para a recuperação do turismo no Algarve: da imagética à gestão territorial*. Dissertação de Mestrado em Tecnologias Gráficas. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciência.
- Berry, J. (1999). Emics and etics: A symbiotic conception. *Culture & Psychology*, 5(2), 165-171.
- Bigné, J., Sánchez, M. & Sánchez, J. (2001). Tourism image, evaluation variables and after purchase behaviour: Inter-relationship. *Tourism Management*, 22, 607-616.
- Bimonte, S. & Punzo, L. (2016). Tourist development and host-guest interaction: An economic exchange theory. *Annals of Tourism Research*, 58, 128-139.
- Bindel, J. (2013). *Thought it was just men who flew abroad for squalid sexual kicks? Meet the middle-aged, middle-class women who are Britain's female sex tourists*. Acedido a 18 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2401788/Sex-tourism-Meet-middle-aged-middle-class-women-Britains-female-sex-tourists.html>.
- Bloom, J., Geurts, S. & Lohmann, M. (2017). Tourism and love: How do tourist experiences affect romantic relationships? In S. Filep, J. Laing & M. Csikszentmihalyi (Eds.), *Positive Tourism* (pp. 35-53). Londres: Routledge.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic Interactionism: Perspective and Methods*. Nova Jersey: Prentice Hall.
- Boorstin, D. (1964). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. Nova Iorque: Harper.
- Bourdieu, P. (2007). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2002). Um saber comprometido. *Le Monde Diplomatique*, 7ª edição portuguesa, ano 3(35), pp. 3.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, P. (1997). Compreender. In P. Bourdieu (Org.), *A Miséria do Mundo* (pp. 693-732). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

- Bourdieu, P. (1994). *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*. Campinas, Papyrus Editora.
- Bourdieu, P. & Passeron, J. C. (1970). *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit.
- Bozon, M. (2015). Sexualité et genre. In J. Laufer, C. Marry & M. Maruany (Eds.), *Masculin Féminin: Questions Pour les Sciences de l'Homme* (pp.169-186). Paris: PUF.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bozon, M. (2003). At what age do women and men have their first sexual intercourse? World comparisons and recent trends. *Population & Societies*, 391, 1-4.
- Bozon, M. (2001). Orientations intimes et constructions de soi. *Sociétés Contemporaines – Les Cadres Sociaux de la Sexualité*, 41/42, 11-40.
- Bozon, M. & Giami, A. (1999). Les scripts sexuels ou la mise en forme du désir. Présentation d'un article de John Gagnon. *Actes de la Recherche des Sciences Sociales*, 128, 68-72.
- Bramham, P. & Wagg, S. (2011). Introduction: unforbidden fruit: from leisure to pleasure. In P. Bramham & S. Wagg (Eds.), *The New Politics of Leisure and Pleasure* (pp. 1-10). Londres: Palgrave Macmillan.
- Brandão, A. M. (2014). *Uma Introdução à Abordagem Sociológica das Identidades*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Brandão, A. M. (2010). *E Se Tu Fosses Um Rapaz? Homo-erotismo Feminino e Construção Social da Identidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Brandão, A. M. (2000). *Sexualidades e identidades: Reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico*. Atas de IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de abril de 2000.
- Brents, B., Jackson, C. & Hausbeck, K. (2010). *The Sate of Sex: Tourism, Sex, and Sin in the New American Heartland*. Nova Iorque: Routledge.
- British Sociological Association (2002). *Statement of Ethical Practice*. Durham: BSA. Acedido a 06 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.britisoc.co.uk/media/23902/statementofethicalpractice.pdf>.
- Brito, S. P. (2009). *Território e Turismo no Algarve*. Faro: Edições Colibri/ Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo da Universidade do Algarve.
- Brown, H. (2012). *Marx on Gender and the Family: A Critical Study*. Leiden-Boston: Brill.
- Brown, L. (2009). The transformative power of the international sojourn: An ethnographic study of the international student experience. *Annals of Tourism Research*, 36(3), 502-521.
- Brown, L. (2003). *Sex Slaves: The Trafficking of Women in Asia*. Londres: Virago Press.
- Brown, L. & Stephan, Y. (2013). Anonymous and uninhibited: Sexual encounters during the international sojourn. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 11(1-2), 35-47.
- Bruner, E. (2004). Tourism in the Balinese borderzone. In S. Gmelch (Ed.), *Tourists and Tourism: A Reader* (pp. 219-238). Long Grove: Waveland Press.

- Bryman, A. (2008). *Social Research Methods*. 3ª Edição. Nova Iorque: Oxford.
- Bryman, A. (1992). Quantitative and qualitative research: Further reflections on their integration. In J. Brannen (Ed.), *Mixing Methods: Quantitative and Qualitative Research* (pp. 57-80). Aldershot: Avebury.
- Bryman, A. & Bell, E. (2011). *Business Research Methods*. 3ª Edição. Oxford: Oxford University Press.
- Butler, J. (2011). *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. Londres: Routledge.
- Butler, J. (1999). *Gender Trouble: Feminism and Subversion of Identity*. Londres: Routledge.
- Butler, R. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution and implications for management. *The Canadian Geographer*, 24(1), 5-12.
- Butler, R. (1974). Social implications of tourist developments. *Annals of Tourism Research*, 2, 100-111.
- Cabezas, A. (2009). *Economies of Desire: Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia: Temple University Press.
- Cabezas, A. (2006). The eroticization of labor in Cuba's all-inclusive resorts: Performing race, class and gender in the new tourist economy. *Social Identities*, 12(5), 507-521.
- Cabezas, A. (2004). Between love and money: Sex, tourism, and citizenship in Cuba and the Dominican Republic. *Signs*, 29(4), 987-1015.
- Caetano, A. (2011). Para uma análise sociológica da reflexividade individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, 157-174.
- Calafat, A., Hughes, K., Blay, N., Bellis, M., Mendes, F., Juan, M., Lazarov, P., Cibin, B. & Duch, M. (2013). Sexual harassment among young tourists visiting Mediterranean resorts. *Archives of Sexual Behavior*, 42, 603-613.
- Calafat, A., Juan, M., Becoña, E. & Mantecón, A. (2009). Sexualidad de riesgo y consumo de Drogas en el contexto recreativo. Una perspectiva de género. *Psicothema*, 21(2), 227-233.
- Campbell, C. (1995). Male gender roles and sexuality: Implications for women's AIDS risk and prevention. *Social Science & Medicine*, 41(2), 197-210.
- Campbell, S., Perkins, A. & Mohammed, P. (1999). Come to Jamaica and feel all right: Tourism and the sex trade. In K. Kempadoo (Ed.), *Sun, Sex and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean* (pp. 125-156). Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.
- Campehouth, L. V. (2019). Abordagem relacional do risco e da transgressão nas relações sexuais. In C. Balsa (Coord.), *Difração Normativa, Comportamentos Escondidos e Identidades Transversas* (pp. 193 - 204). Lisboa: Edições Húmus.
- Campehouth, L. V. (2003). *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Cantalice, T. (2009). Feminismo, mercado de sexo e turismo: Reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil. *Bagoas - Estudos Gays, Género e Sexualidades*, 2(3), 145-178.
- Carmo, I. & Fráguas, F. (2002). *Putas de Prisão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Carney, F. (Ed.) (1996). *English Dictionary*. Turin: Larousse.
- Carr, N. (2000). An assessment of the relationship between leisure and holiday behaviour: A case study of young people. *Working Paper*, The University of Hertfordshire, 1-24.
- Carr, N. & Poria, Y. (2010). Introduction: Provision, marketing and consumption of sex and the sexual in the leisure and tourism environment. In N. Carr & Y. Poria (Eds.), *Sex and the Sexual During People's Leisure and Tourism Experiences* (pp. 1–16). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Carter, S. & Clift, S. (2000). Tourism, international travel and sex: Themes and research. In S. Clift & S. Carter (Eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion* (pp. 1–19). Londres: Pinter.
- Chandra, A., Mosher, W. & Copen, C. (2011). Sexual behavior, sexual attraction, and sexual identity in the United States: Data from the 2006-2008 national survey of family growth. *National Health Statistics Reports*, 36, 1-36.
- Chin, W. (1998). The partial least squares approach to structural equation modelling. In G. Marcoulides (Ed.), *Modern Methods for Business Research* (pp. 295-336). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Chodorow, N. (1989). *Feminism and Psychoanalytic Theory*. New Haven: Yale University Press.
- Chodorow, N. (1978). *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Califórnia: University of California Press.
- Christian-Smith, L. (1990). *Becoming a Woman Through Romance*. Nova Iorque: Routledge.
- Clark, N. & Clift, S. (1996). Dimensions of holiday experiences and their health implications: A study of British tourists in Malta. In S. Clift & J. Page (Eds.), *Health and the International Tourist* (pp. 108-133). Londres: Routledge.
- Cleland, J. & Ferry, B. (1995). *Sexual Behaviour and AIDS in the Developing World*. Londres: Taylor & Francis.
- Clift, S. & Carter, S. (2000), (Eds.). *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion*. Londres: Pinter.
- Clift, S. & Forrest, S. (1999). Factors associated with gay men's sexual behaviours and risk on holiday. *AIDS Care*, 11(3), 281-295.
- Coelho, B. (2009a). *Corpo Adentro: Prostitutas Acompanhantes em Processo de Invenção de Si*. Lisboa: Difel.
- Coelho, B. (2009b). *The erotization of leisure or the escape from everyday intimate life*. Working Paper. CIES-ISCTE. Acedido a 27 de outubro de 2016. Disponível em: <http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP80Coelho.pdf>.
- Cohen, E. (2003a). The sociology of tourism: Approaches, issues and findings. *Annual Review of Sociology*, 10(1), 373-392.
- Cohen, E. (2003b). Transnational marriage in Thailand: The dynamics of extreme heterogamy. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 57-81). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Cohen, E. (1988). Tourism and AIDS in Thailand. *Annals of Tourism Research*, 15, 467-486.

- Cohen, E. (1982). Thai girls and farang men: The edge of ambiguity. *Annals of Tourism Research*, 9, 403-428.
- Cohen, E. (1978). The impact of tourism on the physical environment. *Annals of Tourism Research*, 5(2), 215-239.
- Cohen, E. (1971). Arab boys and tourist girls in a mixed Jewish-Arab community. *International Journal of Comparative Sociology*, 12, 217-233.
- Cohen, S. (2010). Searching for escape, authenticity and identity: experiences of 'lifestyle travellers'. In M. Morgan, P. Lugosi & J. Ritchie (Eds.), *The Tourism and Leisure Experience: Consumer and Managerial Perspectives* (pp.27-42). Bristol: Channel View Publications.
- Cohen, S. & Taylor, L. (1978). *Escape Attempts: The Theory and Practice of Resistance of Everyday Life*. Hammondsouth: Penguin Books.
- Coldicutt, R. (2014). *The beach as an erogenous zone: Figuring through painting*. Tese de Doutoramento em Filosofia. Perth: Curtin University.
- Coldicutt, R. (2008). *The beach as a liminal zone*. Não publicado. Acedido a 23 de março de 2019. Disponível em: <https://www.pdfFiller.com/217011178-coldicutttsbpaperpdf-The-Beach-as-a-Liminal-Zone-Inter-DisciplinaryNet-inter-disciplinary-> .
- Comte, A. (1978 [1852]). *Catéchisme Positiviste*. Acedido a 23 de novembro de 2017. Disponível em: https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao_os_pensadores_auguste_comte_-_obra_e_vida.pdf.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. California: University of California Press.
- Connell, R. W. (1987). *Gender and Power*. California: Stanford University Press.
- Constable, N. (2009). The commodification of intimacy: Marriage, sex, and reproductive labor. *Annual Review of Anthropology*, 38, 39-64.
- Correia, A. & Águas, P. (2017) (Coord.). *O Perfil do Turista que Visita o Algarve 2016: Relatório Final*. Faro: Região de Turismo do Algarve e Universidade do Algarve.
- Costa, R. (2011). Género e sexualidade na etnografia. In P. Ribeiro (Org.), *Género, Sexualidade e Educação Sexual em Debate* (pp. 79-93). São Paulo: Cultura Académica.
- Coutinho, C. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª Edição. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, P., Fernandes, C., Facio Jr., F. & Miyazaki, M. (2020). Caracterização e aspectos psicológicos de pacientes com disfunção erétil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 22(3), 321-338.
- Coward, R. (1984). *Female Desire: Women's Sexuality Today*. Londres: Paladin.
- Crawford, M. & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 13-26.
- Creswell, J. (2015). *Educational Research: Planning, Conducting, and Evaluating Quantitative and Qualitative Research*. 5ª Edição. Nova Jersey: Pearson Education, Inc.

- Creswell, J. (2009). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. 3ª Edição. Thousand Oaks: Sage.
- Creswell, J. (2007). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing Among Five Approaches*. California: Sage.
- Crick, M. (1989). Representations of international tourism in the social sciences: Sun, sex, sights, savings, and servility. *Annual Review of Anthropology*, 18, 307-344.
- Crompton, J. (1979). Motivations of pleasure vacation. *Annals of Tourism Research*, 6, 408-424.
- Cruz, A. R. (2016). *N(um) lugar ao sol: Contributos do turismo para as dinâmicas criativas e para a atração da classe criativa no Algarve*. Tese de Doutoramento em Turismo. Faro: Universidade do Algarve.
- Cunha, F. (2013). *A comunicação do programa de valorização turística "Algarve", da responsabilidade da Entidade Regional de Turismo do Algarve*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento de Destinos Turísticos. Faro: Universidade do Algarve.
- Cunha, L. (2003). *Introdução ao Turismo*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Verbo.
- Daglish, E. (2011). *The future of intimate relationships: A small-scale, British, sociological study of the attitudinal changes towards intimate relationships (such as love and casual sex) between young adults*. Dissertação de Licenciatura em Sociologia. Leeds: Universidade de Leeds.
- Dahles, H. (1999). Tourism and small entrepreneurs in developing countries: A theoretical perspective. In H. Dahles & K. Bras (Eds.), *Tourism and Small Entrepreneurs. Development, National Policy and Entrepreneurial Culture: Indonesian Cases* (pp. 1-19). Nova Iorque: Cognizant Communications.
- Dahles, H. (1998). Redefining Amsterdam as a tourist destination. *Annals of Tourism Research*, 25(1), 55-69.
- Dahles, H. & Bras, K. (1999). Entrepreneurs in romance: Tourism in Indonesia. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 267-293.
- Daley, C. (2003). *Leisure and Pleasure*. Nova Zelândia: Auckland University Press.
- Dann, G. (1981). Tourist motivation: An appraisal. *Annals of Tourism Research*, 8(2), 187-219.
- Davis, K. (1937). The sociology of prostitution. *American Sociological Review*, 2, 744-755.
- Darwin, C. (2006 [1859]). *On the Origin of the Species by Means of Natural Selection or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Londres: Dover Publications.
- De Albuquerque, K. (1998). Sex, beach boys and female tourists in the Caribbean. In B. M. Dank & R. Refinetti (Eds.), *Sexuality and Culture* (pp. 87-111). Nova Jersey: New Brunswinck.
- Débord, G. (1991). *A Sociedade do Espetáculo*. Cascais: Mobilis in Mobile.
- Demir, A., Uslu, M. & Arslan, O. (2016). The effect of seasonal variation on sexual behaviors in males and its correlation with hormone levels: A prospective clinical trial. *Central European Journal of Urology*, 69(3), 285-289.

- Denscombe, M. (1998). *The Good Research Guide for Small Scale Social Research projects*. Milton Keynes, RU: Open University Press.
- Denzin, N. (1989). *The Research Act*. 3ª Edição. Nova Jersey: Prentice Hall.
- Dey, I. (1993). *Qualitative Data Analysis*. Londres: Routledge.
- Diário da República (2007). *Código Penal*. Artigo 175º - Lenocínio de menores. Acedido a 05 de dezembro de 2016. Disponível em: http://bdjur.almedina.net/item.php?field=node_id&value=1223604.
- Dias, R. (2003). *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Atlas.
- Diken, B. & Lausten, C. (2004). *Sea, sun, sex... and biopolitics*. Publicado pelo Departamento de Sociologia, Universidade de Lancaster, Lancaster LA1 4YL, UK. Acedido a 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/diken-laustsen-sea-sun-sexbiopolitics.pdf>.
- Dillon, W. & Goldstein, M. (1984). *Multivariate Analysis: Methods and Applications*. Nova Iorque: Wiley.
- Domingos, V. & Britto, I. (2013). Disfunção sexual masculina: Algumas implicações. *Fragmentos de Cultura*, 23(4), 579-586.
- Donnan, H. & Magowan, F. (2010). *The Anthropology of Sex*. Oxford: Berg.
- Doorne, S. & Ateljevic, I. (2005). Tourism performance as metaphor: Enacting backpacker travel in the Fiji Islands. In A. Jaworski & A. Pritchard (Eds.), *Discourse, Communication and Tourism* (pp. 173-198). Clevedon: Channel View Publications.
- Dubar, C. (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Dumazedier, J. (1974). *Sociologie Empirique du Loisir*. Paris: Seuil.
- Durex (2005). *2005 Global Sex Survey Results*. Acedido a 08 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.data360.org/pdf/20070416064139.Global%20Sex%20Survey.pdf>.
- Durkheim, E. (2014 [1893]). *The Division of Labour in Society*. Nova Iorque: Free Press.
- Durkheim, E. (1998). *As Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Durkheim, E. (1997 [1897]). *Suicide: A Study in Sociology*. Nova Iorque: Free Press.
- Durkheim, E. (1914). Le dualisme de la nature humaine et ses conditions sociales. *Scientia*, 15, 206-221.
- Durkheim, E. (1975). *Textes 2: Religion, Morale, Anomie*. Paris: Minuit.
- Dworkin, S., Beckford, S. & Ehrhardt, A. (2007). Sexual scripts of women: A longitudinal analysis of participants in a gender-specific HIV/STD prevention intervention. *Archives of Sexual Behavior*, 36(2), 269-279.
- Echtner, C. & Jamal, T. (1997). The disciplinary dilemma of tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 24(4), 868-883.

- Edensor, T. (2007). Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. *Social & Cultural Geography*, 8(2), 199-215.
- Eiser, J. & Ford, N. (1995). Sexual relationships on holiday: a case of situational disinhibition? *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 323-339.
- Elias, N. (1987). *Involvement and Detachment*. Oxford: Basil Blackwell.
- Ellis, A. (2003). *Sex Without Guilt in the 21st Century*. Nova Jersey: Barricade Books.
- Elzo, J. (2005). Valors i identitats dels joves. Una aproximació empírica. *Via. Valors, idees, actituds*, 2, 69-82.
- Engels (2010 [1884]). *The Origins of the Family, Private Property and the State*. Harmondsworth: Penguin Classics.
- Enloe, C. (1989). *Bananas, Beaches, and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. Berkeley: University of California Press.
- ERTA (2018). *Demografia e Geografia do Algarve*. Faro: Entidade Regional de Turismo do Algarve. Acedido a 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.visitalgarve.pt/pt/menu/363/demografia-e-geografia.aspx>.
- Evans, R. (2000). Paradise on the margins or paradise lost? Tolerance, permissiveness and conflict on Wreck Beach. *Arkleton Research Papers*, 5, 1-33. Aberdeen: University of Aberdeen. Acedido a 20 de março de 2019. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=BB0B0FC559C3BF0DA4E31E1BFB3E76CA?doi=10.1.1.22.3783&rep=rep1&type=pdf>.
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. Nova Iorque: Basic Books.
- Federici, S. (2019). Notas sobre género em “O Capital” de Marx. *Revista Movimento: Crítica, Teoria e Ação*, 4 (11-12), 189-215.
- Ferrand, A. & Snijders, T. (1997). Social networks and normative tensions. In L. Van Campenhoudt, M. Cohen, G. Guizzardi & D. Hausser (eds.), *Sexual Interaction and HIV Risk. New Conceptual Perspectives in European Research* (pp. 6-21). Londres: Taylor & Francis.
- Ferreira, P. M. (2010a). A actividade sexual: frequência, regularidade e inactividade. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 19 – 54). Lisboa: Bizâncio.
- Ferreira, P. M. (2010b). Parceiros, relacionamentos e trajectórias sexuais. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 55 – 104). Lisboa: Bizâncio.
- Ferreira, P. M. (2010c). Contextos da iniciação sexual – idade, relacionamentos e geração. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 231 – 288). Lisboa: Bizâncio.
- Ferreira, P. M. & Cabral, M. V. (Orgs.) (2010). *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos*. Lisboa: Bizâncio.

- Ferreira, V. (2011). Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos. In J. M. Pais, R. Bendit & V. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Rumos* (pp. 257 – 275). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, V. (1988). O feminismo na pós-modernidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 24, 93-106.
- Finlay, L. (2002). “Outing” the researcher: The provenance, process and practice of reflexivity. *Qualitative Health Research*, 12, 531-545.
- Fisher, T., Davis, C., Yarber, W. & Davis, S. (Eds.) (2011). *Handbook of Sexuality-Related Measures*. 3ª Edição. Nova Iorque: Routledge.
- Flick, U. (2014). *An Introduction to Qualitative Research*. 5ª Edição. Londres: Sage.
- Flick, U. (1992). Triangulation revisited: Strategy of or alternative to validation of qualitative data. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 22, 175-197.
- Fornell, C. & Larcker, D. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- Foucault, M. (1999 [1977]). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 20ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, M. (1994). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- Foucault, M. (1992). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1986). Of other spaces. *Diacritics*, 16(1), 22-27.
- Foxman, B., Newman, M., Percha, B., Holmes, K. & Aral, S. (2006). Measures of sexual partnerships: Lengths, gaps, overlaps, and sexually transmitted infection. *Sexually Transmitted Diseases*, 33(4), 209-214.
- Frank, K. (2007). Playcouples in paradise: Touristic sexuality and lifestyle travel. In M. Padilla, J. Hirsh, M. Laboy, R. Sember & R. Parker (Eds.), *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World* (pp. 163-185). Nashville: Vanderbilt University Press.
- Franke, M. (2004). Competition between network carriers and low cost carriers: Retreat battle or breakthrough to a new level of efficiency? *Journal of Air Transport Management*, 10(1), 15-21.
- Franklin, A. (2003). *Tourism: An Introduction*. Londres: Sage.
- Freitas, J. & Dias, J. A. (2016). Turismo de massas versus proteção da orla costeira no Algarve: Uma reflexão. *Estudos do Quaternário APEQ*, 14, 114-126.
- Friedan, B. (1965 [1963]). *The Feminine Mystique*. Harmondsworth: Penguin.
- Friedl, E. (1975). *Women and Men: An Anthropologist’s View*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston.
- Freud, S. (2009 [1905]). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- Frohlick, S. (2013). *Sexuality, Women, and Tourism: Cross-border Desires Through Contemporary Travel*. Nova Iorque: Routledge.

- Frohlick, S. (2010). The sex of tourism? Bodies under suspicion in paradise. In J. Scott & T. Selwyn (Eds.), *Thinking Through Tourism* (pp. 51-70). Nova Iorque: Berg.
- Gagnon, J. & Simon, W. (1974). *Sexual Conduct. The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine Publishing.
- Gagnon, J. & Simon, W. (1970). *The Sexual Scene*. Nova Jersey: Transaction Books.
- Gamson, J. & Moon, D. (2004). The sociology of sexualities: Queer and beyond. *Annual Review of Sociology*, 30, 47-64.
- Gecas, V. & Libby, R. (1976). Sexual behavior as symbolic interaction. *The Journal of Sex Research*, 12(1), 33-49.
- Geerkens, M., Al-Itejawi, H., Nieuwenhuijzen, J., Meuleman, E., Lissenberg-Witte, B., Moorselaar, R. & Vis, A. (2020). Sexual dysfunction and bother due to erectile dysfunction in the healthy elderly male population: Prevalence from a systematic review. *European Urology Focus*, 6(4), 776-790.
- Gefen, D. & Straub, D. (2005). A practical guide to factorial validity using PLS-graph: Tutorial and annotated example. *Communications of the Association for Information Systems*, 16, 91-109.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giaretta, M. J. (2006), *Turismo da Juventude*. Barueri: Editora Manole.
- Giddens, A. (2000). *Sociologia*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2000 [1979]). *Dualidade da Estrutura: Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Giddens, A. (1984). *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press.
- Gisolf, M. (2013). Liminality and tourism. *Tourism Theories*. Acedido a 23 de março de 2019. Disponível em: <http://www.tourismtheories.org/?p=700>.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine.
- Godelier, M. (1982). *La Production des Grands Hommes. Pouvoir et Domination Masculine chez les Baruya de Nouvelle-Guinée*. Paris: Fayard.
- Goffman, E. (2004 [1963]). *Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora.
- Goffman, E. (1993 [1956]). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Goffman, E. (1991 [1961]). *Asylums. Essays on the Social Situation of Mental Patients and other Inmates*. Londres: Penguin Books LTD.
- Gomes, F. A. (2006). *Paixão, Amor e Sexo*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

- Gould, S. (1997). Darwinian Fundamentalism. *New York Review of Books*, 44(10), 34-37.
- Graburn, N. (1983). Tourism and prostitution. *Annals of Tourism Research*, 10(3), 437-456.
- Graburn, N. (1977). Tourism: The sacred journey. In V. Smith (Ed.), *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism* (pp. 17–31). Philadelphia: University of Pensilvania Press.
- Gramsci, A. (1957). *The Modern Prince and Other Writings*. Nova Iorque: International Publishers.
- Groes-Green, C. (2009). Hegemonic and subordinated masculinities: Class, violence and sexual performance among young Mozambican men. *Nordic Journal of African Studies*, 18(4), 286-304.
- Guerra, I. (2010). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Cascais: Príncipe Editora.
- Guerreiro, J. (Coord.) (2008). *Caracterização da Estrutura Económica do Algarve*. Faro: Associação Empresarial da Região do Algarve. Acedido a 06 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/4760/4/Cap%C3%ADtulo%204.%20Din%C3%A2micas%20Sectoriais%20da%20Regi%C3%A3o%20do%20Algarve.pdf>
- Guerreiro, M., Mendes, J., Valle, P. & Silva, J. (2008). Análise da satisfação dos residentes com o turismo: O caso de uma área-destino no Algarve, Portugal. *Turismo em Análise*, 19(3), 488-504.
- Guerreiro, M., Valle, P. & Mendes, J. (2011). Algarve events: Implications for the Algarve image. *Tourism*, 59(2), 183-202.
- Guilamo-Ramos, V., Jaccard, J., McCarthy, K., Quiñones, Z., Lushin, V., Skinner-Day, M., Padilla, M. & Meisterlin, L. (2013). Taxonomy of Caribbean tourism alcohol venues: Implications for HIV transmission. *Drug and Alcohol Dependence*, 132, (1-2), 238-243.
- Guimarães, K. & Merchán-Hamann, E. (2005). Comercializando fantasias: A representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Estudos Feministas*, 13(3), 525-544.
- Gunther, A. (1998). Sex tourism without sex tourists. In M. Oppermann (Ed.), *Sex Tourism and Prostitution: Aspects of Leisure, Recreation and Work* (pp. 71-80). Nova Iorque: Cognizant Communication Corporation.
- Hair, J., Ringle, C. & Sarstedt, M. (2011). PLS-SEM: Indeed, a silver bullet. *Journal of Marketing Theory and Practice*, 19(2), 139-151.
- Hall, C. (1992). Sex tourism in Southeast Asia. In D. Harrison (Ed.), *Tourism and the Less Developed Countries* (pp. 65-74). Londres: Belhaven Press.
- Hamid-Turksoy, N., van Zoonen, L. & Kuipers, G. (2013). “I dumped my husband for a Turkish toyboy”: Romance tourism and intersectionality in British tabloid newspapers. *Feminist Media Studies*, 0(0), 1-16.
- Hammond, N. & Kingston, S. (2014). Experiencing stigma as sex work researchers in professional and personal lives. *Sexualities*, 17(3), 329-347.
- Harris, M. (1990). Emics and etics revisited. In T. Headland, K. Pike & M. Harris (Eds.), *Emics and Etics: The Insider/Outsiders Debate* (pp. 48-61). Thousand Oaks: Sage.

- Hatvany, O. (2011). How lack of the "straight safety net" creates stress for queer couples. *Mental Help*. Acedido a 09 de fevereiro de 2016. Disponível em: http://mhn.centersite.org/poc/view_doc.php?type=doc&id=42512&cn=55.
- Henderson, K. & Frelke, C. (2000). Space as a vital dimension of leisure: The creation of place. *World Leisure*, 3(1), 18-24.
- Hennink, M., Cooper, P. & Diamond, I. (2000). Seasonal work and sexual behavior. *Journal of Sex Research*, 37, 175-183.
- Herold, E., Garcia, R. & DeMoya, T. (2001). Female tourists and beach boys: Romance or sex tourism? *Annals of Tourism Research*, 28(4), 978-997.
- Hesse, M. & Tutenges, S. (2011). Young tourists visiting strip clubs and paying for sex. *Tourism Management*, 32, 869-874.
- Hobson, J. & Dietrich, U. (1994). Tourism, health and quality of life: Challenging the responsibility of using the traditional tenets of sun, sea, sand and sex in tourism marketing. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 3(4), 21-38.
- Howe, K. (1992). Getting over the quantitative-qualitative debate. *American Journal of Education*, 100(2), 236-256.
- Hubert, M., Bajos, N. & Sandfort, T. (Eds.), (1998). *Sexual Behaviour and HIV/AIDS in Europe*. Londres: Routledge.
- Hutchinson, J., Lai, F. & Wang, Y. (2009). Understanding the relationships of quality, value, equity, satisfaction and behavioral intentions among golf travelers. *Tourism Management*, 30(2), 298-308.
- INE (2018a). *Anuário Estatístico da Região do Algarve 2017*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2018b). *Estatísticas do Turismo 2017*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2017a). *Estatísticas dos Transportes e Comunicações 2016*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2017b). *Estatísticas do Turismo 2016*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2014a). *Anuário Estatístico da Região do Algarve 2013*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2014b). *Estatísticas do Turismo 2013*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2014c). *Estatísticas do Emprego 4º Trimestre 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Jackson, S. & Scott, S. (2010). *Theorizing Sexuality*. Luton: McGraw-Hill.
- Jackson, S. & Scott, S. (2004). Sexual antinomies in late modernity. *Sexualities*, 7(2), 233-248.
- Jackson, S. & Scott, S. (2002). *Gender: A Sociological Reader*. Londres: Routledge.
- Jacobs, J. (2009). Have sex will travel: Romantic 'sex tourism' and women negotiating modernity in the Sinai. *Gender, Place and Culture*, 16(1), 43-61.

- Jafari J. (2001). The scientification of tourism. In V. Smith & M. Brent (Eds.), *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21st Century* (pp. 28-41). Nova Iorque: Cognizant Communication Corporation.
- Jafari, J. (1987). Tourism models: The sociocultural aspects. *Tourism Management*, 8(2), 151–159.
- Jafari, J. (1974). Socio-economic costs of tourism to developing countries. *Annals of Tourism Research*, 1(7), 227-262.
- Jafari, J. & Ritchie, J. (1981). Toward a framework for tourism education: Problems and prospects. *Annals of Tourism Research*, 8(1), 13-34.
- Jago, L. (2003). Sex tourism: An accommodation provider's perspective. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 85-94). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Jaimangal-Jones, D., Pritchard, A. & Morgan, N. (2010). Going the distance: Locating journey, liminality and rites of passage in dance music experiences. *Leisure Studies*, 29(3), 253-268.
- Jeffreys, S. (2009). *The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade*. Londres: Routledge.
- Jeffreys, S. (2003). Sex tourism: Do women do it too? *Leisure Studies*, 22(3), 223-238.
- Jeffreys, S. (1997). *The Idea of Prostitution*. Melbourne: Spinifex Press.
- Joaquim, G. (2015). *Viajantes, Viagens e Turismo: Narrativas e Autenticidades*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Johnson, A. & Copas, A. (1997). Assessing participation bias. In J. Bancroft (Ed.), *Researching Sexual Behavior: Methodological Issues* (pp. 276-287). Bloomington: Indiana University Press.
- Johnson, L. (2012). *Selling masculinity and profiting from marginality: Sex work and tourism in a Jamaican tourism resort*. Tese de Doutorado em Filosofia. Florida: University of South Florida.
- Johnson, L. (2009). Money talks: Female sex tourism in Jamaica. Artigo preparado para apresentação na conferência LASA 2009, Rio de Janeiro, Brasil. Acedido a 18 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237209879>.
- Johnston, L. (2001). (Other) bodies and tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 28(1), 180-201.
- Johnston, L. & Longhurst, R. (2010). *Space, Place and Sex: Geographies of Sexualities*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers.
- Jordan, F. & Aitchison, C. (2008). Tourism and the sexualisation of the gaze: Solo female tourists' experiences of gendered power, surveillance and embodiment. *Leisure Studies*, 27(3), 329-349.
- Jornal de Negócios (2019). *Portugueses sustentam crescimento do turismo em 2018 ao rumar ao Algarve*. 14 de fevereiro de 2019. Acedido a 27 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/turismo---lazer/detalhe/portugueses-sustentam-crescimento-do-turismo-em-2018-ao-rumar-ao-algarve>.

- Josiam, B., Hobson, J., Dietrich, U. & Smeaton, G. (1998). An analysis of the sexual, alcohol and drug related behavioural patterns of students on spring break. *Tourism Management*, 19(6), 501-513.
- Júnior, E. (1997). *A construção social da cidade do prazer: urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal (RN)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Kauffman, J. C. (2010). *Corps de Femmes, Regards d'Hommes: Sociologie des Seins Nus sur la Plage*. Paris: Pocket.
- Kelle, U. & Erzberger, C. (2004). Quantitative and qualitative methods: No confrontation. In U. Flick, E. Kardorff & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 172-177). Londres: Sage.
- Kelly, D., Hughes, K. & Bellis, M. (2014). Work hard, party harder: Drug use and sexual behaviour in young British casual workers in Ibiza, Spain. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 11, 10051-10061.
- Kempadoo, K. (2004). *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor*. Nova Iorque: Routledge.
- Kempadoo, K. (2001). Freelancers, temporary wives, and beach-boys: Researching sex work in the Caribbean. *Feminist Review*, 67, 39-62.
- Kempadoo, K. (Ed.) (1999). *Sun, Sex and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.
- Kennair, L., Bendixen, M. & Buss, D. (2016). Sexual regret: Tests of competing explanations of sex differences. *Evolutionary Psychology*, 1-9.
- Kibicho, W. (2009). *Sex Tourism in Africa: Kenya's Booming Industry*. Surrey: Ashgate Publishing Limited.
- Kinsey, A. (1998 [1953]). *Sexual Behavior in the Human Female*. Califórnia: Indiana University Press.
- Kinsey, A. (1998 [1948]). *Sexual Behavior in the Human Male*. Califórnia: Indiana University Press.
- Koc, E. (2013). Inversionary and liminoidal consumption: Gluttony on holidays and obesity. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 30, 825-838.
- Krafft-Ebing, R. (1998 [1886]). *Psychopathia Sexualis*. Nova Iorque: Arcade Publishing.
- Lança, M. (2012). *Sexualidade lúdica em contexto turístico: O caso da concentração motard de Faro*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faro: Universidade do Algarve.
- Lança, M. (2006). *Processos que influenciam a construção social da prostituição feminina em contexto de rua e de espaço doméstico, e a forma como a mesma é vivida nos quotidianos de trabalho*. Relatório de estágio de Licenciatura em Sociologia. Faro: Universidade do Algarve.
- Lança, M. & Marques, J. F. (2021). "El imperio de los sentidos": Romance y sexualidad en un contexto turístico de sol y mar. In Pimentel, T., Dachary, A. & Korstanje, M. (Orgs.), *El Turismo Desde Las Ciencias Sociales: Reflexiones, Apropiaciones Y Diálogos con América Latina* (pp. 237-265). Salvador – BA: Editora Motres.

- Lança, M., Marques, J. F. & Pinto, P. (2017). Liminality and the possibilities for sex and romance at an international bike meeting: A structural modeling approach. *Tourism & Management Studies*, 13(1), 18-26.
- Lança, M. & Ribeiro, F. B. (2020). Tourism and sex outside the “sex tourism paradigm”: tourists’ perspectives and practices in a sun and beach destination. In Pinto, P., e Guerreiro, M. (Ed.), *Handbook of Research on Resident and Tourist Perspectives on Travel Destinations* (pp. 361-388). Hershey, PA: IGI Global.
- Lanfant, M. F. (1993). Methodological and conceptual issues raised by the study of international tourism: A test for Sociology. In D. Pearce & R. Butler (Orgs.), *Tourism Research: Critiques and Challenges* (pp. 20-35). Londres: Routledge.
- Larsen, J. (2008). De-exoticizing tourist travel: Everyday life and sociality on the move. *Leisure Studies*, 27(1), 21-34.
- Law, L. (2000). *Sex Work in Southeast Asia: The Place of Desire in a Time of AIDS*. Londres: Routledge.
- Lazaridis, G. (2001). Trafficking and prostitution: The growing exploitation of migrant women in Greece. *The European Journal of Women’s Studies*, 8, 67-102.
- Lee, R. (1993). *Doing Research on Sensitive Topics*. Londres: Sage.
- Legardinier, C. & Villette, S. (2007). O turismo sexual. In C. Ockrent & S. Treiner (Eds.), *O Livro Negro da Condição das Mulheres* (pp. 490-496). Lisboa: Difel.
- Leheny, D. (1995). A political economy of Asian sex tourism. *Annals of Tourism Research*, 22(2), 367-384.
- Leite, N. (2008). *Turismo e território: Um estudo sobre a turistificação de Portimão (Algarve/Portugal) a partir da Geografia do Turismo*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Leridon, H., Van Zessen, G. & Hubert, M. (1998). The Europeans and their sexual partners. In M. Hubert, N. Bajos & T. Sandfort (Eds.), *Sexual Behaviour and HIV/AIDS in Europe* (pp. 165-196). Londres: Routledge.
- Lett, J. (1983). Ludic and liminoid aspects of charter yacht tourism in the Caribbean. *Annals of Tourism Research*, 10(1), 35-56.
- Leung, P. (2003). Sex tourism: the case of Cambodia. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 181-193). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Lévi-Strauss, C. (1967 [1949]). *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Longmore, M. (1998). Symbolic interactionism and the study of sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35(1), 44-57.
- López, A. & Van Broeck, A. (2010). Sexual encounters between men in a tourist environment: A comparative study in seven Mexican localities. In N. Carr & Y. Poria (Eds.), *Sex and the Sexual*

- During People's Leisure and Tourism Experiences* (pp. 119–142). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Lusa (2007). *Mendes Bota exige suspensão da marca Algarve*. 17 de março de 2007. Acedido a 27 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2007/03/17/local/noticia/mendes-bota-exige-suspensao-da-marca-allgarve-1288598>.
- MacCannell, D. (1976). *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Nova Iorque: Schcken Books.
- MacCannell, D. (1973). Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. *American Journal of Sociology*, 79(3), 589-603.
- Maia, R. (Coord.) (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.
- Manderson, L. (1997). Parables of imperialism and fantasies of the exotic: Western representations of Thailand – place and sex. In L. Manderson & M. Jolly (Eds.), *Sites of Desire/Economies of Pleasure: Sexualities in Asia and the Pacific* (pp. 123-144). Chicago: University of Chicago Press.
- Marques, J. F. (2016). Sun, sand, sea and sex, tourism. In J. Jafari & X. Honggen (Eds.), *Encyclopedia of Tourism*. Springer. Acedido a 09 de fevereiro de 2016. Disponível em: http://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-319-01669-6_536-1.
- Marques, J. F. & Lança, M. (2016). Para além da vida quotidiana. Amor e sexualidade em contexto turístico: Resultados preliminares de uma pesquisa exploratória no Algarve (Portugal). *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 6(2): 7-22.
- Marston, C. & King, E. (2006). Factors that shape young people's sexual behaviour: A systematic review. *The Lancet*, 368(9547), 1581-1586.
- Martins, J. (2014). *Algarve, da urbanização turística à metropolização sazonal 1960/2013*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Marx, K. (1990 [1867]). *Capital Volume 1: The Process of Production of Capital*. Harmondsworth: Penguin Classics.
- Mathieson, A., & Wall, G. (1982). *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*. Londres: Longman.
- Matias, D. (2007). Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. *Análise Psicológica*, 1 (XXV), 149-152.
- Maticka-Tyndale, E. & Herold, E. (1999). Condom use on Spring-break vacation: The influence of intentions, prior use, and context. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(5), 1010-1027.
- Mauss, M. (2007 [1925]). Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In M. Mauss, *Sociologia e Antropologia* (pp. 183-314). São Paulo: Cosac Naify.
- Maxwell, J. (2009). Designing a qualitative study. In L. Bickman & D. Rog (Eds.), *The SAGE Handbook of Applied Social Research Methods* (pp. 214-253). Londres: Sage.
- McCormick, N. (1994). *Sexual Salvation: Affirming Women's Sexual Rights and Pleasures*. Westport CT: Praeger Publishers.
- McCracken, G. (1988). *The Long Interview*. California: Sage.
- McIntosh, M. (1968). The homosexual role. *Social Problems*, 16(2), 182-192.

- McKercher, B. & Bauer, T. (2003). Conceptual framework of the nexus between tourism, romance and sex. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 3–18). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Mead, M. (1949). *Male and Female*. Nova Iorque: William Morrow and Company.
- Mead, M. (1935). *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*. Londres: Routledge.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Meillassoux, C. (1975). *Femmes, Greniers et Capitaux*. Paris: Maspero.
- Meisch, L. (1995). Gringas and Otavaleños: Changing tourist relations. *Annals of Tourism Research*, 22(2), 441-462.
- Melián-González, A., Moreno-Gil, S. & Araña, J. (2011). Gay tourism in a sun and beach destination. *Tourism Management*, 32, 1027-1037.
- Memish, Z. & Osoba, A. (2006). International travel and sexually transmitted diseases. *Travel Medicine and Infectious Disease*, 4(2), 86–93.
- Mendoza, C. (2013). Beyond sex tourism: Gay tourists and male sex workers in Puerto Vallarta (Western Mexico). *International Journal of Tourism Research*, 15, 122-137.
- Michael, R., Gagnon, J., Laumann, E. & Kolata, G. (1994). *Sex in America: A Definitive Survey*. Boston: Warner Books Edition.
- Michel, F. (2009). *Planeta Sexo. Turismos Sexuais, Mercantilização e Desumanização dos Corpos*. Lisboa: Campo das Letras.
- Michel, F. (2006). *Voyage au bout du Sexe: Trafics et Turismes Sexuels en Asie et Ailleurs*. Québec: Les Presses de l'Université Laval.
- Miles, M. & Huberman, A. (1994). *Qualitative Data Analysis*. 2ª Edição. Thousand Oaks: Sage.
- Milhausen, R. & Herold, E. (1999). Does the sexual double standard still exist? Perceptions of university women. *The Journal of Sex Research*, 36(4), 361-368.
- Mitchell, J. (1973). *Psychoanalysis and Feminism*. Londres: Allen Lane.
- Moatti, J. P., Hausser, D. & Agrarotis, D. (1997). Understanding HIV risk-related behaviour: A critical overview of current model. In L. Van Campenhoudt, M. Cohen, G. Guizzardi & D. Hausser (eds.), *Sexual Interaction and HIV Risk. New Conceptual Perspectives in European Research* (pp. 100-126). Londres: Taylor & Francis.
- Money, J., Hampson, J. G. & Hampson, J. L. (1955). Hermaphroditism: Recommendations concerning assignment of sex, change of sex and psychologic management. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 97(4), 284-3000.
- Moniz, E. (1923 [1913]). *A Vida Sexual (Fisiologia e Patologia)*. Lisboa: Livraria Editora.
- Montgomery, H. (2008). Buying Innocence: Child-sex tourists in Thailand. *Third World Quarterly*, 29(5), 903–917.

- Moore, M. (2002). Behavioral observation. In M. Wiederman & B. Whitley (Eds.), *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality* (pp. 113-137). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Morris, D. (1967). *The Naked Ape: A Zoologist's Study of The Human Animal*. Boston: McGraw-Hill.
- Morrison, C. A. (2010). 'Home is where the heart is': Everyday geographies of young heterosexual couples' love in and of homes. Tese de Doutorado em Geografia. Waikato: Universidade de Waikato.
- Mura, P. & Khoo-Lattimore, C. (2013). The young tourist guide to paradise: Understanding behavioural patterns of young beach-orientated tourists. *Tourism: An International Multidisciplinary Journal of Tourism*, 8(1), 1-18.
- Murphy, K. (2010). Fool's paradise. *Essence*, fevereiro 2010, 131-158. Acedido a 10 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://business.highbeam.com/136977/article-1G1-215944405/fool-paradise>.
- Nadais, C. & Santos, N. (2012). O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, 1, 143-163.
- Nagel, J. (2003). *Race, Ethnicity and Sexuality: Intimate Intersections, Forbidden Frontiers*. Oxford: Oxford University Press.
- Nash, D. (Org.) (2007). *The Study of Tourism: Anthropological and Sociological Beginnings*. Londres: Elsevier.
- Nash, M. (2014). Nuevas mujeres de la transición. Arquetipos y feminismo. In M. Nash (Ed.), *Feminidades y Masculinidades: Arquetipos y Prácticas de Género* (pp. 189-216). Madrid: Alianza Editorial.
- Nazareth, L. (2007). *The Leisure Economy: How Changing Demographics, Economics and Generational Attitudes will Reshape our Lives and our Industries*. Canadá: John Wiley & Sons.
- Neuman, W. (2014). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. 7ª Edição. EUA: Pearson.
- Newman, I. & Benz, C. (1998). *Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum*. EUA: Southern Illinois University Press.
- Nicolson, P. & Burr, J. (2003). What is 'normal' about women's (hetero)sexual desire and orgasm? A report of an in-depth interview study. *Social Science & Medicine*, 57(9), 1735-1745.
- Nobre, P. (2015). Prefácio. In B. Mendonça & M. J. Ruela, *Vamos Falar de Sexo: Desejos, Fantasias e Segredos dos Portugueses na Cama*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Oakley, A. (1972). *Sex, Gender and Society*. Londres: Temple Smith.
- O'Connell-Davidson, J. (2002). The rights and wrongs of prostitution. *Hypatia*, 17(2), 84-98.
- O'Connell-Davidson, J. (2001). The sex tourist, the expatriate, his ex-wife and her 'other: The politics of loss, difference and desire. *Sexualities*, (4), 5-24.
- O'Connell-Davidson, J. (1998). *Prostitution, Power and Freedom*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

- O'Connell-Davidson, J. (1996). Sex tourism in Cuba. *Race & Class*, 38(1), 39-48.
- O'Connell-Davidson, J. & Sanchez-Taylor, J. (1999). Fantasy islands: Exploring the demand for sex tourism. In K. Kempadoo (Ed.), *Sun, Sex and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean* (pp. 37-54). Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.
- OECD (2008). *Tourism in OECD Countries 2008: Trends and Policies*. Paris: OECD Publishing.
- Okami, P. (2002). Causes and consequences of a career in sexuality research. In M. Wiederman & B. Whitley (Eds.), *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality* (pp. 505-512). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Oliveira, A. (2014). *VIH/SIDA e Comportamentos de Risco: Monitorizar a Evolução*. Tese de Doutoramento em Ciências da Saúde, ramo de Enfermagem. Coimbra: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.
- Oliveira-Campos, M., Giatti, L., Malta, D. & Barreto, S. (2013). Contextual factors associated with sexual behavior among Brazilian adolescents. *Annals of Epidemiology*, 23, 629-635.
- Omondi, R. & Ryan, C. (2017). Sex tourism: Romantic safaris, players and witchcraft at the Kenyan coast. *Tourism Management*, 58, 217-227.
- Onwuegbuzie, A. & Leech, N. (2005). Taking de «Q» out of research: Teaching research methodology without de divide between quantitative and qualitative paradigms. *Quality & Quantity*, 39, 267-296.
- Oppermann, M. (1999). Sex tourism. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 251-266.
- Oppermann, M. (Ed.) (1998). *Sex Tourism and Prostitution: Aspects of Leisure, Recreation and Work*. Nova lorque: Cognizant Communication Corporation.
- Oppermann, M., McKinley, S. & Chon, K. (1998). Marketing sex and tourism destinations. In M. Oppermann (Ed.), *Sex Tourism and Prostitution: Aspects of Leisure, Recreation and Work* (pp. 20-29). Nova lorque: Cognizant Communication Corporation.
- Oster, E. (2005). Sexually transmitted infections, sexual behaviour, and the HIV/AIDS epidemic. *The Quarterly Journal of Economics*, 120(2), 467-515.
- Pacheco, J. (1993). *O pensamento e a ação do professor em formação*. Tese de Doutoramento em Educação. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Pacheco, N. (2012). *A sexualidade dos jovens estudantes universitários portugueses*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Pais, J. M. (2012). *Sexualidade e Afectos Juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, J. M. (2008). *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX a Inícios do Século XX*. Porto: Ambar.
- Pais, J. M. (1998). Vida amorosa e sexual. In J. M. Pais (Coord.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea* (pp. 407-465). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Parlamento Europeu (2005). *Study on National Legislation on Prostitution and the Trafficking in Women and Children*. Bruxelas: Transcrime e Parlamento Europeu.

- Parrinder, G. (1999). *Sexualidade e Moral nas Religiões do Mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Parsons, T. (1942). Age and sex in the social structure of the United States. *American Sociological Review*, 7, 604-616.
- Parsons, T. & Bales, R. (1956). *Family, Socialization and Interaction Process*. Glencoe: Free Press.
- Pascoe, C. J. (2012). Ethnographic and interview methods. In M. Bernstein (Coord.), *Sociology of Sexualities: Assessing the State of the Field* (pp. 15-17). Crossing Boundaries, Workshopping Sexualities Conference, Denver, 20-21 August, 2012. Acedido a 06 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://www.asanet.org/sites/default/files/savvy/sectionsex/documents/miniconferencepapers/workingpapers.pdf>.
- Pasko, L. (2002). Naked power: The practice of stripping as a confidence game. *Sexualities*, 5(1), 49-66.
- Patton, M. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. 2ª Edição. Newbury Park, CA: Sage.
- Pearce, L. (2012). Mixed methods inquiry in Sociology. *American Behavioral Scientist*, 56, 829-848.
- Pease, A. & Pease, B. (2009). *Porque é que os Homens Querem Sexo e as Mulheres Precisam de Amor*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Peder, L., Silva, C., Nascimento, B., Malizan, J., Madeira, H., Horvath, J., Silva, E. & Teixeira, J. (2020). Prevalence of sexually transmitted infections and risk factors among young people in a public health center in Brazil: A cross-sectional study. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, XXX, 1-9.
- PENT (2012). *Plano Estratégico Nacional do Turismo: Horizonte 2013-2015*. Lisboa: Ministério da Economia e do Emprego. Acedido a 08 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>.
- Pereira, C. (2005). Lavar, passar e receber visitas: Debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. *Cadernos Pagu*, 25, 25-54.
- Pereira, N. (2015). Os homens têm medo da sexualidade das mulheres. *Expresso*, 18 de agosto de 2015. Acedido a 20 de março de 2019. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-08-18-Os-homens-tem-medo-da-sexualidade-das-mulheres#gs.38e4d4>.
- Perry, C., Thurston, M. & Green, K. (2004). Involvement and detachment in researching sexuality: Reflections on the process of semistructured interviewing. *Qualitative Health Research*, 14(1), 135-148.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS*. 6ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.
- Phillips, J. (2002). The beach boys of Barbados: Postcolonial entrepreneurs. In S. Thorbeck & B. Pattanaik (Eds.), *Transnational Prostitution: Changing Global Patterns* (pp. 42-55). Nova Iorque: Zed Books.

- Phillips, J. (1999). Tourist-oriented prostitution in Barbados: The case of the beach boy and the white female tourist. In K. Kempadoo (Ed.), *Sun, Sex and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean* (pp. 183-200). Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.
- Pilcher, K. (2011). A 'sexy space' for women? Heterosexual women's experiences of a male strip show venue. *Leisure Studies*, 30(2), 217-235.
- Pine, J. & Gilmore, J. (1998). Welcome to the experience economy. *Harvard Business Review*, 76(4), 97-105.
- Pinto, P. (2016). *Modelos de Equações Estruturais com Variáveis Latentes – Fundamentos da Abordagem Partial Least Squares*. Lisboa: Bnomics.
- Piscitelli, A. (2016). Sexual economies, love and human trafficking: New conceptual issues. *Cadernos Pagu*, 47, (s.p.). Acedido a 10 de março de 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/en_1809-4449-cpa-18094449201600470005.pdf.
- Piscitelli, A. (2007a). Shifting boundaries: Sex and money in the North-East of Brazil. *Sexualities*, 10(4), 489–500.
- Piscitelli, A. (2007b). Sexo tropical em um país europeu: Migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Estudos Feministas*, 15(3), 717-744.
- Piscitelli, A. (2005). El tráfico del deseo: Interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. *Quaderns-e*, 4. Barcelona: Institut català d'antropologia, s/p. Acedido a 17 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/QuadernsICA/article/view/51433/124519>.
- Piscitelli, A. (2004). On «gringos» and «natives»: Gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil. *Vibrant*, 1(1/2), 87-114.
- Policarpo, V. (2012). *Experiência sexual: Contributos para um novo conceito nos estudos de sexualidade e género*. Atas do VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto, 19-22 de junho de 2012.
- Policarpo, V. (2011). *Indivíduo e sexualidade: A construção social da experiência sexual*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Poria, Y. & Carr, N. (2010). What have we done and where should we go? In N. Carr & Y. Poria (Eds.), *Sex and the Sexual During People's Leisure and Tourism Experiences* (pp. 181–196). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Post Office Travel Money (2019). *Holiday Costs Barometer 2019*. Acedido a 27 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.postoffice.co.uk/dam/jcr:3fc064dc-67b8-4df7-a956-2a906ea6877e/holiday-costs-barometer-2019-tables.pdf>.
- Plummer, K. (2003). Queers, bodies and postmodern sexualities: A note on revisiting the "sexual" in symbolic interactionism. *Qualitative Sociology*, 26(4): 515-530.
- Plummer, K. (2001). *Documents of Life 2: An Invitation to a Critical Humanism*. Londres: Sage.
- Plummer, K. (1975). *Sexual Stigma*. Londres: Routledge.

- Prayag, G. & Ryan, C. (2012). Antecedents of tourists' loyalty to Mauritius: The role and influence of destination image, place attachment, personal involvement, and satisfaction. *Journal of Travel Research*, 51(3), 342-356.
- Preston-Whyte, R. (2004). The beach as a liminal space. In A. Lew, M. Hall & A. Williams (Eds.), *A Companion to Tourism* (pp. 349-359). Nova Jersey: Blackwell Publishing.
- Prideaux, B. Agrusa, J. Donlon, J. & Curran, C. (2004). Exotic or erotic: Contrasting images for defining destinations. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 9(1), 5-17.
- Pritchard, A. & Morgan, N. (2000). Privileging the male gaze: Gendered tourism landscapes. *Annals of Tourism Research*, 27(4), 884-905.
- Pritchard, A., Morgan, N., Sedgley, D., Khan, E. & Jenkins, A. (2000). Sexuality and holiday choices: Conversations with gay and lesbian tourists. *Leisure Studies*, 19, 267-282.
- PROT Algarve (2004). *Plano Regional de Ordenamento do Território Algarve. Volume II – Caracterização e Diagnóstico*. Faro: CCDR Algarve. Acedido a 08 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://www.prot.ccdr-alg.pt/Storage/pdfs/Volume_II_ANEXO_N.pdf.
- Pruitt, D. & LaFont, S. (1995). For love and money: Romance tourism in Jamaica. *Annals of Tourism Research*, 22(2), 422-440.
- Publituris (2017). *Algarve pede medidas contra “comportamentos desviantes” dos turistas*. 29 de junho de 2017. Acedido a 27 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.publituris.pt/2017/06/29/algarve-pede-medidas-comportamentos-desviantes-dos-turistas/>.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª Edição. Lisboa: Gradiva.
- Ramalho, N. (2012). O trabalho sexual: Discursos e práticas dos assistentes sociais em debate. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 64-91.
- Rao, N. (1999). Sex tourism in South Asia. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 11(2/3), 96-99.
- Redmon, D. (2003). Playful deviance as an urban leisure activity: Secret selves, self-validation and entertaining performance. *Deviant Behavior*, 24, 27-51.
- Reich, W. (1981 [1936]). *A Revolução Sexual*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Reich, W. (1979 [1927]). *The Function of the Orgasm: Sex-Economic Problems of Biological Energy*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux.
- Reich, W. (1972 [1945]). *Listen, Little Man!* Londres: Souvenir.
- Reisman, J. (2003 [1998]). *Kinsey: Crimes & Consequences*. EUA: The Institute for Media Education.
- Ribeiro, F. B. (2004). *Sistema mundial, manjacaze e fábricas de caju: Uma etnografia das dinâmicas do capitalismo em Moçambique*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

- Ribeiro, F. B. (2003). Os modernos cavaleiros do asfalto: Risco e transgressão nas estradas portuguesas. In J. Branco & M. Ramos (Orgs.), *Estrada Viva? Aspectos da Motorização na Sociedade Portuguesa* (pp. 31-50). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2014). A despistagem do VIH/SIDA: Razões e representações dos utentes do teste rápido do CAD de Bragança. In P. M. Ferreira & M. Maia (Orgs.), *VIH-Sida e Ciências Sociais: Diversidade e Percursos de Investigação* (pp. 147-173). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2007). *Turismo sexual e economia informal no nordeste brasileiro: O caso da praia de Ponta Negra*. Comunicação apresentada no XII Congresso Internacional de Antropologia Iberoamericana. Turismo, Cultura y Desarrollo. Salamanca, 25-27 de Abril de 2007.
- Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2006). A ilusão da conquista: Sexo, amor e interesse entre *gringos* e *garotas* em Natal (Brasil). *Cronos*, Natal- RN, 7(1), 161-172.
- Ribeiro, M. (2003). E como é que, realmente, se chega às pessoas? Considerações introdutórias sobre as notas e o trabalho de campo como processo social. In T. Caria (Org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais* (pp. 99-114). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M., Silva, M. C., Schouten, J., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2007). *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto: Edições Afrontamento.
- Richards, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford: CAB International.
- Rodrigues, T. (2013). *Plano de Construção da Marca Sentyo: Marca de Experiências Românticas*. Dissertação de Mestrado em Humanidades. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Rohden, F. & Russo, J. (2011). Diferenças de género no campo da sexologia: Novos contextos e velhas definições. *Revista Saúde Pública*, 45(4), 722-729.
- Rohden, F. (2009). Diferenças de género e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. *Estudos Feministas*, 17(1), 89-109.
- Rubin, G. (1975). The traffic in women: Notes of the “political economy” of “sex”. In R. Reiter (Ed.), *Toward an Anthropology of Women* (pp.157 – 210). Nova Iorque: Monthly Review Press.
- Ryan, C. (2002). Equity, management, power sharing and sustainability: Issues of the ‘new tourism’. *Tourism Management*, 23(1), 17-26.
- Ryan, C. (2000). Sex tourism: Paradigms of confusion? In S. Clift & S. Carter (Eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion* (pp. 23-40). Londres: Cassel.
- Ryan, C. & Hall, M. (2001). *Sex Tourism: Marginal People and Liminalities*. Londres: Routledge.
- Ryan, C. & Kinder, R. (1996). Sex, tourism and sex tourism: Fulfilling similar needs? *Tourism Management*, 17(7), 507-518.
- Ryan, C. & Martin, A. (2001). Tourists and strippers: Liminal theater. *Annals of Tourism Research*, 8(1), 140-163.
- Ryan, C., Robertson, E., Page, S. & Kearsley, G. (1996). New Zealand students: Risk behaviours while on holiday. *Tourism Management*, 17(1), 64-69.

- Sacramento, O. (2014). *Atlântico passionnal: Mobilidades e configurações transnacionais de intimidade euro-brasileiras*. Tese de Doutoramento em Antropologia. Lisboa: ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa.
- Sacramento, O. & Ribeiro, F. B. (2017). *Planeta Sida. Diversidade, Políticas e Respostas Sociais*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Sacramento, O. & Ribeiro, F. B. (2013). Trópicos sensuais: A construção do Brasil como geografia desejada. *Bagoas - Estudos Gays, Género e Sexualidades*, 10, 215-232.
- Sagnier, L. & Morell, A. (2019). *As Mulheres em Portugal, Hoje: Quem São, o que Pensam e o que Sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Said, E. (1979). *Orientalism*. Nova Iorque: Vintage.
- Salas, A. (2008). *Um Ano no Tráfico de Mulheres*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Salazar, N. (2012). Tourism imaginaries: A conceptual approach. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 863-882.
- Salazar, N. & Graburn, N. (2016). Introduction. Toward an anthropology of tourism imaginaries. In N. Salazar & N. Graburn, *Tourism Imaginaries: Anthropological Approaches* (pp. 1-28). Nova Iorque: Berghahn Books.
- Sanchez-Taylor, J. (2006). Female sex tourism. A contradiction in terms? *Feminist Review*, 83, 42-59.
- Sanchez-Taylor, J. (2001). Dollars are a girl's best friend? Female tourists' sexual behaviour in the Caribbean. *Sociology*, 35(3), 749-764.
- Sanchez-Taylor, J. (2000). Tourism and "embodied" commodities: Sex tourism in the Caribbean. In S. Clift & S. Carter (Eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion* (pp. 41-53). Londres: Pinter.
- Sanjose, S., Cortés, X., Méndez, C., Puig-Tintore, L., Torné, A., Roura, E., Bosch, F. & Castellsague, X. (2008). Age at sexual initiation and number of sexual partners in the female Spanish population: Results from the AFRODITA survey. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 140(2), 234-240.
- Santos, F. (2007). *Turismo Agridoce: Vivências de Visão e Divisão*. Lisboa: Edições Colibri.
- Santos, N. (2011). Desvios e regras nos territórios do quotidiano. In C. Soares *et al.* (Coord.), *Norma & Transgressão II* (pp. 323-342). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sarstedt, M., Ringle, C., Cheah, J., Ting, H., Moisescu, O. & Radomir, L. (2020). Structural model robustness checks in PLS-SEM. *Tourism Economics*, 26(4), 531-554.
- Sayers, J. (1986). *Sexual Contradiction: Psychology, Psychoanalysis and Feminism*. Londres: Tavistock.
- Schmitt, D., Shackelford, T. & Buss, D. (2010). Are men really more 'oriented' toward short-term mating than women? A critical review of theory and research. *Psychology, Evolution & Gender*, 3(3), 211-239.
- Schouten, J. & McAlexander, J. (1995). Subcultures of consumption: An ethnography of the new bikers. *Journal of Consumer Research*, 22, 43-61.

- Schouten, M. J. (2011). *Uma Sociologia do Género*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Schutz, A. (1972). *The Phenomenology of the Social World*. Londres: Heinemann.
- Selännemi, T. (2003). On holiday in the liminoid playground: Place, time, and self in tourism. In T. Bauer & B. McKercher (Eds.), *Sex and Tourism. Journeys of Romance, Love and Lust* (pp. 19-31). Nova Iorque: The Haworth Hospitality Press.
- Sell, C. (2012). Racionalidade e racionalização em Max Weber. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27, 153-172.
- Sharpley, R. (2015). Tourism: A vehicle for development? In R. Sharpley & D. Telfer (Eds.), *Tourism and Development: Concepts and Issues* (pp. 3-30). Bristol: Channel View Publications.
- Sheff, E. (2005). Polyamorous women, sexual subjectivity and power. *Journal of Contemporary Ethnography*, 34(3): 251-283.
- Shields, R. (1990). The 'system of pleasure': Liminality and the carnivalesque at Brighton. *Theory, Culture & Society*, 7, 39-72.
- Shirmohammadi, M., Kohan, S., Shamsi-Gooshki, E. & Shahriari, M. (2018). Ethical considerations in sexual health research: A narrative review. *Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research*, 23, 157-66.
- Shrier, L., Emans, J., Woods, E. & Durant, R. (1996). The association of sexual risk behaviors and problem drug behaviors in high school students. *Journal of Adolescent Health*, 20, 377-383.
- Sibilia, P. (2008). *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, A. & Blanchette, T. (2005). "Nossa Senhora da Help": Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, 25, 249-280.
- Silva, C., Kastenholz, E. & Abrantes, J. (2013). Place-attachment, destination image and impacts of tourism in mountain destinations. *Anatolia*, 24(1), 17-29.
- Silva, J. A. (2019). O turismo no Algarve. Desafios em tempos de incerteza – Parte I. *Sulinformação*, 3 de janeiro de 2019. Acedido a 27 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.sulinformacao.pt/2019/01/o-turismo-no-algarve-desafios-em-tempos-de-incerteza-parte-i/>.
- Silva, M. (2004). Por uma antropologia dos lugares turísticos. In M. Silva (Ed.), *Outros Trópicos: Novos Destinos Turísticos, Novos Terrenos da Antropologia* (pp. 7-18). Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, M. C. (2008). Desigualdades de género: Esboço por um mapa pró-teórico. *Configurações*, 4, 65-89.
- Silva, M. C. & Ribeiro, F. B. (2015). Ciências sociais, ética e bioética: O caso do trabalho sexual. *Revista Brasileira de Sociologia*, 3(5), 177-202.
- Silva, V. (2011). Interdições e prazeres: Estigma, vergonha e constrangimentos. In J. M. Pais, R. Bendit & V. S. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Rumos* (pp. 295-313). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Simmel, G. (2009 [1908]). *Sociology: Inquiries into the Construction of Social Forms*. Volume 1. Boston: Brill.

- Simoni, V. (2015). Breadwinners, sex machines and romantic lovers: Entangling masculinities, moralities, and pragmatic concerns in touristic Cuba. *Etnográfica*, 19(2), 389-411.
- Simoni, V. (2010). *Seducing bodies: Dance-sex (dis)continuities in touristic Cuba*. Conference Proceedings of the 1st Biannual TOCOCU Research Network 'Tourism and Seductions of Difference' Lisboa, Portugal, 9-12 setembro. Acedido a 24 de agosto de 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/1511660/Seducing_Bodies.
- Singh, S. (2002). Love, anthropology and tourism. *Annals of Tourism Research*, 29(1), 261-264.
- Smith, D. (1990). *The Conceptual Practices of Power: A Feminist Sociology of Knowledge*. Canadá: University of Toronto Press.
- Smith, G. & King, S. (2009). Naturism and sexuality: Broadening our approach to sexual wellbeing. *Health & Place*, 15, 439-446.
- Smith, V. (Ed.) (1989). *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Sönmez, S., Apostolopoulos, Y., Theocharous, A. & Massengale, K. (2013). Bar crawls, foam parties, and clubbing networks: Mapping the risk environment of a Mediterranean nightlife resort. *Tourism Management Perspectives*, 8, 49-59.
- Sönmez, S., Apostolopoulos, Y., Yu, C., Yang, S., Mattila, A. & Yu, L. (2006). Binge drinking and casual sex on spring break. *Annals of Tourism Research*, 33(4), 895-917.
- Spencer, A. & Bean, D. (2017). Female sex tourism in Jamaica: An assessment of perceptions. *Journal of Destination Marketing & Management*, 6, 13-21.
- Spencer, H. (1882). *The Principles of Sociology*. Volume II, Parte V – Political Institutions. Nova Iorque: D. Appleton and Company. Acedido a 23 de novembro de 2017: Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/spencer-the-principles-of-sociology-vol-2-1898>.
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa: Estudando como as Coisas Funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Steele, J., Bourke, L., Luloff, A., Liao, P., Theodori, G. & Krannich, R. (2001). The drop-off/pick-up method for household survey research. *Journal of the Community Development Society*, 32, 238-250.
- Sternberg, E. (1997). The iconography of the tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 24(4), 951-969.
- Stewart-Williams, S., Butler, C. & Tomas, A. (2016). Sexual history and present attractiveness: People want a mate with a bit of a past, but not too much. *The Journal of Sex Research*, 00(00), 1-9.
- Stiles, B. & Kaplan, H. (2004). Factors influencing change behaviour: Risk reduction for HIV infection. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 32(6), 511-534.
- Stoler, A. (1995). *Race and Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press.
- Strauss, C. (2006). The imaginary. *Anthropological Theory*, 6(3), 322-344.
- TAMPEP 7 (2007). *European Network for HIV/STI Prevention and Health Promotion Among Migrant Sex Workers: Final Report*. Amesterdão: TAMPEP International Foundation. Acedido a 16 de

janeiro de 2017. Disponível em: https://tampep.eu/wp-content/uploads/2017/11/report_tampep_7.pdf.

- Tashakkori, A. & Teddlie, C. (Eds.) (2010). *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. 2ª Edição. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Theozen, M. (2015). *The Female Sex Tourist*. Acedido a 27 de maio de 2016. Disponível em: http://marilynthezozen.com/THE_FEMALE_SEX_TOURIST_Chapter_one_Online.pdf.
- Thomas, M. (2005). 'What happens in Tenerife stays in Tenerife: Understanding women's sexual behaviour on holiday. *Culture, Health & Sexuality*, 7(6), 571-584.
- Thomassen, B. (2014). *Liminality and the Modern: Living Through the In-Between*. Surrey: Ashgate Publishing.
- Tocqueville, A. (1986 [1835]). *De la Démocratie en Amérique*. Paris: Gallimard.
- Towner, J. (1985). The Grand Tour: A key in the history of tourism. *Annals of Tourism Research*, 15, 47-62.
- Træen, B., Štulhofer, A., Janssen, E., Carvalheira, A., Hald, G., Lange, T. & Graham, C. (2018). Sexual activity and sexual satisfaction among older adults in four European countries. *Archives of Sexual Behavior*, 48(3), 815-829.
- Trauer, B. & Ryan, C. (2005). Destination image, romance and place: An application of intimacy theory in tourism. *Tourism Management*, 26, 481-491.
- Treisman, G. & Angelino, A. (2004). *The Psychiatry of AIDS. A Guide to Diagnosis and Treatment*. Londres: The John Hopkins University Press.
- Tribe, J. (2006). The truth about tourism. *Annals of Tourism Research*, 33(2), 360-381.
- Tribe, J. & Liburd, J. (2016). The tourism knowledge system. *Annals of Tourism Research*, 57, 44-61.
- Trigo, L. (1998). *A Sociedade Pós-industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas: Papyrus.
- Truong, T. (1990). *Sex, Money and Morality: Prostitution and Tourism in Southeast Asia*. Londres: Zed Books.
- Turner, L. & Ash, J. (1975). *The Golden Hordes: International Tourism and Pleasure Periphery*. Londres: Constable & Robinson Limited.
- Turner, V. (1974a). *Dramas, Fields & Metaphors. Symbolic Action in Human Societies*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Turner, V. (1974b). *O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura*. Persépolis: Vozes.
- UNESCO (1976). The effects of tourism on socio-cultural values. *Annals of Tourism Research*, 4(2), 74-105.
- Unger, R. (1979). Toward a redefinition of sex and gender. *American Psychologist*, 34(11), 1085-1094.
- UNWTO (2018). *UNWTO Tourism Highlights: 2018 Edition*. Madrid: UNWTO.

- UNWTO (2010). Understanding tourism: Basic glossary. In UNWTO, *International Recommendations for Tourism Statistics 2008* (pp. 95-100). Nova Iorque: United Nations.
- UNWTO (1999). Global Code of Ethics for Tourism. *Thirteenth WTO General Assembly*. Santiago do Chile, 27 de setembro a 1 de outubro de 1999. Acedido a 13 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/gcetbrochureglobalcodeen.pdf>.
- UNWTO (1980). Manila declaration on world tourism. *The World Tourism Conference*. Filipinas, 27 setembro a 10 outubro de 1980. Acedido a 13 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://www.univeur.org/cuebc/downloads/PDF%20carte/65.%20Manila.PDF>.
- Uriely, N. & Belhassen, Y. (2006). Drugs and risk-taking in tourism. *Annals of Tourism Research*, 33(2), 339-359.
- Uriely, N., Ram, Y. & Malach-Pines, A. (2011). Psychoanalytic sociology of deviant tourist behavior. *Annals of Tourism Research*, 38(3), 1051-1069.
- Urry, J. (2002). *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies* (2ª Ed.). Londres: Sage.
- Vale de Almeida, M. (1996). Género, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, 95, 161-190.
- Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Valle, P. O. & Assaker, G. (2016). Using partial least squares structural equation modeling in tourism research: A review of past research and recommendations for future applications. *Journal of Travel Research*, 55(6), 695-708.
- Vallejo, M. E. (2002). La pandemia del VIH/Sida: Una mirada desde la sociedad del riesgo. *Gerencia y Políticas de Salud*, 3, 57-75.
- Valois, R., Oeltmann, J., Waller, J. & Hussey, J. (1999). Relationship between number of sexual intercourse partners and selected health risks behaviors among public high school adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 25, 328-335.
- Valverde, M. (1985). *Sex, Power and Pleasure*. Toronto: Women's Press.
- Van Gennep, A. (1960 [1909]). *The Rites of Passage. A Classical Study of Cultural Celebrations*. Chicago: University of Chicago Press.
- Vance, C. (1992 [1984]a). Pleasure and danger: Toward a politics of sexuality. In C. Vance (Ed.), *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality* (pp. 1-27). Boston: Routledge & Kegan Paul.
- Vance, C. (1992 [1984]b) (Ed.). *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston: Routledge & Kegan Paul.
- Vasconcelos, P. (1998). Vida Familiar. In J. M. Pais (Ed.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea* (pp. 321 – 404). Lisboa: ICS.
- Vilar, D. (2010). Desempenho sexual – satisfação e problemas. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* (pp. 201 – 230). Lisboa: Bizâncio.

- Vilar, D. (2003). Questões Actuais sobre a educação sexual num contexto de mudança. In L. Fonseca, C. Soares & J. M. Vaz (Coord.), *A Sexologia: Perspectiva Multidisciplinar II* (pp. 155-184). Coimbra: Quarteto Editora.
- Visser, G. (2010). White gay women's leisure spaces in Bloemfontein, South Africa. In N. Carr & Y. Poria (Eds.), *Sex and the Sexual During People's Leisure and Tourism Experiences* (pp. 143-163). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Wagner, U. (1977). Out of time and place: Mass tourism and charter trips. *Ethnos*, 42(1-2), 38-52.
- Walby, S. (1990). *Theorizing Patriarchy*. Oxford: Blackwell.
- Wallace, R. (1985). *Sociobiologia: O Fator Genético*. São Paulo: Ibrasa.
- Wang, N. (2000). *Tourism and Modernity: A Sociological Analysis*. Oxford: Elsevier Science, Ltd.
- Ward, L. (1903). *Pure Sociology: A Treatise on the Origin and Spontaneous Development of Society*. Acedido a 22 de novembro de 2017. Disponível em: http://www.geocities.ws/ralf_schreyer/ward/download/pure_sociology.pdf.
- Warner, M. (1991). Introduction: Fear of a Queer planet. *Social Text*, 9(4), 3-17.
- Warren, C. & Rasmussen, P. (1977). Sex and gender in field research. *Journal of Contemporary Ethnography*, 6, 349-369.
- Weber, M. (2012 [1947]). *The Theory of Social and Economic Organization*. Nova Iorque: Free Press.
- Weber, M. (2004). *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Fundação Universidade de Brasília.
- Weeks, J. (2007). *The World We Have Won*. Londres: Routledge.
- Weeks, J. (1989). *Sex, Politics e Society*. Nova Iorque: Longman.
- Weeks, J. (1986). *Sexuality*. Londres: Methuen.
- Weichselbaumer, D. (2012). Sex, romance and the carnivalesque between female tourists and Caribbean men. *Tourism Management*, 33(5), 1220-1229.
- Weis, D. (2002). The need to integrate sexual theory and research. In M. Wiederman & B. Whitley (Eds.), *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality* (pp. 7-24). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Weitman, S. (1998). On the elementary forms of the socioerotic life. *Theory, Culture & Society*, 15(3-4), 71-110.
- West, C. & Zimmerman, D. (1987). Doing Gender. *Gender and Society*, 1(2), 125-151.
- Whitehead, H. (1981). The bow and the burden strap: A new look at institutionalized homosexuality in Native North America. In S. B. Ortner e H. Whitehead (Orgs.), *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality* (pp. 80-115). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- WHO (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Madrid: WHO.

- Wickens, E. (1997). Licensed for thrill: Risk-taking and tourism. In S. Clift & P. Gabowski (Eds), *Tourism and Health* (pp. 151–164). Londres: Printer.
- Wiederman, M. (2004). Methodological issues in studying sexuality in close relationships. In J. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The Handbook of Sexuality in Close Relationships* (pp. 31-56). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Wiederman, M. (2002). Reliability and validity of measurement. In M. Wiederman & B. Whitley (Eds.), *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality* (pp.25-50). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Williams, E. (2013). *Sex Tourism in Bahia: Ambiguous Entanglements*. Urbana-Champaign: University of Illinois Press.
- Wilson, E. (1978). *On Human Nature*. Cambridge: Harvard University Press.
- Wilson, E. (1975). *Sociobiology: The New Synthesis*. Cambridge: Harvard University Press.
- Wonders, N. & Michalowski, R. (2001). Bodies, borders, and sex tourism in a globalized world: A tale of two cities – Amsterdam and Havana. *Social Problems*, 48(4), 545-571.
- WTTC (2003). *The Algarve: The Impact of Travel & Tourism on Jobs and the Economy*. Londres: WTTC.
- Xiberras, M. (1996). *As Teorias da Exclusão: Para uma Construção do Imaginário do Desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Yoon, Y. & Uysal, M. (2005). An examination of the effects of motivation and satisfaction on destination loyalty: A structural model. *Tourism Management*, 26, 45-56.
- Zhang, H. & Xu, H. (2019). A structural model of liminal experience in tourism. *Tourism Management*, 71, 84-98.
- Zhu, G. & Bosma, A. (2019). Early sexual initiation in Europe and its relationship with legislative change: A systematic review. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57, 70-82.

Apêndice A 1. Inquérito por Questionário, Versão em Português

INQUÉRITO Nº: _____



LOCAL: _____ DATA: ____/____/____

INQUIRIDOR: _____

Exmo(a). Senhor(a),

O objetivo deste inquérito é estudar o amor, o romance e a sexualidade durante as férias, mais concretamente durante as suas férias no Algarve. As suas respostas destinam-se exclusivamente ao tratamento estatístico no âmbito de um projeto de investigação e serão utilizadas apenas para fins científicos. A confidencialidade dos dados, bem como a sua identidade, serão absolutamente preservadas. Não há respostas certas ou erradas e em momento algum será alvo de qualquer tipo de avaliação moral. Pedimos, por isso, que seja o mais sincero possível nas suas respostas, agradecendo desde já a sua colaboração neste estudo.

PARTE A - LOGÍSTICA DA VIAGEM

- 1. Qual é o seu local de residência habitual? Portugal _1 Cidade/Localidade: _____ Estrangeiro _2 País: _____
- 2. É a primeira vez que vem ao Algarve? Não _1 Sim _2
- 3. Qual é o seu local de alojamento durante estas férias? _____ (Concelho).
- 4. Que tipo de alojamento escolheu? Hotel _1 Aparthotel _2 Casa arrendada _3 Casa de familiares/amigos _4
Casa própria _5 Parque de campismo _6 Outro _7 Qual? _____
- 5. Há quantos dias chegou? _____; Cheguei hoje _0
- 5.1. No total, quantos dias/noites vai ficar no Algarve? ____ dias; ____ noites.
- 6. Com quem está a viajar? (pode escolher mais do que uma opção)
Esposo(a)/Companheiro(a) _1 Namorado(a) _2 Família _3 Amigo(s) _4 Sozinho(a) _5 Em grupo _6 Outro _7
- 7. Qual é o principal objetivo da sua viagem? Férias/lazer _1 Visitar familiares/amigos _2 Negócios _3 Outro _4 Qual? _____
- 8. Principais razões para escolher o Algarve nestas férias: (pode escolher mais do que uma opção)
Preço _1 Praias _2 Paisagem _3 Clima _4 Gastronomia _5 Golfe _6 Família/Amigos _7 Lua de mel _8
Romance _9 Sexo _10 Vida nocturna _11 Eventos/Festivais _12 Outro _13 Qual? _____
- 9. Até agora, qual é a sua satisfação com o Algarve? Muito insatisf. _1 Insatisf. _2 Nem insat. nem satisf. _3 Satisf. _4 Muito satisf. _5
- 10. Pretende regressar ao Algarve? Não _1 Talvez _2 Sim _3
- 11. E recomendar a familiares/amigos? Não _1 Talvez _2 Sim _3

PARTE B - IMPORTÂNCIA E PAPEL DAS FÉRIAS

- 12. Considerando a importância e o papel que atribui às férias, refira até que ponto concorda com as seguintes afirmações:
- | | Discordo Totalmente | Discordo Bastante | Discordo | Concordo | Concordo Bastante | Concordo Totalmente |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| As férias são o momento ideal para descontrair..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são o momento ideal para me divertir..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são o momento ideal para fazer novos amigos..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias a comportamentos diferentes do habitual..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias sinto-me mais desinibido(a) e faço o que não faria no dia a dia..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias ninguém me conhece, logo posso fazer o que quero..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias tudo é permitido..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias não há ninguém para me censurar/criticar..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias sou totalmente diferente do que sou no dia a dia..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias cometo mais excessos..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias consumo mais álcool do que habitualmente..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias consumo mais drogas do que habitualmente..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias tenho mais tempo para mim..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias tenho mais tempo para cuidar do meu corpo..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias costumo confiar mais nas outras pessoas..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

PARTE C - ROMANCE, AMOR E PAIXÃO DURANTE AS FÉRIAS

- 13. Relativamente ao papel que as férias exercem sobre o romance, o amor e a paixão, refira até que ponto concorda com as seguintes afirmações:
- | | Discordo Totalmente | Discordo Bastante | Discordo | Concordo | Concordo Bastante | Concordo Totalmente |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| As férias são propícias ao enamoramento..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias aos flirts (relações amorosas de curta duração)..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias à infidelidade conjugal..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias à realização de fantasias amorosas ou sexuais..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias fazem bem às relações..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias contribuem para fortalecer as relações entre membros do casal..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias podem contribuir para a separação dos casais..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias as relações fazem-se e desfazem-se mais depressa..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Nas relações estabelecidas durante as férias tudo acontece de forma mais rápida..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O calor, o sol e o mar estimulam o desejo e a paixão..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Já me apaixonei durante as férias..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Quando vou de férias espero encontrar um novo amor/desenvolver um romance..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Nestas férias quero encontrar um novo amor/desenvolver um romance..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

PARTE D - SEXUALIDADE EM FÉRIAS

▶ 14. Relativamente ao papel que as férias exercem sobre a sexualidade, refira até que ponto concorda com as seguintes afirmações:

	Discordo Totalmente	Discordo Bastante	Discordo	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Totalmente
As férias são momentos ideais para estimular as relações sexuais com o parceiro habitual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As férias são momentos ideais para ter aventuras sexuais com desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As férias são momentos ideais para ter relações sexuais sem compromisso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A estadia em hotéis e apartamentos turísticos facilita o encontro de parceiros sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A vida noturna, típica de locais como o Algarve, facilita o encontro de parceiros sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A vida noturna, os bares e o consumo de álcool estimulam o desejo sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A animação noturna facilita os encontros sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os bares de praia facilitam os encontros sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É nos bares e discotecas que se encontram parceiros sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em férias tenho mais tempo livre para me dedicar ao amor e ao sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em férias estou disposto(a) a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em férias estou disposto(a) a envolver-me em práticas sexuais menos 'convencionais'	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em férias estou disposto(a) a pagar por serviços sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em férias estou disposto(a) a ter relações sexuais sem preservativo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nestas férias quero fortalecer os laços amorosos/sexuais com o meu esposo(a)/companheiro(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nestas férias quero ter um ou mais flirts	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nestas férias quero envolver-me sexualmente com um(a) desconhecido(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

▶ 15. Pensando nestas férias no Algarve, gostaríamos que indicasse a frequência com que teve ou espera ter relações sexuais?
 Nunca 0 Raramente 1 Algumas vezes durante a semana 2 Pelo menos 1 vez por dia 3 Mais do que 1 vez por dia 4

▶ 16. Quantos parceiros sexuais teve desde que chegou ao Algarve? Nenhum 0 1 1 2 - 5 2 6 ou mais 3

▶ 16.1. Algum desses parceiros é alguém que conhece há menos de uma semana? Não 1 Sim 2

▶ 17. Durante estas férias recebeu informação sobre saúde sexual? Não 1 Sim 2 ▶ 17.1. E recebeu preservativos? Não 1 Sim 2

PARTE E - QUOTIDIANO AMOROSO E SEXUAL

▶ 18. Atualmente tem um(a) companheiro(a) amoroso/sexual? Não 1 Sim 2

▶ 18.1. Se sim, como define essa relação? Relacionamento estável 1 Relacionamento instável/complicado 3
 Relacionamento aberto 2 Relacionamento proibido 4

▶ 19. Com que idade teve a sua primeira relação sexual? _____ (anos)

▶ 20. Quantos parceiros sexuais já teve ao longo da sua vida? Nenhum 0 1 1 2 - 5 2 6 - 10 3 11 - 20 4 21 - 30 5 31 ou mais 6

▶ 21. E nos últimos 6 meses (antes de vir para o Algarve)? Nenhum 0 1 1 2 - 5 2 6 ou mais 3

▶ 22. Com que frequência teve relações sexuais nos últimos 6 meses (antes de vir para o Algarve)?
 Não tive relações sexuais 0 1 a 3 vezes por mês 2 3 ou 4 vezes por semana 4
 Menos de 1 vez por mês 1 1 ou 2 vezes por semana 3 Mais de 4 vezes por semana 5

▶ 23. Alguma vez teve relações sexuais com alguém que conhecia há menos de uma semana? Não 1 Sim 2

▶ 24. Relativamente à atração sexual, sente-se:
 Apenas atraído(a) por homens 1 Igualmente atraído(a) por homens e mulheres 3 Apenas atraído(a) por mulheres 5
 Maioritariamente atraído(a) por homens 2 Maioritariamente atraído(a) por mulheres 4 Não tenho a certeza 6

▶ 25. Relativamente à orientação sexual, considera-se: Heterossexual 1 Bissexual 2 Homossexual 3 Nunca senti atração por ninguém 4

▶ 26. A frequência com que tem relações sexuais varia ao longo do ano? Não 1 Sim 2

▶ 26.1. Se sim, de que forma? Maior na Primavera 1 Maior no Verão 2 Maior no Outono 3 Maior no Inverno 4

▶ 27. Quão satisfatória considera a sua vida sexual? Muito insatisf. 1 Insatisf. 2 Nem insat. nem satisf. 3 Satisf. 4 Muito satisf. 5

▶ 28. Como avalia o seu desempenho sexual? Mau 1 Deixa algo a desejar 2 Satisfatório 3 Bom 4 Excelente 5

PARTE F - CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

▶ 29. Idade: _____ ▶ 30. Género: Feminino 1 Masculino 2 ▶ 31. Nacionalidade: _____

▶ 32. Estado Civil: Solteiro(a) 1 Casado(a)/União de facto 2 Divorciado(a) 3 Viúvo(a) 4 ▶ 33. Profissão: _____

▶ 34. Habilitações literárias: Básico (até 6º ano) 1 Básico (até 9º ano) 2 Secundário 3 Licenciatura 4 Mestrado 5 Doutoramento 6

▶ 35. Situação perante o emprego: Empregado(a) 1 Desempregado(a) 2 Reformado(a) 3 Estudante 4 Outro 5 Qual? _____

▶ 36. Rendimento médio mensal do agregado familiar: Inferior a 750€ 1 751€ - 2.000€ 2 2.001€ - 3.500€ 3 3.501€ - 5.000€ 4 5.001€ - 8.000€ 5 Superior a 8.001€ 6

Obrigado pela sua colaboração!

Apêndice A 2. Inquérito por Questionário, Versão em Inglês

DEMAND
QUESTIONNAIRE Nr.: _____



PLACE: _____ DATE: ____/____/____

RESEARCHER: _____

Dear Mr/Ms/Mrs,

The purpose of this questionnaire is to study love, romance and sexuality during vacations, specifically during your vacation in the Algarve. Your answers will be statistically treated within a research project and will be used only for scientific purposes. The collected data and your identity will be absolutely preserved. There is no right or wrong answers and you will never be subject to any kind of moral evaluation. Therefore, we kindly ask you to be as sincere as possible in your answers. Thank you in advance for your contribution.

PART A - TRIP LOGISTICS

- 1. Where is your permanent place of residence? Portugal _1 City/Place: _____ Outside of Portugal _2 Country: _____
- 2. Is it your first time in the Algarve? No _1 Yes _2 ► 3. What is your vacation destination? _____ (County/Town).
- 4. What type of accommodation did you choose? Hotel _1 Aparthotel _2 Rented house _3 Family/friends house _4
Own house _5 Camping _6 Other _7 Which? _____
- 5. When did you arrive? _____(days); I arrived today _0 ► 5.1. In total, how long will you stay in the Algarve? _____ days; _____ nights.
- 6. Whom are you travelling with? (you can choose more than one option)
Spouse/Partner _1 Boyfriend/Girlfriend _2 Family _3 Friend(s) _4 Alone _5 Excursion group _6 Other _7
- 7. What is the main purpose of your trip? Vacation/leisure _1 Visiting friends & relatives _2 Business _3 Other _4 Which? _____
- 8. What are the main reasons for choosing the Algarve? (you can choose more than one option)
Price _1 Beaches _2 Landscape _3 Weather _4 Gastronomy _5 Golf _6 Family/Friends _7 Honeymoon _8
Romance _9 Sex _10 Nightlife _11 Events/Festivals _12 Other _13 Which? _____
- 9. Until now, which is your level of satisfaction with the Algarve?
Very dissatisfied _1 Dissatisfied _2 Neither dissatisfied nor satisfied _3 Satisfied _4 Very satisfied _5
- 10. Do you intend to return to the Algarve? No _1 Maybe _2 Yes _3 ► 11. And would you recommend it? No _1 Maybe _2 Yes _3

PART B - THE ROLE AND THE IMPORTANCE OF HOLIDAYS

- 12. Considering the importance and the role that you ascribe to holidays, to what extent do you agree with each of the following statements:
- | | Totally Disagree | Strongly Disagree | Disagree | Agree | Strongly Agree | Totally Agree |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Holidays are the perfect time to relax | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are the perfect time to have fun | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are the perfect time to make new friends | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are the perfect time to do something unusual | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I feel more uninhibited and I can do unusual things | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation nobody knows me so I can do whatever I want | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation everything is allowed | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation there is nobody to judge or criticize me | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I am totally different from what I am in the everyday life | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I commit more excesses | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I drink more alcohol than I usually do | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I consume more drugs than I usually do | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I have more time for myself | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I have more time to take care of my body | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| On vacation I am usually more trusting | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

PART C - ROMANCE, LOVE AND PASSION DURING HOLIDAYS

- 13. Considering the role holidays play in romance, love and passion, to what extent do you agree to each of the following statements:
- | | Totally Disagree | Strongly Disagree | Disagree | Agree | Strongly Agree | Totally Agree |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Holidays are propitious to fall in love | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are propitious to flirt (romantic relationships of short duration) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are propitious to develop a love relationship | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are propitious to have unfaithful behaviours | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are propitious to fulfil sexual or romantic fantasies | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays are good to relationships | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays contribute to strengthen relationships | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holidays can contribute to marital dissolution | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Holiday relationships begin and end very soon | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| In holiday relationships everything happens faster | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| The heat, the sun and the sea stimulate desire and passion | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| I have fallen in love while on vacation | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| When I go on vacation I hope to find a new love/get involved in a romantic way | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| In this trip I want to find a new love/get involved in a romantic way | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

PART D - SEXUALITY ON HOLIDAYS

▶ 14. Considering the role holidays play in sexuality, to what extent do you agree to each of the following statements:

	Totally Disagree	Strongly Disagree	Disagree	Agree	Strongly Agree	Totally Agree
Holidays are the perfect time to stimulate sexual relationships with the usual partner.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Holidays are the perfect time to have sexual adventures with strangers.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Holidays are the perfect time to have casual sex or hooking up.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Staying in hotels and tourist apartments facilitates finding new sexual partners.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
The nightlife, typical of places such as the Algarve, enables finding new sexual partners.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
The nightlife, the bars and the alcohol consumption stimulate sexual desire.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
The nightlife facilitates sexual encounters.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
The beach bars facilitate sexual encounters.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
In the bars and nightclubs it is easy to find sexual partners.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
On vacation I have more free time for love and sex.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
On vacation I am willing to have more than one sexual partner.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
On vacation I am willing to have 'less conventional' sexual experiences.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
On vacation I am willing to pay for sexual services.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
On vacation I am willing to have sex without condom.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
These holidays I want to reinforce the loving/sexual ties with my spouse/partner.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
These holidays I want to have one or more flirts.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
These holidays I want to have a physical relationship with an unknown person.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

▶ 15. Thinking about these holidays in the Algarve, can you say how often did you have or expect to have sex?
 Never _0 Rarely _1 Few times a week _2 At least once a day _3 More than once a day _4

▶ 16. How many sexual partners did you have since you arrived into the Algarve? None _0 1 _1 2 - 5 _2 6 or more _3

▶ 16.1. Is any of these partners someone you have met for less than a week? No _1 Yes _2

▶ 17. During these holidays did you receive any information about sexual health? No _1 Yes _2 ▶ 17.1. What about condoms? No _1 Yes _2

PART E - LOVING AND SEXUAL DAILY LIFE

▶ 18. Do you have a loving or sexual partner at the moment? No _1 Yes _2

▶ 18.1. If yes, how do you define your relationship? Solid relationship _1 Unstable/complicated relationship _3
 Open relationship _2 Forbidden relationship _4

▶ 19. How old were you when you had your first sexual intercourse? _____ ▶ 20. How many sexual partners have you had in your life? None _0 1 _1 2 - 5 _2 6 - 10 _3 11 - 20 _4 21 - 30 _5 31 or more _6 ▶ 21. What about in the last 6 months (before you came to the Algarve)? None _0 1 _1 2 - 5 _2 6 or more _3

▶ 22. How often have you had sexual intercourse in the last 6 months (before you came to the Algarve)?
 I did not have sexual intercourse _0 1 to 3 times per month _2 3 or 4 times a week _4
 Less than once a month _1 Once or twice a week _3 More than 4 times a week _5

▶ 23. Have you ever had sex with someone you have met for less than a week? No _1 Yes _2

▶ 24. Concerning sexual attraction, how do you feel?
 Only attracted by men _1 Equally attracted by men and women _3 Only attracted by women _5
 Mostly attracted by men _2 Mostly attracted by women _4 I am not sure _6

▶ 25. Concerning sexual orientation, how do you feel? Heterosexual _1 Bisexual _2 Homosexual _3 I never felt attracted to anyone _4

▶ 26. Does the intensity of your sexual experiences changes over the year? No _1 Yes _2

▶ 26.1. If yes, how? Higher in the Spring _1 Higher in the Summer _2 Higher in the Autumn _3 Higher in the Winter _4

▶ 27. How satisfying is your sex life? Very dissatisfying _1 Dissatisfying _2 Neither satisf. nor dissatisf. _3 Satisfying _4 Very satisfying _5

▶ 28. How do you evaluate your sexual performance? Bad _1 Not so bad _2 Satisfying _3 Good _4 Excellent _5

PART F - PERSONAL CHARACTERISTICS

▶ 29. Age: _____ ▶ 30. Gender: Female _1 Male _2 ▶ 31. Nationality: _____

▶ 32. Marital status: Single _1 Married/living together _2 Divorced _3 Widowed _4 ▶ 33. Job: _____

▶ 34. Education level: Elementary (under 6 years) _1 Elementary (under 9 years) _2 Secondary _3 Graduation _4 Master _5 PhD _6

▶ 35. Employment situation: Employed _1 Unemployed _2 Retired _3 Student _4 Other _5 Which? _____

▶ 36. Family average monthly income: Less than 750€ _1 751€ - 2.000€ _2 2.001€ - 3.500€ _3 3.501€ - 5.000€ _4 5.001€ - 8.000€ _5 8.001€ and above _6

Thank you for your contribution!

Apêndice A 3. Inquérito por Questionário, Versão em Francês

QUESTIONNAIRE N°: _____



LIEU: _____ DATE: ____/____/____

CHERCHEUR: _____

Chère Madame/ Cher monsieur,
L'objectif de ce questionnaire est d'étudier l'amour, les liaisons amoureuses et la sexualité pendant les vacances, particulièrement pendant vos vacances en Algarve. Les réponses sont anonymes et feront l'objet d'un traitement statistique. Celui-ci ne sera utilisé que dans un but scientifique. Les données recueillies seront absolument préservées, tout comme votre anonymat. Il n'y a pas de réponses correctes ou incorrectes et en aucun cas n'impliquent-elles un jugement moral. Nous vous demandons donc d'être le plus sincère possible dans vos réponses. L'équipe de recherche vous remercie vivement pour votre collaboration dans cette étude.

PARTIE A - LOGISTIQUE DU VOYAGE

- 1. Quelle est votre lieu de résidence habituel? Portugal _1 Ville/Village: _____ Étranger _2 Pays: _____
- 2. Est-ce la première fois que vous venez en Algarve? Non _1 Oui _2 ► 3. Où êtes-vous hébergé? _____ (Ville/Village/Comté).
- 4. Quel est votre type de logement pendant ces vacances? Hôtel _1 Appartement touristique _2 Maison louée _3 Maison familiale/d'amis _4
Propre maison _5 Camping _6 Autre _7 Précisez? _____
- 5. Quand êtes-vous arrivé(e)? _____ (jours); Je suis arrivé(e) aujourd'hui _0 ► 5.1. En tous, combien de jours resterez-vous en Algarve?
_____ jours; _____ nuits.
- 6. Avec qui voyagez-vous? (Vous pouvez choisir plus d'une option)
Époux(se) _1 Copain/Copine _2 Famille _3 Amis _4 Seul(e) _5 En excursion _6 Autre _7
- 7. Quel est le but principal de votre voyage? Vacances/Loisirs _1 Visiter la famille/amis _2 Affaires _3 Autre _4 Précisez? _____
- 8. Quelles sont les raisons principales pour avoir choisi l'Algarve? (Vous pouvez choisir plus d'une option)
Prix _1 Plages _2 Paysage _3 Climat _4 Gastronomie _5 Golfe _6 Famille/Amis _7 Voyage de Noces _8
Liaison amoureuse _9 Sexe _10 Vie nocturne _11 Événements / Fêtes _12 Autre _13 Précisez? _____
- 9. Jusqu'à présent, quel est votre degré de satisfaction avec l'Algarve ?
Très insatisfait _1 Insatisfait _2 Ni insatisfait, ni satisfait _3 Satisfait _4 Très satisfait _5
- 10. Vous comptez revenir en Algarve? Non _1 Peut-être _2 Oui _3
- 11. Recommanderiez-vous cette destination? Non _1 Peut-être _2 Oui _3

PARTIE B - RÔLE ET IMPORTANCE DES VACANCES

► 12. Considérant le rôle et l'importance que vous attribuez aux vacances, indiquez à quel point vous êtes d'accord avec les affirmations suivantes:	Absolument pas d'accord	Pas du tout d'accord	Pas d'accord	D'accord	Beaucoup d'accord	Totalement d'accord
Les vacances constituent le moment idéal pour me détendre.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances constituent le moment idéal pour m'amuser.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances constituent le moment idéal pour me faire des amis.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont propices aux comportements hors qui sortent de l'ordinaire.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, je me sens plus désinhibé et je fais ce que je ne ferais pas habituellement.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, personne ne me connaît, alors je peux faire ce que je veux.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, tout est permis.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, il n'y a personne pour me censurer/critiquer.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, je suis complètement différent qu'en temps normal.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, je commets plus d'excès que d'habitude.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, je bois plus d'alcool que d'habitude.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances je consomme plus de drogues que d'habitude.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances j'ai plus de temps pour moi.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, j'ai plus de temps pour soigner mon corps.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, j'ai l'habitude de faire confiance aux inconnus.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTIE C - LIAISONS AMOUREUSES, AMOUR ET PASSION PENDANT LES VACANCES

► 13. Considérant le rôle que les vacances ont dans l'amour, les liaisons amoureuses et la passion, indiquez à quel point vous êtes d'accord avec les affirmations suivantes:	Absolument pas d'accord	Pas du tout d'accord	Pas d'accord	D'accord	Beaucoup d'accord	Totalement d'accord
Les vacances sont propices à ce que l'on tombe amoureux.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont propices aux flirts (rapports de courte durée).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont propices au développement de relations amoureuses.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont propices à l'infidélité conjugale.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont propices à la réalisation des fantasmes amoureux et/ou sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances font du bien aux rapports de couple.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances contribuent à fortifier les relations de couple.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances peuvent contribuer à la séparation des couples.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances les relations se nouent et se dénouent plus rapidement.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dans les relations établies pendant les vacances tout se passe plus vite.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La chaleur, le soleil et la mer stimulent le désir et la passion.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Je suis déjà tombé(e) amoureux(se) en vacances.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quand je pars en vacances, j'espère trouver un nouvel amour/développer une liaison amoureuse.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dans ces vacances je veux trouver un nouvel amour/développer une liaison amoureuse.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTIE D – LA SEXUALITÉ EN VACANCES

	Absolument pas d'accord	Pas du tout d'accord	Pas d'accord	D'accord	Beaucoup d'accord	Totalement d'accord
▶ 14. Considérant le rôle que les vacances ont dans la sexualité, indiquez à quel point vous êtes d'accord avec les affirmations suivantes:						
Les vacances sont le moment parfait pour stimuler les relations sexuelles avec le partenaire habituel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont le moment parfait pour avoir des aventures sexuelles avec des inconnus(es)...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les vacances sont le moment parfait pour avoir des relations sexuelles sans compromis.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Le logement dans des hôtels et appartements touristiques facilite les rencontres sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La vie nocturne, typique de lieux comme l'Algarve, facilite les rencontres sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La vie nocturne, les bars et la consommation d'alcool stimulent le désir sexuel.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
L'animation nocturne facilite les rencontres sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Les bars sur la plage facilitent les rencontres sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C'est dans les bars et discothèques que l'on trouve des partenaires sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, j'ai plus de temps pour me dédier à l'amour et au sexe.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances, je souhaite avoir plus d'un(e) partenaire sexuel.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances je suis disponible pour avoir des pratiques sexuelles «moins conventionnelles».....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances je suis prêt à payer pour des services sexuelles.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacances je suis disponible pour avoir des relations sexuelles sans préservatif.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pendant ces vacances je veux renforcer les liens amoureux/sexuelles avec mon époux(se)/copain(ine).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pendant ces vacances je veux avoir un ou plusieurs flirts.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pendant ces vacances je veux m'engager sexuellement avec un(e) inconnu(e).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
▶ 15. Ayant à l'esprit vos vacances en Algarve, indiquez la fréquence avec laquelle vous avez eu ou espérez avoir des relations sexuelles?						
Jamais <input type="checkbox"/> _0	Rarement <input type="checkbox"/> _1	Quelques fois par semaine <input type="checkbox"/> _2	Au moins une fois par jour <input type="checkbox"/> _3	Plus qu'une fois par jour <input type="checkbox"/> _4		
▶ 16. Combien de partenaires sexuels avez-vous eu depuis votre arrivée en Algarve? Aucun <input type="checkbox"/> _0 1 <input type="checkbox"/> _1 2 - 5 <input type="checkbox"/> _2 6 ou plus <input type="checkbox"/> _3						
▶ 16.1. Est l'un de ces partenaires quelqu'un que vous connaissez depuis moins d'une semaine? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2						
▶ 17. Pendant ces vacances avez-vous reçu des informations sur la santé sexuelle? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2						
▶ 17.1. Avez-vous reçu des préservatifs? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2						

PARTIE E – LE QUOTIDIEN AMOUREUX ET SEXUEL

▶ 18. Avez-vous actuellement un partenaire amoureux /sexuel? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2		
▶ 18.1. Si oui, comment définiriez-vous cette relation? Relation stable..... <input type="checkbox"/> _1 Relation instable/compliquée <input type="checkbox"/> _3		
Relation ouverte..... <input type="checkbox"/> _2 Relation Interdite..... <input type="checkbox"/> _4		
▶ 19. Quelle âge aviez-vous quand vous avez eu votre première relation sexuelle? _____ (âge)	▶ 20. Combien de partenaires sexuels avez-vous eu au long de votre vie? Aucun <input type="checkbox"/> _0 1..... <input type="checkbox"/> _1 6 - 10... <input type="checkbox"/> _3 21 - 30... <input type="checkbox"/> _5	▶ 21. Combien de partenaires sexuels avez-vous eu dans les derniers six mois (avant votre arrivée en Algarve)?
	2 - 5..... <input type="checkbox"/> _2 11 - 20... <input type="checkbox"/> _4 31 ou plus... <input type="checkbox"/> _6	Aucun <input type="checkbox"/> _0 1 <input type="checkbox"/> _1 2 - 5 <input type="checkbox"/> _2 6 ou plus <input type="checkbox"/> _3
▶ 22. Combien de fois avez-vous eu des relations sexuelles dans les derniers six mois (avant votre arrivée en Algarve)?		
Je n'ai pas eu des relations sexuelles... <input type="checkbox"/> _0 De 1 à 3 fois par mois... <input type="checkbox"/> _2 3 ou 4 fois par semaine... <input type="checkbox"/> _4		
Moins d'une fois par mois..... <input type="checkbox"/> _1 1 ou 2 fois par semaine..... <input type="checkbox"/> _3 Plus de 4 fois par semaine..... <input type="checkbox"/> _5		
▶ 23. Avez-vous déjà eu des relations sexuelles avec quelqu'un que vous connaissiez depuis moins d'une semaine? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2		
▶ 24. En ce qui concerne l'attraction sexuelle, vous vous sentez:		
Seulement attiré(e) par des hommes..... <input type="checkbox"/> _1 Attiré(e) également par des hommes et des femmes <input type="checkbox"/> _3 Seulement attiré(e) par des femmes <input type="checkbox"/> _5		
Surtout attiré (e) par des hommes..... <input type="checkbox"/> _2 Surtout attiré(e) par des femmes..... <input type="checkbox"/> _4 Je ne suis pas sûr(e)..... <input type="checkbox"/> _6		
▶ 25. En ce qui concerne votre orientation sexuelle, vous vous sentez: Hétérosexuel <input type="checkbox"/> _1 Bisexuel <input type="checkbox"/> _2 Homosexuel <input type="checkbox"/> _3		
Je ne me suis jamais senti attiré par personne <input type="checkbox"/> _4		
▶ 26. La fréquence avec laquelle vous avez des relations sexuelles varie-t-elle au long de l'année? Non <input type="checkbox"/> _1 Oui <input type="checkbox"/> _2		
▶ 26.1. Si oui, comment varie-t-elle? Plus intense au Printemps <input type="checkbox"/> _1 Plus intense en Été <input type="checkbox"/> _2 Plus intense en Automne <input type="checkbox"/> _3 Plus intense en Hiver <input type="checkbox"/> _4		
▶ 27. Comment évaluez-vous votre vie sexuelle? Très insatisf. <input type="checkbox"/> _1 Insatisf. <input type="checkbox"/> _2 Ni satisf., ni insatisf. <input type="checkbox"/> _3 Satisf. <input type="checkbox"/> _4 Très satisf. <input type="checkbox"/> _5		
▶ 28. Comment évaluez-vous votre performance sexuelle? Mauvaise <input type="checkbox"/> _1 Pas mal <input type="checkbox"/> _2 Satisfaisant <input type="checkbox"/> _3 Bonne <input type="checkbox"/> _4 Excellente <input type="checkbox"/> _5		

PARTIE F – CARACTÉRISTIQUES PERSONNELLES

▶ 29. Age: _____	▶ 30. Genre: Féminin <input type="checkbox"/> _1 Masculin <input type="checkbox"/> _2	▶ 31. Nationalité: _____
▶ 32. État civil: Célibataire <input type="checkbox"/> _1 Marié(e)/PACsé(e) <input type="checkbox"/> _2 Divorcé(e) <input type="checkbox"/> _3 Veuf(ve) <input type="checkbox"/> _4		
▶ 33. Profession: _____		
▶ 34. Niveau de scolarité: Élémentaire (CM 2) <input type="checkbox"/> _1 Collège (Troisième) <input type="checkbox"/> _2 Lycée (Baccalauréat) <input type="checkbox"/> _3 Licence <input type="checkbox"/> _4 Master <input type="checkbox"/> _5 Doctorat <input type="checkbox"/> _6		
▶ 35. Situation face à l'emploi: Employé(e) <input type="checkbox"/> _1 Au chômage <input type="checkbox"/> _2 Retraité(e) <input type="checkbox"/> _3 Étudiant(e) <input type="checkbox"/> _4 Autre <input type="checkbox"/> _5 Précisez? _____		
▶ 36. Revenu moyen mensuel du ménage: Moins de 750€..... <input type="checkbox"/> _1 2.001€ - 3.500€..... <input type="checkbox"/> _3 5.001€ - 8.000€..... <input type="checkbox"/> _5		
751€ - 2.000€..... <input type="checkbox"/> _2 3.501€ - 5.000€..... <input type="checkbox"/> _4 8.001€ et plus..... <input type="checkbox"/> _6		

Merci beaucoup pour votre collaboration!

Apêndice A 4. Inquérito por Questionário, Versão em Espanhol

ENCUESTA Nº: _____



LOCAL: _____ FECHA: ____/____/____

ENCUESTADOR: _____

Estimado(a) Señor(a),
El objetivo de esta investigación es conocer las prácticas amorosas, el romance y la sexualidad durante el tiempo de ocio y las vacaciones, especialmente durante sus vacaciones en el Algarve. Sus respuestas formarán parte de un estudio estadístico dentro de un proyecto de investigación y serán utilizados únicamente para fines científicos. En todo momento se guardará su anonimato. La protección de datos y de su identidad serán absolutamente preservados. No hay respuestas correctas o incorrectas y no estará sujeto, en cualquier momento, a ningún tipo de valoración moral. Pedimos, por tanto, que sea lo más honesto posible en sus respuestas. Gracias de antemano por su cooperación en este estudio.

PARTE A - LOGÍSTICA DEL VIAJE

- 1. ¿Dónde está su vivienda habitual? Portugal _1 Ciudad/localidad: _____ Extranjero _2 País: _____
- 2. ¿Es la primera vez que viene al Algarve? No _1 Sí _2
- 3. ¿En qué localidad se aloja durante estas vacaciones? _____ (Concejo).
- 4. ¿Dónde está alojado? Hotel _1 Apartotel _2 Casa alquilada _3 Casa de familiares o amigos _4
Casa propia _5 Camping _6 Otro _7 Cuál? _____
- 5. ¿Cuántos días hace que llegó? _____; Llegué hoy _0
- 5.1. En total, ¿cuántos días va a quedarse en el Algarve? _____ días; _____ noches.
- 6. ¿Con quién viaja? (puede elegir más de una opción)
Esposo(a)/Compañero(a) _1 Novio(a) _2 Familia _3 Amigo(s) _4 Sólo(a) _5 En grupo _6 Otro _7
- 7. ¿Cuál es el principal objetivo de su viaje? Vacaciones/ocio _1 Visitar familiares o amigos _2 Negocios _3 Otro _4 Cuál? _____
- 8. Principales razones para escoger el Algarve estas vacaciones: (puede elegir más de una opción)
Precio _1 Playas _2 Paisaje _3 Clima _4 Gastronomía _5 Golfe _6 Familia/Amigos _7 Luna de miel _8
Romance _9 Sexo _10 Vida nocturna _11 Eventos/Festivales _12 Otro _13 Cuál? _____
- 9. Hasta ahora ¿cuál es su satisfacción con el Algarve? Muy insatisf. _1 Insatisf. _2 Ni insatisf. ni satisf. _3 Satisf. _4 Muy satisf. _5
- 10. ¿Pretende regresar? No _1 Tal vez _2 Sí _3
- 11. ¿Recomendaría el Algarve? No _1 Tal vez _2 Sí _3

PARTE B - IMPORTANCIA DE LAS VACACIONES

► 12. Considerando la importancia y el papel que atribuye a las vacaciones, diga hasta qué punto está de acuerdo con las siguientes afirmaciones:

	Totalmente en desacuerdo	Bastante en desacuerdo	Desacuerdo	De acuerdo	Bastante de acuerdo	Totalmente de acuerdo
Las vacaciones son el momento ideal para relajarse	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son el momento ideal para divertirse	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son el momento ideal para hacer nuevos amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son propicias para tener comportamientos diferentes de la habitual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones me siento más desinhibido y hago lo que no haría en el día a día	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones nadie me conoce, así que puedo hacer lo que quiero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones todo está permitido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones no hay nadie que me censure/critica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones soy totalmente diferente que en el día a día	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones cometo más excesos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones me excedo en el consumo de alcohol	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones me excedo en el consumo de drogas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones tengo más tiempo para mí	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones tengo más tiempo para cuidar mi cuerpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones tengo más confianza en otras personas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE C - ROMANCE, AMOR Y PASIÓN EN VACACIONES

► 13. En relación al papel que las vacaciones ejercen sobre el romance, el amor y la pasión, diga hasta qué punto está de acuerdo con las siguientes afirmaciones:

	Totalmente en desacuerdo	Bastante en desacuerdo	Desacuerdo	De acuerdo	Bastante de acuerdo	Totalmente de acuerdo
Las vacaciones son propicias al enamoramiento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son propicias para el flirteo (relaciones románticas de corta duración)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son propicias para desarrollar una relación amorosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son propicias para la infidelidad conyugal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son propicias para la realización de fantasías amorosas o sexuales	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son buenas para las relaciones	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones contribuyen a fortalecer la relación del matrimonio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones pueden contribuir a la separación del matrimonio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones las relaciones se hacen y deshacen más deprisa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En las relaciones establecidas durante las vacaciones todo sucede de forma más rápida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El calor, el sol y el mar estimulan el deseo y la pasión	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Me he enamorado durante las vacaciones	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Siempre que voy de vacaciones espero encontrar un nuevo amor/desarrollar un romance	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En estas vacaciones quiero encontrar un nuevo amor/desarrollar un romance	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE D - LA SEXUALIDAD EN VACACIONES

► 14. En relación al papel que las vacaciones ejercen sobre la sexualidad, indique hasta qué punto está de acuerdo con las siguientes afirmaciones:

	Totalmente en desacuerdo	Bastante en desacuerdo	Desacuerdo	De acuerdo	Bastante de acuerdo	Totalmente de acuerdo
Las vacaciones son momentos ideales para estimular el sexo con el compañero(a) habitual.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son momentos ideales para tener aventuras sexuales con desconocidos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las vacaciones son momentos ideales para tener relaciones sexuales sin compromiso.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La estada en hoteles y apartamentos turísticos facilita el encuentro de compañeros sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La vida nocturna, típica de lugares como el Algarve, facilita el encuentro de compañeros sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La vida nocturna, los bares y el consumo de alcohol estimulan el deseo sexual.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La animación nocturna facilita los encuentros sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los bares de playa facilitan los encuentros sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Es en los bares y discotecas donde se encuentran los compañeros(as) sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones tengo más tiempo libre para dedicarme al amor y al sexo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones estoy más dispuesto(a) a tener más de un(a) compañero(a) sexual.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones estoy dispuesto(a) a involucrarme en prácticas sexuales menos 'convencionales'.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones estoy dispuesto(a) pagar por servicios sexuales.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En vacaciones estoy dispuesto(a) a tener relaciones sexuales sin condome.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En estas vacaciones quiero fortalecer los lazos amorosos/sexuales con mi esposo(a)/compañero(a).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En estas vacaciones quiero tener uno o más flirteos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
En estas vacaciones quiero implicarme sexualmente con un(a) desconocido(a).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► 15. Pensando en estas vacaciones en el Algarve, por favor indique con qué frecuencia ha tenido o espera tener relaciones sexuales:
 Nunca _0 Raramente _1 Algunas veces a la semana _2 Al menos una vez al día _3 Más de una vez al día _4

► 16. ¿Cuántos compañeros sexuales ha tenido desde que llegó al Algarve? Ninguno _0 1 _1 2 - 5 _2 6 o más _3

► 16.1. ¿Algunos de esos(as) compañeros(as) es alguien que conoce hace menos de una semana? No _1 Sí _2

► 17. ¿Durante estas vacaciones ha recibido algún tipo de información sexual? No _1 Sí _2

► 17.1. Y ha recibido condones? No _1 Sí _2

PARTE E - EL AMOR Y EL SEXO EN LO COTIDIANO

► 18. ¿Actualmente tiene algún(a) compañero(a) amoroso o sexual? No _1 Sí _2

► 18.1. Si sí, ¿cómo define esa relación? Relación estable _1 Relación inestable/complicada _3
 Relación abierta _2 Relación prohibida _4

► 19. ¿Con qué edad tuvo su primera relación sexual? _____ (años)

► 20. ¿Cuántos compañeros(as) sexuales ha tenido a lo largo de su vida? Ninguno _0 1 _1 2 - 5 _2 6 - 10 _3 11 - 20 _4 21 - 30 _5 31 o más _6

► 21. ¿Y en los últimos 6 meses (antes de venir al Algarve)? Ninguno _0 1 _1 2 - 5 _2 6 o más _3

► 22. ¿Con qué frecuencia ha tenido relaciones sexuales en los últimos 6 meses (antes de venir al Algarve)?
 No tuve relaciones sexuales _0 1-3 veces por mes _1 3-4 veces por semana _2
 Menos de una vez al mes _3 1-2 veces por semana _4 Más de 4 veces por semana _5

► 23. ¿Alguna vez ha tenido relaciones sexuales con alguien que conoció hacía menos de una semana? No _1 Sí _2

► 24. En relación a la atracción sexual, se siente:
 Sólo atraído(a) por los hombres _1 Atraído(a) igualmente por hombres y por mujeres _2 Sólo atraído(a) por las mujeres _3
 Principalmente atraído(a) por hombres _4 Principalmente atraído(a) por mujeres _5 No lo sé con seguridad _6

► 25. En relación a la orientación sexual, se considera: Heterosexual _1 Bisexual _2 Homosexual _3 Nunca me sentí atraído(a) por nadie _4

► 26. ¿La frecuencia con que mantiene relaciones sexuales varía a lo largo del año? No _1 Sí _2

► 26.1. Si sí, ¿de qué forma? Más en primavera _1 Más en verano _2 Más en otoño _3 Más en invierno _4

► 27. Actualmente ¿cuál es su satisfacción con su vida sexual? Muy insatisf. _1 Insatisf. _2 Ni insatisf. ni satisf. _3 Satisf. _4 Muy satisf. _5

► 28. ¿Cómo evalúa su desempeño sexual? Malo _1 Deja algo que desear _2 Satisfactorio _3 Bueno _4 Excelente _5

PARTE F - CARACTERÍSTICAS SOCIO-DEMOGRÁFICAS

► 29. Edad: _____

► 30. Género: Femenino _1 Masculino _2

► 31. Nacionalidad: _____

► 32. Estado Civil: Soltero(a) _1 Casado(a)/Pareja de hecho _2 Divorciado(a) _3 Viudo(a) _4

► 33. Profesión: _____

► 34. Nivel de estudios: Básico (hasta los 6 años) _1 Básico (hasta los 9 años) _2 Secundarios _3 Universitarios _4 Master _5 Doctorado _6

► 35. Situación ante el empleo: Trabajando _1 Desempleado(a) _2 Jubilado(a) _3 Estudiante _4 Otro _5 Cuál? _____

► 36. Renta familiar mensual: Menos de 750€ _1 751€ - 2.000€ _2 2.001€ - 3.500€ _3 3.501€ - 5.000€ _4 5.001€ - 8.000€ _5 Más de 8.001€ _6

Gracias por su cooperación!

Apêndice B 1. Guião de Entrevista Semiestruturado, Versão em Português

GUIÃO DE ENTREVISTA

Texto inicial:

Esta entrevista faz parte de um projeto de investigação sobre o amor, o romance e a sexualidade em férias. Trata-se de um trabalho que está a ser desenvolvido pelo CIEO (Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações), na Universidade do Algarve.

O objetivo desta entrevista é conhecer as práticas e as opiniões dos turistas sobre as componentes do amor, do romance e da sexualidade durante as suas férias no Algarve, um importante destino turístico em Portugal. Não tem uma duração pré-definida, por isso pode falar durante o tempo que considerar necessário.

Tudo o que disser é absolutamente confidencial e a sua identidade será preservada. Todos os seus dados pessoais serão alterados de modo a que ninguém o(a) possa identificar, caso seja necessário citar parte das suas declarações.

Tudo aquilo que disser será utilizado apenas para fins científicos, de forma a conhecer o que pensam e fazem os turistas relativamente ao amor, ao romance e ao sexo, quando estão de férias no Algarve.

Por tudo isto, está completamente à vontade para falar livremente, sendo que em momento algum estará sujeito a qualquer tipo de avaliação moral. Além disso, tem total liberdade para não responder a alguma pergunta, para interromper a entrevista ou para desistir de participar neste estudo. Não há respostas certas ou erradas, informação boa ou má. Tudo o que disser será útil para o avanço do conhecimento acerca deste tema.

Desde já agradeço a sua disponibilidade para colaborar nesta investigação!

Questões de caracterização individual

Em primeiro lugar, gostaria de lhe colocar algumas questões relativas à sua caracterização pessoal...

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu local de residência habitual (país; concelho, se for em Portugal)?
3. Qual é a sua nacionalidade?
4. Qual o último ano de escolaridade que concluiu?
5. Atualmente, qual é a sua profissão (no caso de estar desempregado ou reformado, a última profissão que desempenhou)?
6. Qual é o seu estado civil atual?
7. Tem filhos? Se sim, quantos? De que idades? Vivem consigo?
8. Como chegou ao Algarve? (companhia aérea *low cost*, Companhia aérea tradicional, automóvel, comboio, outro).
9. Qual o seu destino de férias (local onde está alojado)?
10. Que tipo de alojamento escolheu no Algarve? (hotel, aparthotel, casa própria, casa de familiares/amigos, *camping*, etc.).

Romance, amor e paixão durante as férias

Gostaria agora que me falasse um pouco de aspetos relacionados com o romance, o amor e a paixão durante as férias...

11. Acha que as viagens de férias facilitam de alguma forma os encontros amorosos? Em que medida?
12. Quais são os principais fatores que, na sua opinião, contribuem para o romance e a paixão durante as férias fora de casa?
13. Considera que o calor, a praia, o mar, o ambiente informal e descontraído, típicos de muitos destinos turísticos, podem convidar ao romance e à paixão?
14. Acha que a frequência de bares e discotecas, o consumo de álcool, que acontece frequentemente em contextos turísticos, podem convidar ao romance e ao sexo? Como?
15. Na sua opinião, quais são as etapas por que passa um romance?
16. Nas férias, essas etapas são as mesmas? São respeitados os tempos 'normais' em cada etapa? Será que se 'saltam' algumas etapas? Porquê?
17. Acha que em contexto turístico as pessoas tendem a ter mais confiança e sentem-se mais próximos das outras pessoas?
18. E relativamente ao Algarve, considera que este ambiente ajuda ao estabelecimento de novas relações (relacionamentos de férias)? Em que medida?
19. De um modo geral, qual é a sua opinião sobre os relacionamentos de férias? Acha que daí podem resultar relacionamentos mais duradouros?

20. Considera que nas viagens turísticas os relacionamentos começam e terminam mais depressa do que no quotidiano? Porquê?
21. Na sua opinião, as viagens de férias podem contribuir para fortalecer as relações entre os casais? Porquê?
22. Na sua opinião, as viagens de férias podem contribuir para a separação dos casais? Porquê?
23. No seu caso, pode dizer-me se já teve algum romance em contexto turístico? (no caso de ter tido mais de duas experiências de romance em férias, pedir que fale apenas das mais marcantes ou das que se lembra melhor).
 - **Se sim**, pode descrever essa(s) experiência(s)? Foi com alguém que conheceu durante as férias? Como se conhecerem? Onde se conheceram (praia, bar, discoteca, restaurante, ...)? Onde foram essas férias (localidade)? Durante quanto tempo lá ficou? Quem tomou a iniciativa no início do romance? Quais foram as estratégias usadas? Com que meios (cenário: como foi montada a cena)? Que tipo de atividades fizeram juntos? Chegaram a envolver-se sexualmente? Ao fim de quanto tempo? Como descreveria a primeira vez que estiveram juntos a nível sexual? Essa situação foi constrangedora para algum dos intervenientes? Em que medida? Como descreve a confiança/ou falta dela relativamente ao(s) seu(s) parceiro(s)? Teve algum tipo de receio sobre esse(s) envolvimento(s) mais íntimo(s)? Se sim, de que teve receio? Essa(s) relação(ões) de férias mantiveram-se para além das férias? Se sim, durante quanto tempo? Se não, porque terminaram? Qual a avaliação que faz dessa(s) relação(ões)? Em duas ou três palavras, como descreve essa(s) relação(ões)? Alguma vez se sentiu de alguma forma arrependimento por se ter envolvido nalguma dessas relações?
 - **Se não**, gostaria de ter? Porque nunca teve?
24. Nestas férias, gostaria de se envolver num relacionamento amoroso? Se sim, o que está disposto a fazer ou que estratégias tem usado nesse sentido? Escolheu o Algarve com esse propósito?
25. Que balanço faz destas férias no Algarve no que toca à sua vida amorosa/sentimental?

Quotidiano amoroso e sexual

Gostaria agora de conversar um pouco sobre o seu quotidiano amoroso e sexual...

26. Atualmente, tem algum(a) companheiro(a) amoroso(a) e/ou sexual?
 - **Se sim**, é casado(a) ou vive em união de facto? Como define a vossa relação (tipo de relacionamento)?
 - **Se não**, há quanto tempo teve o(a) último(a) companheiro(a) amoroso(a)/sexual?
27. Relativamente ao amor, pode dizer-me que idade tinha quando teve a sua primeira experiência amorosa? Ou seja, quando sentiu que estava apaixonado(a) pela primeira vez? Quem participou nesse episódio (tipo de parceiro(s)? Foi correspondido(a)? Daí resultou algum tipo de relacionamento mais duradouro? Considera que esse episódio marcou de alguma forma a sua vida? E marcou de alguma forma a maneira como vê e se relaciona com o 'outro'?
28. Relativamente à sexualidade, pode dizer-me que que idade tinha quando teve a sua primeira experiência sexual? (que pode incluir ou não relação sexual com penetração). Quem participou nesse episódio (tipo de parceiro(s)? Foi uma situação real ou 'imaginária'? Onde aconteceu (local)? Com que meios (cenário: como foi montada a cena)? Quem tomou a iniciativa? Porque o fez/porque é que o seu/sua parceiro(a) o fez? O que acha que significou para ele(a)? E para si, o que significou? Em que fase da sua vida é que isso aconteceu, ou seja, como decorria a sua vida em termos pessoais, familiares e profissionais? Acha que isso influenciou de alguma maneira o que aconteceu e a forma como viveu esse episódio? Em que medida contribuiu para definir a sua sexualidade e a forma como a vive hoje em dia?
29. Aproximadamente, quantos parceiros sexuais já teve ao longo da sua vida?
30. Algum desses parceiros foi alguém que conhecia há menos de uma semana? Pode descrever essa(s) experiência(s) (como e onde se conheceram, qual foi a estratégia de sedução utilizada, quem tomou a iniciativa)? Algum de vós estava sobre o efeito de álcool ou estupefacientes? Que método(s) contraceutivo(s) usaram nessas relações? De quem foi a iniciativa da utilização desse(s) método(s)?
31. Já se envolveu sexualmente com alguém que conheceu no próprio dia/noite? Pode descrever essa(s) experiência(s) (como e onde se conheceram, qual foi a estratégia de sedução utilizada, quem tomou a iniciativa)? Algum de vós estava sobre o efeito de álcool ou estupefacientes? Que método(s) contraceutivo(s) usaram nessas relações? De quem foi a iniciativa da utilização desse(s) método(s)?

32. Considera que o consumo de álcool e/ou drogas influencia a propensão para o sexo ocasional? De que forma?
33. Relativamente à atração e à orientação sexuais, como se considera? (atraído(a) por homens/atraído(a) por mulheres/atraído(a) por ambos; heterossexual/bissexual/ homossexual).
34. Alguma vez se sentiu atraído(a) por uma pessoa do mesmo sexo/do sexo oposto? Se sim, poderia descrever essa(s) experiência(s)? Que significado tiveram para si?
35. E alguma vez teve relações sexuais com alguém do mesmo sexo/do sexo oposto? Se sim, poderia descrever essa(s) experiência(s)? Que significado tiveram para si?
36. No que toca a fantasias sexuais, tem alguma(s) que considera recorrente(s)? Poderia descrevê-la(s)? Tenta ou costuma pô-la(s) em prática?
37. Pensando em tudo aquilo que me disse hoje, qual é o balanço que faz da sua vida sexual?
38. Atualmente, qual é a importância que atribui ao sexo? Foi sempre assim? Porquê?
39. Tendo como referência a sua vida sexual, como é que se descreveria a si próprio(a)?

Sexualidade no quotidiano vs sexualidade em férias

Gostaria agora que comparasse a forma como vive a sua sexualidade no quotidiano com a forma como a vive quando está de férias...

40. Relativamente à frequência com que tem relações sexuais, considera que é maior quando está a fazer turismo? Porquê?
41. E no que toca à 'intensidade' ou satisfação com essas relações, avalia de melhor forma as relações sexuais tidas durante as viagens de férias? Porquê?
42. Costuma ter experiências sexuais diferentes ou menos 'convencionais' quando está numa viagem de férias? Pode descrever essa(s) experiência(s)?
43. Considera que o anonimato, isto é, o facto de não ser conhecido(a) no destino de férias, influencia a forma como vive a sexualidade? Porquê?
44. Estaria disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias?
45. Estaria disposto a pagar por serviços sexuais durante as férias?
46. Estaria disposto a ter relações sexuais desprotegidas (sem preservativo) durante as férias? Mesmo se essas relações não forem com o(a) seu/sua parceiro(a) habitual?
47. Que balanço faz destas férias no Algarve no que toca à sua vida sexual?

Conclusão

Estamos mesmo a terminar a nossa entrevista...

48. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito sobre a sua vida amorosa e sexual, que não tenhamos abordado?
49. Por que razão(ões) resolveu dar-me esta entrevista? O que é que o(a) motivou?
50. Qual a sua opinião sobre esta entrevista: o que achou das perguntas?
51. Como acha que teria sido se em vez de mim, fosse um colega do sexo masculino a conduzir a entrevista?

Muito obrigada pelo seu tempo e colaboração.

Apêndice B 2. Guião de Entrevista Semiestruturado, Versão em Inglês

INTERVIEW GUIDE

Initial text:

This interview is part of a research project about love, romance and sexuality during vacations. This project is being developed by CIEO (Centre for Spatial and Organizational Dynamics) at the University of Algarve, in south Portugal. The purpose of this interview is to understand the tourists' behaviors and opinions about love, romance and sexuality, while on vacation in the Algarve. It does not have a predefined duration, so you can talk for as long as you want. Everything you say is absolutely confidential and your identity will be preserved. All personal data will be changed so that no one can identify you if it is necessary to quote some of your statements. Everything you say will be used only for scientific purposes, in order to know what tourists think and how they behave regarding love, romance and sex when they are on vacation in the Algarve. Therefore, you are completely free to speak about these questions and you will never be subject to any kind of moral evaluation. Additionally, you have full freedom to not answer any question, to stop the interview or give up participating in this study. There are no right or wrong answers, good or bad information. Everything you say will be useful to the improvement of knowledge on this subject. Thank you in advance for your contribution!

Personal characteristics

First of all, I would like to ask you some questions concerning your personal characterization...

1. How old are you?
2. Where is your permanent place of residence (country; county or place if in Portugal)?
3. What is your nationality?
4. What was the last grade you have completed?
5. What is your job/profession at the moment (in case of being unemployed or retired, what was the last job/profession)?
6. What is your marital status?
7. Do you have children? If yes, how many? How old are they? Do they live with you?
8. How did you arrive into the Algarve? (low cost airline, traditional airline, car, train, other).
9. Where are you staying (vacation destination)?
10. What type of accommodation did you choose in the Algarve? (hotel, aparthotel, own house, family or friends' house, camping, other).

Romance, love and passion during holidays

Now I would like to talk about some aspects related to romance, love and passion during holidays...

11. Do you think vacation trips can facilitate the romantic encounters? To what extent?
12. What are the main factors that, in your opinion, contribute to romance and passion during holidays away from home?
13. Do you think the heat, the beach, the sea, the relaxed and informal atmosphere, typical of many tourism destinations, invite to romance and passion?
14. Do you think the attendance of bars and nightclubs and the alcohol consumption, which often happens in tourism destinations, invite to romance and sex? How?
15. In your opinion, what are the main steps of a romance?
16. During holidays, are these steps the same? Is the 'normal' time respected in each step? Or does it overtake some of these steps? Why?
17. Do you think in tourism context people are usually more trusting and closer to other people?
18. Concerning the Algarve, do you think this atmosphere stimulates the establishment of new relationships (vacation romances, for instance)? To what extent?
19. In general, what is your opinion about vacation relationships? Do you think they might become lasting relationships?
20. Do you consider vacation relationships begin and end faster than in everyday life? Why?
21. In your opinion, do vacation trips contribute to strengthen couples' relationships? Why?
22. In your opinion, do vacation trips contribute to marital dissolution? Why?
23. In your case, can you tell me if you have ever had any vacation romance? (in the case of having more than two vacation romances, ask to speak about the most striking, or the ones that remembering better).

- **If yes**, can you describe that/those experience(s)? Was it with someone you have met during holidays? How have you met? Where have you met (in the beach, bar, nightclub, restaurant, ...)? Where were those vacations (location)? How long have you stayed there? Who has taken the initiative in the beginning? What kind of strategies were used? By which means (scenario: how was the scene built)? What kind of activities did you do together? Did you get sexually involved? After how long? How would you describe the first time you were together in a sexual intercourse? Was that situation embarrassing for any of you? To what extent? How do you describe the trust or the lack of it regarding your partner(s)? Have you had some sort of fear about that intimate involvement(s)? If yes, were you afraid about what? Did that/those vacation relationship(s) last beyond the vacation? If yes, for how long? If not, why did it end? How do you evaluate that/those relationship(s)? In two or three words, can you describe that/those relationship(s)? Have you ever felt sorry for being involved in that/those relationship(s)?
 - If not, would you like to have? Why did you never have?
24. Would you like to get involved in a romantic relationship these holidays? If yes, what are you willing to do or what strategies have you used? Did you choose the Algarve for this purpose?
 25. Regarding your loving/sentimental life, what balance do you make for these holidays in the Algarve?

Loving and sexual daily life

Now I would like to talk a little bit about your loving and sexual daily life...

26. Do you have a loving or sexual partner at the moment?
 - **If yes**, are you married or are you living together? How do you define your relationship (type of relationship: solid, open, unstable or forbidden relationship)?
 - **If not**, how long ago have you had your last loving or sexual partner?
27. Concerning love, can you tell me how old were you when you had your first loving experience? That is, when did you feel you were in love for the first time? Who has participated in that episode (kind of partner)? Were you matched? Did it result in some kind of longer-lasting relationship? Has that episode somehow defined your life? And has it somehow defined the way you see and relate to the 'other'?
28. Concerning sexuality, can you tell me how old were you when you had your first sexual experience? (that may or may not include penetrative sex). Who has participated in that episode (kind of partner)? Was it a real or 'imaginary' situation? Where did it happen (place)? By which means (scenario: how was the scene built)? Who has taken the initiative? Why did you do that or why did your partner do that? What do you think it meant for her/him? And for you, what did it mean? At what stage of your life did it happen (in terms of personal, professional and family life)? Do you think those circumstances have somehow influenced what happened and how you lived that episode? To what extent has that episode contributed to define your sexuality and how you live it nowadays?
29. Approximately, how many sexual partners have you had in your life?
30. Is any of these partners someone you have met for less than a week? Can you describe that/those experience(s), (how and where have you met; what was the used strategy of seduction; who has taken the initiative)? Was any of you on the effect of alcohol or drugs? What kind of contraceptive method did you use in that/those relationship(s)? Whose was the initiative of using that method?
31. Have you ever had sex with someone you met on the same day or night? Can you describe that/those experience(s) (how and where have you met; what was the used strategy of seduction; who has taken the initiative)? Was any of you on the effect of alcohol or drugs? What kind of contraceptive method did you use in that/those relationship(s)? Whose was the initiative of using that method?
32. Do you consider the alcohol or drugs consumption have influence on the availability for casual sex? How?
33. Concerning sexual attraction and orientation, how do you feel? (attracted by men/ attracted by women/ equally attracted by men and women; heterosexual/bisexual/ homosexual).
34. Have you ever been attracted by a same sex person/an opposite sex person? If yes, can you describe that/those experience(s)? Was/were it/they meaningful for you? How?
35. And have you ever had sex with a same sex person/an opposite sex person? If yes, can you describe that/those experience(s)? Was/were it/they meaningful for you? How?

36. Concerning sexual fantasies, do you have any usual? Can you describe it/them? Do you usually try to practice it/them?
37. Thinking about everything you said today, what balance do you make to your sex life?
38. Currently, what is the importance you give to sex? It was always like this? Why?
39. Regarding your sex life, how would you describe yourself? (active/passive; uninhibited/shy...)

Sexual daily life vs sexuality during holidays

Now I would like you to compare your sexual daily life with your sexual life when you are on holidays...

40. Is the frequency of your sexual experiences higher when you are on a tourism context? Why?
41. And regarding the 'intensity' or satisfaction with that sexual experiences, do you evaluate them better during a vacation trip? Why?
42. Do you usually have different or 'less conventional' sexual experiences when you are on a vacation trip? Can you describe that/those experience(s)?
43. Do you think the fact that you are unknown at the holiday destination influences how you live your sexuality? Why?
44. Would you be willing to have more than one sexual partner during holidays?
45. Would you be willing to pay for sexual services during holidays?
46. Would you be willing to have sex without condom during holidays? Even if that sexual relationships are not with your usual partner?
47. Regarding your sexual life, what balance do you make for these holidays in the Algarve?

Conclusion

We are just finishing our interview...

48. Would you like to add anything to what you have said about your loving and sexual life?
49. Why did you decide to give me this interview? What have motivated you?
50. What is your opinion about this interview: what did you think about the questions?
51. How do you think it would be if instead of me, it was a male colleague to conduct the interview?

Thank you very much for your time and collaboration.

Apêndice C. Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados e Dados das Entrevistas

ID Entrevista	Género	Idade	Local de Residência	Nacionalidade	Escolaridade	Profissão	Estado Civil	Local Entrevista	Duração Entrevista
(1) 'Ana'	Feminino	45	Lisboa	Portuguesa	12º ano	Empresária	Viúva	Praia de Vale do Lobo, Almancil	0h41
(2) 'Pedro'	Masculino	21	Castelo Branco	Portuguesa	12º ano	Estudante	Solteiro	Praia da Falésia, Vilamoura	0h33
(3) 'Joana'	Feminino	28	Guimarães	Portuguesa	12º ano	Militar	Solteira	Praia da Oura, Albufeira	0h29
(4) 'Manuel'	Masculino	43	Viseu	Portuguesa	Doutoramento	Economista	Divorciado	Praia da Oura, Albufeira	1h23
(5) 'Afonso'	Masculino	18	Lisboa	Portuguesa	11º ano	Estudante	Solteiro	Praia da Luz, Lagos	1h14
(6) 'Alice'	Feminino	20	Porto	Portuguesa	12º ano	Estudante	Solteira	Praia Verde, Castro Marim	0h33
(7) 'Maria'	Feminino	22	Porto	Portuguesa	Licenciatura	Estudante	Solteira	Praia Verde, Castro Marim	1h23
(8) 'Paulo'	Masculino	34	Amesterdão, Holanda	Portuguesa	12º ano	Cozinheiro	Solteiro	Praia Duna Douradas, Almancil	0h35
(9) 'Henrique'	Masculino	18	Côte d'Azur, França	Portuguesa	11º ano	Estudante	Solteiro	Praia das Júlias, Almancil	0h42
(10) 'Filipe'	Masculino	24	Porto	Portuguesa	Licenciatura	Economista	Solteiro	Praia do Gigi, Quinta do Lago	0h32
(11) 'Bárbara'	Feminino	34	Porto	Portuguesa	Licenciatura	Designer	Casada	Praia Dunas Douradas, Almancil	0h26
(12) 'Bruno'	Masculino	46	Lisboa	Portuguesa	Licenciatura	Empresário	Divorciado	Praia Dunas Douradas, Almancil	0h31
(13) 'Helena'	Feminino	53	Amarante	Portuguesa	E.B. 1º Ciclo	Empresária	Casada	Ilha de Faro	0h28
(14) 'Susana'	Feminino	25	África do Sul	Sul-africana/ portuguesa	Licenciatura	Coordenadora de Marketing	Solteira	Praia de Vale do Lobo, Almancil	0h56
(15) 'John'	Masculino	32	Londres, Reino Unido	Britânica	Licenciatura	Tradutor	Solteiro	Praia de Vale do Lobo, Almancil	0h45
(16) 'Vanda'	Feminino	28	Lisboa	Portuguesa	Licenciatura	Fisioterapeuta	Solteira	Praia de Quarteira	1h08
(17) 'Cláudia'	Feminino	22	Eivas	Portuguesa	12º ano	Estudante	Solteira	Praia da Rocha, Portimão	0h25
(18) 'Emma'	Feminino	27	Londres, Reino Unido	Britânica	Bacharelato	Enfermeira	Solteira	Praia de Vale do Lobo, Almancil	0h52
(19) 'Beatriz'	Feminino	23	São Miguel, Açores	Portuguesa	Pós-graduação	Estudante	Solteira	Praia das Júlias, Almancil	0h34
(20) 'Teresa'	Feminino	22	São Miguel, Açores	Portuguesa	12º ano	Estudante	Solteira	Praia das Júlias, Almancil	0h26
(21) 'Mário'	Masculino	21	Lubango, Angola	Angolana	12º ano	Construtor civil	Solteiro	Praia do Gigi, Quinta do Lago	0h40
(22) 'Alexandre'	Masculino	25	Paços de Ferreira	Portuguesa	Licenciatura	Programador de máquinas industriais	Solteiro	Praia de Quarteira	0h27
(23) 'Isabel'	Feminino	45	Aveiro	Portuguesa	12º ano	Técnica de hemodiálise	Casada	Praia de Quarteira	0h26
(24) 'Inês'	Feminino	28	Lisboa	Russa	Licenciatura	Técnica de assistência em escala	Solteira	Praia da Oura, Albufeira	0h39
(25) 'Fernando'	Masculino	70	Oeiras	Portuguesa	Licenciatura	Reformado	Viúvo	Ilha de Faro	
(26) 'Matilde'	Feminino	27	Glasgow, Escócia	Portuguesa	Pós-graduação	Assistente de bordo	Solteira	Praia de S. Rafael, Albufeira	0h46
(27) 'Leonor'	Feminino	30	Londres, Reino Unido	Portuguesa	Licenciatura	Empregada de mesa	União de facto	Ilha de Faro	0h25
(28) 'Diogo'	Masculino	38	Oslo, Noruega	Portuguesa	Pós-graduação	Empregado de restauração	União de facto	Ilha de Faro	0h32
(29) 'Rodrigo'	Masculino	30	Londres, Reino Unido	Portuguesa	11º ano	Empregado de mesa	Casado	Ilha de Faro	0h27

Apêndice D. Publicações e Comunicações Científicas Resultantes da Investigação

1. Publicações Científicas

1.1. Revistas Científicas

Marques, J. F. & Lança, M. (2016). Para além da vida quotidiana. Amor e sexualidade em contexto turístico: resultados preliminares de uma pesquisa exploratória no Algarve (Portugal). *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 6(2), 7-22.

1.2. Capítulos de Livros

Lança, M. & Marques, J. F. (2021). “El imperio de los sentidos”: Romance y sexualidad en un context turístico de sol y mar. In Pimentel, T., Dachary, A. & Korstanje, M. (Orgs.), *El Turismo Desde Las Ciencias Sociales: Reflexiones, Apropiaciones Y Diálogos con América Latina* (pp. 237-265). Salvador – BA: Editora Motres.

Lança, M. & Ribeiro, F. B. (2020). Tourism and sex outside the “sex tourism paradigm”: tourists’ perspectives and practices in a sun and beach destination. In Pinto, P. & Guerreiro, M. (Ed.), *Handbook of Research on Resident and Tourist Perspectives on Travel Destinations* (pp. 361-388). Hershey, PA: IGI Global.

2. Comunicações em Encontros Científicos

[novembro de 2020]

“Looking at the relationship between tourism and sex beyond sex tourism”, T-Forum Global Conference. Evento online. Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

[julho de 2019]

“Género, sexualidade e turismo: resultados de uma pesquisa exploratória no Algarve”, Encontro Ciência 2019, Centro de Congressos de Lisboa, Lisboa, Portugal.

[novembro de 2016]

“Bem-vindos ao sul: representações e práticas do romance e da sexualidade dos turistas no Algarve (Portugal)”, TMS Algarve 2016, Tourism and Management Studies International Conference, Hotel Real Marina, Olhão, Portugal.

[julho de 2016]

“O amor e a sexualidade não ficam em casa, também viajam! Resultados de uma pesquisa exploratória no Algarve”, IX Congresso Português de Sociologia, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

[dezembro de 2015]

“Para além da vida quotidiana. Amor e sexualidade em contexto turístico: resultados preliminares de uma pesquisa exploratória no Algarve (Portugal)”, IV Congresso Internacional de Turismo, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Guimarães, Portugal.

[novembro de 2013]

“Turismo, romance e sexualidade: um modelo de análise em construção”, TMS Algarve 2013, Tourism and Management Studies International Conference, Hotel Real Marina, Olhão, Portugal.

3. Comunicações por Convite

[abril de 2019]

“Quando o sexo faz as malas e vai de férias”, Seminário de Investigação em Sociologia, Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

[abril de 2016]

“Sexualidade e intimidade em contexto turístico: o caso do Algarve”, Seminário no âmbito da unidade curricular de Sociologia do Turismo, Licenciatura em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

